

VOLUME 1

gramática da Libras

Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinícius Rodrigues da Silva
ORGANIZAÇÃO



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

VOLUME 1

gramática da Libras

Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva
ORGANIZAÇÃO



Governo Federal do Brasil
Ministério da Educação

V O L U M E 1

gramá tica da Libras

Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva

ORGANIZAÇÃO



**INSTITUTO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO DE SURDOS**
Solange Maria da Rocha

**DEPARTAMENTO DE
DESENVOLVIMENTO HUMANO,
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**
André Lima Cordeiro

**COORDENAÇÃO DE PROJETOS
EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS**
Danielle Coelho Lins

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Erika Winagraski

**COORDENAÇÃO GERAL
DE PUBLICAÇÕES INES**
André Lima Cordeiro
Danielle Coelho Lins
Erika Winagraski

Comissão Editorial INES 2023

André Lima Cordeiro
Danielle Coelho Lins
Erika Winagraski
Luciane Cruz Silveira
Marcia Regina Gomes
Maria Inês Batista Barbosa
Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

PROJETO GRÁFICO E ARTES
Ramon Santos de Almeida Linhares

**PREPARAÇÃO TEXTUAL
E DIAGRAMAÇÃO**
Grupo Partners Pro Business

**INSTITUTO NACIONAL
DE EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar |
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003 |
Telefone: (21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: copet@ines.gov.br

Obra de distribuição gratuita cuja reprodução parcial ou total está liberada, desde que sejam dados os devidos créditos, segundo normas técnicas vigentes.

Ficha catalográfica:

A Gramática da Libras/ Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinícius Rodrigues da Silva (org.); - Rio de Janeiro: INES, 2023 p. 511; v. 01

ISBN: 978-85-63240-15-6

1. Gramática da Libras 2. Língua Brasileira de Sinais 3. Corpus de Libras
4. Surdos 5. Comunidade Surda do Brasil. I. Quadros, Ronice Muller II. Silva, Jair Barbosa III. Royer, Miriam IIII. Silva, Vinicius Rodrigues

NESSE ANO DE 2023, a nova gestão do Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, redefine sua política editorial através da criação da EDINES, Editora do INES. Ao longo dos seus 167 anos de história, o Instituto desenvolveu inúmeras publicações, algumas de natureza permanente, tais como Revista Espaço, Arqueiro e Fórum e outras como a Série Audiologia e a Série Histórica. Com o objetivo de organizar nosso planejamento editorial, daremos prioridade à produção acadêmica dos profissionais do INES reservando um percentual para autores de fora que apresentem trabalhos de interesse da nossa comunidade acadêmica.

A Gramática da LIBRAS, obra relevante para os estudos da linguagem, apresenta-se como publicação de interesse acadêmico do campo da educação de surdos.

A obra trata do funcionamento linguístico-gramatical e lexical da Libras abrangendo aspectos sintáticos, fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, dentre outros, além da história dessa língua, suas variedades e a existência de outras línguas de sinais no Brasil.

É com os cumprimentos da Direção Geral, portanto, que o Instituto Nacional de Educação de Surdos, através da Comissão Editorial do Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, DDHCT, viabiliza a publicação da primeira Gramática da LIBRAS, em dois volumes, e parabeniza a todos os envolvidos na elaboração e organização dessa obra.

Saudações,

Profa.Dra. Solange Maria da Rocha

Profa. Dra.Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

Prof. Dr. André Lima Cordeiro

AUTORES DESTA OBRA



Alexandre Melo de Sousa - UFAC - Doutor em Linguística



Aline Lemos Pizzio - UFSC - Doutora em Linguística



Amanda Oliveira Rocha - UFRGS - Doutoranda em Linguística



Amanda Regina Silva - UFPR - Mestranda em linguística



Ana Regina e Souza Campello - Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) - Doutora em Educação



Anderson Almeida da Silva - UFDPPar - Doutor em Linguística



André Nogueira Xavier - UFPR - Doutor em Linguística



Angélica Rodrigues - UNESP - Doutora em Linguística



Bruna Crescêncio Neves - IFSC - Doutora em Linguística



Bruno Gonçalves Carneiro - UFT - Doutor em Linguística



Carlos Roberto Ludwig - UFT - Doutor em Linguística



Carolina Ferreira Pêgo - UFSC - Doutora em Linguística



Charley Pereira Soares - UFMG - Doutor em Linguística



Daniela Saito - IFSC



Débora Campos Wanderley - UFSC - Doutora em Linguística



Deonísio Schmitt - UFSC - Doutor em Linguística
pela UFSC e professor



Diná Souza da Silva - UECE - Doutora em Linguística



Felipe Aleixo - UFRR - Doutor em Linguística



Fernanda de Araújo Machado – UFSC –
Doutora em Estudos da Tradução



Guilherme Lourenço - UFMG - Doutor em Linguística



Jair Barbosa da Silva - UFAL - Doutor em Linguística



Jefferson Osiel Lucinda - UFSC - Bacharel em Letras-Libras



José Ishac Brandão El Khouri - UFT -
Doutorando em Letras e Linguística



Juliana Tasca Lohn - UFSC - Doutoranda em Linguística



Kátia Lucy Pinheiro - UFC - Doutora em Estudos da Tradução



Liona Paulus - Universidade de Colônia (UzK) -
Doutora em Linguística



Marcos Luchi - UFSC - Doutor em Estudos da Tradução



Marianne Rossi Stumpf - UFSC -
Doutora em Informática na Educação



Marilyn Mafra Klamt - UFSC - Doutora em Linguística



Michelle Murta - UFMG - Doutora em Linguística



Miriam Royer - Universidade Federal do Cariri (UFCA) -
Mestra em linguística



Rachel Sutton-Spence - UFSC -
Doutora em Linguística



Renata Krusser - IFSC



Rodrigo Custódio da Silva - UFSC - Doutor em Linguística



Rodrigo Nogueira Machado - UFC -
Doutorando em Linguística



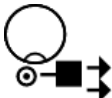
Ronice Müller de Quadros - UFSC -
Doutora em Linguística



Sandra Patrícia de Faria do Nascimento - UnB -
Doutora em Linguística



Thamara Cristina Santos - UFT - Mestranda em Letras



Vinicius Rodrigues da Silva - UFSC -
Mestrando em Linguística

**Dedicamos esta obra a todos
os surdos e surdas do Brasil.**

Em especial à uma das primeiras **pesquisadoras** surdas da Libras no país, **Ana Regina e Souza Campello**, que ao longo dos anos lutou incessantemente pelo reconhecimento desta língua, especialmente pela fundação e presidência da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), em 1987, sua representação impactou nas políticas e conquistas relativas à Libras garantindo os espaços que foram expandidos na formação de professores, tradutores, intérpretes e pesquisadores de Libras.

SUMÁRIO

Capítulo 1.....	19
1. Uma Gramática da Libras.....	19
1.1 Objetivos desta gramática da Libras	20
1.2. O que é uma gramática?	20
1.3. Tipos de gramáticas	21
1.4. Tipo de gramática que estamos apresentando aqui.....	21
1.5. O Corpus de Libras - Surdos de Referência	21
1.6. Os dados da Libras apresentados na gramática com base nos usos ..	22
1.6.1. Trilhas básicas:	24
1.6.2. Trilhas de análise:	24
Capítulo 2.....	29
2. Linguística e Libras	29
2.1 As pesquisas com Língua de Sinais	29
2.2 As propriedades das línguas e a Libras	44
2.2.1 Produtividade/recursividade	44
2.2.2 Dualidade.....	46
2.2.3 Descontinuidade.....	50
2.2.4 Arbitrariedade	52
2.2.5 Iconicidade	54
2.2.6 Linearidade e simultaneidade.....	58
Capítulo 3.....	63
3.1 A Libras no Brasil.....	63
3.1.1 A Libras e as Comunidades Surdas	63
3.1.2 História da Libras	64
3.1.3 Cultura e Identidade surdas	68
3.1.4 Políticas Linguísticas	75
3.1.5 A Libras e outras Línguas de Sinais Brasileiras	87
3.2 A Libras no mundo	94
3.2.1 A representação da Libras no mundo.....	94

3.2.2 A Libras e a Língua de Sinais Internacional	100
3.3 Inventário Nacional da Libras	105
3.3.2 Inventário Nacional da Libras: coleta e transcrição de dados..	108
3.3.3 Inventário da Libras de Santa Catarina: Grande Florianópolis	112
3.3.4 Inventário da Libras de Alagoas.....	119
3.3.5 Inventário da Libras do Ceará.....	121
3.3.6 Inventário de Libras de Tocantins	123
3.3.7 Inventário de Libras do Acre	125
3.5.8. Perspectivas futuras para a documentação da Libras	128
Capítulo 4	131
4.1 Fonética.....	131
4.1.1 Fonética articulatória	131
4.1.2. Número de mãos	132
4.1.3. Movimento	134
4.1.4.Movimento local	137
4.1.6. Expressões não manuais.....	141
4.1.7. Tipos de expressões não manuais lexicais.....	141
4.1.8. Inventário e quantidade de articuladores não manuais	143
4.1.9. Variação fonética.....	146
4.2 Fonologia	151
4.2.1 Contrastividade.....	151
4.2.2 Fonotaxe	158
4.2.3 Processos fonológicos.....	162
Capítulo 5.....	175
5. Aspectos gerais da morfologia das Línguas de Sinais.....	175
5.1. Morfologia e modalidade	176
5.2. Morfemas em Libras.....	178
5.2.1. Sinais monomorfêmicos e polimorfêmicos	179
5.2.2. Morfemas lexicais e gramaticais	183
5.3. A expansão lexical da Língua de Sinais brasileira	194
5.4. Formação de sinais nas Línguas de Sinais.....	194

5.4.1. Morfologia concatenativa	194
5.4.2. Morfologia simultânea e sequencial.....	194
5.4.3 Composição em Língua de Sinais brasileira	196
5.4.4 Derivação	207
5.5. Flexão	213
5.5.1 Concordância verbal.....	214
5.5.3 A representação da morfologia na escrita	229
5.6 Ações-boca: morfemas-boca, articulação-boca e gestos-boca.....	237
5.6.1 Expressões não manuais gramaticais	237
5.6.2 Ações de boca: morfemas-boca, articulações-boca e gestos-boca.....	241
5.7 Descrições Imagéticas e Classificadores	303
5.7.1 Línguas de Sinais primárias e iconicização da experiência dos sujeitos Surdos isolados.....	309
5.7.2 Elementos altamente icônicos da Libras: as Descrições Imagéticas	313
5.7.3. DeafSpace - Organização Arquitetônica Surda	319
5.7.4 Aplicando a visualidade ao processo de ensino e aprendizagem dos Sujeitos Surdos.....	320
5.7.5. Visualidade na/para/da educação de Surdos	326
5.8 Expressões idiomáticas em Língua de Sinais brasileira	338
5.8.1 Expressões idiomáticas ou idiomatismos em Língua de Sinais brasileira	338
5.8.2 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista lexical	342
5.8.3 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista morfológico	345
5.8.4 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista idiomático	347
5.8.5 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista semântico	350
5.8.6 Expressões Idiomáticas e Falsos Cognatos.....	363
5.8.7 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista metafórico.....	364

5.8.8 Expressões Idiomáticas e Variação Linguística.....	371
5.8.9 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista sintático	373
5.8.10 Em síntese.....	377
Capítulo 6	379
Varição Fonológica e Lexical na Libras	379
6.1. Variação fonológica e estabilidade na Libras	379
6.2 Variação lexical na Libras no Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência.....	397
6.2.1 Variação de sinais de números e de calendário	396
6.2.2 Variação de sinais para cores	431
6.2.3 Variação de sinais para profissões	456
6.2.4 Variação de sinais para verbos.....	468
6.2.5 Variação de sinais sentimentos	488
6.2.6 Conclusões gerais sobre a variação dos sinais do Inventário Nacional de Libras: Surdos de Referência	510
Referências Bibliográficas	511

P A R T E

Introdução
da Gramática
da Libras

Apresentação da gramática da Libras

Jair Barbosa da Silva - UFAL
Ronice Müller de Quadros - UFSC
Miriam Royer - UFCA
Vinicius Rodrigues da Silva - UFSC

1. Uma Gramática da Libras

Mãos. Mãos. Mãos. Mãos... Mãos que escrevem, mãos que digitam, mãos que “zapeiam”, mãos que sinalizam, mãos que entregam, em mãos, à sociedade brasileira, esta obra feita a muitas mãos (não sabemos exatamente quantas!), não apenas as de quem escreve, mas também as de quem edita, as de quem revisa, as de quem imprime...

Quando escrevemos, sobretudo quando produzimos e escrevemos ciência, temos um público com quem queremos dialogar. Com esta obra, não é diferente: esperamos que, do outro lado, pesquisadores e, sobretudo, professores que lidam com o estudo da Libras, em todos os níveis de ensino, possam dialogar com cada texto aqui apresentado. A razão precípua do fazer científico é justamente contribuir para o avanço da própria ciência, mas também para o avanço da sociedade, e um dos mais poderosos meios para isso é, indubitavelmente, a Educação.

Esta Gramática da Libras, feita a muitas mãos, tem alguns pontos que a diferenciam de outros materiais publicados sobre a Libras no país, a saber: i) o primeiro deles é o significativo número de professores-pesquisadores surdos que dela fazem parte como autores; ii) trata-se de um conjunto de textos, frutos de pesquisas realizadas no âmbito da universidade pública brasileira com foco na Libras; iii) os dados aqui analisados/descritos são, em sua grande maioria, oriundos do Corpus de Libras, portanto, são dados representativos das variantes da Libras usada pela Comunidade Surda brasileira. Esses três aspectos são de

extrema relevância, porque fazem parte de uma política pública e de uma política linguística definidas a partir da Lei 10.436/2002 e do Decreto 5.626/2005.

1.1 Objetivos desta gramática da Libras

Quando idealizamos elaborar esta gramática, tínhamos em mente apresentar um conjunto de descrições gramaticais que compreendem a Libras resultante das pesquisas realizadas no país. A proposta integra o planejamento linguístico de *corpus*, ou seja, documentar a Libras para registrar seus usos e evidenciar a sua riqueza e complexidade gramatical. Desta forma, enquanto resultado de um planejamento linguístico, a língua passa a ser reconhecida e valorizada integrando ações de ensino, pesquisa e extensão.

Os objetivos desta gramática são os seguintes:

- a. Estabelecer uma gramática da Libras impressa, com exemplos em Libras, contribuindo para a valoração desta Língua Brasileira no país;
- b. Apresentar descrições sobre a estrutura da Libras, abordando fenômenos linguísticos já estudados;
- c. Ilustrar os fenômenos linguísticos abordados por meio de dados retirados do *Corpus* de Libras - Surdos de Referência;
- d. Socializar uma gramática da Libras para consulta e uso por parte dos professores de Libras, professores da educação básica e ensino superior;
- e. Contribuir para o registro da Libras como patrimônio cultural-linguístico e literário das Comunidades Surdas brasileiras;
- f. Subsidiar políticas linguísticas de *corpus* relativas à Libras e a outras Línguas de Sinais brasileiras.

1.2. O que é uma gramática?

Uma gramática é a apresentação da estrutura de uma língua. Nela você vai encontrar uma descrição do que compreende a estrutura de uma dada língua, podendo incluir diferentes níveis linguísticos: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Em algumas gramáticas constam também aspectos de ordem sociolinguística, incluindo uma apresentação da língua, falando sobre os seus usuários e as comunidades de usos dessa língua. Também podem ser incluídos em uma gramática aspectos que envolvem a constituição textual nesta língua, com a descrição de aspectos que estabelecem coesão e coerência textual, bem como descrição dos gêneros textuais já estudados nesta língua e tipos de produções literárias. Neste caso, esta gramática acaba por ter uma apresentação mais abrangente do que compreende a estrutura da língua, incluindo os aspectos micro e macro de sua constituição e práticas linguísticas.

1.3. Tipos de gramáticas

É importante mencionar que existem vários tipos de gramáticas com diferentes propostas. A seguir, sintetizamos alguns tipos bastante comuns nas diferentes línguas:

- Gramáticas prescritivas - conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada (uma gramática que determina como a língua “deve” ser);
- Gramáticas descritivas - tratado descritivo-normativo da língua, desde o nível da palavra até o nível textual (uma gramática que descreve como a língua é, mas no sentido de estabelecer uma norma com base tipológica);
- Gramáticas a partir dos usos da língua - descrição da língua a partir dos usos dessa língua em diferentes contextos sociais (uma gramática que descreve como a língua é, com evidências embasadas nas práticas linguísticas desta língua com base funcional).

1.4. Tipo de gramática que estamos apresentando aqui

No caso específico da Gramática da Libras apresentada aqui, estamos disponibilizando uma gramática com base em estudos linguísticos descritivos da Libras fundamentados nos usos da língua. Nossa proposta apresenta informações gerais sobre as construções linguísticas e os fenômenos abordados; referências de pesquisas realizadas no Brasil em relação aos fenômenos abordados; e exemplos ilustrativos dos fenômenos abordados retirados do Corpus de Libras - Surdos de Referência (práticas linguísticas em um determinado contexto social que compõem o Corpus de Libras).

1.5. O Corpus de Libras - Surdos de Referência

O Corpus de Libras inclui o inventário da Libras, que se constitui como um instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção da Língua Brasileira de Sinais no contexto do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), do Departamento do Patrimônio Imaterial/Iphan, Ministério da Cultura, que objetiva inventariar todas as Línguas Brasileiras usadas no país. O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) foi instituído pelo decreto presidencial 7387/10.

O Inventário Nacional da Libras constitui uma documentação da Libras com amostras da língua coletadas em todo o país (QUADROS, 2016a, 2016b; QUADROS; LEITE, 2013; QUADROS et al., 2017a; 2017b; QUADROS et al., 2019). É a documentação que está permitindo, não apenas às comunidades usuárias dessas

línguas, mas a toda a população do país, reconhecerem o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas.

A documentação é um ponto de partida, portanto, para a promoção da diversidade linguística e cultural como um patrimônio da humanidade, revelador da fantástica capacidade humana na arte da bricolagem, a saber, a arte de explorarmos criativamente os recursos disponíveis, sob circunstâncias específicas para que possamos lidar da melhor maneira possível com os problemas práticos da vida cotidiana.

Atualmente, contamos com a coleta de dados já realizada nos estados de Santa Catarina e Alagoas e, em andamento, nos estados do Ceará, Tocantins, Acre e Rio de Janeiro.

Para esta gramática, estamos usando os dados dos Surdos de Referência. São pessoas identificadas como representantes da Comunidade Surda, nacionalmente ou localmente, em seus respectivos estados. Esses surdos desempenham funções sociais, liderando uma série de ações e atividades em diferentes níveis sociais, tais como nos níveis políticos, sociais, intelectuais e comunitários. Foram identificados 36 surdos de referência que vieram de diversas partes do Brasil para um encontro no qual as regiões foram representadas por diferentes exposições em um seminário, além de serem coletados dados seguindo a proposta do Guia do INDL, por meio de entrevistas e da coleta da lista de palavras do Swadesh e ainda por meio da formação relativa ao INDL com foco nas Línguas de Sinais.

A coleta de dados tem incluído um conjunto de instrumentos: entrevista, narrativas, conversas e levantamento de vocabulário a partir de uma adaptação da Lista Swadesh. Todos os vídeos estão sendo transcritos utilizando-se o Sistema Eudico Annotator, chamado de ELAN (<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>). Os dados coletados que já estão disponíveis podem ser encontrados em www.corpuslibras.ufsc.br

1.6. Os dados da Libras apresentados na gramática com base nos usos

Os dados que ilustram a presente gramática foram retirados do Corpus de Libras dos Surdos de Referência. Foram analisados os vídeos coletados, especialmente entrevistas e narrativas, com suas respectivas transcrições dos Sinais.

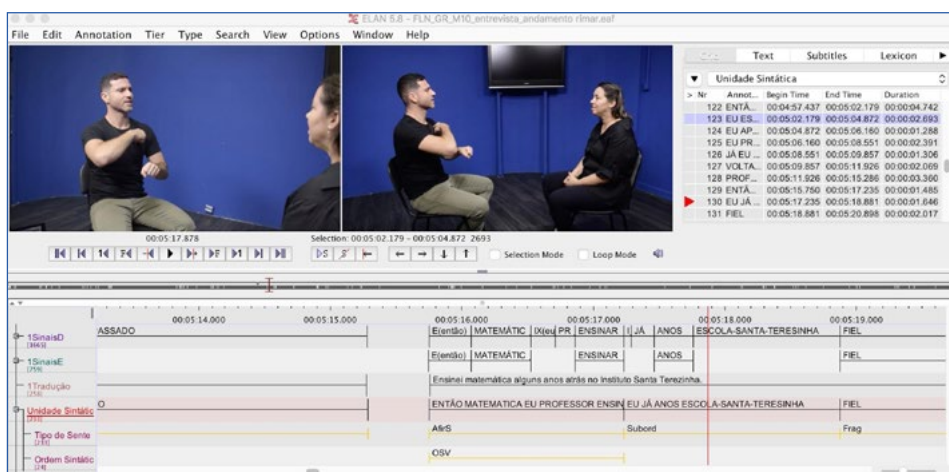
Segundo Quadros (2016), “a transcrição de dados de corpora de Línguas de Sinais é necessária por facilitar a análise dos dados. No entanto, o fato de estarmos diante de dados multimodais torna essa tarefa bastante complexa. As Línguas de Sinais se apresentam na modalidade visual-espacial, com produções corporais envolvendo, normalmente, as mãos, a face e o tronco. Sendo assim, as produções que integram os corpora de Línguas de Sinais se apresentam em vídeo. Além disso,

as Línguas de Sinais não apresentam um sistema de escrita amplamente disseminado entre os seus usuários. Essas características têm sido alvo de debate entre os pesquisadores de Línguas de Sinais, uma vez que a transcrição destas depende de uma escrita estabelecida.” (p.14)

O grupo de pesquisa do Corpus de Libras tomou algumas decisões para a realização das transcrições da Libras no escopo do Inventário Nacional de Libras. Basicamente, as decisões serão apresentadas a seguir.

O Sistema de Anotação Eudico Annotator - ELAN (<https://tla.mpi.nl/>) integra as transcrições do Corpus de Libras. O ELAN é um sistema de transcrição que possibilita a visualização de vídeos e a correlação dos dados escritos com os dados nos próprios vídeos. Esse sistema se adequa ao tipo de pesquisa que inclui dados com Línguas de Sinais. O software permite a criação, a edição, a visualização e a busca de anotações por meio de dados de vídeo e de áudio, e criação de “trilhas” para registro e análises específicas nas duas modalidades de línguas. As convenções para transcrição foram estabelecidas pelo grupo de pesquisa por meio de um manual.

FIGURA 1: Apresentação da tela do ELAN com as trilhas básicas e algumas trilhas de análise com a visualização de vídeos de duas perspectivas das filmagens realizadas



A anotação básica compreende apenas as glosas de sinais produzidos, exclusão de informações morfológicas com a utilização do ID (atualmente integrante do Banco de Sinais da Libras em www.signbank.libras.ufsc.br) de cada sinal (evita-se o problema em definir o que constituiria a sentença na Língua de Sinais). Incluímos detalhamento para fins da análise dos dados para a gramática, enriquecendo as anotações com trilhas específicas, conforme pode ser visto nas trilhas acima. Portanto, as trilhas compreendem as anotações básicas e as anotações para fins da análise proposta neste material:

1.6.1. Trilhas básicas:

SinaisD - são registradas todas as produções manuais individuais da mão direita que podem ser produzidas como espelho da outra mão ou que podem ser produzidas diferentemente por meio de sinais independentes mesmo que simultaneamente à outra mão.

SinaisE - são registradas todas as produções manuais individuais da mão esquerda que podem ser produzidas como espelho da outra mão ou que podem ser produzidas diferentemente por meio de sinais independentes mesmo que simultaneamente à outra mão.

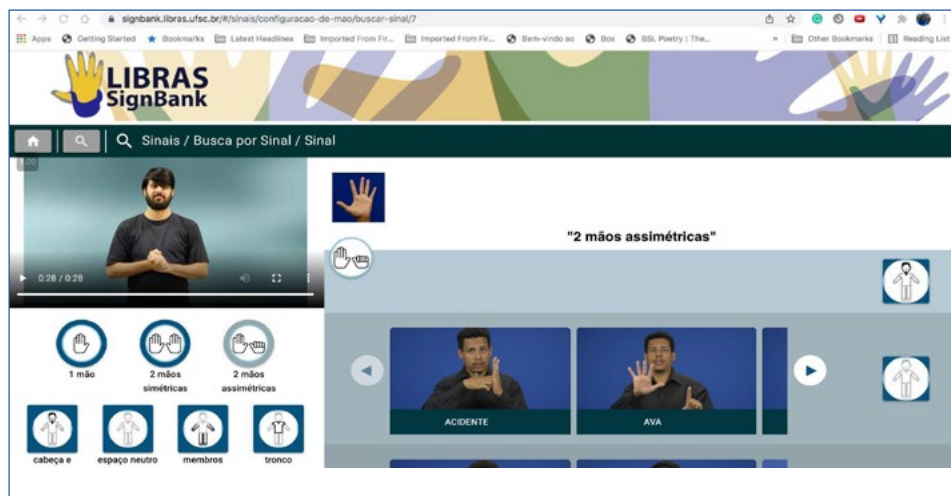
Tradução - enunciados que representam a tradução para a Língua Portuguesa do que está sendo produzido em Libras. A tradução livre do texto em Libras para a Língua Portuguesa é determinada por unidades de sentido (aqui a questão da sentença é determinada pelo sentido e não por razões sintáticas, diferente das trilhas de análise, unidade sintática e unidade oracional complexa).

1.6.2. Trilhas de análise:

Unidade sintática - cada unidade sintática compreende sintagmas nominais, verbais, adverbiais, adjetivais e preposicionais.

Unidade oracional complexa - cada sentença complexa compreendendo parataxe, hipotaxe ou encaixadas formam uma unidade oracional complexa.

FIGURA 2: Apresentação da página do Signbank da Libras disponível em <https://signbank.libras.ufsc.br/>



Os sinais foram transcritos a partir dos identificadores dos sinais apresentados no Libras Signbank, nosso banco de sinais. Os identificadores foram nomes dados aos sinais com palavras da Língua Portuguesa para representarem glosas de forma mais consistente. É importante destacar que uma glosa dada pode não

representar adequadamente o sinal em um determinado contexto, uma vez que cada sinal pode ter várias traduções possíveis de acordo com o contexto em que ocorre. Cada identificador de sinais está, portanto, associado a várias traduções possíveis em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa. Estas traduções são utilizadas como alternativas na trilha de tradução podendo ou não coincidir com a glosa (o identificador do respectivo sinal).

A partir destes dados, foram identificadas unidades sintáticas.

As unidades sintáticas compreendem estruturas com pelo menos um verbo e seus argumentos que, sintaticamente, podem representar o sujeito e o predicado da sentença. No caso das sentenças complexas, pode haver combinações de mais de uma unidade sintática formando unidades oracionais complexas. No nível da interpretação, uma ou mais unidades sintáticas podem compreender uma proposição configurando os enunciados.

É importante observar, no entanto, que dados de *corpus* são considerados os produzidos pelos sinalizantes que não caracterizam dados coletados por meio da elicitación de dados, mas muitas estruturas podem não ser identificadas em *corpora* de línguas com produções mais naturalistas, ainda assim são estruturas possíveis nas línguas. Estamos, portanto, sempre que possível, combinando a elicitación de dados com a análise dos dados no *corpus* de Libras. Elicitación de dados em surdos sinalizantes da Libras compreende a elicitación direta de estruturas específicas por meio de conversas sobre como dizer estruturas específicas pesquisadas na Libras ou por meio de instrumentos para elicitación tais dados. Em alguns casos, os autores partiram de apresentação de figuras, em outros casos de apresentação de sentenças em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa e, ainda, alguns autores, entre eles surdos também, conversaram com outros surdos sobre como expressar algo a partir da criação de contextos, criando situações que sugerem o uso de determinadas estruturas. Há também certos autores que usaram estudos experimentais para identificar o uso de uma determinada estrutura. As estruturas identificadas por estas vias foram usadas como referência para a busca de estruturas no *corpus* de Libras. Pesquisas futuras requerem, no entanto, o estabelecimento de uso da elicitación informal com elicitación experimentais combinadas com análise de dados por meio de um *corpus* com análises estatísticas para identificação das estruturas usadas na Libras (assim como realizado por DAVIDSON, 2014; GOKGOZ, 2013; KIMMELMAN, 2018, por exemplo, para outras Línguas de Sinais). Isso é importante para confirmar as estruturas da língua, mesmo quando há discrepâncias entre julgamentos de aceitabilidade entre diferentes sinalizantes de uma mesma Língua (KIMMELMAN, no prelo). Além disso, as pesquisas têm evidenciado que julgamentos de gramaticalidade não são sempre consistentes com o que realmente é encontrado nos usos da Língua identificados em dados de *corpora* (ver, por exemplo, CRASBORN et al., 2008 e GERACI et al., 2011).

Kimmelman (no prelo) realizou um levantamento de pesquisas com *corpora* de Línguas de Sinais e verificou que as pesquisas com *corpora* têm identificado estruturas que antes tinham sido consideradas não gramaticais em estudos com base em elicitación e que há muito mais variação do que anteriormente já havia sido reportado a respeito da estrutura dessas Línguas de Sinais. Mais detalhes sobre metodologia de pesquisas com Línguas de Sinais, ver Orfanidou et al. (2015) e Kimmelman (no prelo).

1.7 Os estudos gramaticais da Libras: os autores

Os autores desta gramática envolvem um grupo de pesquisadores da Libras que já apresentam produções de análises de diferentes aspectos gramaticais dessa língua. Os autores apresentam suas próprias análises, assim como de outros colegas que tiveram produções acadêmicas nos aspectos abordados nesta gramática. Todos os autores são pesquisadores de excelência da Libras. Vários são pesquisadores surdos que têm a Libras como sua primeira Língua. A proposta foi de os próprios autores apresentarem suas análises, ilustrando seus resultados com dados do *Corpus* de Libras - Surdos de Referência.

Ronice Müller de Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina; Jair Barbosa da Silva, da Universidade Federal de Alagoas; Miriam Royer - Universidade Federal de Cariri - e Vinicius Rodrigues da Silva - Universidade Federal de Santa Catarina - organizaram este volume da gramática da Libras. Todos os demais autores que contribuíram com suas pesquisas na composição deste volume podem ser consultados na ficha técnica desta obra.

1.8 Organização desta gramática

A Gramática da Libras está organizada em seis partes:

Parte I - Introdução da Gramática da Libras

Parte II - A Libras na Sociedade

Parte III - Os sinais na Libras

Parte IV - A estrutura da frase na Libras

Parte V - O texto na Libras

Parte VI - Libras e tecnologia

Estas partes agrupam aspectos linguísticos da Libras, assim como aspectos multidisciplinares que podem ser considerados interfaces da Linguística com outras áreas, assim como práticas linguísticas que resultam de aplicações da Linguística. Compreendemos que tais aspectos integram a Gramática da Libras, pois a língua é muito mais que um sistema de combinações, uma vez que inclui outras possibilidades que a integram enquanto realidade humana permeada nas relações entre seus usuários. Aspectos culturais, sociais, linguísticos e políticos integram a Língua

e desdobram-se nas possibilidades de produção da língua. Assim, esta gramática integra tais componentes, incluindo desde unidades mínimas sem significado na Língua até as formas criativas de produzi-la por meio da arte manifestada pelo corpo.

A primeira parte integra esta apresentação inicial, assim como aspectos linguísticos mais gerais que se aplicam às línguas, entre elas a Libras. Apresentamos um panorama introdutório das pesquisas com Línguas de Sinais e as propriedades das línguas aplicadas à Libras.

Na segunda parte, contextualizamos a Libras na sociedade, discutindo aspectos relativos à circulação dessa língua, bem como aspectos socio-históricos. Abordamos aspectos mais gerais: a língua, seus sinalizantes, as Comunidades Surdas, Cultura Surda, políticas linguísticas, educação de surdos. Também apresentamos o Inventário Nacional da Libras que integra o *Corpus* da Libras. Além da Libras, também trazemos as demais Línguas de Sinais brasileiras identificadas no país. Da perspectiva nacional, avançamos para o mundo para situar a Libras entre outras Línguas de Sinais, em especial a Língua de Sinais Internacional (IntSL). Por fim, apresentamos o Inventário Nacional da Libras, considerando a constituição do *Corpus* da Libras nos estados de Santa Catarina, Alagoas, Ceará, Tocantins e Acre.

A terceira parte começa a focar nos aspectos gramaticais do sistema linguístico da Libras. Iniciamos com as unidades mínimas sem significados, discutindo a Fonética e a Fonologia. Também adentramos as palavras na Libras, apresentando a sua composição morfológica, considerando as unidades mínimas com significados, os morfemas, que se combinam e formam os sinais. Também são descritos os classificadores e as descrições imagéticas que compõem a língua, específicos das Línguas de Sinais e que são identificados na Libras. Já avançando no estudo da palavra, incluímos uma análise de expressões idiomáticas na Libras, assim como um estudo da variação fonológica e lexical. Discutimos a questão da variação e da estabilidade da Libras e apresentamos dados de variação lexical na Libras, identificada em produções de surdos de diferentes estados brasileiros.

A quarta parte desta gramática avança da combinação de unidades mínimas para a composição da frase. Adentramos a estrutura da frase na Libras, apresentando as ordenações possíveis observadas na Linguagem Brasileira de Sinais, assim como tipos de sentenças. Dando um passo adiante, ainda fazemos uma análise da articulação das orações na Libras, apresentando diferentes combinações oracionais complexas identificadas no corpus analisado, a partir de diferentes fenômenos sintáticos, a exemplo, tipos de encaixamento (parataxe [coordenação], hipotaxe e subordinação).

Na quinta parte deste volume, entramos na unidade do texto na Libras. A coesão e a coerência são analisadas, bem como os gêneros textuais. Para fechar esta parte, também trazemos a literatura em Libras, finalizando a composição textual com a produtividade criativa dessa língua.

Na parte seis, fechamos esta gramática com as interfaces da Linguística, bem

como suas aplicações, especialmente envolvendo avanços tecnológicos que favorecem a socialização e a disseminação da Libras. Introduzimos o Portal de Libras, uma plataforma que disponibiliza materiais a partir das comunidades de uso da língua, ou seja, os pesquisadores, professores e demais usuários podem compartilhar seus materiais, cursos e pesquisas nesta plataforma, assim como avaliar os seus produtos. É uma plataforma de práticas linguísticas para uso de pesquisadores da Libras, tradutores e intérpretes, e professores que atuam na educação em seus diferentes níveis, especialmente na educação básica. A plataforma inclui também o Signbank da Libras e o Corpus da Libras. Ainda está contemplado o estudo da terminologia que é disponibilizado por meio de glossários digitais e as pesquisas no campo da onomástica da Libras.

Esta gramática é uma iniciativa de compor uma gramática da Libras que parte de uma primeira versão publicada (Quadros, 2021), no formato de vídeo-book (<https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/>) no Portal de Libras e aprofunda questões gramaticais integrando pesquisadores da Libras de várias partes do Brasil. É um dos primeiros passos nesta direção para dar início à organização dos estudos gramaticais da Libras. No entanto, não pode ser compreendida como uma gramática conclusiva, mas apenas uma das primeiras gramáticas com os primeiros estudos da Libras de muitas que virão a ser complementadas e ampliadas com novos estudos desta Língua Brasileira em nosso país.

A gramática é apresentada na forma escrita da Língua Portuguesa, com exemplos da Libras em Libras acessados via QR Code pelos leitores. É um material de consulta sobre a gramática da Libras compreendendo estudos realizados até então no país por diferentes pesquisadores da Libras, utilizando dados do *Corpus* de Libras dos Surdos de Referência.

AGRADECIMENTOS

Esta gramática foi possível por diferentes financiamentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ (#440337/2017-8; #460589/2014-8; #202742/2019-9; #304179/2017-5); com financiamento do Ministério da Cultura, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Imaterial Nacional (IPHAN); contou com auxílios parciais da CAPES (PROCAD Amazônia # 88887.200586/2018-00) entre UFSC e UFT, do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) para publicação; e de recursos da Humboldt Universität zu Berlin para a produção referente à documentação da Libras no contexto da documentação das Línguas de Sinais.

Aspectos linguísticos das LS

Jair Barbosa da Silva - UFAL
Ronice Müller de Quadros - UFSC

2. Linguística e Libras

2.1 As pesquisas com Língua de Sinais

Por muitos anos, os linguistas se ocuparam em identificar o que é comum entre as Línguas de Sinais e as línguas faladas. Parte-se dos referenciais já propostos para as línguas faladas e os universais linguísticos que também foram estabelecidos a partir de estudos com várias línguas faladas e propõem-se análises das Línguas de Sinais. Esta linha investigativa justifica-se também, uma vez que, na década de 60, havia um movimento intenso no sentido de “provar” que as Línguas de Sinais eram, de fato, línguas naturais. Pesquisas demonstraram que as Línguas de Sinais apresentam traços comuns aos aspectos linguísticos identificados nas línguas faladas em termos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos, identificando, assim, uma gramática cujas propriedades linguísticas se aplicam tanto às Línguas de Sinais como às línguas faladas, independentemente das modalidades. Atualmente, não há dúvidas em relação ao estatuto linguístico das Línguas de Sinais. Assim, principalmente a partir da década de 90, iniciaram-se investigações com o intuito de identificar não apenas o que era “igual”, mas também o que era “diferente” com o objetivo de enriquecer as teorias linguísticas atuais.

A pergunta que antes era “Como a linguística se aplica às Línguas de Sinais ou dá conta das Línguas de Sinais?” passou a ser “Como as Línguas de Sinais podem contribuir para os estudos linguísticos?”. A mudança, aparentemente sutil, abre novos caminhos investigativos no campo da Linguística, buscando explicações para o que é diferente entre estas modalidades de língua, inclusive com o exercício de olhar as Línguas de Sinais a partir delas mesmas enquanto línguas visuais-espaciais.

Os estudos dos últimos 60 anos revelam similaridades profundas entre as línguas faladas e línguas sinalizadas, tanto no nível da estrutura da frase quanto no do processamento linguístico e, também, quanto à aquisição da linguagem. A exemplo, Stokoe (1960) apresentou a primeira análise linguística da Língua de Sinais americana com evidências de que um sinal era resultado de combinações de unidades menores: a configuração da mão, o local de articulação e o movimento. Stokoe apresenta uma análise com base na simultaneidade, ou seja, as unidades são combinadas simultaneamente para a produção do sinal. Klima e Bellugi (1979) evidenciaram que o conjunto possível das unidades que constituíam os sinais poderia variar de língua para língua, mas de forma bastante restrita. Também apresentam uma análise detalhada do sistema derivacional e flexional da língua de sinais americana. Liddell (1984) apresenta uma análise da sequencialidade dos sinais por meio da representação interna da estrutura do sinal e as relações de dependências entre os seus segmentos. Além disso, aponta que os sinais coocorrem com expressões faciais e movimentos do corpo que são interpretados como advérbios ou informações gramaticais adicionais. Fischer (1973); Klima e Bellugi (1979); Fischer e Gough (1978), Supalla (1982) e Padden (1983) analisam as diferentes classes de verbos na Língua de Sinais americana: os verbos simples (plain verbs) que aceitam apenas a flexão de aspecto; os verbos de movimento (verbs of motion) que não flexionam para pessoa, número e nem aspecto, mas apresentam uma morfologia complexa e os verbos com flexão (inflecting verbs) que flexionam para pessoa, número e aspecto. Estes autores apresentam análises da sintaxe espacial. Liddell e Johnson (1989) e Sandler (1989) desenvolvem modelos que não são apenas simultâneos, mas apresentam uma sequência estrutural, por exemplo, um sinal pode ter duas CM ou L em uma sequência. Esta proposta tornou possível uma análise do morfema de concordância, consistindo de traços de locação como afixo independente que é juntado ao verbo não especificado para a locação. Lillo-Martin (1991) apresenta uma análise da sintaxe da Língua de Sinais com respaldo no processo de aquisição da linguagem em crianças surdas, filhas de pais surdos. A autora evidencia que a Língua de Sinais americana é analisável segundo os princípios e parâmetros propostos pela teoria gerativa. Neidle, Kegl, MacLaughlin, Bahan e Lee (2000) apresentam a sintaxe da Língua de Sinais americana. Os autores apresentam marcações manuais e não manuais como expressões de traços sintáticos abstratos. Desenvolvem uma análise da estrutura da Língua de Sinais com base na teoria gerativa.

Alguns estudos têm se ocupado em identificar e analisar os efeitos da modalidade da língua na estrutura linguística. As evidências têm sido identificadas como consequências das diferenças nos níveis de interface articulatório-perceptual. Algumas investigações têm ainda levantado hipóteses quanto a possíveis diferenças no nível da interface conceptual, implicando em uma semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais. A exemplo, Padden (1988) apresenta a discussão sobre o papel do espaço nas Línguas de Sinais. Espaço na Língua de Sinais

não é apenas uma entidade semântica, um espaço mental, mas um dos elementos que fazem parte de uma unidade lexical. A pergunta formulada pelos pesquisadores diante dos pontos espaciais estabelecidos no discurso das Línguas de Sinais é de como tais pontos podem ser representados na gramática. Onde estes pontos espaciais (pronomes) são especificados no léxico? Lillo-Martin e Klima (1986) propõem uma análise para este problema: há apenas uma entrada para pronome com locação não específica (uma variável), mas com a interpretação determinada através do discurso. Liddell (1990; 1995) sugere que os pontos no espaço devem ser descritos como entidades mentais (pictóricas). Segundo sua análise, tais entidades não podem fazer parte do sistema linguístico, pois envolvem espaços reais contendo uma representação mental do objeto/referência em si. Assim, não há necessidade de definir o lócus fonológica e morfológicamente. Além disso, a concordância verbal deixa de existir enquanto concordância do ponto de vista linguístico. Rathmann e Mathur (2002) analisam a proposta de Liddell e mostram que o problema se apresenta considerando os níveis de variação fonética dos lócus em Línguas de Sinais, sendo eles formal e de determinação de fronteiras. No primeiro caso, se se estabelecer um ponto no espaço para JOÃO no lado esquerdo, se tenta voltar ao mesmo ponto ao se referir a JOÃO durante o discurso. No segundo caso, um ponto diferente do ponto estabelecido para JOÃO pode ter um significado diferente. Uma vez que há correspondência entre o ponto e o referente, cada lócus deve ser listado no léxico. Apesar de os lócus de não primeira pessoa fazerem parte de um conjunto que apresenta “ligação” dentro do discurso, o critério do léxico que determina listabilidade não é observado. Assim, o problema de infinitude está relacionado à listabilidade. Os autores destacam também evidências linguísticas (e psicolinguísticas) de que concordância existe na Língua de Sinais americana. Apesar da existência destes classificadores, parece que o sistema linguístico é ordenado de forma linear em algum nível que obviamente não é trivial. Lillo-Martin (2002) justifica a existência de concordância nas Línguas de Sinais como elemento gramatical a partir de vários aspectos linguísticos, entre eles, a autora menciona os seguintes: as formas para primeira pessoa e não primeira pessoa são diferentes; a presença de marcação de número nos verbos apresenta múltiplas formas em diferentes Línguas de Sinais; a existência de auxiliar em algumas Línguas de Sinais que expressam a relação sujeito-verbo-objeto nas construções com verbos que não marcam concordância. No entanto, Lillo-Martin destaca que há um tipo de construção, os verbos chamados de verbos manuais e/ou verbos classificadores, que parece romper com todas as regras na Língua de Sinais em todos os níveis de análise (sintático, morfológico e fonológico), uma vez que apresenta um comportamento completamente incomum, considerando as análises clássicas de um item lexical. Liddell (2000) tende a analisar tais construções como expressões de ordem não sintática. Esse viés é retomado nas suas análises mais atuais, excluindo por completo uma análise de ordem sintática nos termos analisados, até então considerando a

teoria linguística e os estudos das línguas em geral. Sua proposta segue um rumo alternativo. Sua versão, na verdade, resulta de uma atenção especial às diferenças, uma vez que assim poder-se-ia estar adentrando os limites da teoria linguística. Liddell (1990; 1995) considera que os pontos estabelecidos no espaço que são incorporados pelos verbos, no que vem se chamando de concordância, não podem ser analisados morfológicamente, uma vez que tais pontos são indeterminados. A partir de suas análises, ele conclui que não há concordância verbal na Língua de Sinais americana. Para o autor, o que acontece é uma indicação de natureza gestual combinada com elementos de ordem linguística dos sinais. Lillo-Martin (2002) e Quadros (2002) apresentam evidências quanto ao status da concordância na Língua Brasileira de Sinais, Libras. As autoras apresentam exemplos para ilustrar que não há uma ordenação caótica nas sentenças, incluindo os verbos manuais. Isso indica que, apesar das características essencialmente visuais e espaciais, há restrições quanto à ordenação dos constituintes na estrutura. Tais construções seguem o mesmo padrão: todas ocupam a posição final da sentença. Com os classificadores, o predicado complexo inteiro que inclui o verbo ocupa esta posição. Todos os exemplos estão ou associado com a marcação não manual de concordância ou com a marcação não manual de tópico. Em termos estruturais, a posição final também é ocupada pelo foco de que usualmente está associada ao movimento da cabeça, mas têm-se exemplos de que há restrições de tal posição ser ocupada por argumentos oracionais. Uma hipótese possível seria considerar estas construções manuais tendo relação em alguma instância com as construções de foco, mas tais argumentos oracionais serem considerados nucleares pela sintaxe, uma vez que morfológicamente apresentam características de um único sinal. Assim, a sintaxe sendo cega à informação semântica oracional, a estrutura seria derivada de qualquer forma apresentando a devida interpretação na interface que, do ponto de vista fonológico, apresentaria uma interpretação equivalente a um único sinal que pode ser analisado em unidades menores (cf. SUPPALA, 1982; 1986).

Assim, as pesquisas também têm identificado que há aspectos específicos decorrentes das modalidades. Identificar a especificidade das Línguas de Sinais é muito importante para compreender as bases linguísticas universais e específicas da linguagem humana (MEIER, 2012; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006). Em função da modalidade visual-espacial, os estudos começaram a identificar que as Línguas de Sinais podem expressar simultaneamente várias informações, enquanto as línguas faladas são essencialmente organizadas de forma linear. A iconicidade também tem merecido mais atenção nos estudos das Línguas de Sinais, em função de ser uma língua que acontece no corpo e no espaço e é percebida visualmente. A iconicidade é identificada em diferentes níveis linguísticos. No nível lexical, os sinais podem lembrar aspectos do conceito e de seus referentes (TAUB, 2012). No nível gramatical, o estabelecimento referencial está relacionado visualmente ao próprio corpo, os referentes por meio da apontação e da concordância verbal

(LILLO-MARTIN, MEIER, 2012; QUADROS, 1999), aspecto e modo podem ser relacionados com os tipos de movimentos (DAVIDSON, 2014).

Ao que tudo indica, as derivações visuais-espaciais seguem a mesma lógica das derivações orais-auditivas, no sentido de observar restrições na organização sintática que delimitam as possibilidades existentes na derivação de sentenças. No entanto, as observações de Liddell são pertinentes, em especial quanto à organização morfológica das palavras classificadoras, apesar de haver argumentos favoráveis a uma análise nos padrões clássicos (SUPPALA, 1982; 1986). Lillo-Martin (2002) apresenta, a partir dessas considerações, a seguinte questão: as Línguas de Sinais podem oferecer alguma informação nova quanto ao nível de interface articulatorio-perceptual?

Nesse sentido, cabe considerar o estabelecimento de pontos no espaço. Do ponto de vista de Liddell, tais pontos não podem ser analisados como representações gramaticais, mas sim pictóricas. De fato, tais pontos não seguem os padrões de análise morfológico clássico, no entanto, as evidências sintáticas acomodam as análises dentro da perspectiva da teoria linguística. Aqui surge ainda outra questão: as informações gramaticais atreladas às marcas não manuais que também apresentam um caminho de possibilidades de contribuições para o entendimento das interfaces. Rathmann e Mathur, acomodando a versão de Liddell, propõem que as marcações chamadas neste trabalho como ‘manuais’ (ou gestuais por Rathmann e Mathur, ou ainda representações espaciais mentais pictóricas por Liddell) podem ser classificadas como concordância no sentido sintático, mas apresentar repercussões no nível articulatorio-perceptual.

Muitas pesquisas sobre a estrutura das Línguas de Sinais têm considerado tais questões, mas ainda há muito a ser investigado. Por um lado, existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade, fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema linguístico que transcendem a modalidade das línguas. Nesse sentido, o estudo das Línguas de Sinais tem apresentado elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas.

É importante observar que além das características gramaticais que diferenciam as línguas orais das Línguas de Sinais, há também diferenças em termos sociolinguísticos, as quais vão interferir tanto na produção linguística da Libras pelos surdos, como na produção escrita da Língua Portuguesa como segunda língua por esses sujeitos.

No caso dos surdos, a maioria é bilíngue, pois desde crianças frequentam escolas e aprendem a Língua Portuguesa, normalmente na modalidade escrita. Com isso, há efeitos de transferência entre as línguas, tais como empréstimos linguísticos (MACHADO, 2014), usos de soletração manual para palavras da língua falada,

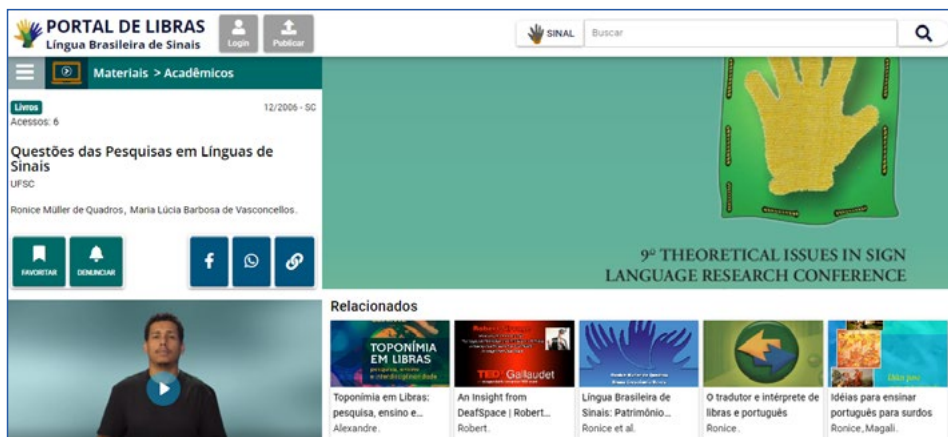
observando-se também alternância e sobreposição das línguas. Neste último caso, também há um efeito da diferença entre as modalidades das línguas (QUADROS et al. 2016).

Desde Stokoe (1960), as Línguas de Sinais têm ganhado espaço e visibilidade no que concerne às pesquisas. Se inicialmente as investigações voltadas para as Línguas de Sinais eram centradas na Educação, realidade inclusive constatada no Brasil, na atualidade, áreas como a Linguística, a Fonoaudiologia e a Tecnologia da Informação têm se dedicado às Línguas de Sinais, tendo cada uma dessas áreas do saber um foco muito específico e, às vezes, trabalhando em interface. As pesquisas sobre as Línguas de Sinais têm ganhado espaço no mundo.

Pode-se dizer que em todos os continentes habitados se fazem pesquisas sobre as Línguas de Sinais, destacando-se o europeu e o americano (sobretudo países como Estados Unidos e Brasil), sem, no entanto, desconsiderar o que se tem feito nos continentes asiático e africano. Políticas institucionais têm sido implementadas no sentido de alavancar o avanço dessas pesquisas envolvendo Línguas de Sinais, a exemplo do que tem feito a SLLS (Sign Language Linguistics Society) que realiza a cada três anos o TISLR (Theoretical Issues In Sign Language Research), o maior e mais relevante evento científico voltado para as pesquisas em Línguas de Sinais, cuja realização em 2022 dar-se-á em Osaka, no Japão, e em 2025 será realizado na Etiópia, justamente como forma de estimular e disseminar investigações sobre Línguas de Sinais na Ásia e na África.

Tradicionalmente, o TISLR tem sido realizado na Europa e na América, como se pode ver na linha do tempo a seguir:

- TISLR 1: 1986, Rochester, NY, USA
- TISLR 2: 1988, Washington DC, USA
- TISLR 3: 1990, Boston, MA, USA
- TISLR 4: 1992, San Diego, CA, USA
- TISLR 5: 1996, Montreal, Canadá
- TISLR 6: 1998, Washington DC, USA
- TISLR 7: 2000, Amsterdam, Holanda
- TISLR 8: 2004, Barcelona, Espanha
- TISLR 9: 2006, Florianópolis-Santa Catarina, Brasil
- TISLR 10: 2010, West Lafayette, IN, USA
- TISLR 11: 2013, Londres, Reino Unido
- TISLR 12: 2016, Melbourne, Austrália
- TISLR 13: 2019, Hamburg, Alemanha
- TISLR 14: 2022, Osaka, Japão
- TISLR 15: 2025, Ethiopia



A edição do TISLR 9, que aconteceu no Brasil, em Florianópolis, contou com uma publicação com base em uma seleção de palestras disponíveis no Portal de Libras.



No contexto brasileiro, as primeiras investigações sobre a Libras datam da década de 1980, tendo como principais destaques as pesquisadoras Lucinda Ferreira-Brito e Tânia Felipe. Muito já se fez de lá para os dias atuais e esta Gramática da Libras representa parte desse vasto trabalho de pesquisas feitas por pesquisadores brasileiros sobre a Libras, como se verá nos próximos capítulos.

Os primeiros artigos e livros publicados sobre a Libras são de Ferreira Brito (1984, 1990, 1993, 1995). Ferreira Brito (1984, 1993) apresentou ao mundo duas Línguas de Sinais brasileiras: a dos centros urbanos brasileiros (atualmente referida como Libras), focando na variante de São Paulo, e a Língua de Sinais Urubu-Kaapor, pertencente à família Tupi-Guarani, uma língua usada na comunidade indígena Urubu-Kaapor do interior do Maranhão. Nesse artigo, a autora apresenta algumas similaridades e diferenças entre essas duas línguas. Por exemplo, na Língua de Sinais Urubu-Kaapor, o uso do espaço parece ter uma flexibilidade bem maior do que na Língua de Sinais usada em São Paulo, em que os sinais são realizados em um espaço bem mais restrito. Por outro lado, ambas as línguas usam os intensificadores e os quantificadores depois do nome ou incorporados ao nome (exemplos usados pela autora em (1) e (2)). No caso da incorporação do intensificador, a autora observou a mudança no padrão do movimento.

(1) Língua de Sinais Urubur Kaapor

a) PÁSSARO QUATRO

b) PEIXE MUITO

c) FLORES VÁRIAS

d) BOM+intensificador

(2) Língua de Sinais de São Paulo

a) FELIZ MUITO

b) BOM+intensificador

Ferreira Brito (1995) apresenta uma síntese dos estudos produzidos pelo grupo de estudos de Língua de Sinais brasileira, com resenhas e pesquisas realizadas por suas orientandas, além de suas próprias pesquisas, chamado de GELES, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre as pesquisas apresentadas neste livro, Ferreira Brito apresenta uma discussão sobre aspectos pragmáticos, focando nos elementos de polidez. A autora apresenta vários exemplos em que a polidez é marcada pela redução no tamanho do sinal e no padrão do movimento.

Berenz e Ferreira Brito (1987) apresentam um comparativo entre a produção pronominal na Língua de Sinais americana e na brasileira. As autoras identificam várias formas comuns. As autoras sustentam que os pronomes pessoais nessas Línguas de Sinais funcionam como pronomes de fato, ou seja, são pronomes pessoais e pronomes demonstrativos e não apenas como uma forma única com um local referencial associado e nem como advérbios locativos. Essa constatação é apresentada, uma vez que há uma tendência de confundir a apontação gestual com o uso de pronomes, apesar de terem a mesma forma. Conforme a proposta das autoras, há uma representação do sistema do espaço, que é tripartida para a locação, com três níveis espaciais diferenciados: (1) a locação é vista como um componente interno da estrutura de um sinal; (2) a locação é vista como parte do espaço de sinalização usado como estrutura linguística para pronomes (a interpretação espacial linguística de referentes) e (3) a locação atual dos participantes da conversação e dos referentes de terceira pessoa. Os dois primeiros níveis são linguísticos e convencionais, em posição ao terceiro nível que não apresenta essa convencionalidade.

Mais tarde, Berenz (1996) conclui a sua tese de doutoramento sobre pessoa e dêixis na Libras. Neste trabalho, Berenz descreve detalhadamente o sistema de referência da Libras. Por exemplo, na Libras, o conjunto de pronomes pessoais se distingue em três pessoas (primeira, segunda e terceira) e em três números (singular, dual e múltiplo/mais de dois). O sistema não apresenta marcação de gênero, embora os pronomes de terceira pessoa possam ser precedidos dos sinais HOMEM e MULHER, quando for relevante. A autora também identificou que a Libras apresenta uma categoria gramatical do sistema pronominal chamada de número dual. A evidência para isso é encontrada nas formas dos próprios pronomes pessoais e nas modulações para número nos verbos: NÓS-DOIS, VOCÊS-DOIS, ELES-DOIS. A marcação dual é uma categoria completamente gramaticalizada. Na Libras, todas as formas com o dedo indicador apontado com movimento em arco são consideradas múltiplas, em contraste com as formas singular e dupla. Na forma coletiva, em que os não participantes (outras pessoas além do sinalizante

e o seu interlocutor, ‘eles’) estejam presentes, o sinal inicia com contato do dedo indicador no peito e faz o movimento em arco no plano horizontal e termina novamente com contato no corpo do sinalizante. A segunda pessoa do plural (‘vocês’) pode ser marcada com uma forma coletiva do interlocutor ou uma combinação da forma singular do interlocutor mais não participantes. Para a terceira pessoa do plural (‘eles’), o dedo indicador se move em arco para fora do espaço à frente do sinalizante. Para referentes presentes dos não participantes, o dedo indicador fica na posição horizontal na direção dos próprios referentes indicados; para referentes não presentes, o dedo indicador fica na posição perpendicular indicando pessoas que estejam fora do contexto discursivo direto.

Berenz (1996) também apresenta em detalhes as formas usadas para os possessivos. A Libras também pode apresentar formas singulares e plurais marcadas com diferentes sinais. Por exemplo, o sinal SEU é feito com a mão em P direcionada ao referente possuidor de algo.

Felipe (1998) apresenta uma descrição tipológica para os verbos da Libras. A autora apresenta os verbos em duas classes principais: aqueles que não apresentam flexão e os que apresentam flexão. Os primeiros são verbos de flexão zero, pois são produzidos sem estarem associados a algum morfema. Os segundos são referidos como verbos direcionais pela autora. São verbos que apresentam uma trajetória de movimento incorporada à sua raiz. A autora também apresenta os verbos quanto à categoria semântica. Os verbos instrumentais, por exemplo, são aqueles que incorporam o instrumento à sua raiz (como PINTAR-COM-PINCEL); os verbos de movimento envolvem eventos (como ENTREGAR) e os verbos locativos envolvem locativos (como IR).

Karnopp (1994; 1999) apresenta uma descrição básica da estrutura fonológica da Libras. A autora se aprofunda no parâmetro configuração de mão e analisa os processos fonológicos de apagamento, assimilação e substituição em uma criança surda, adquirindo a Língua Brasileira de Sinais. A autora baseia sua análise em dados coletados longitudinalmente de uma criança surda, filha de pais surdos, coletados mensalmente entre 1 e 4 anos de idade. A menina apresenta várias evidências de aplicação de processos fonológicos. Entre eles, por exemplo, a criança apresenta substituição de uma configuração de mão mais complexa por uma configuração de mão mais simples: PATO produzido com a configuração de mão 5 sendo aberta e fechada ao invés da configuração de mão com dois dedos selecionados (KARNOPP, 1999). Esse tipo de exemplo evidencia que crianças surdas em fase de aquisição apresentam os mesmos processos fonológicos observados em crianças adquirindo uma língua falada.

Quadros (1997) apresenta uma análise de crianças surdas adquirindo a Libras como primeira língua, em nível sintático. A autora apresenta uma descrição do fenômeno do licenciamento de argumentos nulos e faz um estudo considerando o padrão de aquisição dessas estruturas na aquisição monolíngue da Libras (L1),

de dados coletados de forma transversal, de diferentes crianças surdas, filhas de pais surdos, adquirindo a Libras como primeira língua. A autora observa que as crianças produzem sentenças com pronomes nulos tanto com verbos com flexão marcada, como com flexão não marcada. No entanto, os contextos dessas marcações determinam a recuperação dos referentes por via sintática ou por via pragmática. O uso da apontação, o estabelecimento de nominais no espaço, o uso do espaço fazem parte do sistema sintático da Libras, apresentando uma evolução durante os diferentes estágios de aquisição. Inicialmente, as crianças surdas não estabelecem os nominais no espaço de forma apropriada. Esse uso apropriado do espaço e utilizado de forma complexa na língua vai ser estabelecido por volta dos cinco anos de idade.

Quadros (1999) apresenta a estrutura da frase na Libras, incluindo uma análise dos verbos simples (sem marcação de flexão) e verbos com concordância (com flexão marcada). A autora identifica uma assimetria entre esses dois grupos de verbos que se reflete nas estruturas geradas nessa língua. Por exemplo, o licenciamento de pronomes nulos apresenta um comportamento diferenciado quando seleciona verbos com ou sem concordância. Outra consequência observada no comportamento sintático da Libras diante do tipo de verbo selecionado está relacionada à ordenação dos sinais. As sentenças com verbos com concordância parecem apresentar maior flexibilidade na ordenação do que aquelas com verbos simples. A autora também descreve estruturas com verbos “pesados” (*heavy verbs*), ou seja, (a) formas produzidas por meio de classificadores que incorporam a ação verbal; (b) verbos manuais (aqueles que incorporam instrumentos ou partes de objetos); e (c) verbos com flexão aspectual (incorporada ao verbo por meio de mudança no padrão do movimento). Essas estruturas sempre apresentam esses verbos na posição final, tendo os argumentos estabelecidos em posição que antecedem esses verbos pesados, independente da classe à qual o verbo pertença. A autora também apresenta as sentenças com tópicos, com interrogativas e com foco. A partir de toda essa descrição, a autora propõe duas estruturas sintáticas que podem ser aplicadas à Libras, de acordo com as duas classes verbais existentes (com e sem flexão verbal).

A partir do novo milênio, os estudos sobre a Libras começam a ganhar força. Não podemos ignorar o acontecimento da Lei de Libras (Lei 10.436/2002) e a sua regulamentação em 2005 (Decreto 5.626/2005) como fundamentais para o estabelecimento das pesquisas com Libras no Brasil. Com essa legislação, temos a criação do Curso de Letras-Libras, na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2005. Em seguida, temos esse curso criado na Universidade Federal de Goiás e na Universidade Federal da Paraíba. O reconhecimento da Libras como língua nacional impulsionou os estudos sobre essa língua.

Nesse milênio, realizamos a 9ª Conferência de Questões Teóricas de Pesquisas de/sobre Línguas de Sinais (o TISLR), em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina. Esse evento também marca as produções de pesquisas com a Libras no Brasil e fora do país. O TISLR é um evento ligado à Sociedade Internacional de

Pesquisadores de Línguas de Sinais (<http://www.slls.eu>) e é considerado o evento internacional mais importante de estudos de Línguas de Sinais. No Brasil, reunimos pesquisadores de 33 países apresentando pesquisas sobre diferentes Línguas de Sinais e impactos teóricos para a Linguística em geral. Desse evento, foram produzidos dois volumes disponíveis gratuitamente para download, com os textos na íntegra apresentados por ocasião do evento em inglês e uma versão com artigos selecionados traduzidos para a Língua Portuguesa e para a Libras (QUADROS, 2008; QUADROS; VASCONCELLOS, 2008).

Ainda neste milênio, tivemos o início da publicação da coleção Estudos Surdos, com pesquisas do campo da Linguística e interfaces com educação e com tradução e interpretação para Libras. Foram publicados quatro volumes contendo resultados de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores surdos e ouvintes (QUADROS, 2006; QUADROS; PERLIN, 2007; QUADROS, 2008; QUADROS; STUMPF, 2009). Quadros e Karnopp (2004) publicaram “Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos” apresentando um panorama dos estudos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua.

Novos centros de pesquisas começam a surgir no país. Temos as universidades que passaram a oferecer o Curso de Letras-Libras e os polos do Curso de Letras-Libras na modalidade à distância espalhados por todo o país – curso oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com outras universidades ou instituições de ensino superior públicas do país: Universidade Federal do Amazonas, Universidade de Brasília, Universidade Estadual do Pará, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Bahia, Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Universidade Federal do Espírito Santo, Instituto Nacional de Educação de Surdos, Cefet de Minas Gerais, Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Instituto Federal de Goiás, Universidade Federal de Grande Dourados, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal de Santa Maria. Com isso, as pesquisas começaram a se disseminar e tomar outra dimensão no país. A partir de 2009, o Programa Viver sem Limites garantiu a abertura de novos Cursos de Letras-Libras em várias universidades federais do país. Este programa envolveu uma política pública para a garantia da acessibilidade no país pautada na formação de profissionais especializados. No caso específico dos surdos, os Cursos de Letras-Libras garantiram a formação de professores de Libras e, em alguns estados, de tradutores de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa. Além dessas formações, também se garantiu o estabelecimento da Pedagogia Bilíngue com a chancela do Instituto Nacional de Educação de Surdos. A consolidação destes cursos impactou as produções acadêmicas relacionadas à Libras em todo o território brasileiro.

A exemplo desses desdobramentos, Nascimento (2003), da Universidade de Brasília, apresenta um estudo sobre metáforas na Libras. É o primeiro estudo realizado no país sobre essa temática, observando na Libras a produção de metá-

foras. A autora apresenta um repertório de expressões idiomáticas da Libras que coincidem ou não com a Língua Portuguesa ou com outras línguas. Por exemplo, a metáfora CABEÇA-DURA é comum entre as línguas; já a metáfora MINHO-CAS-BARRIGA, que significa estar com muita fome, é usada apenas na Libras. Em 2009, Nascimento apresenta uma nova pesquisa, que inclui a produtividade dos sinais. A autora apresenta um estudo mais do campo lexicográfico, analisando também os neologismos. Considerando essa perspectiva, a autora apresenta uma análise dos dicionários de Libras produzidos no país e propõe sistemas de busca com base visual.

Na Universidade de São Paulo surge outro foco de pesquisas com a Libras com McCleary e Viotti (2010; 2011), com estudos voltados para a gestualidade nas Línguas de Sinais. A exemplo, os autores publicam um artigo que analisa a simbiose entre o gesto e o sinal em narrativas produzidas em Libras. Os autores partem da Linguística Cognitiva para analisar o uso dos gestos da Libras, enquanto representações mentais do uso do espaço sendo reproduzidas gestualmente. O estudo sobre gestos é usado de forma a contribuir para as análises dos autores.

Uma das produções derivadas do grupo de pesquisas na Universidade de São Paulo é de Leite (2008), com uma pesquisa envolvendo uma análise da conversação em sinais. O autor apresenta vários elementos que são envolvidos na troca de turnos de surdos realizando uma conversação livre. Ele identifica, por exemplo, o piscar de olhos como um elemento que indica a conclusão de um turno associado ao reposicionamento do movimento das mãos para a posição de descanso. O autor também identifica algumas formas de interrupção de turnos com mudança no padrão dos movimentos dos sinais, bem como da marcação facial.

No âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina, o estudo de Pizzio (2004) no campo da aquisição da Libras merece destaque: a autora analisou a aquisição da ordem dos sinais em uma criança surda, filha de pais surdos do Banco de Dados do Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais da UFSC. A pesquisadora identificou que essa criança já prioriza a ordem básica da Libras, SVO, desde o início da aquisição. No entanto, há outras ordenações possíveis, como OSV e SOV que são observadas na produção da criança ao longo do seu desenvolvimento. Essas ordenações também são observadas nas produções de adultos sinalizantes da Libras e ocorrem, normalmente, devido à utilização de estruturas com tópico e foco. Pizzio verificou que os contextos poderiam ser interpretados como de tópico e foco, mas não observou as marcas faciais consistentes associadas a esses tipos de estruturas nas produções da criança observada. Pizzio (2010) apresenta um estudo mais tipológico. Ela faz uma descrição das categorias das palavras de nomes e verbos na Libras, buscando identificar características específicas associadas às categorias. A autora aplica alguns instrumentos para coletar os dados de sua pesquisa e identifica alguns padrões, apesar de identificar algumas inconsistências. Por exemplo, há diferenças no padrão de movimentos que são identificados em

sinais caracterizados como nomes ou como verbos. No entanto, a autora também identificou que alguns sinais são usados indistintamente como nomes ou verbos.

Ainda no contexto das produções advindas da Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, temos Paterno (2008); Vilhalva, (2009); Anater (2009); Adriano (2010); Silva (2010) e Gripp (2010).

Paterno (2008) faz um estudo mais voltado para políticas linguísticas. O autor analisa o impacto da legislação que reconhece a Libras como língua nacional nas políticas de educação. O estudo evidencia que ainda algumas ações previstas no planejamento linguístico previsto pelo Decreto 5626/2005 estão em fase de implementação e ainda não foram implementadas. Por outro lado, o autor destaca várias ações positivas que podem ser observadas no sentido de afirmar a Libras no país.

Vilhalva (2009) faz um estudo das Línguas de Sinais emergentes em comunidades indígenas brasileiras de algumas localidades do Mato Grosso do Sul. Vilhalva observa a existência de Línguas de Sinais emergentes usadas por núcleos que começam a ter acesso à Libras na escola. Assim, essas línguas próprias das comunidades tendem a desaparecer, caso não haja uma preocupação em garantir o seu estabelecimento na comunidade.

Anater (2009) faz uma análise da aquisição das marcas não manuais em uma criança surda adquirindo a Libras como primeira língua. Essa criança faz parte do Banco de Dados do Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais, da Universidade Federal de Santa Catarina. Anater identifica marcas não manuais associadas a estruturas específicas usadas de forma inconsistente pela criança ao longo do seu processo de aquisição. A autora confirma estudos que afirmam que o controle das marcas não manuais vai ser estabelecido tardiamente pelas crianças adquirindo Línguas de Sinais.

Silva (2010) faz um estudo no campo de aquisição da Língua de Sinais com uma criança surda, filha de pais surdos, que também faz parte do Banco de Dados do Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais da Universidade Federal de Santa Catarina. Ela analisa o processo de aquisição das marcas aspectuais associadas aos sinais na produção de uma menina adquirindo a Libras como primeira língua. A autora identifica várias marcas aspectuais associadas aos verbos, com padrões de movimento específicos, bem como marcações não manuais que começam a aparecer de forma mais consistente ao longo do processo de aquisição.

Adriano (2010) apresenta um estudo mais voltado para as produções de sinais caseiros por surdos adultos em uma turma de educação de jovens e adultos. A autora identificou o uso de sinais padronizados, bem como o desenvolvimento de padrões gestuais em direção à convencionalidade quando os surdos passavam a fazer parte de um grupo de surdos.

Gripp (2010) apresenta um estudo mais voltado para o campo da socio-linguística. A autora faz uma análise dos primeiros registros da Libras em forma

de desenhos e compara com os usos atuais dos mesmos sinais. A autora observa mudanças em nível fonológico e morfológico nos sinais comparados.

Paralelamente, Quadros apresenta vários resultados de pesquisas sobre a Libras e, também, comparando com outras Línguas de Sinais, focando tanto na morfossintaxe como nos estudos de aquisição de Línguas de Sinais.

Quadros (2004) faz um estudo sobre formas de avaliar o desenvolvimento da linguagem em crianças surdas, uma vez que o desenvolvimento da linguagem nessas crianças normalmente apresenta especificidades relacionadas ao contexto de aquisição que se apresenta. Na maioria das vezes, as crianças surdas são filhas de pais ouvintes e apresentam uma variação muito grande na quantidade de qualidade do input em Libras. Assim, torna-se fundamental a avaliação. Quadros e Cruz (2011) publicaram um instrumento de avaliação formal que foi desenvolvido pelas autoras para auxiliar profissionais a procederem com a avaliação da linguagem em crianças surdas.

Quadros (2006) faz uma análise das pesquisas que observam os efeitos da modalidade nos estudos com Línguas de Sinais, apresentando como os estudos com a Libras evidenciam isso, especialmente, em relação aos dados da aquisição da Língua de Sinais. Apesar de esses efeitos de modalidade, observados nos estudos com Língua de Sinais, serem específicos das línguas visuais-espaciais, de modo geral, os estudos concluem que as Línguas de Sinais apresentam as propriedades linguísticas observadas também nas línguas faladas.

Ainda em 2006, Quadros apresenta uma análise das políticas linguísticas da Libras e os seus desdobramentos nas produções de pesquisas e ações que consolidam a Libras no país. Nessa mesma linha, Quadros e Campello (2010) analisam a constituição política, social e linguística da Libras no Brasil.

Já em uma perspectiva mais teórica, Nunes e Quadros (2008) apresentam uma análise sintática das realizações fonéticas de elementos duplos na Libras. As construções duplas são muito comuns na Libras e envolvem estruturas sintáticas complexas associadas a foco. Os autores apresentam evidências para tratar essas realizações como produções fonéticas que não são mais vistas pela sintaxe durante a computação da sentença (a sintaxe é cega ao elemento fonológico, pois entende que ele foi checado), observando, portanto, a linearização. Em parceria com outros pesquisadores, Quadros compara a Libras com outras Línguas de Sinais.

No campo da sintaxe, Quadros (2004) faz uma análise da distribuição dos verbos na Libras que depois é retomada em Quadros e Quer (2010), que apresentam uma análise dos verbos na Libras e na Língua de Sinais catalã. Os autores identificam padrões de comportamento similares nas duas línguas que caracterizam concordância sintática e semântica. Eles observam que as marcas de concordância estão disponíveis como morfemas nessas línguas, associadas a locativos e aos argumentos sentenciais, podendo ser marcados ou não, de acordo com a estrutura

gerada. Assim, os autores concluem, por exemplo, que estruturas infinitivas também podem ser geradas na Libras e na Língua de Sinais catalã, de acordo com a estrutura gerada.

Quadros e Lillo-Martin (2008; 2010) comparam Libras e Língua Americana de Sinais no que diz respeito à estrutura da frase. As autoras apresentam vários aspectos estruturais que são comuns e alguns que são diferentes quanto às construções básicas, às interrogativas, às estruturas com tópico e foco.

Além desses estudos, Spence e Quadros (2005) comparam aspectos linguísticos de produções poéticas em Libras e na Língua de Sinais britânica. As autoras observaram os mesmos padrões linguísticos nas produções poéticas, além dos fatores socioculturais observados neste tipo de produção.

Quadros também tem um conjunto de produções associadas à aquisição da Libras em diferentes contextos (Quadros, 2010). Lillo-Martin e Quadros (2009; 2011) apresentam vários estudos comparando a aquisição de Libras com a da Língua Americana de Sinais e identificam vários padrões comuns. As autoras mostram, por meio dos dados de aquisição morfossintática, o quanto a aquisição de Línguas de Sinais evidenciam que a aquisição da linguagem segue princípios universais de aquisição, mesmo envolvendo línguas em modalidade visual-espacial. Mais recentemente, Lillo-Martin et al. (2009), Pichler et al. (2009, 2010) e Quadros et al. (2011) apresentaram estudos com crianças bilíngues adquirindo uma Língua de Sinais e uma língua falada simultaneamente. Os estudos indicam padrões muito interessantes específicos desse contexto; por exemplo, o fato das crianças produzirem as duas línguas simultaneamente. Apesar das especificidades observadas nesse contexto de aquisição, as autoras encontram padrões comuns aos bilíngues unimodais. O interessante desses estudos com bilíngues intermodais é que se abre um campo de pesquisas que se conecta com os estudiosos de gestos que abordam os estudos da produção gestual concomitante com a produção linguística em língua falada. No caso dos bilíngues intermodais, a possibilidade de produzir uma língua visual-espacial simultaneamente com produções da língua oral-auditiva torna os dados muito importantes para a discussão da Linguística em geral.

As produções de pesquisas sobre a Libras ganham uma dimensão nacional, com dissertações e teses sendo produzidas em diferentes universidades brasileiras. A Gramática da Libras apresentada aqui, de certa forma, reúne tais estudos a partir dos dados do Corpus da Libras. A exemplo ainda, citamos Oliveira (2015), Porto (2016), Gonçalves (2016), Crescêncio (2016), Ramos (2017), Machado (2018), Klamt (2018), Soares (2019), Royer (2019), Silva (2019), Silva (2020), Camargo (2020), Bernieri (2020), Pêgo (2021), Silva (2021) e Costa (2021), com pesquisas produzidas na UFSC; Albuquerque (2019 e 2022), Silva (2020), Silva (2021; 2022), Silva (2018; 2022), Vidal (2022), com pesquisas elaboradas na UFAL; Faria-Nascimento (2009), Silva (2012), Xavier (2014), Almeida-Silva (2019), na Unicamp; Costa (2012), Lima (2019), na UnB; Cruz (2019) e Rocha (2021) na UFRGS e

Rodrigues (2022) na Unesp de Araraquara (ver levantamento de dissertações e teses no v-book da Gramática da Libras, 2021).

A fim de se entenderem os processos que envolvem esse objeto de estudo tão complexo, as línguas, a seção a seguir tratará das propriedades das línguas, ou seja, do que faz com que certas porções do discurso sejam consideradas uma língua, por assim dizer. Essa incursão pelas propriedades das línguas será feita tomando-se a Libras como exemplo, não por se querer demonstrar o óbvio, que a Libras é língua, porque essa discussão já é superada em relação às Línguas de Sinais, mas para refletir como essas propriedades se manifestam em línguas sinalizadas, uma vez que todas as abordagens relativas a esse assunto são pautadas em línguas orais.

2.2 As propriedades das línguas e a Libras

As línguas do mundo, pelo menos as que conhecemos até o momento, são muito diversas entre si. Essa diversidade repousa sobre aspectos também variados, sendo alguns inerentes às gramáticas (fonético-fonológicos e morfossintáticos) das línguas e outros inerentes ao modo de produção delas (orais e de sinais). Apesar da diversidade das línguas humanas, ainda assim, por meio delas, seus falantes conseguem usufruir de potencialidades gerais que parecem ser comuns às línguas do mundo, fato que se denomina em Linguística como propriedades das línguas.

As propriedades linguísticas dizem respeito a traços que são essenciais e definidores de qualquer língua natural; trata-se de uma manifestação da faculdade da linguagem. O linguista estadunidense Charles F. Hockett, expoente do estruturalismo norte-americano, é o primeiro autor que se dedicou a investigar essas propriedades das línguas naturais, ainda que outros estudiosos tenham feito propostas semelhantes, a exemplo do linguista francês André Martinet. Tendo como base a Libras, apresentaremos a seguir as propriedades linguísticas das línguas.

2.2.1 Produtividade/recursividade

A linguagem humana sempre foi objeto de investigação de diversas ciências: a Filosofia, a Psicologia, a Semiótica, a Antropologia, a Sociologia, a Fonoaudiologia, a Educação e, obviamente, a Linguística. Cada uma delas com abordagem específica, sempre procurando entender o fenômeno da linguagem humana em si ou suas relações com a lógica, com a mente/cérebro, com os símbolos, signos, com as relações sociais, com a constituição das sociedades, com os desvios de linguagem, com o ensino/aprendizagem, com a estrutura e funcionamento das línguas.

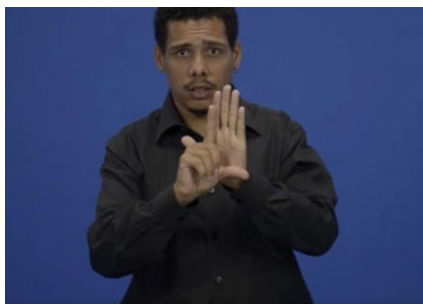
Na primeira metade do século XX, especialmente a partir da publicação do Curso de Linguística Geral, em 1913, de Ferdinand de Saussure, a Linguística ganha status de ciência e espaço nas discussões acerca da linguagem, sobretudo no que concerne às línguas naturais. É no final da década de 1950, com *Syntactic Structures*, de 1957, de autoria de Noam Chomsky, que a ideia de produtividade

parece ganhar mais visibilidade dentro da Linguística. Esse conceito permeia a teoria linguística proposta por Chomsky, o gerativismo.

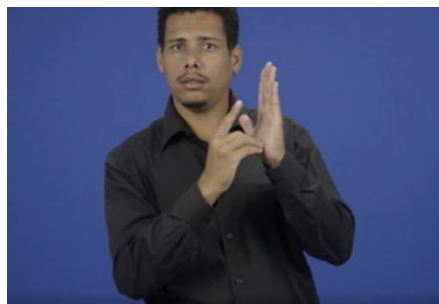
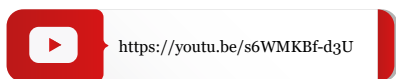
Segundo Lyons (2013, p.17), a produtividade diz respeito “à propriedade que possibilita a construção e a interpretação de novos sinais¹: isto é, de sinais que não tendo sido anteriormente encontrados e que não constam de alguma lista - seja qual for a sua dimensão - de sinais pré-fabricados, à qual o usuário tenha acesso”. A linguagem humana permite a produção e a interpretação de sentenças nunca antes produzidas e ou interpretadas, mas essa capacidade não se restringe à produção e à interpretação de novas sentenças, mas também de derivar e construir novas palavras (ou sinais, no caso das Línguas de sinais). Além disso, outro processo que se denomina em Linguística de recursividade (Cf. capítulo 8 desta Gramática, seção 8.2) está diretamente relacionado à produtividade.

A produtividade permite que, num dado sistema linguístico, os usuários produzam e interpretem um número infinito de enunciados nunca antes lidos, vistos ou ouvidos. Apenas o conhecimento que têm da língua lhes possibilita isso. Esse aspecto ganha relevância, sobretudo no processo aquisicional da linguagem pela criança, uma vez que na mais tenra idade a criança é capaz de produzir e de interpretar informações linguísticas com as quais jamais teve contato anteriormente, o que, para a teoria de Chomsky, é a prova de que a aquisição da linguagem não acontece por memorização ou por imitação.

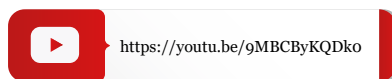
Considerem-se os dois sinais a seguir da Libras: LEI e DECRETO.



LEI



DECRETO



Em ambos os casos não se pode prever que esses sinais sempre circularam na Libras. Os sinais LEI e DECRETO, bem como PORTARIA, RESOLUÇÃO, apre-

¹ Importante notar que o termo “sinais” usado por Lyons neste contexto não corresponde ao que usualmente se trata por sinal ao se referir ao léxico da Libras ou de outras línguas de sinais, embora se aplique também a isso.

sentam alguns traços fonéticos distintos (Cf. mais sobre Fonética e Fonologia da Libras no capítulo 4 desta Gramática) e outros semelhantes. Nos quatro sinais referidos há uma base que se repete: a mão não dominante encontra-se à frente do sinalizante, contralateralmente estendida/aberta, com dedos voltados para cima. Em relação à mão dominante, esta ganha certas configurações típicas do sistema fonotático da Libras, que coincidem com letras do alfabeto manual dessa língua, o que pode se configurar como empréstimo por inicialização de letra, a saber: L (LEI), D (DECRETO), P (PORTARIA) e R (RESOLUÇÃO), respectivamente. Mais que isso: os usuários da Libras começam a derivar elementos lexicais na língua a partir dessa base que o sistema de regras da língua possibilita (mais exemplos no capítulo 5 desta Gramática).

É importante perceber que, no caso em tela, a Libras apresenta-se ao usuário como um sistema em que esse tipo de arranjo fonético/fonológico é produtivo para se referir a documentos legais (jurídicos ou administrativos) e também acadêmicos (CAPÍTULO, CURRÍCULO, NORMA). Como afirma Lyons (2013), é imperativo entender que a propriedade da produtividade, além de estar centrada na gramática (estrutura da língua), nos aspectos prosódicos (acento e entonação), paralinguísticos (ritmo, altura) e não vocais (movimentos do olhar, movimentos de cabeça, expressões faciais, gestos, postura etc.) [grifo nosso]² entram no jogo da linguagem, auxiliando na determinação da estrutura ou do significado do enunciado. Em outras palavras, a produtividade não se restringe às possibilidades de derivação ou de criação de novos itens lexicais na Libras por meio de morfemas derivacionais, mas também atua na morfologia flexional, replicando informações gramaticais, e na sintaxe da língua, de modo que sejam produzidas e derivadas sentenças novas na língua a todo momento, sem que haja dificuldades de interpretação por parte dos utentes da Libras.

2.2.2 Dualidade

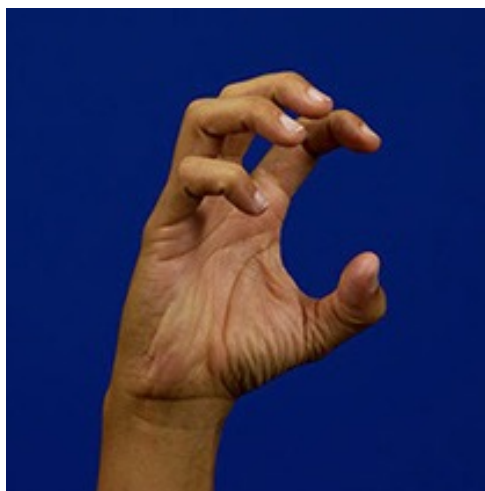
As línguas do mundo têm uma característica muito peculiar, o que as diferencia de outros sistemas de comunicação, que é a capacidade de combinar elementos menores para formar unidades maiores, sendo que cada um desses níveis possui suas regras organizacionais. A esse princípio dá-se o nome de dualidade. A título de ilustração, considerem-se os seguintes elementos: a) configuração de mão em 5_Claw; b) locação na frente da boca/nariz; c) orientação da palma voltada para o rosto do sinalizante - flexão ulnar; d) movimentos alternados tocando boca/nariz; e) leve expressão de protrusão da boca. Cada um desses elementos, isoladamente, nada significam; no entanto, quando combinados entre si, formam unidades maiores em Libras. No caso descrito anteriormente, a partir dos elementos apresentados, tem-se o sinal CACHORRO.

² Cabe esclarecer que o autor está se referindo às línguas orais no seu texto. Como sabemos, as pesquisas em Línguas de Sinais têm mostrado amplamente que, pelo menos, “movimentos do olhar, movimentos de cabeça, expressões faciais” apresentam-se nas Línguas de Sinais como importantes recursos fonológicos, morfossintáticos e semânticos constitutivos da gramática dessas línguas.



O elemento 5_Claw, todavia, vai aparecer em diversos outros sinais dessa língua, ora acionando-se apenas uma mão, ora duas, e, em cada situação, se combinando com outros elementos (ou com outros parâmetros da língua) para formar outras unidades cujos significados vão, também, ser distintos. Assim, com a configuração

5_Claw3



podemos ter, por exemplo, as seguintes possibilidades formacionais de sinais: sinais realizados com apenas uma mão; sinais realizados com as duas mãos, com movimentos simétricos; sinais realizados com as duas mãos, com movimentos

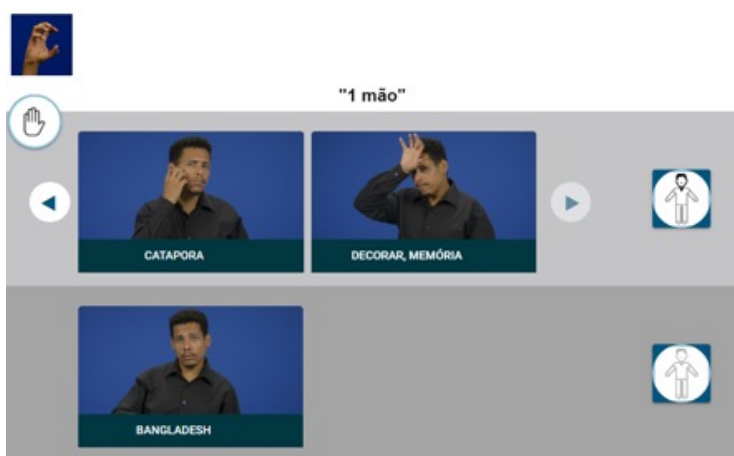
3 É importante lembrar que nem todas as possibilidades formacionais a partir dessa configuração de mão serão apresentadas aqui. Não é esse nosso propósito. Ademais, potencialmente, essa configuração, 5_Claw, pode formar infinitas unidades; logo, o que mostramos aqui são algumas poucas possibilidades de uso.

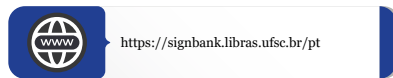
assimétricos; sinais realizados na cabeça e pescoço e sinais realizados no espaço neutro, nos membros e no tronco (podendo ser acionada uma mão ou as duas, conforme a fonotática da língua).



Veja algumas possibilidades de combinação do elemento 5_Claw com outros elementos disponíveis na Libras, para formar unidades maiores; neste caso, sinais.

- a. 1 mão
- b. duas mãos em movimentos simétricos
- c. uso do espaço neutro





Em “a” o elemento 5_Claw quando usado apenas com uma mão, direcionado à bochecha do sinalizante, mais movimento circular, forma o sinal CATAPORA. Ainda em “a”, quando o 5_Claw é executado na testa, com orientação da palma da mão para fora, forma o sinal DECORAR/MEMÓRIA, conforme se pode verificar no SignBank. Nos demais grupos de sinais presentes em “b” e “c”, respectivamente, há a mesma lógica da língua, ou seja, a partir de um elemento formacional específico da língua, inicialmente sem significado, quando combinado com outros elementos, formam unidades significativas na Libras: os sinais. A dualidade, portanto, está presente nos sinais que se constituem a partir da combinação de elementos sem significado e resultam unidades significativas da língua.

Em suma, cada língua se apropria de um inventário limitado de elementos (unidades discretas - fonemas), os quais isoladamente carecem de significado, para formar um número ilimitado de unidades linguísticas maiores, dotadas de significado, como sinais e morfemas. Estas, por seu turno, podem ser organizadas

em estruturas mais complexas, formando sintagmas, sentenças, textos. O linguista francês André Martinet (2014) chamou este processo de dupla articulação da linguagem, sendo a primeira articulação relacionada às unidades, por serem dotadas de significado, e a segunda articulação relacionada aos elementos, os quais são privados de significado. Conforme Lyons (2013, p. 16),

Todos os sistemas de comunicação possuem tais unidades primárias; mas elas não são necessariamente compostas por elementos. Somente se um sistema dispuser de unidades e de elementos ele terá a propriedade da dualidade. Aparentemente, a maioria dos sistemas de comunicação animais não tem; e os que têm são tais que as unidades não se combinam entre si como as palavras para formar sintagmas e sentenças em todas as línguas humanas.

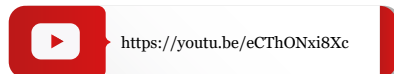
2.2.3 Descontinuidade

As línguas naturais gozam de uma característica comum que é o fato de que todas elas variam e mudam. Toda mudança linguística passa por processo de variação; no entanto, nem toda variação implica mudança. A propriedade linguística da descontinuidade, segundo Lyons (2013), opõe-se à variação contínua, ou seja, embora haja semelhanças das formas linguísticas, há, por outro lado, o que Lyons chama de identidade da forma na língua. Para efeito de ilustração, considerem-se os seguintes pares de sinais na Libras: ACHAR/AMANHÃ e ERRAR/ACONTECER.

a. ACHAR/AMANHÃ

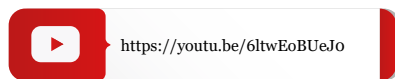


ACHAR

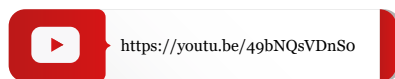




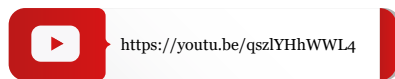
AMANHÃ



ACONTECER



ERRAR



b. ERRAR/ACONTECER

Em ambos os pares de sinais há semelhanças formais muito evidentes. No caso do par ACHAR/AMANHÃ, à exceção do parâmetro fonológico movimento, todos os demais são exatamente os mesmos: configuração de mãos, locação, orientação da palma da mão⁴. O movimento, nesse caso, para ACHAR, em geral, são

⁴ Aqui cabe um esclarecimento acerca do parâmetro Expressão não Manual: como se trata de um parâmetro que está mais relacionado a aspectos prosódicos e pragmáticos, sua presença é muito particular e dependente do contexto de uso e do sinalizante, não sendo, necessariamente, um elemento formal da descontinuidade. Talvez haja a necessidade de mais investigações sobre o papel da

dois toques na região temporal, sempre da parte superior para a inferior. Já para o sinal AMANHÃ, há um movimento também na região temporal, sendo que, em vez de dois toques como acontece em ACHAR, apenas um toque que desliza da parte superior para a inferior da região da têmpera do sinalizante.

No que concerne ao par ERRAR/ACONTECER, há no primeiro sinal um movimento de fora para dentro (do espaço neutro para o corpo do sinalizante) com dois ou mais toques da mão dominante na mão não dominante. Já em ACONTECER ocorre movimento semelhante a ERRAR, sendo, em geral, apenas um toque da mão dominante na mão não dominante.

Pode-se dizer que, nesses casos, há diferenças mínimas na forma, mas expressiva mudança no significado. Em contextos de usos mais espontâneos, é possível que essas diferenças mínimas relativas ao movimento sejam ainda mais sutis ou mesmo inexistantes; no entanto, “na maioria dos contextos, a ocorrência de uma será muito mais provável do que a ocorrência da outra, o que reduz a possibilidade de engano quando as condições para a transmissão de sinais são deficientes” (LYONS, 2013, p. 17). É justamente aí que opera a descontinuidade: nos limites da variação da forma/significado.

2.2.4 Arbitrariedade

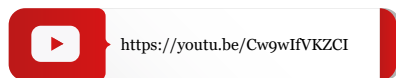
Segundo Lyons (2013, p. 15), o termo arbitrário em Linguística significa algo que é ‘inexplicável em termos de algum princípio mais geral’. Para quem está começando a estudar Linguística, isso não significa muito, ou seja, a noção de arbitrariedade não é exatamente um conceito óbvio. Tradicionalmente, os estudos linguísticos mostram que quase sempre a relação entre forma e significado, à exceção de algumas poucas onomatopeias presentes nas línguas, não se dá de modo transparente, ou seja, por meio de uma forma linguística qualquer não se pode prever o significado dela, tampouco por meio de um significado se pode deduzir uma forma linguística.

Se nas línguas orais o princípio da arbitrariedade é facilmente perceptível, nas Línguas de Sinais nem sempre a relação forma e significado se mostra de modo mais consistente. Veja, a título de exemplo, a forma LIVRO em Língua Portuguesa e na Libras:

A forma linguística LIVRO em Língua Portuguesa não exerce qualquer relação com o significado, ou seja, obra de caráter literário, científico ou artístico, composta de folhas ou páginas presas e montadas em capa flexível ou rígida ou em formato digital;

Expressão não Manual nesses contextos.

A forma LIVRO em Libras se apresenta da seguinte forma, segundo o Signbank:



LIVRO

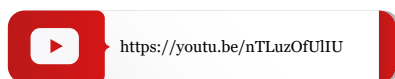
É interessante notar que no sinal de LIVRO, acima, há, em termos descritivos: um sinal realizado com as duas mãos do sinalizante, sendo a mão não dominante a representação da página do livro e a mão dominante, com configuração em L, que representa, por um lado, a palavra livro em português escrito, cuja grafia se inicia por L, e, por outro, o movimento de passar as páginas do livro quando do ato de ler. Em termos de marcas não manuais, o sinalizante usa o olhar direcionado para as mãos como sendo representação do ato de ler, em que, quase sempre, se olha para a página de papel quando se está lendo algo - isso considerando-se os livros tradicionais, impressos.

Se a arbitrariedade é a propriedade linguística que veta a relação direta entre forma e significado, no que tange às Línguas de Sinais parece ser relevante não “cair na tentação” de se crer que cada sinal está estritamente ligado à forma manual. Exemplo disso é o fato de que: i) em Libras outros sinais são possíveis para LIVRO; ii) com o advento dos livros digitais, ainda assim o sinal para designar LIVRO pode ser o mesmo, embora o jeito de “passar as páginas” seja outro - deslizando dedo para leitura em tela de smartphones e tablets e clicando em setas para notebooks e computadores; iii) no caso de leitores cegos, em que se usa o tato e não a visão para se proceder à leitura, o uso do olhar para as mãos para realizar o sinal de LIVRO não parece fazer sentido.

Dessa forma, a questão da arbitrariedade nas Línguas de Sinais é analisada considerando-se a iconicidade que integra tais línguas. Por um lado, ser arbitrário está associado à independência entre forma e significado e, por outro lado, a iconicidade é um princípio que manifesta uma transparência entre o sentido e a forma. No entanto, as Línguas de Sinais apresentam sinais altamente arbitrários em que não há indícios de possíveis relações entre a forma e o seu significado, assim como a própria iconicidade é arbitrária, mesmo havendo transparência. A exemplo, a classe gramatical de classificadores considerada altamente icônica nas Línguas de Sinais é de aquisição tardia tanto no processo de aquisição da linguagem em

crianças surdas, como para aprendizes de Línguas de Sinais como segunda língua (QUADROS, 1997).

Em síntese, pode-se dizer que o caráter arbitrário das línguas é uma convenção. Para ser fiel a Saussure, dizer que a relação entre significante e significado é convencional significa admitir que inexistente conexão natural entre as propriedades físicas da imagem acústica (ou visual para as Línguas de Sinais) de um dado signo e a representação mental a que esse signo se associa. Outro exemplo que ilustra este caráter arbitrário é o sinal CONHECER:



O uso da configuração da mão em 4 associada à localização no queixo e ao movimento intermitente não apresentam nenhuma relação transparente com o seu significado. É um exemplo de sinal, portanto, altamente arbitrário.

Ainda para Lyons (2013, p.16), no contexto linguístico, a arbitrariedade não se restringe à ligação entre forma e significado. Aplica-se também, consideravelmente, à grande parte da estrutura gramatical das línguas, na medida em que estas se diferem gramaticalmente umas das outras. Se assim não fosse, seria muito mais fácil aprender uma língua estrangeira do que realmente é.

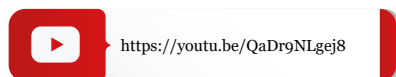
Sob esse ponto de vista, o da arbitrariedade da estrutura gramatical, parece relevante refletir sobre o mito que circula na sociedade de que deveria existir uma única Língua de Sinais para todos os países, hipótese que é facilmente contestada em razão de que as línguas, antes de qualquer coisa, refletem a cultura de um povo.

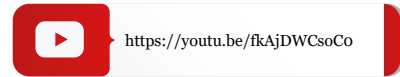
2.2.5 Iconicidade

É frequente em estudos e ou discussões sobre Línguas de Sinais a afirmativa de que essas línguas são icônicas. E isso não é uma inverdade, mas é importante ressaltar que não apenas as Línguas de Sinais têm a propriedade da iconicidade;

as línguas orais também gozam dessa característica. Cabe destacar que o fato de as línguas apresentarem iconicidade não anula a arbitrariedade. Na verdade, essas duas propriedades coexistem nos sistemas linguísticos. Para Valli e Lucas (2002), por muito tempo a ideia fantasiosa de que a iconicidade colocava as Línguas de Sinais como um conjunto de “imagens no ar” (“pictures in the air”) foi superada a partir do momento em que os estudos da linguagem passaram a entender que os sinais são unidades linguísticas, ou seja, não são imagens representadas na cabeça do sinalizante. Na verdade, para os autores Valli e Lucas (2002), enquanto a iconicidade dos sinais é interessante e importante, ela representa apenas um aspecto da língua, (VALLI; LUCAS, 2002, p.7). Embora os autores se refiram à Língua Americana de Sinais (ASL), isso se aplica a qualquer Língua de Sinais.

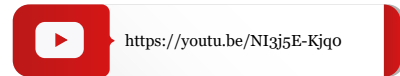
O trabalho de Taub (2001) apresenta uma série de possibilidades de iconicidade para as Línguas de Sinais, embora não seja uma lista finita, nem poderia ser, dada a dinâmica dessas línguas. Para a autora, entidades físicas podem ser usadas para representar elas mesmas. Considerando que o corpo dos sinalizantes está sempre presente no momento da expressão linguística, é comum que eles usem partes do corpo para denominá-las, por exemplo. Assim, em Libras, os sinais para cabeça, para pernas e para pés apresentam transparência entre a forma e o significado. No entanto, mesmo assim, eles são convencionalizados. É interessante que esta transparência é também representada de forma convencionalizada, pois difere entre Línguas de Sinais. A exemplo, o sinal para CABEÇA pode envolver a simples indicação direta da cabeça (o primeiro exemplo) ou ser transposta para a mão para indicar a cabeça se movendo com o sentido de concordância (o segundo exemplo) do par apresentado a seguir:



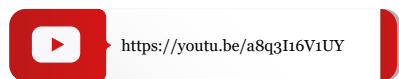


Embora ambos os sinais apresentem transparência entre a referência e a forma, ainda assim, foram convencionalizados na Libras.

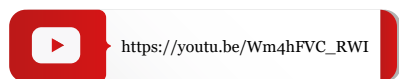
Da mesma forma que o exemplo LIVRO, apresentado na seção sobre arbitrariedade, vários sinais podem ter tido uma motivação icônica ao serem criados em uma dada língua, mas podem perder completamente a transparência ao longo de sua existência. Sinais como MATAR, MORRER, LEITE, entre outros, não estão relacionados à forma inicial que os motivou, embora possa haver histórias que busquem tais motivações ao se falar sobre tais formas.



Em MATAR, apesar de haver uma motivação entre a forma de segurar uma faca e cravá-la no outro, é um sinal usado para quaisquer formas de MATAR, perdendo a sua relação com a forma de MATAR. Pode-se dizer que um ladrão matou alguém usando outro tipo de arma, mas usando o mesmo sinal acima.



O sinal MORRER foi motivado pelo corte da cabeça na sua forma, mas é usado para qualquer genérico da palavra MORRER; por exemplo, pode avisar que alguém que estava doente no hospital acabou morrendo, usando esta mesma forma.



O sinal LEITE foi motivado pela forma de tirar leite da vaca. No entanto, as crianças podem não ter este conhecimento e, mesmo assim, usam o sinal de LEITE para pedir a mamadeira ou um copo de leite que é servido da caixinha.

Outro fator importante é que a aquisição de todos estes exemplos não perpassa a “imagem” que esteve em algum momento relacionada à realidade ou à experiência que os motivou.

De qualquer forma, a iconicidade apresenta uma base importante das Línguas de Sinais. Estudos recentes têm apontado para a questão da modalidade e o seu impacto nas formas dessas línguas. Parece haver uma relação intrínseca entre os articuladores das Línguas de Sinais que são usados nos sinais no próprio corpo e acessados visualmente, ao se compor as relações gramaticais nestas línguas. Por exemplo, o uso do corpo, das mãos, do espaço compreendido na composição dos sinais e das sentenças se aproveitam da visualidade e da iconicidade para tornar os sentidos mais claros. No capítulo 8, por exemplo, ao discutirmos as relações semânticas entre as orações na composição de unidades complexas, observamos que a base icônica de tais relações está presente de forma altamente complexa,

tornando o sistema muito articulado sintaticamente. A direção do olhar combinada com o posicionamento do corpo pode estar associada a uma parte da oração e o contraste estabelecido por meio da mudança desta direção com reposicionamento do corpo marca a outra oração, indicando uma disjunção, por exemplo. De forma altamente complexa, a iconicidade está presente manifestando o seu uso linguístico para fins de estabelecimento das relações sintáticas e semânticas.

2.2.6 Linearidade e simultaneidade

A linearidade é um princípio que é observado nas línguas de modo geral, pois elas combinam elementos sequencialmente. A Libras apresenta combinações de elementos em dois eixos possíveis: um de linearidade e outro de simultaneidade. No eixo da linearidade, as sequências dos elementos que compõem os sinais e as orações acontecem linearmente por meio de suspensões e movimentos, um depois do outro, formando um sinal ou uma sequência de sinais. No entanto, a Libras apresenta também o eixo da simultaneidade, pois além da combinação sequencial, vários elementos se combinam simultaneamente: as mãos apresentam configurações associadas à locação, à orientação, aos movimentos e às marcações não manuais de forma simultânea ao produzirem sinais e, até mesmo, orações. Além disso, existe a possibilidade de realizar sinais associados a cada mão em paralelo (QUADROS, 2019).

Vejamos a seguir um exemplo em nível lexical e outro em nível oracional para ilustrar as propriedades de linearidade e simultaneidade.

ANTERIORMENTE



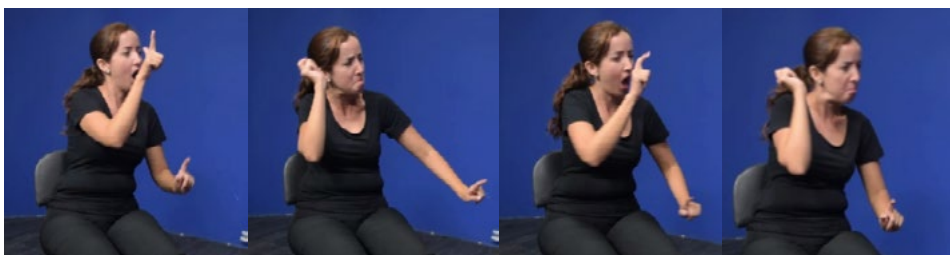
O sinal ANTERIORMENTE utiliza duas mãos, uma que se mantém estável (neste exemplo a mão esquerda) e a outra (a mão direita) que está associada a dois tipos de movimento, um deles estabelecendo uma trajetória que inicia na mão esquerda e vai em direção ao ombro esquerdo do sinalizante e o movimento dos dedos da mão. O movimento associado à trajetória indica um período. O movimento

dos dedos indica intensidade que está associada a um longo período, combinado também com a marcação não manual, na qual as bochechas inflam produzindo um escape do ar ao longo da trajetória do sinal e do movimento dos dedos, assim como os olhos semicerrados que indicam também algo que já aconteceu em outro período. Estas informações acontecem simultaneamente, mas, em paralelo, o início do movimento da mão direita e o final apresentam uma linearidade.

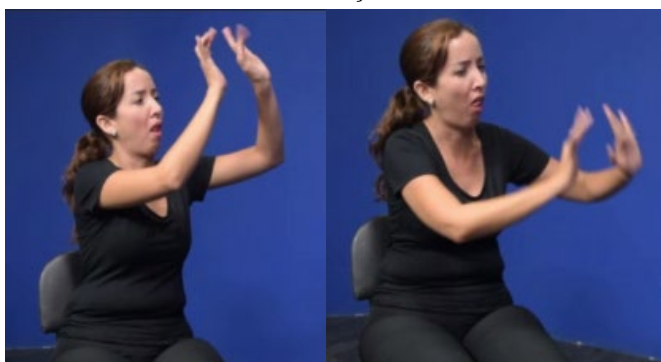
No exemplo a seguir, temos uma oração complexa produzida linearmente e simultaneamente:

JOGAR

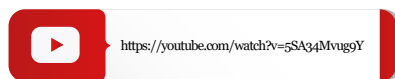
JOGAR



ESTILHAÇAR



JOGAR JOGAR ESTILHAÇAR
(o menino) atirou (pedras) (na
vidraça) que se estilhaçou



A sinalizante produz uma oração complexa com os sinais em sequência. Há, também, a posição inicial e final de cada sinal, assim como a configuração de mão inicial e final de cada sinal, produzidas linearmente. Simultaneamente, ela produz cada sinal associado a uma configuração de mão, a uma locação, movimento de trajetória e marcação não manual (posicionamento do corpo e expressão facial, incluindo a direção do olhar, a boca, as sobrancelhas e a língua).

A simultaneidade é uma propriedade inerente das Línguas de Sinais. Apesar de se reconhecer a prosódia como simultânea em línguas faladas, nas Línguas de

Sinais, esta simultaneidade integra os sinais e as orações para além da prosódia. No exemplo acima, o sinal JOGAR, que foi produzido duas vezes, incorpora simultaneamente a informação de ‘alguém’ jogar ‘em um determinado lugar’ ‘de uma determinada forma’. Informações incorporadas são observadas também no sinal ESTILHAÇAR: ‘algo’ estilhou ‘de cima para baixo’ ‘de forma gradual’. A interpretação de cada elemento incorporado é definida contextualmente, uma vez que os elementos incorporados não foram explicitados na oração.

Nos estudos das Línguas de Sinais, a linearidade e a simultaneidade sempre são analisadas, pois são propriedades que sempre estão presentes.

Desta forma, as propriedades linguísticas na Libras, assim como em quaisquer outras línguas, vão ampliando a Linguística no sentido de incluir aspectos que antes não haviam sido atentados nas línguas faladas. É uma espécie de ganho surdo por meio dos estudos das Línguas de Sinais.

As pesquisas com a Libras têm se fortalecido com a política que a reconhece como Língua Nacional no Brasil. Além disso, o fato de dispormos de ferramentas tecnológicas que favorecem a análise de produções em sinais também se tornou um aliado na produção de pesquisas com Libras. A tecnologia é uma aliada muito importante, pois permite que vídeos em libras sejam analisados por meio de ferramentas disponíveis online, gratuitamente, como o Sistema de Anotação ELAN (<https://www.mpi.nl/corpus/html/elan/>). No Brasil, os pesquisadores já começam a integrar o uso deste sistema de notação em suas pesquisas (MACCLEARY; VIOTTI; e LEITE, 2010; QUADROS; PIZZIO, 2007; QUADROS, 2016). Os avanços metodológicos também têm possibilitado um estudo mais detalhado e aprofundado da Libras. Já contamos com um Identificador de Sinais com identidades predefinidas para cada sinal, para padronizar o uso de glosas para os sinais transcritos em diferentes corpora da Libras por meio de um banco de sinais, o Signbank (<https://signbank.libras.ufsc.br/#/>) (QUADROS, 2016). Também a constituição do Corpus de Libras passou a oferecer: i) um corpus de Libras para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas; ii) um conjunto de diretrizes para o registro e arquivamento de dados e metadados relativos ao uso da libras; e iii) um programa online para acesso aos dados e metadados do corpus. Essa área se ampliou também com a presença de vários novos pesquisadores, atualmente produzindo suas dissertações e teses de doutorado sobre a Libras, garantindo a documentação da Libras que é, por exemplo, socializada por meio desta gramática. O uso de tais tecnologias, como o Signbank, como o Corpus de Libras e como o ELAN, viabilizam, por exemplo, a presente gramática.

Além das perspectivas que se abrem para várias pesquisas sobre a Libras no campo da Linguística, temos as produções nas interfaces com outros campos de investigação. As produções que envolvem interfaces com pesquisas no campo dos Estudos da Tradução também apresentam novas frentes de investigação; por exemplo, Santos (2014); Krusser (2017); Pereira (2014); Machado (2017); Segala

(2010); Fleury (2018); Pimenta (2012, 2019) e Pinheiro (2019). Todos esses trabalhos envolvem pesquisas no campo dos Estudos da Tradução e a tradução ou a interpretação de Libras, com vários pesquisadores surdos.

Além dessa interface, temos vários estudos no campo da Linguística Aplicada, analisando a educação bilíngue, a aquisição e o ensino de línguas, a leitura e a escrita (entre eles, citamos Sousa, 2008; 2012; Pereira, 2005; Pereira; Rocco, 2009; Nascimento, 2008; Favorito, 2006; Gesser, 2006; Costa, 2001; Quadros, 1997). Destaca-se a organização do Currículo de Ensino de Libras como L1 organizado por Stumpf e Linhares (2021) e o Portal de Libras (<http://portal-libras.org>), disponibilizado em 2022.



Dentro da própria Linguística, percebemos que as pesquisas começam a adentrar novas áreas de investigação para além da Fonologia, Morfologia e Sintaxe; produções começam a prometer publicações nos campos da Sociolinguística, Políticas Linguísticas, Semântica, Pragmática, Análise do Discurso e Semiótica. O espaço é bastante profícuo. O futuro promete muitas pesquisas com muitos novos e velhos pesquisadores de Libras. Os dois grandes trunfos são o da tecnologia, que nos brinda com novas formas de olhar para a Libras, e a presença de mais e mais pesquisadores surdos, que nos presenteiam com o olhar dos próprios surdos sobre a Libras. Neste contexto, materializa-se neste volume a Gramática da Libras.

Capítulo 3

A circulação da Libras e aspectos socio-históricos

Alexandre Melo de Sousa - UFAC
Ana Regina e Souza Campello - INES
Anderson Almeida-Silva - UFDPar
Carlos Roberto Ludwig - UFT
Diná Silva - UECE
Jair Barbosa da Silva - UFAL
Marianne Rossi Stumpf - UFSC
Rodrigo Nogueira Machado - UFC
Ronice Müller de Quadros - UFSC

3.1 A Libras no Brasil

3.1.1 A Libras e as Comunidades Surdas

Ana Regina e Souza Campello e Ronice Müller de Quadros

A Comunidade possui vários significados e sua constituição depende do contexto, lugar, língua, crença, cultura, linguagem, religião, alimentação e de identidades. Por exemplo, a comunidade só surge quando há “Cultura” e “Língua” constituídas, juntas ou não. Cada comunidade possui vários significados, mas podemos sintetizar dizendo que é tudo que simboliza aquilo que é aprendido e compartilhado pelas pessoas de um determinado grupo e que confere identidade ao grupo.

Por exemplo, no caso dos surdos, que integram as Comunidades Surdas, compostas não apenas por sujeitos surdos, mas por qualquer membro da família, intérpretes, professores, amigos e outros que possuem interesse e lutam em prol da valorização da Pessoa Surda e do apoio aos indivíduos surdos de diversas formas, sendo efetuado em uma determinada localização de encontro, no qual há uma troca mútua do saber, em que todos aprendem juntos, no mesmo espaço ou em um determinado grupo de diferentes instituições, estados, regiões, cidades e de bairros. Podem ser encontrados nas Associações de Surdos, escolas, ponto de encontro nos shoppings, praças e bares.

A partir da perspectiva política com um viés socioantropológico, definimos a pessoa surda como aquela que tem uma Identidade Cultural Surda, valoriza o encontro surdo-surdo e se empodera enquanto grupo social. A questão da surdez é uma marca vista como identitária e não como uma referência patológica. Ser surdo é integrar as Comunidades Surdas utilizando uma ou mais Línguas de Sinais.

Toda criança Surda quando nasce, constrói seu mundo a partir de experiências vividas e, sem som, ela aprenderá de forma diferente e precisará de um trabalho intensivo em Libras para desenvolver sua personalidade, cultura e identidade como lhe convém, de acordo com a pesquisa.

No Brasil, usamos a Língua Brasileira de Sinais - Libras -, uma língua utilizada em todo o território brasileiro por várias Comunidades Surdas, de norte ao sul, do oeste ao sudeste. Os surdos brasileiros usam a Libras como língua nacional, mesmo com todas as suas variações linguísticas. A Libras é um dos aspectos mais importantes da Cultura Surda.

3.1.2 História da Libras

Ana Regina Campello

O professor e primeiro diretor Surdo do Instituto Nacional de Educação de Surdos, como coloca Moura (2000, p.81-82):

[...] se deu através de Língua de Sinais, pode-se deduzir que ele utilizava os Sinais e a escrita, sendo considerado inclusive o introdutor de Língua de Sinais Francesa no Brasil, onde ela acabou por mesclar-se com a Língua de Sinais utilizada pelos Surdos em nosso país. O *currículo* por ele apresentado, em 1856, colocava disciplinas como Português, Aritmética, História, Geografia e incluía “Linguagem Articulada” e “Leitura sobre os lábios” para os que tivessem aptidão para tanto.

Figura 1: Foto de Eduard Huet



Fonte: <https://cultura-sorda.org/eduard-huet/>

No texto de Bacellar (p.83), publicado em 1926, a data da constituição da Língua de Sinais Brasileira se fixou em primeiro de janeiro de 1856, com o programa de ensino aos alunos surdos, ambos de 10 (surdo) e 12 (surda) anos, no Colégio Vassimon. O Marquês de Abrantes foi incumbido de acompanhar o trabalho do Professor Huet e escreveu uma carta para Dom Pedro II, aos seis de abril, relatando os êxitos dos resultados e cumprimento dos deveres. Ele se empenhou na tarefa de formar uma Comissão de pessoas importantes para promover a fundação de um Instituto de Educação de Surdos Mudos.

Portanto, pode-se afirmar que a base da Língua de Sinais Brasileira foi a Língua de Sinais Francesa; antes disso não se pode afirmar a pré-existência da Língua de Sinais brasileira nos territórios brasileiros, devido à ausência de registro dessa língua que é visuoespacial. A influência da LSF – Língua de Sinais Francesa – no território brasileiro é confirmada por meio das obras didáticas para surdos (possibilitou o entendimento dos ensinamentos aos surdos), traduzidas e adaptadas para a Língua Portuguesa e publicadas aqui no Brasil (19 anos depois da fundação do INES), segundo a pesquisa do Dr. Arnaldo de Oliveira Bacellar, em seu livro “A Surdo Mudez no Brasil”, de 1926.

As metodologias e gramáticas publicadas reforçam um modelo ou padrão da língua, da LSF – Língua de Sinais Francesa –, de 1857, que determinam a mudança das regras dos variantes que eles já dominavam anteriormente, provavelmente uma **protolíngua, ou os elementos linguísticos, como gesto, pidgin, iconicidade, para se comunicarem; indícios da existência da LSB – Língua de Sinais Brasileira**. É o reflexo da mudança da organização social, cuja ferramenta da língua, por força da ideologia, se sobrepõe à execução da normalização dessa língua.

Assim como apresentado por Campello (2011) e Campello e Quadros (2010), a Iconografia, naquela época, significava colocar à disposição do povo e, por isso, o dicionário se apresentava como instrução popular. O sentido foi de disseminar a obra para gerar impacto e conscientizar da necessidade de se comunicar com os ouvintes e vice-versa.

Foto 2: Capa da Iconografia dos Sinais - Versão Francesa



Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t53701208>

Comparado ao original “Iconographie des signes”, de P. Pelissier, membro ativo de “la Société Centrale d’Education et d’Assistance des Sourds-Muets” e professor de surdos-mudos do Instituto Imperial de Paris, em 1856, a obra “Iconographia dos signaes dos surdos mudos”, pelo surdo Flausino José da Gama, em 1875, é uma cópia na íntegra do material com a tradução do francês para a Língua Portuguesa, ou seja, os sinais foram copiados um a um, traduzindo-se apenas as palavras do francês que os identificavam.

Foto 3: Capa da Iconografia dos Sinais - Versão Brasileira

Fonte: <https://docplayer.com.br/68002293-Patricia-tuxi-dos-santos.html>

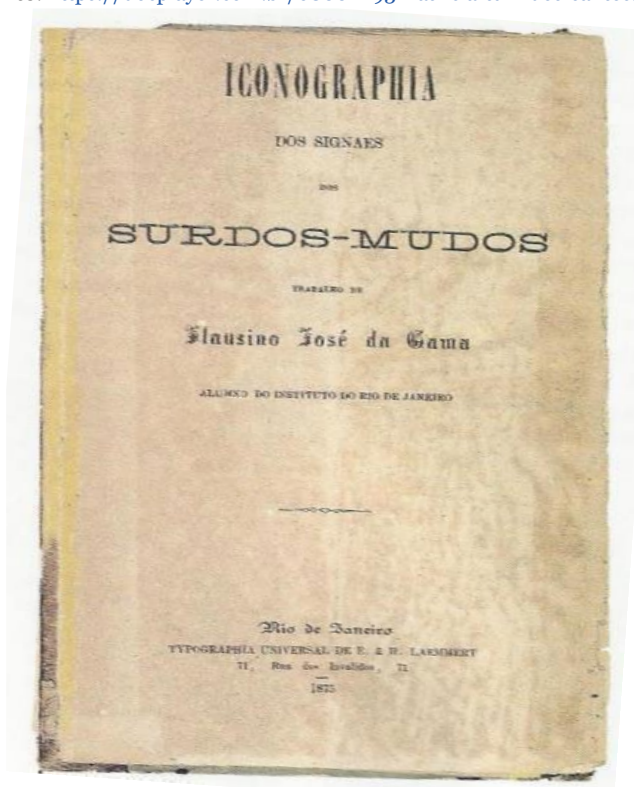
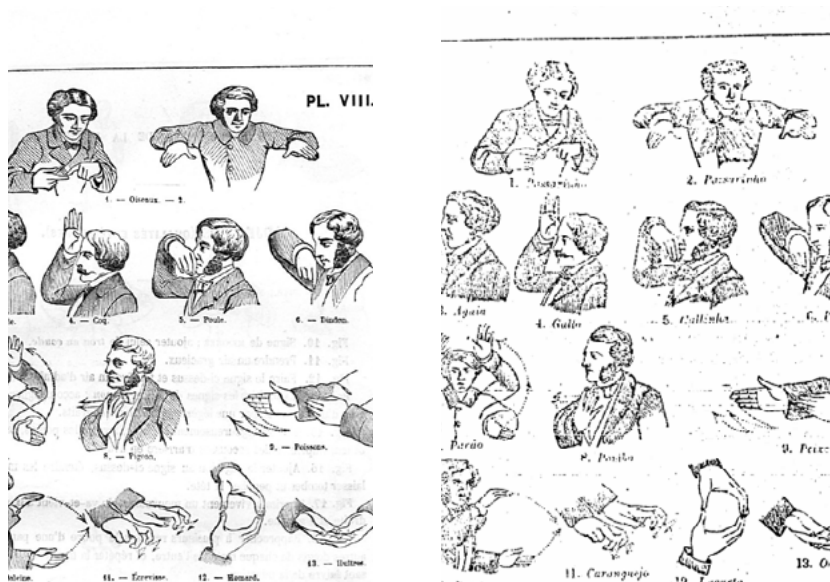


Figura 2: Comparação de uma página nas duas versões da Iconografia dos Sinais



Também houve o recenseamento dos surdos existentes no Brasil em 1872, 1890, 1900 e 1920, que, segundo a tese de doutorado de Arnaldo de Oliveira Baccellar “A Surdo Mudez no Brasil”:

“(…) resultado conhecido em meados de 1924. Neste trabalho verificou-se que existiam no Brasil 26.214 surdos mudos, em uma população total de 30.635.605 habitantes, o coeficiente de 8,56 para 10.000, ou seja, aproximadamente, 1 surdo mudo para 1.168 habitantes. Destes 26.214 surdos mudos, 14.525 são do sexo masculino, e 11.689 do feminino, dando uma relação aproximada de 100 surdos mudos do sexo masculino para 80 do sexo feminino(…)”.

Nos sessenta e nove anos atrás, após a chegada de E. Huet aqui no Brasil e da criação da primeira escola de surdos, o recenseamento forneceu um resultado em 1924 que mostrou que tinha um surdo para cada mil habitantes. Antes da criação da escola de surdos, eles já eram conhecidos. Mesmo sem rosto, sem nome, sem sinal conhecido de batismo[1], sempre existiram ali e usavam a sua própria língua para se comunicarem antes da influência da LSF.

Antes da criação das diversas associações de surdos, sempre existiram os surdos, em diversos lugares, como nos pontos de encontros, os “points”, o encontro para “bate papo” e estes encontros “funcionavam também como divulgadoras da Língua de Sinais e como identificadoras da capacidade do surdo como cidadão.” (DELATORRE, Revista da FENEIS, 1999).

Independentemente da criação da escola ou do seu ingresso na vida educacional ou nas associações de surdos, os sinais eram sempre rudimentares e pouco desenvolvidos, porque a maioria era filho de pais ouvintes, o que prejudicava ou adia a sua aquisição de uma língua adquirida tardiamente. Quando os surdos se encontravam, os sinais rudimentares, “domesticados”[2], vão se aperfeiçoando. Os surdos, na sua visualização, começavam a perceber e aproveitavam para utilizar o “prestígio” da Língua de Sinais e estes se transformam em “uma estrutura lingüística [sic] rica e complexa, assim como quaisquer línguas humanas” (QUADROS, 1997).

[1] Sinal convencionado para denominar os nomes das pessoas. Os nomes próprios na língua falada são emitidos sonoramente e escritos, enquanto na Libras, os sinais são convencionados de acordo com as características das pessoas.

[2] Sinais convencionados e criados pelos surdos sem contato com os nativos da Libras e também são criados pela Comunidade Surda de acordo com o ambiente lingüístico.

3.1.3 Cultura e Identidade surdas

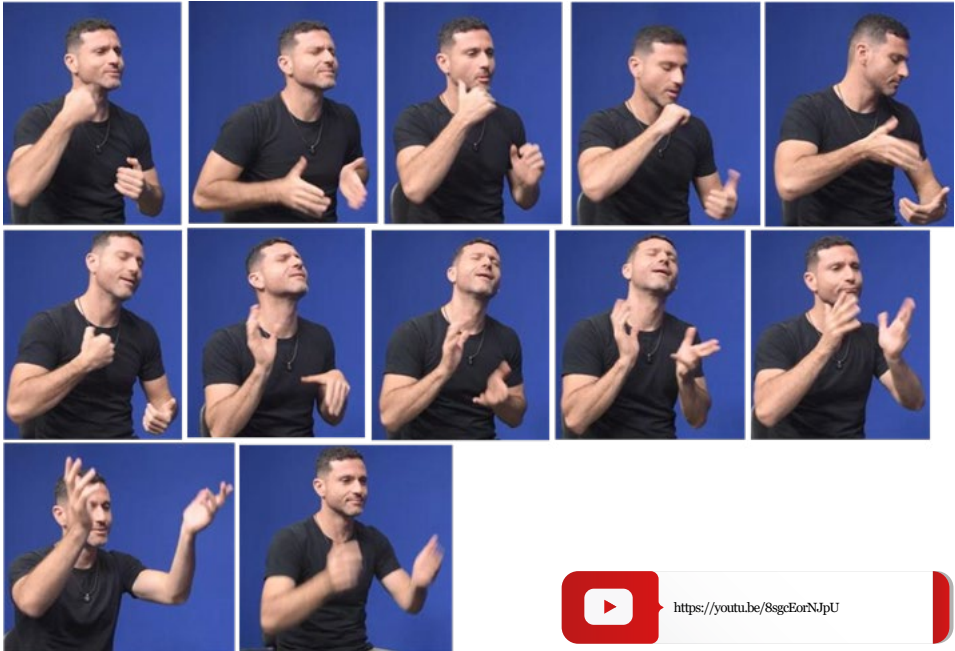
Ana Regina Campello e Ronice Müller de Quadros

Strobel (2008) define a Cultura Surda como parte intrínseca do Povo Surdo que é considerado como grupo de pessoas surdas que compartilham a mesma língua, histórias, costumes, tradições e interesses semelhantes, enfim, uma origem em comum e um código ético visual.

A Cultura Surda pode ser caracterizada por artefatos culturais, ou seja, os comportamentos diferentes que se tornam peculiaridades, referentes à maneira de ser, agir, sentir, entender e mudar o mundo através de sua cultura. Os oito (08) artefatos culturais, segundo Strobel (2008, p. 38), são:

a) Experiência visual, na qual os surdos expressam e comunicam com os demais o seu interior de forma simbólica e expressiva. A visão é o único canal de enxergar o mundo e é muito mais profundo do que enxergar apenas; e tem toda uma interpretação de cada situação vista e todo seu contexto, para compreender o que acontece a cada instante. Além do ambiente externo e seus fatores que dão auxílio no campo visual, as expressões faciais (pelas quais é demonstrada a prosódia em Língua de Sinais [CASTRO, 2019]), auxiliando na compreensão se o que está sendo transmitido é uma afirmação, interrogação, negação etc), a oralidade (movimentação dos lábios, um dos componentes lingüísti-

cos) e corporais são de extrema importância, tanto quanto as acessibilidades visuais que se fazem necessárias para compreensão da situação (com mais placas, vibrações, luzes, sinais etc).



b) Linguístico, assim como a Língua de Sinais, esta que já é utilizada e comunicável por diversos surdos e também aquela conhecida por sinais caseiros, criados para compreensão de palavras básicas essenciais, geralmente utilizadas por surdos pertencentes à área rural, periféricas e das escolas inclusivas. O processo de aquisição da Libras ocorre de maneira natural e facilitada, quando a criança surda possui pais surdos, diferentemente da aquisição de linguagem dos pais que são ouvintes. A transmissão da cultura é importante porque tem como transmitir e inserir a criança nesse meio e, por esse motivo, é essencial que os pais levem a criança a uma Comunidade Surda, para que ela possa se identificar, diminuir suas indecisões como “Ser Surdo” e outras dúvidas, aprender sua cultura, entre outras qualidades que a comunidade traz aos seus participantes, a Libras, língua reconhecida como meio de comunicação em abril de 2002, mas há variações linguísticas e históricas de acordo com a característica local e cultural. Possuímos também a Língua de Sinais representada em forma escrita, conhecida no Brasil como ELS (Escrita em Língua de Sinais).



“Na verdade eu nasci surda em uma família de surdos. Meus pais, irmãos, todos surdos, morando juntos. Por eu nascer surda neste ambiente, minha aquisição foi natural, minha Língua Materna é a Língua de Sinais. Eu fui aprimorando a língua com o tempo, não tive um exato período onde me descobri como surda ou algo assim. Me desenvolvi de maneira solta, livre. Eu percebia uma diferença quando encontrava outros familiares ouvintes, mas era natural meu convívio nas duas comunidades. Minha família, principalmente meu pai, usa sinalização, usa gestos. Meus pais utilizam essas maneiras para se comunicar e sou muito ligada a isso, como a minha geração da família.

Diferentemente da família da minha mãe, que usa mais da oralidade. Eu dificilmente tenho contato com eles. Eu ficava mais em casa; algumas vezes frequentava algum evento na associação. Ao nascer eu estava pronta para a Língua de Sinais.” (Trecho da entrevista com Marisa Lima sobre a história de aquisição da Língua de Sinais, *Corpus de Libras*, <https://corpuslibras.ufsc.br/inicio>)



“Não sei exatamente como começou. Tenho familiares surdos; minha mãe sinalizava para mim, assim fui adquirindo. Foi um contínuo. Minha mãe já sinalizava comigo desde o nascimento. Depois de um tempo, minha mãe percebeu que eu era pequeno. Ela não sabia por quê; até que me pegou no colo e bateu palmas. Eu não ouvia nada. Foi assim que descobriram minha surdez, já que meus familiares são surdos. Bastante surdos. Agora não sei informar com exatidão o total. Parece que são vinte e um familiares surdos. Dentre eles meu pai, mãe, avós, tios, entre outros.” (Trecho da entrevista com Rimar Segala sobre a história de aquisição da Língua de Sinais, *Corpus de Libras*, <https://corpuslibras.ufsc.br/inicio>).



“Eu comecei com a idade de 15 para 16 anos. E com 16 anos comecei a aprender adquirindo os sinais, porque antes eu tinha um amigo surdo que eu e ele éramos oralistas. E durante o nosso crescimento, ele saiu da nossa amizade e eu cresci sozinho oralizado. Mais tarde, ele voltou e fiquei surpreso, porque ele era meu amigo de infância. Ele estava sinalizando e eu era oralizado; e passamos a conversar em sinais. Eu estava curioso e, aos 16 anos, fui convidado para ir ao shopping e lá vi muitos surdos sinalizando e não entendi nada. Eu era oralizado e não os entendia nada, mas fui adquirindo os sinais aos poucos; mas aos 16 anos comecei a aquisição de verdade e depois fui progredindo”. (Trecho da entrevista com Thiago Albuquerque sobre a história de aquisição da Língua de Sinais, *Corpus de Libras*, <https://corpuslibras.ufsc.br/inicio>)

c) Família, que é um núcleo onde se dá a inserção e a aceitação da criança surda em seu aspecto familiar. Como, por exemplo, uma família surda, ao receber uma criança surda, não a vê como um problema social, mas como uma dádiva, aceitando-a e inserindo-a na Cultura Surda, para que possa desenvolver-se; ao contrário da criança nascer surda em uma família ouvinte e não haver essa aceitação e inserção; logo é constatado que essa criança pode crescer com dúvidas a respeito sobre a pessoa e sua língua.

“Porque, quando eu era jovem, eu aprendi a Libras quando



eu tinha 12 anos, junto com o meu vizinho que era idoso. Eu o via sempre e tinha muita vontade de aprender Libras. Eu fugia de casa, porque a minha família não aceitava Língua de Sinais, que no passado tinha a influência do oralismo e da comunicação através do oralismo. Eu fugia e ia à casa

dele e via muitos surdos de idade e tinha muita curiosidade e indagava muito sobre os determinados e vários sinais e daí me ensinaram que o meu sinal seria assim (o mesmo traço de sinal da Ronice Quadros com os dedos abertos). Sabe por quê? Eu sempre puxava (ou alisava) os fios de cabelo toda vez que eu fingia que entendia os sinais quando falavam para mim. Depois fui à Associação de Surdos lá na Bahia, eu os olhava em minha volta, muitos surdos conversavam por sinais e eu continuava fingindo que entendia (e puxando os fios de cabelo) e perguntava sobre as coisas que não entendia. Aí depois os surdos me deram este, o meu sinal de batismo.” (Trecho da entrevista com Larissa Silva sobre a história de aquisição da Língua de Sinais, Corpus de Libras, www.corpuslibras.ufsc.br)

d) Literatura Surda que expressa toda a Cultura Surda e sua Identidade em diferentes gêneros literários: poesia, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, fábulas, clássicos, contos, romances e outros. Registra as conquistas ou dificuldades referentes ao preconceito dos ouvintes que o Povo Surdo enfrenta, testemunhando e passando de geração a geração de forma implícita (narrativa mais literária e de bastante interpretação) ou explícita (deixam claro o que acontece, como os livros escritos pelos surdos que relatam a história do Povo Surdo) e todos os feitos ocorrentes em determinado contexto histórico e valorizando a Cultura Surda.

Vídeo do poema da Lei de Libras de Aulio Nóbrega



e) Das artes visuais, nas quais o Povo Surdo expressa sua subjetividade, emoções, cultura, histórias através das artes visuais, esculturas, teatro, filmes, músicas em Libras (sem

som e com uso das luzes), pinturas, entre outros com finalidade de que o povo ouvinte possa saber olhar e interpretar a Cultura Surda, assim, a sua valorização. A música que é algo raro para o Povo Surdo, mas nessas condições ele normalmente sente as vibrações; porém, as músicas ouvintizadas são substituídas por feixes de luzes em diversas cores que emanam de acordo com os tons, timbres e ritmos expressados de outras formas artísticas.

f) A vida social e esportiva são as maneiras intrínsecas para se comunicar e se integrar com os demais, socializando nas festas ou programas sociais ou também na prática de esportes. Para a socialização, os surdos reconhecem as pessoas como os surdos e os ouvintes, não se preocupando com o grau da surdez, pois sabem perceber a identidade cultural que o surdo demonstra. Para essa identificação, há um comportamento generalizado e em comum em uma determinada Sociedade Surda; um exemplo de comportamento generalizado é o batizado do sinal e da localização. Na área esportiva, há um grande avanço em relação à expansão e adaptações para o Povo Surdo, do futebol a diversos esportes; após o sucesso na área esportiva para os surdos, foi investido em diversos eventos esportivos, como a Olimpíada de Surdos do Brasil - Surdolimpíada e a Olimpíada Mundial dos Surdos - Olympics, entre outros.

g) Política, que define pelo Povo Surdo; é a luta e o apoio a diversos movimentos a favor do Povo Surdo e de seus direitos e de cidadania, geralmente realizados dentro das associações de surdos. Atualmente existem várias entidades que exercem a Política Surda, como, por exemplo, a FENEIS (Federação Nacional de Educação de Surdos, que luta em prol da educação bilíngue) e também a FMS (Federação Mundial dos Surdos), Confederação Brasileira de Desportos de Surdos - CBDS, pela prática desportiva; Centro de Integração de Arte e Cultura dos Surdos - CIACS, pela prática artística, entre outras. Também há grande participação social da Cultura Surda com movimentos improvisados, lutando por um objetivo em comum. Exemplo dos “Dia do Surdo”, “Setembro Azul” e “Dia Internacional de Língua de Sinais”, que são comemorados sempre no mês de setembro como um marco

histórico para o Povo Surdo brasileiro.

h) Os materiais que são objetos que auxiliam e dão maior acessibilidade ao Povo Surdo para vencer as dificuldades cotidianas de hoje. Por exemplo, o celular, cujo vídeo pode ser utilizado para se comunicar visualmente em substituição à escrita; outro exemplo também são as videoconferências em palestras, congressos, cursos à distância com transmissão ao vivo com presença ou não de intérprete / tradutor; video-prova em Libras, como no ENEM, e também da ponta da tecnologia e sua velocidade de transmissão (chats, webcam, whats app etc.) entre outros objetos com grande utilidade que facilitam o dia a dia dos indivíduos surdos.



Vídeo da prova do ENEM

Nesta seção apresentamos a Libras e as Comunidades Surdas brasileiras, incluindo os artefatos culturais que fazem parte da vida do Povo Surdo. Na próxima seção, serão apresentadas políticas linguísticas que impactam na Libras e nas Comunidades Surdas brasileiras.

3.1.4 Políticas Linguísticas

Marianne Rossi Stumpf e Ronice Müller de Quadros

As políticas linguísticas impactam nas ações relativas às Línguas de Sinais, assim como a Libras e a situação bilíngue das Comunidades Surdas brasileiras. Precisamos considerar três pontos cruciais das políticas linguísticas: a questão do status da Libras; a questão da aquisição (que inclui a aquisição da Libras propriamente dita), o ensino da Libras e da Língua Portuguesa para surdos e a questão do

corpus que envolve pesquisas sobre a Libras. Nesta seção, estaremos abordando aspectos que impactam, considerando-se tais pontos implicados nas políticas linguísticas. Atentamos também à questão da legitimidade das políticas linguísticas planejadas para as Comunidades Surdas, dando importância à representatividade dos surdos e às ações acadêmicas que incluem a Libras nos espaços de produção de conhecimento.

O planejamento linguístico que reconhece a Libras e a educação bilíngue de surdos no país foi sendo construído ao longo dos anos, a partir das Comunidades Surdas Brasileiras, representadas pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS). A FENEIS conta com uma diretoria com membros surdos eleitos pelas associações de surdos do país. Ao longo dos anos, essas diretorias estiveram aliadas aos pesquisadores de Libras no Brasil. Assim, as propostas de políticas linguísticas e educacionais contaram também com subsídios das produções científicas sobre a Libras.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizou, no ano de 1999, o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Este acontecimento foi um marco para o Movimento Surdo brasileiro. No pré-congresso que antecedeu o evento, os surdos debateram questões relacionadas à educação e aos seus direitos. Elaboraram um documento intitulado A Educação que Nós Surdos Queremos. Este Documento foi entregue a um representante do MEC presente no congresso e ao presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). O Documento trazia na pauta pontos sobre a formação do professor de Língua de Sinais, formação de intérpretes e debates sobre a educação bilíngue (QUADROS; STUMPF, 2018). Documentos elaborados por surdos e publicações de pesquisas contribuíram para estabelecer a lei que reconhece a Libras e ações políticas que legitimam a educação de surdos.

Em 2002, os movimentos sociais têm uma grande conquista junto aos legisladores no país, a Libras é reconhecida como Língua Nacional por meio da Lei 10.436 (BRASIL, 2002), chamada também como Lei de Libras.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico[sic] de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico [sic] de transmissão de idéias [sic] e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.(LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002)

Esta lei reconhece a Libras como língua das Comunidades Surdas brasileiras

e indica também a educação bilíngue para surdos. Em 2005, a Lei de Libras é regulamentada pelo Decreto 5.626. Este decreto apresenta um planejamento linguístico e educacional com o intuito de implementar a Lei de Libras.

A partir do decreto, desdobra-se uma série de ações, entre as quais destacam-se as conquistas na educação de surdos no Brasil e a implantação de cursos de formação de professores de Libras, tradutores e intérpretes de Língua de Sinais no ensino superior por meio de cursos conhecidos como Letras-Libras. A educação de surdos no Brasil é amparada por leis que reconhecem a Libras como Língua Nacional e estabelecem o direito dos surdos ao acesso à educação bilíngue em que a Libras é a primeira língua e a Língua Portuguesa a segunda.

Desde a publicação da Lei da Libras, em 2002 (BRASIL, 2002), a Língua de Sinais passou a ser reconhecida como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda. Da mesma forma, as experiências sociais, culturais e científicas dos surdos também são reconhecidas (QUADROS; STROBEL; MASUTTI, 2014).

Vamos abordar a seguir as conquistas políticas quanto à formação de professores de Libras; à formação dos tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa; à inclusão da Libras na formação de professores de todas as áreas (licenciaturas) e na formação de fonoaudiólogos; à educação bilíngue e ao reconhecimento e valorização da Libras. Tais aspectos compreendem os três pontos cruciais das políticas linguísticas da Libras, ou seja, *status*, aquisição e *corpus*.

a. Formação de professores de Libras

O Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) estabelece a necessidade de criação de cursos para a formação de professores de Libras. Além disso, estabelece que a prioridade das vagas de ingresso nestes cursos seja dada aos surdos; uma política afirmativa, garantindo o espaço de ensino de Libras aos surdos.

O primeiro curso de Letras-Libras Licenciatura foi criado em 2006, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este curso foi realizado congregando nove universidades brasileiras que foram polos da UFSC no primeiro oferecimento do Letras-Libras. Em cada universidade havia 50 alunos matriculados, dos quais 90% eram surdos, totalizando 450 alunos.

Os perfis dos professores de Libras licenciados podem atuar em diferentes áreas:

- Formação de Professores para atuar com pessoas surdas na Libras – formação de professores em Letras-Libras;
- Formação de Professores para atuar com pessoas surdas na Libras – formação de tradutores/intérpretes;
- Formação de Professores para atuar com pessoas surdas na Libras – disciplina de Libras nos cursos de formação de professores e de fonoaudiólogos.

Pensar um curso de Letras-Libras requer pensar um curso de um Jeito Surdo de entender os conceitos e processar o conhecimento. O desafio da formação de professores de Língua de Sinais passa pela própria língua e envolve, também, as formas de produzir e visualizar o conhecimento. Esta primeira edição teve este compromisso e formou professores de Libras a partir da Perspectiva Surda.

Uma segunda edição aconteceu em 2008, com 15 universidades brasileiras parceiras da UFSC, oferecendo Letras-Libras Licenciatura, 450 vagas, e estabelecendo o curso de Letras-Libras bacharelado para formar tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, com mais 450 vagas.

A partir da criação desses cursos, foram estabelecidas licenciaturas em Letras-Libras em todo o país. A seguir estaremos detalhando a questão da formação de tradutores e de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, por meio de uma política nacional, fruto do Programa Viver sem Limites (Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, Governo Federal, 20141). Uma das propostas deste programa foi incentivar o estabelecimento deste curso, compreendendo, ao menos, uma universidade federal com oferecimento do curso de Letras-Libras em cada estado brasileiro.

b. Formação de tradutores e intérpretes

O Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) inclui a formação de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa. A política de tradução e de interpretação está garantida a partir da perspectiva e demandas dos próprios surdos. Com a conquista de uma política linguística brasileira reconhecida pela língua, os tradutores e intérpretes passaram a contar com formação em nível de graduação e pós-graduação e a formação de tradutores e intérpretes vem acontecendo no país sempre associada aos Movimentos Surdos pelo reconhecimento de sua língua.

A primeira formação de curso de bacharelado em todo o Brasil foi estabelecida pela UFSC, em 2008, por meio do Curso de Letras-Libras Bacharelado. Esta primeira edição formou um total de 312 bacharéis em 2012. A partir deste curso, foram criados mais sete cursos de formação de tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa nas seguintes universidades: Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade Federal de Roraima.

Stumpf e Quadros (2019) discutem sobre a garantia da formação de profissionais (professores, tradutores e intérpretes), assim como a garantia ao acesso dos surdos aos diferentes espaços na sociedade. No caso específico da formação de tradutores e intérpretes, a formação apresenta os princípios e pontos básicos

1 <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jjtWnvZQjhX8SbKPwBP4fJJ/?lang=pt>

que se aplicam a estes profissionais indicados pela Convenção da ONU, que são os seguintes:

- reconhecer a equivalência do status da Língua de Sinais e da língua falada;
- respeitar e promover as Línguas de Sinais;
- reconhecer e apoiar a identidade cultural e linguística dos surdos - incluindo Línguas de Sinais e Cultura Surda;
- reconhecer a importância para os surdos de sua autonomia e independência individuais, incluindo a liberdade de fazer suas próprias escolhas;
- reconhecer que as pessoas surdas devem ter a oportunidade de participar ativamente nos processos de tomada de decisão sobre políticas e programas, incluindo aqueles diretamente relacionados a elas;
- respeitar as capacidades em evolução das crianças surdas e respeitar o direito de preservar suas identidades;
- consultar as organizações representativas dos surdos sobre questões que lhes digam respeito.

A formação dos tradutores intérpretes de Libras tem contado com a produção de pesquisas no campo dos Estudos da Tradução (por exemplo, SEGALA, 2010; SOUZA, 2014; RODRIGUES, 2013; 2018A; 2018B; 2019; CAMPELLO, 2014; SANTOS, 2013; QUADROS, SOUZA; SEGALA, 2012; SILVA, 2013; KRUSSER, 2017; QUADROS; STUMPF, 2019; MACHADO, 2019; LUCHI, 2019), impactando nas práticas tradutórias e avançando-se no acesso aos surdos em diferentes espaços da sociedade.

c. Inclusão da Libras na formação de professores de todas as áreas (licenciaturas) e na formação de fonoaudiólogos

O decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) também instituiu a obrigatoriedade de oferta da Libras nos cursos de licenciaturas e de Fonoaudiologia no Ensino Superior. A obrigatoriedade do oferecimento de Libras nas licenciaturas é relevante tanto para a desmistificação de conceitos equivocados a respeito da surdez, quanto para o favorecimento de práticas pedagógicas mais eficazes que beneficiem as pessoas surdas na escola e a difusão da Língua de Sinais. É uma ação importante, porque tornou mais abrangente o conhecimento sobre a Libras e sobre as Comunidades Surdas, uma vez que todos os futuros professores de quaisquer áreas de atuação passam a conhecer mais sobre esta língua e sobre os surdos. Assim, o conhecimento da Libras por parte dos profissionais, principalmente dos futuros professores que atuarão com crianças e adolescentes surdos no ensino regular, favorece as políticas educacionais pensadas nas pessoas surdas. A Libras nas licenciaturas tem sido oferecida de diferentes formas nas universidades brasileiras, algumas com carga horária mínima e outras com carga horária maior. Esta variação é identificada, uma

vez que o decreto não estabeleceu isso, apenas determinou a sua inclusão nos currículos das licenciaturas e dos cursos de fonoaudiologia. No entanto, apesar de seus alunos não aprenderem a Libras como segunda língua, eles tomam conhecimento sobre a sua existência no país e sobre as Comunidades Surdas brasileiras. Esse conhecimento é importante para que o futuro professor saiba como encaminhar as questões relativas à condição bilíngue das crianças e adolescentes surdos na educação básica. Apesar disso, seria importante prever os objetivos do ensino de Libras na Licenciatura para garantir que os futuros professores e fonoaudiólogos apliquem em suas práticas profissionais.

A política instaurada por meio da obrigatoriedade da Libras nos currículos de licenciatura e cursos de fonoaudiologia impactaram nas bases da educação de surdos, pois todos os professores formados a partir de sua implementação já contam com uma base inicial para abordar a questão diante da presença de alunos surdos na educação básica, mesmo que esta formação seja incipiente. Temos constatado que alguns destes alunos avançam em seus conhecimentos e tornam-se fluentes em Libras, atuando diretamente na educação bilíngue. Assim, instaurou-se uma política linguística que impacta na educação.

d. Educação bilíngue (Libras e Língua Portuguesa): aquisição da Libras, Libras - língua de instrução, Libras - L1, Língua Portuguesa - L2

A Lei de Libras, Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002), e o Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) apresentam encaminhamentos sobre a educação de surdos, reconhecendo a necessidade de uma educação bilíngue.

Os alunos surdos têm direito a uma educação bilíngue na qual a Libras é a primeira língua e a Língua Portuguesa Escrita a segunda dos alunos surdos. A Lei 13.005/2015 (BRASIL, 2015) do Plano Nacional da Educação avança nas indicações da Lei de Libras e do Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), conforme apresentado em sua meta 4.7:

4.7) Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos(as) alunos(as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdocegos.

O reconhecimento da modalidade de educação bilíngue de surdos passou a integrar também as diretrizes educacionais no país por meio da Lei nº 14.191, sancionada no dia 3 de agosto de 2021, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 1996 (BRASIL, 2021), conforme segue:

Para a Educação Bilíngue de Surdos, as escolas bilíngues de surdos são os espaços primordiais para a oferta da modalidade de educação bilíngue de surdos, porque são reconhecidas por pesquisas acadêmicas como os principais espaços de maximização do desenvolvimento acadêmico e social dos Educandos Surdos, surdocegos, com deficiência auditiva, sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com deficiências associadas.

O que está previsto é a educação bilíngue a partir do nascimento da criança surda por meio da aquisição da linguagem com a Libras como primeira língua e, na sequência, o ensino da Libras e da Língua Portuguesa, como segunda língua, na modalidade escrita, de uma forma bilíngue complementar (SILVA, 2018). Assim, as funções desempenhadas por cada língua são diferentes na vida dos surdos (QUADROS et al., 2019). As pesquisas confirmam que os usos das duas línguas pelos surdos configuram um bilinguismo complementar, no qual a Libras é a língua mais usada por eles em todos os contextos sociais e a Língua Portuguesa é usada na sua forma escrita para acessar a leitura e a comunicação via redes sociais, quando a Libras não é usada (SILVA, 2018; QUADROS et al., 2019).

A instrução em Libras apresenta um papel importante no processo de ensino-aprendizagem de línguas, incluindo intervenção pedagógica, pois pode vir a contribuir para alertar a consciência do aprendiz, por meio do processamento do conteúdo de forma significativa. Os caminhos que possibilitem a utilização dos recursos lúdicos ou materiais didáticos em Libras como estímulos ao processo de ensino-aprendizagem em Libras proporcionam o ensino em um ambiente de aprendizagem mais prazeroso e motivador. Percebemos que o caráter de interação contida nas atividades escolares permite a construção do conhecimento com ações práticas.

O ensino, tendo a Libras como língua de instrução, propicia o desenvolvimento dos interesses e das motivações dos alunos surdos em expressar-se, agir e interagir nas atividades escolares realizadas na sala de aula. O professor que usa Libras e utiliza atividades lúdicas ou escolares nessa língua torna-se um mediador do conhecimento, estimulando os alunos surdos a criarem seu processo pedagógico. É importante a língua da instrução em Libras no contexto escolar, visto que ela proporciona uma maior interação entre o aluno surdo e o professor, os colegas e o aprendizado, fazendo com que os conteúdos tornem-se mais fáceis aos olhos dos alunos surdos.

É fundamental proporcionar a aquisição da Libras à criança surda durante o período sensível para aquisição da uma língua (QUADROS, 1997). A escola passa a participar ativamente deste processo, uma vez que a grande maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes. O papel da escola na socialização das crianças e em sua educação escolar passa a integrar este componente que envolve a aquisição da linguagem. Desta forma, a escola tem um papel importante junto com as famílias de buscar ambientes bilíngues e oferecer a socialização e o ensino na Libras.

A primeira língua da criança surda é aquela que ela adquire com maior facilidade; logo, é preciso uma língua visual como idioma. Esse processo vai acontecer normalmente no percurso escolar dessas crianças. A Libras como primeira língua é vital para o desenvolvimento saudável da criança, pois é a língua que acontece na vida da criança, apenas proporcionando a interação na Libras, sem intervenção clínica.

Assim, o início da aquisição para essas crianças pode variar em relação à quantidade, à qualidade e aos contextos de exposição linguística. O acesso à Libras poderá ocorrer em poucas ou muitas horas por dia, alguns dias ou em todos os dias da semana, e em diferentes contextos (no lar, na escola, na Comunidade Surda etc.). A interação poderá ser com nativos, ouvintes proficientes, tradutores-intérpretes de Língua de Sinais e/ou com aprendizes iniciantes de Língua de Sinais (CRUZ, 2016).

De acordo com Cruz (2016), a escola e os profissionais que nela atuam precisam oferecer um ambiente linguístico em Libras robusto, a fim de que o desenvolvimento geral (emocional, cognitivo, linguístico, psicomotor etc.) de bebês e crianças surdas ocorra conforme suas reais potencialidades.

A Libras na Educação Infantil bilíngue de surdos apresenta grande importância para a formação das crianças surdas. Segundo a pesquisadora Francielle Cantarelli (STUMPF; LINHARES, 2022, p. 36):

A “descoberta” da Libras, portanto, para muitas crianças, ocorre na escola. Além disso, muitos pais e cuidadores “descobrem” essa nova língua junto com a criança também na escola, quando são oferecidos programas de família para filho surdo, estimulação linguística, ensino de Libras como segunda língua (L2) em cursos e/ou oficinas para familiares.

A organização de um currículo de Libras como primeira língua enquanto parte integrante de uma educação bilíngue de surdo interdisciplinar é fundamental. Um novo paradigma para a Educação Bilíngue de Surdos precisa ser estabelecido no

sentido de nos permitir enxergar as práticas bilíngues como um fenômeno complexo e, ao mesmo tempo, fluido. Nessa perspectiva, as práticas bilíngues integradas são instauradas a todo momento para construção de sentido em salas com alunos surdos bilíngues, ao mesmo tempo em que eles se apropriam da linguagem e do conteúdo que está sendo trabalhado.

Silva (2006) ressalta que currículo e cultura são relações sociais e devem ser entendidos pelos traços resultantes dos debates realizados no espaço educacional. Essas discussões são pela proeminência na área cultural, e, este instrumento pedagógico, funda-se por intermédio de relações que determinam os conhecimentos classificados, analisados, avaliados socialmente e academicamente aptos. A Libras (L1) compondo o currículo da educação Básica é a salvaguarda para a promoção da autonomia de cidadãos surdos com consciência social e comportamentos éticos de respeito ao outro e à diferença.

O ensino de Libras abarca particularidades linguísticas, socioculturais, históricas, arte e literatura, constituidoras do ser. Com fundamento nessa proposição, tenciona desenvolver competências e habilidades de entendimento e produção em Libras, leitura e escrita em Libras, reflexão sobre o funcionamento da língua e seus usos sociais, a gramática, a arte e a literatura elaborada pelos surdos, o surgimento da Libras e suas transformações.

Libras como L1 significa adquirir a língua plenamente em primeiro lugar; é a língua na qual geralmente se tem mais competência linguística, aquela que se produz mais espontaneamente e se compreende com maior facilidade. A Libras como primeira língua não pode ser confundida com um ensino de Libras como segunda língua para as pessoas ouvintes. Como primeira língua, a Libras é acessada de forma distinta do seu ensino como segunda língua, pois é uma língua que se adquire naturalmente durante a infância. Assim, é a língua de base para qualquer outra aprendizagem, a língua de aquisição da linguagem; é o pano de fundo para se ensinar a própria Libras e outras línguas, como Língua Portuguesa.

A Língua de Sinais sustenta o ensino da leitura e da escrita em crianças surdas (GESUELI, 1998). Snodon (2011) afirma que a alfabetização é estabelecida no contexto da Língua de Sinais. Os textos produzidos em LS são práticas sociais adquiridas nas Comunidades Surdas. Essas práticas sociais sustentam a alfabetização enquanto processo que acontece simultaneamente com a aquisição da linguagem, baseada principalmente em experiências sociais para compreender as funções e os usos da linguagem. A Língua de Sinais sustenta o desenvolvimento do vocabulário, assim como as interações nessa língua permitem o desenvolvimento da leitura compartilhada.

Quanto mais estruturado o compartilhamento da leitura na Língua de Sinais, mais benefícios foram constatados no desenvolvimento da leitura (MARSCHARK; SPENCER, 2009; SOUSA, 2015). Esta estruturação da leitura compartilhada entre a criança surda e o adulto (pais e professores) está relacionada com a compreensão de “o quê, como, quem, quando, onde e por quê” na leitura. A aprendizagem do vocabulário escrito é facilitada quando a criança sabe o sinal para um determinado conceito. Este passo avança para o estabelecimento da sintaxe (estrutura) também pautado na semântica (no sentido) para a construção da leitura compreensiva. Portanto, o ensino de Língua Portuguesa pressupõe a aquisição da Língua de Sinais brasileira – “a” língua da criança surda (QUADROS, 1997).

A Libras, portanto, apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda, mas sim um processo paralelo de aquisição e de aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados (QUADROS; SCHMIEDT, 2006; SOUSA, 2015).

Vários estudos mostram a correlação entre a Língua de Sinais e as habilidades de leitura, ou seja, quanto mais fluência em Língua de Sinais, mais habilidades de leitura são desenvolvidas (CHAMBERLAIN, 2002; MAYBERRY, 2010; MAYBERRY et al., 2011; PEIXOTO, 2006).

Depois do curso de Letras-Libras, ampliaram-se os projetos relacionados à educação bilíngue. A exemplo, uma parceria entre vários pesquisadores e professores de Libras com programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC possibilitou a elaboração e a publicação da obra da Coleção Ensinar e Aprender em Libras: Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior. Uma coleção que, como resultado de pesquisa e extensão, dedica-se à apresentação de teorias, conceitos e análise de estruturas educacionais que fundamentam uma proposta de referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua nos vários contextos de oferta da Educação Bilíngue de Surdos em nosso país. Seus cinco volumes apresentam: Fundamentos históricos e conceituais da educação de surdos no Brasil seguidos de abordagens específicas no contexto da Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio e Ensino Superior. Acesse: <https://editora-arara-azul.com.br/site/e-books>.

O currículo na educação básica na educação bilíngue para surdos em uma perspectiva intercultural, visual e digital deverá ser construído com os valores e interesses das Comunidades Surdas. Ser componente pedagógico dinâmico, flexível, adaptado aos contextos socioculturais e linguístico da educação de surdos e que o trabalho com a Língua Portuguesa escrita como segunda língua seja planejada, de forma que todas as escolas tenham conhecimento dessa singularidade linguística manifestada pelos estudantes surdos.

A Libras passa a compor o currículo da educação bilíngue de surdos a partir

do Olhar Surdo. Assim, prioriza a experiência visual como artefato cultural e social, oportunizando a expressão das manifestações culturais. A educação bilíngue a partir das línguas torna-se uma escola em que a língua proporciona aos surdos se tornarem sujeitos políticos.

A Língua Portuguesa como segunda língua é a língua pela qual os surdos aprendem de forma sistematizada, a partir de uma outra língua já adquirida, a Libras. Através da Libras, o aluno surdo poderá se apropriar de forma mais facilitada da segunda língua, a língua oficial do seu país, Língua Portuguesa escrita. É crucial que a Língua Portuguesa na sua forma escrita seja compreendida enquanto segunda língua, seguindo um currículo próprio, não como qualquer outra Língua Estrangeira, mas como segunda língua do país, especificamente para alunos surdos. A aquisição da linguagem escrita é um processo contínuo que se desenvolve ao longo dos anos escolares e na vida da criança surda, tendo início antes da sua escolarização, por meio das oportunidades que lhe são dadas a partir do contato com materiais escritos.

“Aprender como ler e aprender a língua devem ser vistos como um mesmo processo” (SVARTHOLM, 2008, p.132). Afirmar que aprender uma língua nessa perspectiva é aprender a significar essa nova língua e isso implica entrar em relação com os outros. Logo, aprender uma língua nos dias de hoje, apoiada em uma abordagem comunicativa, é aprender através de troca e das descobertas, tornando mais motivadora a aquisição de segunda língua.

Depois de mais de 20 anos da elaboração do documento “*A Educação que nós, surdos, queremos*”, assim como mais de 20 anos após a aprovação da Lei Libras e 17 anos desde o Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), vemos que os direitos dos surdos que foram salvaguardados até o presente foram sendo estabelecidos a partir das iniciativas das Comunidades Surdas. No entanto, todas as implementações das políticas linguísticas não garantiram ainda o acesso à educação (QUADROS, 2006), pois a educação de surdos requer interação direta em Língua de Sinais para acessar o conhecimento adquirido na escola em diferentes áreas da vida, não apenas o acesso linguístico, mas também o conhecimento acadêmico, emocional, social e cultural (QUADROS, 1997; 2006; LANE, HOFFMEISTER; BAHAN, 1996).

Vemos, portanto, que há uma tensão entre as políticas linguísticas e as educacionais estabelecidas no país. Essa tensão está estabelecida por meio do debate entre o princípio da educação inclusiva, que defende o acesso “individual” à educação para todos, e a educação que os surdos desejam, que se orienta pela perspectiva de um grupo sociocultural-linguístico com políticas linguísticas que reconhecem a Libras e, portanto, requer o agrupamento de surdos.

Apesar dessa tensão, constatamos avanços que impactam as políticas linguísticas de *status*, ou seja, no reconhecimento e na valorização da Libras. Com os avanços na formação de profissionais da área de Libras consequentemente passamos a ter produções de conhecimentos a respeito desta língua. O desenvolvimento

das pesquisas com a Libras avançaram de forma significativa e culminaram com o Portal de Libras (<https://portal-libras.org>). Este portal reúne, de forma contínua, publicações, pesquisas, produtos em Libras configurando a documentação da Libras, uma política de *corpus* (assim como descrito neste capítulo na seção inicial por Krusser, Saito e Quadros). Os registros em Libras também estão sendo feitos por meio do Corpus de Libras (<https://corpuslibras.ufsc.br/>), que pode ser acessado pelo portal e pela Gramática da Libras (<https://tinyurl.com/yevht66f>) com sua primeira versão disponível na própria Libras, também disponível via Portal de Libras. A revitalização da Libras também é observada na diversidade das publicações que, por exemplo, incluem materiais didáticos, dicionários, glossários em Libras, videoprovas, videográficas e literatura em Língua de Sinais.

A implementação do planejamento linguístico previsto no Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) impacta diretamente no reconhecimento da Libras. Os direitos linguísticos dos surdos brasileiros a partir da Lei de Libras nº 10.436 (BRASIL, 2002) e do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005) contribuem para o exercício da cidadania dos surdos na sociedade brasileira, garantindo-lhes o acesso ao conhecimento em sua própria língua e o acesso a diferentes espaços da sociedade. O curso de Letras-Libras abriu as portas das universidades públicas aos surdos com qualidade, direito não usufruído antes, e conseqüentemente possibilitou a sua inclusão no mercado de trabalho.

“Uma semente foi plantada e brotou, cresceu e formou uma grande árvore que começou a dar frutos; os frutos produzem novas sementes e se espalham por vários lugares. Assim é o curso de Letras-Libras, pois é uma grande árvore que deu frutos e espalhou sementes pelo Brasil todo. Agora, o curso se torna realidade em outros estados e consolida uma política afirmativa, uma política linguística, uma política de formação de professores surdos.” (Professor surdo)

Não apenas as mudanças na legislação foram fundamentais, mas a sua implementação efetiva que contribuiu para as mudanças nos discursos sobre a surdez e a Libras. Os novos discursos rompem com a exclusão dos surdos na sociedade, nos campos educacional e linguístico. Nos projetos de planejamento linguístico, o fortalecimento do ensino bilíngüe e a valorização de uma educação bilíngüe de surdos objetiva garantir as Formas Surdas de ser em uma sociedade multilíngüe e multicultural.

Na próxima seção, serão apresentadas as Línguas de Sinais brasileiras já identificadas no país, além da Libras. A Libras é considerada uma Língua de Sinais nacional, mas há também várias outras Línguas de Sinais brasileiras no país, usadas por pequenas comunidades em diferentes contextos. As políticas linguísticas devem, portanto, também incluir estas diferentes Línguas de Sinais.

3.1.5 A Libras e outras Línguas de Sinais Brasileiras

Diná Silva e Anderson Almeida-Silva

3.1.5.1 O Status político-linguístico das Línguas de Sinais Brasileiras

As Línguas de Sinais, durante um longo período da história, buscaram o reconhecimento do seu *status* linguístico e, apesar das atuais conquistas, tal *status* é frequentemente colocado em xeque, sob a pena de não ser uma língua, tal qual a Língua Portuguesa, pois a sociedade acredita que as Línguas de Sinais seriam apenas um código gestual/mimético. As ideias aqui apresentadas demonstram que essa necessidade constante de autoafirmação da Língua de Sinais enquanto língua não é um pensamento exclusivo de pessoas leigas na área, pois mesmo a figura de L'Épée não considerava, inicialmente, os sinais utilizados pelos surdos como uma forma linguística legítima, mas acessória (SACKS, 1998).

A partir do reconhecimento das Línguas de Sinais como línguas naturais das Comunidades Surdas (QUADROS, 1997), os movimentos em direção à reafirmação do surdo como integrante de minorias linguísticas, e não mais como indivíduos patologizados e limitados, têm sido constantemente discutidos (SANTANA; BERGAMO, 2005). Para Kumada (2012), essa é uma percepção recente que corresponde ao momento atual, cujo conceito tradicional de língua tem sido problematizado (cf. CESAR; CAVALCANTI, 2007). Inclusive, os “gestos”, este termo tão evitado durante muitos anos no campo de pesquisas das Línguas de Sinais, têm sido (re) pensados não apenas como parte da gramática e da organização discursiva das Línguas de Sinais e das línguas orais, mas como indispensáveis a tais modalidades de linguagem (McCLEARY; VIOTTI, 2011).

Geralmente assume-se que cada país deva possuir uma única língua com a qual a população majoritariamente se identifica e utiliza e, por isso, ter o *status* monolíngue. No entanto, é sabido que vários países possuem mais de uma Língua de Sinais ou língua oral sendo utilizadas em um mesmo território. São os chamados contextos multilíngues.

Nos anos 80, no Brasil, uma mulher e linguista chamada Lucinda Ferreira Brito desbravou o campo da linguística de línguas no Brasil com um texto intitulado “At least two sign languages in Brazil: one among Urubu Kaapor indians and another in São Paulo” (FERREIRA, s/d.b). Neste trabalho, a autora reconhece a diversidade linguística da Comunidade Surda brasileira, atestando a existência de outras Línguas de Sinais diferentes daquela então considerada como sendo a nacional, institucionalizada no Rio de Janeiro, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); a saber a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O trabalho de Lucinda chamou a atenção de outros pesquisadores brasileiros que começaram a investigar outras Línguas de Sinais, em contextos não institucionalizados no território brasileiro (FUSILLIER-SOUZA, 2004; 2006; VILHALVA,

2012; PEREIRA, 2013; SILVA; QUADROS, 2019; GODOY, 2020; ALMEIDA-SILVA; NEVINS, 2020; SILVA, 2021).

Em nível internacional, Nonaka (2012) afirma que ao redor do mundo foram encontradas várias Comunidades Surdas usuárias de Línguas de Sinais emergentes, como, por exemplo, na África, Américas, Ásia, Caribe, Médio Leste, Austrália e Oceania (KAKUMASU, 1968; KUSTERS, 2012a; 2012b; MEIR et al., 2010; NONAKA, 2004; 2007; 2009; 2010; 2011; 2012a; 2012b; NYST, 2007; 2012; SANDLER et al., 2005).

Atualmente, a terminologia utilizada para referir-se aos sistemas de comunicação emergentes variam entre nomenclaturas, tais como: Línguas de Sinais de vila, de vilarejo, de zonas rurais, emergentes e de microcomunidades.

As Línguas de Sinais emergentes ou de microcomunidades são aquelas que surgem e se desenvolvem espontaneamente em comunidades com altos índices de surdez, com grau de parentesco real ou não (ZESHAN, 2006; WOODWARD, 2000). Ressalta-se ainda que os lugares em que essas línguas surgem possuem naturezas geográficas, culturais e linguísticas diversificados.

Vilhalva (2012), pesquisadora mulher e surda, explica que os sinais emergentes são criados devido a uma necessidade de comunicação. Este léxico inclui sinais indicativos, icônicos e arbitrários. Corroborando com a posição, Fusillier-Souza (2006), mulher brasileira e linguista de Línguas de Sinais, radicada em Paris, afirma que o léxico de Línguas de Sinais emergentes resguarda características centrais muito semelhantes às encontradas em Línguas de Sinais estáveis e, por isso, são línguas legítimas, por serem a única, suficiente e eficiente forma de comunicação disponível para a comunidade criadora do sistema linguístico.

Silva (2021), em sua tese de doutorado, faz um mapeamento das Línguas de Sinais existentes no território brasileiro, além da Libras, conforme se pode visualizar na imagem abaixo:



Fonte: Silva (2021, p.107)

A mesma autora propõe uma classificação dos tipos de Comunidades Surdas a partir de critérios geográficos e culturais, conforme tabela 01 abaixo:

Tabela 01 – Tipo de comunidades surdas.

TIPO	AUTORES	LOCAL DA PESQUISA
Indígenas	Kakumasu (1968) e Ferreira-Brito (1984)	Aldeia Urubu-kaapor (Brasil)
Centros Urbanos	Ferreira - Brito (1984)	Grandes Centros urbanos do Brasil
Ilhas	Martinod (2013); Formigosa (2015) e Fuselier (2016)	Ilha do Marajó (Pará – Brasil)
Vilas	Groce (1985)	Martha's Vineyard (USA)
Zona Rural	Pereira (2013) e Almeida-Silva e Nevins (2020)	Cena (Piauí-Brasil)
Fronteiras	Figueira (2016)	Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)

Fonte: Silva (2021, p. 104)

A partir da tipologia proposta acima por Silva (2021), nós revisitamos os critérios adotados pela autora para efetuar a classificação dos tipos de comunidades sinalizadoras e das próprias Línguas de Sinais e propomos a classificação que será explicitada na seção a seguir.

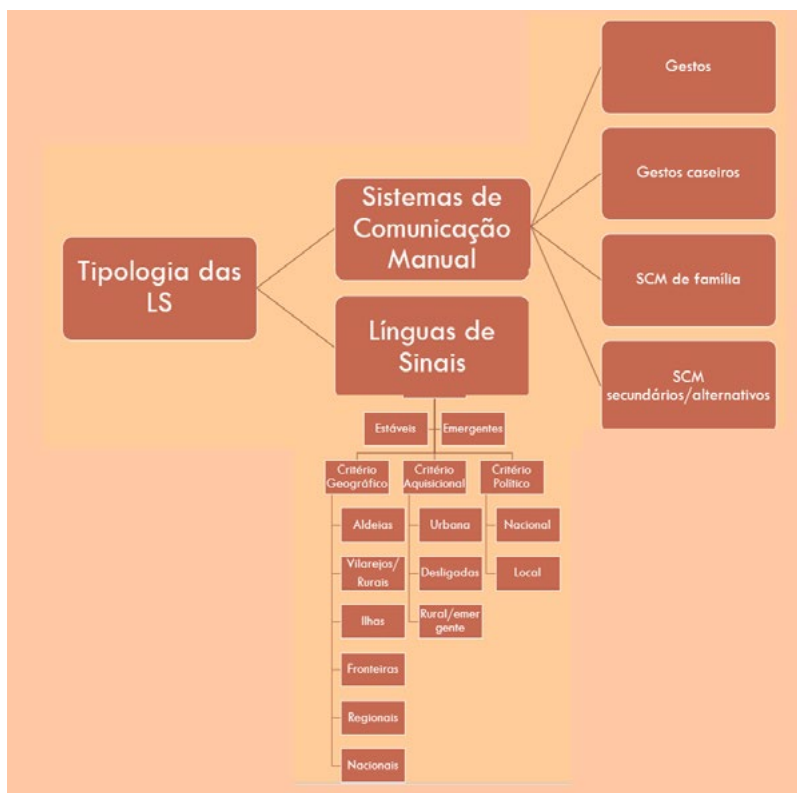
3.1.5.2 Tipologia de Línguas de Sinais

Aqui vamos propor uma nova tipologia dos dados de comunidades usuárias de Línguas de Sinais, em função não somente do contexto cultural ou geográfico em que se encontram, mas em função da sua complexidade estrutural quando comparadas às Línguas de Sinais em contextos urbanos, institucionalizados e estáveis, e ainda os critérios geográficos, aquisicionais e políticos.

Como dissemos anteriormente, esta proposta considera estudos anteriores destes mesmos autores, quando comparam aspectos das tipologias linguísticas presentes em cada um desses tipos de comunidades. No entanto, logicamente, pode haver divergências em relação a como outros especialistas podem reorganizar e classificar a origem dos dados dos vários tipos de comunidades que compõem o mosaico dos dados das Línguas de Sinais brasileiras e do mundo.

Primeiramente, oferecemos uma visão geral da classificação na imagem 01 a seguir:

Imagem 01 - Tipologia dos dados de Línguas de Sinais



Observa-se que estamos propondo, em primeiro plano, uma divisão entre Línguas de Sinais (LS) e sistemas de comunicação manual (SCM).

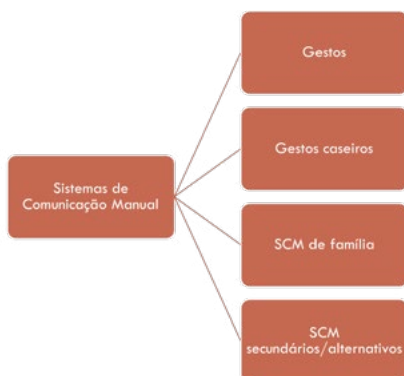
Essa divisão é corolária da proposta de classificação dos dados de LS feita por Pfau (2012), com algumas alterações. Pfau (2012) assevera que deve haver a distinção entre LS e SCM; no entanto, difere de nossa proposta quando inserimos outros tipos não previstos pelo autor, como o SCM de uma família, por exemplo, que, em termos populacionais, já se assemelharia às LS por apresentar uma microcomunidade linguística constituída.

Aqui englobamos sob o termo de SCM vários sistemas comunicativos em que não se observe sistematicidade (alta variação gramatical) ou homogeneidade (alta variação lexical) categóricas ou que sejam bastante restritos a um indivíduo (como é geralmente o caso dos gestos caseiros), a uma única família (como é geralmente o caso de uma família que possui mais de um indivíduo surdo) ou aqueles sistemas comunicativos desenvolvidos por ouvintes em situação de privação da audição/comunicação (como são os SCM dos monges, mergulhadores, serralheiros, caçadores, rituais de luto ou outros contextos).

Além desses citados, os gestos utilizados por ouvintes e surdos também entrariam nesta classificação; pois, apesar de já haver comprovação científica sobre a sua ubiquidade e pervasividade, assumimos que o gesto, mesmo compondo parte das LS e das línguas orais (LO), não são suficientes para veicular todas as noções conceituais necessárias à comunicação de uma população. Isto não significa que o gesto não possua poder comunicativo (por exemplo, no contexto do uso caseiro), mas que, certamente, o uso linguístico imporá, com o tempo, regularidades e economia que são necessárias não somente ao sistema linguístico, mas também para diminuir as demandas de processamento cognitivo. Para finalizar, o objetivo desta seção não é afirmar que gestos não podem funcionar como línguas de indivíduos, mas somente propor, para fins classificatórios dos dados, que os gestos diferem qualitativamente do que entendemos por uma Língua de Sinais estável, embora sempre representem os estágios mais originais destas.

O quadro expandido dos dados de SCM podem ser vistos na imagem 02:

Imagem 02 - Tipologia dos dados de sistemas de comunicação manual



Já no ramo que representa os dados oriundos de Línguas de Sinais, podemos ter as seguintes classificações, como vemos em mais detalhes na imagem 03 abaixo:

Imagem 03 - Tipologia dos dados de Línguas de Sinais



No grupo dos dados de Línguas de Sinais, analisamos que as categorias de estabilidade ou emergência deveriam vir à frente de outras características, tais como a sua localização, o nível de institucionalização da Língua de Sinais no local e, por fim, a relevância política do sistema. Na literatura atual, temos vários exemplos em que uma Língua de Sinais emergente pode ocorrer, por exemplo, numa zona urbana, como é o caso da Língua de Sinais nicaraguense e da israelense; por isso, nem sempre o isolamento geográfico ou cultural é definitivo para a questão da emergência.

Esta classificação permite ainda pensar em algumas combinações, como, por exemplo, o fato de que uma Língua de Sinais emergente, como as Línguas de Sinais nicaraguense e israelense, apesar do pouco tempo de existência, possuem status de língua nacional. No entanto, a análise que permitirá dizer se ainda se trata de uma língua emergente ou a partir de quantas gerações já se pode alegar relativa estabilidade é de foro da atividade dos pesquisadores linguistas.

Por isso, entendemos como sistema emergente aquele em que se pode observar o nascimento de um sistema linguístico que existe há poucas gerações, no

máximo 3 ou 4, e que tenha surgido pela ausência de um modelo linguístico, dada a existência de uma Comunidade Linguística Surda ou pela mistura de dois códigos preexistentes, como nos casos de contato ou crioulização. São geralmente compartilhados com pessoas ouvintes e possuem forte influência da iconicidade gestual da cultura local. Gramaticalmente, possuem uma maior variedade de ordens frasais e variação nas formas de se construir a referência. Geralmente utilizam a referência exofórica, ou seja, muitos sinais são definidos em relação à posição real dos referentes no mundo e, por isso, se utilizam da analogia para construir os sentidos.

Já os sistemas estáveis seriam aqueles que existem há pelo menos 4 ou 5 gerações de falantes e cuja origem seja parcialmente desconhecida, como, por exemplo, parece ser o caso da Libras. Sabemos que a criação do INES, em 1857, teve papel fundamental para a criação de uma Comunidade Linguística Surda que nos próximos anos criaria e distribuiria materiais lexicográficos que fariam da Libras, a língua institucionalizada ou nacional, mas nada se sabe sobre as características dos sistemas de comunicação manuais preexistentes trazidos pelos surdos para aquela primeira reunião no INES, pois ninguém acredita que a Libras foi inventada em 1857; o que sabemos é que esta é a data do início da sua institucionalização. Esta é também uma característica que difere os sistemas emergentes dos ditos estáveis, pois nos sistemas emergentes é sempre possível precisar a data da origem do sistema, que geralmente se atribui ao nascimento do primeiro surdo ou dos primeiros surdos da comunidade. Diferentemente dos sistemas emergentes, as LS estáveis utilizam menos a referência exofórica e fazem uso geralmente de sinais já categorizados, como, por exemplo, para dizer que “o livro está em cima da mesa”, um sinalizador não precisa recorrer a analogias para que se chegue ao conceito de EM CIMA, ou seja, não precisa provocar obrigatoriamente o instanciamento real da ação para se chegar a um conceito, uma vez que o sistema já tenha um item para aquela noção semântica. No aspecto gramatical, a ordem sintática varia menos do que nas línguas emergentes e o sistema dispõe de vários itens funcionais para codificar funções linguísticas.

Uma vez conhecida a história sobre o surgimento e disseminação da língua em análise, que nos permitirá classificá-la como estável ou emergente, daí podemos encaixá-las como sendo oriundas de outros contextos, que explicaremos a seguir.

O critério geográfico basicamente assevera sobre o tipo de localidade em que a Língua de Sinais em análise se encontra e que nos permitirá analisar os níveis de isolamento ou contato que essas comunidades têm com outras populações. No Brasil, são atestadas Línguas de Sinais nos seguintes contextos geográficos: aldeamentos, vilarejos, zonas rurais, ilhas, de fronteira, LS regionais, tais como se reconhecem as diferenças, por exemplo, entre o léxico da Libras no sul e no norte do país, e as Línguas de Sinais de um país como um todo.

O outro critério que diferencia os tipos de LS encontrados é o critério aquisicional. A categoria urbana vai considerar basicamente as localidades em que

geralmente está concentrada a maioria das instituições em que os surdos podem ter contato cedo com a Língua de Sinais e conseqüentemente a sua aquisição de modo típico ou dentro de um período aceitável de idade. Nessas situações, as LS apresentam padrões mais estáveis e, por isso, na aquisição, o surdo passaria por menos estágios de usos de outras formas de comunicação que não fosse a Língua de Sinais, tais como a leitura labial, o uso de gestos caseiros, o uso de comunicação escrita, a aquisição da Língua de Sinais de forma tardia por meio da internet ou de materiais apostilados ou por serviços missionários e religiosos – que seria o caso da nossa segunda categoria, que é a comunidade desligada, termo aventado por Almeida-Silva e Sousa (2018) – e, por fim, a classificação rural seria aquela que indicaria a menor probabilidade de que o surdo adquira a Língua de Sinais institucionalizada em idade típica, justamente por estar distante dos centros urbanos e dos recursos aquisicionais disponíveis. Este último é o contexto que majoritariamente favorece a emergência de novos sistemas linguísticos, também por uma ausência de políticas públicas ou pela própria negligência linguística do estado.

Por fim, o último critério para caracterizar os dados das Línguas de Sinais é o critério da relevância política que a língua possui. No caso da Libras, a Língua Nacional de Sinais do Brasil, ela possui reconhecimento por lei e regulamentação por decreto (Lei Federal nº 10.436/2002 e Decreto Federal nº 5.626/2005); no entanto, há outras Línguas de Sinais locais que não possuem reconhecimento político ou oficial por meio de leis ou decretos, qualquer que seja a esfera da estrutura tripartite do estado.

Estamos diante de um quadro que reconhece a complexidade de contextos, critérios e características que nos são colocados ao avaliar uma determinada forma de comunicação utilizando a modalidade visual-motora, ou seja, uma língua sinalizada. E é justamente esta complexidade que fornece base para toda a diversidade linguística que encontramos no território brasileiro, em que nos deparamos não somente com a Libras, mas com a coexistência de inúmeras, desconhecidas e particulares Línguas de Sinais ou Sistemas de Comunicação Manuais.

3.2 A Libras no mundo

Ronice Müller de Quadros, Kátia Lucy Pinheiro e Marianne Rossi Stumpf

3.2.1 A representação da Libras no mundo

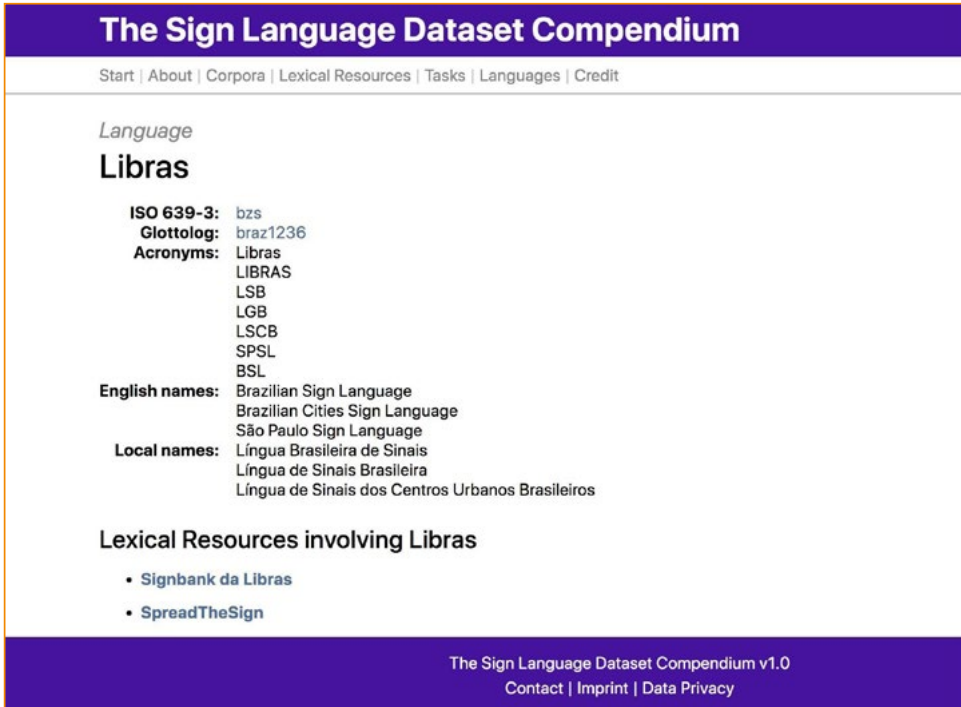
A Libras está inserida no contexto mundial das Línguas de Sinais identificadas em diferentes espaços. É uma língua que integra a lista das línguas no mundo em dois bancos de dados:

1. Ethnologue Languages of the World

<https://www.ethnologue.com/browse/names>

O Ethnologue apresenta uma lista das línguas no mundo, na qual a Libras está incluída.

Figura 03: Visualização da Libras no Ethnologue Languages of the World



The Sign Language Dataset Compendium

Start | About | Corpora | Lexical Resources | Tasks | Languages | Credit

Language

Libras

ISO 639-3: bzs
Glottolog: braz1236
Acronyms: Libras
LIBRAS
LSB
LGB
LSCB
SPSL
BSL

English names: Brazilian Sign Language
Brazilian Cities Sign Language
São Paulo Sign Language

Local names: Língua Brasileira de Sinais
Língua de Sinais Brasileira
Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros

Lexical Resources involving Libras

- [Signbank da Libras](#)
- [SpreadTheSign](#)

The Sign Language Dataset Compendium v1.0
[Contact](#) | [Imprint](#) | [Data Privacy](#)

2. The Sign Language Dataset Compendium (KOPF et al., 2022)

<https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/lr/compendium/>

Este compendium apresenta uma lista de recursos digitais em Línguas de Sinais que podem ser usados para fins de pesquisa. O compendium inclui tanto recursos de corpora, como recursos lexicais. Também oferece uma visão geral das coleções de dados acessadas como corpora de Línguas de Sinais. Para acessar o banco de dados de um língua específica, o compendium disponibiliza um index.

Figura 04: Visualização da página na qual a Libras está listada no Sign Language Dataset Compendium

Brazilian Sign Language

LANGUAGE MAP

A language of Brazil

ISO 639-3	lbt
Alternate Names	LIBRAS, LSB, Libras, Língua Brasileira de Sinais, Língua de Sinais Brasileira, Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros, SPSL, São Paulo Sign Language
User Population	630,000 (2021 DBS/DOOR/SL). Estimated 420,000–840,000 deaf sign language users, based on 0.2%–0.4% of the general population. Another estimate: 2,000,000 (2019 R. Quadros). Ethnic population: 9,700,000 (2010). Ethnic population represents people with significant hearing loss (2010 census).
Location	Scattered.
Language Status	5 (Developing). Recognized language (2002, Law 10.436/2002, Parliamentary decree 5626/2005).
Classification	Sign language, Deaf community sign language
Typology	One-handed fingerspelling system derived from French Sign Language (LSF).
Language Use	Vigorous. Used by all. Also use Portuguese [por].
Language Development	TV Dictionary: Grammar. Agency: Federação Nacional De Educação e Integração Dos Surdos (FENEDS).
Language Resources	OLAC resources in and about Brazilian Sign Language
Other Comments	São Paulo deaf generally receive oralist education.

SIZE AND VITALITY

Click to enlarge with explanation

PLACE IN LANGUAGE CLOUD

Click to enlarge with explanation

BECOME A CONTRIBUTOR

Are you an expert on Brazilian Sign Language? If so, we invite you to join our Contributor Program. You'll receive credits toward complimentary access to Ethnologue for every contribution that is vetted and accepted by our editors.

Learn More >

(1) Sign Language Atlas (HOSEMANN; STEINBACH, 2021; HOSEMANN; STEINBACH, 2022 no prelo)

Este é um atlas de Línguas de Sinais. Nós contribuimos com informações sobre a Libras em diferentes níveis linguísticos. Assim, a Libras integra este atlas que estará disponível em breve.

Figura 05: Visualização da tela do Atlas de Línguas de Sinais

SCN HUB HOME ATLAS LIFE STORIES THE SIGN-HUB PROJECT en

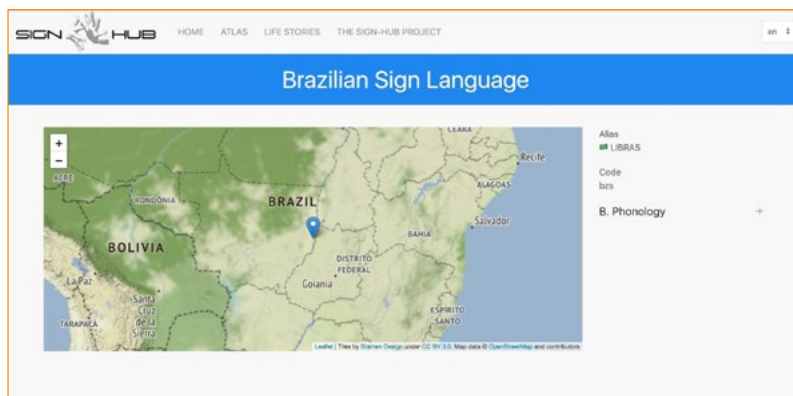
Atlas

LIBRAS

LIBERIA CAMEROON CONGO (BRAZZAVILLE) ANGOLA BOTSWANA

Map data © OpenStreetMap contributors

Figura 06: Visualização da tela do Atlas com localização da Libras



A Libras tem sido incluída em vários materiais de estudos sobre Línguas de Sinais, entre eles destacamos os seguintes:

- ***The Routledge Handbook of Sign Language Translation and Interpreting*** Editado por Christopher Stone, Robert Adam, Ronice Müller de Quadros, Christian Rathmann Routledge Press. 2022.
Capítulo 14: *The intermodal simultaneous interpreting process*
Carlos Henrique Rodrigues
Capítulo 16: *The trajectory of the deaf interpreter and translator on International Sign Language: Lessons from Juan Carlos Druetta in South America*
Kátia Lucy Pinheiro, Marianne Rossi Stumpf
Capítulo 19: *The interpreting team: The integration of strategies used during the interpreting process in the booth*
Tiago Coimbra Nogueira
Capítulo 24: *An overview of Libras-Portuguese translation and interpretation in the legal sphere*
Silvana Aguiar dos Santos, Marianne Rossi Stumpf
Capítulo 27: *Translation policies for the education of sign language translators and interpreters in school environments*
Sonia Marta de Oliveira, Ronice Müller de Quadros
- ***The Cambridge Handbook of Language Standardization***
Editado por Wendy Ayres-Bennett e John Bellamy. Cambridge University Press. 2021.
Capítulo 29: *Sign Language Standardization*
Ronice Müller de Quadros e Christian Rathmann
Brazilian Sign Language Studies

Editado por Ronice Müller de Quadros
De Gruyter Mouton - Ishara Press. 2020.

- ***Sign Multilingualism***
Editado por Ulrike Zeshan e Jenny Webster
De Gruyter Mouton - Ishara Press. 2020.
Capítulo 6: *Blending languages: bimodal bilinguals and language synthesis*
Ronice Müller de Quadros, Diane Lillo-Martin e Deborah Chen Pichler
- ***The Oxford Handbook of Language Policy and Planning***
Editado por James W. Tollefson e Miguel Pérez-Milans
Oxford University Press. 2018.
Capítulo 22: *Language policies and sign languages*
Ronice Müller de Quadros
- ***The Oxford Handbook of Deaf Studies in Language***
Editado por Marc Marschark e Patricia Elizabeth Spencer
Oxford University Press. 2016.
Capítulo 12: *Bimodal bilingualism: Sign Language and Spoken Language*
Ronice Müller de Quadros, Diane Lillo-Martin e Deborah Chen Pichler
- ***Signed Language Interpreting in Brazil***
Editado por Ronice Müller de Quadros, Earl Fleetwood, Melanie Metzger
Gallaudet University Press. 2012
- ***Sign Languages of the World: A Comparative Handbook***
Editado por Julie Bakken Jepsen, Goedele De Clerck, Sam Lutalo-Kiingi e William B. McGregor. De Gruyter Handbook. 2015.
Capítulo 4: *Brazilian Sign Language (Libras)*
André Nogueira Xavier e Regiane Pinheiro Agrella
- ***Sociolinguistics and deaf communities***
Editado por Adam Schembri e Ceil Lucas
Cambridge University Press. 2015.
Capítulo 6: *Language policy and planning in Deaf communities*
Josep Quer e Ronice Müller de Quadros
- ***Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide***
Editado por Eleni Ofganidou, Bencie Woll e Gary Morgan
Wiley Blackwell. 2015.

- ***Methods in Bimodal Bilingualism Research: Experimental Studies***
Ronice Müller de Quadros, Deborah Chen Pichler, Diane Lillo-Martin, Carina Rebello Cruz, Viola Kozak, Jeffrey Levi Palmer, Aline Lemos Pizzio, e Wanette Reynolds
- ***Signed language interpretation and translation research***
Editado por Brenda Nicodemus e Keith Cagle
Gallaudet University Press. 2015.
- ***Translating the UFSC University Entrance Exam Into Libras: Challenges and Solutions*** Ronice Müller de Quadros, Janine de Oliveira, Aline Nunes de Sousa e Roberto Dutra Vargas
- ***Interpreter Education in the Digital Age: Innovation, Access, and Change***
Editado por Suzanne Ehrlich e Jemina Napier
Capítulo 10: *Sign Language Interpreting and Translation in Brazil: Innovative Formal Education*. 2014.
Ronice Müller de Quadros Marianne Rossi Stumpf
- ***Spoken Corpora and Linguistic Studies***
Editado por Tommaso Raso e Heliana Mello
John Benjamins Publish Company. 2014
Capítulo 3: *Methodological considerations for the development and use of sign language acquisition corpora*
Ronice Müller de Quadros, Diane Lillo-Martin e Deborah Chen Pichler
- ***Sign languages***
Editado por Diane Brentari
Cambridge University Press. 2010.
Capítulo 11: *Clause Structure*
Ronice Müller de Quadros e Diane Lillo-Martin
- ***International Perspectives on Sign Language Interpreter Education***
Editado por Jemina Napier
Gallaudet University Press. 2009.
Part III: *The Americas*
Brazilian Sign Language Interpreter Education in Brazil: From Voluntary Work to Formal Distant Learning
Ronice Müller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf

- ***Hearing, Mother Father Deaf: Hearing People in Deaf Families***
Editado por Michele Bishop e Sherry Hicks
Gallaudet University Press. 2008.
Part III: *Sign and spoken contact*
Brazilian Codas: Libras and Portuguese in Contact Zones
Ronice Müller de Quadros e Mara Lúcia Masutti
- ***Sign Language and Linguistic Universals***
Wendy Sandler and Diane Lillo-Martin
Cambridge University Press. 2006.
- ***Constructions in Sign Languages***
Editado por Ulrike Zeshan
Ishara Press. 2006
Capítulo 10: *Questions in Brazilian Sign Language*
Ronice Müller de Quadros

Além destas publicações internacionais dedicadas às Línguas de Sinais, contamos com várias publicações internacionais no formato de artigo e anais representadas por vários dos autores que integram esta gramática. Os estudos da Libras passaram a integrar as discussões sobre as Línguas de Sinais no mundo de forma representativa, contribuindo para os estudos destas e o reconhecimento das contribuições no âmbito da linguística. Além disso, percebemos um reconhecimento internacional das aplicações dos estudos da Libras na formação de professores de Libras e de tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, enquanto práticas educacionais inovadoras, especialmente com a criação dos cursos de Letras-Libras, na modalidade à distância. A partir desse reconhecimento, a Libras está mapeada entre as Línguas de Sinais e passa a ser uma das que são estudadas em comparação com outras Línguas de Sinais, contribuindo efetivamente para os avanços dos estudos dessas línguas (a exemplo, as publicações listadas acima, bem como as citadas no âmbito da gramática nos diferentes níveis gramaticais abordados).

3.2.2 A Libras e a Língua de Sinais Internacional

As Comunidades Surdas em todo o mundo fazem contatos com outras pessoas surdas que usam diferentes formas de Língua de Sinais, desde sinais caseiros até Línguas Nacionais de Sinais. Há uma língua de contato, em nível internacional, com sua própria história, que pode ter começado em 1834, no primeiro banquete em homenagem ao Abbé de l'Épée em Paris. Essa categoria de uso da linguagem de

contato foi relatada pela primeira vez em 1850 por Ferdinand Berthier, um francês surdo, que se encontrava de como os surdos de diferentes partes do mundo podiam conversar no banquete e se entender (MOODY, 1987). As pessoas surdas usam os sinais internacionais, chamada atualmente como Língua de Sinais Internacional (IntSL), principalmente em ambientes internacionais para se familiarizarem e se comunicarem sobre assuntos de interesse deles. Conforme as autoras Lage e Kelman (2021, pg. 123), há registros sobre esta língua desde há muito tempo:

O 1º Banquete aconteceu logo em 1834, no dia 30 de novembro, pelo 122º aniversário do Abade de l'Épée. Cerca de sessenta pessoas compareceram. Formamos um ambiente animado e com simpatias. "Irmãos de infortúnio" de diferentes profissões e de diferentes países, todos falando nossa mesma mímica; celebramos em família!

Essas formas de encontros com os Líderes Surdos também estão sendo construídas na comunicação e isto é enriquecedor nos direitos linguísticos. Reconhecem as reuniões com os Líderes Surdos dos vários países que discutem os temas interessantes, militantes na Educação de Surdos, enquanto política de resistência. Após a proibição do uso das Línguas de Sinais no Congresso de Milão, em 1880, os surdos continuaram a se reunir em diversos eventos e preservaram a comunicação em Línguas de Sinais no mundo.

Entre os eventos realizados pelos surdos no mundo, destacam-se os eventos esportivos organizados pelo Comitê Internacional de Esportes para Surdos (Jogos Mundiais organizados a cada 4 anos, desde 1924, reconhecidos pelo Comitê Olímpico. Estes eventos estão estruturados em diferentes Federações Nacionais; mas quando são realizados, a IntSL é usada entre os participantes de diferentes países.

Outro acontecimento importante é fruto da Federação Mundial de Surdos (WFD). Esta organização mundial de surdos realiza congressos e reuniões sistemáticas que reúnem surdos do mundo inteiro, atualmente de forma mais intensa em função das tecnologias existentes que favorecem encontros virtuais. O número dessas reuniões aumentou significativamente nos últimos anos, com o objetivo de estabelecer uma cooperação internacional. Um dos objetivos principais das atividades da WFD está relacionado com os direitos dos surdos à língua, à educação e à sociedade.

IntSL é comumente usada na Assembleia Geral (AG) da WFD e do Comitê Internacional de Esportes para Surdos e também em muitos outros encontros e eventos internacionais.

Segundo Rathmann e Quadros (2022), o status dessa língua como uma língua tem sido debatido há muito tempo por uma série de razões que são motivadas pela variação intrínseca que apresenta, assim como em função de não ser uma língua adquirida de pais para filhos, como acontece com as Línguas de Sinais Nacionais.

Um dicionário de Gestuno (The British Association of the Deaf, 1975) foi publicado para uso em comunicação internacional, especialmente para conferências. As reuniões de nível internacional, como ONU, UNESCO e outros, foram reconhecidas como espaço no qual se usava a IntSL enquanto língua franca.

Com os usos da IntSL em uma dimensão global, a IntSL evidencia a sua consolidação enquanto língua, pelo menos na Europa, antes do século XVIII. À medida que as escolas de surdos estavam sendo estabelecidas em todo o mundo nos séculos 18 e 19, professores surdos e líderes comunitários começaram a se encontrar com seus colegas estrangeiros para trocar experiências e para comparar a situação dos surdos entre os países. Então, reconhecemos que a IntSL vem se desenvolvendo naturalmente há 200 anos e talvez mais. Na América do Sul também ocorreram encontros de esportes de surdos, assim como eventos internacionais, nos quais a IntSL era utilizada entre os surdos de diferentes países.

No X Congresso Mundial da WFD na Finlândia, em 1987, os organizadores contrataram uma equipe de intérpretes profissionais da IntSL. Naquela época, ficou claro que o vocabulário de sinais do Gestuno não era suficiente e que os intérpretes teriam que usar o sinais internacionais que haviam evoluído ao longo de dois séculos em eventos internacionais de pessoas surdas. Pela primeira vez, Intérpretes Surdos foram incluídos na equipe de intérpretes internacionais, que se reuniu antes do Congresso para preparar as apresentações para as sessões e treinar para a tarefa (PINHEIRO, 2020).

Em 2005, aconteceu a primeira reunião da nova Associação Mundial de Intérpretes de Línguas de Sinais (WASLI) em Worcester, África do Sul. Foi reconhecida a evolução da atividade de interpretação de IntSL em eventos internacionais, estabelecendo-se um campo de atuação profissional interlínguas de sinais. A interpretação de IntSL em Worcester foi uma grande revelação nas traduções dessa língua: uma língua verdadeiramente completa que evidencia sua evolução ao longo dos anos, constituindo-se enquanto língua a partir de práticas linguísticas (RATHMANN; QUADROS, 2022). Além disso, os Intérpretes Surdos ocuparam este campo de atuação profissional juntamente com os intérpretes ouvintes, consolidando um trabalho coletivo.

Segundo Pinheiro (2020), a IntSL surge no Brasil a partir das interações entre surdos brasileiros e surdos de outros países, mas principalmente em eventos internacionais em que há a presença de surdos de diferentes partes do mundo. Pinheiro (2020) mapeou os usos do IntSL em eventos internacionais realizados no Brasil que incluíram Intérpretes Surdos brasileiros do IntSL e da Libras. A autora identificou esses intérpretes para mapear como eles se tornam fluentes em IntSL e como se tornaram intérpretes profissionais. Segundo a autora, a qualificação do surdo para ocupar o papel de intérprete acontece muito mais a partir de experiências empíricas, do que por meios formais. À medida que aprenderam a língua, passaram a atuar como intérpretes, desenvolvendo habilidades de tradução.

Alguns realizaram algum tipo de treinamento específico na área de interpretação, mas geralmente eram cursos de curta duração em outros países. Hoje, alguns deles são formados em Letras-Libras e, também, fazem mestrado e doutorado em Estudos da Tradução.

No Brasil, houve um curso online de IntSL promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina e pela Gallaudet University e pela Kapi'olani Community College KCC, em 2014. O Prof. Juan Druetta, da Argentina, junto com os Profa. Marianne Rossi Stumpf da UFSC e Prof. Rodrigo Nogueira Machado da UFC, do Brasil, ministraram o curso para brasileiros e surdos americanos com financiamento da CAPES/FIPSE (Projeto 4, 3, 2, 1: 4 Universidades, 3 Línguas de Sinais, 2 Países, 1 Visão).

Os conteúdos do curso foram apresentados na IntSL incluindo os seguintes temas: histórico do uso de sinais internacionais; o estudo de aspectos da língua: localização, variação dos verbos, formas interrogativas, expressão facial, formas negativas; empréstimos lexicais e peculiaridades na interpretação de sinais internacionais, pois coincide com a disciplina ministrada pelos professores. A elaboração desta disciplina foi um grande desafio, pois pela primeira vez no Brasil estava sendo organizada uma formação formal da IntSL. Isso foi sendo superado pela equipe composta de professores das Universidades e gerou algumas dificuldades iniciais, previsíveis, pois demoramos algum tempo para encontrar a metodologia mais apropriada para podermos interagir produtivamente. No entanto, esta experiência foi construída para produção de um material tendo como público alvo, especialmente, alunos surdos, usuários de Libras.

Este curso representa um marco no reconhecimento da IntSL como idioma no país. Além desse curso, atualmente os cursos IntSL são ministrados na Universidade Federal de Santa Catarina, junto com o curso de Letras-Libras, que forma professores, tradutores e intérpretes de Língua de Sinais; bem como há uma oferta sistemática de cursos IntSL ministrados por professores fluentes nesta língua. Por exemplo, a professora Gracy Soares oferece cursos IntSL em três níveis diferentes: iniciante, intermediário e avançado. A oferta formal de cursos IntSL demonstra o reconhecimento de seu status linguístico.

De acordo com a entrevista concedida por Ana Regina e Souza Campello, a primeira presidente surda brasileira da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), em 1987, a IntSL passou a ser compartilhada entre os surdos brasileiros devido à participação destes em eventos internacionais, principalmente após a FENEIS ser filiada à WFD, uma vez que a IntSL passou a ser utilizada por líderes surdos brasileiros que participam ativamente das atividades propostas pelo WFD, como eventos internacionais e encontros de surdos, além de outros eventos envolvendo surdos de diversos países.

O reconhecimento da IntSL no Brasil é baseado na presença de intérpretes de Libras e IntSL em eventos acadêmicos. Pinheiro (2020) identificou uma expansão

na presença de Intérpretes Surdos atuando com interpretação simultânea no par de línguas Libras e IntSL. A autora identificou a atuação desses intérpretes no Brasil desde 1993, no II Congresso Latino-Americano de Bilinguismo (Língua de Sinais / língua falada) para surdos, realizado no Rio de Janeiro. A partir deste evento, houve um aumento na demanda por esses profissionais em diferentes eventos científicos, esportivos e artísticos.

Os principais eventos internacionais que impactam na disseminação da IntSL no Brasil foram o 6o. Questões Teóricas em Pesquisa em Língua de Sinais, em 2006; Surdos Acadêmicos, em 2010; SIGN8, em 2017; o 5º Campeonato Mundial de Natação de Surdos e Conferência Internacional do Instituto Nacional de Surdos (INES) e Literatura de Surdos, em 2019.

O primeiro registro de intérprete de IntSL para Libras e de Libras para Língua Portuguesa foi no evento de acadêmicos surdos, 2010, da UFSC no Brasil (Deaf Academics). O registro mais recente da atuação de intérpretes de IntSL para Libras e de Libras/Língua Portuguesa ou Inglesa foi na Surdolimpíadas (Deaf Olympics) em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, no Brasil, em maio de 2022.

A maioria dos intérpretes de IntSL atuam no contexto acadêmico, mas também há a presença desses intérpretes em outros contextos. Temos verificado uma diversidade bastante grande no uso da IntSL por meio de diferentes mídias com diferentes fins, não somente em contextos relacionados a eventos, embora nestas oportunidades constatemos o contato entre diferentes surdos do mundo inteiro proporcionando o uso da IntSL.

Além disso, as conferências nacionais realizadas pela UFSC, a cada dois anos a partir de 2008, de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e Linguística de Línguas de Sinais passaram a ter mais participantes internacionais. Nas duas últimas edições, em 2016 e 2018, foram contratados intérpretes da equipe IntSL para atuar durante toda a conferência. E, a partir da edição de 2022, a IntSL passou a ser uma das línguas oficiais do evento, alterando o status destes eventos que, aos poucos, se tornaram internacionais.

A IntSL no Brasil está sendo incorporada como segunda Língua de Sinais pelos surdos que participam de eventos internacionais no país. Além dos eventos, a IntSL ganha espaços mais representativos dentro da academia brasileira. O Brasil possui 40 programas de Letras-Libras licenciatura e 8 programas de Letras-Libras bacharelado espalhados por todo o território nacional dentro de universidades federais. Essas universidades produzem conhecimento, além de educação. As investigações e a educação em Língua de Sinais contam com pesquisadores visitantes internacionais que usam a IntSL como uma língua compartilhada, ou seja, como uma língua franca nos espaços acadêmicos. Assim, pesquisadores brasileiros que atuam nos cursos de Letras-Libras, bem como alunos desses cursos e pós-graduações, passam a utilizar

o IntSL nesses espaços. Hoje em dia, IntSL é uma das línguas mais presentes entre professores, intérpretes e tradutores de Língua de Sinais e pesquisadores de LS.

Pinheiro (2020), ao analisar o estabelecimento de intérpretes profissionais da IntSL no Brasil e as práticas linguísticas incluindo a IntSL, conclui que essa é uma língua que contempla todos os aspectos linguísticos que caracterizam as línguas, além de evidenciar efeitos de diversas culturas de diferentes países ao redor do mundo, passando a configurar como parte das Comunidades Surdas internacionais, manifestando-se de forma multicultural e multilíngue, normalmente como uma segunda ou terceira língua dos surdos. Os tradutores e intérpretes surdos da IntSL podem trabalhar com competência tradutória e interpretativa (interpretação, tradução e tradução-interpretação) para traduzir discursos e fazer com que a comunicação aconteça em seus diferentes contextos, sem barreiras linguísticas. (PINHEIRO, 2020, p. 110).

Isso nos leva à discussão sobre a Língua de Sinais Internacional e seu status linguístico. Rathmann e Quadros (2022) apresentam uma análise quanto ao status da IntSL comparando aspectos sociolinguísticos e linguísticos desta Língua de Sinais com a Libras e a Língua de Sinais Alemã. Os autores identificam aspectos das práticas linguísticas entre as três línguas que evidenciam a consolidação da IntSL enquanto língua global. Diferente do Brasil, na Alemanha as comunidades surdas utilizam a Língua de Sinais Internacional há mais de 200 anos, pois a Europa é o berço desta língua. Interessantemente que os autores identificaram em seu corpus que vários surdos, filhos de pais surdos, adquiriram a IntSL desde crianças, como uma de suas Língua de Sinais, pois acompanhavam seus pais em eventos internacionais na Europa, nos quais eles usavam a IntSL. Todos dizem que era um pouco diferente, pois, atualmente, eles utilizam a IntSL em ambientes acadêmicos. De qualquer forma, os autores constataram que a Língua de Sinais Internacional é adquirida sim de geração em geração de surdos, mesmo daqueles que não são filhos de pais surdos. Outro aspecto abordado por Rathmann e Quadros (2022) diz respeito à questão da variação lexical identificada na IntSL como recorrente. Na verdade, os autores analisaram os dados do corpus da IntSL, constituído por surdos de diferentes continentes, e constataram que, apesar da variação, existe sim uma estabilidade desta língua que a caracteriza como língua franca global. Os autores confirmam este status, especialmente pelas práticas linguísticas consolidadas a partir do uso das tecnologias existentes, com o acesso à IntSL em diferentes espaços, de forma virtual. Os surdos brasileiros, entre surdos de diferentes países, integram tais práticas.

Assim, as Comunidades Surdas Brasileiras passam a integrar a IntSL em diferentes espaços, constituindo-se em comunidades multilíngues e multimodais.

3.3 Inventário Nacional da Libras

Alexandre Melo de Sousa, Carlos Ludwig, Jair Barbosa da Silva, Ronice Müller de Quadros, Rodrigo Nogueira Machado

Antes de começarmos a tratar do *Inventário Nacional da Libras* é importante saber que ele integra o *Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (INDL) – que se trata de uma política voltada para o reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural do Brasil e tem como objetivos pesquisar as línguas e reconhecê-las como patrimônio cultural tomando como ponto de partida a identificação e documentação da pluralidade linguística nacional. Para isso, precisa mapear (documentar), caracterizar seus usos e diagnosticar sua vitalidade linguística (IPHAN, 2016).

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos destaca, em seus princípios gerais (Artigo 8), que “Todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor de meios necessários para assegurar a transmissão e a continuidade de futuro de sua língua” (OLIVEIRA, 2003, p. 28).

O INDL, com base na dimensão da diversidade e da pluralidade linguística do Brasil, propõe cinco categorias de línguas: línguas de imigração, línguas indígenas, línguas afro-brasileiras, línguas crioulas e Línguas de Sinais. Para integrar o Inventário, como já constava no Relatório do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística, a língua necessitaria “ter relevância para a memória e identidade dos grupos que compõem a sociedade brasileira, ser veículo de transmissão cultural e falada no território nacional há pelo menos três gerações (GTDL, 2007, p. 11).

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma das Línguas Sinalizadas brasileiras, foi reconhecida legalmente no Brasil por meio da Lei nº 10.436, de 2002, e regulamentada em 2005 pelo Decreto 5.626. Contudo, como destacam Quadros e Silva (2017), há, mapeadas em trabalhos científicos, pelo menos outras 10 Línguas de Sinais utilizadas em aldeias indígenas e comunidades isoladas (rurais e vilas) brasileiras.

Nonaka (2004), em estudo sobre a vitalidade das Línguas de Sinais no mundo, destaca diferentes níveis de risco para as Línguas Sinalizadas. No caso do Brasil, estudos de Leite e Quadros (2014) e Quadros e Silva (2017) mostram que, considerando o fato de algumas Línguas de Sinais serem utilizadas por Comunidades de Surdos muito pequenas e dispersas, existe um alto risco de extinção dessas línguas. Até mesmo a Libras – que possui um número maior de falantes, especialmente nos centros urbanos – corre o risco de ser extinta, principalmente, como aponta Quadros (2019, p. 33), pela sua forma de transmissão: “o fato de ela não ser transmitida de pai para filho [...] torna a Libras suscetível a constantes reinvenções”. Dados os fatores expostos, a Libras passou a ser mapeada em 2014 (QUADROS et al, 2018), a partir do Projeto Inventário da Grande Florianópolis, financiado pelo CNPq (Processos 234255/2013-7, 303725/2013-3, 471355/2013-5),

mas sua documentação teve início em 1995 “com dados de estudos longitudinais com crianças surdas filhas de pais surdos adquirindo a Libras” (QUADROS et al, 2020a, p. 5459).

A documentação da Libras, alinhada à proposta do INDL, objetiva mapear, descrever e disponibilizar um conjunto de dados linguísticos sobre a língua e a Comunidade Surda que a utiliza, “para fins de interesse político, social, cultural, educacional, linguístico e científico” (QUADROS et al, 2020a, p. 5458).

É fundamental que os resultados desse amplo projeto sejam difundidos e passem a estimular outras iniciativas políticas, científicas, educacionais, culturais, com foco nas Línguas de Sinais e suas variantes, especialmente como forma de consolidação, valorização dos diferentes usos em diferentes regiões sociodialetais brasileiras.

Os materiais que compõem a documentação do *Inventário Nacional da Libras* são apresentados por Quadros et al (2020, 2022) nestes termos:

1. Um abrangente e bem fundamentado teórico-metodologicamente corpus da Libras, representando um inventário da Libras das regiões metropolitanas de Florianópolis (SC), de Maceió (AL), de Fortaleza (CE), de Palmas (TO) e de Rio Branco (AC), de forma gratuita e online, a outros pesquisadores da Libras e a profissionais que atuam com pessoas surdas e que desejem utilizá-lo para fins variados, especialmente para uso na educação (QUADROS et al., 2020);
2. Um conjunto de diretrizes para a constituição de corpus de Libras com foco no registro, na documentação e na recuperação de dados para fins de análise linguística em pesquisas futuras;
3. Uma descrição das alternativas tecnológicas disponíveis atualmente para fundamentar, de modo consistente e empírico, as investigações com a Libras;
4. Um importante registro linguístico, histórico e cultural das trajetórias das pessoas surdas de quatro regiões do país – o que favorece e impulsiona a inclusão social na sociedade brasileira, podendo, posteriormente, ser estendido a outras áreas geográficas do país.

3.3.1 A documentação da Libras

Ronice de Quadros, Jair Silva, Rodrigo Nogueira Machado e Carlos Ludwig, Alexandre Melo de Sousa

De início, é importante ressaltar que a preocupação em documentar as diferentes Línguas de Sinais existentes, bem como estabelecer e sistematizar procedimentos de coleta, registro, armazenamento e recuperação de dados e metadados, tem sido evidenciada em pesquisas como Crasborn, Van Der Kooij e Mesch (2004); Efthimiou e Fotinea (2007); Hanke (2000); Leeson, Saeed e Byrne-Dunne (2006); Leite (2008); Schembri (2008), Chen-Pichler et. al. (2010); Leite e Quadros (2014);

Quadros (2016); Quadros et. al. (2019), Quadros et al (2020), o que contribui sobremaneira para a consolidação dos estudos teóricos e aplicados relativos, por exemplo, à Libras.

A esse respeito, cabe destacar que o banco de dados de Libras (iniciado em 1995, como mencionamos anteriormente), conta, atualmente, com uma configuração metodológica cientificamente consistente e rigorosamente controlada, de modo que – observando as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa – parte dos dados encontram-se restritos e são acessados para estudos adicionais e análises no âmbito do Corpus de Libras de aquisição da linguagem. É essa metodologia que tem dado base ao Inventário Nacional de Libras – que integra o Corpus de Libras – e já conta com as seguintes áreas de documentação: grande Florianópolis, Santa Catarina (projeto matriz sediado na UFSC), grande Maceió, Alagoas (sediado na UFAL), grande Fortaleza, Ceará (sediado na UFC), grande Palmas, Tocantins (sediado na UFT) e região de Rio Branco e Acre (sediado na UFAC).

Como destacam Quadros et al (2020), o objetivo é que essa constituição de dados ocorra em outras regiões do Brasil para que, assim, o projeto possibilite análises comparáveis da Libras utilizada nas diferentes regiões do Brasil. Para isso, o projeto estabelece um desenho metodológico aplicável em diferentes localidades, a partir de interações entre pares de surdos, em grupos definidos por faixa etária e gênero. A coleta e organização de dados e metadados, bem como os procedimentos de transcrição, permitem a identificação de “fatores contextuais que influenciam a variabilidade da Libras, explicando fenômenos linguísticos” (QUADROS et al, 2020, p. 5460) diversos.

Para que houvesse unidade teórica e metodológica entre os pesquisadores envolvidos no Inventário, a UFSC promoveu formação teórica e prática de todas as etapas que envolvem a constituição do corpus: coleta, arquivamento e transcrição dos dados. As especificidades de cada projeto serão descritas na próxima seção.

Além do Inventário, a documentação de Libras inclui: dados do Libras Acadêmico (que inclui produções do Exame ProLibras, Letras-Libras EaD da UFSC, produções de discentes, entre outras), Antologias de Poemas em Libras (que inclui poemas produzidos por surdos com estilos variados), Toponímia em Libras (que inclui sinais de cidades acreanas e seus referentes motivacionais, como consta em Sousa e Quadros, 2021); arquivos de transcrição e anotação de dados (que possibilitam a análise linguística sistematizada, a partir da compreensão dos registros e da comparação de dados).

3.3.2 Inventário Nacional da Libras: coleta e transcrição de dados

O *Inventário Nacional de Libras* objetiva, a partir da constituição de um corpus representativo de cada região metropolitana selecionada, mapear e registrar os aspectos sociolinguísticos da Libras específicos de cada Comunidade Surda do

Brasil. Para isso, como já foi enfatizado, os procedimentos metodológicos devem seguir um padrão em todos os locais onde o projeto será replicado. A seguir, trataremos da coleta e transcrição dos dados com base nos estudos de Quadros et al (2020).

3.3.2.1 Coleta dos dados

De acordo com Quadros et al (2020), a coleta dos dados para o Inventário segue critérios rígidos para que possam ser comparáveis e equivalentes qualitativamente. Para que isso ocorra, são utilizados os mesmos recursos tecnológicos para a coleta, para o tratamento (tanto para a edição, quanto para a transcrição) e para armazenamento dos dados. Com isso, o resultado será um corpus homogêneo e consistente da Libras.

A equipe envolvida na pesquisa deve se constituir de: a) um professor pesquisador (que deve ser vinculado à Instituição de Ensino Superior envolvida no projeto); b) um pesquisador local surdo (que deve ser uma Liderança Surda representante da Comunidade Surda local); c) 36 surdos das regiões selecionadas para o estudo (e onde as Universidades estão localizadas) – surdos participantes serão gravados em duplas, o que somará 18 entrevistas.

O pesquisador surdo local, como destacado em Quadros et al (2020), deve:

- i. Ser natural da capital ou residir e conviver com a Comunidade Surda local há, pelo menos, 10 anos;
- ii. Ser extrovertido e articulado (preferencialmente, com experiência acadêmica em nível de graduação ou pós-graduação);
- iii. Possuir conhecimento tecnológico básico para as finalidades do projeto e com facilidade de acesso diário a computador e internet.
- iv. Os participantes (informantes) da pesquisa devem, de acordo com Quadros et al (2020):
- v. Ser natural da capital do estado onde o projeto estiver em desenvolvimento ou nela residir há, pelo menos, 10 anos;
- vi. Ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade) ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência reconhecida na Comunidade Surda;
- vii. Constituir duplas, que deverão ser formadas por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária;
- viii. Representar aproximadamente 3 diferentes gerações de surdos, incluindo jovens (até 30 anos), adultos (entre 30 e 60 anos) e idosos (a partir de 60 anos) – homens e mulheres;
- ix. Possuir diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo).

Além disso, os participantes da pesquisa deverão assinar o Termo de Participação em Pesquisa concordando, sem restrições, com todas as condições de uso e distribuição de suas imagens.

A coleta de dados ocorre em estúdios montados na Universidade ou em espaços onde os informantes surdos se sintam mais confortáveis para serem gravados – associações, escolas etc. A equipe de coleta de dados deve envolver: um pesquisador colaborador da equipe de coordenação (responsável pela condução da entrevista) e um técnico (responsável pela montagem e desmontagem do estúdio, pela supervisão técnica da gravação e do arquivamento dos dados) (QUADROS et al, 2020).

O estúdio é equipado com 4 filmadoras que captam os informantes em diferentes tomadas. Isso é importante para uma análise minuciosa dos articuladores manuais e não manuais em contextos conversacionais, como aponta Leite (2008). Para visualizar com exatidão os sinalizadores, são instalados postes de luz em posições estratégicas e o plano de fundo em tecido de lycra. Além disso, como consta em Quadros et al (2020), as câmeras devem ser posicionadas de acordo com configurações espaciais previamente testadas e planejadas, “o que irá variar de acordo com a atividade que está sendo gravada (e.g. eliciação individual vs., conversação livre)” (QUADROS et al, 2020, p. 5462). É necessário observar que são fundamentais “uma tomada com foco no rosto do sinalizador e uma tomada com foco no espaço de sinalização mais geral” (QUADROS et al, 2020, p. 5462).

As entrevistas com os participantes (informantes), que somam aproximadamente 2 horas, contemplam as seguintes atividades, de acordo com Quadros et al (2020):

- a. Uma atividade inicial de descontração e entrevista de vida (30 minutos): por meio de uma entrevista semiestruturada e semiaberta, o pesquisador buscará eliciar do participante relatos pessoais, envolvendo questões tais como a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da Comunidade Surda local, a sua relação com a Língua Portuguesa e a Libras, em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular e suas aspirações pessoais e profissionais;
- b. Uma atividade de eliciação de narrativas (20 minutos): o informante irá recontar três narrativas que já foram utilizadas em diversos estudos linguísticos e, portanto, poderão ser utilizadas em pesquisas comparativas com outras línguas orais e Línguas de Sinais: a Pear Story; a Frog: where are you?; e a Canary Row, de Tweety & Sylvester;
- c. Um intervalo de 20 minutos para descanso;
- d. Uma atividade de eliciação gramatical e lexical (30 minutos): o participante será apresentado a estímulos criados especificamente para a eliciação de construções gramaticais e itens lexicais da Libras, que foram

adaptados do projeto de corpus da Língua de Sinais alemã (NISHIO et al., 2010);

- e. Uma conversação (até 20 minutos): a dupla será deixada a sós no estúdio para conversar, ou de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo.

Quadros *et al* (2020) destaca a importância das entrevistas serem desenvolvidas de forma que se garanta o registro de “expressões culturais verbais, amostras de palavras e elementos gramaticais, vocabulário específico à realidade cultural, empréstimos, frases ilustrativas de elementos da gramática” (QUADROS *et al*, 2020, p. 5462). E ainda, as entrevistas devem registrar as variedades dialetais e outros elementos que singularizem a língua tipologicamente, tanto naquela região, quanto universalmente. Devem ser consideradas, ainda, “formas de documentação da Libras em situações cotidianas, o que exigirá o desenvolvimento de uma metodologia adequada para filmagem em ambientes externos não controlados” (QUADROS *et al*, 2020, p. 5462).

Há, além das 2 horas reservadas para a coleta de dados em estúdio, interações espontâneas (30 minutos) filmadas na Associação de Surdos local, somando 2 horas e 30 minutos de registros para cada dupla (150 minutos), o que – considerando as 18 duplas – totalizará 45 horas.

3.3.2.2 Transcrição dos dados

O processo de transcrição dos dados requer, inicialmente, um processo de formação detalhada e com rigor metodológico e ético, “a fim de que se possa fazer transcrições de boa qualidade, haja vista que é o processo que mais demanda tempo, atenção e acuidade” (QUADROS *et al*, 2020, p. 5463). A formação é oferecida pela equipe do projeto matriz, na UFSC. Como se trata de um processo complexo, a transcrição da Libras utiliza apenas seis trilhas do Sistema de Anotação Eudico (ELAN):

1º momento: glosagem de sinais manuais da mão direita;

2º momento: glosagem de sinais manuais da mão esquerda; ambas de forma integrada ao Identificador de Sinais;

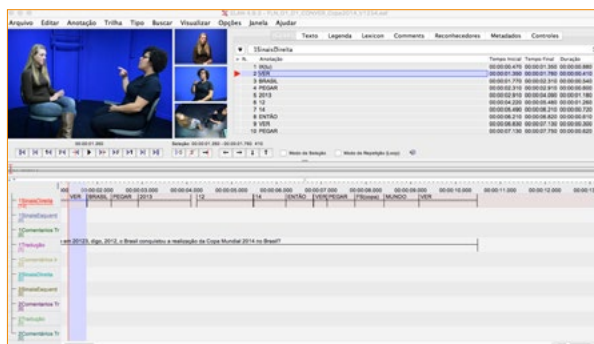
3º momento: tradução de enunciados para a Língua Portuguesa;

4º momento: tradução das glosas para a Língua Inglesa da mão direita;

5º momento: tradução das glosas para a Língua Inglesa da mão esquerda;

6º momento: a tradução de enunciados de Língua Portuguesa para a Língua Inglesa.

Tela do ELAN com as trilhas criadas para o *Corpus* de Libras



As trilhas foram definidas a partir do que deveria constituir uma transcrição básica para ser disponibilizada aos usuários (pesquisadores, professores e demais interessados). As transcrições são feitas sinal por sinal para cada participante e conta com a tradução dos enunciados. Foi desenvolvido um **Tutorial para transcritores** para o Inventário Nacional da Libras que é consultado sistematicamente pelos transcritores (Disponível em <https://corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/index?page=2>).

Segundo Quadros *et al* (2018), o ELAN se adequa à pesquisa do Inventário, porque permite a criação, a edição, a visualização e a busca dos dados em vídeos. É válido ressaltar que as transcrições realizadas no âmbito do Inventário passam por validação. Esse processo ocorre numa segunda etapa de transcrição com amostras estatisticamente significativas dos dados coletados, realizada por membros mais experientes do projeto. O fato de ocorrer periodicamente, possibilita a revisão das transcrições realizadas e a identificação de possíveis inconsistências com relação às convenções e ajustes no manual de transcrição da Libras. A validação dos dados já ocorreu com os dados de Alagoas, Ceará e Tocantins.

A seguir, apresentamos cada inventário já executado ou em execução, no período de 2014 a 2022, abrangendo os seguintes estados brasileiros: Santa Catarina, Alagoas, Ceará, Tocantins e Acre.

3.3.3 Inventário da Libras de Santa Catarina: Grande Florianópolis

O Inventário da Libras do Estado de Santa Catarina, da Grande Florianópolis, foi o primeiro a ser estabelecido com o objetivo de iniciar a composição do *Corpus* de Libras. Esse inventário teve como objetivo primário constituir um *corpus* de libras representativo da região metropolitana de Florianópolis/SC, envolvendo registros em vídeo de situações eliciadas e espontâneas de uso, para ser utilizado em pesquisas e em outras finalidades aplicadas. Os objetivos secundários foram estabelecer um conjunto de diretrizes para o registro e arquivamento de dados e metadados relativos ao uso da Libras a ser replicado em outros estados e criar uma página online para acesso aos dados e metadados do inventário já concebido, no sentido de incorporar dados de outros estados (<https://corpuslibras.ufsc.br/>).

Figura 7: Mapa da Região Metropolitana da Grande Florianópolis -
Municípios Constituídos - Santa Catarina



Fonte: Governo de Santa Catarina (2022).

No escopo deste inventário, a equipe envolvida incluiu pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina. A definição dos instrumentos e do detalhamento do formato do *Corpus* de Libras foi estabelecida compondo a primeira amostra de dados do *corpus* integrante do Inventário Nacional de Libras, com a perspectiva de constituição de um projeto nacional. Iniciamos, portanto, com o estado de SC. Em 2017, iniciou-se a coleta para a constituição do Inventário de Alagoas, sob a coordenação do Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva, na UFAL. A partir de 2018, com recursos do Edital de Ciências Humanas, incluímos o estado do Ceará, sob a coordenação do Prof. Me. Rodrigo Nogueira Machado e, com recursos de fundações locais, no estado de Tocantins, sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Ludwig, na UFT. Em 2021, iniciamos a coleta de dados no estado do Acre, sob a coordenação do Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, da UFAC. Posteriormente replicá-lo-emos para os demais estados, contando com pesquisadores e colaboradores locais vinculados a outras universidades do país.

A pesquisa desenvolvida para estes fins contou com financiamento do CNPq por meio do Edital Universal (Processo 471355/2013-5) e com a bolsa de produtividade do CNPq no período de 2013-2018 (Processo 303725/2013-3). Também contou com financiamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Ministério da Cultura, por meio do Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL) em parceria com a UFSC, no período de 2016 a 2018. Este financiamento teve como objetivo complementar a coleta de dados da Grande Florianópolis, realizar um mapeamento sociolinguístico da comunidade desta região, coletar dados de surdos de referência de todo o país (totalizando 34 participantes) e coletar dados sociolinguísticos por meio de um questionário online para usuários da Libras (surdos e ouvintes), disponível em publicações na página do *Corpus* de Libras (<https://corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/categoria?categoria=Livro>).

O conjunto de diretrizes para o registro e o arquivamento de dados e metadados relativos ao uso da Libras foi estabelecido, a partir das seguintes frentes de trabalho:

- a. Definição dos participantes e condução da coleta de dados;
- b. Elaboração dos instrumentos de coleta de dados;
- c. Coleta de dados por meio de registros em vídeo;
- d. Arquivamento dos vídeos, organização dos dados e metadados;
- e. Transcrição dos dados,
- f. Disponibilização dos dados.

Os instrumentos elaborados, a metodologia para a coleta de dados e o arquivamento de vídeos, a transcrição dos dados e a disponibilização já foram apresentados na seção anterior.

Os dados do Inventário de Libras de Santa Catarina, Região Metropolitana de Florianópolis, compreendem diferentes usos da Libras de 36 participantes

surdos (três grupos divididos por idade e gênero). A identificação destes surdos foi feita por dois surdos locais, Deonísio Schmitt e Juliana Tasca Lohn, ambos professores da Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciaram a identificação destes participantes nas escolas em que há uma concentração maior de surdos, visitaram amigos surdos, associações e pontos de encontros de surdos (locais de encontro com horários fixos em diferentes pontos da cidade). Na Associação de Surdos da Grande Florianópolis, a pesquisadora responsável se apresentou para conversar sobre o projeto e sobre a sua importância para os seus dirigentes, no sentido de contar com o apoio da instituição para a identificação dos surdos, especialmente, do grupo a partir dos 50 anos. Deonísio e Juliana se enquadram no perfil dos pesquisadores colaboradores surdos previstos no Inventário Nacional de Libras, ou seja, são surdos nascidos na região e convivem com a Comunidade Surda local por no mínimo 10 anos; são pessoas extrovertidas e articuladas, além de terem experiência acadêmica em nível de graduação e pós-graduação; são pessoas com conhecimento tecnológico básico para as finalidades do projeto e com facilidade de acesso diário a computador e internet.

Os surdos catarinenses participaram das atividades em duplas, com amigos ou conhecidos da mesma faixa etária, conforme organização prévia, ou seja, três grupos de três faixas etárias diferentes:

Grupo 1: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres entre 16 e 29 anos de idade;

Grupo 2: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres entre 30 e 49 anos de idade,

Grupo 3: 3 duplas de homens e 3 duplas de mulheres acima de 50 anos de idade.

As entrevistas e a coleta do vocabulário foram conduzidas por dois surdos da região metropolitana da Grande Florianópolis com cada participante da pesquisa, individualmente. As demais atividades foram realizadas entre os participantes em duplas, sob a condução dos dois surdos locais.

A coleta de dados com os participantes foi realizada em duplas. Cada dupla interagiu por aproximadamente três horas com atividades propostas pelos pesquisadores assistentes. Essas atividades foram organizadas para a sua visualização em um computador individual por cada participante. Dependendo do material usado, somente um dos participantes visualizava as tarefas. Antes de iniciar a coleta de dados, foi apresentado o termo de consentimento em vídeo e por escrito (vídeo em Libras do Termo de Consentimento: <https://youtu.be/7WZpsP-znbk>).

A coleta de dados foi concluída em dezembro de 2015. Foram entrevistadas 36 duplas de surdos, 6 em cada grupo de acordo com a faixa etária e o gênero. A coleta foi realizada seguindo o roteiro dos instrumentos da coleta de dados. Os vídeos totalizaram 2.340 perspectivas, com 10 a 30 minutos cada, totalizando em

torno de 780 horas de produções.

A sala também foi adaptada para a coleta de dados. Foi necessária a pintura das paredes e do piso para que os vídeos apresentassem mais qualidade para visualização dos participantes. Cada dupla contou com quatro câmeras de vídeo captando diferentes perspectivas da dupla, conforme disposição a seguir:

Posição das quatro câmeras para captação das 4 perspectivas da interação

Câmeras com as tomadas individuais de cada participante



Câmera com a tomada dos participantes simultaneamente de frente e de cima



Segue o resultado das perspectivas captadas pelas quatro câmeras:

As quatro perspectivas captadas pelas quatro câmeras na coleta de dados



Os vídeos foram salvos seguindo um padrão para a sua localização:
Sigla da cidade – Grupo – Dupla – Título da atividade – Vídeo
Por exemplo: FLN_G1_D1_ConversaLivre_Vídeo1

Cada vídeo salvo foi encaminhado para o acervo no servidor e para a produção para o acesso aos transcritores, revisores e tradutores.

O apoio técnico Roberto Vargas Dutra (CNPq) e as bolsistas de iniciação científica Miriam Royer (CNPq) e Bianca Sena Gomes (CNPq) participaram da organização dos dados e metadados do Inventário de Libras de Santa Catarina, Região Metropolitana de Florianópolis.

Todos os dados coletados são armazenados em, no mínimo, três versões: uma em servidor específico do *corpus* de Libras, uma em HD externo sob guarda do coordenador do projeto e uma em disco rígido de backup do Núcleo de Pesquisa do Corpus de Libras. O arquivamento dos vídeos está sendo feito no repositório da UFSC e no servidor do Núcleo de Pesquisas em Aquisição da Língua de Sinais (NALS), do Centro de Comunicação, Departamento de Libras. Foi realizado um estudo no formato de organização dos dados dentro do servidor para o arquivamento dos dados. Foi desenvolvido um **Tutorial de Arquivamento dos Dados e Conversão de Vídeos do Corpus de Libras** para ser consultado sempre que necessário e também servir de referência para a replicação da coleta de dados em outras cidades brasileiras.

Os dados estão organizados em planilhas por grupo e por dupla. Na dupla

indicada, acessamos todos os vídeos associados a ela por meio de uma segunda planilha. A lista compreende os vídeos da tomada 1, 2, 3 e 4 para cada atividade desenvolvida. O grupo definiu que cada vídeo deve ser nomeado indicando a cidade, o grupo, a dupla, a atividade, a tomada do vídeo:

Ø NOME DO ARQUIVO cidade_grupoX_duplaX_títulos_tema_videoX

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO1

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO2

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO3

FLN_G1_D1_1entrevista_VIDEO4

Quando, além do título, também há um tema, o tema será especificado logo após o título:

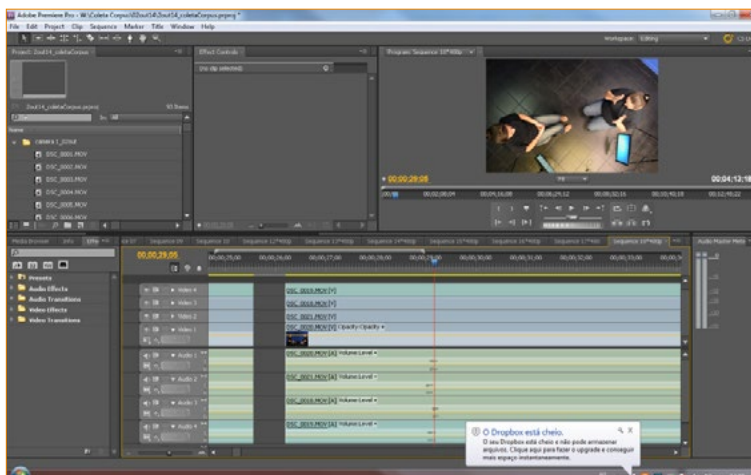
FLN_G1_D1_1Conversação_AssociaçãoSurdos_Vídeo1

FLN_G1_D1_1Conversação_Copa2014_Vídeo1

Estes são os nomes dos arquivos dos dados de Florianópolis (FLN), do Grupo 1 (G1), da dupla 1 (D1), da atividade da primeira entrevista que foi realizada com um dos participantes da dupla 1 (1 entrevista), tomadas 1, 2, 3 e 4 (VIDEO1, VIDEO2, VIDEO3 e VIDEO4). Estes arquivos vão estar associados aos vídeos (.mp4) e aos arquivos do ELAN (.eaf). Todas as atividades foram associadas a quatro arquivos de vídeo e um arquivo .eaf que compreenderam a transcrição dos dois participantes e a tradução dos enunciados para a Língua Portuguesa.

Todos os arquivos das tomadas 1, 2, 3 e 4 foram sincronizados, utilizando-se o Programa Adobe Premiere Pro CC e Adobe Media Encoder CS5. Para facilitar a sincronização das quatro tomadas de vídeos, um dos pesquisadores assistentes inicializa as câmeras e bate-palma para dar início a cada atividade. Os vídeos são baixados no programa que possibilita a visualização do ruído da palma que permite o alinhamento pela pesquisadora Miriam Royer, mesmo sendo surda, pois a informação do ruído se apresenta na forma visual.

Tela dos programas para edição e sincronização dos vídeos das quatro tomadas



A partir do Inventário de Libras de Santa Catarina, da Região Metropolitana de Florianópolis, o objetivo é passar todas as instruções para outros estados brasileiros para a realização da identificação dos participantes surdos da pesquisa, a coleta de dados, filmagens, organização dos dados, metadados, transcrição e publicação para outros estados do Brasil. Precisamos garantir que os dados sejam coletados e organizados da mesma forma para garantirmos a possibilidade de compará-los entre si. A metodologia desenvolvida na constituição do *Corpus* de Libras do Inventário da Região Metropolitana de Florianópolis passa a ser uma referência para a constituição de um *Corpus* da Libras que possa ser comparado entre os estados do país, indicando, possivelmente, diferenças e variações da Libras.

Independente desse fim, os procedimentos criados no escopo do Inventário de Libras do Estado de Santa Catarina, da Região Metropolitana, podem servir de referência para a constituição de outros projetos que envolvam a coleta de dados de Línguas de Sinais não diretamente relacionados com o Inventário de Libras de cada cidade.

3.3.4 Inventário da Libras de Alagoas

A ideia de replicar o *Inventário Nacional de Libras* na Universidade Federal de Alagoas surgiu em 2014, quando, na oportunidade de implantação do curso de Letras-Libras, os professores Jair Barbosa da Silva e Humberto Meira de Araújo Neto (respectivamente, coordenador e vice-coordenador) faziam uma visita técnica na UFSC e conheceram o projeto nacional coordenado pela professora Ronice Quadros. A proposta de Alagoas foi submetida e aprovada pelo CNPq (Processo 460589/2014-8), os recursos foram disponibilizados nos dois anos seguintes e o projeto pode ser iniciado.

A equipe (em termos científicos, técnicos, tecnológicos e éticos) foi constituída

da em 2015, quando foi iniciada a coleta dos dados. Para isso, foram realizados os testes de qualidade de luz e imagem e os ajustes gerais nos instrumentos de coleta (coleta-piloto). Os dados relativos ao primeiro grupo etário de informantes (de 18 a 30 anos) ocorreu ainda em 2015. Em 2016 e 2017, com a inclusão de novos bolsistas e colaboradores, foi dada continuidade ao processo de coleta dos dados e iniciadas as etapas de transcrições e de armazenamento – que foram concluídas em 2018.

Integram a equipe do *Inventário de Libras da Grande Maceió*: Jair Barbosa da Silva (Coordenador executivo do projeto e pesquisador); Bruno Silva Pedra da Rocha (Graduando do curso de Letras-Libras, surdo, colaborador PIBIC de 2017 – 2018); Daniel Cícero dos Santos Barbosa (Graduando do curso de Letras-Libras, surdo, colaborador PIBIC de 2016 – 2017); Elétrica Pinheiro da Silva (Graduanda do curso de Letras-Francês, colaboradora PIBIC de 2014 – 2015); Evely de Souza Mendonça Silva (Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, colaboradora PIBIC de 2016 – 2018); Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque (Graduando do curso de Letras-Libras, surdo, bolsista PIBIC/CNPq de 2015 – 2019); Humberto Meira de Araújo Neto (Professor colaborador e pesquisador); Jéssica Nobre Cedrim Lucena (Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, colaboradora PIBIC de 2015 – 2017); Karoline Morgana Gomes Nicácio Araújo (Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, colaboradora PIBIC/CNPq de 2018 – 2020); Lívia Andrade da Conceição (Professora surda colaboradora); Magda Souto Rosa do Monte (Professora surda colaboradora); Maiara Silva Santos (Graduanda do curso de Letras-Libras, surda, bolsista PIBIC de 2015 – 2020); Raimundo Nonato Maia Júnior (Graduando do curso de Letras-Libras, colaborador, de 2016 – 2018); Sérgio José da Silva (Surdo de referência, graduando do curso de Letras-Libras e bolsista do PIBIC de 2014 – 2018).

Para a perfeita execução do projeto foi fundamental o acompanhamento técnico e operacional em todas as etapas da coordenadora do projeto matriz – professora Dra. Ronice Müller de Quadros.

Figura 8: Visita técnica das pesquisadoras Ronice Müller de Quadros e Diane Lillo-Martin ao Projeto da UFAL - 2017



Fonte: Os autores.

Como consta em Quadros *et al* (2020), os dados que compõem o *Inventário de Libras da Grande Maceió* foram coletados com informantes surdos da região metropolitana, formada por doze municípios, além da capital Maceió: Paripueira, Barra de Santo Antônio, Murici, Messias, Rio Largo, Atalaia, Pilar, Satuba, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco, Marechal Deodoro e Barra de São Miguel.

Figura 9: Mapa da Região Metropolitana de Maceió – Alagoas



Fonte: WIKIPEDIA (2022).

A escolha dos informantes seguiu o perfil indicado pelo projeto matriz, quanto ao processo aquisicional da Libras ou ao contato com essa língua e com a Comunidade Surda a que pertence. Grande parte dos dados são de Maceió, o que se deu, principalmente, pela localização e proximidade do *LabLibras* (Laboratório de Libras), na Universidade Federal de Alagoas.

Atualmente, como consta em Quadros *et al* (2020), os dados do *Inventário de Libras da Grande Maceió* estão em fase de revisão de transcrições e “têm impactado diretamente naquilo a que se propõe: um conjunto de dados teórico-metodologicamente estruturado para fins de pesquisa sobre a Libras” (QUADROS *et al*, 2020, p. 5466). Os dados estão armazenados no servidor da UFSC e disponibilizados para consulta pública no site do *Corpus de Libras* (2022) e integram, também, o projeto nacional *Documentação de Libras*, coordenado igualmente pela professora Quadros.

Vale ressaltar que, a exemplo do que ocorreu com o projeto matriz, o *Inventário de Libras da Grande Maceió* tem contribuído significativamente para a formação de novos pesquisadores nos âmbitos teórico, prático, tecnológico e ético, de pesquisadores iniciantes (graduação) até pesquisadores mais experientes (pós-graduação).

3.3.5 Inventário da Libras do Ceará

De acordo com Quadros *et al* (2020), o *Inventário da Libras da Região de Fortaleza* iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2018, quando, de fato, principiaram-se as orientações e planejamentos dos trabalhos com a equipe de pesquisa. Além da exposição do projeto, por meio da apresentação *Corpus da Libras: conhecendo o Inventário Nacional*, foi realizado o primeiro treinamento como *Formação do Inventário Nacional da Libras* – UFSC, em Florianópolis, com pesquisadores de outras instituições UFAL, UFT e INES e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), na Plataforma Brasil, na Universidade Federal de Santa Catarina, no mesmo ano.

Em 2019, a equipe de pesquisa do Inventário do Ceará participou da Formação e Validação do *Inventário Nacional da Libras*, realizado na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em Maceió, quando se discutiram questões relacionadas à validação de ID glosas para estabelecer um padrão nacional para a transcrição dos dados no ELAN. Dessa formação, participaram, também, pesquisadores da UFSC, UFAL, UFT e INES.

A equipe do *Inventário de Libras da Região de Fortaleza* é formada por: Rodrigo Nogueira Machado (professor da UFC e coordenador do projeto); Kátia Lucy Pinheiro (professora da UFC e pesquisadora do projeto); Vanessa Lima Vidal Machado (professora da UFC e pesquisadora do projeto); Marcus Weydson Pinheiro (professor da UFC e responsável pelas filmagens e edição dos vídeos do projeto); Patrícia Araújo Vieira (professora da UFC e pesquisadora do projeto); Willer Cysne Vasconcelos (professor da UNIFOR, pesquisador surdo local e líder da Comunidade Surda); Diná Souza da Silva (professora da UECE e pesquisadora do projeto); Marcelo Lúcio Correia de Amorim (professor da UFRGS e responsável pelos armazenamentos de dados do projeto); Cleyton Costa (bolsista de iniciação científica do CNPq e aluno do curso de Letras-Libras); Amanda de Moura Barreto (bolsista de extensão da PREX/UFC e aluna do curso de Letras-Libras).

O estúdio para a realização de filmagens e coleta dos dados do Inventário do Ceará foi organizado em 2019. O espaço contou com equipamentos da UFC e equipamentos do projeto de *Documentação da Libras*, com financiamento do CNPq (Processo nº 440337/2017-8). Para a perfeita utilização dos equipamentos e os critérios de coleta e armazenamento de dados, foram realizadas oficinas e treinamentos para testagens de gravação com bolsistas da UFAL.

Após a alocação do espaço físico para a montagem do estúdio de gravação, iniciamos os testes da coleta (ver figura 10). Começamos então a identificação dos informantes. Os dois bolsistas filmaram o TCLE do projeto, a fim de adequá-lo às variações linguísticas do estado do Ceará. Os instrumentos de coleta de dados também foram adaptados, de acordo com as especificidades culturais do Ceará. As filmagens terão continuidade em 2020. Além disso, estamos ajudando na transcrição dos dados do projeto do Inventário de Alagoas, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Os dados do *Inventário de Libras da Região de Fortaleza* contará com informantes da região metropolitana de Fortaleza, que conta com 19 municípios, a partir da atualização da região por meio da Lei complementar Nº 180, de 18 de julho de 2018, conforme é possível observar na figura a seguir.

Figura 10: Mapa da Região Metropolitana de Fortaleza – Ceará



Fonte: Ceará em mapas (2022).

A etapa de identificação dos informantes já foi iniciada e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) já passou por gravação para as devidas adequações quanto à variação linguística dos surdos cearenses. Do mesmo modo, os instrumentos de coleta passaram por adaptações, considerando as especificidades culturais do Ceará.

Figura 11: Projeto de Inventário da Libras: Fortaleza – Ceará



Fonte: Os autores.

Contudo, vale ressaltar que a coleta de dados foi interrompida pela pandemia do coronavírus. Mas tão logo os dados sejam coletados serão compilados no projeto *Documentação de Libras*, por meio do *Corpus de Libras* (2022).

3.3.6 Inventário de Libras de Tocantins

Segundo Ludwig *et al* (2019), o *Inventário de Libras da Região de Palmas* tem por objetivo constituir um *corpus* da Libras representativo do estado do Tocantins, seguindo as orientações teórico-metodológicas do projeto matriz – o Projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais, da UFSC. Trata-se, portanto, de uma replicação na qual, conforme Quadros *et al* (2020), serão adotados os mesmos procedimentos metodológicos daquele projeto, a fim de se compararem os dados coletados no Estado do Tocantins aos dados de *corpora* de outros Estados brasileiros.

O projeto *Inventário da Libras da Região de Palmas* teve início em 2018, quando o estudo foi elaborado e aprovado pelo CEP. O primeiro treinamento ocorreu em 2018, na UFSC, quando participaram integrantes da equipe de Tocantins: seis professores do Curso de Letras-Libras da UFT e um bolsista de PIBIC-CNPq. Na oportunidade, estiveram presentes outros pesquisadores da UFAL, UFC e INES.

São integrantes do *Inventário da Libras da Região de Palmas*: Carlos Roberto Ludwig (coordenador e Pesquisador do projeto); Alanna Alencar de Araújo Cruz (professora da UFT e pesquisadora do projeto); Bruno Gonçalves Carneiro (professor da UFT e pesquisador do projeto); Cleysson Wender Fernandes Pires (bolsista do CNPq e aluno do Curso de Letras-Libras); Cristiano Pimentel Cruz (professor da UFT e pesquisador do projeto); Felipe de Almeida Coura (professor da UFT e pesquisador do projeto); Gabriela Otaviani Barbosa (professora da UFT e pesquisadora do projeto); Gesica Suellen Sobrinho Costa (professora da UFT e pesquisadora do projeto); José Ishac Brandão El Khouri (professor da UFT e pesquisador do projeto); Lucas Fagundes (bolsista do CNPq e aluno do Curso de Letras-Libras); Maria Inez Souza Maia (professora da UFT e pesquisadora do projeto); Renato Jefferson Bezerra Leão (pesquisador Surdo local, professor da UFT e pesquisador do projeto); Rodrigo Augusto Ferreira (professor da UFT e pesquisador do projeto); Roselba Gomes de Miranda (professora da UFT e pesquisadora do projeto); Vinícius Hidalgo Pedroni (professor da UFT e pesquisador do projeto).

Importante destacar que, de acordo com Quadros *et al* (2020, p. 5470), a UFT conta com 12 professores surdos efetivos, articulados à Comunidade Surda local, e “que contribuem para a implementação de políticas frente às demandas legais que ora se apresentam no cenário Estadual e municipais”.

O projeto tem sede no Curso de Letras-Libras, da Universidade Federal do Tocantins, na cidade de Porto Nacional – local onde as etapas estão em desenvolvimento: coleta, armazenamento e transcrição dos dados. Esses dados estão sendo coletados na Região Metropolitana de Palmas (TO), que teve sua criação por meio da Lei Estadual Nº 2.824, de 30 de dezembro de 2013, e é composta por 15 municípios, além da capital Palmas: Aparecida do Rio Negro, Barrolândia, Brejinho de Nazaré,

Fátima, Ipueiras, Lajeado, Miracema do Tocantins, Miranorte, Monte do Carmo, Oliveira de Fátima, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional, Pugmil, Silvanópolis e Tocantínia, como se pode observar na figura a seguir.

Figura 12: Mapa da Região Metropolitana de Palmas – Tocantins



Fonte: Bastos (2014).

Como dissemos, o projeto está sediado em Porto Nacional (TO), nas dependências do Curso de Letras-Libras. Há, atualmente, 2 espaços físicos do Inventário da Libras: um destinado à coleta de dados e outro reservado para a transcrição dos dados. O espaço da coleta de dados foi adaptado com pinturas em azul turquesa e possui 4 câmeras instaladas e 2 monitores para envio dos estímulos linguísticos da coleta de dados. Na sala de transcrição de dados, há 2 notebooks instalados. A seguir, é possível visualizar o espaço de coleta de dados.

Figura 13: Entrevista na Coleta de Dados do INDL-Libras de Palmas – Tocantins



Fonte: Os autores.

Tal como ocorreu com os demais projetos replicados do projeto matriz, o TCLE do projeto de Tocantins foi filmado, respeitando as variações linguísticas do estado do Tocantins. Do mesmo modo, os instrumentos de coleta de dados foram adaptados, com vistas às especificidades culturais do Tocantins (QUADROS *et al*, 2020).

Atualmente, o projeto dá continuidade à coleta de dados iniciada em 2019, contudo, como “algumas cidades possuem população pequena de surdos, as possibilidades de constituir uma dupla de surdos da mesma cidade são mais restritas” (QUADROS *et al*, 2020, p. 5471).

3.3.7 Inventário de Libras do Acre

A ideia de constituição do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre* surgiu em 2019, no período de pós-doutoramento do professor Alexandre Melo de Sousa, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a supervisão da professora Ronice Quadros. Ao retornar a Rio Branco, em reunião com pesquisadores e alunos surdos, o coordenador do projeto iniciou a organização dos trabalhos e a equipe foi montada, incluindo, preferencialmente, professores e discentes surdos. Em 2020, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 35002620.9.0000.5010).

De acordo com Quadros e Sousa (2021), o *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre* pretende constituir um *corpus* de Libras representativo do estado do Acre, além de fomentar a reflexão social, intelectual e cultural do Público Surdo e valorizar a Língua e a Cultura Surda. O projeto está sediado no Centro de Educação, Letras e Artes (CELA), da Universidade Federal do Acre, juntamente com a Licenciatura em Letras-Libras.

Integram a equipe de pesquisa: Alexandre Melo de Sousa (Coordenador e pesquisador do projeto); João Renato dos Santos Junior (Professor surdo e pesquisador do projeto); Rosane Garcia (Professora do Letras-Libras e pesquisadora do projeto); Israel Bissat Amim (professor Surdo e pesquisador do projeto); Lucas Vargas Machado da Costa (professor Surdo e pesquisador do projeto); Israel Queiroz de Lima (professor do Letras-Libras e pesquisador do projeto); Ianele Viviane Vital Pereira de Melo (professora do Letras-Libras e pesquisadora do projeto); Daniel Martins Braga Gomes (graduado surdo no Letras-Libras e pesquisador no projeto); Débora de Oliveira Nolasco (graduada surda no Letras-Libras e pesquisadora no projeto); Gustavo marques Brandão (bolsista surdo CNPq/UFAC); Rosicléia Bastos do Nascimento Gomes (graduada surda no Letras-Libras e pesquisadora do projeto); Diemes Farias de França (tradutora-Intérprete do Letras-Libras e pesquisadora do projeto); João Carlos Paiva Xavier (tradutor-intérprete do Núcleo de Apoio à Inclusão e pesquisador do projeto).

Figura 14: Equipe de pesquisa do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre



Fonte: Os autores.

Devido à pandemia do Coronavírus (oficialmente reconhecida em março de 2020), que provocou uma série de medidas sanitárias (como isolamento social e, conseqüentemente, interrupção de atividades de ensino e pesquisa), as atividades do Inventário que exigiam interação entre os participantes e os pesquisadores foram suspensas. Antes da paralisação, no entanto, foi possível organizar as instalações de dois espaços no Bloco do CELA: um destinado às filmagens e coleta de dados (com pintura em azul turquesa, câmeras e postes de iluminação) e outro destinado às transcrições (equipado com 4 notebooks, além de mesas e armários). Os dois espaços seguem as orientações do projeto matriz (UFSC).

Figura 15: Entrevistas-piloto Inventário de Libras de Rio Branco, Acre



Fonte: Os autores.

A primeira formação da equipe do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre* ocorreu em fevereiro de 2021. Os formadores – coordenadores dos projetos da UFSC, UFT, UFAL e UFC – desenvolveram o curso de forma remota. Contudo, em Rio Branco, respeitando todas as medidas de segurança sanitária (distanciamento, uso de máscaras, higienização corporal e dos equipamentos), os pesquisadores se reuniram no auditório de Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), da Universidade Federal do Acre para o acompanhamento, as orientações e os treinamentos propostos.

Após essa primeira formação, o professor Alexandre Melo de Sousa promoveu mais uma formação com o intuito de detalhar o projeto local, em uma ação de extensão de 150 horas intitulada *Construção do Inventário da Língua Brasileira de Sinais de Rio Branco, Acre*. Todos os pesquisadores do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre* participaram do curso, que ocorreu entre os meses de março e agosto de 2021.

Rio Branco, a principal cidade do Acre, é a capital mais ocidental do país, localizada no extremo norte do Brasil. O estado faz fronteira com Bolívia e Peru. Com cerca de 420 mil habitantes, segundo dados do IBGE (2022), Rio Branco somava, em 2020, aproximadamente 1100 surdos e deficientes auditivos (GARCIA *et al*, 2020).

Figura 16: Localização de Rio Branco, Acre.



Fonte: UOL (2022)

Os participantes da pesquisa residem, em grande maioria, na capital. E, no primeiro levantamento, observamos que o número de participantes da terceira faixa etária (a partir de 60 anos) é muito inferior ao necessário.

Quadros e Sousa (2021) ressaltam que a constituição do *Inventário da Libras da Região de Rio Branco, Acre* irá disponibilizar um consistente *corpus* empírico de Libras, bem fundamentado em bases teóricas e metodológicas – o que representará a realidade linguística da região de Rio Branco, no Estado do Acre. Os dados, representativos dos surdos acreanos, serão disponibilizados a pesquisadores e profissionais que poderão utilizá-los com/em diferentes finalidades: científicas, educacionais, culturais, políticas, entre outras.

3.5.8. Perspectivas futuras para a documentação da Libras

As políticas linguísticas em relação à Libras contam com um planejamento linguístico alavancado pelo Decreto 5.626/2005. Com a criação dos Cursos de Letras-Libras e a formação de mestres e doutores surdos, iniciamos a implementação da documentação da Libras. Esse planejamento foi ainda fortalecido pelo INDL e CNPq que estão financiando a constituição do Inventário Nacional de Libras. A documentação da Libras foi iniciada em 2014 e continua em andamento em Alagoas, Ceará, Tocantins e Acre. Nos próximos anos, será encorpada com dados do país inteiro em um projeto coletivo, envolvendo pesquisadores surdos, pesquisadores bilíngues, instituições de fomento à pesquisa, órgãos governamentais e não governamentais. Essas parcerias viabilizarão a documentação da Libras no país que será amplamente socializada. Com isso, estaremos concretizando uma política linguística a partir das diferenças culturais e linguísticas.

Por tudo o que foi exposto até aqui, são incalculáveis as contribuições que o Inventário Nacional de Libras entrega para o Brasil, em termos de informações a respeito da Língua de Sinais Brasileira – e suas variações –, e a respeito das dimensões línguo-culturais dos surdos brasileiros em cada região em que o projeto está sendo desenvolvido: Florianópolis (SC), Maceió (AL), Ceará (TO), Palmas (TO), Rio Branco (AL); e nas regiões onde o projeto ainda será replicado.

Trata-se, como vimos, de um projeto coletivo, articulado, que segue rigorosamente padrões teórico-metodológicos e se utiliza de tecnologias padronizadas, tanto para a coleta e o armazenamento dos dados, quanto para a disponibilização dos resultados para a sociedade e os pesquisadores que se interessem em desenvolver novas investigações.



A Fonética e a Fonologia das Línguas de Sinais

André Nogueira Xavier - UFPR

Amanda Regina Silva - UFPR

4.1 Fonética

André Nogueira Xavier e Amanda Regina Silva

A fonética é o campo dos estudos linguísticos que se ocupa da análise da produção e percepção da fala e da sinalização. Os estudos em fonética das Línguas de Sinais são ainda incipientes, se comparados com os fonológicos já desenvolvidos para as línguas orais. Para introduzir o(a) leitor(a) neste campo, apresentamos na seção 4.1.1 alguns aspectos da fonética articulatória da Libras com base em Xavier (2006). Já na seção 4.1.2, discutimos, à luz de Crasborn (2012), alguns casos de variação fonética na mesma língua.

4.1.1 Fonética articulatória

As Línguas Sinalizadas são articuladas principalmente por meio de movimentos das mãos e dos braços, mas também por movimentos da cabeça, dos músculos da face e do tronco. Nesta seção, com base no trabalho de Xavier (2006), serão reportados os resultados que o autor obteve em relação a esses articuladores, com base na análise de 2.274 sinais da Libras coletados do dicionário de Capovilla e Raphael (2001).

A análise de Xavier (2006) se baseou nos aspectos articulatórios abrangidos pelo modelo de análise fonético-fonológica proposto por Liddell e Johnson (1989) para a Língua de Sinais Americana, ASL (do inglês *American Sign Language*). Com

isso, o autor classificou os sinais da Libras em termos (1) do número de mãos com que são articulados, uma ou duas, e (2) da ausência ou presença de movimento da(s) mão(s) durante a realização de um dado sinal.

No caso de serem produzidos com movimento, os sinais foram subclassificados em relação (3) ao tipo de movimento, a saber: reto, circular, ondulado e em zigue-zague. Além disso, Xavier considerou também (4) a presença de um tipo secundário de movimento, denominado por Liddell e Johnson (1989) de *movimento local*. Movimentos locais, de acordo com os referidos autores, se caracterizam como movimentos rápidos, repetidos e incontáveis que podem ser observados tanto quando a mão está parada, quanto quando a mão está realizando um movimento reto ou circular, por exemplo. Para os casos em que movimentos locais foram identificados, Xavier especificou (5) seu tipo, seguindo as categorias identificadas na ASL por Liddell e Johnson (1989) e Liddell (1990), a saber: *tamborilar*, realizado através de movimentos alternados das articulações metacarpofalangeanas dos dedos; *circular*, produzido por meio de rotações do pulso ou do cotovelo; *oscilação de configuração*, articulado através da alternância entre duas configurações de mão; *oscilação de orientação*, realizado por meio da alternância entre duas orientações da palma e, por fim, *oscilação da localização*, produzido através da alternância entre dois pontos de articulação.

Xavier ainda classificou os sinais que coletou do dicionário de Capovilla e Raphael (2001) em termos (6) da ausência ou presença de contato. No segundo caso, o autor subclassificou os sinais em relação (7) ao tipo de contato realizado (inicial, medial, final, inicial e medial ou permanente). Finalmente, os sinais foram também classificados no que diz respeito (8) à ausência ou presença de expressões não manuais, ou seja, de movimentos realizados por outras partes do corpo, além da(s) mão(s), durante sua produção.

A seguir, são apresentadas as frequências de cada uma dessas características articulatórias obtidas por Xavier (2006). Essas características são ilustradas com produções de Sylvia Lia Grespan Neves, uma das surdas de referência do Inventário Nacional de Libras.

4.1.2. Número de mãos

Xavier (2006) reporta que observou uma frequência um pouco maior de sinais bimanuais, ou seja, realizados com duas mãos, em comparação a sinais produzidos com uma mão, também denominados monomanuais ou unimanuais (Figura 1). Além desses sinais, o autor identificou no dicionário de Capovilla e Raphael (2001) alguns poucos sinais articulados exclusivamente através de movimentos da face. Cada uma dessas categorias é exemplificada na Figura 2.

Figura 1: Frequência de sinais não manuais, monomanuais e bimanuais no corpus de Xavier (2006)

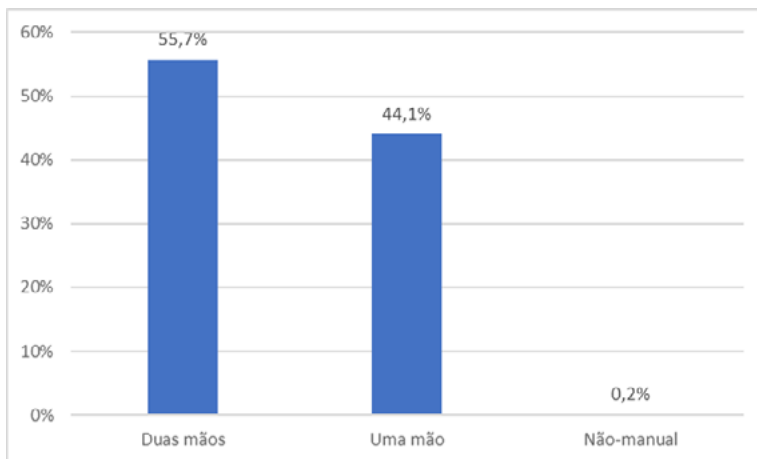
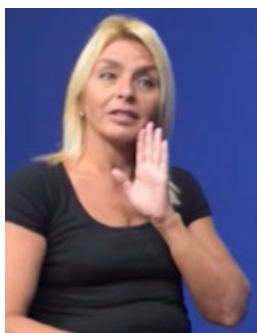


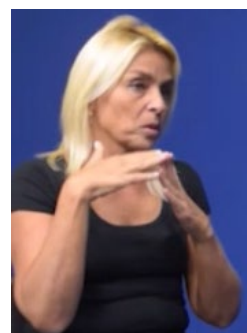
Figura 2: Exemplos de sinal não manual, monomanual e bimanual



'não'
Não manual



'legal'
Monomanual/unimanual



'casa'
Bimanual



<https://youtu.be/hkZkpuzeHxI>

4.1.3. Movimento

Conforme reporta Xavier (2006), a produção de sinais da Libras pode apresentar algum tipo de movimento da(s) mão(s) ou consistir em posicioná-la(s) em alguma localização e mantê-la(s) parada(s) durante a realização do sinal. Nos termos de Liddell e Johnson (1989), estes últimos casos são analisados como sinais formados por uma *suspensão*. O gráfico na Figura 3 mostra que sinais produzidos com a mão em movimento são mais frequentes no *corpus* de Xavier em relação aos articulados sem movimento. Já o gráfico na Figura 4 mostra que, dentre os sinais realizados com movimento, foram identificados quatro tipos de contorno: reto, circular, ondulado e zigue-zague, sendo o primeiro o mais frequente. Esses diferentes tipos de movimentos são ilustrados através dos sinais da Figura 5.

Figura 3. Frequência de sinais com e sem movimento no *corpus* de Xavier (2006)

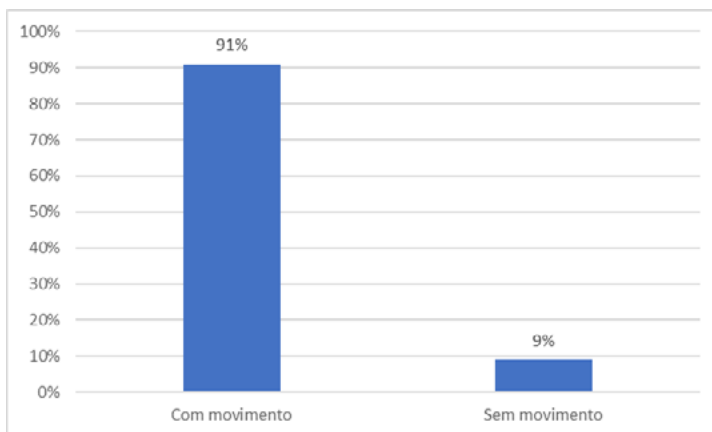


Figura 4. Frequência de sinais com diferentes tipos de movimento no *corpus* de Xavier (2006)

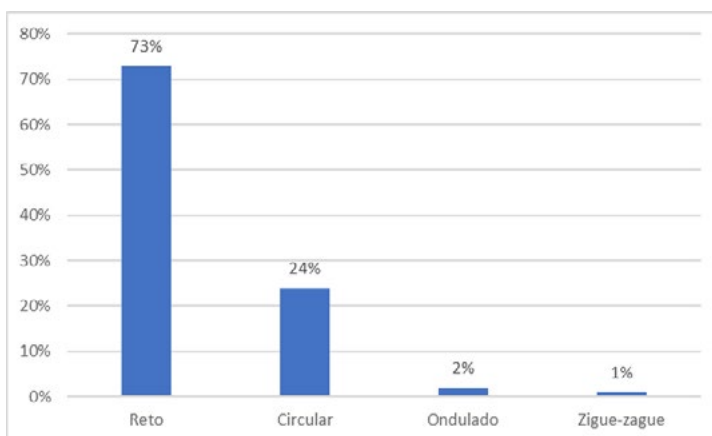
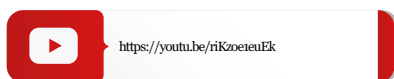


Figura 5. Exemplos de sinais com diferentes tipos de movimentos



Em relação ao movimento em sinais bimanuais, Xavier (2006) reporta a identificação de três padrões: sinais realizados com as duas mãos em movimento, denominados *equilibrados*; sinais produzidos com uma mão em movimento e a outra parada, denominados *não equilibrados*, e sinais realizados com as duas mãos paradas. Como se pode ver na Figura 6, no *corpus* de Xavier, predominam sinais equilibrados, sendo estes seguidos pelos não equilibrados. Sinais produzidos com as duas mãos paradas são menos frequentes. Ilustramos esses padrões através dos sinais da Figura 7.

Figura 6. Frequência de sinais bimanuais com e sem movimento no corpus de Xavier (2006)

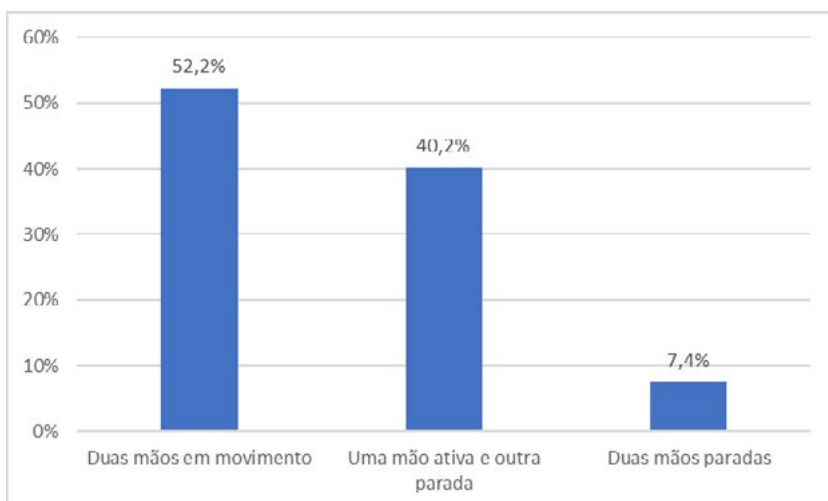
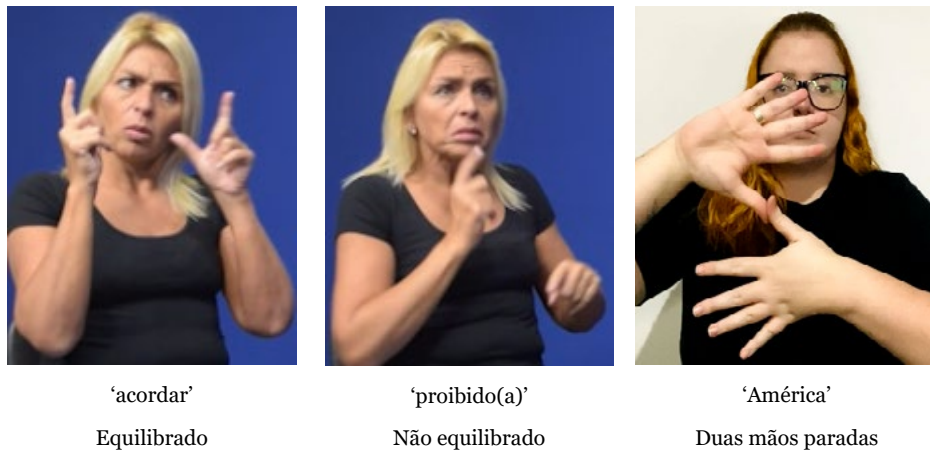


Figura 7. Exemplos de sinais bimanuais equilibrados, não equilibrados e realizados com as duas mãos paradas



Especificamente em relação a sinais bimanuais equilibrados, Xavier (2006) reporta a ocorrência de dois outros tipos de movimento, a saber, o simultâneo e o alternado. No primeiro tipo, as duas mãos apresentam a mesma localização no início do movimento e a mesma localização no seu fim. Diferentemente, no caso de movimentos alternados, as mãos aparecem em localizações iniciais diferentes no início do movimento e apresentam localizações finais também diferentes ao seu fim. O gráfico da Figura 8 indica que sinais articulados com movimento simultâneo das mãos são mais frequentes do que aqueles articulados com movimento alternado. Esses dois tipos de movimentos são ilustrados através dos sinais da Figura 9.

Figura 8. Frequência de sinais bimanuais com movimento simultâneo e alternado no *corpus* de Xavier (2006)

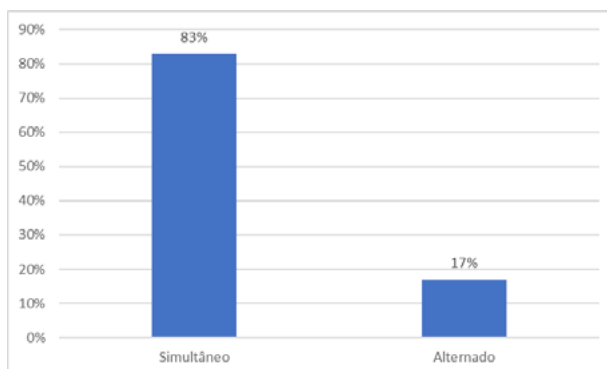
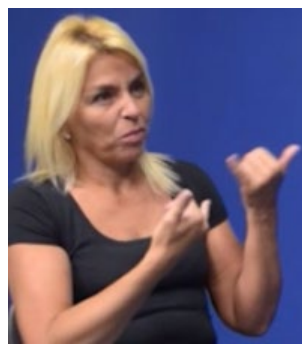


Figura 9. Exemplos de sinais bimanuais com movimento simultâneo e alternado



'família'

Simultâneo



'brincar'

Alternado



4.1.4. Movimento local

A análise de Xavier (2006) também revelou a existência na Libras de sinais cuja realização envolve movimentos rápidos, repetidos e incontáveis da(s) mão(s). Esses movimentos podem coocorrer com um movimento com deslocamento espacial ou com uma suspensão. No *corpus* do referido autor, movimentos locais não são muito frequentes, conforme se pode ver no gráfico da Figura 10. Isso pode decorrer da maior complexidade articulatória que tais movimentos acrescentam à realização de um sinal que, além de envolver um movimento de deslocamento espacial da mão, ainda precisa realizar simultaneamente movimentos dos dedos ou do pulso.

Xavier reporta também que, entre os movimentos locais, predominam os do tipo tamborilar, produzidos por meio de movimentos de flexão das articulações metacarpofalangeanas dos dedos de forma alternada (Figura 11). Esse tipo de movimento local e os demais são ilustrados pelos sinais da Figura 12.

Figura 10. Frequência de sinais sem e com movimento local no *corpus* de Xavier (2006)

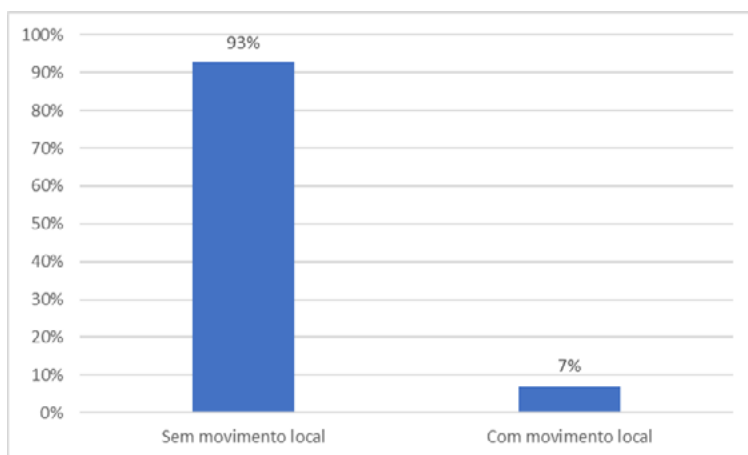


Figura 11. Frequência de sinais com diferentes tipos de movimento local no *corpus* de Xavier (2006)

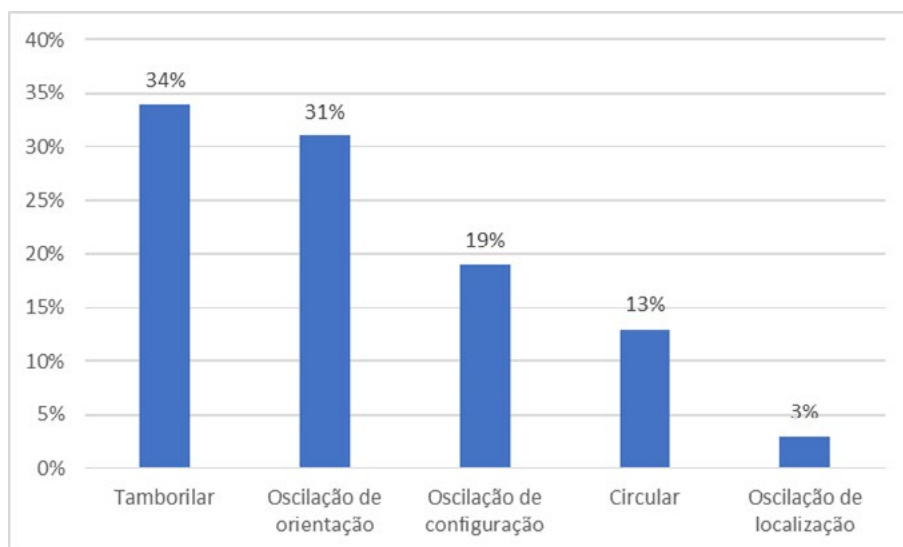


Figura 12. Exemplos de sinais com diferentes tipos de movimento local



4.1.5. Contato

Durante a produção de sinais, a(s) mão(s) pode(m) tocar alguma parte do corpo. Segundo Xavier (2006), isso foi observado em pouco mais de 50% de seus dados (Figura 13). Dentre os sinais realizados com contato, o referido autor identificou diferentes manifestações dessa característica. A mais frequente, como se pode ver no gráfico da Figura 14, é a permanente, na qual a mão se mantém em contato com alguma parte do corpo durante toda a produção do sinal. Essa e as demais formas de contato – final (no final do movimento), inicial (no início do movimento), medial (no meio do movimento) e inicial e final (no começo e no fim do movimento) – são ilustradas na Figura 15.

Figura 13. Frequência de sinais com e sem contato no corpus de Xavier (2006)

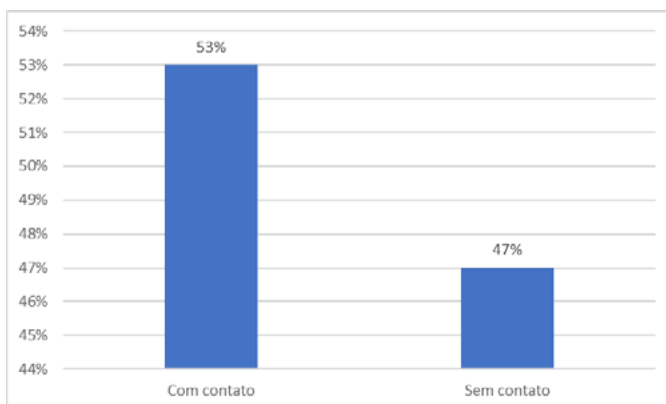


Figura 14. Frequência de sinais com diferentes tipos de contato no corpus de Xavier (2006)

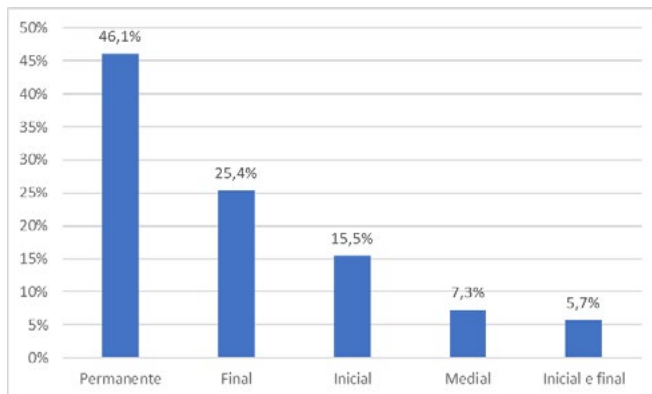
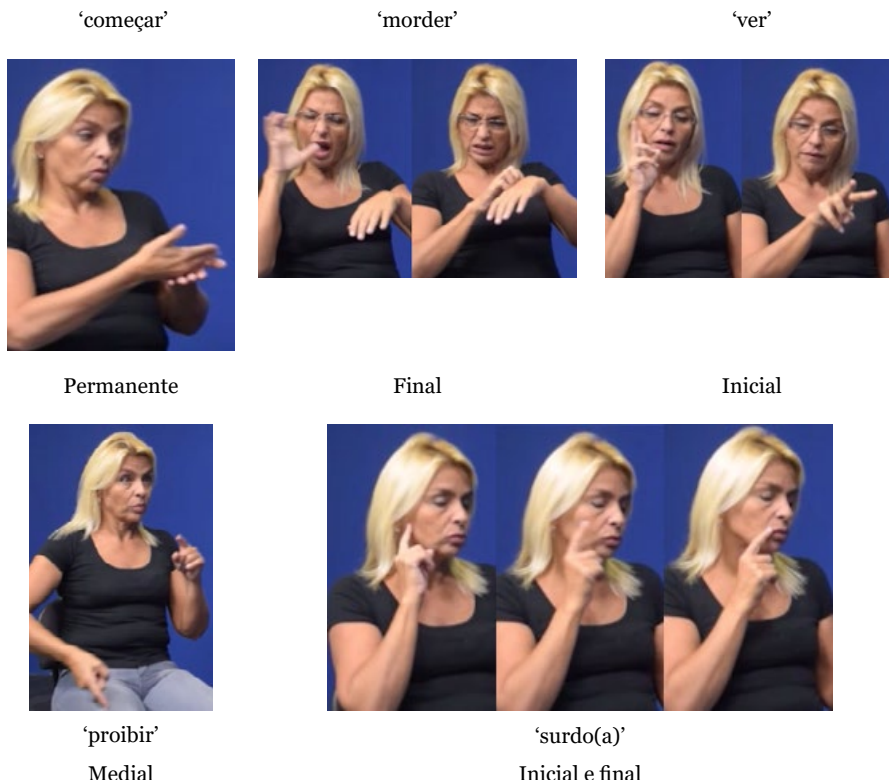


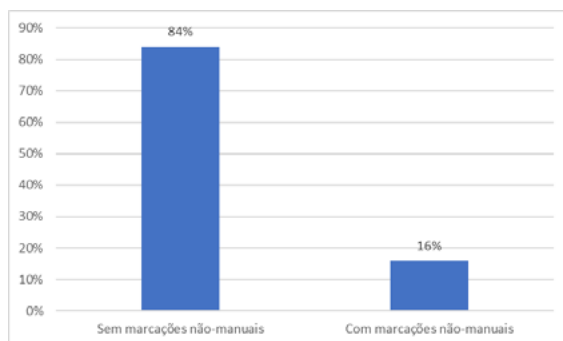
Figura 15. Exemplos de sinais com diferentes tipos de contato



4.1.6. Expressões não manuais

Em relação às expressões não manuais que podem ocorrer com a produção de alguns sinais, Xavier observou a sua presença em apenas 16% de seus dados (Figura 16). Assim como no caso dos movimentos locais, essa baixa frequência pode estar associada à maior complexidade articulatória que elas acrescentam à produção de um dado item lexical, dado que ela envolverá a coordenação não apenas de movimentos da(s) mão(s), mas também de movimentos de outras partes do corpo.

Figura 16. Frequência de sinais sem e com expressões não manuais no *corpus* de Xavier (2006)



Em um estudo mais recente, Xavier (2019) aprofundou a análise de dados relativos às expressões não manuais coletados e preliminarmente analisados no trabalho de 2006. O aprofundamento da análise dessas expressões se deu através (1) da sua classificação em tipos, (2) da identificação dos articuladores envolvidos em sua produção e (3) da determinação de sua estabilidade ou dinamicidade durante a realização do sinal.

4.1.7. Tipos de expressões não manuais lexicais

Xavier (2019) identificou, nos 368 sinais que reanalisou, 134 expressões não manuais diferentes. Segundo o autor, dessas, apenas 46 são mencionadas na descrição de mais de um sinal. Conseqüentemente, a maior parte das expressões não manuais identificadas na descrição oferecida pelo dicionário de Capovilla e Raphael (2001) aparece na caracterização de um único sinal. Seis expressões não manuais, conforme se pode ver no gráfico da Figura 17, são as mais frequentes. Nos termos do dicionário, elas são referidas como expressão facial negativa, bochechas infladas, testa franzida, expressão facial contraída, expressão facial de raiva e boca aberta. Seu emprego na articulação de sinais é ilustrado pelos sinais da Figura 18.

Figura 17. Frequência de sinais com diferentes tipos expressões não manuais no *corpus* de Xavier (2006)

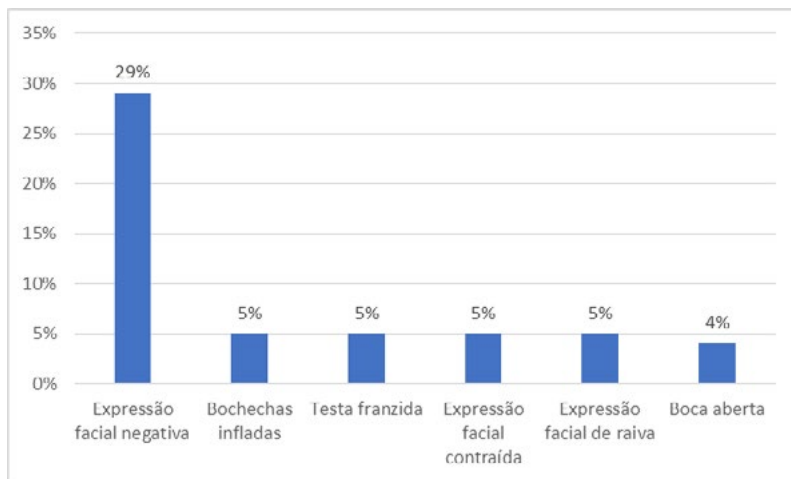
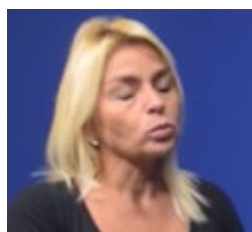
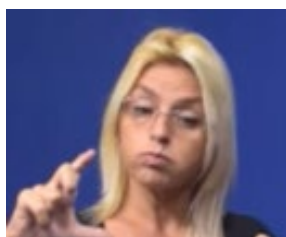


Figura 18. Exemplos de sinais com diferentes expressões não manuais



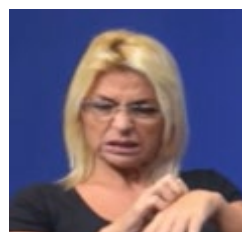
'nenhum'

Expressão facial negativa



'cheio'

Bochechas infladas



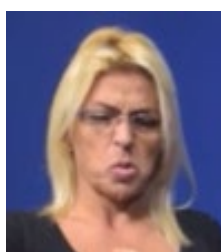
'morder'

Testa franzida



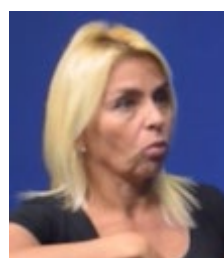
'limão'

Expressão facial contraída



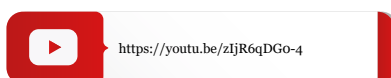
'ódio'

Expressão facial de raiva



'horas'

Boca aberta



4.1.8. Inventário e quantidade de articuladores não manuais

O dicionário de Capovilla e Raphael (2001), em grande medida, descreve as expressões não manuais de forma holística; por exemplo, por meio de termos como ‘expressão facial negativa’. Com isso, não se detalham quais partes da face ou do corpo foram mobilizadas para a produção da expressão não manual. Há casos, no entanto, em que a descrição do dicionário menciona explicitamente partes da face, como boca, bochechas, olhos, sobrancelhas, língua, dentes, nariz, ou ainda outras partes do corpo, como cabeça e torso. Graças a isso, Xavier (2019) pôde não apenas inventariar os articuladores envolvidos na produção de expressões não manuais, mas também quantificar sua frequência no *corpus*. Conforme se pode ver na Figura 19, os articuladores mais empregados nos sinais analisados são boca e bochecha. Tal fato vai ao encontro do que Crasborn (2006) diz ser uma tendência nas línguas sinalizadas, qual seja, empregar partes inferiores da face para produzir expressões não manuais associadas ao sinal e partes superiores para articular expressões não manuais relacionadas a níveis mais altos da estrutura linguística, isto é, a sintaxe e o discurso (Figura 20).

Figura 19. Frequência de sinais com expressões não manuais produzidas por diferentes articuladores no *corpus* de Xavier (2006)

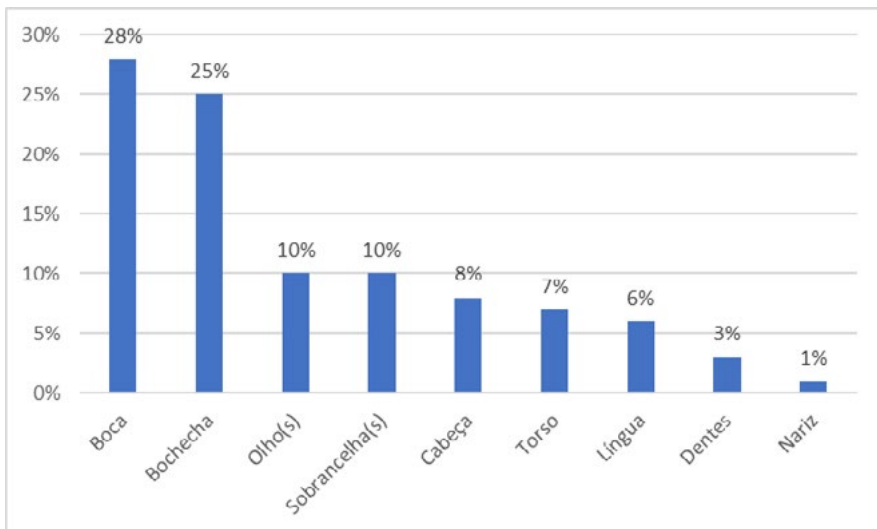
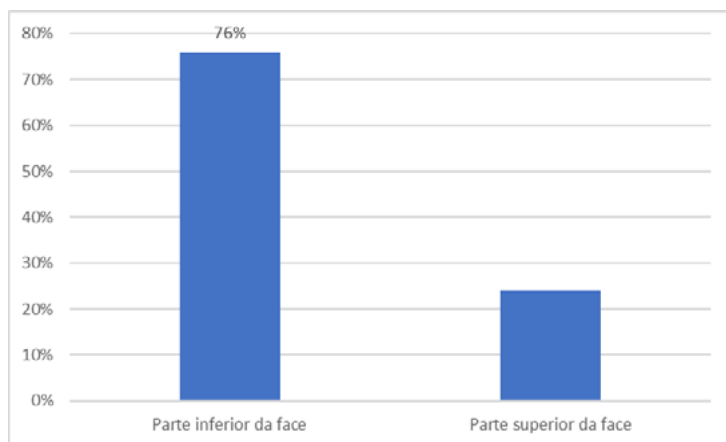


Figura 20. Frequência de sinais com expressões não manuais produzidas por articuladores da parte inferior e superior da face no *corpus* de Xavier (2006)



Um outro aspecto contemplado na análise de Xavier (2019) foi o número de articuladores envolvidos na produção de cada expressão não manual. Como se pode ver no gráfico da Figura 21, predominam sinais acompanhados de expressões não manuais realizadas por dois ou mais articuladores, por exemplo, boca e cabeça. Sinais desse tipo e sinais constituídos por uma expressão não manual realizada por um único articulador são ilustrados na Figura 22.

Figura 21. Frequência de sinais com expressões não manuais produzidas por um ou mais articuladores no *corpus* de Xavier (2006)

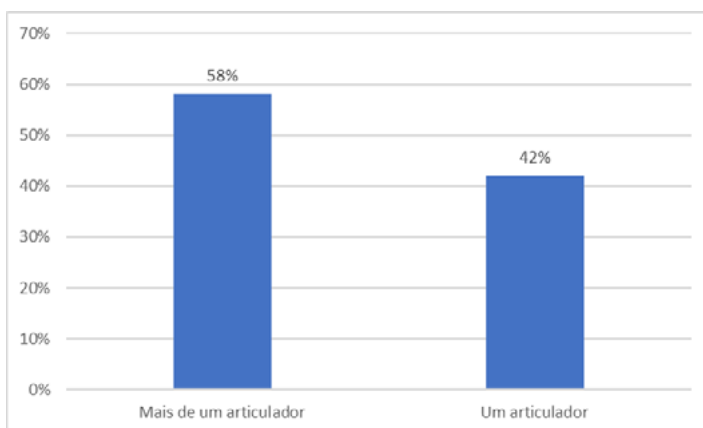


Figura 22. Exemplo de sinais com marcações não manuais produzidas por um ou mais articuladores



Estabilidade e dinamicidade da expressão não manual lexical

O terceiro aspecto das expressões não manuais analisado por Xavier (2019) foi o seu caráter estável ou dinâmico durante a realização de um sinal. O autor reporta, como mostra o gráfico da Figura 23, que as expressões não manuais estáveis, ou seja, que se mantêm constantes ao longo da articulação do sinal, são mais frequentes do que aquelas que se alteram. Na Figura 24, são apresentados sinais constituídos por cada um desses dois tipos de expressões não manuais.

Figura 23. Frequência de sinais com marcações não manuais estáveis e dinâmicas no *corpus* de Xavier (2006)

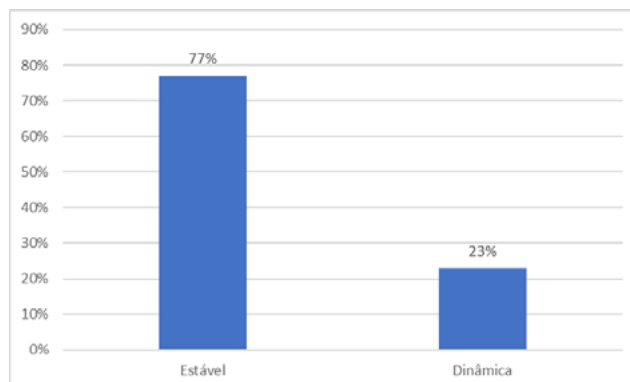
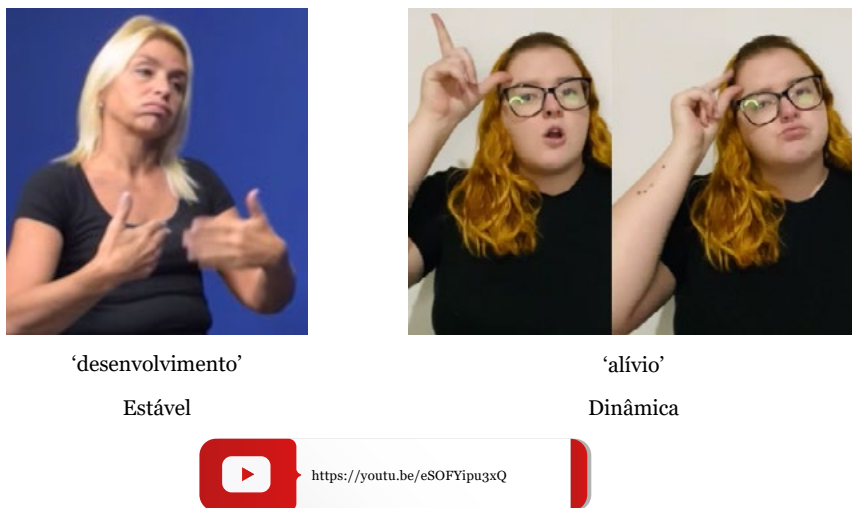


Figura 24. Exemplo de sinal realizado com marcação não manual estável e dinâmica



Gritzenko e Xavier (2020) coletaram, no dicionário online Acessibilidade Brasil, os mesmos sinais analisados por Xavier (2019) e os analisaram objetivando inventariar os articuladores envolvidos na produção das expressões não manuais, determinar a sua quantidade na realização de cada expressão não manual e seu caráter estável ou dinâmico durante a produção dos sinais. Interessantemente, os resultados obtidos foram muito parecidos aos de Xavier (2019). Em outras palavras, observou-se também a predominância de articuladores localizados na parte inferior da face e de expressões não manuais produzidas por mais de um articulador e estáveis.

4.1.9. Variação fonética

Alecrim e Xavier (2019a) analisaram diferentes realizações de um mesmo sinal e observaram a ocorrência de microvariações referentes ao grau de abdução do polegar (comparem-se 23a e 23b), de adução do dedo mínimo (comparem-se 25a e 23d com 23b-c) ou mesmo de extensão dos dedos (comparem-se 25a-c com 25d). Considerando que essas variações devem decorrer de diferentes fatores fisiológicos e/ou situacionais, os referidos autores as tratam como variações fonéticas.

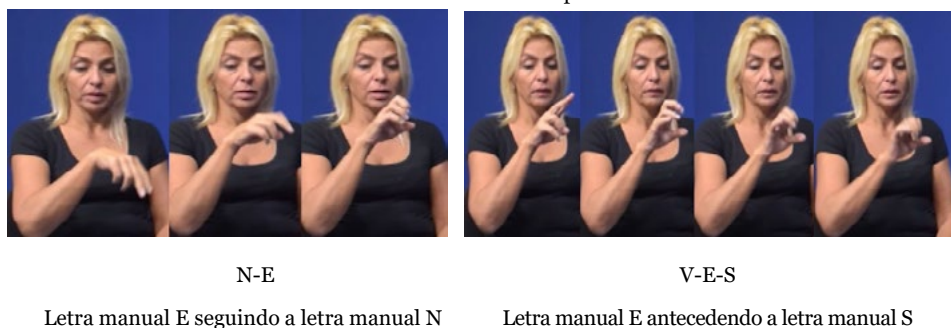
Figura 25. Variantes fonéticas da configuração de mão no sinal TARDE da Libras



Fonte: *Corpus* de Alecrim e Xavier (2019a)

Johnson e Liddell (2012) observaram ainda que a variação na CM pode decorrer também da influência dos sinais adjacentes. Eles ilustram isso por meio da produção da letra manual E em dois contextos diferentes: seguindo a letra manual M e seguindo a letra manual N. No primeiro caso, a letra manual E apresenta os dedos indicador, médio e anelar destacados em relação ao dedo mínimo, em razão de a produção da letra manual M envolver exatamente esses mesmos dedos. Já no segundo caso, aparecem destacados em relação aos demais apenas os dedos indicador e médio, em virtude de serem apenas esses dedos os relevantes para a articulação da letra N que a antecede. Na Figura 26 ilustramos o mesmo processo na Libras observado na soletração do sobrenome Neves da surda de referência cujas produções foram analisadas para este capítulo. Conforme se pode ver nas imagens, quando seguiu a letra manual N, a letra manual E foi produzida com os dedos indicador e médio, empregados na letra manual anterior, contactando o dorso do polegar. O mesmo não se observa quando a letra E antecede a letra manual S, configurada de forma muito próxima à canônica.

Figura 26. Variação na letra manual ‘E’ motivada pela configuração da letra manual anterior N e posterior S.

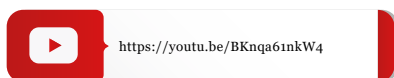


N-E

Letra manual E seguindo a letra manual N

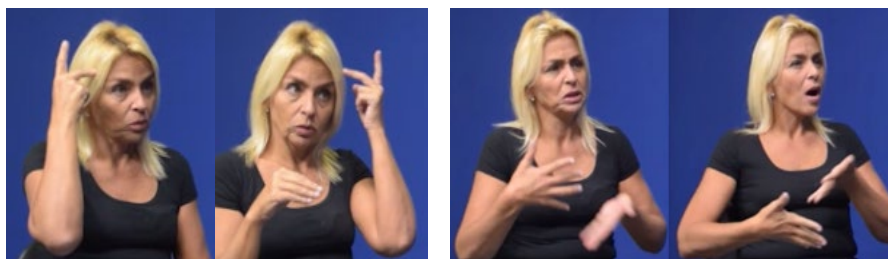
V-E-S

Letra manual E antecedendo a letra manual S



Crasborn (2012) cita dois outros tipos de variação fonética observados nas Línguas Sinalizadas. Um deles envolve a mão como um todo e o outro o movimento. De acordo com o autor, a variação fonética que afeta a mão como um todo pode se manifestar através da *troca de dominância*, ou seja, realização com a mão não dominante de um sinal, ou parte dele, tipicamente produzido com a mão dominante. Esse processo foi analisado por Gabardo e Xavier (2019) na Libras. Segundo os autores, ele foi atestado tanto em sinais monomanuais, quanto em bimanuais dos dois tipos: equilibrados, ou seja, realizados com as duas mãos em movimento, e não equilibrados, isto é, articulados com uma mão ativa e a outra passiva. No caso de sinais equilibrados, a variação se dá em relação à mão que inicia o movimento e no caso de sinais não equilibrados, à mão que desempenha o papel ativo e o papel passivo.

Figura 27. Exemplos de troca de dominância

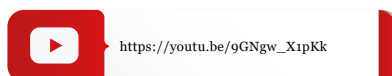


‘São Paulo’
Monomaneal

‘língua de sinais’
Bimanual equilibrado



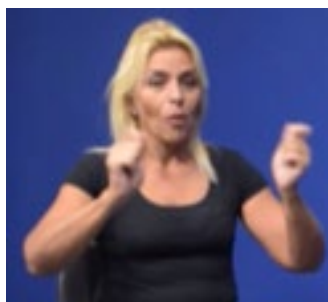
‘porque’ Bimanual não equilibrado



É importante dizer que a maior parte dos dados analisados por Gabardo e Xavier (2019) apresentaram motivações de ordem morfosintática para a ocorrência do processo em questão. Entretanto, os autores reportam que em alguns casos a motivação parece ser de ordem fonético-fonológica. Precisamente, eles observaram que alguns sinais foram produzidos com a mão não dominante porque ela já estava ativada na produção do sinal anterior.

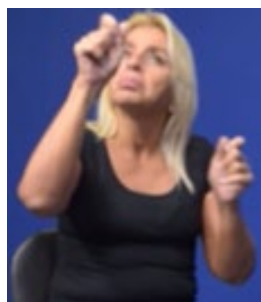
O outro tipo de variação fonética que afeta a mão como um todo diz respeito à altura que a mão não dominante pode exibir durante a produção de um sinal bimanual. Essa variação já foi documentada na ASL (HOCHEGSANG, s/d) e na Libras (XAVIER, 2014; SILVA; XAVIER, 2021) e designada como *abaixamento da mão não dominante*. Na Figura 28, pode-se ver a variação na altura da mão não dominante em relação à mão dominante na realização de um sinal da Libras traduzível para a Língua Portuguesa como ‘competência’.

Figura 28. Variação na altura da mão não dominante



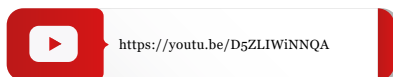
‘competência’

Variante sem o abaixamento
da mão não dominante



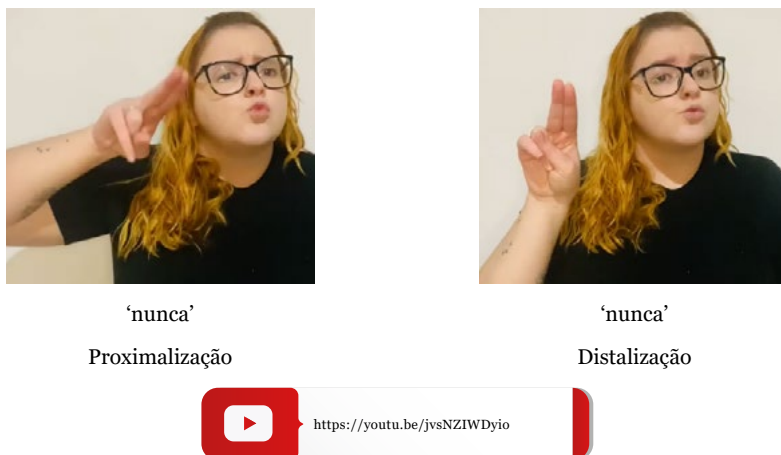
‘competência’

Variante com o abaixamento
da mão não dominante



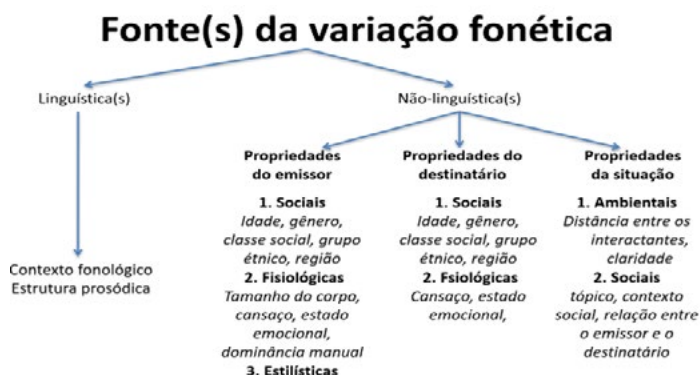
Por fim, Crasborn (2012) reporta a ocorrência de variação fonética no movimento. Segundo o autor, o movimento de um sinal, embora seja canonicamente articulado por meio de flexões, extensões ou rotações de uma ou mais articulações específicas da mão e/ou antebraço, pode variar e ser realizado por articulações mais próximas do tronco, *proximalização*, ou mais distantes, *distalização*. Como exemplo desses dois processos na Libras, citamos as produções retratadas na Figura 29.

Figura 29. Exemplos de proximalização e distalização



Como se pode ver na Figura 30, de acordo com Crasborn (2011), a variação fonética pode ser motivada por fatores linguísticos, ou seja, relacionados ao contexto fonológico e à estrutura prosódica e/ou por fatores não linguísticos, os quais podem decorrer de propriedades do emissor, do destinatário e/ou da situação. Essas três classes de fatores não linguísticos se subdividem em subclasses. Os exemplos discutidos nesta seção ilustram a variação fonética motivada pelo contexto fonológico (cf. a variação na letra manual E e alguns casos de troca de dominância). Podem ilustrar também fatores situacionais, uma vez que, segundo Crasborn (2001), a distalização e a proximalização são comuns, respectivamente, em “cochichos” e “gritos” sinalizados.

Figura 30. Fonte(s) da variação fonética



Fonte: Traduzida de Crasborn (2001, p. 33)

Há ainda um vasto campo para exploração, considerando, por exemplo, a variação fonética motivada por fatores sociais e estilísticos do sinalizante, ou sociais e fisiológicos do destinatário, entre outros.

4.2 Fonologia

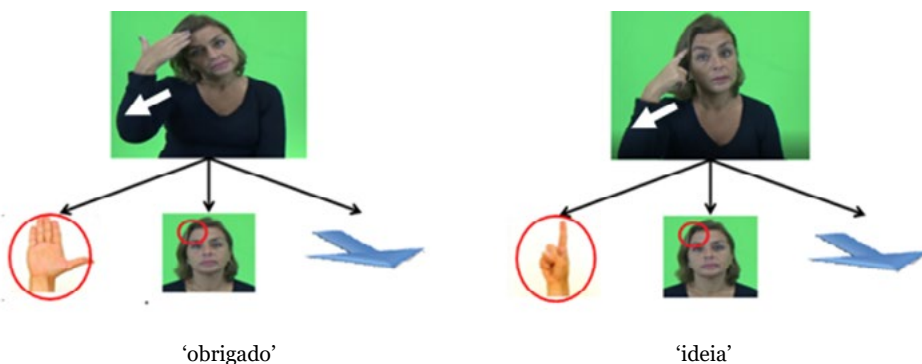
André Nogueira Xavier e Amanda Regina Silva

Os estudos fonológicos das línguas naturais, em geral, exploram três aspectos do significante linguístico: a contrastividade de suas unidades, as regras de combinação dessas unidades, denominadas conjuntamente de fonotaxe, e os processos fonológicos decorrentes da influência que as unidades fonológicas podem sofrer umas das outras. Cada um desses aspectos na Libras será discutido nas subseções seguintes.

4.2.1 Contrastividade

William Stokoe demonstrou, à luz da corrente estruturalista vigente em sua época, que a ASL e, por extensão, todas as Línguas Sinalizadas são línguas naturais. Seu principal argumento se fundamentou no fato de que, assim como as línguas orais, as Línguas de Sinais são duplamente articuladas. Precisamente, Stokoe (1960) demonstrou que os itens lexicais da ASL, unidades significativas, são decomponíveis em unidades menores não significativas, mas distintivas de significado. Isso pode ser ilustrado por meio dos sinais da Libras traduzíveis para a Língua Portuguesa, respectivamente, como ‘obrigado(a)’ e ‘ideia’ (Figura 31). Observa-se pelas imagens que cada um deles é formado por uma configuração de mão, por um ponto de articulação e por um movimento. Observa-se também que os sinais em questão constituem um *par mínimo*, pois distinguem-se entre si unicamente em função das diferentes configurações de mão que apresentam. Com isso, Stokoe demonstrou que as Línguas de Sinais podem ser analisadas fonologicamente.

Figura 31. Par mínimo baseado na configuração de mão



Com base em Alecrim e Xavier (2021a), podemos dizer que a contrastividade na configuração de mão se manifesta na Libras de seis diferentes formas. Há configurações que contrastam entre si em função da (1) extensão ou não do polegar (Figura 32); (2) quantidade de dedos (Figura 33); (3) flexão ou não de articulações (Figura 34); (4) adução (aproximação) ou abdução (afastamento) dos dedos (Figura 35); (5) mudança ou não da configuração (Figura 36) e (6) ordem das configurações (Figura 37).

Figura 32. Contraste entre configurações baseado na extensão ou não do polegar



‘bicicleta’

Polegar não estendido

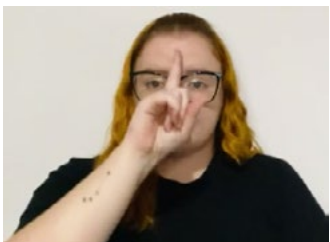


‘mudar’

Polegar estendido



Figura 33. Contraste entre configurações baseado na quantidade de dedos



‘amarelo’

Apenas o indicador estendido



‘grátis’

Dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos



Figura 34. Contraste entre configurações baseado na flexão ou não das articulações



‘letra V’

Dedos indicador e médio abertos



‘número cinco’

Dedos indicador e médio flexionados

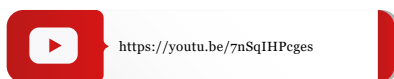


Figura 35. Contraste entre configurações baseado na adução ou abdução dos dedos



‘madeira’

Dedos aduzidos



‘árvore’

Dedos abduzidos

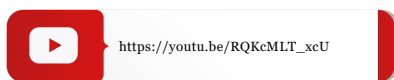
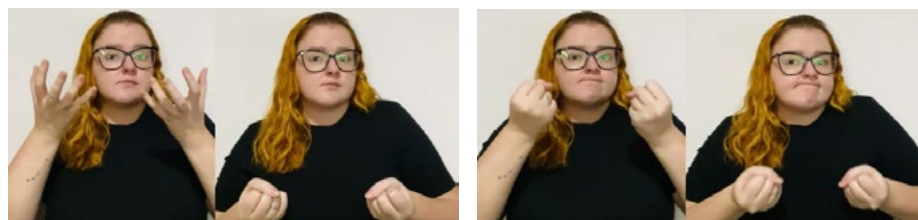


Figura 36. Contraste entre configurações baseado na mudança ou não da configuração de mão



‘aceitar’

‘pesado’

Mudança na configuração

Sem mudança na configuração

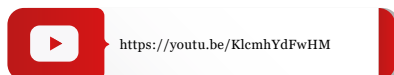
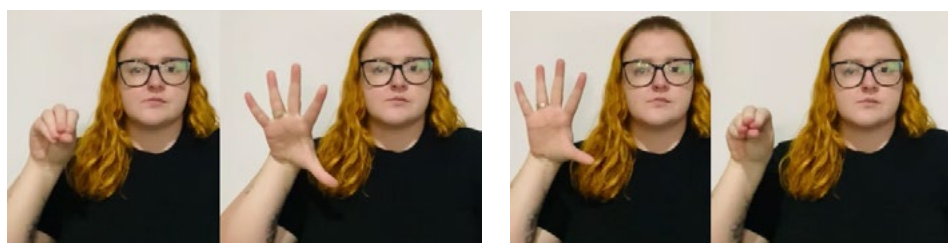


Figura 37. Contraste entre configurações baseado em diferentes ordens das configurações

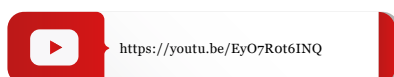


‘flash’

‘print’

Dedos fechados > dedos abertos

Dedos abertos > dedos fechados



Os sinais da Libras podem contrastar entre si também em relação a outros parâmetros fonológicos. Em relação à localização e à orientação, o contraste pode ser ilustrado pelos sinais, respectivamente, nas figuras 38 e 39. No que diz respeito ao movimento, sinais podem se diferenciar entre si em razão (1) de haver ou não movimento (Figura 40), (2) de apresentarem diferentes contornos ou tipos de movimentos (Figura 41) e (3) de serem executados uma só vez ou realizados pelo menos duas vezes (Figura 42). Além disso, há pares mínimos baseados na ausência *versus* presença de uma expressão não manual (Figura 43) e pares mínimos relacionados ao número de mãos (Figura 44), baseado na análise de sinais do dicionário de Capovilla e Raphael (2001), Xavier (2019)

Figura 38. Par mínimo baseado na localização



‘entender’

Lateral da testa



‘rosa’

Bochecha



Figura 39. Par mínimo baseado na orientação da palma



‘número dois’

Palma para dentro



‘letra v’

Palma para fora

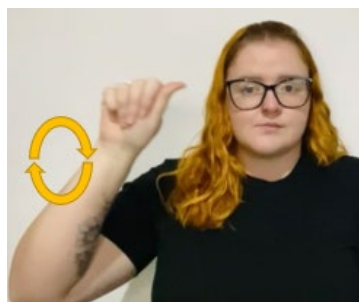


Figura 40. Par mínimo baseado na ausência vs presença de movimento



‘letra a’

Sem movimento



‘associação’

Com movimento

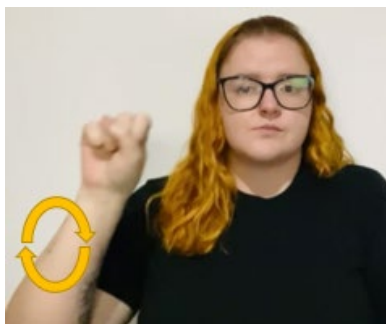


Figura 41. Par mínimo baseado em diferentes tipos de movimento



‘sogra(a)’

Movimento reto



‘solteiro(a)’

Movimento circular

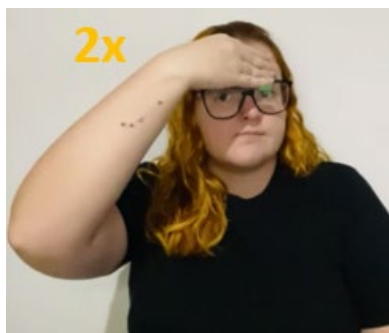


Figura 42. Par mínimo baseado no número de execuções do movimento



‘esquecer’

Movimento executado uma vez



‘alzheimer’

Movimento executado duas vezes

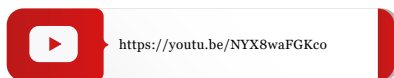
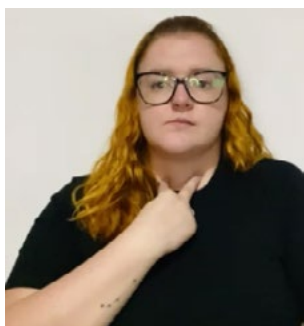
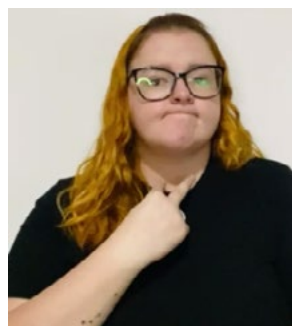


Figura 43. Par mínimo baseado na ausência *versus* presença de expressão não manual



‘ocupado(a)’

Sem expressões não manuais



‘não pode’

Com girar da cabeça e lábios comprimidos



Figura 44. Par mínimo baseado no número de mãos



4.2.2 Fonotaxe

Battison (1978) observou algumas condições de boa formação de sinais da ASL. Uma delas se relaciona ao máximo de duas localizações que um sinal simples pode apresentar; uma segunda, ao máximo de duas configurações de mão que sinais do mesmo tipo podem exibir. Ainda em relação à configuração de mão, o referido autor observou duas outras condições: uma relacionada a sinais bimanuais equilibrados que, segundo ele, devem exibir além da mesma configuração, daí ser chamada de “condição de simetria”, o mesmo movimento e localização e orientação espelhadas; outra se vincula a sinais não equilibrados assimétricos, ou seja, realizados com configurações diferentes em cada mão. Essa condição foi chamada pelo autor de “condição de dominância” e se refere à restrição no tipo de configuração que a mão passiva desses sinais podem apresentar. Segundo Battison, na ASL, nos sinais não equilibrados assimétricos, a mão passiva exibe apenas uma das sete configurações não marcadas, a saber: A, S, B, 5, 1, C e O.

Os dados de Xavier (2006) sugerem que essas mesmas condições são válidas para Libras. Conforme se pode ver no gráfico da Figura 45, os sinais da Libras podem ser articulados em uma ou duas localizações (Figura 46), predominando no *corpus* do referido autor os do segundo tipo.

Figura 45. Frequência de sinais realizados em mais de uma localização *versus* sinais realizados em apenas uma localização no *corpus* de Xavier (2006)

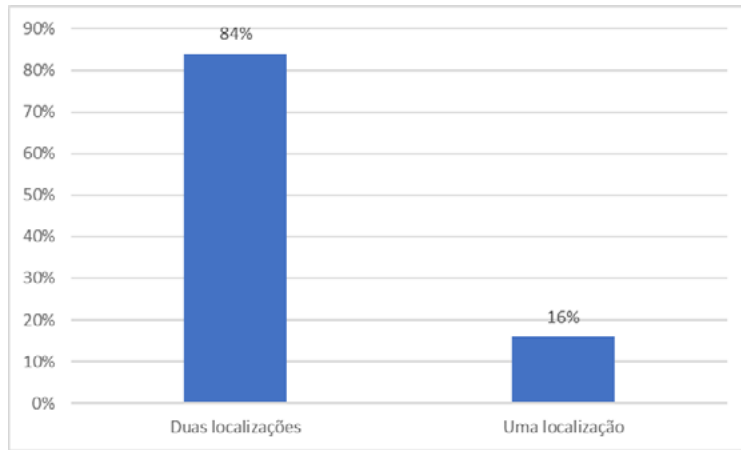
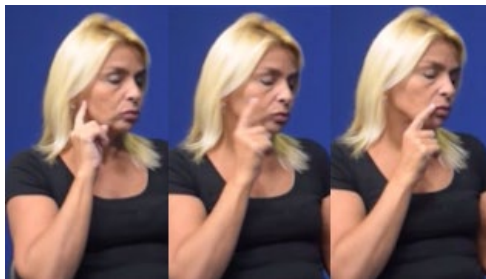
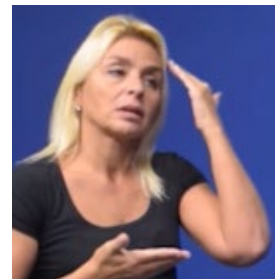


Figura 46. Exemplo de sinal realizado em mais de uma localização e de sinal realizado em apenas uma localização



'surdo(a)'

Mais de uma localização



'entender'

Uma localização

Já em relação ao número máximo de configurações de mão, Xavier (2006) reporta a ocorrência de sinais articulados com apenas uma, os quais predominam, bem como a de sinais formados por duas e até três configurações (Figura 47). De acordo com o autor, os sinais constituídos por três configurações necessariamente resultam da lexicalização da soletração manual de palavras da Língua Portuguesa. Sendo assim, o mesmo número máximo observado para configurações em um sinal simples da ASL parece ser válido para a Libras. Sinais articulados com uma, duas ou três configurações são exemplificados na Figura 48.

Figura 47. Frequência de sinais realizados com uma ou duas configurações de mão no *corpus* de Xavier (2006)

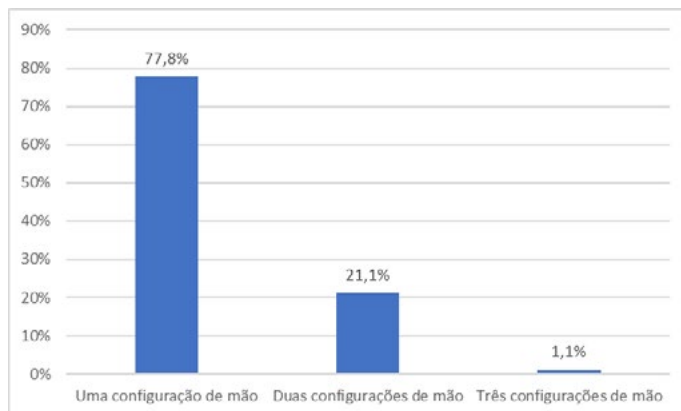
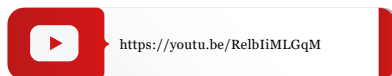


Figura 48. Exemplo de sinal que é realizado com uma, duas e três configurações de mão



A condição de simetria também parece atuar na formação de sinais simples da Libras. Como se pode ver no gráfico da Figura 49, 90% dos sinais bimanuais equilibrados do *corpus* de Xavier (2006) exibem exatamente a mesma configuração. Apenas 10% deles apresentam as mãos configuradas diferentemente. Os sinais da Figura 50 exemplificam, respectivamente, esses dois padrões.

Figura 49. Frequência de sinais equilibrados simétricos e assimétrico no *corpus* de Xavier (2006)

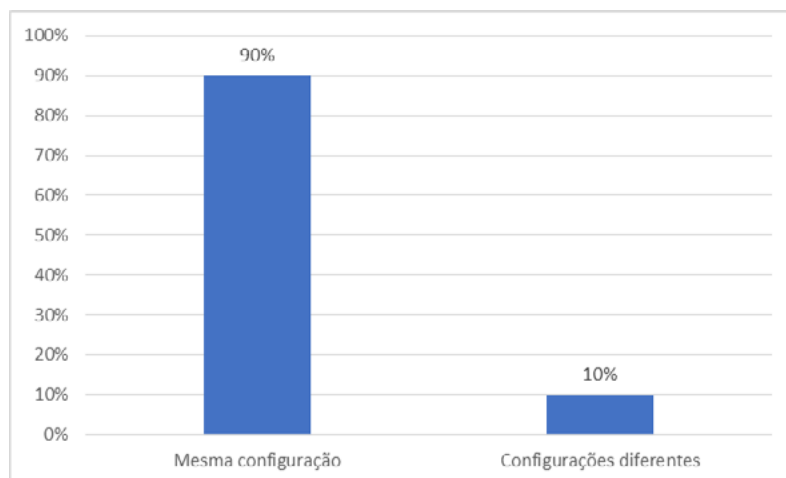
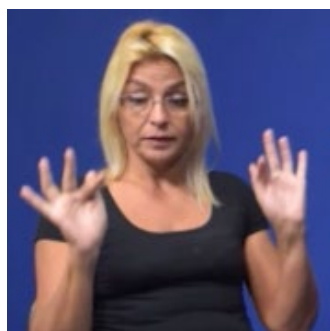
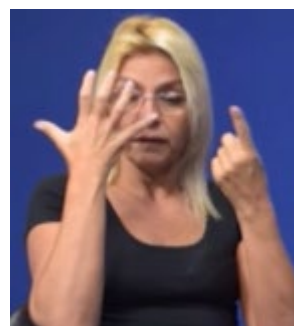


Figura 50. Exemplo de sinal que respeita o princípio de simetria e de sinal que não respeita o mesmo princípio



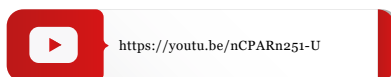
'feliz'

Sinal bimanual equilibrado simétrico



'fevereiro'

Sinal bimanual equilibrado assimétrico



Por fim, os dados de Xavier (2006) também parecem indicar que a condição de dominância atua na constituição de sinais da Libras. O gráfico na Figura 51 mostra que dentre os sinais não equilibrados, apenas uma pequena parcela apresenta na mão passiva uma configuração diferente das sete não marcadas. Esses três padrões de sinais são exemplificados na Figura 52.

Figura 51. Frequência de sinais não equilibrados simétricos, assimétricos que respeitam o princípio de dominância e assimétricos que não respeitam no *corpus* de Xavier (2006)

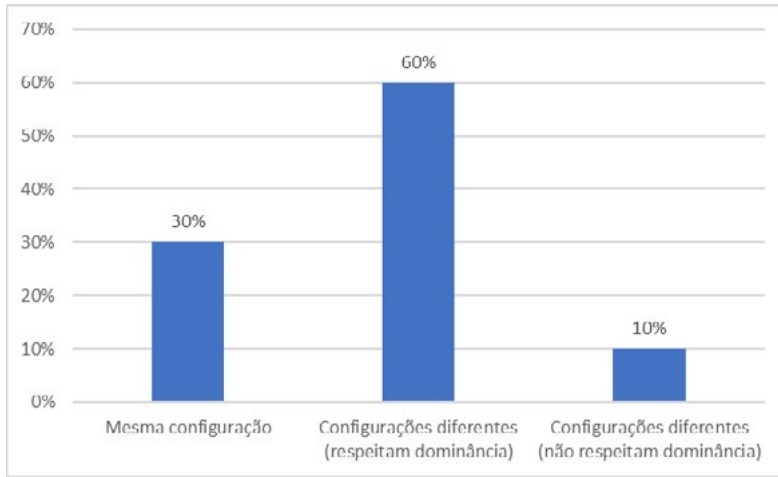
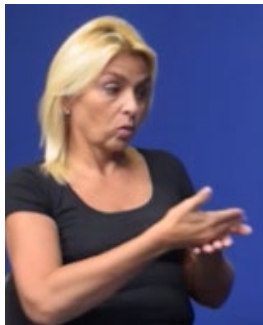
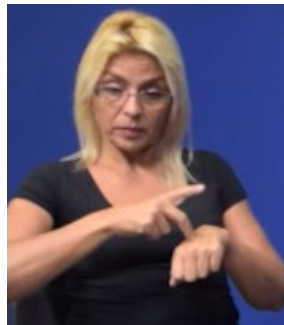


Figura 52. Exemplo de sinais não equilibrados simétrico, assimétrico que respeita o princípio de dominância e assimétrico que não respeita o mesmo princípio



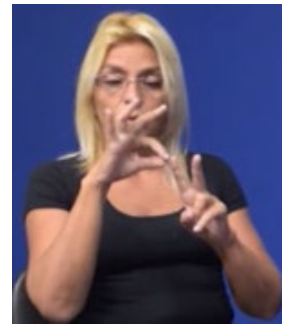
‘começar’

Mesma configuração



‘pedra’

Configurações diferentes
(respeitam dominância)



‘uva’

Configurações diferentes
(não respeitam dominância)



4.2.3 Processos fonológicos

A partir do trabalho de Hochgesang (s/d), Silva e Xavier (2020) identificaram 16 diferentes processos fonológicos na Libras. Conforme mostra o Quadro 1, os autores dividiram esses processos em quatro grandes categorias, cada qual com suas subcategorias. Na primeira, designada por eles como “geral”, foram incluídas a *assimilação*, cópia por um dado sinal de característica(s) de sinais adjacentes, e a

metátese, inversão na ordem de unidades fonológicas. Esses dois processos foram reunidos na mesma classe por também serem observados nas línguas faladas. Nas demais categorias, são agrupados processos exclusivos das Línguas de Sinais.

Na segunda categoria, Silva e Xavier (2020) reúnem processos relacionados à mão não dominante, como, por exemplo, a *antecipação* e a *perseveração*. O primeiro processo pode ocorrer quando um sinal monomanual é seguido por um sinal bimanual e a mão não dominante, requerida para o segundo sinal, aparece antecipadamente durante a produção do sinal monomanual. O segundo, *perseveração*, é observado em situação contrária, ou seja, quando um sinal bimanual antecede um ou mais sinais monomanuais e a mão não dominante requerida para sua realização continua ativa durante a produção dos sinais seguintes. Os autores ainda atestam a ocorrência de *congelamento*, *abaixamento* e *apagamento da mão não dominante* que consistem, respectivamente, na não realização do movimento por essa mão ou no seu posicionamento mais baixo em relação à mão dominante em sinais equilibrados e ao não uso dessa mão durante a produção de um sinal canonicamente bimanual.

Na terceira categoria são reunidos processos relacionados à localização dos sinais, a qual pode sofrer *ipsilateralização*, ou seja, ser realizada em uma região do mesmo lado da mão dominante correlata à região típica no lado contralateral; *contralateralização*, processo inverso à ipsilateralização; *neutralização*, realização de sinais tipicamente articulados em regiões altas no centro do espaço de sinalização; *alçamento*, realização em localização mais alta do que a típica; e *não realização do contato* entre a(s) mão(s) e alguma parte do corpo.

Finalmente, na quarta categoria, Silva e Xavier (2020) incluíram processos fonológicos relacionados ao movimento, os quais, segundo os autores, podem consistir na sua *inserção* ou *apagamento*. Nesse segundo caso, o processo pode resultar na *não realização da suspensão final* de alguns sinais, na *diminuição de rotações*, *oscilações* e *repetições*. Somando-se a isso, processos fonológicos relativos ao movimento podem resultar na sua produção através de articulações mais distantes do torso, *distalização*, ou próximas dele, *proximalização*. Os processos fonológicos identificados nas produções de Sylvia Lia Grespan Neves serão exemplificados a seguir.

Quadro 1. Categorização dos processos fonológicos identificados na Libras. Em amarelo, processos não incluídos no site da Profa. Julie A. Hochgesang¹

GERAL		MÃO NÃO DOMINANTE (MND)	LOCALIZAÇÃO	MOVIMENTO
Assimilação	Configuração de mão*	Antecipação	Ipsilaterização	Inserção de transição
	Orientação	Perseveração	Contralaterização	
	Localização	Congelamento	Neutralização	
	Acréscimo da MND	Abaixamento	Alçamento	
Metátese	Configuração de mão	Apagamento	Não realização do contato	Apagamento:
	Localização			Suspensão entre movimentos
	Movimento (da MD para a MND)**			Rotação
				Oscilação
				Repetição (sequência única)
				Distalização
				Proximalização

(*) Foram também encontrados casos de assimilação simultânea.

(**) Foram encontrados apenas casos de metátese simultânea.

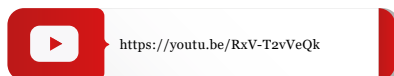
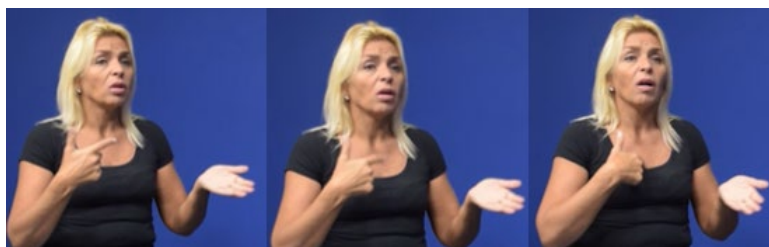
Fonte: Silva e Xavier (2020, p. 71)

(1) Geral

a. Assimilação

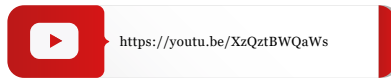
Figura 53. Exemplo de assimilação da configuração de mão

(i) Sinal traduzível como ‘eu’ na sua forma canônica



¹ Silva e Xavier (2020) destacam em amarelo processos que identificaram na Libras, mas não observaram na literatura sobre a ASL.

- (ii) Sinal traduzível como ‘eu’ assimilando a configuração de mão do sinal traduzível como ‘ver’, produzido depois dele



(2) Mão não dominante

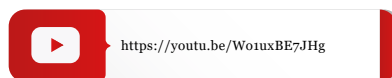
- a. Acréscimo da mão não dominante

Figura 54. Exemplo de acréscimo da mão não dominante

- (i) Sinal traduzível como ‘melhor’ na sua forma monomanual canônica



- (i) Sinal traduzível como ‘melhor’ produzido com duas mãos



b. *Antecipação*

Figura 55. Exemplo de antecipação

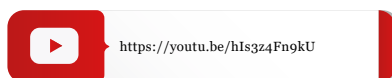
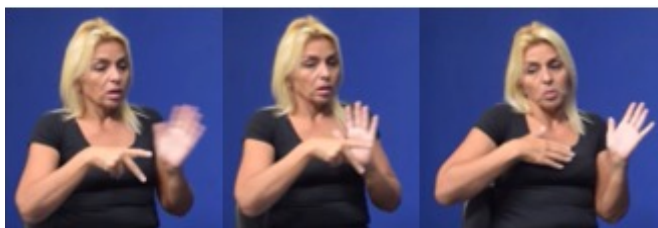
(i) Antecipação da boia de listagem com três itens durante a realização de sinal traduzível como ‘eu’



c. *Perseveração*

Figura 56. Exemplo de perseveração

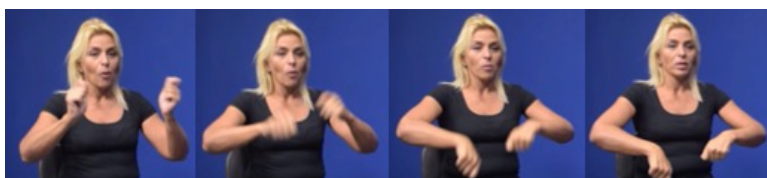
(i) Perseveração da mão passiva de sinal traduzível como ‘próprio(a)’ durante a realização de sinal traduzível como ‘meu/minha’



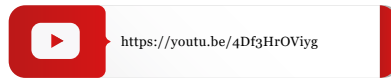
d. *Abaixamento*

Figura 57. Exemplo de abaixamento da mão não dominante

(i) Sinal traduzível como ‘capaz’ em sua forma canônica



(ii) Sinal traduzível como 'capaz' exibindo abaixamento da mão não dominante



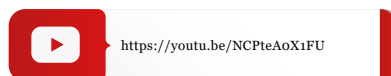
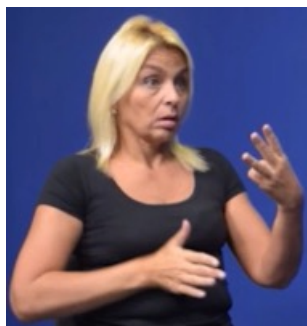
e. *Apagamento*

Figura 58. Exemplo de apagamento da mão não dominante

(i) Sinal traduzível como 'nascer' em sua forma bimanual canônica



(ii) Sinal traduzível como 'nascer' realizado com apenas uma mão

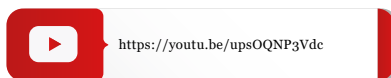
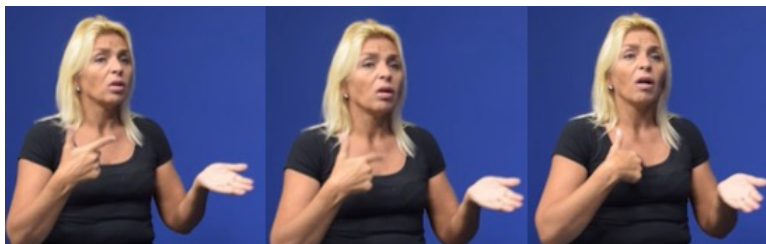


(3) Localização

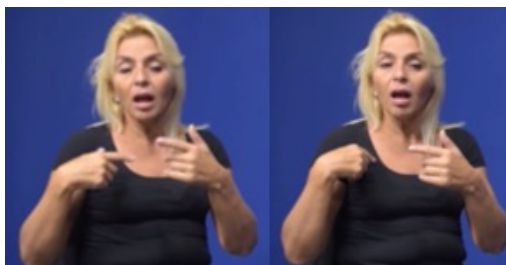
a. Ipsilateralização

Figura 59. Exemplo de ipsilateralização

(i) Sinal traduzível como 'eu' sendo realizado na sua localização canônica: esterno



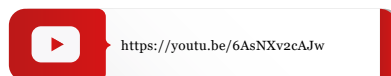
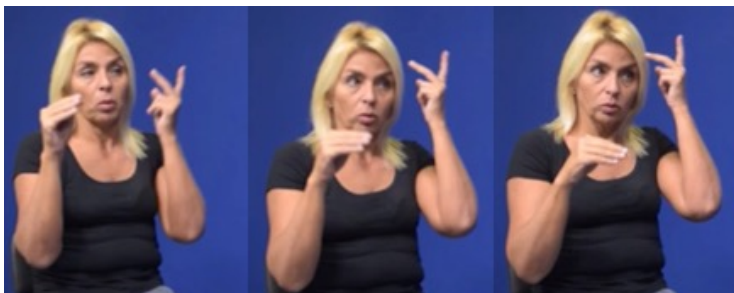
(ii) Sinal traduzível como 'eu' sendo realizado em localização ipsilateralizada



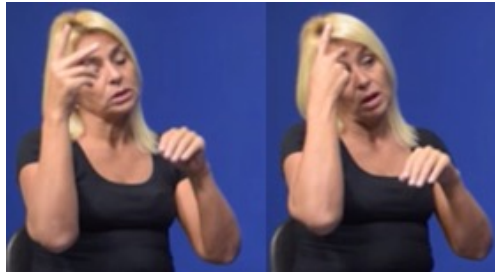
b. Neutralização

Figura 60. Exemplo de neutralização

(i) Sinal traduzível como 'São Paulo' sendo realizado em sua localização canônica: lateral da testa



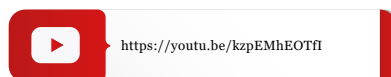
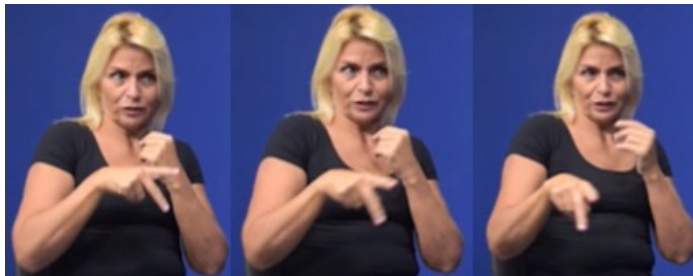
(i) Sinal traduzível como 'São Paulo' sendo realizado no centro da testa



c. *Alçamento*

Figura 61. Exemplo de Alçamento

(i) Sinal traduzível como 'professor(a)' sendo realizado em sua localização canônica: espaço neutro em frente ao peito



(i) Sinal traduzível como 'professor(a)' sendo realizado em localização mais alta do que a canônica: altura do pescoço

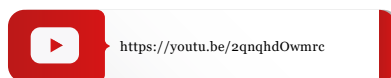
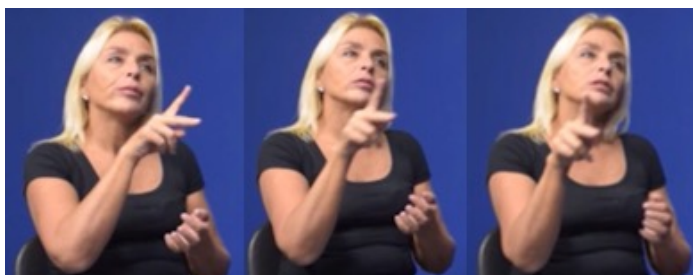
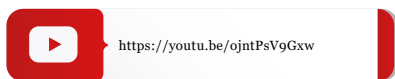
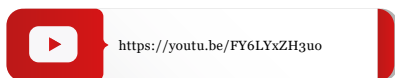
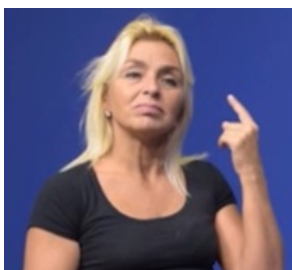


Figura 62. Exemplo de não realização do contato

(i) Sinal traduzível como 'pensar' sendo realizado com o contato canônico



(ii) Sinal traduzível como 'pensar' sendo realizado sem o contato canônico

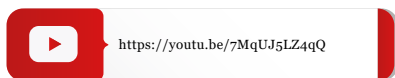


(4) Movimento

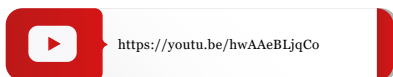
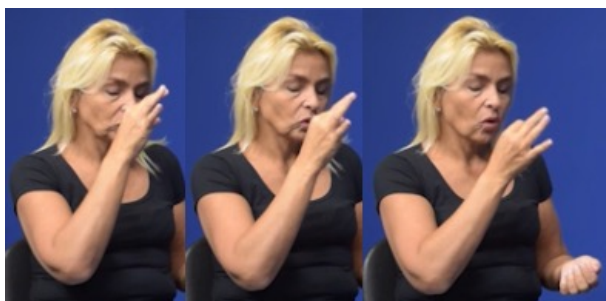
a. Apagamento da suspensão

Figura 63. Exemplo de apagamento da suspensão

(i) Sinal traduzível como 'dor' em sua forma canônica



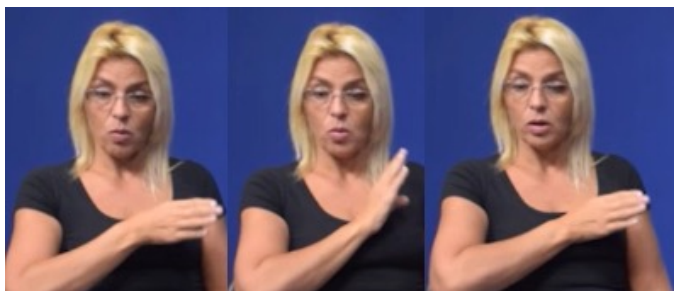
(ii) Sinal traduzível como 'dor' após sofrer apagamento de sua suspensão final



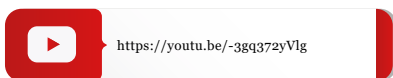
b. Redução no número de rotações

Figura 64. Exemplo de redução de rotações

(i) Sinal traduzível como 'coração' em sua forma de citação



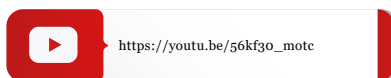
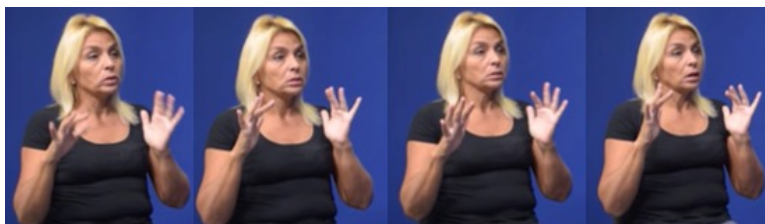
(ii) Sinal traduzível como 'coração' em contexto exibindo menos rotações do pulso



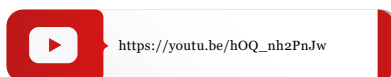
c. *Redução no número de oscilações*

Figura 65. Exemplo de redução de oscilações

(i) Sinal traduzível como 'autismo' em sua forma canônica



(ii) Sinal traduzível como 'autismo' exibindo menos oscilações dos dedos



d. *Redução no número de repetições do movimento do sinal (Sequência única)*

Figura 66. Exemplo de redução de repetições (sequência única)

(i) Sinal traduzível como 'legal' em sua forma canônica exibindo repetição do movimento



(i) Sinal traduzível como 'legal' em sua forma sofrendo redução no número de repetições do movimento



Morfologia da Libras

Aline Lemos Pizzio - UFSC
Ana Regina e Souza Campello - INES
Carolina Ferreira Pego - UFSC
Débora Campos Wanderley - UFSC
Guilherme Lourenço - UFMG
Marcos Luchi - UFSC
Sandra Patrícia de Faria-Nascimento - UNB

5. Aspectos gerais da morfologia das Línguas de Sinais

Aline Lemos Pizzio, Débora Wanderley, Guilherme Lourenço, Sandra Patrícia Faria-Nascimento

Os sinais das Línguas de Sinais possuem o mesmo *status* linguístico das palavras das línguas orais. Segundo Zeshan (2002, p.154), “a palavra e o sinal estão situados em um nível de organização linguística equivalente, que vem do fato de os sinalizantes reconhecerem os sinais das Línguas de Sinais exatamente nos mesmos contextos em que os falantes de línguas orais reconhecem as palavras”.

Por esse motivo, as gramáticas das Línguas de Sinais denominam ‘sinais’ ou ‘sinais-termo’ (Cf. COSTA, 2012), ‘unidades lexicais sinalizadas’ (ULS) ou ‘unidades terminológicas sinalizadas’ (Cf. FARIA-NASCIMENTO, 2013, p.79; 84), o que nas línguas orais conhecemos como ‘palavras’ ou ‘termos’, ‘unidades lexicais’ ou ‘unidades terminológicas’.

Cada Língua de Sinais tem um grande número de sinais. Muitos deles são complexos e constituídos por mais de um componente que tem significado e desempenha um papel gramatical. O estudo dessas formas complexas de sinais é de domínio da Morfologia (Cf. SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009, p.21).

O termo Morfologia é proveniente da composição dos morfemas gregos “mor-

phe”, que significa “forma”, e “logia”, que significa “estudo”. O objeto de estudo da Morfologia é o morfema, unidades mínimas de significação, constituídas de fonemas, unidades arbitrárias e sem significado (KLIMA; BELLUGI, 1979).

A Morfologia estuda estruturas identificadas nas mais diversas línguas, os arranjos de seus componentes, suas combinações e regras com suas especificidades e idiosincrasias, incluindo-se aquelas inerentes à modalidade, como é o caso das Línguas de Sinais.

Sob o escopo da gramática das Línguas de Sinais, a Morfologia é o campo de estudo linguístico responsável por estudar, nos termos de Quadros e Karnopp (2004, p.86-87), a estrutura interna dos sinais, as regras que determinam a formação desses sinais, assim como a relação de um sinal com outro numa mesma Língua de Sinais, considerando-se que as Línguas de Sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais, constituído de unidades mínimas com significado (morfemas sinalizados) que, combinados, possibilitam a construção dos sinais.

A Morfologia tem como função identificar morfemas individuais, que podem ser sinais ou partes dos sinais; morfes e alomorfes – radicais, raízes, prefixos e sufixos –, e analisar seu significado e função lexical. A segmentação dos sinais em diferentes tipos de morfemas é essencial para os dois objetivos básicos da Morfologia das Línguas de Sinais: a criação de novos sinais e a modificação dos sinais existentes.

Estudiosos das Línguas de Sinais têm se dedicado a estudos morfológicos, a fim de melhor entenderem como se constituem, como se combinam, como significam e como funcionam os sinais e suas formas emergentes. Entre esses estudiosos, encontram-se aqueles que se dedicam aos estudos da Língua de Sinais brasileira, entre os quais Ferreira-Brito (1995); Felipe (2006); Quadros e Karnopp (2004); Figueiredo e Sell (2009); Pizzio (2011); Faria-Nascimento (2013); Minussi e Rodero-Takahira (2013); Quadro (2019), e aqueles que se dedicam aos estudos de outras Línguas de Sinais, como Klima e Bellugi (1979); Liddell (1984); Aronoff, Meir e Sandler (2005); Sandler e Lillo-Martin (2009); Quer *et al.* (2019) e outros.

5.1. Morfologia e modalidade

As Línguas de Sinais, como línguas visuo-espaciais, marcam na modalidade seu grande diferencial das línguas orais, pois lidam com a informação linguística recebida pelos olhos (visão) e produzida pelas mãos (corpo), enquanto as línguas orais lidam com a informação linguística recebida pela orelha (audição) e produzida pela boca (som). alguns dos quais, Quadros (2019, p.63-64); Ferreira (2014); Figueiredo Silva & Sell (2009); Felipe (2006.); Quadros & Karnopp (2004, p.88); Ferreira-Brito (1995); Klima & Bellugi (1979); e Faria-Nascimento (no prelo).

Essa diferença de modalidade acarreta características específicas, propriedades e complexidade diferenciadas, o que determina o perfil idiossincrático das Línguas de Sinais. Assim, “a estrutura dos sinais da Língua de Sinais brasileira é complexa, apresentando algumas propriedades presentes nas Línguas de Sinais que não são encontradas nas línguas orais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.88).

A iconicidade, os empréstimos linguísticos datilológicos, a visualidade, entre outros traços que emergem na Morfologia das Línguas de Sinais, imprimem na Língua de Sinais brasileira características que saltam aos olhos e marcam as diferenças significativas suplantadas no escopo da análise linguística das Línguas de Sinais.

Sandler e Lillo-Martin (2009, p.21) mencionam, inclusive, que “seria muito estranho para uma língua em uma modalidade manual-visual não explorar sua capacidade de representar imagens visuais e relações espaciais iconicamente” e, ao mesmo tempo, esclarecem que, apesar de icônicas, as Línguas de Sinais são morfologicamente complexas, pois alguns dos processos que envolvem os componentes dos sinais são transparentes, enquanto outros são opacos. (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009, p.21)

Quer *et al.* (2019, p.170) destacam que alguns aspectos estruturais independem da modalidade, enquanto outros são específicos dela. Entre os aspectos específicos, mencionam os empréstimos de estruturas das línguas orais circundantes, muito comum nas Línguas de Sinais. O uso da datilologia como um componente de compostos é, claramente, um traço específico da modalidade.

Compostos simultâneos¹ são fruto de uma propriedade específica da modalidade das Línguas de Sinais, pois apenas a modalidade visual permite a articulação simultânea de dois radicais, graças à disponibilidade de dois articuladores manuais (as duas mãos do sinalizante).

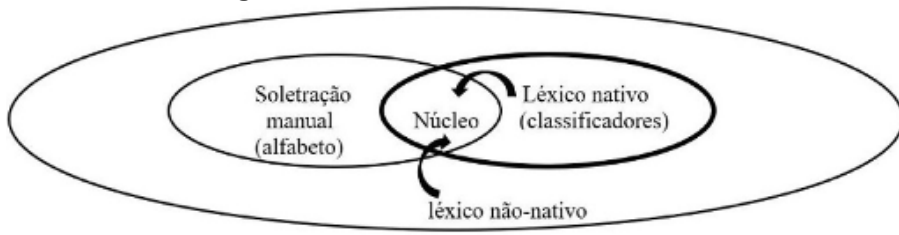
Segundo Sandler e Lillo-Martin (2009, p.21), “a morfologia é o ponto de encontro mais facilmente observável das formas iconicamente motivadas da Língua de Sinais e da estrutura linguística”. Esse reconhecimento, assim como a identificação das demais especificidades reveladas pela diferença linguística da modalidade, auxiliam na descrição das estruturas morfológicas das Línguas de Sinais, da análise dessas estruturas e no entendimento do funcionamento do sistema gramatical dessas línguas, sob a perspectiva de uma modalidade linguística específica e diferenciada.

5.1.1. O léxico mental em Libras e sua relação com a morfologia das Línguas de Sinais

Com base na proposta de Brentari e Padden (2001, p. 89) para os componentes do léxico mental da ASL, Quadros e Karnopp (2004, p.88) propuseram a seguinte representação para o léxico mental da Língua de Sinais brasileira:

¹ Alguns pesquisadores tratam de compostos semissimultâneos. Neste estudo, trataremos apenas de compostos simultâneos.

Figura 1 - Léxico Nativo e Léxico Não Nativo



Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p.88

O léxico mental da Língua de Sinais brasileira envolve o léxico nativo (que comporta os classificadores e o léxico central da Libras) e o léxico não nativo (que comporta os estrangeirismos e o alfabeto datilológico da Libras). Esse último situa-se na periferia do léxico da Libras.

A combinação do léxico nativo entre si, a apropriação do léxico não nativo, bem como a combinação do léxico nativo com o não nativo da Língua de Sinais brasileira, interagem na construção morfológica dos sinais.

5.2. Morfemas em Libras

Aline Lemos Pizzio, Débora Wanderley, Guilherme Lourenço, Sandra Patrícia Faria-Nascimento

Os morfemas, como objeto de estudo da Morfologia, possuem diversas características; eles podem marcar gênero, número e quantificação, grau, pessoa, tempo e aspecto, passando depois para aspectos sintáticos (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 35) e pela derivação.

Alguns morfemas por si só constituem sinais, outros se constituem apenas como partes de sinais. A combinação e distribuição dos morfemas da Língua de Sinais brasileira pode ocorrer de forma simultânea ou sequencial, como Aronoff, Meier e Sandler (2005) anunciaram, ao dizerem que a estrutura morfológica das Línguas de Sinais compreende sequencialidade e simultaneidade².

Felipe (2006) mostra que os morfemas podem ser: (i) raiz ou radical, considerando a presença do parâmetro movimento; (ii) afixos, considerando alterações entre movimento e configurações de mão; ou (iii) desinências, expressas pela direcionalidade, no caso de concordância de número, de pessoa; ou pela configuração de mão, no caso de gênero. A autora acrescenta que há processos morfológicos que modificam a raiz: (i) modificações por adição à raiz, como é o caso da negação; e

² Aronoff, Meier e Sandler (2005) afirmam que processos morfológicos simultâneos marcam processos flexionais, enquanto a distribuição sequencial produz processos derivacionais. Em Libras, entretanto, processos flexionais são marcados, também, pela morfologia sequencial; a distribuição sequencial se aplica, também, e principalmente, à composição.

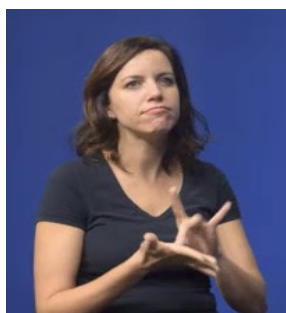
(ii) modificações internas da raiz, como ocorre nas marcações de flexão de pessoa, marcações de aspecto verbal, marcações de gênero, incorporação do numeral.

5.2.1. Sinais monomorfêmicos e polimorfêmicos

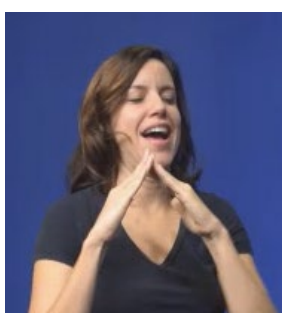
Do ponto de vista da formação dos morfemas, em relação à quantidade de articuladores (mãos) e à quantidade de morfemas em um sinal, os sinais podem ser monomorfêmicos, constituídos de apenas um morfema, ou polimorfêmicos, constituídos de vários morfemas (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p.29-30). Há várias formas de representar os sinais monomorfêmicos e polimorfêmicos.

Os sinais monomorfêmicos podem ser produzidos com uma mão ou com duas; nesse segundo caso, com CMs duplicadas ou com CMs diferentes. O sinal (1) VERDADE é realizado com as duas mãos com CMs diferentes, ou seja, é um sinal monomorfêmico. Por outro lado, os sinais (2) CASA e (3) LÍNGUA-DE-SINAIS são sinais monomorfêmicos realizados com as duas mãos, com a mesma CM espelhada, ou seja, sinais monomorfêmicos constituídos de morfemas duplicados.

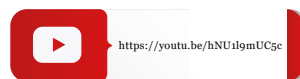
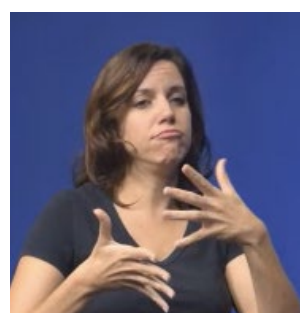
(1) VERDADE



(2) CASA



(3) LÍNGUA-DE-SINAIS



Assim, um sinal realizado no mesmo espaço, simultaneamente, com as duas mãos em uma mesma CM, ou seja, com a CM duplicada, de forma espelhada, é reconhecido como o mesmo morfema, ou seja, um morfema duplicado e não um outro morfema. Em outras palavras, morfemas espelhados / duplicados, no espaço, não são contados em duplicidade no somatório de quantidade de morfemas de um sinal.

Morfemas repetidos, aqueles que se repetem no tempo, sequencialmente, um após outro, também não são contados duplamente. Assim, um sinal realizado com as duas mãos com a mesma configuração de mão, que se repete, carrega uma redundância.

Dessa forma, quando sinais monomorfêmicos constituídos de duas mãos com

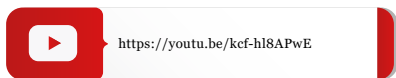
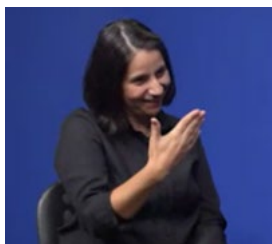
a CM duplicada perdem o espelhamento, tornam-se base para formação de novos sinais. O apagamento da duplicação ou da repetição, entretanto, não compromete o conteúdo semântico na derivação de novos sinais, justapostos ou aglutinados, resultantes da aproximação do morfema (antes duplicado) com outro morfema.

Sinais polimorfêmicos, por sua vez, também podem ser realizados com uma mão ou com mais de uma mão e são constituídos por mais de um morfema, ou seja, por morfemas diferentes.

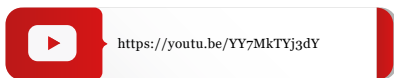
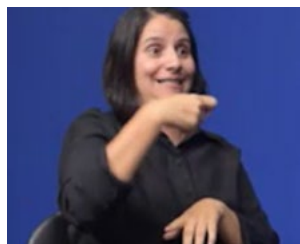
Morfemas lexicais podem assumir o papel de morfemas-base constituidores de novos sinais. Exemplificam alguns desses tipos:

1. Sinais monomorfêmicos articulados com uma mão, em que a CM inicial e final são idênticas, como em (4) OBRIGADO e (5) SINAL.

(4) OBRIGADO



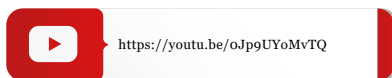
(5) SINAL

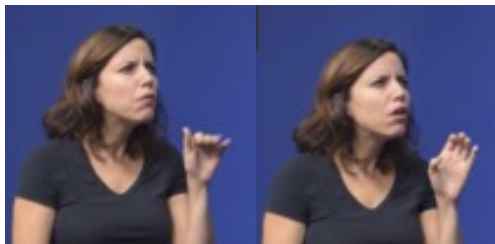


b. Sinais monomorfêmicos articulados com uma mão, em que a CM inicial é diferente da CM final, como em (6) EX, (7) MÃE e (8) MUNICIPAL, ou o movimento interno da CM inicial altera a CM final, ou seja, há um movimento interno da CM inicial para a CM final que a torna diferente, como em (9) ESQUECER e

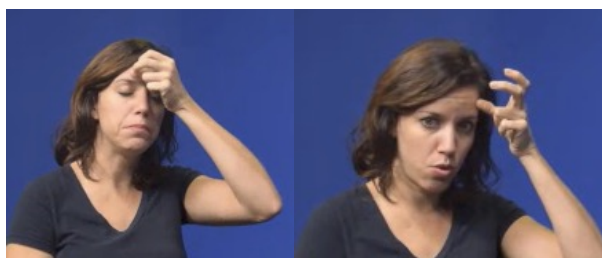


(6) EX

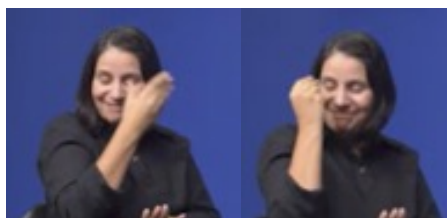
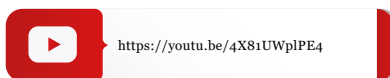




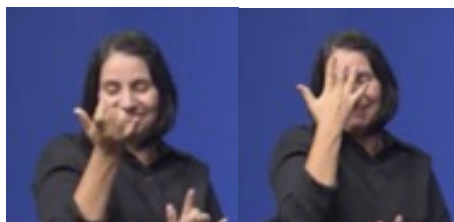
(7) MÃE



(8) MUNICIPAL



(9) ESQUECER



(10) MEMÓRIA



c. Sinais monomorfêmicos articulados com duas mãos duplicadas, em que a CM inicial e final são idênticas nas duas mãos, como em (11) QUERER e (12) COMUNICAR.



(11) QUERER



(12) COMUNICAR

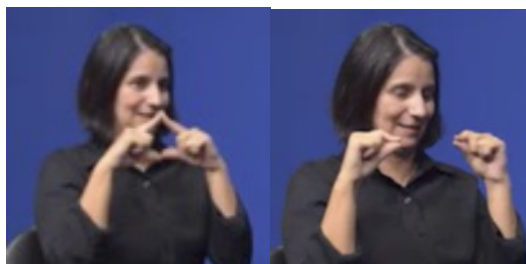


<https://youtu.be/vvLVFXbpTSM>



<https://youtu.be/mcPoGz5oVfM>

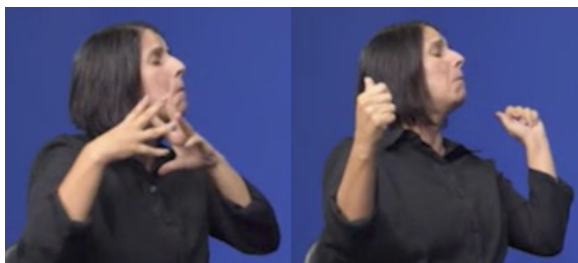
d. Sinais monomorfêmicos articulados com duas mãos duplicadas, em que a CM das duas mãos é idêntica, embora pareça que a CM inicial é diferente da CM final. Ocorre que a CM inicial e final são a mesma; apenas o movimento interno da CM é alterado, como em (13) BRASÍLIA e (14) SUMIR.



(13) BRASÍLIA



<https://youtu.be/Zytp4G6yC2s>



(14) SUMIR

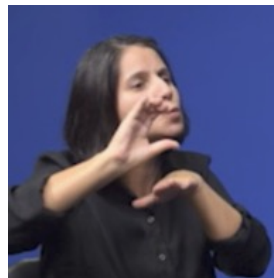


<https://youtu.be/dZ7fsdhcJ9U>

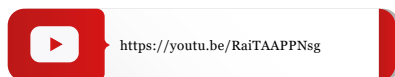
e. Sinais monomorfêmicos articulados com duas mãos com CMs diferentes, em que a CM inicial e a final são iguais nas duas mãos, como em (15) REGRA e (16) CURSO.



(15) REGRA



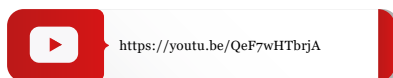
(16) CURSO



f. Sinais monomorfêmicos articulados com duas mãos com CMs diferentes, em que a CM inicial e a final da mão ativa são diferentes, e a CM inicial e final da mão passiva são iguais, como em (17) MARTHA FALCÃO (nome de uma faculdade).



(17) MARTHA FALCÃO



5.2.2. Morfemas lexicais e gramaticais

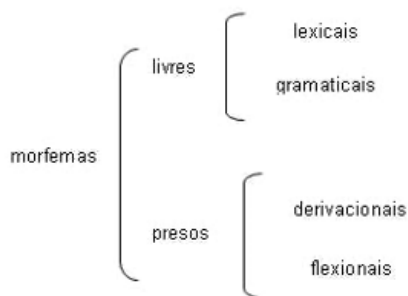
Do ponto de vista da significação, os morfemas podem ser lexicais ou gramaticais:

- a. **Morfemas lexicais:** São unidades lexicais com significação externa, com conteúdo e forma, indicam o sentido básico da palavra, uma vez que se referem a fatos do mundo extralinguístico; representam a própria significação externa dos vocábulos e são responsáveis pela significação não gramatical contida na raiz do vocábulo. O morfema lexical no vocábulo é o seu núcleo de significação, ou seja, são os radicais das palavras. São eles que permitem uma grande variedade de palavras com significados diferentes em uma

língua. Trata-se de uma unidade de significação que permite a formação de diversas palavras as quais atribuem nomes às variadas situações, pessoas, sentimentos, objetos; designa seres e conceitos abstratos (substantivos e adjetivos), ações (verbos) etc.

- b. Morfemas gramaticais:** São os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como os elementos mórficos que indicam número, gênero, tempo, aspecto verbal, responsáveis pelas funções gramaticais do vocábulo. Os morfemas gramaticais dividem-se em (i) *morfemas gramaticais derivacionais* (prefixos e sufixos); (ii) *morfemas gramaticais flexionais* (desinências verbais e nominais referem-se ao tempo, modo, número, pessoa nos verbos, gênero e número nos nomes); e (iii) *morfemas gramaticais classificadores* (nomes ou verbos).

5.2.3. Morfemas livres e presos



Do ponto de vista do significante, os morfemas podem ser livres ou presos. Os morfemas livres e presos, em princípio, são hierarquicamente distribuídos como em Língua Portuguesa, entendendo os morfemas livres como lexicais ou gramaticais e os morfemas presos como derivacionais ou flexionais.

Figura 2 - Distribuição Hierárquica dos morfemas livres e presos

Fonte: Infopédia, 2003-20223

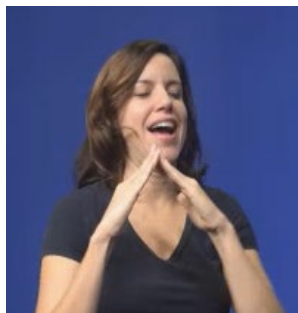
Quadros e Karnopp (2004, p.86) identificaram a existência dos morfemas presos que, em geral, são os sufixos e os prefixos, uma vez que não podem ocorrer isoladamente, e os morfemas livres que constituem sinais. Felipe (2006, p. 207) reforçou que, no processo de formação de palavras, itens lexicais, morfemas livres,

3 Dicionários Porto Editora. Rua da Restauração, 365, 4099-023. Porto. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$morfema](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$morfema). Acesso em: 04 jul. 2022.

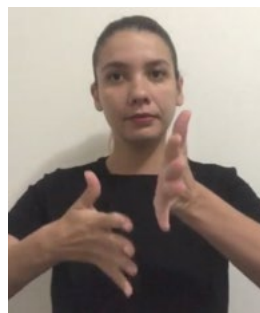
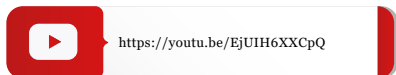
se justapõem ou se aglutinam para formar um novo item lexical.

Ratificando essa afirmação, identificamos que os morfemas, como objeto de estudo da Morfologia, podem ser livres quando ocorrem isolados e, por si sós, encerram o significado de um vocábulo, e presos, quando não podem ocorrer isolados, mas exclusivamente ligados a outro(s) morfema(s), pois, isolados, não detêm significado (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p.83). Em outras palavras, Faria-Nascimento (2013) define **morfemas livres e presos** da seguinte forma:

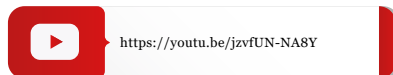
- a. Morfemas livres:** São morfemas independentes, constituídos de unidades lexicais sinalizadas consolidadas na Língua de Sinais, as quais podem ser consideradas como unidades primeiras/primitivas, que servem de base ou complemento especificador na construção de novas unidades lexicais e terminológicas, sinalizadas, como em (18) CASA e (19) LÍNGUA-DE-SINAIS.



(18) CASA



(19) LÍNGUA-DE-SINAIS



Conforme dito anteriormente, morfemas duplicados são o mesmo morfema. Para a constituição de novas unidades, o morfema perde apenas a duplicação, mas continua o mesmo morfema livre.

- b. Morfemas presos:** São morfemas dependentes; sozinhos não se constituem como estruturas autônomas; associam-se a pelo menos um outro morfema para constituir outro sinal, uma unidade lexical ou terminológica sinalizada livre. Assim, morfemas presos são unidades dependentes de outras. Grosso modo, pode-se dizer que morfemas presos funcionam como afixos, sejam eles sufixos, infixos etc.

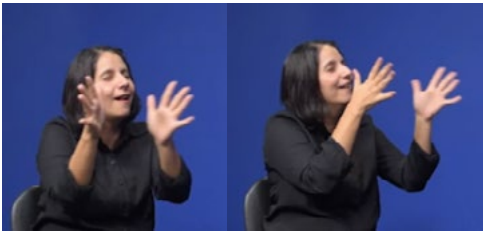
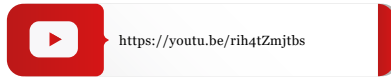
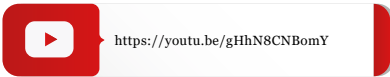
Os exemplos a seguir ilustram os morfemas presos incorporados ao morfema base (19) LÍNGUA-DE-SINAIS. Dele derivam as construções morfológicas registradas em (20), (21), (22), (23), (24) e (25), conforme os registros a seguir:



(20) LÍNGUA-DE-SINAIS^INFERIOR
(+ morfema boca)



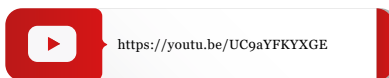
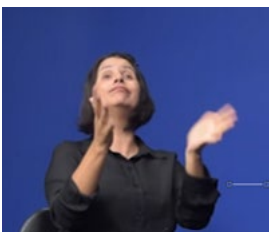
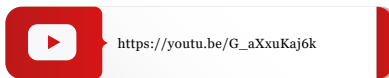
(21)
LÍNGUA-DE-SINAIS^FÁCIL
(+ morfema boca)

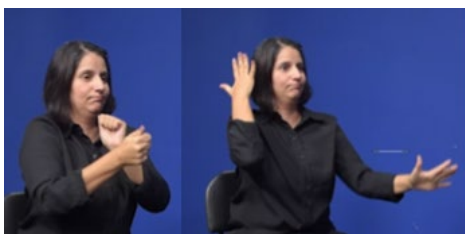


(22)
LÍNGUA-DE-SINAIS^SINALIZADA-VÁ-
RIOS
(+ morfema boca)



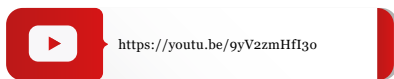
(23)
LÍNGUA-DE-SINAIS^FLUENTE
(+ morfema boca)





(24)

LÍNGUA-DE-SINAIS^MUITO-FLUENTE

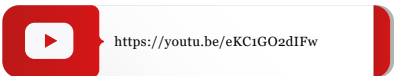
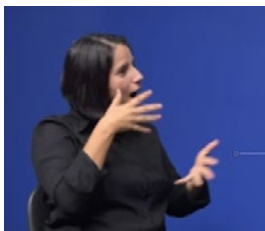
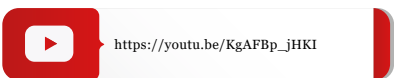


ou

(25)

LÍNGUA-DE-SINAIS^ADMIRÁVEL

(+ morfema boca)



Nessas construções, constituídas a partir do sinal (19), reconhecido como a forma morfológica neutra, o referido morfema livre atua como radical na derivação de uma sequência de outros sinais. Assim, esse morfema livre (19) é um morfema lexical que se comporta como morfema base (cf. FARIA-NASCIMENTO, 2009), bastante produtivo na ampliação lexical e terminológica da Libras, de forma a nomear distintos e variados conceitos, constituídos a partir dessa base livre (19) LÍNGUA-DE-SINAIS. Esse morfema raiz ocupa a posição de radical na constituição de novas unidades lexicais sinalizadas – ULS. Os sinais de (20) a (25) agregam ao morfema base, morfemas afixais presos que compreendem tanto o morfema boca (PÊGO, 2013, p.65), quanto outros movimentos que, ao lado do morfema boca, acrescentam informação linguística ao radical.




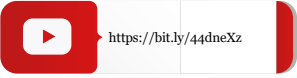
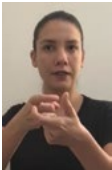



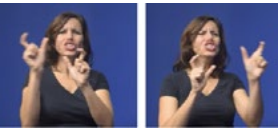

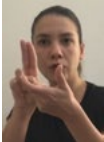

Em (20), acrescenta-se a ideia de “inferioridade”. Em (21), o valor agregado ao morfema base é de “facilidade”, marcado tanto pelo morfema boca quanto pela

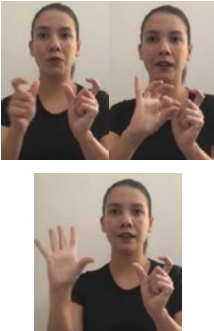
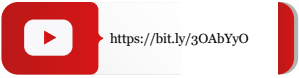
alteração do movimento, compreendido como morfema preso afixal, nesse caso. Em (22), a expansão do morfema lexical livre “arrasta” sua produção pelo espaço neutro e acrescenta o morfema boca para representar a ideia de expansão a vários atores do discurso. Em (23), o morfema lexical livre, em posição de morfema base (19), incorpora o afixo que agrega o conceito de “fluência linguística” e com um morfema boca demarca o conceito que leva alguém a ser fluente / proficiente em Língua de Sinais. Em (24), a amplitude espacial de produção do sinal acrescenta a denominação mais vigorosa do conceito da unidade lexical sinalizada produzida em (23). Em (25), por fim, à base (19), agrega-se o valor de uma língua admirada e apreciada. Esses exemplos ilustram como morfemas livres se unem a morfemas presos, entre os quais morfemas boca, e derivam novas unidades lexicais sinalizadas.

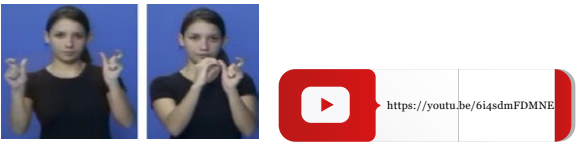


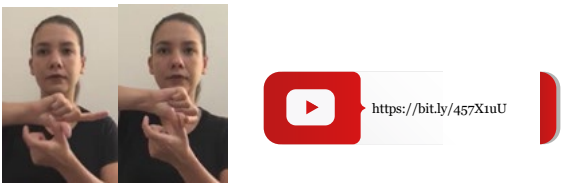
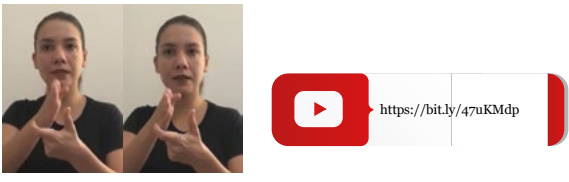
Outro exemplo bastante produtivo de morfema lexical livre que se torna morfema base para constituição terminológica, em Língua de Sinais brasileira, é (26) PALAVRA. No Quadro abaixo, seguem exemplos de expansão lexical e terminológica a partir do morfema base (26) PALAVRA, entendido como morfema lexical, livre, produtivo na constituição de uma série de termos, conjugados com outros morfemas livres ou presos.

O Quadro se apresenta em três colunas, considerando a coluna mais à esquerda como espaço do produto, a coluna do meio, a base e a coluna da direita o especificador:

PRODUTO (SINAL FORMADO)	BASE	ESPECIFICADOR
 (26) PALAVRA	 PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	Ø
 (27) LÉXICO	 PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	ESCOLHER (MORFEMA LIVRE)

PRODUTO (SINAL FORMADO)	BASE	ESPECIFICADOR
  <p data-bbox="262 374 480 402">(28) TERMINOLOGIA</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	MÃO EM CONCHA (MORFEMA PRESO)
  <p data-bbox="271 607 468 635">(29) SINAL-TERMO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	-SINAL (MORFEMA LIVRE)
  <p data-bbox="217 844 522 871">(30) ENTRADA (DICIONÁRIO)</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	CM em X (MORFEMA PRESO)
  <p data-bbox="258 1066 484 1093">(31) PALAVRA-CHAVE</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	CHAVE (MORFEMA LIVRE)
  <p data-bbox="291 1257 452 1284">(32) PALAVRAS</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	PALAVRA +++ (MORFEMA LIVRE)
  <p data-bbox="271 1466 468 1494">(33) SUBSTANTIVO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	NOME (MORFEMA LIVRE)

PRODUTO (SINAL FORMADO)	BASE	ESPECIFICADOR
  <p data-bbox="188 396 419 424">(34) MORFEMA PRESO</p>	<p data-bbox="777 269 899 369">PALAVRA (MORFEMA LIVRE)</p>	<p data-bbox="935 269 1058 369">PRESO (MORFEMA LIVRE)</p>
  <p data-bbox="188 833 419 860">(35) MORFEMA LIVRE</p>	<p data-bbox="777 615 899 715">PALAVRA (MORFEMA LIVRE)</p>	<p data-bbox="935 578 1058 751">LIVRE (MORFEMA LIVRE) - Apenas redução de uma mão</p>
  <p data-bbox="203 1075 400 1102">(36) MORFOLOGIA</p>	<p data-bbox="777 948 899 1048">PALAVRA (MORFEMA LIVRE)</p>	<p data-bbox="935 948 1058 1048">PALAVRA (MORFEMA LIVRE)</p>
  <p data-bbox="177 1294 430 1321">(37) MORFEMA ADITIVO</p>	<p data-bbox="777 1175 899 1275">PALAVRA (MORFEMA LIVRE)</p>	<p data-bbox="913 1139 1079 1312">SUFIXO SOMAR (MORFEMA LIVRE) - Apenas redução de uma mão</p>
  <p data-bbox="151 1481 453 1508">(38) MORFEMA SUBTRATIVO</p>	<p data-bbox="777 1375 899 1476">PALAVRA (MORFEMA LIVRE)</p>	<p data-bbox="935 1375 1058 1476">TIRAR (MORFEMA LIVRE)</p>

PRODUTO (SINAL FORMADO)	BASE	ESPECIFICADOR
 <p>(39) MORFEMA ZERO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	ZERO (MORFEMA LIVRE)
 <p>(40) MORFEMA</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	(MORFEMA LIVRE)
 <p>(41) INFIXO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	(MORFEMA LIVRE)
 <p>(42) SUFIXO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	PALAVRA (menor - depois) (MORFEMA LIVRE)
 <p>(43) PREFIXO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	PALAVRA (menor - antes) (MORFEMA LIVRE)
 <p>(44) SÍLLABA</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	PALAVRA (menor - dentro) (MORFEMA LIVRE)

PRODUTO (SINAL FORMADO)	BASE	ESPECIFICADOR
  <p>(45) SOBRENOME</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)
  <p>(46) FLEXÃO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	TROCAR (fora do sinal) (MORFEMA LIVRE)
  <p>(47) DERIVAÇÃO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	TROCAR (dentro do sinal) (MORFEMA LIVRE) - Apenas redução de uma mão
  <p>(48) LETRAMENTO</p>	PALAVRA (MORFEMA LIVRE)	ÁREA (MORFEMA LIVRE)

Quadro 1: Morfemas livres e presos na constituição de sinais-termo a partir de PALAVRA (morfema base / morfema lexical / raiz)

A partir dessa análise, aprende-se que o morfema livre (26) PALAVRA constitui-se como um morfema base, monomorfêmico, livre, lexical, raiz/radical, núcleo formador de lexemas em Língua de Sinais, em especial de sinais-termo, concatenativos, sequenciais, composicionais justapostos, como (27) LÉXICO e (29) SINAL-TERMO, composicionais aglutinantes, como (46) FLEXÃO (47) DERIVAÇÃO, relacionados, afins e expansíveis de unidades lexicais e terminológicas que tenham como conceito de base o conceito de (26) PALAVRA.

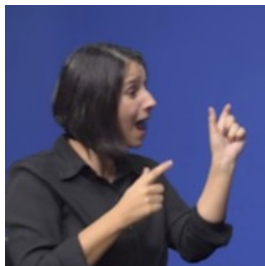
5.2.4. Morfemas base, morfemas especificadores, afixos

Do ponto de vista dos papéis exercidos pelos morfemas, eles podem ser: morfemas base, morfemas especificadores ou afixos.

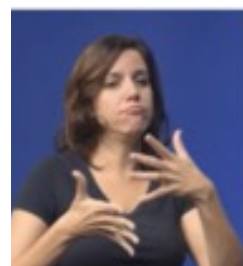
Morfemas base são componentes morfológicos da Língua de Sinais, ou seja, morfemas lexicais que determinam raízes, constituídas de morfemas livres, com estatuto ainda pouco definido, mas altamente produtivos na expansão terminológica da Língua de Sinais brasileira. Um morfema base como (49) CASA, (50) LÍNGUA-DE-SINAIS, (51) PALAVRA, associa-se, normalmente, a um ‘**morfema especificador**’ preso, articulado, grande parte das vezes pela mão ativa e constituído por uma unidade lexical simples (com CM, OP e PA). A produtividade de criação de sinais a partir de morfemas base permite a derivação de um número imensurável de Unidades Terminológicas Sinalizadas – UTS como (52) CASA^L (loja), (53) LETRAS-LIBRAS, (54) PALAVRA^PALAVRA (composição), citados por Faria-Nascimento (2009, p.96-97).



(49) CASA



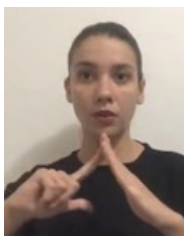
(50) PALAVRA



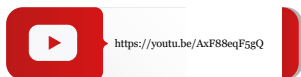
(51) LIBRAS



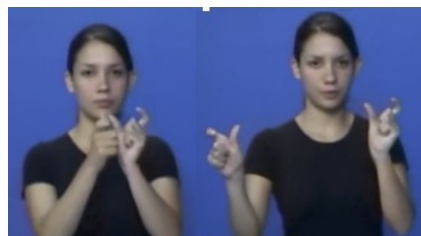
(morfemas livres / morfemas lexicais / morfemas base)



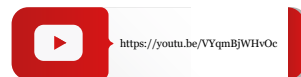
(52) CASA^L (loja)



(53) LETRAS-LIBRAS



(54) PALAVRA^PALAVRA



(composição)

(UTS constituídas a partir de morfemas base livres + morfemas base presos)

5.3. A expansão lexical da Língua de Sinais brasileira

Aline Lemos Pizzio, Débora Wanderley, Guilherme Lourenço, Sandra Patrícia Faria-Nascimento

Diariamente, novos sinais são criados. “As Línguas de Sinais surgem e ressurgem nas comunidades a partir do contato com outras Línguas de Sinais e com sistemas caseiros de sinais emergentes” (QUADROS, 2019, p. 63). Os sinais possuem estruturas complexas a serem descritas; são constituídos de várias partes, de vários elementos, de vários componentes e pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras, tais como nome, adjetivo, advérbio etc. Há sinais compostos, derivados e flexionados. Além disso, há sinais lexicais, prosódicos e gramaticais.

A morfologia investiga a composição, a derivação e a flexão. A composição e a derivação dedicam-se ao estudo da formação de diferentes palavras com uma mesma base lexical e a flexão investiga os processos que acrescentam informação gramatical a palavras que já existem.

A composição, a derivação e a flexão são atestadas em muitas Línguas de Sinais. Isso significa que os processos produtivos internos dos sinais para formar novos lexemas e para marcar relações sintáticas entre os sinais são robustos nas Línguas de Sinais. (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009, p.21)

5.4. Formação de sinais nas Línguas de Sinais

Aline Lemos Pizzio, Débora Wanderley, Guilherme Lourenço, Sandra Patrícia Faria-Nascimento

5.4.1. Morfologia concatenativa

A morfologia concatenativa lida com a formação de novos itens lexicais colocando pelo menos dois morfemas distintos juntos. A concatenação de morfemas – entre os quais, afixos – acarreta processo de gramaticalização de uma Língua de Sinais (Cf. QUADROS, 2019, p.62, 65).

Processos concatenativos combinam vários elementos que compõem um sinal, tanto por processo de aglutinação, quanto por processos de incorporação de diferentes elementos dentro dos sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 86, 95).

5.4.2. Morfologia simultânea e sequencial

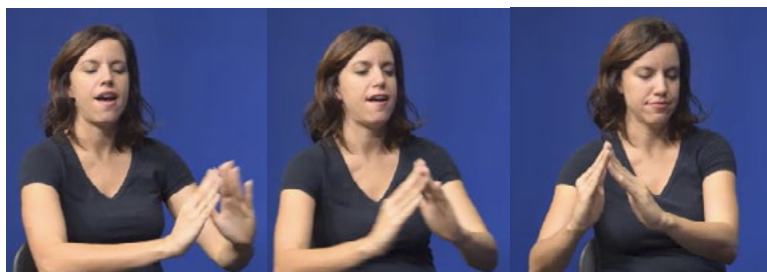
Segundo Quadros (2019, p.62, 65), as **construções morfológicas sequenciais** têm produtividade frequentemente limitada; são variáveis entre os sinalizantes, com variação individual considerável e menos semanticamente coerente; enquanto as **construções morfológicas simultâneas** sinalizam a flexão morfológica em Libras, que traz como resultado: a flexão de concordância; a flexão aspectual; a flexão de número, tamanho, forma e manipulação; são produtivas,

estáveis entre os sinalizantes e semanticamente coerentes. Uma das formas de representação dessa simultaneidade é a sobreposição de um movimento a outro movimento predeterminado.

Tradicionalmente, a **morfologia sequencial** é considerada derivacional, simples, linear e afixal, enquanto a **morfologia simultânea** é considerada flexional e consiste na sobreposição da estrutura morfológica da unidade canônica locação-movimento-locação, simultaneamente, ou seja, os morfemas seriam produzidos ao mesmo tempo, sobrepostos uns aos outros.

Aronoff, Meir e Sandler (2005) apresentam a **morfologia flexional simultânea** como constituidora da modalidade e de sua transmissão, visual-espacial, muitas vezes com motivação icônica; uma morfologia altamente complexa, diretamente estruturada a partir de sua modalidade.

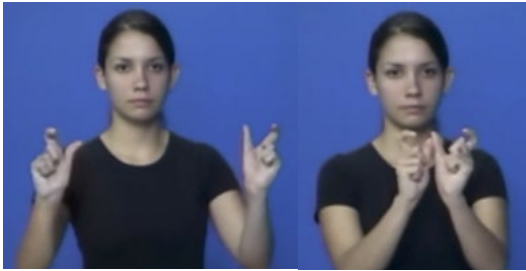
A Língua de Sinais brasileira parece comportar-se diferentemente dessa concepção tradicional, uma vez que, nela, a sequencialidade e a simultaneidade não parecem se prender ao rótulo proposto nos estudos seminais sobre o tema. Processos flexionais manifestos fazem uso de morfologia sequencial, como é o caso da pluralização exemplificada em (55) CASA+++ . A produção repetida sequencial de morfemas livres CASA manifesta uma flexão consecutiva.



(55) CASA+++ (casas)



Também há processos derivacionais que fazem uso de morfologia simultânea (ex. nomes derivados). Nesse escopo, quebram a concepção tradicional o sinal de “composição”, em Libras, constituído pela derivação simultânea, por um processo de justaposição de duas vezes o sinal (51) PALAVRA, que equivale a (56) PALAVRA ^ PALAVRA (composição), sendo os dois sinais articulados, um por cada uma das mãos.



(56) PALAVRA^PALAVRA (composição)

Assim, em Língua de Sinais brasileira, tanto a flexão quanto a derivação encontram-se manifestas em processos morfológicos sequenciais e simultâneos.

Nesta seção vamos nos deter ao estudo dos processos de formação de sinais em Língua de Sinais brasileira, os quais compreendem a derivação e a composição. A morfologia composicional é, para alguns pesquisadores, considerada como um processo derivacional, enquanto, para outros, é um processo que ocorre independente da derivação, portanto, não sendo um processo derivacional. Para este estudo, entretanto, a composição apresenta-se em um tópico independente do da derivação, mas sem tomar uma posição, considerando que os processos composicionais, assim como os processos derivacionais, têm em comum o fato de constituírem novas unidades lexicais, o que agrava a polêmica entre a composição ser um processo autônomo ou ser um processo subjacente à derivação.

5.4.3 Composição em Língua de Sinais brasileira

A composição é um processo morfológico que combina sinais/radicais (morfemas livres) para formar novo item morfológicamente complexo, que envolve núcleos, aglutinações e supressões; misturas e recortes, segundo Bal-El (2006).

Sob o olhar de Klima e Bellugi (1979), Bellugi e Newkirk (1981) e Wallin (1983), a composição é um dos processos de formação de palavras mais amplamente difundidos; é dos processos mais produtivos de construção de palavras em novos idiomas e dos mais comuns em ASL e outras Línguas de Sinais, como a brasileira. A composição se realiza como um processo sequencial, no qual núcleos são acionados.

Quadros e Karnopp (2004, p.102) definem a composição como

um processo autônomo no qual se juntam duas bases preexistentes na língua para criar um novo vocábulo, dito composto [...] é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins de criação lexical. [...] Os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existências independentes no léxico, em apenas um elemento lexical.

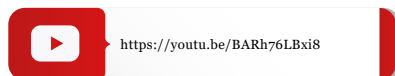
Assim, os sinais compostos são unidades complexas, constituídas de mais de um morfema. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.86).

Segundo Quer *et al.* (2019), os componentes de um composto em Línguas de Sinais são expressos por articuladores manuais. As partes de um composto podem ter, cada uma, um *status* categorial diferente e podem interagir de várias maneiras para produzir o significado do composto.

5.4.3.1 Caracterização dos compostos em Língua de Sinais

Lidell (1984) apresenta três regras morfológicas para a criação de compostos na ASL: regra de contato, regra de sequência única e regra da antecipação da mão dominante, conforme explicitado a seguir.

1 - Regra do contato: Em compostos, o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido. Se um sinal composto apresenta contato no primeiro ou no segundo sinal, o contato pode permanecer nos dois sinais que formam o composto ou em apenas um deles, como em (57):



(57) SABER + ESTUDAR (acreditar)

2 - Regra da sequência única: Em compostos, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada, como em (58) SÁBADO^DOMINGO (fim de semana), em que a repetição de movimento interno do sinal (59) SÁBADO foi eliminado:



(58) SÁBADO^DOMINGO (fim de semana)



<https://youtu.be/ajESSfAFu9Q>

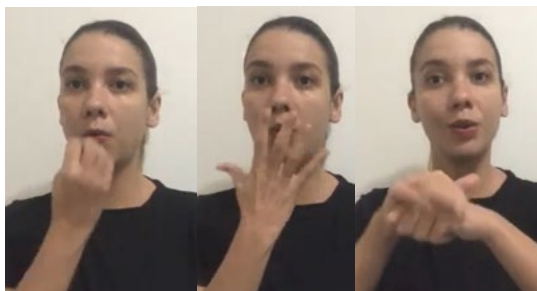


(59) SÁBADO



https://youtu.be/PvOCw_yb_1A

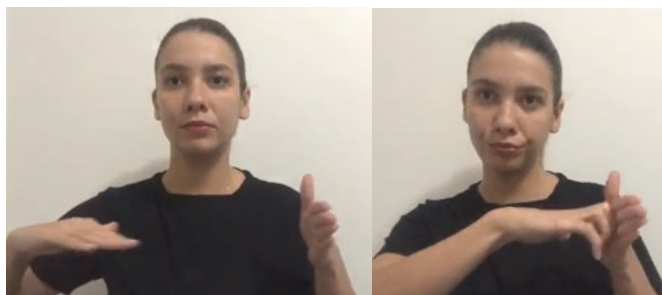
3 - Regra da antecipação da mão não dominante: Quando dois sinais são combinados para formar um composto, a mão passiva do sinalizante antecipa o segundo sinal no processo de composição. Essa regra representa compostos por justaposição com dois núcleos – compostos por coordenação. Nestes sinais, a mão não dominante aparece no espaço neutro, em frente ao corpo do sinalizante, antecipando sua configuração de mão que envolve o sinal composto, como em (60) BOA^NOITE (BOA NOITE) e (61) CARRO^BATER (ACIDENTE):



(60) BOA^NOITE (boa noite)



<https://youtu.be/aEXNBywE428>



(61) CARRO^BATER (acidente)



<https://youtu.be/W7XasmK35eQ>

5.4.3.2. Processos de composição dos sinais da Língua de Sinais brasileira

Em termos práticos, a composição realiza-se por duas ou mais unidades justapostas, sintática e semanticamente identificadas como unidades simples, sinais ou itens lexicais sinalizados. Os morfemas que participam da formação de compostos são raízes, o que distingue a composição da afixação. Essas raízes são frequentemente, mas nem sempre, elementos de ocorrência livre e podem estar completos ou reduzidos (QUER *et al.*, 2019, p. 170).

Os compostos possuem várias classificações. Inicialmente, vamos distingui-los entre compostos nativos e compostos não nativos.

a) Compostos Nativos: Os compostos nativos são formados sem nenhuma interferência das línguas orais circundantes e, do ponto de vista sintático, se dividem em compostos sequenciais, coordenados ou subordinados; simultâneos⁴. (QUER *et al.*, 2019, p.172, 174, 175, 178, 180).

b) Compostos Não Nativos: Os compostos não nativos são aqueles constituídos por empréstimos. A composição por empréstimos ocorre como resultado do contato das Línguas de Sinais com as línguas orais circundantes, que emprestam estruturas para aquelas, ou por empréstimos de outras Línguas de Sinais (QUER *et al.*, 2019, p.181).

Os compostos emprestados, que também são compostos não nativos, constituem-se de estrutura, significado e iconicidade (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009, p.105). Toda a descrição acerca dos empréstimos segue detalhada no capítulo 3.

Um aspecto estrutural dos compostos é o núcleo. Em compostos com núcleo, uma das partes funciona como um modificador ou como complemento. Um sinal composto pode ter um núcleo (quando o composto está estruturalmente assimétrico, em uma relação de subordinação), não ter núcleo ou ter dois núcleos (quando o composto está estruturalmente simétrico, coordenado).

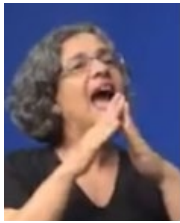
Em alguns **compostos sequenciais**, a forma original do sinal é mantida, enquanto em outros, por características fonológicas, de redução ou assimilação, a forma é reduzida. Processos de assimilação aplicam-se em um ou ambos os radicais que formam o composto (QUER *et al.*, 2019, p.172).

Composição por subordinação: Ocorre quando o composto tem um núcleo (radical) que é modificado por um morfema especificador / modificador. A categoria da unidade lexical resultante da composição é a mesma categoria do núcleo. A relação entre os elementos do composto por

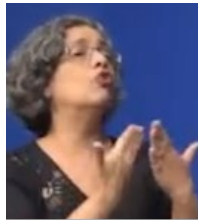
⁴ Quer *et al.* (2019) trata de compostos semissimultâneos também. Conforme mencionado na primeira nota de rodapé deste capítulo, este estudo não categoriza esse tipo de composto.

subordinação é assimétrica, o que acarreta uma relação de subordinação, semanticamente determinada.

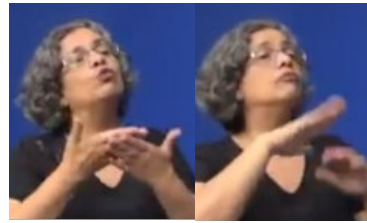
Vejamos o exemplo a seguir em que (62) CASA é um núcleo que determina lugar e (63) ESTUDAR/ESTUDO pode ser um verbo ou um nome especificador subordinado ao núcleo. Dessa forma, o composto resultante da composição do núcleo (62) CASA com (63) ESTUDAR/ESTUDO, em posição de um morfema modificador do lugar, especifica o tipo de CASA a que se refere a composição, no caso, (64) CASA^ESTUDAR, que equivale a escola, também lugar.



(62) CASA



(63) ESTUDAR



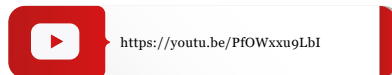
(64) CASA^ESTUDAR (escola)



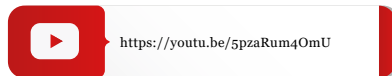
b. **Composição por coordenação:** Ocorre quando o composto tem dois ou mais núcleos em relação simétrica, de coordenação (QUER *et al.*, 2019, p.172; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2009, p.72), como em (65):



(65) MÉDICO^OLHO (oftalmologista)



c) **Composição por simultaneidade:** Compostos simultâneos ocorrem quando não têm núcleos e a realização dos elementos é simultânea. Os compostos simultâneos são constituídos de dois componentes articulados simultaneamente pelas duas mãos, como em (66).



(66) UNIFORME-INES

A composição pode ser dividida em **composição por justaposição** e **composição por aglutinação**.

a. **Composição por justaposição:** A justaposição em Libras ocorre quando dois itens lexicais, ou seja, dois sinais, formam uma terceira forma livre. A justaposição ocorre quando os constituintes de todos os sinais que formam o composto são realizados em sua totalidade na formação composta, **simultaneamente** (quando a composição ocorre com a aproximação simultânea das mãos) ou **consecutivamente - sequencial** (quando a composição ocorre com uma mão realizando um sinal após o outro), sem modificação, ou seja, os dois sinais são completamente sinalizados. Seguem alguns exemplos:

(67) PALAVRA^PALAVRA (composição) <=> justaposição simultânea

(68) CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO (zebra) <=> justaposição sequencial

(69) ÁGUA^CAMINHO (rio) <=> justaposição sequencial

(70) ÁGUA^CÍRCULO (lago) <=> justaposição sequencial

(71) ÁGUA^RETÂNGULO (piscina) <=> justaposição sequencial

(72) ASSINAR^SEPARAR (divórcio) <=> justaposição sequencial

Justaposição de um classificador com um item lexical. Nesse processo o classificador funciona como um clítico. São exemplos desse processo os sinais:

(73) CL-coisa-pequena^PERFURAR (alfinete);

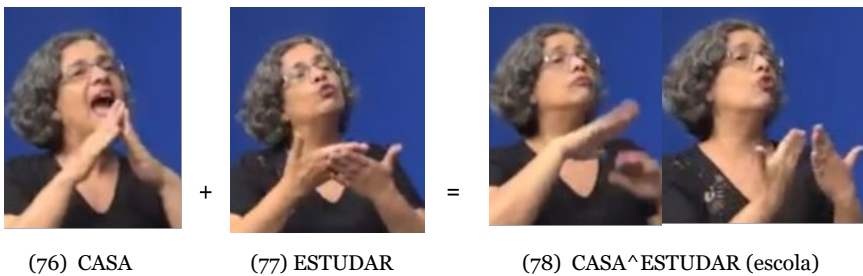
(74) CL-coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO (agulha);

(75) DORMIR^CL-pessoa+ (alojamento).

Justaposição com datilologia da palavra, em português, com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo que, na sede semântica da ação verbal, seria seu caso instrumental. Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^A-G-U-L-H-A. (FELIPE, 2006, p. 207). Entende-se que, “quando dois sinais aparecem juntos para formar um composto, mudanças *predicáveis* na estrutura do sinal se manifestam” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 106).

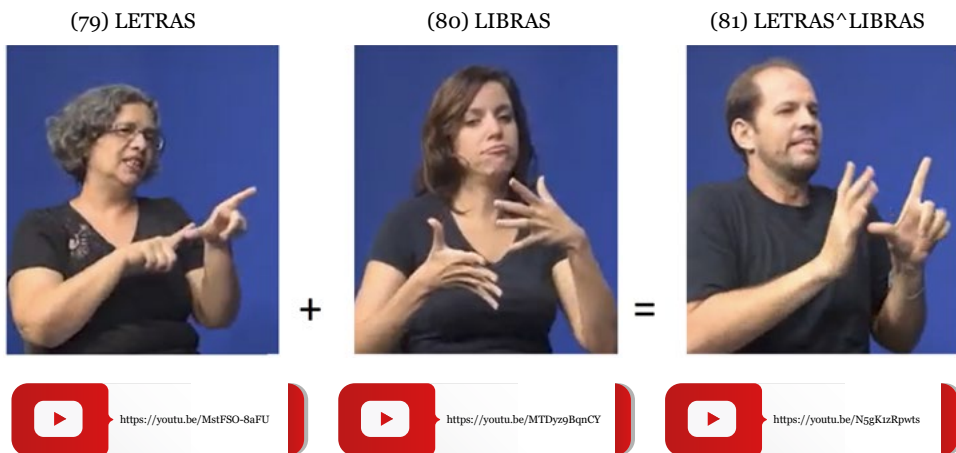
A perda de movimento parece ser um indicativo de que há uma composição (MINUSSI; RODERO-TAKAHIRA, 2013):

b. **Composição por aglutinação:** Na Língua de Sinais brasileira, a aglutinação ocorre quando dois morfemas lexicais livres, radicais, chegam à estrutura de raiz e se unem. Os compostos por aglutinação em Libras compreendem a utilização de mais de um sinal para a criação de um terceiro, mas há uma supressão ou redução de um ou mais elementos do composto, o que significa que, para haver um composto por aglutinação, algum ou alguns dos elementos de um ou ambos os sinais é/são modificado(s) ou não realizado(s) (cf. FELIPE, 2006). Retomando o caso de (78) CASA^ESTUDAR(escola), em que ocorre a perda da repetição do sinal (61) CASA e da repetição do sinal (77) ESTUDAR, tem-se um exemplo de composição por subordinação, como já visto, e por aglutinação:



Há **composição por aglutinação simultânea** quando o sinal composto é constituído por dois sinais originalmente realizados com a CM duplicada. Uma das CMs de cada sinal se apaga (redução / apagamento morfêmico da duplicação / do espelhamento do morfema), como acontece na concepção do sinal que denomina o

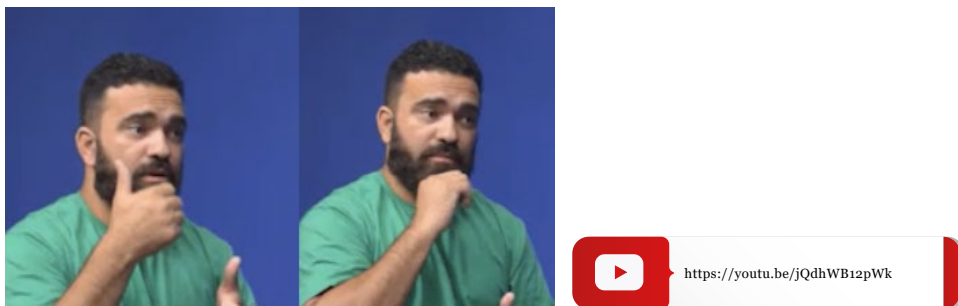
curso Letras-Libras, em que ocorre o apagamento morfêmico da duplicação espacial do sinal (79) LETRAS e (80) LIBRAS, que resulta no sinal (81) LETRAS^LIBRAS⁵.



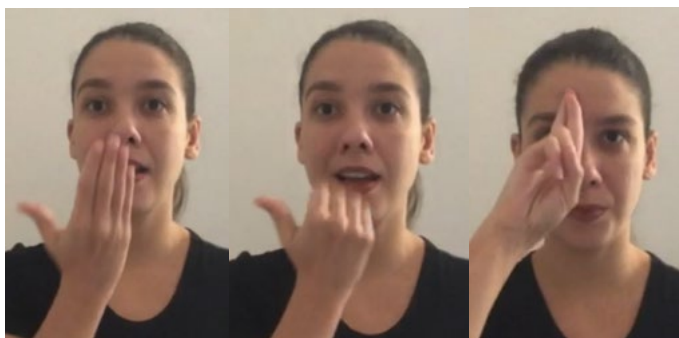
Seguem mais alguns exemplos de formações de compostos na Libras, extraídos de estudos descritos por Quadros e Karnopp (2004, p.65); FELIPE, 2006; Figueiredo Silva e Sell (2009, p. 17-18); Faria-Nascimento (2009) e Minussi e Rodero-Takahira (2013):

(82) MULHER^BEIJO-NA-MÃO (mãe)

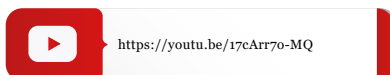
- Perda da repetição de morfema que marca o movimento e a CM do sinal MULHER.



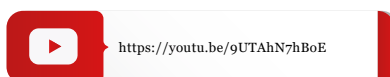
⁵ Oliveira (2015) chama esse fenômeno específico de aglomeração.



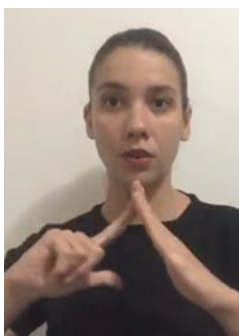
(83) COMER^MEIO-DIA (almoço) - Perda da repetição do sinal COMER.

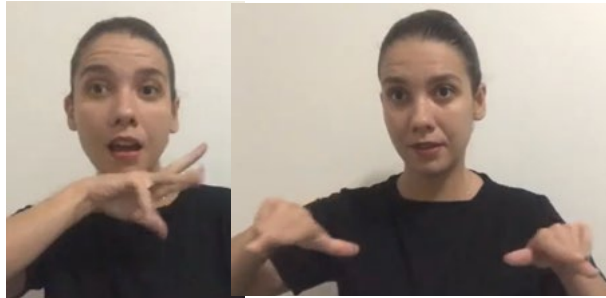


(84) CASA^ANTIGA (museu) - Perda da repetição do sinal CASA.



(85) CASA (uma mão) + L (loja) - Supressão da CM duplicada do sinal CASA + contato da CM em L.





(86) LEÃO^ETC (animais) - Eventual supressão da duplicação da mão para realização do sinal ETC.



(87) MAÇÃ^ETC (frutas)

- Perda da repetição do sinal MAÇÃ com eventual supressão da duplicação da mão para realização do sinal ETC.



(88) ROUPA^ETC (vestuário) - Perda da repetição do sinal ROUPA.

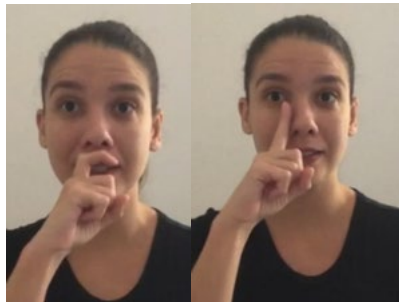




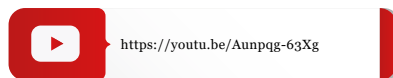
(89) PÉ^PÉ (chinelô)



Pode-se dizer que, em Língua de Sinais brasileira, há também os compostos dvandva, que se referem a um ou mais objetos que podem ser conectados pela conjunção “e”. O principal exemplo que podemos dar é (90) PAI^MÃE para se referir a pais:



(90) PAI^MÃE (pais)

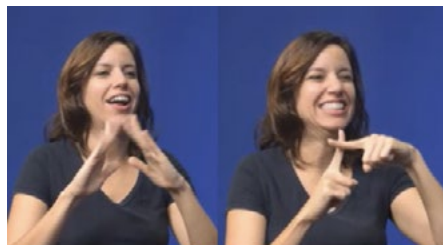


Por fim, Figueiredo Silva e Sell (2009, p. 21) dividiram os compostos em compostos “verdadeiros” e compostos “aparentes”.

a) Compostos verdadeiros (genuínos, ordinários): Com supressão da repetição e ordem fixa, invariável; são aqueles que se dão por justaposição ou por aglutinação, como é o caso de (91) CASA^CRUZ (igreja) e que não pode ter sua ordem trocada como em (92) *CRUZ^CASA, porque essa alteração de ordem é agramatical:

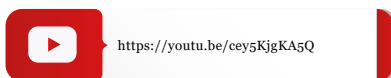


(91) CASA^CRUZ (igreja)



(92) *CRUZ^CASA (igreja)

estrutura gramatical x estrutura agramatical



As autoras usam o critério semântico para determinar o núcleo. Quando os compostos criados indicam lugares, o núcleo se encontra à esquerda.

b) Compostos aparentes: A ordem dos elementos componentes é variável. Cada sinal pode ocorrer isoladamente, como nos exemplos a seguir (93) e (94):

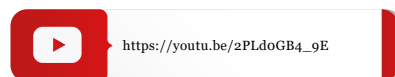
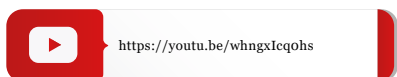


(93) PÃO^CASA (padaria)



(94) CASA^PÃO (padaria)

estrutura gramatical <=> estrutura gramatical



5.4.4 Derivação

A derivação consiste na formação de novas palavras a partir de uma palavra já existente, de uma base. É possível observar que, no processo de derivação, uma das funções é a mudança de classe gramatical. Entretanto, é possível verificar a derivação dentro de uma mesma classe gramatical.

Os estudos sobre derivação em Línguas de Sinais iniciaram com Supalla e Newport (1978) sobre a Língua de Sinais americana (ASL). Nestes estudos, os autores indicavam que é possível derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento do sinal. Assim, foi possível observar que a reduplicação do parâmetro movimento de verbos é característica de nomes que derivam de verbos na ASL. Deste modo, o sinal que corresponde a uma diferente categoria de palavra é

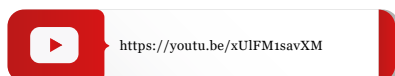
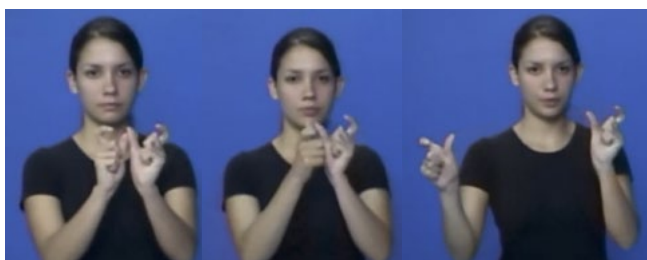
formado. Ao todo, os autores listaram em torno de cem pares de nomes e verbos, indicando que este processo é produtivo na ASL.

Este comportamento pode ser generalizado na ASL, pois é encontrado nos demais pares de sinais elencados em estudos de mesma natureza a partir deste. Ou seja, os nomes apresentam um movimento repetido e curto, enquanto os verbos apresentam um movimento único e longo.

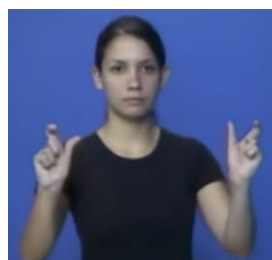
Na Libras, os estudos são mais recentes e datam da década de 2000. A seguir serão abordados de forma específica, os tipos de derivação.

Faria-Nascimento (2013) apresenta exemplos de palavras derivadas a partir de unidades terminológicas, como o sinal MORFOLOGIA. Por meio de mudanças nos parâmetros do sinal, seja pela configuração de mão ou de movimento e orientação da mão, é possível derivar outras unidades terminológicas, como (95) MORFEMA, (96) COMPOSIÇÃO. A autora se refere a esses morfemas como “sobrefixos”, pois há uma sobreposição de morfemas na produção dos sinais.

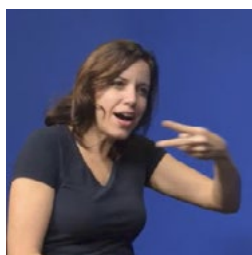
(95) MORFEMA



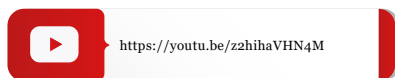
(96) COMPOSIÇÃO



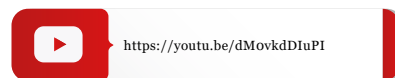
Os numerais também podem ocorrer como morfemas base para derivar outros sinais. É o caso do numeral DOIS, um morfema livre, que pode derivar sinais como (97) DUAS SEMANAS e (98) BILÍNGUE:



(97) DUAS SEMANAS

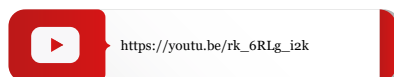
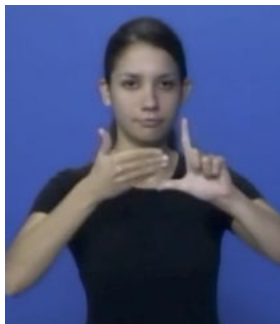


(98) BILÍNGUE



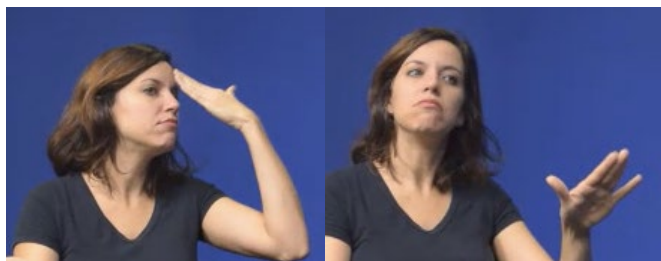
Morfemas presos também podem servir de morfema base para a criação de vários sinais, como o morfema preso L, que tem o significado de tela, pode derivar sinais como (99) VIDEOCONFERÊNCIA e HIPERTEXTO.

(99) VIDEOCONFERÊNCIA

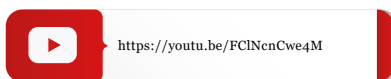


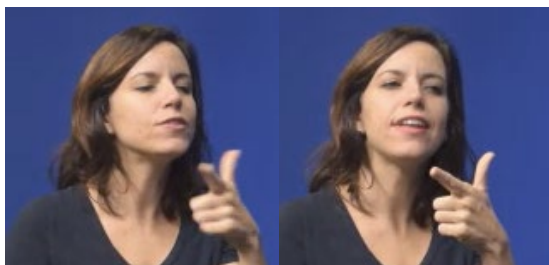
Na incorporação da negação, conforme mencionado por Ferreira-Brito (1995, p.77), por meio de vários processos, o item a ser negado sofre alteração em um dos parâmetros, especialmente o parâmetro Movimento, acarretando, assim, o aparecimento de um item de estrutura “fonético-fonológica” diferente daquele que é a sua base, ou seja, o aparecimento de sua contraparte negativa.

Os sinais (100) NÃO SABER e (101) NÃO TER têm a incorporação da negação em que há o movimento da cabeça de um lado para o outro, também sofre a alteração de movimento no sinal.



(100) NÃO SABER





(101) NÃO TER



A derivação por modificação da raiz (ou do radical) ocorre de forma simultânea, principalmente por meio da mudança no padrão do movimento, como a reduplicação, nos casos de distinção entre nomes e verbos em algumas Línguas de Sinais, mas também pela mudança de outros parâmetros do sinal. A seguir, será apresentado como se dá a distinção de nomes e verbos na Libras, que parece se diferenciar do padrão de mudança de movimento da ASL.

5.4.4.1 A distinção entre nome e verbo em Libras

Em relação à Libras, as primeiras publicações que abordam esse tema indicam posições diferentes. Enquanto Quadros e Karnopp (2004) sugerem que talvez o mesmo comportamento da ASL possa ser encontrado na Libras, apresentando alguns possíveis exemplos (conforme ilustrado abaixo), Felipe (2006) afirma que a Libras apresenta derivação zero, ou seja, não há diferença morfofonológica entre nomes e verbos. A autora propõe que, para saber a diferença entre nomes e verbos se observe a posição do sinal na sentença, pois dessa forma seria possível perceber o que é um nome ou um verbo.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 97 e 98).

Felipe (2006), em seus dados de pesquisa, observou uma diferença no padrão do movimento dos pares AVIÃO/IR-DE-AVIÃO e FERRO/PASSAR-COM-FERRO, em que o verbo apresentou um movimento mais alongado em relação ao nome,

corroborando com os dados encontrados em Supalla e Newport (1978). Entretanto, pelo fato de essa diferenciação não se aplicar a todos os pares de nomes e verbos na Libras, Felipe opta por manter o uso de derivação zero para esse tipo de formação de palavras.

Pesquisas mais recentes parecem apontar para os mesmos achados de Felipe (2006), pois mostram que nem sempre o padrão de movimento para nomes e verbos é observado, conforme análise de Pizzio e Silva (2021) acerca dos autores apresentados a seguir.

Pizzio (2011) investigou o processo de derivação e criação de nomes, usando um teste de eliciação de sinais. Sua pesquisa demonstrou uma falta de regularidade neste processo para a Libras, isto é, que a repetição e a reduplicação do parâmetro não são um padrão na criação de nomes a partir de verbos nesta língua e não podem ser associados a determinadas categorias de palavras.

Para se certificar dos resultados, a autora ainda comparou seus dados com uma busca dos pares em dicionários de Libras (impresso e online), a fim de observar se havia diferença entre nomes e verbos no que diz respeito ao movimento. As buscas foram realizadas no dicionário de Capovilla e Raphael (2001), no Acesso Brasil⁶ e no Libras Net⁷, sendo os dois últimos disponíveis e acessíveis online. A autora observou que há uma variedade grande na forma de representar os sinais entre os diferentes dicionários, no que se refere ao padrão no movimento. Um mesmo par foi representado de maneiras diferentes em cada um dos dicionários, de forma que não foi possível confirmar a generalização de Supalla e Newport para Libras.

Lima (2012) também investigou propriedades morfológicas que permitiriam distinguir nomes de verbos da Libras, em uma perspectiva teórico cognitiva funcional, com foco nas propriedades semânticas das classes, a partir de aspectos cognitivos e comunicativos. O autor procurou observar quais características semânticas corresponderiam às categorias de palavras em questão, verificando que um critério para contrastar as noções verbais e nominais em Libras seria mesmo o semântico, pois o movimento não pode ser associado a esta distinção, assim como Pizzio (2011) também constatou.

Em relação ao reconhecimento de tais categorias, o autor argumenta que os critérios sintáticos e pragmáticos se mostram eficientes para sua identificação e posterior classificação. No que se refere ao mecanismo sintático, observou que um sinal em Libras funcionará como Nome ou Verbo a depender das propriedades distribucionais e/ou funcionais, ou ambas.

Chaibue (2013), na mesma perspectiva teórica, busca discutir o universal de que todas as línguas distinguem nome e verbo, com foco na Libras, questionando o padrão absoluto de distinção destas categorias de palavras. Os resultados da análise

⁶ Disponível em: www.acessobrasil.org.br/libras, acesso em jan2011

⁷ Disponível em: www.librasnet.com.br, acesso em dez/2010

do *corpus* evidenciaram uma inconsistência em associar o parâmetro movimento como característica distintiva para as categorias de palavra analisadas.

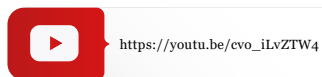
A autora sugere que, na Libras, “propriedades N e V sejam analisadas como pertinentes às construções, indissociáveis do contexto, e não como definidoras de categorias de ordem lexical, conforme proposto por Croft (2001)” (CHAIBUE, 2013, p. 143). Cabe ressaltar que muitas das características analisadas foram observadas nos níveis semântico e pragmático de análise linguística.

Tanto a pesquisa de Lima (2012) quanto de Chaibue (2013) utilizaram dados de produção espontânea para subsidiar suas análises e seus resultados.

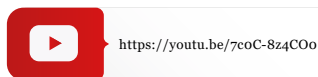
Mais recentemente, Lavras (2019) e Silva (2020) empregam os mesmos pares de nomes e verbos de Pizzio (2011) para suas análises, ambos se utilizando da teoria gerativa para embasar seus estudos. Enquanto Lavras (2019) realizou um teste com imagens em contexto para eliciar sentenças em Libras, Silva (2020) usou os dados de produção espontânea do corpus de Libras em sua pesquisa. Os resultados da análise de Lavras (2019) demonstram que, independentemente da posição na frase, se em posição nominal ou verbal, o sinal pode ocorrer com a mesma articulação.

Ademais, os dados de Silva (2020), de natureza espontânea, ou seja, aqueles em que não há eliciação de qualquer natureza nem monitoramento da fala, ratificam os resultados das pesquisas anteriores de que há irregularidade fonológica associada à distinção morfológica, logo, não havendo distinção morfofonológica entre as categorias gramaticais.

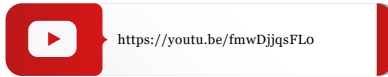
(102) TELEFONE (um movimento)



(103) COMER (dois movimentos internos)



(104) SONHAR (dois movimentos repetidos)



Ou seja, a distinção entre categorias pode ser associada, na Libras, apenas à posição sintática que deve ser ocupada por um verbo ou por um nome, a depender da grade argumental do item predicador; assim, há forte relação entre a morfosintaxe e a distinção entre nomes e verbos, e falta de evidências de uma marcação fonológica na distinção, conforme análise de Pizzio e Silva (2021). Os dados da Libras vão de encontro aos dados de Newport e Supalla sobre a ASL.

5.5. Flexão

Aline Lemos Pizzio, Débora Wanderley, Guilherme Lourenço, Sandra Patrícia F. do Nascimento

Conforme apresentado anteriormente, processos morfológicos derivacionais são responsáveis por criar novos sinais. Assim, a derivação cria novos lexemas na língua, novas entradas lexicais. Passemos agora a abordar alguns tipos de operações morfológicas que não têm como resultado a criação de um novo lexema. Esses processos possuem a função de acrescentar ou modificar alguma informação gramatical no sinal e, por isso, são chamados de processos flexionais. A **flexão**, portanto, pode ser entendida como um processo morfológico que cria diferentes formas de um mesmo sinal, ou seja, diferentes formas de um mesmo lexema. Em Libras, diferentes classes de sinais podem ser flexionadas de modo a expressar diferentes informações gramaticais, tais como adjetivos, nomes e verbos.

Além do fato de a derivação criar novos lexemas na língua e a flexão criar novas formas de um mesmo lexema, Mattoso Câmara Jr. (1970) e Rocha (1998) chamam a atenção para o fato de que há ainda distinções entre esses processos, no que diz respeito à sua regularidade, à relação com a estrutura da frase e também à opcionalidade. Segundo os autores, os morfemas flexionais possuem uma maior

regularidade e sistematicidade, enquanto a morfologia derivacional é mais irregular e mais assistemática. Além disso, os morfemas flexionais são dependentes da estrutura da frase e, portanto, não são opcionais; por serem requeridos pela estrutura da sentença, não dependem da vontade do falante ou sinalizante da língua. Por outro lado, os morfemas derivacionais não são exigidos pela estrutura da frase e, portanto, podem ou não ser usados.

Descrição semelhante é fornecida por Hippiisley e Stump (2016) ao descreverem os processos flexionais como sendo aqueles que modificam a forma de um lexema de acordo com um determinado contexto sintático. Assim, a flexão é entendida como sendo um processo determinado pela estrutura sintática, sendo um processo não somente obrigatório, mas também produtivo na língua.

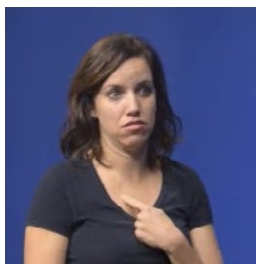
Sobre os processos flexionais em Libras, apresentaremos a seguir uma descrição sobre a concordância verbal, sobre a flexão de aspecto nos verbos e também sobre flexão nominal.

5.5.1 Concordância verbal

Em Libras, assim como em outras Línguas de Sinais, o espaço em frente ao corpo do sinalizante, também chamado de espaço de sinalização, é utilizado para codificar diferentes informações léxico-semânticas e gramaticais e é relevante em todos os níveis de análise dessa língua (PERNISS, 2012). Uma das principais funções do espaço de sinalização é o estabelecimento de referência. Assim, é possível associar localizações no espaço a diferentes referentes no discurso.

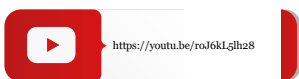
É a partir desse sistema de localizações no espaço que a Libras faz distinção entre as pessoas do discurso. O apontamento em direção ao peito do sinalizante marca a 1ª pessoa. Já o apontamento em direção ao interlocutor indica a 2ª pessoa do discurso. Já a 3ª pessoa é marcada a partir do apontamento a um ponto específico no espaço, que se difere da localização da 1ª pessoa e da 2ª pessoa.

(105) 1ª pessoa



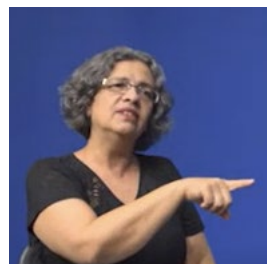
https://youtu.be/4PHTzdNN_LY

(106) 2ª pessoa



https://youtu.be/roJ6kl_5hz28

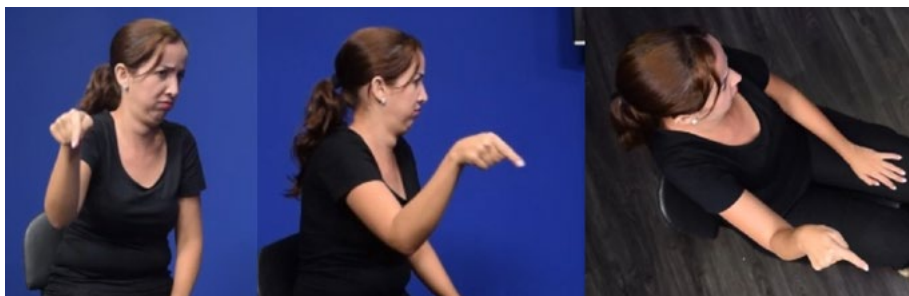
(107) 3ª pessoa



<https://youtu.be/ufrsh6saVkg>

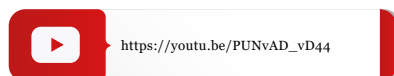
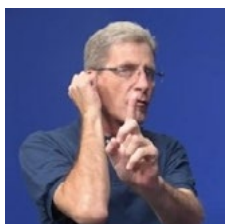
É importante ressaltar que o apontamento que marca a 3ª pessoa pode ser feito em direção à localização real do referente presente no ambiente no momento da

sinalização ou então para um ponto arbitrário no espaço, que passará a representar esse referente a partir da primeira marcação. Ao fazer uso de um ponto arbitrário no espaço, o sinalizante cria um mapeamento entre o ponto no espaço e seu referente e a esse mapeamento podemos chamar de localização (LOURENÇO, 2018). Nesse sentido, diferentes localizações no espaço corresponderão a diferentes mapeamentos de referentes. No exemplo a seguir, por meio de apontamento, a sinalizante estabelece uma localização no espaço de sinalização que faz referência a uma entidade de terceira pessoa.



(108) Apontamento que estabelece uma localização arbitrária no espaço de sinalização.

Destaca-se ainda que, além do apontamento, localizações podem ser estabelecidas a partir da direção do olhar do sinalizante ou ainda ao se produzir um determinado sinal naquele ponto específico do espaço, como mostrado no exemplo a seguir.



(109) PESSOA OUVINTE produzida em um ponto específico no espaço de sinalização acompanhada da direção do olhar.

A partir do momento em que são estabelecidas localizações referenciais no discurso sinalizado, há um grupo de verbos em Libras que pode ter sua própria localização alterada de modo a coincidir com a localização desses referentes. A esse processo de modificação sistemática da localização dos verbos chamamos de **concordância verbal**.⁸ Em outras palavras, um verbo apresenta concordância

⁸ Além de flexão, os demais pesquisadores da Língua de Sinais utilizam outro termo. Verbos de/com Concordância (Padden, 1990); Verbos de movimento (Supalla, 1990); Verbos Direcionais (Fischer; Gouch, 1973; 1978; Baker; Cokely, 1980; Xavier; Neves, 2016); Verbos não simples (Quadros, 1999).

com seu(s) argumento(s), quando a sua localização é alterada de modo a coincidir com a localização do(s) argumento(s) (LOURENÇO; WILBUR, 2018).

Alguns verbos em Libras apresentam um movimento de trajetória direcional, em que o movimento do verbo inicia-se em um ponto no espaço e termina em um outro ponto. Esses verbos podem ter o ponto inicial e o ponto final do movimento modificado para concordar com as localizações do sujeito e do objeto da sentença. A grande maioria desses verbos possui o ponto inicial do movimento concordando com a localização do sujeito, enquanto que o ponto final do movimento concorda com a localização do objeto. Esses são os chamados verbos de concordância dupla regular.

Quadro 2. Um sinal VER com movimento de trajetória direcional



(110) 1ª pessoa VER 2ª pessoa
Eu vejo você.



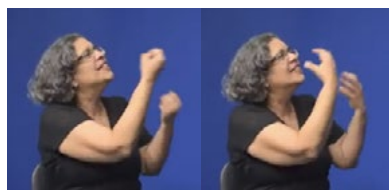
(111) 2ª pessoa VER 1ª pessoa
Você me vê.

Fonte: Imagens retiradas de artigo (Xavier; NEVES, 2016, p. 137).

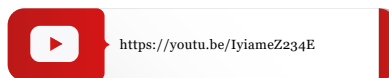
Exemplos de *corpus* da surda com referência, verbo da dupla regular ENSINAR e AJUDAR entre a primeira pessoa e terceira pessoa:



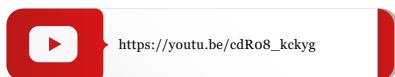
(112) 1ª pessoa ENSINAR 3ª pessoa.
Ensino ele.



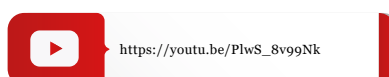
(113) 3ª pessoa ENSINAR 1ª pessoa
Ele me ensina.



(114) 1ª pessoa AJUDAR 3ª pessoa
Ajudei eles



(115) 3ª pessoa AJUDAR 1ª pessoa
Ele me ajudou.



Fonte: Retirados do *Corpus* para canal.

Há, contudo, um grupo pequeno de verbos da Libras que também apresenta um movimento de trajetória direcional, porém a concordância se dá de maneira diferente: o ponto inicial do movimento concorda com o objeto da sentença; já o ponto final do movimento concorda com a localização do sujeito da sentença. A esses verbos chamamos de verbos de concordância dupla reversa.

Quadro 3. Um sinal CONVIDAR com movimento de trajetória direcional



(116) 1ª pessoa CONVIDAR 2ª pessoa
Eu convido você.



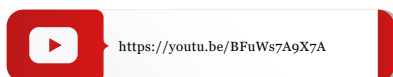
(117) 2ª pessoa CONVIDAR 1ª pessoa
Você me convida.

Fonte: Imagens retiradas de artigo (XAVIER; NEVES, 2016, p. 137).

Observe nos exemplos a seguir, retirados do *Corpus*, que o movimento dos verbos PERCEBER e CHAMAR é reverso. Esses verbos possuem concordância dupla reversa. Note que no sinal PERCEBER o movimento do verbo se inicia longe do corpo do sinalizante e termina próximo ao corpo, no espaço da primeira pessoa. Contudo, o ponto inicial do movimento do verbo não marca o sujeito, mas sim o objeto da sentença. Já o ponto final do movimento do verbo coincide com a localização do sujeito. O mesmo comportamento é observado no verbo CHAMAR, mas, neste exemplo, o sujeito da frase é de terceira pessoa e o objeto é de primeira pessoa (,CHAMAR,).

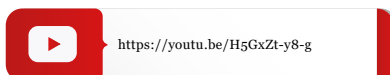


(118) Sinal PERCEBER da 1ª pessoa para 3ª pessoa
PERCEBER ELE





(119) Sinal CHAMAR da 3ª pessoa para 1ª pessoa - ME CHAMAR



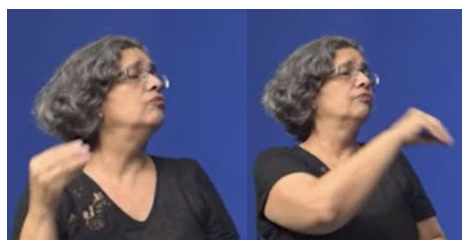
Além dos verbos que se movem de um ponto a outro no espaço, há verbos em Libras que não apresentam esse tipo de movimento de trajetória direcional. Esses verbos podem possuir diferentes tipos de movimento, mas são articulados em relação a um único ponto do espaço de sinalização. Em algumas análises anteriores (PADDEN, 1988, entre outros), esses verbos eram considerados como verbos sem concordância. Porém, isso não é verdade. Apesar de não possuírem um movimento direcional, esses verbos também podem ter sua localização alterada, de modo a concordar com um argumento da sentença. Contudo, pelo fato de serem produzidos em um único ponto no espaço, esses verbos podem apresentar concordância com apenas um único argumento da sentença e que em alguns casos pode ser o sujeito da oração, em outros, o objeto, a depender da estrutura sintática da frase. Esses verbos são chamados de verbos de concordância única.

(120) Sinais, da esquerda à direita: ESTUDAR, TRABALHAR e BRINCAR

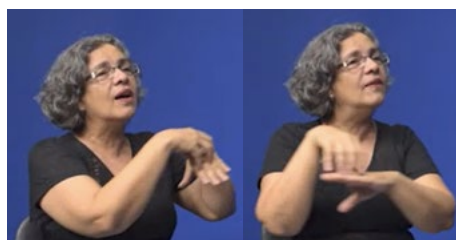
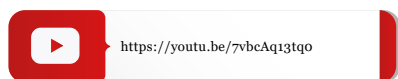


De maneira geral, todos os verbos da Libras que não são articulados presos ao corpo do sinalizante podem ter sua localização alterada de modo a coincidir com a localização de algum argumento da sentença (sujeito ou objeto) (LOURENÇO, 2020; *no prelo*).

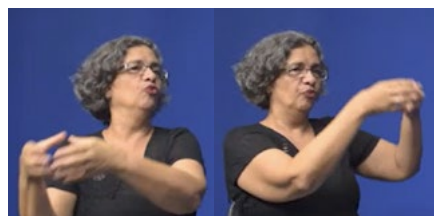
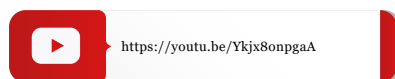
Além dos verbos descritos acima que possuem concordância com o sujeito e/ou o objeto da frase, há também verbos cuja localização é alterada de modo a coincidir com a localização de um argumento locativo. Esses verbos geralmente expressam predicados locativos, como LEVAR, MUDAR e COLOCAR (de escola, por exemplo). Os verbos cuja concordância se dá com o(s) argumento(s) locativo(s) e não com o sujeito ou com o objeto da sentença são chamados de verbos de concordância locativa.



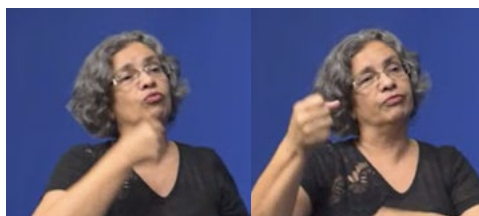
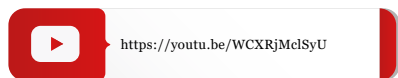
(121) MUDAR para outra escola



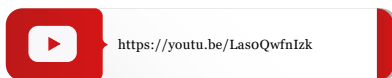
(122) transporte LEVAR



(123) grupo MUDAR para outra escola

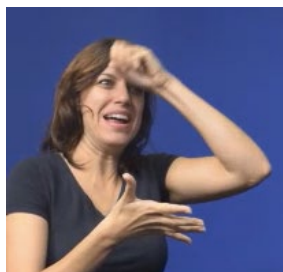


(124) ME COLOCAR na clínica

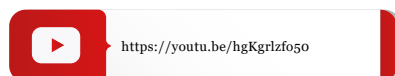
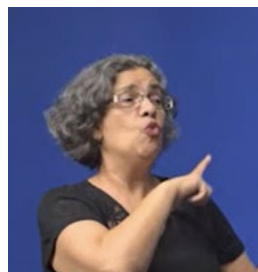


Já os verbos ancorados ao corpo do sinalizante não podem ter sua localização alterada e, portanto, não apresentam concordância verbal em sua morfologia. Vale apontar que essa é uma restrição fonológica, ou seja, a especificação fonológica do ponto de articulação desses verbos faz com que eles não possam ser flexionados para concordância verbal. Justamente por serem presos ao corpo do sinalizante, esses verbos não podem ser realizados em outra localização do espaço de sinalização.

(125) APRENDER



(126) TER

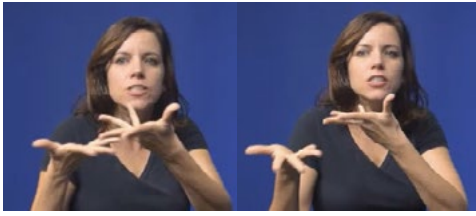


Para mais discussões sobre o processo de concordância verbal em Libras, indicamos os trabalhos de Quadros (1999; 2004), Quadros e Karnopp (2004), Quadros e Quer (2008; 2010), Lourenço (2014; 2017; 2018; 2020) e Wanderley (2017).

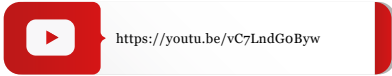
Além dos casos de concordância verbal com o sujeito e/ou o objeto da frase apresentados anteriormente, ainda podemos destacar um outro tipo de flexão bastante interessante em Libras e que também tem sido identificado em outras Línguas de Sinais: a marcação de reciprocidade.

Construções recíprocas são consideradas eventos bastante complexos, porque representam ao mesmo tempo, pelo menos, duas proposições. Há diferentes maneiras de se expressar reciprocidade nas línguas naturais, mas o que nos interessa aqui são as estratégias de marcação de reciprocidade que acontecem de maneira mono-oracional, ou seja, que são construídas em uma única oração. Alguns trabalhos sobre reciprocidade em línguas naturais, como Haspelmath (2007) e Evans (2008), apontam que a reciprocidade mono-oracional pode ser marcada de forma lexical ou de forma gramatical.

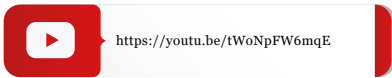
Há, por exemplo, itens lexicais que são inerentemente recíprocos, ou seja, já trazem em sua representação semântica a ideia de reciprocidade. Por exemplo, o verbo INTERAGIR em Libras já traz consigo uma ideia de reciprocidade. Outros sinais como CONVERSAR, COMUNICAR e TER-CONTATO também podem ser considerados como verbos inerentemente recíprocos.



(127) INTERAGIR



(129) COMUNICAR



(128) CONVERSAR



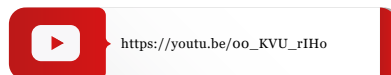
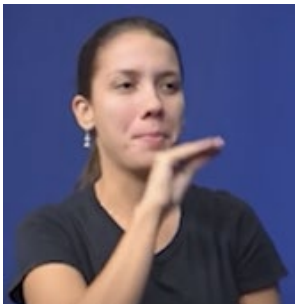
(130) TER-CONTATO



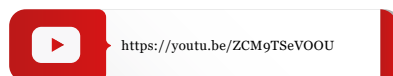
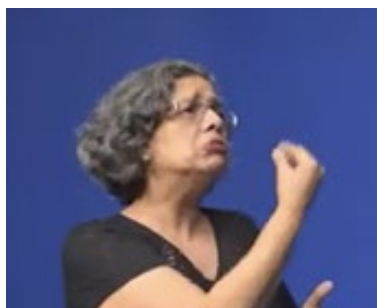
Porém, a Libras também possui estratégias gramaticais para marcar reciprocidade em verbos que não são inerentemente recíprocos. Assumindo os termos de Pfau e Steinbach (2003), há dois tipos de modificação morfológica que podem ser feitas nos verbos para expressar reciprocidade: a conversão do movimento e a cópia da segunda mão (M2). Esses processos vão depender se o verbo é um sinal bi-manual ou não.

Começemos analisando os verbos que são realizados com uma única mão. Um exemplo é o verbo FALAR-ORAL em Libras. FALAR-ORAL é um verbo que pode ter sua localização alterada e que, portanto, apresenta concordância verbal.

(131) Sinal FALAR da primeira pessoa

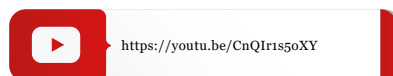
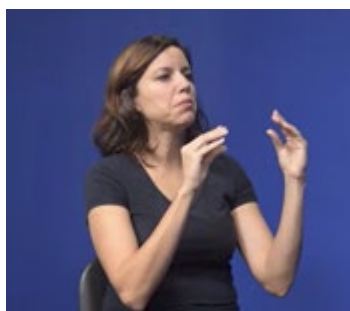


(132) Sinal ME-FALAR da segunda pessoa para primeira pessoa



Por se tratar de um verbo unimanual e que pode ser flexionado por concordância verbal, a marcação de reciprocidade se dá através do processo de cópia da segunda mão. Assim, o sinal passa a ser produzido com as duas mãos, sendo que a M2 copia as especificações fonológicas da M1. Observe ainda que o processo de concordância verbal incide conforme o esperado para cada uma das mãos: a localização da mão coincide com a localização do sujeito da sentença e a orientação da palma da mão se volta para a localização do objeto.

(133) Sinal DUAS-PESSOAS-FALAM com a concordância recíproca

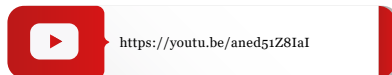
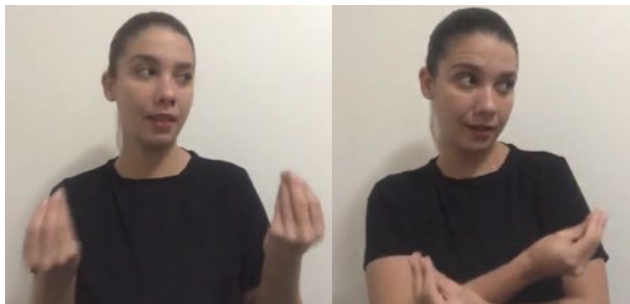


Além da cópia da M2, há ainda situações em que o sinal unimanual sofre também o processo chamado de conversão do movimento. Dois exemplos são os verbos AVISAR e DAR em Libras. Note que esse verbo é unimanual e também possui um movimento de trajetória direcional. Nesse caso, além da cópia da M2, há também a conversão do movimento do verbo. Ao falarmos de conversão do movimento, fazemos referência à alteração da direção do movimento do verbo. Assim, além da duplicação do número de mãos, a M1 move-se de um ponto A para um ponto B, enquanto que a M2 apresenta um movimento convertido que vai do ponto B para o ponto A. Observe novamente que o processo de concordância verbal incide conforme o esperado para cada uma das mãos.

(134) Sinal DUAS-PESSOAS-AVISAM com movimento trajetória direcional



(135) Sinal DUAS-PESSOAS-DÃO com movimento trajetória direcional



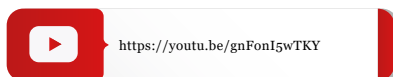
Por fim, no caso dos sinais bimanuais, a reciprocidade pode ser marcada pelo processo de conversão do movimento. Uma vez que esses sinais já são bimanuais, a cópia da M2 não é um processo morfológico possível. Nesse caso, o movimento do verbo sofre um processo de reduplicação reversa, ou seja, o movimento que é tradicionalmente de A para B, passa a ser reduplicado, de maneira alternada, movendo-se de A para B e depois de B para A, e, assim, repetidamente. O verbo (136) AJUDAR é um exemplo de verbo bimanual em Libras e que pode ter flexão recíproca, a partir da conversão do movimento. Outros exemplos são fornecidos a seguir, com os verbos (137) CONVERSAR-EM-LIBRAS e (138) ENVIAR-MENSAGEM.



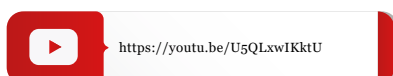
(136) AJUDAR(recíproco)



(137) CONVERSAR EM LIBRAS (recíproco)



(138) MANDAR MENSAGEM (recíproco)



Assim como acontece com os processos de concordância verbal descritos anteriormente, a flexão de reciprocidade somente ocorre com os verbos que não são ancorados ao corpo. Para verbos ancorados ao corpo, a Libras utiliza-se principalmente de estratégias bi-oracionais.

5.5.2 Pluralidade verbal

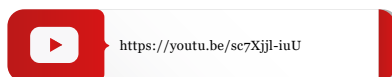
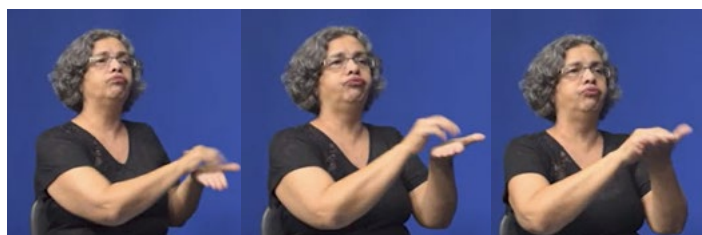
Em Libras, é possível expressar a pluralidade de eventos de diferentes maneiras, podendo ser por meio de advérbios (SEMPRE, DE NOVO etc.), de marcadores adnominais (CADA, VÁRIOS etc.) ou ainda por meio de modificações na estrutura verbal. Essa modificação sistemática do verbo para expressar pluralidade de eventos é chamada de pluralidade verbal (CABREDO HOFHERR; LACA, 2012).

Trataremos de três tipos de pluralidade verbal: i) a pluralidade verbal que incide sobre diferentes participantes; ii) a pluralidade verbal que incide sobre diferentes lugares/espacos; e iii) a pluralidade verbal que incide sobre o tempo dos eventos. É importante destacar que todos esses tipos de pluralidade verbal são codificados a partir da alteração do movimento do verbo.

O primeiro tipo de pluralidade verbal é aquele que incide sobre diferentes participantes. Nesse tipo de construção, o evento descrito pelo verbo envolve diferentes participantes/argumentos. Há duas interpretações possíveis para esse tipo de pluralidade.

A primeira interpretação é a de uma leitura exaustiva, em que há múltiplos eventos, sendo que cada evento conta com um participante distinto. Na leitura exaustiva, o verbo é marcado por múltiplas reduplicações do movimento verbal, distribuídas ao longo de um arco em frente ao corpo do sinalizante.

(139) Verbo DEMITIR com movimentos reduplicados, distribuídos em arco, marcando uma leitura exaustiva.



(140) Verbo ENCONTRAR com movimentos reduplicados, distribuídos em arco, marcando uma leitura exaustiva.

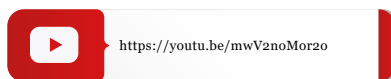


Já a segunda interpretação possível é de uma leitura coletiva, em que há um único evento que envolve múltiplos participantes. Nesse caso, o verbo é realizado com um movimento único, em formato de arco, também em frente ao corpo do sinalizante.

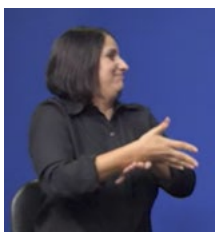
(141) Verbo SINALIZAR com movimento em arco, marcando uma leitura coletiva.



(142) Verbo AVISAR com movimento em arco, marcando uma leitura coletiva.



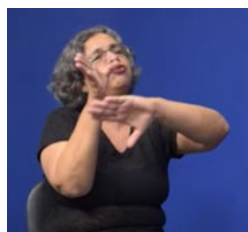
O segundo tipo de pluralidade verbal que discutiremos é aquele que incide sobre diferentes lugares. Nesse tipo de construção, a interpretação plural tem escopo sobre diferentes argumentos locativos. Assim, há uma distribuição espacial do evento pluralizado, de modo que, nos termos de Collins (2001), há diferentes lugares em que o evento ou a ação acontece repetida e/ou sequencialmente. Em Libras, esse tipo de pluralidade também é marcada por múltiplas reduplicações do movimento verbal, distribuídas ao longo de um arco em frente ao corpo do sinalizante. Exemplos são fornecidos nas imagens a seguir.



(143) FREQUENTAR



<https://youtu.be/ERw8EQg12zU>



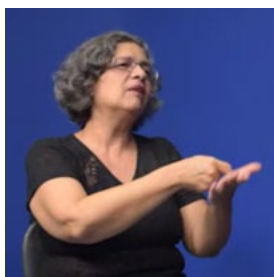
(144) FREQUENTAR(plural)



https://youtu.be/GNz_3jTCJxo

À esquerda o verbo (143) FREQUENTAR com leitura singular e, à direita, verbo (144) FREQUENTAR com movimento em arco, marcando uma leitura de pluralidade de lugar.

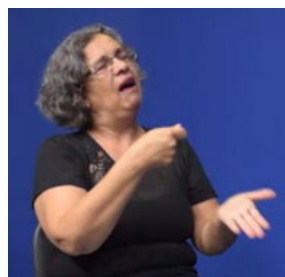
Por fim, o terceiro tipo de pluralidade verbal incide sobre uma distribuição do evento em diferentes tempos. Geralmente, essa estratégia de pluralidade indica que um evento é repetido ao longo do tempo, mas que há uma pequena distância temporal entre eles. É por esse motivo que Klima e Beluggi (1979) analisam esse tipo de pluralidade como sendo relacionada a tempo e aspecto em ASL, associando-o principalmente aos aspectos habitual e iterativo. Esse tipo de pluralidade é marcado pela repetição do movimento do verbo, mas localizado no mesmo ponto do espaço. Ou seja, não há nenhum tipo de movimento em arco associado.



(145) PAGAR



<https://youtu.be/RLXDVycVJIQ>



(146) PAGAR



<https://youtu.be/8oQKLWfeeDs>

À esquerda, o verbo (145) PAGAR com leitura singular e, à direita, verbo (146) PAGAR com movimento repetido, marcando uma leitura de pluralidade de tempo.

5.5.3 A representação da morfologia na escrita

5.5.3.1 Verbos Flexionados ou Concordância número-pessoal em escrita de sinais

Temos uma das categorias de morfema flexional ou concordância número-pessoal em escrita de sinais (sistema *SignWriting*⁹) que chama mais a atenção e será apresentada, o número-pessoal, pela representação como NORMAL ou REVERSO por causa de escrita, a direção de movimento. Cujo com um dos parâmetros é a direção de movimento onde a trajetória do movimento se direciona a partir do ponto inicial (sujeito) para o ponto final (objeto), a que chamamos NORMAL; porém, existem outros sinais da concordância reversa em que as direções de movimentos se movem ao contrário.

Basicamente que a apontação ou indicação, que é chamada por Dêixis, descreve uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelos verbos com concordância como parte de sua flexão (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 112). A autora menciona que

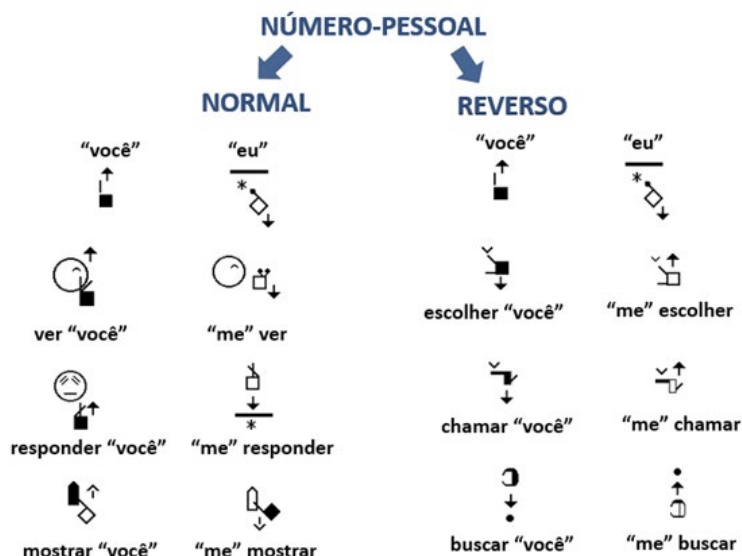
Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais. As formas verbais para pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes.

Neste caso, quando o verbo flexionado é incorporado e segue a mesma regra de pontos previamente indicados se representa como forma de padrão para NORMAL, enquanto que o REVERSO não segue a mesma regra de pontos.

Na escrita de sinais, é possível perceber quais sinais seguem ou não a mesma regra, como dizem Quadros e Karnopp (2004). Podemos ver o sinal de apontação (dêixis) para marcação ao objeto (ponto final); é registrado por direção de movimento, sendo que o ponto inicial em escrita de sinais se representa a uma linha e o ponto final aparece uma seta. As figuras em escrita de sinais a seguir são elaboradas para comparar os dêixis e sinais flexionais entre NORMAL e REVERSO:

⁹ *SignWriting*, “*Sign*” em português, na tradução “Sinal” e “*Writing*”, pelo ato de “escrever”, juntando as duas frases em português para “Escrever os Sinais”. *SignWriting* é considerado mais usado no Brasil, após o surgimento do sistema desenvolvido por Valerie Sutton, na década de 70, que inicialmente foi a ideia de anotar os passos de dança, na época em que era dançarina. O interesse nesse sistema pelos pesquisadores da Língua de Sinais se motivou por causa de todas as possibilidades para registrar os sinais, mesmo com todos os parâmetros fonológicos completos das Línguas de Sinais. O sistema deu um avanço após a convenção junto com Valerie Sutton e se transformou em comunicação escrita da Língua de Sinais.

Figura 3 - Os sinais de apontamentos e os verbos com concordância número-pessoal

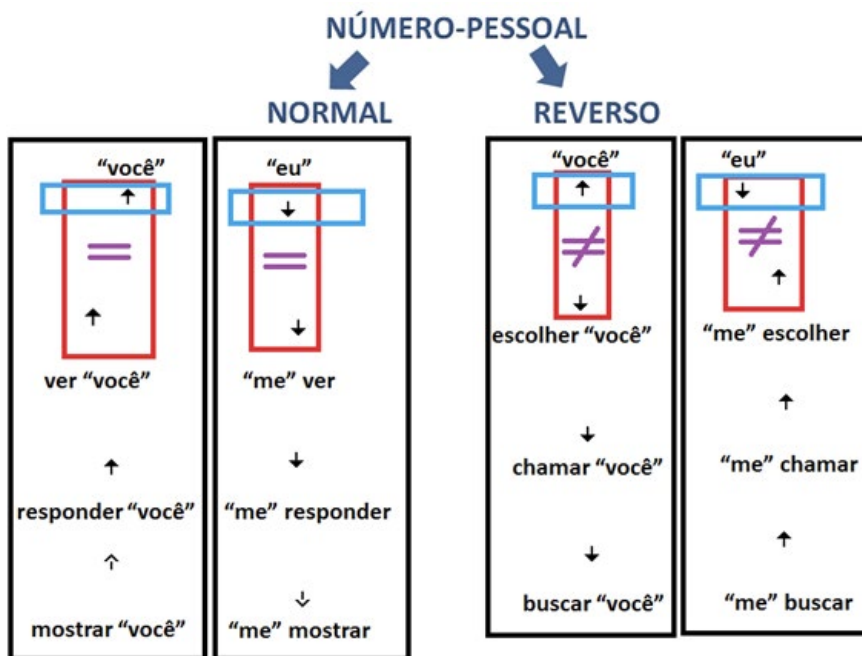


Fonte: Elaborada pela autora Wanderley (2022)

Os sinais de apontamentos mostram claramente que as direções de movimentos são as bases para esclarecer e comparar os sinais dos verbos com concordância número-pessoal, que podem seguir ou não as mesmas direções de movimentos. Nos primeiros sinais, do lado esquerdo, são os verbos flexionados, como VER, RESPONDER e MOSTRAR, representados como verbo normal que seguem as regras, inclusive com a alteração de movimento para marcar o objeto. E nos segundos sinais, do lado direito, também mostram os sinais de apontamentos para comparar pelos verbos flexionais que não seguem as regras básicas, ESCOLHER, CHAMAR e BUSCAR, representados pelo verbo reverso juntamente com a alteração de movimento do objeto.

Apresentam-se apenas as direções de movimentos em escrita de sinais a partir de primeira imagem:

Imagem 3. Direções de Movimentos dos verbos flexionais



Fonte: Elaborada pela autora Wanderley (2022)

As direções de movimentos isoladas em que as configurações das mãos dos verbos foram retiradas para podermos comparar entre as que possuem as direções de movimentos iguais ou diferentes. As que se direcionam iguais são os verbos normais e as que se direcionam diferentes são os verbos reversos, por serem ao contrário dos sinais de apontamentos ou dêixis que indicam para objeto VOCÊ e EU. A seguir, indicam-se os exemplos do verbo normal e reverso das surdas referentes pelo *corpus*.

Figura 4 - Verbo normal e reverso retirados do mesmo pronome oblíquo - ME - pelo corpus

Verbo normal	Verbo reverso
 	 
(147) ME-VER	(148) ME-CHAMAR

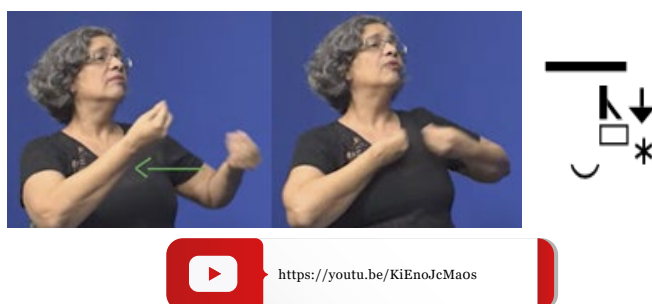
As setas do mesmo pronome oblíquo - ME - apresentam os sinais que possuem as suas direções de movimentos movendo-se para finais diferentes; quando o sinal (147) ME-VER mostra o ponto final, indica mais perto para o sujeito; o outro sinal, (148) ME-CHAMAR, apresenta o ponto final mais longe do sujeito (para fora).

Além de verbo normal ou reverso, os parâmetros relevantes dos verbos com concordância número-pessoal são os diversos tipos de movimentos e orientação da mão que marcam entre sujeito (Você) e objeto (Eu) ou vice-versa.

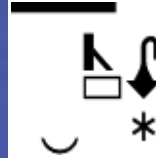
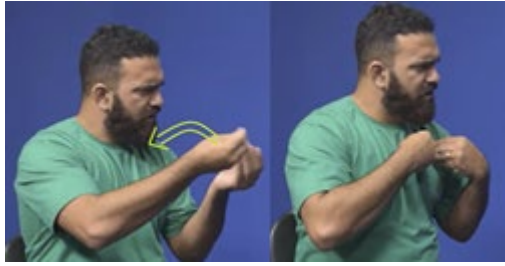
5.5.3.2 Tipo de Movimento (reto ou curvo)

Alguns verbos com concordância número-pessoal podem ter uma forma no tipo de movimento, seja reto ou curvo, ou as duas formas equivalentes no particípio duplo com a concordância normal ou reversa, existindo a possibilidade de que uma delas, aos poucos, pode deixar de ser empregada. Vemos a argumentação de Haapanen e Wainio (2010), definindo que as duas categorias separadas, sendo de uma mão e duas mãos, possuem a sua direção de movimento reto ou curvo. (WANDERLEY, 2017, p.243)

(149) ME DAR (movimento reto)



(150) ME DAR (movimento curvo)



5.5.3.2.1 Movimentos Diferentes

Os tipos de movimentos indicados nos verbos com concordância número-pessoal não são somente do tipo reto ou curvo que se direcionam. Há os diversos tipos de movimentos produzidos por meio do movimento de eixo e movimento alternativo, pois possuem a direção de movimento de uma forma diferente. (WANDERLEY, 2017, p. 256)

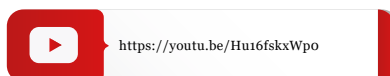
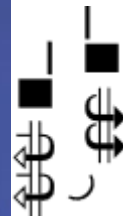
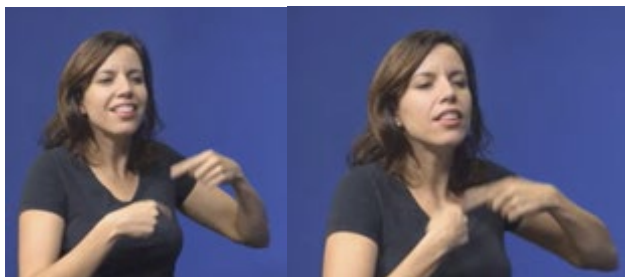
1. Movimentos de eixos

São os dois tipos de movimentos de eixos que possuem a rotação do antebraço e flexão do pulso com movimento direcional “A rotação é um tipo de movimento feito com o antebraço, permanece no lugar e rotacional ocorrendo quando a mão “treme”, movimento que “gira” ou “vira”. O movimento de flexão do pulso é feito quando o pulso se quebra nos sinais”. (WANDERLEY, 2017, p.291)

Exemplos retirados do *corpus* dos surdos:

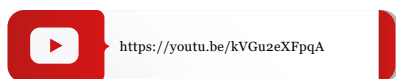
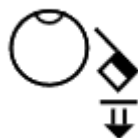
1.1. Rotação do antebraço

(151) ME PROVOCAR (o movimento que gira para trás)

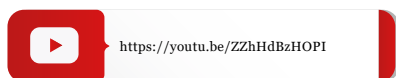
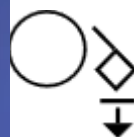
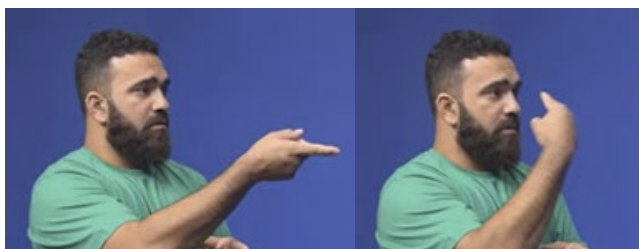


1.2. Flexão do pulso

(152) MANDAR (o pulso se quebra para baixo)



(153) ME MANDAR (o pulso se quebra para trás)

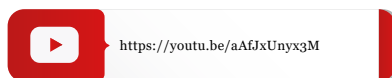
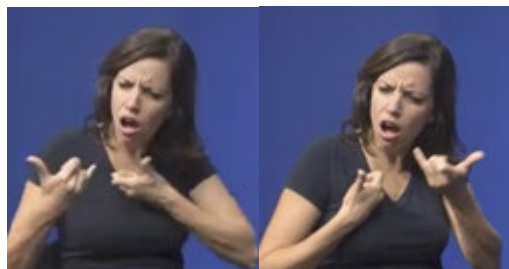


2. Movimentos alternados

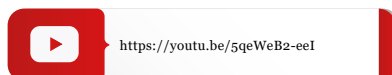
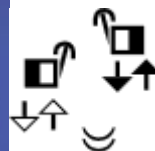
Os movimentos alternados incluem as duas direções de movimentos em cada mão, enquanto que a mão direita se move em uma direção e a mão esquerda se move em direção oposta. As mãos que se repetem nos movimentos “vai para frente e volta para trás” em um sinal, podendo marcar entre sujeito e objeto. (WANDERLEY, 2017, p.295)

Exemplos retirados do *Corpus* dos surdos de referência:

(154) ME-INFORMAR



(155) CONTROLAR



Os verbos com concordância número-pessoal em Libras identificados pelos movimentos alternados ocorrem nas duas direções opostas e se movem ao mesmo tempo entre as duas mãos espelhadas, assim sucessivamente; as direções de movimento não param.

5.5.3.3 Orientação da Mão

Nem todos os verbos com concordância número-pessoal possuem as direções de movimento, reto/curvo ou movimentos diferentes com as setas para indicar entre sujeito e objeto (HAAPANEN, 2010; WANDERLEY, 2017) . Os verbos com concordância , nos exemplos (156) e (157) FALAR retirados das surdas referentes no *corpus*, marcam o objeto através da alteração pela orientação da mão entre a palma e dorso da mão ou pelos dedos entre a frente e atrás.

(156) FALAR (dorso da mão - cor preta na configuração da mão em escrita de sinais - que indica para pessoa VOCÊ)



(157) ME-FALAR (palma da mão - cor branca na configuração da mão em escrita de sinais - que indica para pessoa EU ou MIM)



Entre os tipos de movimentos dos verbos flexionados ou concordância número-pessoal em Libras que possui a maior porcentagem é o movimento reto que produz o verbo normal e, segundo, o verbo reverso. Observando-se que existem os outros tipos, como movimentos diferentes e orientação da mão são as menores porcentagens, e esses detalhes se tornam importantes para a morfologia de Línguas de Sinais.

5.6 Ações-boca: morfemas-boca, articulação-boca e gestos-boca

Carolina Ferreira Pego

O estudo da linguística das Línguas de Sinais contribui não apenas para as Línguas Sinalizadas, propriamente, mas também para os estudos das línguas orais. Nas últimas décadas, a Linguística e suas áreas afins têm direcionado seus olhares para algumas das facetas não tão exploradas na estrutura das Línguas de Sinais: a iconicidade inerente a uma língua visuoespacial, a gestualidade que os usuários incorporam ao discurso e os fenômenos que decorrem do inevitável contato entre as Línguas Sinalizadas e as línguas de modalidade oral-auditiva, apesar de alguns aspectos desses fenômenos aparentarem uma forma de intersecção entre a Língua de Sinais e a língua oral. Os movimentos de boca, como, por exemplo, a articulação-boca (descreveremos em outro item desse capítulo), representa essa capacidade acolhedora da Língua de Sinais de incorporar alguns elementos da língua oral circundante e gramaticalizá-los, de uma forma que as línguas orais não conseguem, devido à sua limitação oral-auditiva; não há possibilidade de duas línguas orais serem produzidas de forma simultânea, pois têm o componente bucal-articulatório como canal de expressão, o que resulta em uma produção linear, consecutiva, sendo assim impossível duas línguas orais serem produzidas simultaneamente, enquanto a Língua de Sinais, por ser corporal-visual, permite incorporação de alguns componentes lexicais das línguas orais. Isso não quer dizer, no entanto, que as línguas orais tenham somente características resultantes do uso do aparato vocal, mas também possuem nuances corporais, por exemplo, pelo uso de gestos que vão se lexicalizando na comunidade ouvinte (PÊGO, 2021).

As ações-boca estão dentro do escopo das expressões não manuais gramaticais; assim, para entendê-las melhor, vamos, na seção seguinte, entender como o corpo, principalmente a face, carrega significado e é parte do conjunto da sinalização da Libras, sendo indissociável a ela.

5.6.1 Expressões não manuais gramaticais

As línguas de sinais vão além da manualidade, isto é, utilizam-se de recursos não manuais, em uma sincronia inteligentemente orquestrada pela mente do sinalizante. O olhar limitante da manualidade das Línguas de Sinais é um dos mitos existentes sobre essas línguas, como apontado por Pfau e Quer (2010). No entanto, Mohr (2014) enumera alguns estudos que, desde a década de 1980, evidenciam os aspectos linguísticos dos recursos não manuais: Coulter (1978); Woll (1981); Engberg-Pedersen (1990); Sandler (1999); Sutton-Spence e Woll (2006) e Pfau e Quer (2010).

Alguns dos estudiosos, como Karnopp (1999), optam por enquadrar a Língua de Sinais dentro da modalidade gestual-visual, “outros utilizam o termo *espaço-visual*” (FAULSTICH, 2016, p. 7). São inúmeros termos para um mesmo conceito. No entanto, assim como apontado por Prometi (2020), esses termos não abrangem todos os elementos que compõem a Língua de Sinais, pois “é preciso que estes contenham em si todos os elementos oriundos de um processo de criação adequado e de acordo com a língua em questão”(PROMETI, 2020, p.66). Assim, os termos que limitam as Línguas de Sinais à manualidade não são suficientes para descrever essa modalidade linguística, pois não fazem referência aos componentes não manuais, ou seja, corporais – que envolvem cabeça, tronco e membros. No caso deste estudo, as articulações-boca e os gestos-boca enquadram-se na parte não manual, a qual tem a mesma relevância do sinal manual para a constituição do significado, das sentenças e do discurso.

Pêgo (2013), ao estudar os *morfemas-boca* (que se encaixam no conceito de articulações-boca, por serem um dos componentes dessa categoria gramatical), enfatiza a importância do estudo das expressões não manuais gramaticais ao citar pesquisas como as de Siple (1978) e as de Swisher *et al.* (1989), que apontam para o fato de que os sinalizantes, quando se comunicam, não concentram sua atenção sobre a mão do outro, mas sim, sobre a face, na qual a informação gramatical essencial é codificada “não manualmente”.

Pfau e Quer (2010) reconhecem o importante papel que as mãos exercem nas Línguas Sinalizadas; porém, ressaltam o mesmo *status* de importância e de complexidade que outros articuladores – o corpo, a cabeça e a face – possuem na gramática dessa modalidade de língua. Todos os elementos linguisticamente significativos que não são expressos pelas mãos são referidos como *marcadores não manuais* ou simplesmente *não manuais* (PÊGO, 2013).

A dupla articulação é tida como uma das propriedades universais das línguas naturais, de acordo com Hockett (1960). Stokoe (1960) foi o primeiro pesquisador a demonstrar que a Língua de Sinais Americana (ASL) e, por extensão, todas as Línguas Sinalizadas, também são duplamente articuladas. Sua demonstração consistiu em evidenciar que as unidades significativas dessa língua, tradicionalmente chamadas de *sinais*, são decomponíveis em unidades menores que, como nas línguas orais, não têm significado, mas são capazes de distingui-lo. Na proposta pioneira de Stokoe, as unidades distintivas das Línguas Sinalizadas seriam de três tipos: a configuração de mão (estado dos dedos), a localização (ponto de articulação) e o movimento. Posteriormente, outras unidades distintivas, ou parâmetros, como mais frequentemente são chamadas, foram identificadas, a saber: a orientação da palma (BATTISON, 1978) e as marcações não manuais – MNM (BRENNAN, 1992 *apud* XAVIER; BARBOSA, 2017, p. 982).

Na Libras temos, além dos sinais manuais, os olhos, as bochechas, a boca, o tronco e as sobrancelhas como recursos não manuais para a construção do signo

linguístico. Além deles, temos as expressões faciais não manuais *linguísticas* e as *afetivas*. A principal diferença apontada entre elas, na literatura, consiste no fato de que as primeiras fazem parte da gramática da Língua de Sinais e a segunda categoria engloba a linguagem humana, sendo incorporada à comunicação para diversos objetivos. A seguir, apresentamos uma tradução de Corina *et al.* (1999), feita por Pêgo (2013), e listamos as quatro principais diferenças existentes entre as expressões citadas, em relação à musculatura ativada na produção dos sinais:

1 - Início e fim rápidos: As expressões afetivas são inconsistentes e inconstantes em seu início e nos padrões de deslocamento e na sua forma ápice; já as linguísticas, tais como os exemplos, possuem um claro, rápido e padrão específico de início-fim.

2 - Músculos específicos e individualmente recrutados: O uso de grupos musculares, em ações globalizadas, ocorrem nas expressões afetivas; em contraste, as expressões linguísticas exigem músculos específicos que não são recrutados no momento de expressar emocionalmente. As pesquisas de Ekman e Friesen (1978; 1981; 1982) revelaram que os comportamentos faciais gramaticais que fazem parte do sistema linguístico da ASL são marcadamente diferentes do uso dos músculos faciais nas expressões afetivas. Observaram que o rápido início e o rápido deslocamento de disparo de cada um dos músculos faciais ocorrem somente dentro de regras gramaticais, e são exclusivos para este sistema linguístico; também especificaram a ausência (ou a raridade de ocorrência) de recrutamento de músculos faciais específicos e individuais nas expressões emocionais.

3 - Âmbito linguístico: A principal diferença entre os dois tipos de expressões está na previsão de ocorrência. Nas afetivas, podem ocorrer expressões acompanhadas do sinal (ou palavra) com vários padrões possíveis de execução, podendo ocorrer antes ou depois de uma expressão linguística, sem especificidade de tempo. As expressões linguísticas, por sua vez, exigem coordenação com os sinais manuais, determinando limites gramaticais, sendo possível prever sua ocorrência, seu início e fim.

4 - Exigência: Os estudos de Reilly, McIntire e Bellugi (1990) relatam que, em sentenças relativas ou condicionais, uma específica expressão facial linguística é exigida durante a produção da frase, enquanto os sinais manuais

associados (por exemplo, o sinal SE nas condicionais) são opcionais. Também nos contextos adverbiais, expressões específicas são necessárias para a construção da sentença (PÊGO, 2013, p.43).

As expressões afetivas podem ser usadas independentemente de elementos linguísticos, uma vez que é possível traduzir emoção por meio do olhar, da postura ou dos gestos, ou revelar função fática e diferentes comportamentos por meio das posições do corpo. Segundo Reilly (2006, p. 266): “ao contrário do que ocorre com as expressões gramaticais não manuais nas Línguas de Sinais, as emocionais são variáveis quanto à sua intensidade e a sua duração é inconsistente”. Podem coocorrer com a “pronúncia” ou existirem independentemente de um comportamento linguístico. “Isso nos permite concluir que os sinais não manuais gramaticais dependem de regras linguísticas específicas.” (ANATER, 2009, p. 89)

Pêgo (2013) faz um breve resumo das principais diferenças entre as expressões afetivas e linguísticas. O quadro abaixo apresenta uma adaptação dos seus apontamentos.

EXPRESSÕES FACIAIS LINGUÍSTICAS	EXPRESSÕES FACIAIS AFETIVAS
Ocorrem condicionadas aos elementos linguísticos.	Ocorrem independentemente de elementos linguísticos (emoções são expressas pelo olhar, postura, gestos).
Possuem comportamento fixo e exigido em um momento específico (SANDLER; LILO-MARTIN, 2001). Claro, rápido e padrão específico de início-fim (CORINA et al., 1999).	Possuem intensidade, duração e ocorrência variáveis (REILLY, 2006). Inconsistentes e inconstantes em seu início e nos padrões de deslocamento e na sua forma ápice (CORINA et al., 1999).
Início e fim passível de previsão (CORINA et al., 1999).	Não há como delimitar ou prever seu início e fim (CORINA et al., 1999).
Mediadas pelo hemisfério cerebral esquerdo, que envolve aspectos linguísticos, como a morfologia e a sintaxe (tanto para as línguas orais como para as de sinais). (REILLY, 2006)	Mediadas pelo hemisfério cerebral direito (em adultos). (REILLY, 2006)
Assumem funções linguísticas específicas (por exemplo, funções sintáticas, condicionais, relativas e adverbiais). (CORINA et al., 1999)	Não assumem funções gramaticalmente determinadas (CORINA et al., 1999).
Exigidas pela gramática (REILLY; MCINTIRE; BELLUGI, 1990).	Opcionais (REILLY; MCINTIRE; BELLUGI, 1990).

EXPRESSÕES FACIAIS LINGUÍSTICAS	EXPRESSÕES FACIAIS AFETIVAS
Fazem uso de músculos faciais individuais (CORINA et al., 1999); (BAKER; PADDEN, 1978); (LIDDELL, 1980); (REILLY; MCINTIRE; BELLUGI, 1990).	Não há especificidade no recrutamento muscular (CORINA et al., 1999); (BAKER; PADDEN, 1978); (LIDDELL, 1980); (REILLY; MCINTIRE; BELLUGI, 1990).
Aquisição, pelas crianças surdas, de marcadores faciais de forma semelhante aos sinais considerados lexemas ou morfemas (CAMPOS et al., 1983).	Bebês surdos/CODAs e bebês ouvintes, até o final de seu primeiro ano, sempre utilizam expressões faciais afetivas universais, tanto para expressar quanto para interpretar os estados emocionais (CAMPOS et al., 1983).

Fonte: Pêgo (2021).

Quando nos referimos aos marcadores não manuais, não nos referimos somente às expressões faciais. Wilbur (2000) propõe que as regiões superior e inferior do rosto, relativas aos sinais não manuais, estejam relacionadas a diferentes domínios sintáticos: “sinais da parte superior do rosto ou a cabeça (sobrancelha, olhar, posição e movimentos de cabeça) ocorrem com constituintes maiores, tais como orações e sentenças; sinais da parte inferior do rosto (boca, língua, bochechas), diferentemente, associam-se a itens lexicais ou aos sintagmas em que tais itens aparecem, em especial para a veiculação de informações adjetivas ou adverbiais.”(WILBUR, 2000, p.224, 225)

Resumindo, as ações-boca são movimentos gramaticais da boca que englobam os morfemas-boca, as articulações-boca e os gestos-boca:

- a. Morfemas-boca – *mouth morphems*: São ações-boca que possuem funções de morfemas, como os de composição e os de derivação.
- b. Gestos-boca – *mouth gestures*: Ações-boca que possuem forma de produção relacionada à visualidade da estrutura da Língua de Sinais.
- c. Articulações-boca – *mouthings*: São ações-boca cuja forma de produção é resultado da interpretação visual do surdo sobre o contato com a língua oral que o cerca.

5.6.2 Ações de boca: morfemas-boca, articulações-boca e gestos-boca

Dentro do âmbito das expressões não manuais, temos os movimentos de boca, ou ações-boca. Essas ações dividem-se em dois principais grupos: as articulações-boca e os gestos-boca. A diferença básica entre esses dois grupos resume-se ao fato de que o primeiro deriva do contato com a língua oral circundante, enquanto o segundo é inseparável da Língua de Sinais (CRASBORN et al., 2008).

Sandler (2009) afirma que há sinais que, além de atividades manuais, envolvem o que a autora designa como *lexical mouth component* (componente bucal lexical). A influência da ação da boca sobre o significado ou sobre a forma do sinal indica forte característica morfofonológica, constituindo-se em um dos parâmetros fonológicos, além dos cinco que são comumente descritos nas Línguas de Sinais (XAVIER; SANTOS, 2019). Por exemplo, na Libras temos a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma da mão e a expressão facial e corporal. As ações-boca possuem funções que se encaixam nas apresentadas pelos seis parâmetros citados por Xavier e Barbosa (2019); logo, são consideradas como mais uma, em conjunto com os gestos-boca, sendo um parâmetro de “configuração bucal”, visto que influenciam na construção do signo linguístico.

Woll (2001) esquematiza as ações não manuais dividindo-as em duas categorias principais: a boca, e a categoria que engloba olhos, cabeça e corpo, indicando que a boca deve ser analisada formal e semanticamente separada da face, já que os outros componentes dessa parte do corpo influenciam de forma diferente, não se constituindo, simplesmente, em um “conjunto facial e corporal”, mas em várias unidades visuais separadas que sincronizam funcionalmente para conferir o significado que o sinalizante deseja.

Figura 5 - Ações não manuais



Fonte: Pêgo (2021)

A demarcação desses dois grupos torna-se importante quando nos deparamos com o interessante fenômeno de contato entre línguas. As articulações-boca representam um dos resultados desse fenômeno. Não há um surdo puramente monolíngue, independentemente da sua fluência na língua oral circundante (BANK

et al., 2016), pois seu cérebro está constantemente sendo influenciado pelas duas línguas, em função do contato existente com ambas, de forma sistemática, no dia a dia de sua vida. Este conhecimento reflete a condição bilíngue bimodal das pessoas surdas, uma vez que essas línguas se manifestam por meio de canais articulatórios diferentes (visuoespacial e oral-auditivo). Enquanto bilíngues bimodais, as duas línguas podem ser ativadas simultaneamente, conforme observado nos estudos desenvolvidos por Emmorey *et al.* (2005) com CODAs, filhos ouvintes de pais surdos. Segundo a autora, os CODAs podem produzir as duas línguas simultaneamente, por serem bilíngues em línguas de diferentes modalidades; dessa forma, ocasionalmente (inconsciente/propositalmente), os CODAs sinalizam simultaneamente, mesmo quando interagem com pessoas ouvintes.

Paralelamente, é concebível que as articulações-boca, mesmo entre surdos, sejam produzidas. Crasborn *et al.* (2008), ao analisarem três Línguas de Sinais, concluíram que as articulações-boca, acompanhadas de sinais manuais, são tão frequentes quanto os gestos-boca, o que caracterizaria aqueles como parte inerente da Língua de Sinais. Assim, os surdos e os CODAs estão, mesmo em situações potencialmente monolíngues, com seu cérebro ativado por ambas as línguas. (MOHR, 2012).

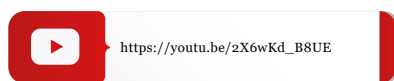
Os movimentos de boca são considerados recursos não manuais, e, segundo Balvet e Sallandre (2014), são pistas fundamentais para determinar a natureza, o papel e a interpretação dos sinais manuais, ou seja, são elementos que integram as palavras em uma Língua de Sinais. As ações-boca, ou seja, *as articulações-boca* (*mouthings*, em inglês) e os *gestos-boca*, são, entre os surdos, de forma sutil, uma das características que permitem distinguir os surdos dos ouvintes e os fluentes dos proficientes, e são uma das principais formas visuais com que o surdo representa/traduz sua visão/compreensão do mundo circundante.

Podemos citar alguns exemplos que ilustram a importância do uso de articulações-boca na Língua de Sinais: o primeiro está relacionado à proficiência, na qual o ouvinte que aprende a Língua de Sinais como segunda língua “esforça-se” para não articular as palavras enquanto sinaliza, resultando em uma sinalização não tão natural quanto um nativo, que é perceptível pelos surdos, pois estes últimos conseguem relacionar e usar a experiência extralinguística (língua oral circundante/vibrações do mundo externo) e a linguística (gestos-boca e articulação-boca). O segundo exemplo é o caso das crianças surdas que aprendem a Língua de Sinais com adultos surdos, reproduzindo perfeitamente os gestos-boca e as articulações-boca associados aos sinais manuais, sem terem sido alfabetizadas ainda na Língua Portuguesa escrita ou terem tido contato com o Português oral, demonstrando que esses movimentos de boca são inerentes à estrutura linguística da Libras ao aprenderem a utilizar esses recursos gramaticais nesse contato com surdos adultos (PÊGO, 2021).

Em relação aos gestos-boca, temos um exemplo que ilustra a representação/

significação que o surdo constrói dos “barulhos” advindos de movimentos corporais e experiências sensoriais, como o caso da água jorrando da torneira: essas experiências sensoriais são integradas à visão, de forma a unificar todos os sinais/significados. No caso da água jorrando, pelo tato é possível sentir a vibração da água e, pela visão, percebemos o ar que sai junto. Isso pode ser facilmente representado pelo gesto-boca apresentado na Figura 6.

Figura 6 - Sinal manual TORNEIRA e gesto-boca referente ao barulho/sensação da água da torneira jorrando



Fonte: Pêgo (2021).

A Figura 6 é um gesto-boca justamente por não representar uma parte ou toda a palavra derivada de uma língua oral, por não ser influenciado pela língua oral, mas ser resultado das interpretações visuais que os surdos fazem do mundo e das atividades cotidianas. A boca, de forma visual, icônica, assume o papel de torneira, emitindo o ar e a água (de forma abstrata), em conjunto e em sincronia com o movimento manual de jorrar e, desse modo, a vibração (seja ela visual ou tátil) é reproduzida no conjunto sinal-boca.

Enquanto os gestos-boca possuem características mais atreladas à Língua de Sinais, fato que permite conferir mais facilmente o *status* de componente gramatical dessas línguas, as articulações-boca são fenômenos decorrentes do contato entre línguas de modalidades diferentes, resultando em novos componentes lexicais, semânticos, morfológicos e fonológicos nas Línguas de Sinais. Consiste numa categoria gramatical com gradiência de lexicalização e gramaticalização, com alguns tipos de articulações-boca emergindo como um tipo de *code-blending* (sobreposição de línguas) e gradualmente se distanciando da referência da língua oral circundante até se lexicalizarem e se gramaticalizarem.

5.6.2.1 Morfemas-boca

Os estudiosos Bickford e Fraychineaud (2008) categorizam os morfemas-boca de acordo com o seu *status* na gramática sincrônica: a boca é utilizada como parte inerente de sinais manuais específicos; ou utilizada como um morfema independente passível de combinações com sinais manuais (morfema-boca). Na página a seguir, observe-se o quadro, com tradução de Pêgo (2013).

	EMPRESTADAS DO INGLÊS (MOUTHINGS)	NÃO SÃO EMPRÉSTIMOS DO INGLÊS ("GESTOS BUCAIS")
Formas de bocas inerentemente associadas com sinais manuais específicos	[ff] com o sinal ACABAR	[pa] ("pah") com SUCESSO
Formas de bocas independentes dos sinais manuais (morfemas-boca)	oo grau surpreendente (da interjeição "ooh")	cs 'perto' th 'desleixadamente'

Tradução do quadro de Bickford e Fraychineaud (2008), feita por Pêgo (2013).

No campo de estudos das expressões não manuais da ASL, Bickford e Fraychineaud (2008) discutem o papel que os morfemas-boca exercem na gramática dessa língua, explorando três hipóteses. A hipótese morfoderivacional (lexical), a qual afirma que morfemas-boca não são listados por si só no léxico, mas são especificados como afixos derivacionais, com itens lexicais complexos construídos sobre sinais manuais. Na hipótese morfossintática flexional, esses morfemas não estão listados no léxico, mas combinam com sinais manuais assumindo função de afixos flexionais, de acordo com as regras gerais morfossintáticas. Por fim, a hipótese da "sintaxe simultânea" aborda a ideia de que os morfemas-boca constituem "palavras" que possuem a propriedade especial de serem articuladas simultaneamente com outras palavras (ou seja, com sinais manuais) e tais combinações são reguladas por regras essencialmente sintáticas (PÊGO, 2013).

A terceira hipótese é discutida e analisada por Bickford e Fraychineaud (2008), os quais acreditam que as atuais evidências, embora não conclusivas, demonstram que a maioria dos morfemas-boca combinam com sinais manuais assumindo função morfoderivacional. Eles argumentam que os morfemas-boca são formas presas, pois devem cocorrer com os sinais manuais. Também relatam que tais morfemas normalmente ocorrem apenas em sinais simples, pois eles não se espalham ao longo do campo sintático. Embora possam ocorrer em vários sinais em sequência, eles não mostram o comportamento característico variável propagação de prosódicos não manuais (NEIDLE *et al.*, 2000, p.43-48). Além disso, como Liddell (1980, p.48), observam que, o sinal não manual "cs", significando

“próximo” ocorre com expressões como “ontem à noite”; a sinalização mostra que eles funcionam como compostos, portanto, consistentes com a ideia de que “cs” é um afixo derivacional adicionado à única palavra, em vez de sobreposto em uma sentença.

Alguns estudiosos conferem um caráter sintático às expressões não manuais, no entanto, segundo Anderson (1982, p.587), a maioria dos morfemas-boca não são relevantes para a sintaxe, pois sua distribuição não é condicionada pelo contexto sintático, possuindo assim propriedades derivacionais em vez de flexionais.

Exemplificaremos os morfemas-boca na Libras na descrição de suas funções dentro da gramática.

A) Os morfemas-boca possuem caráter dinâmico e exigem tempo coordenado com os sinais manuais.

Os momentos de transição de um movimento de boca para outro são cuidadosa e especificamente coordenados com os sinais manuais. Na análise dos vídeos de surdos, por meio do ELAN, no estudo de Pêgo (2013) verificou-se que todos os sinais não manuais com características de morfemas (possuem significado e não podem ser separados em unidades menores sem perda de significado; combinam-se entre si e com outros morfemas não manuais e manuais, entre outras propriedades que serão descritas a seguir) possuíam esse tempo especificamente coordenado. Os morfemas manuais e não manuais ocorrem simultaneamente, como também coordenadamente.

Figura 7 - Exemplo retirado do estudo de Pêgo (2013) em que se mostra o caráter dinâmico do morfema-boca (pow) e o fato dele exigir tempo coordenado com o sinal manual ESTOURAR, com o “SINAL ESTOURAR+BOCA EM POW”



Fonte: Pêgo (2013).

B) *Envolvem mais do que somente a boca.*

Alguns morfemas-boca envolvem outros articuladores não manuais, como cabeça e ombros. Alguns morfemas ocorrem somente com movimentos de boca; outros ocorrem associados a movimentos de cabeça e de ombro (levantar), alterando o significado.

Por exemplo, o morfema-boca U é bastante presente, associado ao movimento de sobrancelhas franzidas, sendo este um elemento sintático.

Figura 8 - A expressão “O quê?” é produzida na seguinte forma:
SINAL <O QUE> + BOCA EM U+ SOBRANCELHAS FRANZIDAS



Fonte: Pêgo (2013).

Nesse caso, muitas vezes ocorre sem o sinal manual, bastando somente o morfema-boca em U para compreender o significado e, com as sobrancelhas franzidas, constrói-se a mesma sentença sintática, como será detalhado mais à frente.

Diferentemente, no caso abaixo, quando se elevam as sobrancelhas e se adiciona um balanço de cabeça, há a ligação de posse no sinal a seguir.

Figura 9 - A expressão “de” (preposição indicando posse) é produzida na seguinte forma:

BALANÇO DE CABEÇA+ELEVAÇÃO DE SOBRANCELHAS+BOCA EM U+ <O QUE>



Fonte: Pêgo (2013).

Construindo a seguinte sentença, observamos o morfema-boca assumir a função de posse, conforme a sequência abaixo:

Figura 10 - Sinal <SORVETE> com seu morfema-boca, obrigatório durante a produção do sinal



Fonte: Pêgo (2013).

Figura 11- BALANÇO DE CABEÇA+ELEVAÇÃO DE SOBRANCELHAS+
BOCA EM U+ <O QUE>



Fonte: Pêgo (2013).



Fonte: Pêgo (2013).

A sentença formada pelas figuras 09, 10 e 11 corresponderia, segundo Pêgo (2013) à seguinte: sorvete de uva. O morfema-boca produzido com a boca em U, associado ao balanço de cabeça representa um morfema que denota posse.

Durante a produção desse morfema-boca, o sinal manual O-QUE pode vir associado a ele ou não, conforme mostra a figura a seguir, onde há a realização desse morfema simultaneamente ao outro morfema manual, mantendo os seus próprios significados.



Figura 12 - Morfema-boca associado a outro sinal manual (sentir)



Fonte: Pêgo (2013).

C) *Promovem mudanças no movimento manual.*

Na ASL, Bilford dá um exemplo de um morfema-boca “*th*”, que significa negligente; quando associado ao sinal manual, exige que este apresente movimento diferente, acompanhando o significado alterado pelo morfema-boca “*th*”. Ao contrário de modulações aspectuais apontados por Klima e Bellugi (1979, p. 243-271), esta mudança no movimento não tem qualquer *status* morfêmico, que só ocorre com “*th*”, e é, portanto, parte desse morfema.

Um exemplo observado no estudo de Pêgo (2013) é o morfema com a mesma configuração da boca “*th*”, com o mesmo significado de desleixo. Observe a produção do sinal manual sem o morfema e seu significado e a produção do mesmo sinal manual com o morfema e significado.

Figura 13 - A expressão “escrever corretamente” é produzida na seguinte forma:
LÁBIOS APERTADOS + SOBRANCELHAS FRANZIDAS+ SINAL ESCREVER



Fonte: Pêgo (2013).

Figura 14 - A expressão “escrever desleixadamente” é produzida na seguinte forma:
LÍNGUA EM “th” + SOBRANCELHA NEUTRA+ SINAL ESCREVER



Fonte: Pêgo (2013).

D) *Não são apenas adverbiais.*

Há muitos estudos que colocam o morfema-boca como advérbios, expressam forma, grau, com os significados associados a prototípicos advérbios e, quando utilizados, modificam verbos, adjetivos ou advérbios.

Na figura abaixo, um exemplo retirado da pesquisa de Pêgo (2013), os lábios franzidos de forma reta denotam algo enfatizado como certo, conferindo intensidade ao sinal manual.

Figura 15 - Produção da expressão “regra com caráter de certeza”:

SINAL <REGRA> + LÁBIOS APERTADOS



Fonte: Pêgo (2013).

O Sinal de Bilingue, quando associado ao morfema boca “*th*”, tem, com esse morfema, o significado de negligente acrescentado ao sinal manual. Já quando a boca se configura de tal forma que os lábios se apertam, acrescenta o significado de certeza ao sinal manual, sem, no entanto, necessitar de um sinal manual CERTO.

Figura 16(a) - Morfema *th* produzido juntamente com o sinal de bilingue.

Figura 16(b) - Sinal bilingue



Fonte: Pêgo(2013).

Apesar das pesquisas atuais mostrarem essas características adverbiais, alguns morfemas-boca possuem funções que não são consideradas adverbiais, como tamanho, distância, reguladores, quantidade, relativização.

Figura 17 - Lábios semiabertos, com sopro, associados ao classificador que indica linha de tempo



Fonte: Pêgo (2013).

Outro morfema-boca seria o que simula bochechas sugadas, indicando vazio, e são sempre associados a sinais manuais, sendo que esses sinais somente ocorrem com a presença desses morfemas-boca. No entanto, sozinhos, esses morfemas-boca carregam significado próprio.

Figura 18 - Sinal <AINDA NÃO> realizado obrigatoriamente com a associação do morfema-boca específico



Fonte: Pêgo (2013).

O morfema-boca abaixo (lábios apertados, curvados para baixo) normalmente confere intensidade a uma ação; porém, quando associado a um sinal manual, também se configura uma negação, como nos exemplos a seguir, realizados em momentos distintos. Não ocorre o balanço de cabeça, pois o morfema-boca cumpre a função de negação.

Figura 19 - Sinal <ALGUNS> + MORFEMA APERTANDO OS LÁBIOS CURVADOS PARA BAIXO, indica o significado de “alguns não”



Fonte: Pêgo (2013).

Outro morfema-boca seria um que simula um sopro, porém com os lábios apertados; significa quantidade, movimento, como no caso abaixo, indicando muitas pessoas, multidão.

Figura 20: “multidão de pessoas”



Fonte: Pêgo (2013).

Figura 21 - “saber muito Libras”



Fonte: Pêgo (2013).

E) *Possuem restrições para coocorrer com sinais e modulações aspectuais.*

Essa talvez seja a propriedade que mais evidencia seu caráter morfológico. Os morfemas-boca são quase sempre combinados com sinais manuais; no entanto possuem limitações de uso, não podem ser combinados com quaisquer sinais (PÊGO, 2013).

Por exemplo, os sinais manuais GORDO e PEQUENO associados a morfemas-boca específicos mudam de significado.

Figura 22(a) - Sinal <gordo>

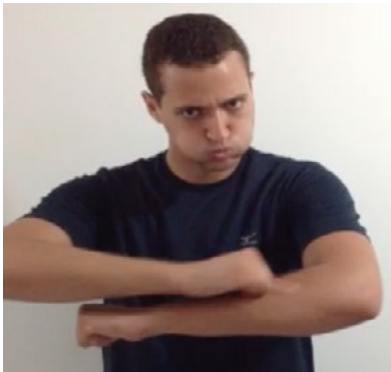
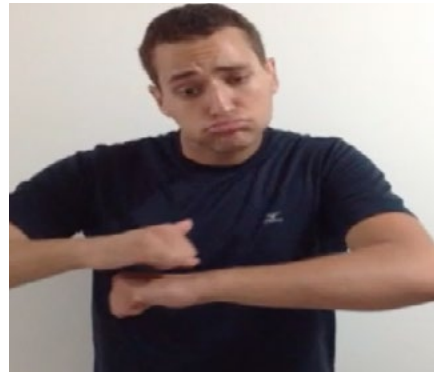


Figura 23(b) - Sinal <gordinho>



Fonte: Pêgo (2013).

Nos exemplos acima, na produção do significado <GORDO>, a face assume bochechas infladas; enquanto no <GORDINHO>, temos uma diminuição do ar nas bochechas correspondendo ao grau menor.

F) *Outros exemplos e observações*

Pêgo (2013) traz um exemplo da propriedade de restrição – seria um morfema preso; este somente ocorre em dois sinais, com significados prototípicos: sorvete e pirulito.

Figura 24 - Sinal <PIRULITO> : esse também seria aplicado ao sinal <SORVETE>, Porém, com configuração de mão diferente



Fonte: Pêgo (2013).

Existem, ainda, os morfemas-boca que reproduzem, parcial ou integralmente, a articulação da palavra falada. Ocorre no exemplo abaixo COMO; tal morfema-boca muitas vezes ocorre sem o sinal manual, enquanto o sinal manual está condicionado à presença desse morfema-boca, indicando então que o sinal manual é parte do morfema-boca.

Figura 25 - Produção do sinal <COMO> associado ao morfema-boca “como”



Fonte: Pêgo (2013).

5.6.2.2 Gestos-boca

A grande maioria dos sinais manuais é acompanhada por articulações-boca, indicando ser esse elemento linguístico altamente produzido na Libras, assim como o é nas Línguas de Sinais holandesa, irlandesa e russa (BANK *et al.*, 2011; MOHR, 2014; BAUER, 2018). Em média, temos 65% dos sinais manuais associados às articulações-boca, ou seja, mais da metade da sinalização dos surdos possui

articulação-boca associada, em contraste com os gestos-boca, que possuem uma proporção de 12%. Apesar de terem uma baixa porcentagem no discurso dos sinalizantes, essa frequência é semelhante às observadas em outras Línguas de Sinais.

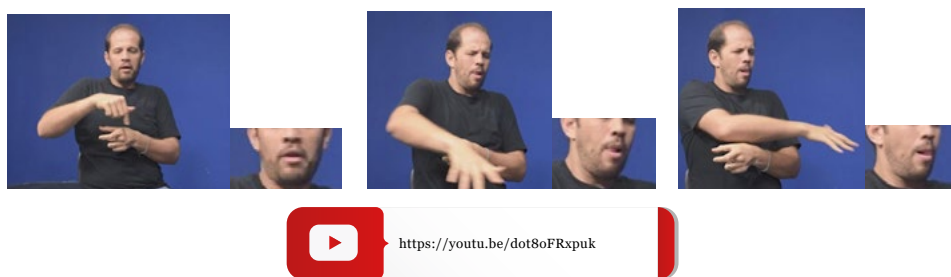
A dificuldade de afirmar que a articulação-boca é uma incorporação linguística da experiência visual dos surdos sobre a língua oral circundante ocorre devido ao fato de ela ser mais semelhante à língua oral, enquanto os gestos-boca expressam maior iconicidade de movimento, de forma e possuem características visuais mais marcantes. Podemos perceber, pelos dois exemplos a seguir, nas próximas páginas, essa característica visual que confere, indiscutivelmente ao gestos-boca, *status* de elemento gramatical da Língua de Sinais.

Figura 26 - Gestos-boca do participante do grupo 3, em que ele infla os lábios para indicar o aspecto de “volume” e de “velocidade” da Língua de Sinais que, associado ao sinal LÍNGUA-DE-SINAIS, confere a ele um significado de pessoa fluente



Fonte: Pêgo (2021).

Figura 27 - Sequência do movimento do gesto-boca do participante do grupo 2 associado ao sinal MULTIDÃO, que confere ao referente do espaço o significado de movimento e quantidade de pessoas

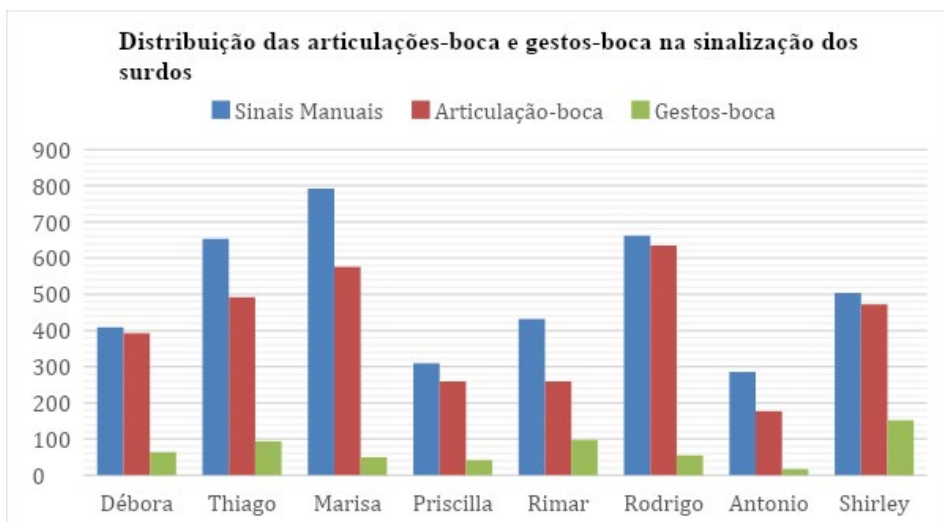


Fonte: Pêgo (2021).

Há uma ideia preconcebida de que os surdos com família surda que possuem maior bagagem linguística cotidiana na Língua de Sinais apresentam maior porcentagem de uso de gestos-boca do que os surdos tardios, de famílias ouvintes. No entanto, os dados da pesquisa de Pêgo (2021) demonstraram que ser exposto à

Língua de Sinais mais cedo não acarreta maior produção de gestos-boca, mas um maior equilíbrio do uso deles, na sinalização. A autora ilustra isso no gráfico abaixo, no qual se percebe que não é a quantidade de gestos-boca que define a proficiência do sinalizante, mas o equilíbrio de uso dos sinais manuais, dos gestos-boca e da articulação-boca, ou seja, realizar escolhas lexicais coordenadas e variadas.

Gráfico 1 - Comparativo da porcentagem de uso de articulação-boca dos grupos 1, 2 e 3.



Fonte: Pêgo (2021)

Considerando quatro classes gramaticais (a saber: advérbios, adjetivos, substantivos e verbos), os gestos-boca se associam mais aos verbos, os quais são uma categoria que envolve ação, e esse tipo de movimento de boca permite demonstrar a visualidade da ação (intensidade, duração, frequência).

5.6.2.3 Articulação-boca na Libras

Os holofotes, que antes eram direcionados para a parte superior do rosto, como olhos e sobrancelhas, aumentaram o raio de iluminação, passando a incluir a boca, e, nisso, se incluem as articulações-boca. Bauer (2018) relaciona esse fato ao aumento do interesse pelo fenômeno do contato entre línguas de modalidades diferentes. Ainda segundo a autora, as principais pesquisas sobre as articulações-boca abordam sua consistência na produção acadêmica, com a categorização deste fenômeno linguístico: Bauer (2018); Bank *et al.* (2011; 2016); Mohr (2014); Johnston *et al.* (2016) e Giustolisi *et al.* (2016).

As articulações-boca estão presentes na comunicação dos surdos em ambientes bilíngues e monolíngues (BANK *et al.*, 2014).

Na Libras, as articulações-boca constituem-se em um componente gramati-

cal, mas com variação na lexicalização: existem algumas categorias mais lexicalizadas e outras menos, tanto em surdos nativos quanto em surdos tardios.

Um exemplo do aumento do gradiente de lexicalização seria o sinal *FINA*, utilizado pela comunidade LGTB, ilustrado na figura 28, e cuja “criação” é descrita no vídeo abaixo:

Figura 28: Sinal FINA, produzido no vídeo de uma live do instagram do influencer surdo Kitana



a articulação-boca utilizada comumente em um campo semântico semelhante ao da língua oral (vesícula) é migrada a um campo semântico diferente, conferindo outro aspecto ao sinal manual. Esse fenômeno é fruto da interação surdo-surdo (como explicado no vídeo pelo *influencer* surdo Kitana) e reflete que as articulações-boca podem se lexicalizar no discurso, distanciando-se da semântica comum entre os usuários da Libras e da Língua Portuguesa e representando a experiência visual que os surdos conferem à sua língua.

As escolhas que o sinalizante faz do uso de articulações-boca altamente lexicalizadas demonstram seu nível de proficiência em Libras. Muitas vezes, é possível determinar se é um surdo nativo ou um não nativo (que consegue incorporar de forma linguística a experiência visual no seu discurso) pela forma como ele as utiliza em sua sinalização. As articulações-boca e os gestos-boca são critérios sutis, mas essenciais, na discriminação entre um usuário fluente e um proficiente, pois representam a forma como os surdos traduzem a experiência de um bilinguismo visual bimodal. Elas apresentam alta variabilidade, porém, isso não é critério para ser parte ou não do léxico da Libras, mas um reflexo do quão forte é a visualidade do surdo sobre a língua oral em que ele se encontra imerso. As categorias que serão apresentadas no outro item permitem compreender que as articulações-boca possuem um gradiente de lexicalização, em que os tons lexicais variam desde o mais representativo do contato entre as línguas até o tom mais prototípico da sinalização, no qual a semântica que lhe é conferida está atrelada à experiência visual do surdo, afastando-se do limiar de semelhança resultante do contato linguístico (Pêgo, 2021).

As articulações-boca na Libras se associam mais a advérbios, adjetivos e substantivos, pois a interpretação visual-vibracional da Língua Portuguesa e do mundo exterior é representada pelas articulações-boca em categorias mais concretas e que são nomeadas. Os gestos-boca se associam mais a verbos, pois a ação que é descrita é possível de ser visualizada pela forma que a boca assume (frequência, duração, intensidade da ação).

As articulações-boca são obrigatoriamente presentes quando assumem funções específicas, tais como: desambiguação de pares mínimos, referência a algo ou a um papel no discurso, características classificadoras ao sinal manual e especificação do significado do sinal manual.

Alguns papéis que a articulação-boca, na Libras, possui permitem que ela tenha maior flexibilidade de produção durante a sinalização manual, sendo opção consciente do sinalizante produzi-la ou não: flexão de verbos, flexão de gênero (caso não haja acréscimo do sinal *HOMEM* ou do sinal *MULHER* ao sinal-substantivo) e articulação-boca performática que, por sua vez, apresenta características que exigem do sinalizante escolhas lexicais-prosódicas complexas e não obrigatórias, pois variam de acordo com o maior ou com o menor grau de performance discursiva do sinalizante.

5.6.2.3.1 Distribuição e função das articulações-boca na Libras

As articulações-boca, como dito anteriormente, constituem-se em movimentos de boca (referidos aqui como ações-boca) que se originam da língua oral circundante, da língua falada (Boyes Braem; Sutton-Spence, 2001; Mohr, 2012). Dentro do grupo das ações-boca, as articulações-boca são a categoria mais frequente, apresentando alta regularidade. Em estudos na NGT, realizados por Bank *et al.* (2011), calculou-se que 77% dos sinais manuais são acompanhados por articulações-boca. Bauer (2018) cita pesquisas, como as de Johnston *et al.* (2016) e as de Bank (2014), ao referir-se a essa presença das articulações-boca na produção de sinais manuais dos sinalizantes: na Língua de Sinais Australiana (Auslan), as articulações-boca apresentaram-se em 70% dos movimentos de boca, e, na NGT, 80% das ações-boca são deste tipo.

As articulações-boca acompanham, em sua maioria, substantivos, advérbios e adjetivos e, em sua minoria, verbos e pronomes, conforme estudos de Ebbinghaus e Hessmann (1994), de Schembri e Johnston (2007) e de Crasborn *et al.* (2008), quando estudaram as respectivas línguas de sinais, BSL, NGT e Língua de Sinais Sueca (SSL). Johnston *et al.* (2016) confirmaram os achados dos estudiosos citados, ao concluírem que as articulações-boca tendem a seguir mais os sinais de conteúdo do que os de função na Auslan. Os autores afirmam, mais especificamente, que as articulações-boca estão mais presentes em nomes e em verbos morfologicamente simples (verbos direcionais, verbos espaciais, verbos classificadores) do que em verbos e em palavras de classes morfologicamente complexas. Além disso, elas são semanticamente congruentes e alinhadas, temporalmente, ao sinal manual

que com elas coocorre (Bauer, 2018; Schermer, 1990; Boyes Braem, 2001; Bank *et al.*, 2011; Mohr, 2014). Seguem alguns exemplos ilustrados dessa congruência de significado, conforme identificado nos estudos de Bank (2014, p. 95) e também em dados da Libras.

Figura 29 - Sinal COPIAR com a articulação-boca ‘copiaa’, acompanhando o movimento



Fonte: Pêgo (2021)

As articulações-boca assumem funções de marcadores prosódicos na Língua de Sinais. Porém, não ficam limitadas ao léxico e à prosódia, mas assumem, também, funções estilísticas, semânticas e sociolinguísticas.

Pêgo (2021) lista as principais funções que as articulações-boca podem assumir nas Línguas de Sinais:

a. Desambiguação, complementação ou especificação de itens lexicais: Crasborn *et al.* (2008) corroboram os estudos de Schermer (1990) ao afirmarem que essas funções ocorrem quando são sinais iguais com significados diferentes, classes gramaticais diferentes ou com classes com significado mais específico. Johnston e Schembri (2007) citam o exemplo da Auslan para o sinal *SPOUSE*, no qual o *mouthing*, com as palavras em inglês *wife* ou *husband*, serve para indicar mais especificamente a qual pessoa o sinalizante se refere (Johnston *et al.*, 2016). Na Libras, temos o exemplo “irmão” e “irmã”, que são sinalizados com as articulações-boca especificando o sexo, sem necessidade de um sinal adicional de *HOMEM* ou *MULHER*.

b. Preenchimento de lacunas lexicais: Boyes Braem (2001) verificou que os surdos tardios utilizavam as articulações-boca quando não havia um sinal correspondente, e que surdos de outras Línguas de Sinais os empregavam acompanhados de soletração manual para nomes próprios ou para conceitos que não são conhecidos/usados na Comunidade Surda.

c. *Modificação de adjetivos e advérbios*: os sinais manuais são alinhados, temporalmente, às articulações-boca. Desse modo, quando o surdo faz um sinal manual de um advérbio, precisa acrescentar intensidade ou mudar o modo de um advérbio. No caso apontado por Boyes Braem (2001), por exemplo, em relação ao sinal *MORE*, na DGS, um surdo produziu a articulação-boca correspondente ao sinal, enquanto repetia o sinal, repetindo, também, o movimento da palavra falada. Na Libras temos o exemplo apresentado anteriormente do sinal *COPIAR*.

d. *Negação*: a negação nas Línguas de Sinais é pesquisada como um conjunto de sinais manuais coordenados ou com os sinais não manuais, por exemplo, balanço da cabeça e balanço de ombros. No entanto, as articulações-boca podem cumprir a função de negação, fundindo-se ao verbo, conferindo significado negativo a este, dispensando esses recursos não manuais (algo também observado por Boyes Braem (2001), na DGS, e por Pfau (2016), na ASL), resultando em uma sentença negativa.

e. *Derivação gramatical*: as articulações-boca permitem a criação de novos itens lexicais a partir de um mesmo sinal manual, como o sinal de *ESCOLA-REGULAR*, que é composto pelo sinal *NATURAL* acompanhado da sua articulação-boca 'eeculaa'.

f. *Especificação de sujeitos/agentes em verbos classificadores*: surdos nativos produzem articulações-boca associadas a verbos classificadores, para definir o sujeito daquele verbo.

g. *Vinculação*: de sujeitos aos verbos constituintes de frases nominais ou unidades prosódicas maiores.

h. *Estilo de discurso*: essa função é mais observada em surdos nativos que constroem a sinalização incorporando alguns aspectos da cultura oral, mas mantendo a estrutura da Língua de Sinais e, muitas vezes, representando, de forma teatral, atitudes de pessoas utilizando a língua oral.



As articulações-boca mostram quão fluida e dinâmica a Libras pode ser, pois permite a criação de novos conceitos e de novos sinais, a desambiguação de itens lexicais, entre outras funções gramaticais. Acima de tudo, mostra que a relação semântica articulação-boca e sinal manual é indissociável e, portanto, estes são considerados parte da Libras, do seu léxico natural, e resultantes da interpretação

visual-vibracional que o surdo faz da língua circundante, e não uma “extensão” ou influência da Língua Portuguesa.

5.6.2.3.2 Categorias de articulações-boca da Libras

As articulações-boca da Libras são classificadas em três grandes grupos, segundo critérios semânticos, funcionais e temporais:

Semântica:

- Articulação-boca prototípica;
- Articulação-boca variante,
- Articulação-boca divergente.

Função:

- Articulação-boca referencial;
- Articulação-boca classificadora;
- Articulação-boca flexionada;
- Articulação-boca performática,
- Articulação-boca especificadora.

Tempo que coocorre com os sinais-manuais:

- Articulação-boca síncrona;
- Articulação-boca reduzida;
- Articulação-boca estendida;
- Articulação-boca sobreposta,
- Articulação-boca independente/livre.

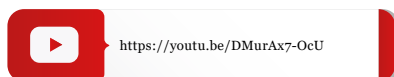
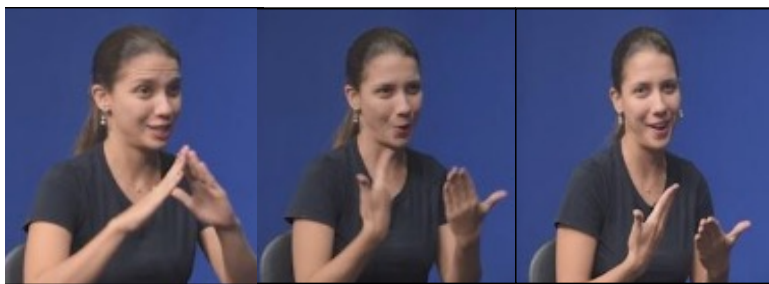
A) Classificação da articulação-boca quanto à semântica

Nesta classe, o critério para categorizar as articulações-boca é a *relação semântica* entre elas e o sinal manual. São três, de acordo com a maior ou com a menor congruência semântica, nesta ordem: prototípica, variante e divergente.

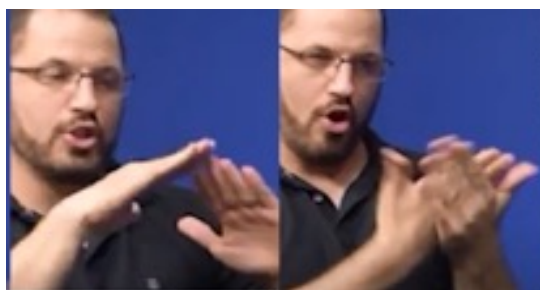
1. Articulação-boca prototípica

Essa categoria é a mais frequente na Libras e coocorre, frequentemente, com sinais substantivos, adjetivos e verbos não flexionados. São as articulações de boca com significados mais prototípicos em relação ao sinal manual, como, por exemplo, o sinal ESCOLA, que é acompanhado da articulação-boca prototípica ‘*esola*’:

Figuras 30(a) e (b) - Articulação-boca prototípica ‘esola’



Fonte: Pêgo (2021).



Fonte: Pêgo (2021)

A articulação-boca prototípica não se relaciona à “forma de produção” da palavra em Língua Portuguesa (como ela seria articulada na língua oral), mas à interpretação visual-vibracional do contato entre línguas de modalidades diferentes, ou seja, à relação semântica do sinal manual com a articulação-boca que comumente é produzida associada a este sinal. Nesta classe de articulações-boca, a produção sinalizada (lembrando que é a forma corporal, incluindo todos os articuladores manuais e não manuais) seria a forma mais central a que, primeiramente, os surdos pensam ao sinalizar. Prototipicamente seria a forma central, mais próxima do sinal manual.

Naturalmente, as glosas dos sinais manuais da Libras, por exemplo, possuem referência da Língua Portuguesa, porém, as articulações-boca são uma importante parte do sistema linguístico da Língua de Sinais e devem ser analisadas (e glosadas) da perspectiva visual-vibracional que o surdo tem com a língua oral circundante e como ele incorpora (ou não) a sua língua natural corporal-visual. Essa classe de articulação-boca reflete o forte contato entre as duas línguas, que, mesmo sendo

de modalidades tão distintas, conseguem emaranhar uma na outra, sem, no entanto, criar uma opressão linguística que anule a estrutura viso-terminológica da Libras. Poderíamos concluir, então, que a articulação-boca prototípica depende fortemente da Língua Portuguesa? Não, ela reflete o *fenômeno* de contato entre essas línguas, e as *escolhas lexicais* que os surdos fazem no discurso, na interação. Tomemos esse exemplo: a articulação-boca acompanha, mais comumente, o sinal ESCOLA na sinalização dos surdos. Visualizemos o sinal ESCOLA com a articulação-boca prototípica 'esola'.

Figura 31 - Sinal ESCOLA com a articulação-boca prototípica 'esola'



Fonte: Pêgo (2021).

Figura 32 - Sinal ESTUDAR com a articulação-boca prototípica 'estutaa'

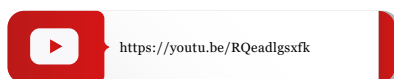


Fonte: Pêgo (2021).

Se a articulação-boca fosse dependente da Língua Portuguesa, ela não seria produzida associada a outros sinais, pois, nesta categoria, ela se associa, semanticamente, ao sinal, e não à palavra dessa Língua. Em menor frequência, mas ainda

em um número de vezes considerável, a articulação-boca 'esola' pode associar-se ao sinal *ESTUDAR*.

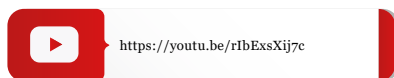
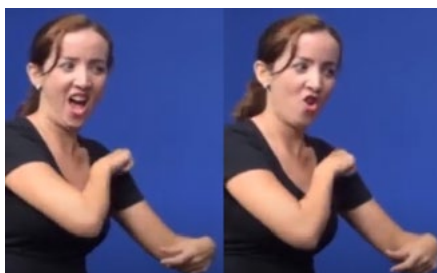
Figura 33 - Associação entre a articulação-boca 'esola' ao sinal *ESTUDAR*



Fonte: Pêgo (2021).

No exemplo abaixo, a articulação-boca variante 'aluto', na década de 90, associava-se, mesmo em baixa frequência, ao sinal *ESTUDAR*. Essa articulação-boca tornou-se prototípica quando um sinal específico, *ALUNO*, foi criado por surdos que ingressaram no curso de Letras - Libras, em 2006, a partir da demanda de um sinal, ou seja, essa bifurcação terminológica não está associada à Língua Portuguesa, mas ao contexto em que os surdos vão inserindo e incorporando à Língua de Sinais.

Figura 34 - Participante mostrando o sinal manual mais recente de *ALUNO*, acompanhado da sua articulação-boca prototípica 'aluto'



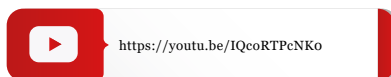
Fonte: Pêgo (2021).

Sabemos que a prototipicidade não possui limites nitidamente estabelecidos, mas podemos colocar que, devido ao fato de as articulações-boca acompanharem mais os substantivos que os verbos, elas assumem formas prototípicas quando associadas, semanticamente, aos sinais manuais com função substantiva e adjetiva.

2. Articulação-boca variante

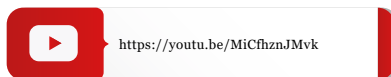
Definimos essa categoria como aquelas articulações-boca que possuem uma variação do significado padrão do sinal manual e não da forma como é oralmente produzida. Ou seja, nessa classe, a articulação-boca assume um significado variante do sinal associado à articulação-boca prototípica. Um exemplo seria o sinal *CASA*, que é acompanhado pelas seguintes articulações-boca:

Figura 35 - Sinal *CASA* e sua articulação-boca prototípica



Fonte: Pêgo (2021).

Figura 36 - Sinal *CASA* com articulação-boca variante 'poaaa`



Fonte: Pêgo (2021).

Essa última figura, mesmo com o sinal apresentando variação de movimento (repetição do contato entre as mãos), no discurso dos sinalizantes, as articulações-boca assumem essa forma variante, além de migrar de substantivo (associadas ao sinal manual *CASA*) para um verbo (associadas ao sinal manual *MORAR*), e

possuem significado aproximado, mas não tão prototípico quanto a primeira. Os sinais MORAR e CASA, apesar de glosados de formas diferentes, são muitas vezes sinalizados de forma igual, sendo a articulação-boca o fator que permite desambiguar, como no exemplo acima em que o participante sinaliza manualmente CASA, mas produz a articulação-boca variante ‘poaaa’.

3- Articulação-boca divergente

Essa categoria é muito presente em surdos nativos, pois exibe uma construção morfossintática e discursiva complexa, já que ocorre a sobreposição semântica da articulação-boca e do sinal associado. Essa sobreposição ocorre em um ou em mais sinais manuais, nos quais a articulação-boca não possui congruência semântica, mas se relaciona morfossintática ou discursivamente para a construção da sinalização.

No exemplo abaixo, um dos participantes do estudo de Pêgo (2021), quando se referiu a ouvintes que não sabiam Libras, explicou que não sabia como poderia ajudá-los (na visão de uma criança surda de pais surdos e de irmãos surdos, é estranho quando encontram ouvintes que não sabem Língua de Sinais, pois isso foge do que é o “comum” dentro do círculo em que elas vivem: o “normal” é sinalizar). O surdo, neste contexto, faz o sinal manual *AJUDAR*, associando à articulação-boca ‘copo’ (prototípica quando vinculada ao sinal manual *COMO*), que assume a característica divergente, neste momento, por não possuir relação semântica com o sinal manual, mas exibe uma função sintático-discursiva, contribuindo para que se compreenda o que ele queria expressar naquele momento. A seguir, apresentam-se as imagens do vídeo no qual o participante representa esse pensamento de *como ajudar?*.



Fonte: Pêgo (2021)

Outro exemplo que demonstra a utilização da articulação-boca divergente para enfatizar ou para demonstrar algo sem a necessidade de sinais manuais (a

articulação-boca pode ser vinculada não somente por proximidade semântica, mas também por divergência semântica que se encaixa na necessidade discursiva): a articulação-boca ‘so’ que, prototipicamente, está associada ao sinal manual *SÓ* e, na categoria divergente, ela se sobrepõe ao sinal manual *ESCRITA*, resultando no significado “só escrita”.

Figura 38 - Articulação-boca divergente ‘so’



Fonte: Pêgo (2021)

Muitos sinalizantes que não exibem alto nível de proficiência em Libras podem sinalizar, receosos de parecerem “articular demais a Língua Portuguesa”, com os lábios praticamente selados, os sinais manuais *ESCRITA+SÓ*. Os que possuem proficiência na língua conseguem sinalizar de forma fluida e encaixar, de forma confortável, as articulações-boca, seguindo as necessidades morfossintáticas, semânticas e discursivas da Libras.

A figura 39 abaixo mostra outro exemplo de uso da articulação-boca divergente, por uma surda que, no momento da sinalização manual do sinal *PROBLEMA* produziu articulação-boca ‘pote’ que, mesmo possuindo divergência semântica, permite a construção do significado de “não tem problema” e tal construção evidencia o papel da articulação-boca na substituição do uso de sinais manuais.

Figura 39 - Surda do estudo de Pêgo (2021) PROBLEMA com articulação-boca divergente 'pote'



Fonte: Pêgo (2021).

A categoria divergente demonstra que, apesar do contato estreito entre a Língua Portuguesa e a Libras, os sinalizantes utilizam-se do resultado da *interpretação* da visualidade-vibracional do Português como recurso discursivo e não somente como recurso morfolexical.

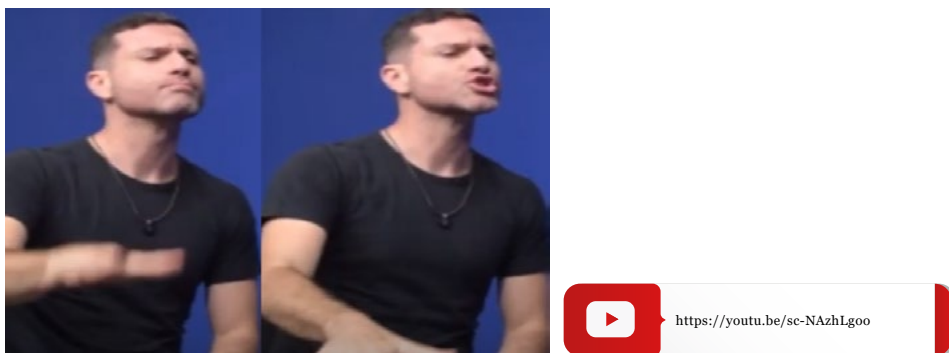
B) Classificação da articulação-boca quanto à função

O segundo critério para categorizar as articulações-boca são as funções que elas assumem em relação ao sinal manual, desde o nível lexical até o prosódico. São divididas em cinco, descritas a seguir.

1. Articulação-boca classificadora

Essa classe compõe-se de articulações-boca que conferem características classificadoras ao sinal manual. Observe este exemplo: o sinal manual *PEQUENO* pode ser associado à articulação-boca 'peeto'. A forma de produção da articulação-boca, apesar de, à primeira vista, parecer um gesto-boca, por possuir formas mais icônicas e representativas, ainda guarda características resultantes do fenômeno de contato entre a Língua Portuguesa e a Libras.

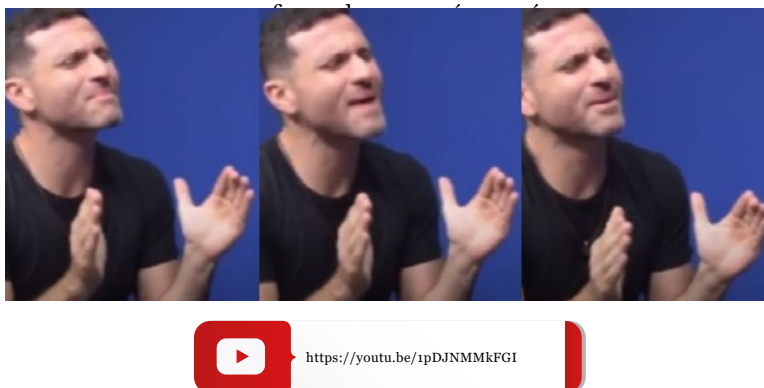
Figura 40- Articulação-boca 'peeto' associada ao sinal manual PEQUENO



Fonte: Pêgo (2021).

Como explicamos anteriormente, as articulações-boca apresentam gradiente de lexicalização, podendo ser mais ou menos lexicalizadas, mas dentro do uso dos sinalizantes. Observa-se que, no vídeo a seguir, a sinalização do sinal manual *BEBÊ* e, depois, a configuração desse sinal com a articulação-boca 'peeto' que, por sua vez, apresenta um movimento de repetição que pode ser reflexo de crescente lexicalização da articulação-boca (*PEPEPE*). A mesma articulação-boca, 'peeto', não só se vincula ao sinal manual *CRIANÇA/PEQUENO*, mas também a outros contextos e a outros sinais, como observado nas imagens dos vídeos, assumindo a função classificadora, na medida em que incorpora a forma do significado do sinal manual (PÊGO, 2021).

Figura 41 - Articulação-boca classificadora 'peeto' com lexicalização,



Fonte: Pêgo (2021).

Semelhante à forma 'pepepe', temos, também, uma outra articulação-boca classificadora 'p', que é produzida associada ao sinal manual *MARCAR*. A forma que a articulação-boca assume confere a característica da ação de marcar.

Figura 42 - Sinal MARCAR, associado à articulação-boca classificadora 'p'



Fonte: Pêgo (2021).

2- Articulação-boca flexionada

Categoria com alto índice de produção, associa-se comumente a sinais de verbos e de substantivos, pois permitem flexão verbal, de número e de gênero.

Na Libras, há uma crescente lexicalização da articulação-boca flexionada, principalmente a verbal, e isso certamente representa um dos frutos da interpretação do contato entre surdos com a Língua Portuguesa, não na sua forma oral, mas na sua forma visual-vibracional. Por exemplo, no estudo de Pêgo (2021), um dos participantes, de pais surdos e irmã surda, esteve imerso em um ambiente rico linguisticamente visual, comparando-se aos outros participantes cujos pais são ouvintes e foram expostos à Libras mais tardiamente. As articulações-boca, por serem uma das consequências do contato com a língua oral circundante, poderiam ser menos frequentes nesses surdos com famílias de surdos. No entanto, os dados mostraram que estes sinalizantes produziram tantas articulações-boca flexionadas quanto os que não possuíam parentes surdos ou exposição precoce à Língua de Sinais em casa. Nos exemplos abaixo, retirados desse estudo, participantes mostram as várias flexões do sinal manual verbal *LEMBRAR*, resultando nas articulações-boca flexionadas, 'eepaa' e 'nao-eepoo', que indicam flexão verbal de tempo e de pessoa (*lembra, não lembro*).

Figura 43 - LEMBRA, articulação-boca flexionada 'eepaa'



Fonte: Pêgo (2021).

Figura 44 - NÃO LEMBRO, articulação-boca flexionada NAO-EEPOO



Fonte: Pêgo (2021).

Outro exemplo de flexão do verbo pela articulação-boca se encontra neste vídeo a seguir, onde a sinalizante produz o sinal manual VIAJAR com a articulação-boca 'foi'. Quando essa articulação-boca é produzida com o sinal manual VIAJAR, como no vídeo, ela permite que o verbo flexione para o tempo passado, sem necessidade de acrescentar o sinal manual JÁ ou o sinal PASSADO, para permitir que se compreenda o tempo da ação do verbo.

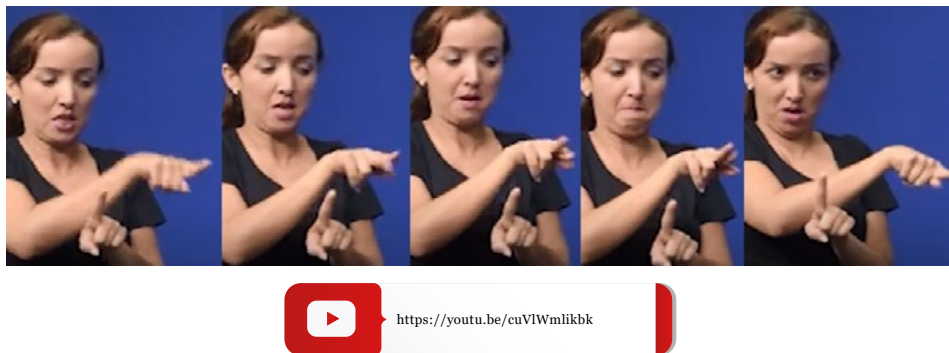
Figura 45 - Articulação-boca ‘foi’ flexionando o verbo no passado



Fonte: Pêgo (2021).

Outro processo flexional que a articulação-boca promove é a flexão de gênero. No vídeo abaixo observa-se esse processo no sinal manual IRMÃO, cujo acréscimo do sinal manual HOMEM ou MULHER flexiona o sinal ‘irmão’, permitindo que ocorra a especificação de gênero. No entanto, a articulação-boca ‘iipa’ ou ‘ii-pao’ permite essa flexão sem necessidade de sinalização manual, quando ocorre simultaneamente com o sinal IRMÃO.

Figura 46 - Flexão de gênero do sinal manual IRMÃO com a articulação-boca ‘iipa’



Fonte: Pêgo (2021).

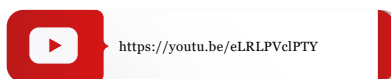
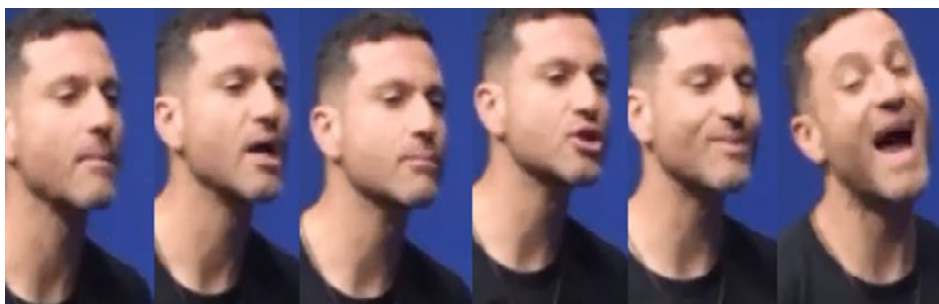
3 - Articulação-boca performática

A classe de articulação-boca performática encaixa-se nos sinais ou nas construções que incorporam partes visuais-vibracionais da Língua Portuguesa, sendo bem representativas e mais presentes em surdos nativos. Exige proficiência, pois as escolhas no discurso são complexas, demandando combinação de diversas habilidades sintático-discursivas oriundas da incorporação e da interpretação visual da Língua Portuguesa na sinalização.

Um exemplo dessa categoria, no vídeo abaixo, mostra a habilidade do surdo de interpretar o mundo circundante. No contexto do vídeo, retirado do estudo de

Pêgo (2021), o surdo com pais e irmã surdos, ao explicar como os ouvintes “falavam” em uma situação que ele estava narrando, produz as articulações-boca ‘alo’, ‘pa-papa’, ‘potitio’, incorpora o comportamento corporal e associa aos sinais manuais (TELEFONE, BONITO), como observado na imagem abaixo. As articulações-boca, ao serem produzidas de forma combinada e associada aos sinais manuais escolhidos na sinalização, conferem uma característica performática a esses sinais.

Figura 47 - Articulação-boca performática ‘alo’



Fonte: Pêgo (2021).

Segundo Pêgo (2021) *não estamos colocando a língua oral circundante como “referência” para a produção de articulações-boca desta categoria. As articulações-boca devem ser categorizadas pela semântica e pela interpretação visual da língua oral circundante.* Um exemplo dessa diferença de articulação é a imitação de fala de ouvintes. Enquanto prosodicamente os ouvintes complementam sua produção oral articulando *bla-bla-bla* ou *fala-fala-fala* para se referirem ao ato de tagarelar ou de falar muito, os surdos articulam em forma de *pa-pa-pa* e isso pode ser referência a um teatro de fantoche, por exemplo, em que o movimento visual dos fantoches (visualmente os surdos veem como *pa-pa-pa*) é imitado e incorporado como recurso prosódico para imitar ouvinte. (Pêgo, 2021)

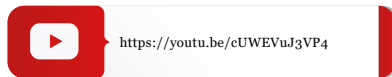
Os vídeos abaixo mostram essa performance. Na figura 48, há produção da articulação-boca ‘papapa’ na sinalização de uma surda que conta uma situação na infância em que a irmã a ajudava nas aulas da escola “repetindo” o que a professora falava, sentada ao lado. Observamos a mesma produção na sinalização dos outros dois vídeos, quando narram situações com ouvintes ou situações em que precisam oralizar em Língua Portuguesa para a família ou para os professores, por exemplo.

Figura 48 - Articulação-boca performática 'papapa'



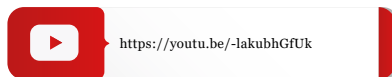
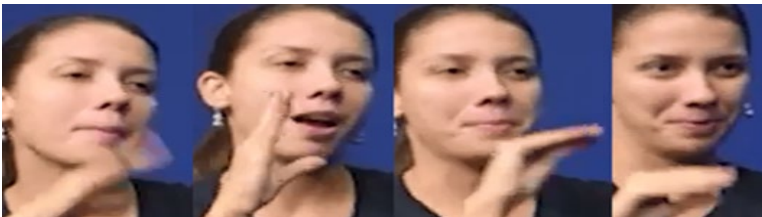
Fonte: Pêgo (2021).

Figura 49 - Articulação-boca performática 'papapa' produzida por um surdo do grupo 2



Fonte: Pêgo (2021).

Figura 50 - Articulação-boca performática 'papapa' produzida por uma surda do grupo 1



Fonte: Pêgo (2021).

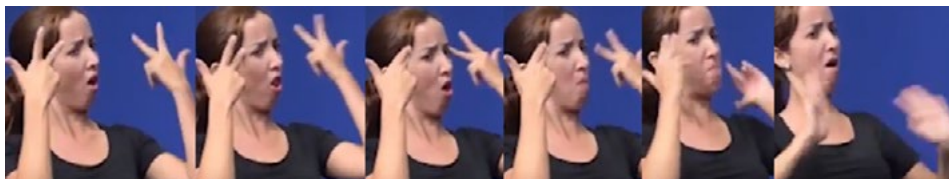
A presença dessa categoria de articulação-boca e a escolha de uso dela mostram a segurança do surdo sinalizante de que a Libras não é subjugada pela Língua Portuguesa, pois ele não possui receio de utilizar as articulações-boca que, aparen-

temente, possuem maior ou menor referência em relação à Língua Portuguesa. Essa classe de articulação-boca evidencia a criatividade do uso dos frutos resultantes da interpretação que os surdos fazem do mundo e das línguas que os cercam. Essa interpretação não é da forma oralizada da Língua Portuguesa, mas das formas visuais-vibracionais com que essa língua se apresenta para os surdos. Sinalizantes altamente proficientes fazem uso dessa categoria de articulações-boca com maestria, permitindo a produção de uma sinalização mais leve, fluida e visual (Pêgo, 2021).

4- Articulação-boca especificadora

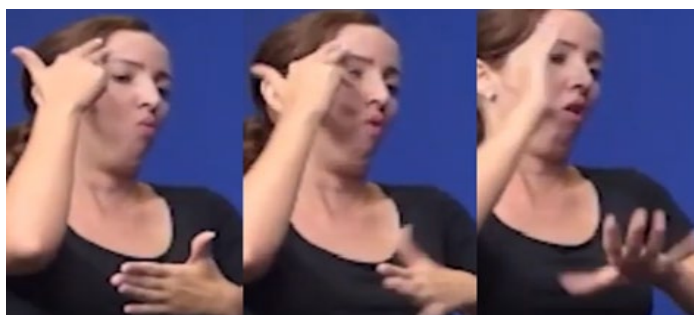
Quando há sinais em que todos os parâmetros visiológicos são iguais (configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão, expressão facial e corporal), a articulação-boca pode assumir o papel de *desambiguar* e de diferenciar pares mínimos e também desambiguar sentidos quando os sinais são polissêmicos. As figuras abaixo ilustram um exemplo com os sinais manuais *REGULAR* (escola regular) e *NORMAL*. Muitas vezes, quando não há acréscimo de um sinal manual que normalmente se usa para contextualizar o visema, pode-se prever a ocorrência das articulações-boca em coocorrência com a sinalização manual. Neste item, nosso foco não é a semântica que ela assume, mas a função que exerce, diferenciando os itens lexicais manuais. Nos exemplos a seguir, a sinalizante produziu a articulação-boca *EECUAAA*, associando-a ao sinal manual *NORMAL* para especificar o significado de *ESCOLA REGULAR*

Figura 51 - Articulação-boca prototípica acompanhando o sinal manual *NORMAL*



Fonte: Pêgo (2021).

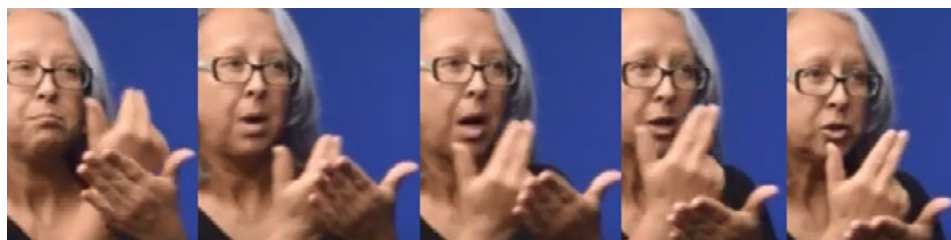
Figura 52 - Articulação-boca conferindo o significado de REGULAR ao sinal manual NORMAL



Fonte: Pêgo (2021).

As articulações-boca especificadoras desempenham funções de complementação e de especificação de visemas. O exemplo abaixo demonstra o uso da articulação-boca especificadora *IPAXE* para complementar o sinal manual verbal *DESENHAR*.

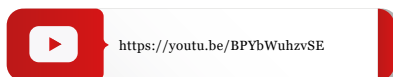
Figura 53 - Articulação-boca especificadora IPAXE para complementar o sinal DESENHAR



Fonte: Pêgo (2021).

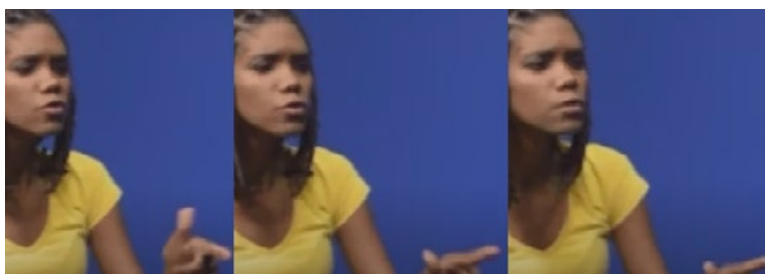
Outro exemplo de desambiguação foi produzido no sinal *DE-NOVO*, associado a duas articulações-boca diferentes: *TE-TOFO* e *PAIS*, significando *de novo* e *mais*, respectivamente. As imagens abaixo permitem observar a atuação da articulação-boca especificadora para desambiguar esses dois pares mínimos.

Figura 54 - Articulação-boca 'pais' associada ao sinal manual DE-NOVO



Fonte: Pêgo (2021).

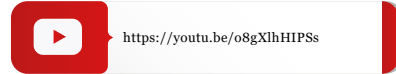
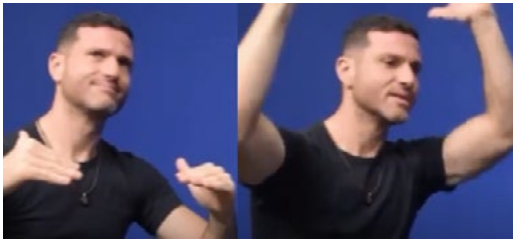
Figura 55 - Articulação-boca 'te-tofo' associada ao sinal manual DE-NOVO



Fonte: Pêgo (2021).

Nos verbos classificadores, a articulação-boca pode exercer o papel de complementar, de modificar ou de especificar o significado, como nos exemplos abaixo, em que: 1) o surdo sinaliza *SUPERIOR* com a articulação-boca 'pais', permitindo conferir intensidade ao significado do sinal manual *SUPERIOR*; e 2) o mesmo surdo sinaliza *PEGAR* com a mesma articulação-boca 'pais' com o objetivo de complementar o significado, dando o sentido de não parar ao sinal manual (Pêgo, 2021).

Figura 56 - O surdo sinaliza SUPERIOR com a articulação-boca 'pais'



Fonte: Pêgo (2021).

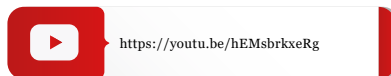
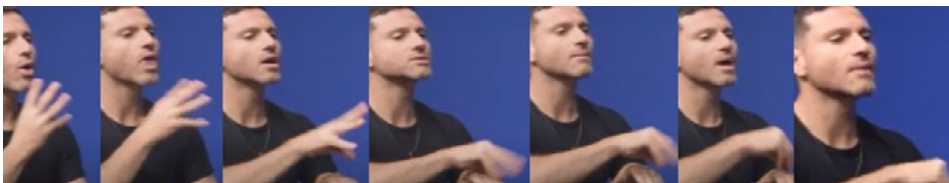
Figura 57 - O mesmo surdo sinaliza PEGAR com a mesma articulação-boca 'pais'



Fonte: Pêgo (2021).

Um sinal manual verbal pode mudar de categoria gramatical quando associado a uma articulação-boca especificadora. O sinal manual *CONHECER*, por exemplo, pode ser vinculado à articulação-boca 'oesipeto', resultando no visema *CONHECIMENTO*, e apresentar a seguinte variação manual:

Figura 58 - Sinal manual *CONHECER* associado à articulação-boca 'oesipeto'



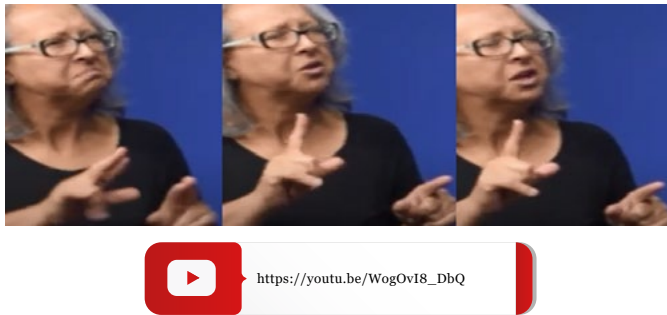
Fonte: Pêgo (2021).

A classe de articulações-boca especificadoras permite desambiguar pares mínimos, especificar, complementar e modificar significados de sinais manuais da Libras.

5- Articulação-boca referencial

Na Libras, a articulação-boca referencial assume função complementar, quando associada aos sinais manuais de indicação. Além disso, ela pode realizar o processo de referenciação na sinalização (quando houver especificação do lugar do referente no espaço ou no discurso). A referenciação não é feita somente pela especificação da locação ou pela indicação manual, mas também pela produção da articulação-boca. Um exemplo, na figura 59, é a articulação-boca produzida quando se refere a algo, como, por exemplo, na sinalização abaixo a surda explica o fato de *sentir-se diferente*. Ela sinaliza o sinal *DIFERENTE* com sua articulação-boca ‘tifeete’ e, após fazer uma pergunta retórica, aponta para o mesmo lugar concomitantemente à articulação-boca ‘tifeete’, que se refere ao sinal anteriormente produzido.

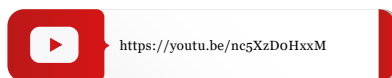
Figura 59 - Articulação-boca referencial ‘tifeete’



Fonte: Pêgo (2021).

Outra referenciação ocorre em *ESCOLA* e *CASA* que, além da indicação manual, ainda há a produção da articulação-boca ‘*esola*’, de forma a reforçar o processo de referenciação, como observado na imagem a seguir:

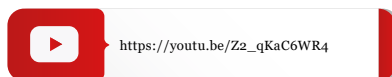
Figura 60 - Sinal manual ESCOLA associado à articulação-boca 'esola'.



Fonte: Pêgo (2021).

Num dos dados do estudo de Pêgo (2021), na sinalização manual de PROFESSOR há produção da articulação-boca 'poofesoo' para referenciar o papel do professor (especificando e referenciando que assumiria a fala na história) e a locação do professor (mostrando no espaço onde o professor estaria). Os dois vídeos abaixo demonstram a utilização dessa articulação-boca referencial em momentos diferentes do discurso:

Figura 61- Articulação-boca referencial 'poofesoo'



Fonte: Pêgo (2021).

Figura 62 - Articulação-boca referencial 'poofoosoo', produzida em outro momento da sinalização



Fonte: Pêgo (2021).

C) Classificação da articulação-boca quanto ao tempo que coocorre com os sinais-manuais

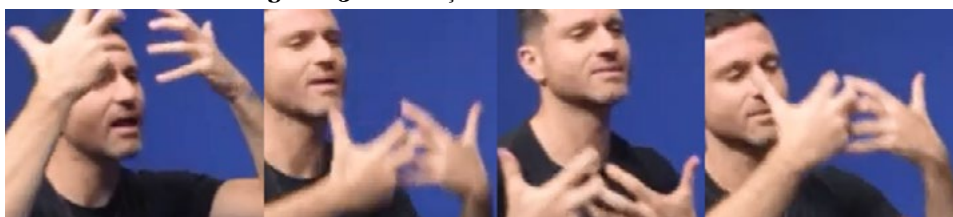
O último critério para classificar as articulações-boca da Libras é o tempo que elas coocorrem com os sinais manuais, que pode ser de forma síncrona, reduzida, estendida, ou até mesmo de forma independente, na ausência do sinal.

1 - Articulação-boca síncrona

Nessa categoria, temos a sincronicidade da produção da articulação com o sinal manual. Ela se inicia juntamente com o sinal e termina quando a sinalização do sinal manual chega ao fim. É mais frequentemente associada a substantivos e a verbos, e seu tempo de produção, normalmente, depende do tempo e do movimento do sinal manual, sendo semanticamente ancorada a ele.

No exemplo abaixo, o participante mostra uma articulação-boca 'eeflexao' que acompanha o sinal manual *REFLEXÃO*, no qual o participante, manualmente, estende o sinal de forma circular e a articulação-boca acompanha esse tempo, sincronicamente.

Figura 63 - Articulação-boca síncrona 'eeflexao'

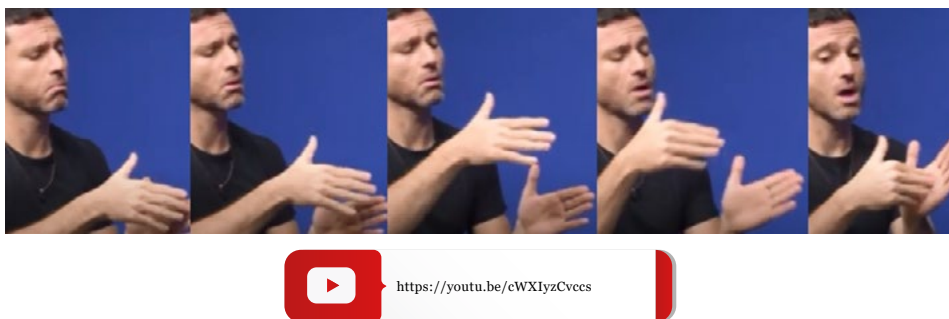


Fonte: Pêgo (2021).

A articulação-boca ‘*eeflexao*’ segue o movimento do sinal manual, conferindo características mais adjetivas ao substantivo, podendo substituir, por exemplo, o franzir dos olhos, fato que indica esforço. Ou seja, a sincronicidade da articulação-boca permite completar a construção morfossintática.

A articulação-boca atua em conjunto com o sinal manual, como no caso do *ATÉ*, em que o surdo sinaliza de três formas (*vide exemplos abaixo*), sincronizando os dois componentes (sinal manual e articulação-boca) de formas diferentes. Neste primeiro exemplo, o movimento do sinal manual *ATÉ* é curto e o movimento da articulação-boca síncrona *ATE* o segue, conforme observado abaixo:

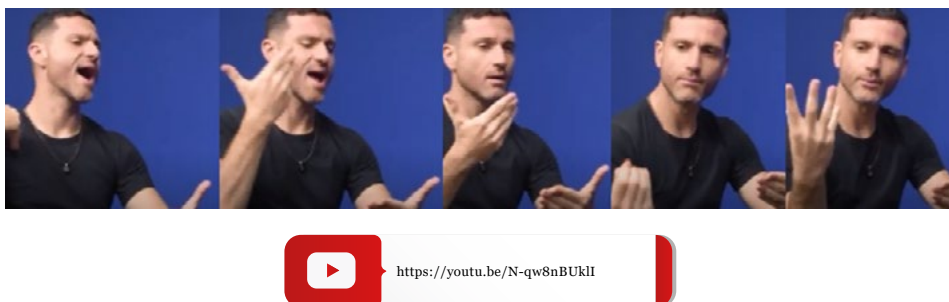
Figura 64 - Articulação-boca ‘ate’ acompanhando o movimento do sinal manual *ATÉ*



Fonte: Pêgo (2021).

O segundo momento, dentro do contexto em que ele relata a criação do Letras/Libras no “meio do caminho”, o sinal manual *ATÉ* é interrompido concomitantemente ao movimento da articulação-boca:

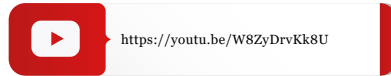
Figura 65 - Sincronicidade da articulação-boca ‘ate’ com o movimento do sinal manual *ATÉ*



Fonte: Pêgo (2021).

Neste terceiro vídeo, o movimento de início e de final do sinal manual *ATÉ* também é acompanhado, de forma simultânea, pela articulação-boca síncrona *ATE*:

Figura 66 - Movimento de início e final da articulação-boca 'até' age em sincronia com o movimento do sinal manual ATÉ



Fonte: Pêgo (2021).

2 - Articulação-boca reduzida

Temos também a redução do tempo de produção da articulação-boca com relação ao sinal manual que normalmente a acompanha. São articulações-boca prototípicas ou variantes, pois a relação semântica permite a redução do tempo. O foco não é na forma como elas são articuladas, mas no tempo de produção relacionado ao sinal manual. O sinalizante precisa coordenar dois componentes linguísticos corporais-visuais que podem ser complementares ou não.

Assim, nesta categoria, a articulação-boca da Libras tem seu tempo de produção reduzido, finalizando antes do sinal manual ou iniciando-se no meio da sinalização deste sinal, ou até mesmo no fim. Este participante, ao contextualizar o sinal FORMAR, ele produz a articulação-boca no final da sua sinalização manual, conforme demonstrado no vídeo a seguir:

Figura 67 - Produção da articulação-boca reduzida 'foopa'



Fonte: Pêgo (2021).

O tempo da articulação-boca reduzida *FOOPA* não só se relaciona ao tempo de produção do sinal manual *FORMAR*, mas também à semântica do sinal. Essa é

a diferença dessa categoria para as outras como a sobreposta.

Outro exemplo de articulação-boca reduzida foi observada no estudo de Pêgo (2021), no fim da produção do sinal manual *HISTÓRIA*, com a articulação-boca 'iistoia'.

Figura 68 - Articulação-boca reduzida 'iistoia' sendo produzida no final do sinal manual *HISTÓRIA*



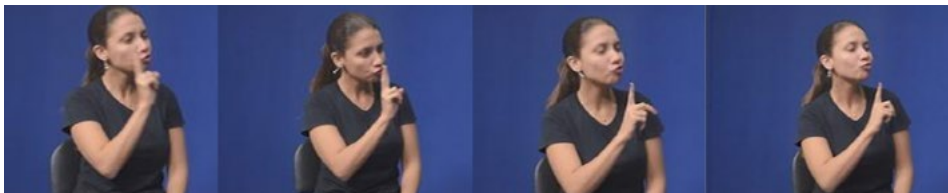
Fonte: Pêgo (2021).

A categoria reduzida tem poucos exemplos, o que demonstra que a semântica e o tempo são aspectos quase indissociáveis e progressiva e lexicalmente entrelaçados.

3 - Articulação-boca estendida

Essa classe de articulação-boca ocorre nas produções sinalizadas em que o tempo de coordenação não acompanha somente um sinal manual, mas inicia com o sinal que normalmente a acompanha, se sobrepõe a um ou mais sinais e é sempre influenciado pelo sinal adjacente. Essa categoria foi descrita por Mohr (2014) como a categoria 6b – articulação-boca estendida. O exemplo apresentado na figura abaixo ilustra claramente a articulação-boca 'titaá' se sobrepondo ao sinal VER, sendo produzida antes, durante e depois do sinal VER, no sinal TER em seguida, como se observa na sequência de *frames*.

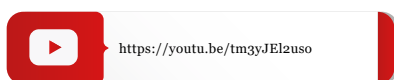
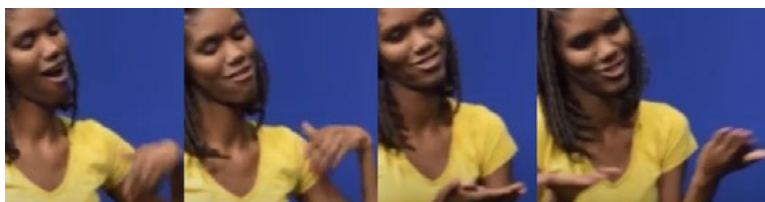
Figura 69 - Articulação-boca 'titaa' estendida na Libras, acompanhando os sinais VER e TER



Fonte: Pêgo (2021).

As articulações-boca estendidas são mais claramente identificadas quando se estendem por um ou por mais sinais depois do sinal que prototipicamente ou variavelmente o acompanha; porém, temos um exemplo que confirma a importância de atentarmos à relação semântica dos sinais adjacentes, como demonstrado no caso a seguir, em que a surda produz a articulação-boca *OOXE*. Essa articulação-boca normalmente acompanha o sinal manual *HOJE* e, na sinalização dela, iniciou-se antes do sinal, acompanhando o anterior (*ATÉ*), estendendo até o sinal a que é vinculada, *HOJE*. Observemos as imagens a seguir:

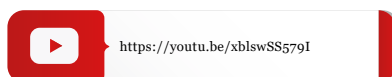
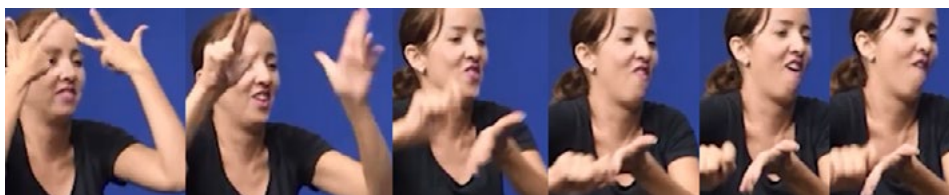
Figura 70 - Articulação-boca estendida 'ooxe' acompanhando os sinais manuais *ATÉ* e *HOJE*



Fonte: Pêgo (2021).

Isso indica que pode haver a extensão da articulação-boca por sinais anteriores ou posteriores aos sinais manuais que, prototípica ou variavelmente, tal articulação acompanha. Seguem dois exemplos do sinal *NATURAL*, com a articulação-boca 'tatuau', estendendo-se pelos sinais adjacentes.

Figura 71 - Articulação-boca estendida 'tatuau' se estendendo por sinais adjacentes

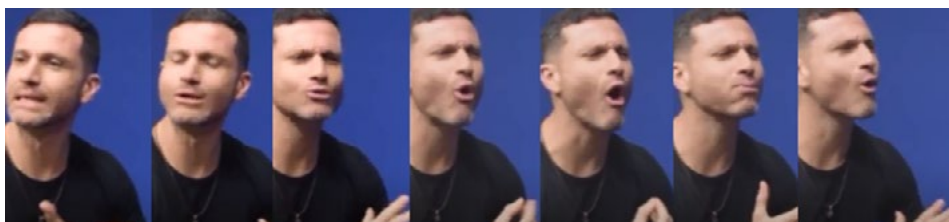


Fonte: Pêgo (2021).

4 - Articulação-boca sobreposta

Como o próprio nome diz, são articulações-boca que se sobrepõem ao sinal não associado a ela, ou seja, quando são produzidas fora do escopo de tempo do sinal manual semanticamente associado a ela. A articulação-boca sobreposta diferencia-se da estendida por não possuir semântica relacionada ao sinal manual, apesar de estar relacionada prosódica ou discursivamente. Temos os exemplos que já foram expostos anteriormente, na categoria performática, como este abaixo:

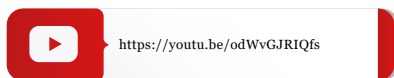
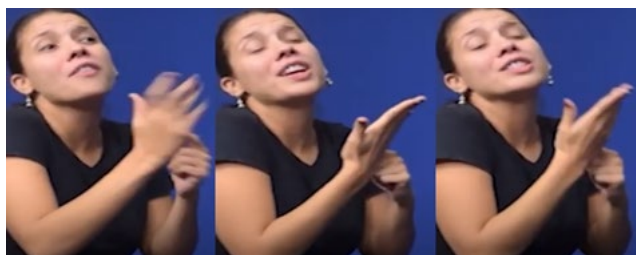
Figura 72 - Articulação-boca 'copo' sobrepondo-se ao sinal manual AJUDAR



Fonte: Pêgo (2021).

A articulação-boca 'copo' sobrepõe-se ao sinal manual *AJUDAR* e, mesmo estendendo-se e sendo produzida associada ao sinal *COMO*, ela não se relaciona semanticamente, mas, sim, discursivamente a esse sinal. O mesmo caso se aplica à sinalização da produção a seguir, quando produz a articulação-boca sobreposta 'fase-o-ee', quando sinaliza manualmente *AJUDA*.

Figura 73 - Exemplo de articulação-boca sobreposta ('fasee-o-ee') ao sinal manual AJUDAR



Fonte: Pêgo (2021).

Essa categoria representa a maioria das articulações-boca performáticas, pois exigem alta habilidade de coordenar tempo e semântica do sinal e da articulação-boca.

5 - Articulação-boca independente

Nessa classe observa-se a produção da articulação-boca prototípica, variante, flexionada ou especificadora, mas sem o sinal que normalmente é a ela associado, ou seja, essa articulação-boca pode associar-se a um ou a mais sinais, ou, neste caso, ser produzida sem sinalização manual, de forma independente e livre. Carregam significado sozinhas ou preenchem lacunas lexicais quando não há sinal correspondente. As imagens abaixo ilustram um exemplo de quando a surda produz a articulação-boca 'tao-eteti', sem nenhum sinal manual. Não se constitui em alternância de línguas, visto que demonstra como um componente não manual pode se desvincular de um sinal manual carregando sentido pela situação comunicativa que se estabelece naquele momento.

Figura 74 - Articulação-boca 'tao-eteti' que normalmente se associa ao sinal manual ENTENDER-NÃO



Fonte: Pêgo (2021).






No exemplo acima há produção da articulação-boca que flexiona o sinal manual ENTENDER-NÃO, de forma independente e desvinculada, sem produzir o sinal manual, e que é compreendida quando ela solicita repetição da pergunta à entrevistadora, por meio da articulação-boca ´tao-eteti`. Essa categoria evidencia o quão lexicalizadas as articulações-boca são na Libras, permitindo a sua produção de forma independente e coesa dentro da sinalização manual-corporal.

Tabela com as categorias de articulações-boca

CATEGORIAS DE ARTICULAÇÕES-BOCA DA LIBRAS			
CRITÉRIO	CATEGORIA	CONCEITO	EXEMPLO
RELAÇÃO SEMÂNTICA SINAL-MANUAL x ARTICULAÇÃO-BOCA	PROTOTÍPICA	Articulação-boca cujo significado é prototípico em relação ao significado do sinal manual.	
	VARIANTE	Articulação-boca cujo significado é mais variante que a relação prototípica do significado do sinal manual.	
	DIVERGENTE	Não há relação semântica (ou relação é muito distante) entre o sinal manual e a articulação-boca.	

CATEGORIAS DE ARTICULAÇÕES-BOCA DA LIBRAS

CRITÉRIO	CATEGORIA	CONCEITO	EXEMPLO
FUNÇÃO	REFERENCIAL	Articulação-boca que referencia pessoas, lugares e papéis no discurso.	
	ESPECIFICADORA	Articulação-boca específica o significado do sinal manual.	
	FLEXIONADA	Articulação-boca que flexiona o sinal manual.	 
	CLASSIFICADORA	Articulação-boca que confere características classificadoras ao sinal manual.	
	PERFORMÁTICA	Articulação-boca que se relaciona ao discurso.	

CATEGORIAS DE ARTICULAÇÕES-BOCA DA LIBRAS			
CRITÉRIO	CATEGORIA	CONCEITO	EXEMPLO
TEMPO ASSOCIADO AO SINAL MANUAL	SÍNCRONA	Articulação-boca produzida, semântica e temporalmente, junto ao sinal manual.	
	SOBREPOSTA	Articulação-boca que se sobrepõe, semântica e temporalmente, a um ou a mais sinais manuais.	
	REDUZIDA	Articulação-boca produzida no meio ou no fim da sinalização do sinal.	
	ESTENDIDA	Articulação-boca que se sobrepõe temporalmente a um ou a mais sinais manuais, mas é influenciada semanticamente pelos sinais adjacentes.	
	INDEPENDENTE	Articulação-boca que se sobrepõe, semântica e temporalmente, a um ou a mais sinais manuais.	

Fonte: Pêgo (2021)

Transcrição das articulações-boca das Línguas de Sinais (PÊGO, 2021)

A maioria dos estudos transcreve as articulações-boca com base no código fonético da língua oral do meio, perpetuando o “forçado” *ancoramento linguístico* das Línguas de Sinais nas línguas orais, subtraindo algumas particularidades visuais que são intrínsecas às Línguas Sinalizadas e que demonstram ser muito mais complexas e multimodais do que pensamos. O fato de serem corporais-visuais e permitirem a “materialização” de pensamentos permite aos estudiosos, também das línguas orais, estudarem de que formas estas não permitem tal materialização por serem lineares, orais-auditivas. A dificuldade de transcrever “julgando” as articula-

ções-boca com referência à fonética da língua oral reflete, também, a necessidade de mudança da terminologia que possa abranger os aspectos corpóreo-visuais dessa modalidade linguística.

Os atuais códigos para transcrever a articulação-boca não são compatíveis e não permitem a descrição aproximada ou exata da sua forma de produção, pois eles fazem referência aos sons e à forma de escrita das línguas orais. É importante destacar que o ELAN possui suas limitações, já que as trilhas só permitem a transcrição utilizando o código alfanumérico e fonético da língua oral. Incluindo o SW ou o ELIS, será possível a transcrição das articulações-boca, pois tal fato permitirá englobar as características visuais da Língua de Sinais que não estão presentes na gramática da língua oral.

Por ainda não haver esse recurso no ELAN, as glosas das articulações-boca da Libras devem ser transcritas com referência somente aos Sons Surdos, que são os fonemas “mais visuais” da língua oral. Por exemplo, a articulação-boca que acompanha o sinal *CASA* será glosada como *ASA*, e não como /kaza/, que é o som tradicionalmente transcrito.

Um exemplo do nosso estudo demonstra que, visualmente, é diferente para o surdo a percepção do movimento da articulação-boca *IUAL*, que acompanha o sinal *IGUAL*, e que normalmente seria transcrito pela ótica ouvinte como *IGUAL* ou [igw'aw]. Para os surdos, o movimento articulatório do G não é visualizado, e o L no fim das palavras é omitido na articulação, resultando em uma glosa *IUA*, como mostra o vídeo do sinalizante do Grupo 3:

Figura 75 - Articulação-boca IUA, associada ao sinal IGUAL



Fonte: Imagens do vídeo disponível no canal do YouTube, *Libras_Articulações-boca*.¹⁰

Essa correspondência visual é importante para transcrever de forma mais padronizada, tanto por transcritores ouvintes quanto por transcritores surdos,

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qk2GNCKMgoI>



seguindo o movimento visual-articulatório. Cielo (2008) confirma a necessidade de discriminação visual atrelada à auditiva, nos Sons Surdos:



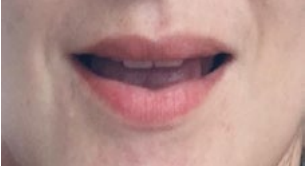


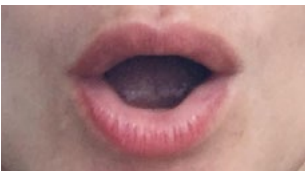
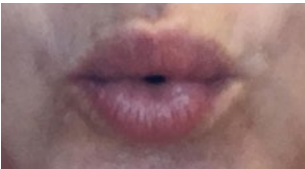
As informações lingüísticas [sic] e visuais, aliadas às informações acústicas, também podem auxiliar a percepção apurada dos fonemas fricativos surdos, uma vez que os fricativos são fonemas com turbulência aérea evidenciada e de altas freqüências[sic], mas também com uma articulação de certa forma visível utilizando-se de lábios e língua e auxiliando o ouvinte com essas pistas visuais. Além disso, a língua falada e o contexto lingüístico [sic] também favorecem a identificação de tais fonemas. (CIELO, 2008, p.353)

Um fato interessante que nos mostra o quanto esse contato lingüístico é passado de surdo para surdo, fruto de experiências visuais semelhantes, é a habilidade de crianças surdas que ainda não adquiriram a escrita da Língua Portuguesa de reproduzirem, visualmente, as articulações-boca. Com o progressivo contato com a escrita, ela passa a aprimorar o reconhecimento de movimentos articulatórios que possuem mais influência da língua oral. Lembramos, aqui, que há articulações-boca que são fortemente representativas do contato entre a Língua Portuguesa e a Libras e outras que foram adquirindo formas mais lexicalizadas.

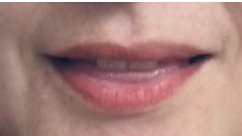

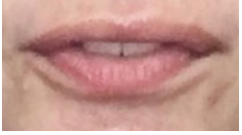


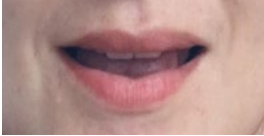

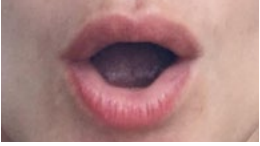
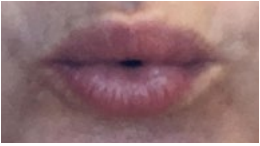
Esse quadro de transcrição permite assumir uma perspectiva mais real e vinculada à interpretação visual que os surdos têm sobre os movimentos dos fonemas da Língua Portuguesa, possibilitando a transcrição, tanto por indivíduos surdos, quanto por ouvintes, pois se desvincula a ortografia dos sons e coloca a visualidade do movimento articulatório como base para as glosas.

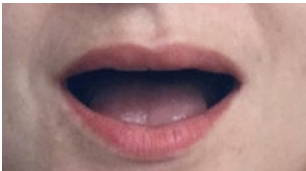


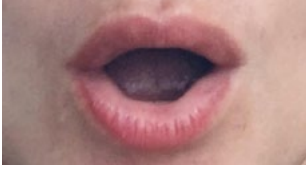


Articulações-boca e suas correspondências com as transcrições das glosas dos sinais manuais


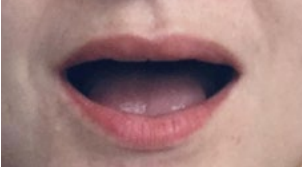
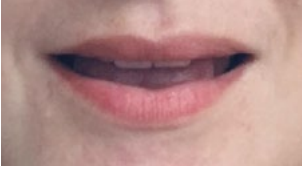

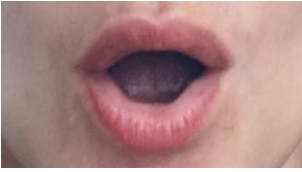
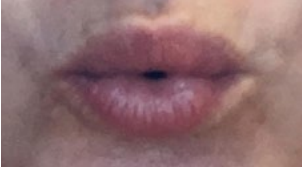
Grafemas (glosas dos sinais manuais)	Grafemas (glosas das articulações-boca)	Forma visual-articulatória*
a	a	
b	p	

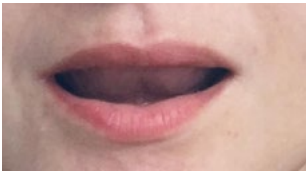
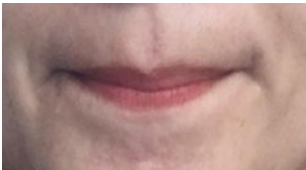
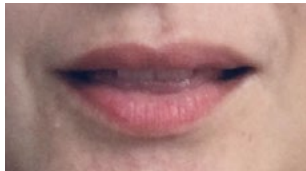

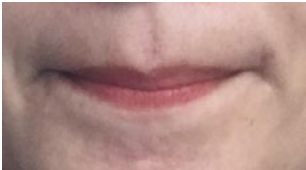
		 <p>ca</p>   <p>ce</p>   <p>ci</p>  <p>co</p>  <p>qu</p> <p>cu</p>
	<p>a/o/u (assume a forma da vogal que o acompanha)</p> <p>e/i (assume a forma do s)</p>	

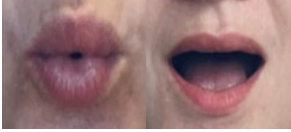
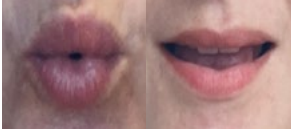
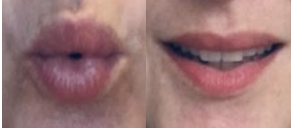
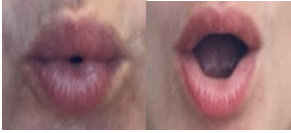

c

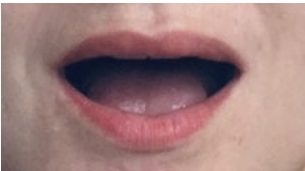

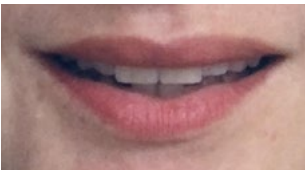
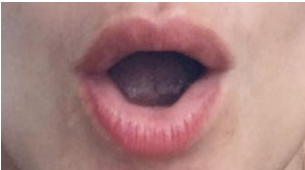
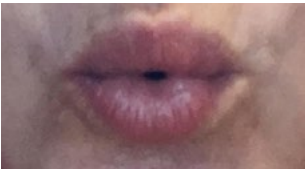


d	t	
e	e	
f	f	
g	<p>X(se acompanhado da vogal E ou da vogal I)</p> <p>Assume a forma da vogal que o acompanha (A, O ou U)</p>	 <p>ga</p>   <p>ge</p>  <p>gi</p>  <p>go</p>  <p>gu</p>

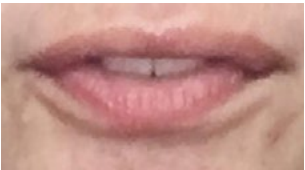
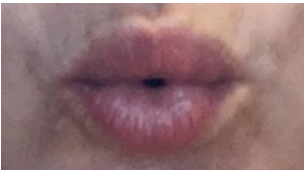
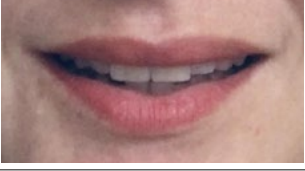

h	a/e/i/o/u (assume a forma da vogal que o acompanha)	 <p>ha</p>  <p>he</p>  <p>hi</p>  <p>ho</p>  <p>hu</p>
i	i	

j	x	
k	a/e/i/o/u (assume a forma da vogal que o acompanha)	 <p data-bbox="877 520 902 547">ka</p>  <p data-bbox="877 740 902 768">ke</p>  <p data-bbox="877 964 902 991">ki</p>  <p data-bbox="877 1186 902 1213">ko</p>  <p data-bbox="877 1415 902 1443">ku</p>

l	l	
m	p	
n	t	
o	o	
p	p	

<p>q/qu</p>	<p>a/e/i/o/u (assume a forma da vogal que o acompanha)</p>	 <p>qua</p>  <p>que</p>  <p>qui</p>  <p>qui</p> 
-------------	--	---

r	a/e/i/o/u (assume a forma da vogal que o acompanha)	 <p data-bbox="945 314 971 333">ra</p>  <p data-bbox="945 538 971 556">re</p>  <p data-bbox="945 762 971 780">ri</p>  <p data-bbox="945 988 971 1006">ro</p>  <p data-bbox="945 1212 971 1230">ru</p>
s	s	
t	t	

u	u	
v	f	
x/ch	x	
w	u/f	 
y	i	
z	s	

Fonte: Pêgo (2021).

5.7 Descrições Imagéticas e Classificadores

Ana Regina e Souza Campello, Marcos Luchi

Iniciamos esse tópico apresentando aspectos relacionados à visualidade primitiva, referência puramente imagética, que revelam a Forma Surda de experienciar o mundo. Tais elementos ocorrem nas Línguas de Sinais concomitantemente ao uso de itens lexicais padrões, entendendo padrão como elementos convencionais com maior estabilidade.

O termo “Classificadores” surgiu na literatura cunhado por Frishberg (1975), na American Sign Language – ASL; mais tarde, Supalla (1982; 1986) apresentou construções de classificadores no sistema morfológico complexo da ASL, dividindo as Configurações de Mão dos classificadores em duas categorias principais: classificadores semânticos (também chamados de “classificadores de entidade”) e especificadores de tamanho e forma. A categoria de classificadores especificadores de tamanho e forma usa Configurações de Mão para descrever as propriedades visuais de uma determinada entidade. O autor esclarece que os Classificadores de entidade são menos icônicos e se referem a uma classe semântica geral de objetos, como nos exemplos de sinais “fino e reto” ou “plano e redondo”. Há outro tipo de classificador que define os objetos com o uso da mão segurando ou manuseando um instrumento. Também há classificador de partes do corpo que representam as partes do corpo humano ou animal, usualmente com o uso de membros inferiores.

Na década de 1990, na continuidade da pesquisa, começaram a demonstrar interesse pela relação entre a Língua de Sinais e o gesto. Liddell (2000) questionou o status linguístico das construções do classificador, especialmente a localização e o movimento, já que os gestos imitativos de não sinalizantes são semelhantes aos classificadores. Também há muitos tipos de movimentos e pontos de articulação que podem ser usados nessas construções. Para desfazer a confusão entre aspectos linguísticos, Schembri et al. (2005) argumentaram que as construções de classificadores ainda são gramaticalmente restringidas por vários fatores. Por exemplo, eles são mais abstratos e categóricos do que as formas gestuais feitas por não sinalizantes que são aceitos mundialmente como propriedades linguísticas e gestuais. Os pesquisadores que mais se aprofundaram foram Supalla (1982; 1986; 1990), Hoffmeister et al. (1997), Emmorey (2002; 2003), Grinevald (2003), Schembri (2003; 2005) e Sandler e Lillo-Martin (2006)

Aqui no Brasil, Ferreira-Brito (1995), no seu livro “Por uma Gramática de Língua de Sinais”, e seus sucessores Felipe (2002), Quadros e Karnopp (2004), Bernardino, Hoffmeister e Allen (2004) e Bernardino (2006) começaram a pesquisar sobre Classificadores baseando-se nas teorias linguísticas da ASL. O material didático da disciplina de Libras III do Curso de Letras-Libras da UFSC (2009) apresentou tipos de classificadores encontrados nas Línguas de Sinais que são:

1) Classificadores descritivos

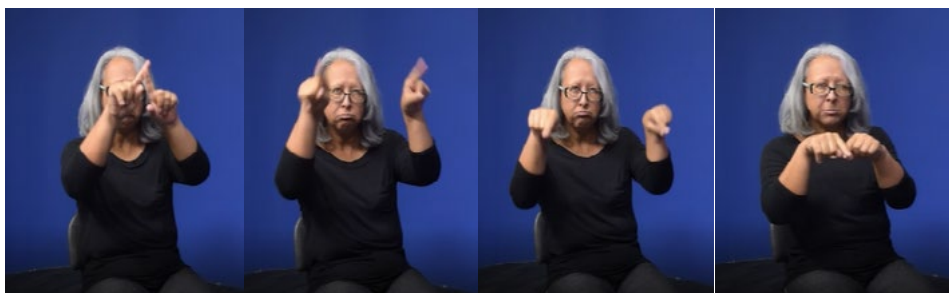
As descrições visuais podem ser captadas de acordo com as imagens dos objetos animados ou inanimados. Observam-se aspectos, tais como som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, “olhar”, sentimentos ou formas visuais, bem como a localização e a ação incorporada ao classificador. Essa classificação pode ter até três dimensões:

- a. Dimensional – dar dimensões determinadas e adequadas, de acordo com o que está sendo visualizado; Bidimensional – dar o dobro das dimensões determinadas, adequando-as ao que está sendo visualizado;
- b. Tridimensional – dar as três dimensões do que está sendo visualizado, dando a sensação de penetração do relevo visual, com base na teoria do Dudis (2004; 2007).
- c. Na descrição visual, para se referir à forma, tamanho, textura, paladar, cheiro, sentimentos, “olhar” ou desenhos de forma assimétrica ou simétrica, é utilizada, dependendo da situação, uma mão ou duas.

2) Classificadores d e Forma

Trata-se de um classificador que descreve como o sinalizador apresenta as formas e seus detalhes de um determinado objeto ou das suas descrições físicas ou visuais e tudo acontece por meio das configurações de mãos, troncos ou expressões corporais de seres animados e/ou inanimados, como no caso da figura 76, “QUADRO-PEQUENO”:

Figura 76 - “QUADRO-PEQUENO”



Fonte: *Corpus de Libras*.

3) Classificadores predicativos

É uma modificação no sinal para referenciar a uma característica deste (FELIPE, 2002). Muitas vezes podem captar determinados objetos ou ações que são descritas visualmente, conforme o exemplo da figura 6: COLOCAR-CHAPÉU

Figura 77 - COLOCAR-CHAPÉU

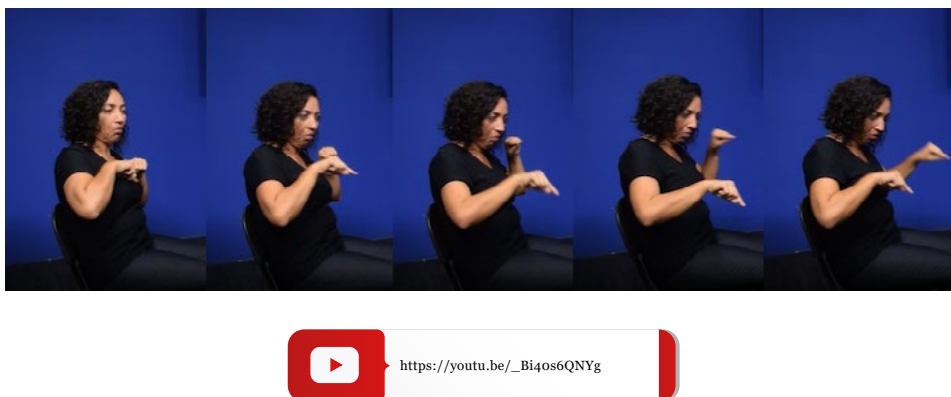


Fonte: *Corpus de Libras.*

4) Classificadores especificadores

A sua função é descrever visualmente a forma, o tamanho, a textura, o paladar, o cheiro, forma de jorrar, os sentimentos, o “olhar”, os “sons” do material, do corpo da pessoa e dos animais. Há também os classificadores que especificam elementos gasosos ou líquidos, assim como a descrição dos símbolos e nomes das logomarcas, os números relacionados ao objeto animado e inanimado. Mostramos um dos exemplos da narrativa do filme “Tom e Jerry”, quando o Tom recebeu as balas no peito e do buraco no peito jorrou água para fora, como mostra a figura 78 abaixo.

Figura 78 -

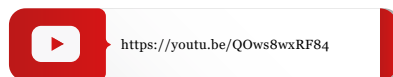


Fonte: *Corpus de Libras.*

5) Classificadores instrumentais (ou verbos manuais)

É a incorporação do instrumento descrevendo a ação gerada por ele, como a inserção de um revólver no coldre.

Figura 79 -



Fonte: *Corpus de Libras.*

6) Classificadores de corpo (entidade)

É o classificador que descreve como uma ação acontece na realidade por meio da expressão corporal de seres animados. No papel dos classificadores, enumeramos as várias questões que podem estar implicadas:

- a) Questões relacionadas à semântica;
- b) Questões relacionadas à sintaxe,
- c) Questões relacionadas à morfologia.

Os classificadores podem assumir o papel de entidades, por isso integram posições argumentais na sintaxe visual da Libras. O plural também pode ser marcado nos classificadores, quando a configuração de mão, que representa um recorte do referente, se repete várias vezes. Exemplos com a incorporação do objeto repetido várias vezes: um conjunto de potes lado a lado, quadros espalhados na parede.

Em 2008, Campello apresentou uma proposta imbricada em todas as evidências historicamente construídas de que há uma urgente necessidade de repensar a visualidade descentralizada das categorizações linguísticas e também da visão fonocêntrica, com um novo conceito do termo Classificadores, para as Descrições Imagéticas, os sistemas de classificação passam a ser caracterizados como sistemas visuais. O objetivo é utilizar a captação dos sinais visuais, ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais para se comunicar com os surdos. Todo e qualquer recurso que for utilizado para ajudar na comunicação, na compreensão dos conceitos, deverá ser aplicado com naturalidade, e não para modificá-los, mas para auxiliar na compreensão e tradução gramatical visual.

As denominações atuais estão mais atreladas ao estruturalismo e formalismo

linguístico – ou os seus domínios estão mais exercidos em suas estruturas linguísticas –, ao fonema (e sua fonologia), ao morfema, à sintaxe e a outros da língua oral ou falada com seu *status* linguístico próprio e não pelos parâmetros da visualidade.

Campello (2008) argumenta que a modalidade viso-espacial não pode ser copiada ou transcrita e passada para o papel pela variedade dos conceitos e dos seus processos visuais e mentais. Sabemos que a Língua de Sinais consiste em cinco parâmetros – configuração de mãos, ponto de articulação, movimentos, orientação e expressão facial-corporal – que só poderão ser aplicados e interpretados em caráter visual com a criação de uma metodologia específica para descrever visualmente. Com o pressuposto de que o uso da denominação classificador ou classificadores ou classificação manual (como um dos recursos gramaticais) provoca o desaparecimento da visualidade e da imagem da Língua de Sinais, tornando a imagem em um “texto fixo”. Essa denominação estanque parece não dar conta de todos os recursos visuais da Língua de Sinais, pois parece estar atrelada ao estruturalismo restritivo e que coloca a iconicidade, a complexidade do signo imagético, tudo dentro da estrutura linguística, quando deveria considerar o seu uso, seu contexto de uso, e a possibilidade de representar um conhecimento de Mundo Surdo Visual e parcialmente próximo aos referentes que descrevem. A Comunidade Surda entende e compreende que a denominação nada mais é do que um dos artefatos do sistema regulador e de controle. É de fato o mecanismo regulador e de controle por meio de categorização da imagem para o desenvolvimento da pesquisa. É uma forma de categorização das entidades para comparar ou diferenciar entre elas, objetivando a apreensão de conhecimento e de ser entendido. Mas o perigo é que a categorização pode situar a imagem em um sistema de mecanização que simplifica a parte ou o todo de uma imagem, tornando em um “texto fixo” para denominação dos sinais.

Faz-se necessário criar um novo plano epistemológico, cujo conhecimento da heterogeneidade seja sensível à visualidade; considera-se não ser mais possível aprofundar a questão da linguagem e das línguas segundo modelos linguísticos estruturalistas que excluem a *parole* de sua descrição, como explica a comparação das duas línguas “*estruturas formais das Línguas de Sinais = estruturas formais das línguas orais*” no quadro dos modelos linguísticos estruturalistas dominantes (BLONDEL; TULLER, 2000, apud CUXAC, 2001), e também a rejeição e estigmatização da Língua de Sinais, pelo fato de possuir características icônicas (OLÉRON, 1983, apud CUXAC, 2001).

Sabemos que a visualidade, implícita na modalidade viso-gestual-espacial, tem sua estrutura gramatical distinta da língua oral pelo efeito visual que abrange a iconicidade, a corporeidade, as representações relevantes da imagética, a analogia, a característica não discreta das unidades significativas, as manipulações espaciais e a pertinência do espaço de realização das mensagens gestuais, o caráter impreciso das distinções verbal / não verbal e semântico-sintático (CUXAC, 2001). Isso está presente em todos os enunciados pragmático-conversacionais, narrativas, poéticas,

bem como nas variáveis analisadas pela sociolinguística.

As questões da arbitrariedade e das características icônicas passaram a ser aceitas pelos acadêmicos e pesquisadores inseridas num âmbito mais abrangente como a convencionalidade do signo linguístico. Como bem indaga Cuxac (1996), se “o arbitrário radical saussureano é necessariamente associado à não iconicidade das unidades lingüísticas [sic] ou mesmo não considera as aptidões especificamente humanas ao ‘meta’?”, defendemos que a iconicidade e a arbitrariedade sempre existiram na Língua de Sinais da Comunidade Surda e é impossível separar ou excluir as características próprias e geradas dentro da percepção cognitiva dos sujeitos Surdos. A percepção visual cria novo signo de acordo com o mundo que se vê.

No que se refere à representação do “ver” linguístico na Libras e da estratégia do uso da imagem para construir um conceito, os signos são produzidos pelos sujeitos ao mesmo tempo em que estes últimos são produzidos como sujeitos “pensantes” pelo próprio signo, como considera Vygotsky. O próprio percepto como signo está prenhe de sentidos e significados construídos pelo pensamento visual de quem se constitui pela visualidade, diferenciando-se, da forma marcada, do sujeito não surdo que se constituiu pelas palavras/signos da oralidade.

A imagem e sua expressão visual ainda são um objeto contínuo que pode ser apreendido e filmado em vez de categorizado a cada estrutura. As crianças e adultos Surdos criam diariamente suas expressões que são vistas, ao vivo, diferentemente da Libras utilizada na sala de aula e do uso mecânico da Língua de Sinais pelos sujeitos não surdos e ou intérpretes.

A apreensão da imagem por meio de filmagem é um dos componentes documentais como “texto visual”, pois as representações fixadas num papel tolgem as expressões da imagem, mesmo nos pequenos até os grandes detalhes. A Língua de Sinais, conforme Behares, (apud LODI, 1993, p.43), é uma estrutura multiarticulada e multinivelada que respeita os mesmos princípios gerais da organização como qualquer outra língua. Ela tem que ser preservada e não pode ser dividida em elementos básicos ou elementares, transformando-os em elementos classificatórios. A visualidade, na sua totalidade, tem suas funções que poderão obter os mesmos processos que poderão alcançar o seu *status* linguístico reconhecido e comprovado. (BEHARES, apud LODI, 1993, p.43)

Wrigley (1996, manuscrito reproduzido apud CAMPELLO, 2008, p.94) reconhece que a visualidade tem “*novas formas de compreender as profundidades dos dados*” que são os signos visuais criados por meio de percepção visual, impossível de serem descartados.

5.7.1 Línguas de Sinais primárias e iconicização da experiência dos sujeitos Surdos isolados

Traduzindo os aspectos da visualidade dos surdos em suas experiências vividas numa perspectiva de aquisição de uma língua visual e imagética, tal aquisição pode ocorrer de diversas formas: entre surdos, entre familiares de surdos que vivem isolados, entre professores surdos e de surdos, entre outras. Ao olharmos para a Língua de Sinais em sua episteme, língua adquirida por surdos congênitos, podemos avançar nas reflexões sobre sua semiogênese, conforme o modelo *sémiogénèse des langues des signes*, de Cuxac (1985; 1996; 2000).

Sob esse prisma, foi possível que a Língua de Sinais se tornasse o objeto de estudo linguístico de uma perspectiva teórica, levando em consideração suas propriedades bidimensional, tridimensional e até quadridimensional, em *American Sign Language - ASL* (DURR, 2016), criando novos tipos de estruturas, atreladas a novos conceitos e descrições imagéticas diferentemente da língua oral. Em consequência disso, introduzem novo fundamento na interface cognitivo-semântica, cuja metodologia é mais atrelada à observação e descrição do que propriamente ao signo linguístico.

A apreensão dos signos visuais depende de vários fatores: ambiente familiar, local de origem, contato com Surdos adultos, local urbano, pré-lingual (antes da escolarização), pós-lingual (depois da escolarização). Podemos resumir os contextos de apreensão dos sinais em:

(i) Crianças Surdas nascidas em ambiente de não surdos, não sendo beneficiadas pela língua de onde pertencem. As capacidades intelectuais, dependendo do caso, podem ser atrasadas ou mais desenvolvidas, na base do incentivo e da aceitação da família e do ingresso depois nas escolas. O processo da aquisição pode surgir fragmentado ou não, a depender do estímulo dado a elas. Neste tempo, o signo visual é mais demorado para ser apreendido, pois as famílias estão mais preocupadas com o treinamento fonoarticulatório para se comunicar com o meio ambiente familiar. As crianças, antes do ingresso das escolas inclusivas ou não, tentam e criam a sua comunicação com o seu ambiente através de gestos (GOLDIN-MEADOW, 1991). Se a família (em maior parte da dificuldade de articular outras palavras novas e do uso da linguagem adulta) reutiliza os sinais da criança Surda, um sinal “doméstico” se instala, bastante semelhante formalmente aos léxicos observados por Yau (1992) nos adultos Surdos isolados;

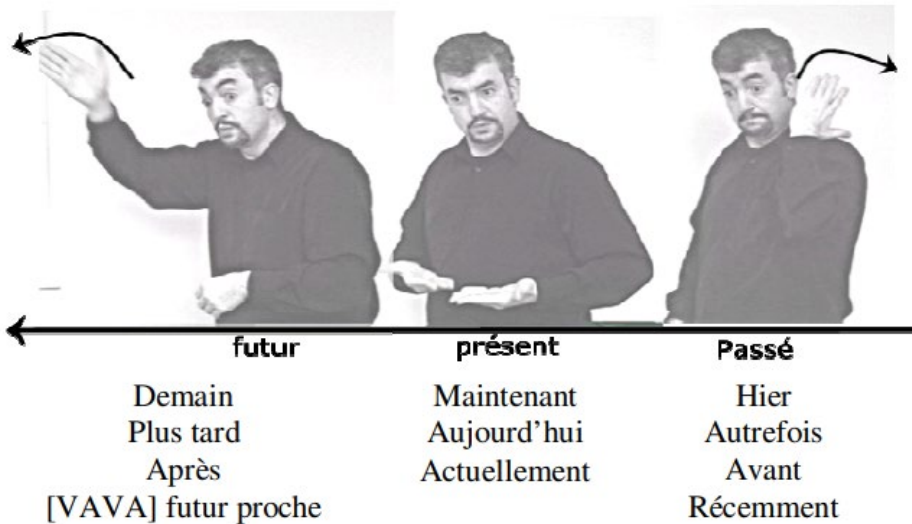
(ii) Crianças Surdas nascidas em ambiente visual são beneficiadas pela língua a que pertencem. As capacidades

intelectuais e o processo de aquisição da língua se condizem perfeitamente sem prejuízo nenhum. Neste tempo, o signo visual é apreendido em grande velocidade, devido à sutileza dos movimentos, dos manejos manuais, da exposição visual que coadunam com a visualidade da imagem e seus inúmeros significados;

(iii) Surdos adultos e isolados nas principais cidades e, mesmo encontrados em bairros distantes da capital (por estigmatização e ausência da informação da parte da família), criam os próprios signos, conforme as pesquisas realizadas por Yau (1992) e Souza-Fusellier (1999, apud CUXAC, 2001) que mostram os numerosos dados sobre a constituição dos Sujeitos Surdos adultos e isolados:

- os itens lexicais criados por esses locutores sofrem a influência das culturas circundantes;
- os sinais que retornam aos mesmos referentes estáveis, suas formas significantes são fortemente semelhantes de um indivíduo ao outro.

Figura 80 - Exemplo de sinais realizados por surdos adultos isolados

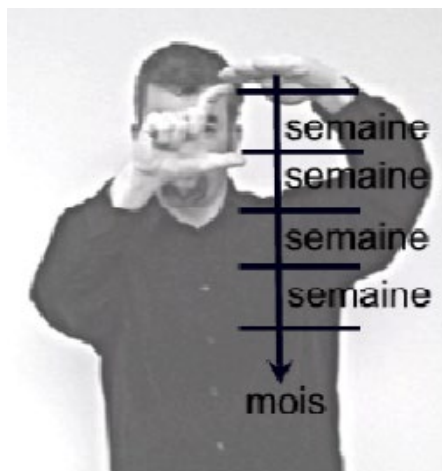


N. Chab : corpus temporalité

© Fusellier-Souza, 2004

Fonte: Souza-Fusellier (2004, p.261)

Figura 81 -



N. Chab : corpus temporalité

© Fusellier-Souza, 2004

Fonte: Souza-Fusellier (2004, p.264)

Esses sinais “domésticos” ou gestos lexicais, ou léxicos gestuais, mostram que estão categorizando de acordo com a sua percepção visual, com a finalidade de estabilizar o seu conceito, numa semiogênese da Libras. A mediação semiótica supõe uma relação do sujeito Surdo com o mundo mediada pelo signo; supõe que o sujeito vá além de um contato imediato e direto com aquilo que se chama de estímulo ou da visualização icônica, atendo-se ao exercício dos órgãos dos sentidos que registram sensações, limitando-se às mesmas sem chegar ao nível da interpretação. Como os signos são sempre unidades convencionadas culturalmente, toda mediação semiótica está carregada de nuances sociais e culturais. Assim, o sujeito, mesmo em sua singularidade, ao apropriar-se das significações, apropria-se de algo que foi produzido pelo coletivo do qual ele faz parte como sujeito ativo. Dessa forma, a mediação semiótica se realiza numa dimensão singular e social ao mesmo tempo, colocando o sujeito em contato com o mundo simbólico, que produz este sujeito como ser que se humaniza na e pela atividade simbólica e que, simultaneamente, é produtor deste mundo simbólico, o da ação mediada (VYGOTSKY, 1991). Estas considerações permitem que se compreenda o que este autor chama de segunda natureza, ou seja, a do desenvolvimento cultural do sujeito, em que as experiências intersíquicas (sujeitos em relação) são apropriadas em suas significações ao intrapsíquico (sujeito em sua singularidade), processo no qual a mediação semiótica é fundamental (VYGOTSKY, 1995).

No caso dos Surdos isolados, a forte semelhança das formas gestuais mostram que um processo de iconicização da experiência foi levado a efeito e que esse processo se funda na descrição de contornos de formas e/ou da retomada gestual

icônica das formas destacadas de referências categorizadas. Yau (1992) e Souza-Fu-sellier (1999, apud CUXAC, 2001), colocam duas observações sobre a constituição dos signos visuais em surdos pré-linguísticos:

- o fato de estas conceitualizações serem postas em sinais reforça certamente a estabilidade;
- a forma destes sinais se diferencia conforme retornam entidades referencialmente estáveis ou mesmo aos acontecimentos que as concernem. Com efeito, as primeiras são devolvidas quer por sinais que especificam uma forma ou um contorno de forma, quer por combinações gestuais que associam descrição de contorno de forma e ação frequentemente conexa a esta forma, enquanto que os segundos recorrem apenas à imitação de ações. Essa diferenciação icônica entre coisas e processos argumenta fortemente em prol de um dado cognitivo pré-linguístico, ponto de ancoragem da oposição verbo-nominal.

O processo da percepção visual e da mediação semiótica constitui o sujeito Surdo mais profundo analisador (dependendo da identidade de cada sujeito Surdo) de qualquer imagem à sua volta e até mesmo em seu processo comunicativo com outros sujeitos Surdos de outros países. Podemos apresentar os fatos de como estes sujeitos Surdos se constituem a partir da visualidade na construção do seu “ser”. O ato de “ver” ou de “olhar” o mundo exige uma interação entre a propriedade suprida pelo signo e a natureza do sujeito que olha ou observa. Sobre sua experiência visual, Laboritt (1997) nos informa de que “os acontecimentos, ou melhor, as situações, as cenas, pois tudo era visual, vivi tudo isso como uma situação única, aquela do agora. Tentando reunir o quebra-cabeças de minha primeira infância para escrever, não encontrei mais do que imagens” (LABORITT, 1997, p.15). Quando se remete à construção imagética em relação ao barulho dos sons e do silêncio que são formulados mentalmente pelos sujeitos Surdos, a autora informa que em sua “*imaginação e ela tem seus barulhos em imagens. Imagino sons em cores. Meu silêncio tem, para mim, cores, nunca é preto ou branco*” (idem, p.19). Ou ainda “os barulhos dos que escutam são também imagens para mim, sensações. A onda que rola sobre a praia, calma e doce, é uma sensação de serenidade, de tranqüilidade [sic]” (idem, p.19).

A mediação semiótica é muito importante para entendermos os aspectos da visualidade dos surdos, porque tudo se realiza em qualquer dimensão, mesmo no singular até na complexidade ao mesmo tempo. Com o mundo visual, cujo símbolo está sempre em qualquer lugar, em todos os instantes, no abrir dos olhos de manhã até o fechar dos olhos ao dormir, cada imagem vai delineando, construindo, até firmar a representatividade do seu mundo sem “som”.

5.7.2 Elementos altamente icônicos da Libras: as Descrições Imagéticas

Nas Línguas de Sinais há duas formas principais de produção de significado, pelo léxico padrão e apontamentos manuais, sendo esse algo mais semelhante ao que temos nas línguas orais e, pelas Estruturas Altamente Icônicas - EAI (PIZZUTO *et al.*, 2006). Cuxac (1996) dividiu as EAIs pela produção de três tipos de transferências, sendo elas: de forma e tamanho, de situação e de pessoa.

Com base em Cuxac (1996), Campello (2008) propõe que essas EAIs presentes na Libras sejam chamadas de Descrições Imagéticas, adicionando mais duas transferências. As transferências espacial e de localização aparecem para Campello (2008) como uma subdivisão da transferência de situação de Cuxac (1996). A transferência de incorporação de Campello (2008) se assemelha à transferência de pessoa apresentada por Cuxac (1996). E, por fim, Campello (2008) acrescenta uma quinta transferência, a de movimento. Ramos (2017), além das transferências trabalhadas por Cuxac (1996), aborda em seus estudos uma transferência de vibração presente em sinalizações de pessoas surdas.

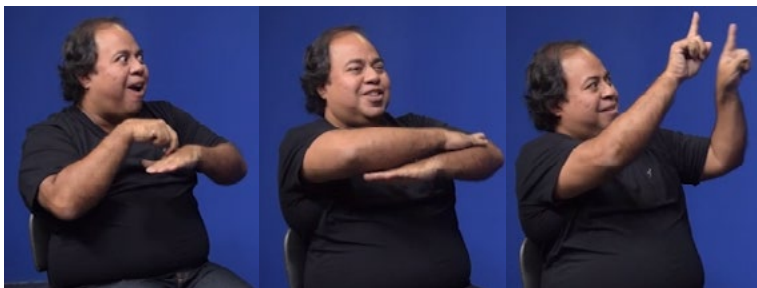
A seguir discorreremos sobre as noções das transferências, segundo os autores, com exemplificações das mesmas na Libras.

5.7.2.1 Transferência de Tamanho e de Forma

Para Campello (2008), nessa transferência, qualquer tamanho pode ser representado, articulando simultaneamente vários componentes da Língua de Sinais dentro da especificidade das estruturas icônicas.

Analisemos alguns frames, após visualizar o vídeo motivador do Charlie Chaplin (<https://www.youtube.com/watch?v=JGexSEh6SQY>)

Figura 82 -



Fonte: *Corpus da Libras.*

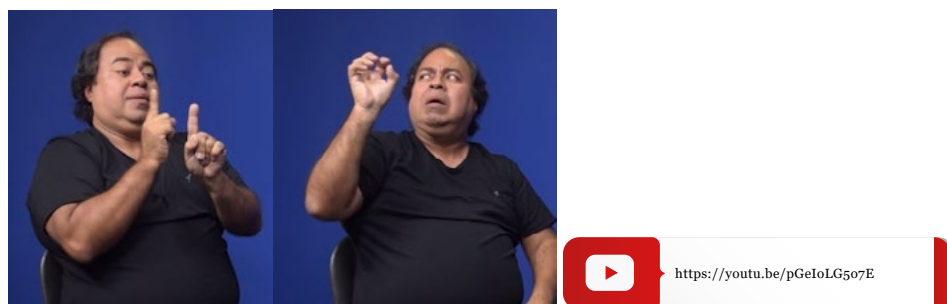
A direção do olhar, no primeiro frame da figura 82, indica a distância do

objeto e também a altura dele em relação ao sinalizante, um objeto à sua altura ou levemente mais alto. No segundo frame, podemos perceber a realização do sinal JANELA, léxico padrão, conforme apontado por Pizzuto et al. (2006). No terceiro frame, visualiza-se uma descrição do tamanho e da forma da JANELA feita com o dedo indicador do sinalizante, sendo muito recorrente o uso do dedo indicador realizando um contorno dos objetivos descritos. Podemos observar que o tamanho da JANELA também é apresentada no direcionamento do olhar: o olhar do sinalizante para cima e em direção ao referente descrito indica que a janela é mais alta do que ele.

5.7.2.2 Transferência Espacial

Campello (2008) considera a transferência espacial uma das mais complexas, pela necessidade de o sinalizador transferir para sua sinalização todos os elementos constitutivos de um determinado espaço, apresentando a profundidade espacial, diferentes ângulos e perspectivas, dentre outros. Analisemos os seguintes frames, ainda de acordo com o vídeo de Chaplin:

Figura 83 -



Fonte: *Corpus da Libras.*

O espaço de sinalização já foi construído; assim, novos elementos são acrescentados no decorrer da sinalização. O sinalizante estabelece com os dois dedos indicadores duas pessoas, uma atrás da outra, que na narrativa representam um policial e um menino, o mesmo menino que jogou uma pedra na janela descrita na transferência de tamanho e forma, item 5.7.2.2. Ao tentar jogar uma pedra pela segunda vez em outra vidraça, surge escondido do menino um policial, que segura sua mão, inibindo o lançamento da pedra. Podemos perceber, no segundo frame, a mão paralisada do menino e a sua expressão de estranhamento pelo ocorrido.

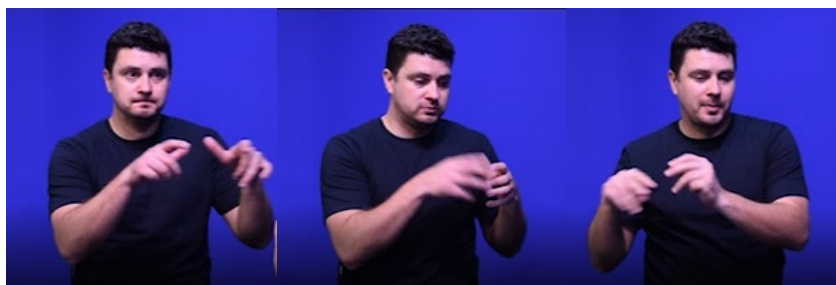
Campello (2008) nos informou que, em uma transferência espacial, a profundidade é reconstruída na sinalização; de fato, observamos tal elemento pelo estabelecimento de dois referentes (o menino e o policial), um atrás do outro. Tal profundidade também pode ser observada no olhar do menino direcionado para trás.

Embora tenhamos realizado recortes para análise de cada transferência, podemos perceber, nesse exemplo, a ocorrência de mais de uma transferência simultaneamente. Quando na sinalização olha-se para trás, não só a profundidade da sinalização é percebida, mas também uma transferência de incorporação do menino é realizada. Exemplificaremos de forma mais detalhada a transferência de incorporação no item 5.7.2.5, mas aproveitamos para explicitar sobre a ocorrência de transferências simultaneamente.

5.7.2.3 Transferência de Localização

Campello (2008) mostra uma das características que também dependem da localização do ponto de aplicação (PORTO, 2016) ou de ponto de locação (QUADROS; KARNOPP, 2004), nos lugares onde necessita se posicionar durante a sinalização, que podem ser através de toque nas partes totais ou parciais dos corpos, dos espaços neutros, acompanhando com a sua intensidade, movimento direcional e direção de olhar. Na localização dos pontos específicos, observa-se que se relaciona mais com a direção do ponto ao qual o signo está direcionado (para cima; para baixo; lado esquerdo; lado direito; do meio; de trás, de frente ou do uso de grande velocidade ou de pequena velocidade). Neste caso, podemos compreender que a intensidade se relaciona com a atração pela força da atração exercida pelo signo ou pela intensidade do sinalizante, já que a direção visual também é uma característica indispensável nesse aspecto. Na figura 84, identificamos e acompanhamos a direcionalidade e posição (ou de locação) como o “lugar” onde se reúne o “grupo” e do outro lado “grupo dos falantes da Língua Portuguesa” (sem excluir o uso do morfema da boca).

Figura 84 -



Fonte: *Corpus de Libras.*

5.7.2.4 Transferência de Movimento

A transferência de movimento, segundo Campello (2008), serve para condicionar e pontuar a sua locação do signo para outra locação de signo em outro espaço ou de tocar os dois signos usando o movimento para obter o equilíbrio visual e podem-se usar várias maneiras de modo igual ou diferente, de acordo com a

velocidade, intensidade, gravidade e de acelerações. Já nos aspectos característicos de Cima e de Baixo, Balanceamento de cada lado, Direcionalidade de frente para atrás e muitos outros, sempre evidenciam as desigualdades de signos, uma vez que para isso eles precisam estar em oposição, em dualidade ou em diferença que se realize sua compreensão nos seus contextos visuais. A figura 85 exemplifica o movimento necessário para se juntar os dois sinais de “fora” para “dentro” dando o novo significado: “juntos”.

Figura 85 -



Fonte: *Corpus de Libras.*

5.7.2.5 Transferência de Incorporação

Campello (2008) quer definir que a estrutura, na sua complexidade de signos, reproduz várias ações ou imagens, tudo aquilo que o narrador coloca, todos os objetos ou cenas no corpo do mesmo narrador. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente. Usa a incorporação de objetos e as suas estruturas, quando incorporadas, apagam o assunto da enunciação e do narrador. Quando quiser narrar o trajeto de cada detalhe, o narrador começa a desempenhar o seu papel como narrador e os olhos passam a enunciar aquilo que o desenho mostra. Na sua descrição visual, de acordo com a perspectiva, apresentou seis (6) características para descrever durante a análise: a) A visão como exploração ativa; b) Captação do essencial; c) Simplicidade; d) Nivelamento e aguçamento; e) Os olhos que vêm da verdade e f) Desenvolvimento Visual (ARNHEIM, 2004 apud CAMPELLO, 2008, p.180).

Nas figuras, apresentamos as duas descrições imagéticas: um “gato” com as descrições das suas roupas e os apetrechos que estavam usando: “chapéu” e “colete para revólver”.

Figura 86 -



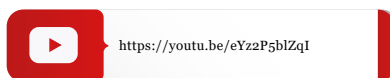
Fonte: *Corpus de Libras.*

5.7.2.6 Transferência de Vibração

Para Ramos (2017), pela perspectiva Surda, a vibração pode estar relacionada não somente ao conceito de som, mas às suas diferentes formas de representação e às possibilidades de percepção pelos diversos sentidos. Assim, para Ramos (2017), a transferência de vibração está para além da visualidade dos surdos, sendo percebida de forma sinestésica e produzida por descrições das diferentes sensações que os surdos têm sobre tais fenômenos vibratórios. As Línguas de Sinais são percebidas de forma visual e imagética e também são capazes de representar percepções vibracionais sentidas pelo corpo não auditivo, o tato, sentir na pele informações vibracionais do mundo, como um carro ou um caminhão passando, a vibração de uma queda de uma árvore ou de um gato caindo de uma árvore, materiais e texturas diversas que podem ser sentidos por meio de diferentes tipos de vibrações (RAMOS, 2017). Neste sentido, as vibrações apresentam visualidade e podem ser explicitadas na Língua de Sinais por meio das transferências de vibração.

Podemos observar, no exemplo que segue, uma transferência de vibração que além da representação manual da ação de beijar, também indica a vibração do estalar de um beijo na orelha:

Figura 87 -



Fonte: *Corpus da Libras.*

Por fim, para melhor capacitar o treinamento visual, a autora Campello (2021, no prelo) apresenta dicas para adquirir todos os elementos visuais com as técnicas, antes de introduzir o ensino da Libras como segunda língua às pessoas surdas e ouvintes na sala de aula:

a) Assistir ao filme sem legenda e sem áudio. Capte todas as informações e depois traduza todas as informações que passam neste filme;

b) Convidar seu colega para sentar-se à sua frente, sem que ele/ela veja a tela;

O ocupante que ficará à frente do seu colega verá um filme, igualmente sem legenda e sem áudio, e traduzirá para ele/ela em Língua de Sinais, em 5 (cinco) minutos. Depois, pergunte ao seu colega para relatar o que ele entendeu.

c) Escolha um elemento com traços simples até o mais difícil e complexo, traduzir em Língua de Sinais, usando as formas, texturas, cores existentes, legendas estampadas, fisionomia dos personagens, placa de carro e outros detalhes não perceptivos;

d) Assistir qualquer filme, captando qualquer imagem e depois traduzindo em Língua de Sinais para seus colegas Surdos, sem soletrar o nome desse elemento, fazendo-os para que eles possam entender o tipo de elemento;

e) Visualizar os elementos da Botânica, da Ciência, da Agronomia, da Ecologia, da Astronomia, da Física, da Química, e tudo o que interessa em qualquer disciplina. Visualize cada elemento e processe mentalmente a sua forma, movimento, textura, cores, e todas as características e detalhes que os envolvem e traduza para seus colegas não Surdos-Mudos e Surdos-Mudos;

f) Treine sempre a datilologia, soletrando qualquer palavra ou frase, nas duas mãos. Comece com o lado direito, soletrando em ritmo lento até mais rápido e, depois, troque para o lado esquerdo, fazendo com o mesmo ritmo;

g) Observe no espelho, faça a datilologia sem olhar nas mãos, observando sempre com os seus “olhos”. E depois faça com os seus colegas,

h) Filme e grave usando os sinais, traduzindo qualquer coisa, e depois faça sua autoavaliação.

Estas são as técnicas da visualidade e sua perspectiva visual que podem ser

aprendidas com o tempo, assim como todas as línguas do mundo.

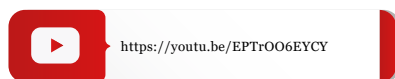
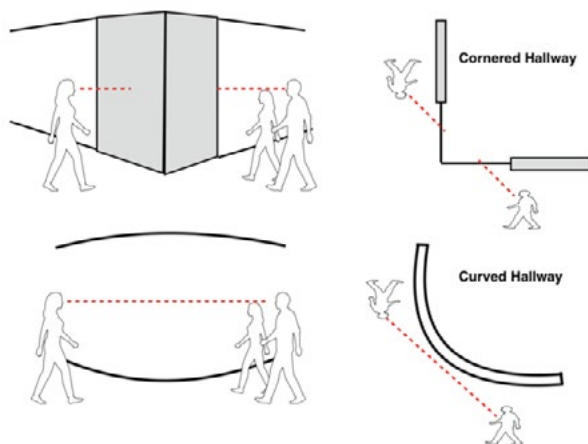
A comunicação visual é o ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados da Língua de Sinais e sua linguagem, assim como os fonemas da linguagem escrita, falada, sinais, signos ou símbolos, ou de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou virtual.

5.7.3. *DeafSpace* - Organização Arquitetônica Surda

A forma como os Surdos organizam e modificam o mundo à sua volta apresenta parâmetros construídos culturalmente ao longo dos anos, expressões arquitetônicas únicas para experiências Surdas. O estudo do *DeafSpace* oferece informações valiosas sobre a inter-relação entre os sentidos, as maneiras como construímos o ambiente e a identidade cultural com a qual a sociedade em geral tem muito a aprender.

Em 2005, o arquiteto Hansel Bauman estabeleceu o Projeto DeafSpace (DSP) em conjunto com o Departamento de Estudos Surdos da ASL, na Universidade Gallaudet.

Figura 88 -



Fonte: <https://quietcommunities.org/universal-design-and-deafspace-guidelines/>

5.7.4 Aplicando a visualidade ao processo de ensino e aprendizagem dos Sujeitos Surdos

A necessidade de discutir sobre aspectos da visualidade na educação de Surdos se deu, entre outros motivos, pelo fato da criação dos Estudos Visuais e/ou Cultura Visual e, mais especificamente, dos Estudos Surdos. Cultura Visual é um novo campo de estudo que inclui alguns elementos de estudos culturais e, como no caso de Estudos Surdos, enfocando aspectos da cultura, língua e signos visuais que apoiam em imagens visuais e sua percepção. Isto se sobrepõe frequentemente à filmologia, vídeo, internet, e qualquer outro meio que possua um componente visual.

Esses temas se interseccionam a alguns elementos da presente pesquisa da mesma forma, por exemplo, os de gênero e sexualidade, nacionalidade e identidade nacional, colonialismo e pró-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e seus públicos, ciência e tecnologia, política de identidade, Pedagogia, política da estética, instituições culturais, política da disciplinaridade, discurso e textualidade, história e cultura global (ELKINS, 2003). Segundo Cary Nelson, Paula A. Treichler e Lawrence Grossberg (2002), é importante assinalar seus territórios e paradigmas teóricos que mostram sua diferença, reivindicando um domínio particular do signo, como aspectos da visualidade na educação de Surdos; desenvolvendo um conjunto singular de práticas metodológicas para produzir novos conhecimentos exigidos pelo tema particular.

A terminologia “Cultura Visual” vem sendo utilizada desde 1972 por Michael Baxandall, tendo referências teóricas em Roland Barthes e Walter Benjamin. Mais tarde, George Roeder utilizou a terminologia como “*Visual Culture is what is seen*” e a sua definição é “*it hints at the viewer’s share and the work that images do in culture*”. Em 1990, foi implantado na *University of Rochester*, um programa chamado de *Visual and Cultural Studies* e, em 1998, na Universidade da Califórnia com o mesmo destino. Aqui no Brasil, em Goiânia, há uma universidade voltada para as artes visuais.

A abordagem da Cultura Visual reconhece a realidade de viver em um mundo de intermediação - culturalmente significativa da experiência visual, como no caso de sujeitos Surdos - e o conteúdo aparece em múltiplas formas, conteúdos e signos visuais e de “transferir” de uma forma para outra. Mirzoeff (1999) define Cultura Visual como “*uma tática para estudar as funções de um mundo abordadas através de fotos, imagens e visualizações, e não através de textos e palavras.*”; portanto, a imagem visual, no caso da Língua de Sinais, cuja imagem tem que ser estudada e interpretada culturalmente.

As experiências empíricas de Campello (2008) contêm informações que podem se transformar em um material didático relacionado aos aspectos da visualidade na educação de Surdos. A Língua de Sinais, como se sabe, é um dos recursos viso-gestual e espacial dos Surdos, onde se insere a sua cultura ao mesmo tempo em que a produz e a reafirma. Relacionada a esta modalidade de comunicação,

há a necessidade de se desenvolver materiais educacionais específicos para que o processo de ensinar e de aprender se realize satisfatoriamente. No Brasil, este conteúdo é pouco conhecido, mas o estágio com bolsa sanduíche de Campello possibilitou encontrar no exterior, Estados Unidos da América, inúmeros materiais, que ela traz ao Brasil.

No tocante aos aspectos da visualidade na educação de Surdos, na escolarização dos Surdos com suas demandas de recursos gesto-visual e espacial, aproxima-se, sobremaneira da mesma tendência da chamada Sociedade da Visualidade, a sociedade da imagem. Como diz JOBIM E SOUZA (2000), “*vivemos na sociedade da visualidade, da esteticização da realidade, da transformação do real em imagens(...).*”

Nesse contexto, as questões da Surdez relacionadas à comunicação com base em signos visuais se destacam e se coadunam com as características do tempo contemporâneo: a visualidade acima citada. Assim, a Surdez passa a ser considerada e reconhecida por parâmetros diferentes dos tradicionais. Apresenta-se, abaixo, o pensamento de alguns autores sobre tais questões e que já foram ressaltadas por SKLIAR (1998):

- Wrigley (1996) afirma que é preciso compreender “*a surdez, não como uma questão de audiologia, mas a um nível epistemológico*” (apud SKLIAR, 1998, p.10).

- Skliar (1998) destaca, por sua vez, que “*A surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual*” (p.11). A surdez não é mais considerada como patologia clínica terapêutica e sim como uma “*experiência visual*”.

- Skliar (1995, p.13) lembra que a Surdez está “*ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os Surdos*”. Os signos visuais e suas interpretações variam de acordo com a subjetividade visual, representatividade visual e pensamento visual dos sujeitos Surdos.

- Luklian (1998) diz que “*O conhecimento dos códigos do ver e do olhar de uma cultura visual, possibilita outras interpretações e favorece os “estrangeiros” que se aproximam da comunidade de pessoas Surdas*” (idem, p.44), favorecendo o conhecimento pela visualidade e com os signos visuais.

- Lane (1999) aponta que é “*mencionada muita coisa sobre as perdas auditivas e nada sobre o aumento da percepção visual e raciocínio*”.

O tema Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos relacionado ao processo de ensinar e aprender os e com os

Surdos é pouco pesquisado, estudado e trabalhado aqui no Brasil, por vários fatores:

- Ausência de uma política educacional específica para a educação dos Surdos;
- Exigência de integração dos componentes curriculares aos aspectos da visualidade na educação de Surdos.
- Número mínimo de Surdos/as com formação em Ensino Superior: cerca de 344 formados/as (sem especificar os números de pedagogos/as), segundo os dados do censo escolar de 2003, da Secretaria de Educação Especial – SEE – MEC;
- A política da inclusão, através da Constituição Federal (1988, cap. II, art. 208, inciso III) e da Declaração da Salamanca, bastante atrelada ainda à oralização;
- A área é ainda destinada a poucos, pois os estudos da imagem visual, da semiótica imagética e mesmo da Língua de Sinais estão presentes como disciplina em raros cursos secundários ou superiores.
- Inexistência da formação específica na área de aspectos da visualidade na educação de Surdos.

Esses pontos acima descritos são alguns dos principais obstáculos à escolarização plena do sujeito Surdo e que denunciam a pouca importância aos estudos dos aspectos da visualidade na educação de Surdos ou Pedagogia para escolarização de sujeitos Surdos, fato registrado no Brasil e também em outros países. Aspectos da visualidade na educação de Surdos, ou Pedagogia Surda, é assim denominada considerando-se que a mesma pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender.

Para deixar mais claro o peso da inserção dos aspectos da visualidade na educação de Surdos em situações do cotidiano escolar, citam-se abaixo apontamentos de campo de algumas observações realizadas no estágio *Gallaudet University* (durante a bolsa de doutorado sanduíche de Campello em 2006), onde assistiu às aulas da disciplina de Matemática, ministradas a alunos Surdos estrangeiros. O intuito era inteirar-se das questões relacionadas aos aspectos da visualidade na educação de Surdos em situações de escolarização de alunos de outros países. O professor da disciplina era um Surdo oriundo da cidade de Nepal, que estava ensinando e aprendendo ao mesmo tempo a lógica da equação matemática da divisão, pois nunca tinha percebido a diferença cultural na matemática no caso da divisão. O símbolo da divisão de lá é de \div , que é diferente da divisão em outros países. É sabido que alguns sujeitos Surdos têm

facilidade na percepção lógica de números, entretanto começaram a aparecer problemas. O professor estava se orientando por um livro didático de matemática e encontrou aí, o motivo do “problema”: a linguagem contida no livro era dirigida aos não surdos.

Como desejava que o livro didático de matemática fosse transformado contendo nele uma didática para Surdos, que facilitasse o entendimento com enunciados mais claros possíveis, empenhou-se, juntamente com seus alunos, na produção de uma didática baseada nos aspectos da visualidade na educação de Surdos. Nos contatos mantidos duas vezes por semana entre os alunos Surdos e o professor Surdo, os mesmos aprenderam juntos muitas questões importantes da visualidade e, entre elas, a mais significativa a ser destacada, é a de que as consignas e explicações elaboradas pelo raciocínio dos não surdos diferem grandemente daquelas orientadas pelo pensamento visual dos Surdos ao ponto de trazer problemas ao ensino de uma equação que em princípio é simples. Do trabalho dos mesmos resultou também um laço de afetividade muito forte e no final do semestre o professor da cidade de Nepal ganhou, merecidamente, um prêmio como o melhor professor de ELISO da *Gallaudet University*.

Igualmente acontece com o ensino da Língua Inglesa como segunda língua aos Surdos estrangeiros. O professor Surdo, Jimmy Challis Gore, norte-americano e nativo da Língua de Sinais americana, por ser um dos membros da terceira geração da Comunidade Surda, pesquisador, mestre e trabalha juntamente com o pesquisador Robert C. Gilles, em 1989, desenvolveram uma teoria chamada de *Manipulative Visual Language*, que é um recurso básico que incorpora todas as regras básicas da gramática com símbolos específicos que proporcionam aos alunos Surdos as capacidades para construir frases coerentes em Inglês. *Manipulative Visual Language* pode ser usado como um sistema suplementar no ensino de Língua Inglesa, como segunda língua, das gramáticas ou para analisar as regras do Inglês. O resultado tem sido satisfatório para alguns daqueles que apresentaram dificuldade de compreender a Língua Inglesa por dominarem outra língua distinta do inglês, especialmente, dos Surdos oriundos dos países da China e do Japão, devido às grafias da língua escrita. Para outros, têm sido um ótimo exercício visual e compreensão da infinita possibilidade da existência da universalidade da gramática que a maioria dos Surdos desconhecia. Acabaram aprendendo através das regras da Língua Inglesa e não das regras das línguas de seus próprios países.

Devido à sua notoriedade na educação dos Surdos, a *Gallaudet University*, a única faculdade de e para Surdos do mundo, oferece condições de aprendizagem e consulta ao acervo de materiais específicos desenvolvidos na perspectiva da cultura e da educação por meio da visualidade. Desde 2008 possui o prédio denominado de *James Lee Sorenson Language and Communication Center – SLCC*, onde centraliza um departamento com pesquisas na área de Estudos Visuais.

Em sua tese, Campello (2008) traz exemplos de evidências dos prejuízos para o processo de ensino e aprendizagem, quando a proposta pedagógica que o

embasa não respeita as especificidades das comunicações próprias dos sujeitos Surdos, ou seja, processos que se baseiam na pedagogia da fala e não nos aspectos da visualidade na educação de Surdos. Tem-se aí uma primeira sugestão: a de que o respeito ao processamento cognitivo da visualidade seja condição essencial à escolarização dos sujeitos Surdos. Quando os professores possuem pouco contato com os Surdos e desconhecem os aspectos da visualidade na educação de Surdos, que se estrutura fundamentalmente com signos imagéticos, a importância da percepção visual passa despercebida e provoca consequências negativas na comunicação visual e apropriação dos conhecimentos.

Para caracterizar melhor o papel da visualidade na constituição dos sujeitos Surdos, vale lembrar que os próprios Surdos que foram oralizados podem evidenciar dificuldade para ampliar a sua visão de 180 graus em dois lados, porque foram treinados com a percepção baseada na cultura fonocêntrica, com ênfase na fala. Isto dificulta o desenvolvimento de uma capacidade visual importante na adequação dos sujeitos Surdos para responderem às demandas do meio ambiente em que se encontram.

Sobre essa mesma questão, durante esse mesmo estágio na *Gallaudet University*, há uma experiência surpreendente com um Surdo oralizado, estudante de Administração, de origem chilena, residente nos Estados Unidos, que foi para lá atrás do “sonho americano” de vencer, já que sua cidade, Santiago, no Chile, pouco oferecia oportunidade para “ser alguém”. Na concepção Surdista de Campello, pensar-se-ia que todos os Surdos tivessem uma visualidade de 180 graus, independentemente da “surdez” patológica, que é estranhável. Por ser criada na movimentada cidade do Rio de Janeiro e a vivência no mundo dos Surdos, a acuidade visual de Campello é muito grande, assim como é a dos outros sujeitos Surdos, em geral. Nessa ocasião, ela tentou chamar esse rapaz chileno, a todo custo, para o lado, mas ele continuava não percebendo ou não sentindo ser chamado a uma distância de 3 metros, aproximadamente. Andou mais um pouco para ficar mais perto e chamou de novo, nada aconteceu. Andou até 1 metro e meio e nada acontecia. Andou até chegar perto para poder chamar, tocando no ombro dele. Só assim ele a viu e começou a conversar. No momento, pensou que fosse um problema da “visão” ou da síndrome de Usher[5]. Mas não era nada disso, percebendo que o processo da “oralização” dominou todo o território da visualidade e foi substituído pelo território da “fala”. Ele cresceu oralizado e tinha dificuldade de se comunicar com a família e até com os amigos. Era um rapaz híbrido em busca da sua identidade, cujo território foi desmantelado. Campello pensou que este fosse um caso isolado, mas depois encontrou vários casos semelhantes aqui no Brasil, especialmente, junto aos estudantes de pós-graduação que foram e estão estudando na UFSC como mestrandos/as e doutorandos/as.

Arnheim (2004) deixou claro que isso também pode acontecer com determinadas pessoas quando apresentam dificuldade de olhar e identificar as imagens de uma fotografia:

Os antropólogos ficaram surpreendidos ao descobrir que, em grupos não familiarizados com a fotografia, as pessoas têm dificuldade em identificar as figuras humanas em tipo de imagens que nos parecem tão “realísticas”, pelo fato de termos aprendido a decifrar suas formas divergentes.
(ARNHEIM, 2004, p.37.)

Essa “incapacidade” é um produto cultural relacionado ao desenvolvimento da percepção. Essas nuances culturais próprias de uma comunidade, como a dos sujeitos Surdos, podem constituir entraves ao processo de ensino e aprendizagem, provocando interpretações equivocadas quanto ao que se chama de dificuldade de aprendizagem. A responsabilidade da não apropriação do conhecimento nos diferentes níveis de escolaridade muitas vezes é atribuída ao aluno e não ao desrespeito das propostas pedagógicas que negam a importância da visualidade.

A não utilização da Língua de Sinais nos contextos de escolarização de Surdos pode trazer grande dificuldade ou até impedir a apropriação dos conteúdos acadêmicos. Não se trata aqui de associar determinados sinais à oralização, mas de sinalizar considerando que a comunicação com signo imagético ou sinal, necessita de certos parâmetros próprios da Língua de Sinais (QUADROS, 2004): Configuração de Mão, Orientação da Mão, Movimento, Localização e Expressões Não Manuais. Cada sinal apresenta parâmetros que, se não estiverem interligados, apresentarão um desequilíbrio no processamento visual e perceptivo.

É notório e sabido que a Língua de Sinais utilizada pela Comunidade Surda apresenta aspectos muito semelhantes às comunidades de tradição oral. Narrativas, literatura, piadas, valores, dicas, sabedorias, metáforas, normas, histórias de pessoas Surdas famosas, fatos corriqueiros, política, passam de geração em geração, reforçando os laços que as unem através da Língua de Sinais, fundamentalmente. Naturalmente que, quando nos referimos à tradição oral, não estamos nos referindo à oralidade fono-vocalizada, mas sim à produção de fala-sinalizada que se evanesce em si. A comunicação por meio da modalidade viso-gestual é muito importante e seus signos são elementos de fortalecimento da cultura dos sujeitos Surdos. Lane (1999) diz que “a Língua de Sinais não é apenas um meio de comunicação; é também um repositório de conhecimentos culturais e um símbolo de identidade social” (LANE, 1999, p.45). O fato de a Escrita de Sinais ser recente para o povo Surdo nos faz pensar na bagagem cultural que poderia ter sido preservada, assim como acontece com os índios e outros povos que não possuem uma escrita. A ausência de escrita contribuiu para que a cultura das tribos fosse praticamente dizimada. É como se não houvesse possibilidade de atestar a autenticidade da língua nativa dos índios, como produto simbólico dos seus conhecimentos. A preservação da Cultura Surda continuava e ainda continua, em grande parte, persistindo por causa dos signos imagético-visuais, em memória, que perpetuam e embasam a constituição dos sujeitos Surdos. Do mesmo modo que os signos da narrativa oral

dos índios que, mesmo sem a língua escrita, perpetuava, e ainda perpetua, a cultura dos mesmos por milhares de anos, mesmo com as guerras com os brancos, doenças adquiridas e escravidão.

Esses pontos acima comentados têm como objetivo chamar a atenção a uma outra questão importante relacionada ao processo de ensinar e aprender: o registro escrito dos conteúdos “ensinados”. Os signos da língua dos sujeitos Surdos possuem um caráter visual, independentemente da escrita e da oralidade. Esses possuem um “outro” modo de olhar, com percepções do mundo pautadas nesse caráter visual que difere do caráter da fala tendo a palavra como signo. O registro por e com a escrita da Língua Portuguesa pode ser realizada de forma mecânica, sem “nada dizer” ao aluno Surdo, mesmo que as anotações sejam feitas por ele. É sabido que muitos alunos não surdos são exímios copistas sem que compreendam nada do que escrevem. As palavras para eles não possuem valor de signo.

5.7.5. Visualidade na/para/da educação de Surdos

A constituição do sujeito Surdo deve ser ponto central na pedagogia da visualidade na educação de Surdos. Civismo à consciência e instrumentação para a luta pelo respeito à diferença no processo de transformação daquilo que está generalizado acerca da surdez. A busca de uma “política unitária e nacional”, como acontece em outros países, com independência e quebra dos jugos da visão de “dominância” das resoluções do Congresso de Milão, em que a pedagogia e o seu papel foram submetidos a uma regulamentação social baseada numa dada visão sobre a surdez. A partir de então foram afetadas a Identidade, a Subjetividade, a Cultura, os Currículos e, especialmente, a Pedagogia voltada para a educação dos sujeitos Surdos, um dos aspectos da visualidade na educação de Surdos.

Os aspectos da visualidade na educação de Surdos na escolarização destes é um tema novo carregado de novos conceitos que se relacionam ao uso da Língua de Sinais constituída por signos visuais. Sugere a volta da Pedagogia que foi usurpada desta comunidade. Os aspectos da visualidade na educação de Surdos na escolarização dos sujeitos Surdos foi praticamente anulada na perspectiva da formação dos mesmos, devido à visão “oralista” e à ausência de currículos especificados na formação dos professores universitários. A crítica da professora Perlin (2008), no texto Teoria da Educação e Estudos Surdos, enfatiza que: “(...) mesmo o discurso curricular referente aos Surdos, ou seja, o Currículo Surdo estava completamente impedido de exercer qualquer influência sobre a educação dos Surdos.”. Os aspectos da visualidade na educação de Surdos, na escolarização dos Surdos, é, e continua sendo, pouco discutida e pesquisada no meio acadêmico e universitário. Este (des)conhecimento se deve às mesmas concepções “ouvintista” e “dominante” nas esferas acadêmicas e nas instituições envolvidas, com o pensamento único de que a educação dos sujeitos Surdos deve ser tratada no contexto da educação

especial ou de que a surdez é uma incapacidade.

Sánchez (1988), Skliar (1998) e outros, procuraram desviar os pensamentos retóricos e teóricos da “incapacidade” dos sujeitos Surdos, no segmento da educação especial, criando um novo pensamento e campo teórico, que são os “Estudos Surdos” (SKLIAR, 1998; 2003; PERLIN, 1998; 2004). Os Estudos Surdos em educação e em outras áreas, como no caso da área linguística e inscrita no campo teórico mais amplo dos Estudos Culturais, rompem com a concepção de Surdez como deficiência e preocupa-se, principalmente, em mostrar as representações do colonizador e hegemônicas sobre as Identidades Surdas, as Línguas de Sinais, a Surdez, os sujeitos Surdos, numa tentativa de “normalizar” aquele que é regido pela sociedade.

Esses estudos trazem aspectos da visualidade como pertencentes aos Surdos. Os aspectos da visualidade na educação de Surdos e a necessidade de sua presença na escolarização de sujeitos Surdos carecem de algumas considerações sobre o conceito de pedagogia que vem pautando mudanças nas propostas pedagógicas relacionadas aos sujeitos Surdos brasileiros.

Os aspectos da visualidade na educação de Surdos ou da diferença já existiam desde os tempos da criação do alfabeto manual realizado por Bonet e outros seguidores, que já entendiam que a Pedagogia não pode ser a mesma para todos. Cada uma tem a sua especificidade. A Pedagogia para cegos elabora vários currículos para cegos; a que leva em consideração as especificidades culturais dos índios elabora propostas pedagógicas de acordo com a língua e a cultura indígenas, por exemplo; a Pedagogia dos Surdos já existiu, mas, com a concepção ouvintista, tornou-se uma Pedagogia geral, para a elevação da capacidade de “oralizar” como os demais. Os aspectos da visualidade na educação de Surdos se manifestaram na “datilologia” de Bonet, nas instruções dos abades L`Epée, Sicard, como mostram os currículos trazidos ao Brasil.

No Acervo da Biblioteca do INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos – estão catalogados os livros como obras raras (de 1855 em diante), das quais podemos citar:

1) *“Essai sur la Grammaire du langage naturel des signes a l’usage des Instituteurs de Sourds Muets; avec planches et figures”*, por Y,-L, Remi Valade, com a introdução a respeito da Língua de Sinais: *“Le langage des signes est em general considere par les instituteurs de sourds muets comme um point de départ naturellement indiqué pour l’enseignement de la langue maternelle.*

Possui três capítulos, a saber: Ideologia, lexical e sintaxe com tabela para comparação da construção da Língua de Sinais com a Língua Francesa (*“Tableau comparatif de construction de mimique et de la construction française”*);

- 2) “*Cours d’Instruction d’un Sourd-Muet de naissance pour servir l’éducation des Sourds-Muets*” por Roch-Ambroise Sicard, do Instituto Nacional de Surdos de Paris;
- 3) “*Cours Élémentaire d’éducation de sourds et muets*”, por Abbé Deschamps, de MDCCLXXIX (1779);
- 4) “*Sourds Muets avant et depuis L’Abee de L’Épée*”, de Ferdinand Berthier, de 1840, que trata de como os sujeitos Surdos superaram na educação;
- 5) Datilologia dos Surdos do livro: *Pedagogia Ementativa dos Surdos-Mudos*, por Armando de Lacerda, de 1934.

Estes livros, associados a outras ações, possibilitaram que os sujeitos Surdos se tornassem capazes de construir a sua própria identidade, a “*subjetividade surda como sujeitos culturalmente diferentes*” (PERLIN, 2008). Portanto, retomam-se aqui os aspectos da visualidade na educação de Surdos, não se atendo somente ao estudo do signo visual, mas que se expanda ao ponto de considerar como pedagógica a constituição do sujeito surdo. Os aspectos da visualidade na educação de Surdos têm que estar relacionados com o seu mundo e sua experiência visual desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental e médio até a graduação e pós graduação.

As técnicas, recursos e perspectivas utilizados nos aspectos da visualidade na educação de Surdos estão relacionados com o uso da “visão”, em vez da “audição”, sendo que a imagem na “apreensão do estímulo visual” e perspectiva emergem de acordo com forças bidimensionais e tridimensionais. Esses processos exigem uma nova forma de pensar o nível perceptivo e o processamento visual daquilo que rodeia o sujeito Surdo e qual seu olhar sobre o mundo no processo de ensinar e aprender.

A imagem em perspectiva é, nessas condições, talvez uma espécie de hibridismo entre a percepção visual e a imagem não técnica, no caso da percepção auditiva, como treinamento da fala e da audição. Devido a isso, mostra-se assim, a multiplicidade de identidades dos sujeitos Surdos.

A técnica dos aspectos da visualidade na educação de Surdos exige, sobretudo, o uso da imagem, captando em todas as suas essências que nos rodeiam, traduzindo todas as formas de interpretações e do seu modo de ver, de forma subjetiva e objetiva. Não é, simplesmente, usar a Língua de Sinais brasileira, como uma língua simples, mecanizada, e sim muito mais. Exige perceber todos os elementos que rodeiam os sujeitos Surdos enquanto signos visuais.

5.7.5.1. Sugestões e parâmetros para a implementação de propostas pedagógicas pautadas na visualidade voltada à educação de SUJEITOS Surdos

Há mais de quarenta anos, desde o *status* da Língua de Sinais americana ser reconhecida por Stokoe (1960; 1965) e por Casterline e Cronenberg (1965), foi evidenciada a importância da difusão da pesquisa e introdução da Língua de Sinais como disciplina no currículo escolar e do seu uso como instrução. Até aqui muitas conquistas foram alcançadas e, podemos observar ao longo desta exposição, que a “visualização” é uma das características imanentes das Línguas de Sinais e existiu, mesmo que em situações de impedimento, desde o século XIX nas práticas sociais dos Surdos como precursores e difusores dessa “experiência visual”.

Essa experiência pode ser evidenciada nos complexos comunicacionais dos seres humanos em geral. Analisemos nas artes gráficas, por exemplo, uma evolução da tecnologia em desenvolver ferramentas que pudessem representar, de forma adequada, a tridimensionalidade das expressões corporais, faciais e cinésicas empregadas nas histórias em quadrinhos. Tomemos como representante dessa categoria as criações de Walt Disney. As personagens não só usam a língua oral, mas também fazem uso de uma infinidade de recursos extralinguísticos e, provavelmente, sem esse uso de expressões faciais e corporais, Walt Disney não teria o reconhecimento que tem até hoje. No entanto, essa “experiência visual” não foi teorizada e nem considerada por inúmeras e infindáveis pesquisas que se ativeram à investigação da língua em si mesma, desconsiderando seu uso e o contexto comunicativo em que ela se amalgama. É a partir da influência da “cultura visual”, que faz parte da visão e do conhecimento de mundo, da mudez, do silêncio do ser “não escutante”, mas do ser “expressante”, que novos rumos são postos às pesquisas das línguas humanas, em geral. O fato de o ser humano se valer de uma infinidade de recursos visuais para dar sentido ao que quer “dizer” nos remete à capacidade do surdo em se valer desses recursos para legitimar uma língua e sua cultura e essa capacidade nos faz repensar o que foi posto de lado pelos positivistas que impuseram uma supervalorização da audição e da fala dos “não surdos”.

Os itens relacionados são as realidades dos artefatos culturais que predominam sobre a identidade enquanto sujeito Surdo, as Línguas de Sinais, os aspectos da visualidade na educação de Surdos, a História Cultural, a Arte Surda, a Literatura Surda, a Interculturalidade e muitas pesquisas e investigações que surgiram, e ainda surgem, sobre o sujeito Surdo na contemporaneidade.

Com o movimento político e educacional, os vários autores já criaram várias propostas e parâmetros que se encontram citados ao final deste trabalho. Ainda como sugestão de proposta para a implementação de um dos aspectos da visualidade na educação de Surdos e, considerando a criatividade e expressividade dos sujeitos Surdos no movimento realizado para garantir seus direitos à modalidade de comunicação viso-gestual com a Língua de Sinais Brasileira, faz-se importante

indicar a ampliação da produção, por esses sujeitos, de materiais didáticos especificamente relacionados ao processo de visualidade, aspecto cultural que não pode deixar de ser considerado no processo de ensinar e aprender.

Os sujeitos Surdos utilizam a visão para obter informações, acessando o maciço meio da mídia, com o advento de repositórios de vídeos, como a plataforma Youtube entre outras. Dessa forma, a Literatura Surda começa a ganhar ainda mais visibilidade e visualidade criando condições de fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento nacional e mundial das Comunidades Surdas. Existe pouca pesquisa voltada à Literatura Surda, da qual podemos destacar o trabalho¹¹ da Surda Fernanda de Araújo Machado (2017):



Embora a Literatura Surda tenha sido abordada nessa Gramática, nosso destaque agora vai para a visualidade das produções realizadas diretamente em Libras, encontrada também em uma versão em Língua Portuguesa¹². Existem editoras particulares que vendem materiais de Literatura infantil Surda e Sinalizada, bem como outros gêneros, mas, mesmo assim, são poucos para a demanda das crianças Surdas no Brasil. Estes materiais são de suma importância para a construção de uma autorrepresentação e de autoafirmação da Identidade, Cultura e Língua dos Surdos. Os materiais didáticos também estão no mesmo patamar, ou seja, há insuficiente número de publicações.

A questão da autoafirmação e de autorrepresentação positiva na constituição dos alunos Surdos no ambiente escolar é outro aspecto básico que envolve os aspectos da visualidade na educação de Surdos. Ele depende de uma formação específica dos professores e até mesmo da boa vontade dos professores não surdos para a criação de materiais didáticos aos alunos Surdos. Lembramos de uma discussão que envolveu um Surdo professor de Teatro da escola onde Campello trabalhou no ano de 1998. O próprio Surdo, produtor de literatura infantil de uma editora

¹¹ <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/antologia-poetica/>

¹² http://antologia.libras.ufsc.br/files/2016/06/Tese_MACHADO_2018.pdf

reconhecida no Brasil, pediu aos professores da escola para elaborarem material didático que pudesse ajudar a desenvolver os alunos Surdos, como jogos didáticos e materiais didáticos educativos e que a sua editora patrocinaria tal produção para a escola e divulgação para outras escolas do Brasil onde existiam crianças Surdas. O objetivo era a inclusão social e visual da Língua de Sinais. Os professores reagiram e disseram que ele estava se aproveitando de suas ideias para enriquecer a sua empresa. A descrença que eles deixam transparecer mostra a negação e a ausência de ética no envolvimento com as crianças, descuidando-se do desenvolvimento cognitivo da Língua de Sinais. Há uma certa desconfiança e ausência de incentivo do papel como professores e educadores de Surdos. Envolve também a concepção de incapacidade atribuída aos Surdos que não sabem ler ou que não desenvolvem o hábito de leitura. Por isso não incentivam, não proporcionam um ambiente linguístico adequado, não fazendo uso de materiais diversificados para que eles possam compreender a língua e a leitura ou um método para que possam desenvolver o gosto pela leitura. Essa é uma “Guerra Linguística Surda”. Isso mostra também a representação fonocentrista que se preocupa com a aprendizagem da Língua Portuguesa como primeira língua de grupos linguísticos distintos. As atividades de ensino de Língua Portuguesa são, em geral, sem graça, sem atrativos. O material é o mesmo e a didática tradicional não muda, não há uma busca de aprimorar os métodos de ensino que abordem juntamente a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, comparando-as em suas modalidades, conseguindo, assim, o aluno Surdo superar e entender os significados e signos visuais de uma língua para outra.

Apresentamos a seguir considerações práticas do uso da Língua de Sinais, para uso na alfabetização visual de surdos para além de meras prescrições, por isso não nos cabe fugir do contexto educacional. Aos docentes não surdos, trazemos exemplificações fundamentais de uso cotidiano dos signos visuais em sala de aula, sem esquecer as expressões faciais e corporais, que são fundamentais no ato de ensinar e intrínsecos à visualidade das Línguas de Sinais.

1) Na aula de física, deve-se fazer compreender aos alunos que todas as coisas existem por força de frequência vibratória, força e velocidade. Desde a formação do átomo, que é a base de qualquer ser orgânico ou inorgânico, até as galáxias em seus ciclos sistêmicos universais, apresentam força vibratória como uma verdade incontestável, invisível e energética, mudando apenas sua forma de frequência. Assim, o som, as cores, a música, o pensamento, tudo depende da disposição de energia vibrátil que preenche todos os espaços do cosmos. O pensamento, na disciplina “força quântica”, é uma vibração tão sutil que é capaz de condensar energia suficiente para formar mundos, com todas as

suas características: reino hominal, animal e mineral, com ilimitadas nuances;

2) Na aula de Biología, usar todas as formas visuais desde a simplicidade até a complexidade dos signos visuais. Atente-se que, não se trata apenas de mostrar inúmeras imagens aleatórias, mas devem-se observar as nuances dos desenhos, seus contornos em uma lógica funcional, caracterizando cada especificidade dos signos e imagens visuais;

3) Na aula de História, usar todas as narrativas heroicas de pessoas que fizeram a história e comparar com os feitos heroicos dos Surdos. Esse produz o discurso diferenciado entre os dois mundos: Surdos e não surdos.

4) Na aula de Língua Portuguesa, como uma disciplina de língua estrangeira para o surdo, é fundamental usar todos os signos visuais para explicitar todos os significados de cada elemento gramatical da língua distinta da Libras. Usar a gramática Libras para realizar analogias com a Língua Portuguesa e outras línguas, se houver necessidade.

5) Nas outras disciplinas, é fundamental usar todos os recursos visuais juntamente com a Língua de Sinais, exposição de vídeos, filmes legendados, filmes científicos, filmes nacionais com legendas, filmes estrangeiros, filmes de ficção, como requisito visual para todos. Na *Gallaudet University*, todos usam os equipamentos visuais em cada sala de aula para fazer demonstrações visuais, o que ajuda a construir as infinitas possibilidades no aprendizado visual e cognitivo com sujeitos Surdos para atingirem a plena cidadania.

A relação entre aluno Surdo e professor Surdo ou não surdo (com fluência na Língua de Sinais) é outro foco importante a ser discutido. É primordial focalizar essa questão, tendo em vista, por um lado o exercício da profissão dos docentes e por outro o exercício da cidadania dos alunos Surdos, com a finalidade de esclarecer e dissipar muitas problemáticas da comunicação relacionadas ao processo de escolarização. Tendo em vista que o processo de ensinar e aprender coloca professor e aluno numa relação de constituição mútua de seus lugares sociais dentro da escola, sugere-se que esta relação seja considerada em seus aspectos dialógicos, uma vez que os “sinais”, assim como a fala, têm seus modos diferentes de constituírem linguagens, mas ambos refletem a diversidade da experiência social como lugar de encontro eu/outro. A Língua de Sinais, assim como toda língua, tem seu “fluxo da comunicação verbal e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas

como algo que se constitui continuamente na corrente da comunicação verbal” de forma dialógica (BAKHTIN, apud JOBIM; SOUZA, 1994, p.99).

Na vida cotidiana os Surdos adquirem e operam gradativamente os signos visuais como alguma coisa muito íntima, despertando a sua consciência interna, já no momento do nascimento e do desenvolvimento da linguagem, como uma vara mágica ao tocar na sua cabeça. Os signos visuais, com os próprios olhos, são como uma música visual, assim como os ouvintes quando ouvem os primeiros sons. O seu desenvolvimento se baseia no “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN, apud JOBIM E SOUZA, 1994, p.99). Assim como a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua para os ouvintes, para os Surdos a interação pelos e com os sinais têm a mesma importância.

O diálogo que envolve o relacionamento do professor Surdo ou não surdo com os alunos Surdos é fundamental para toda a Comunidade Surda, especialmente nas escolas onde existem alunos Surdos e/ou com os alunos incluídos no programa de educação. Esse diálogo exige um processo sem fim e permanente de interação, em que na fronteira ou “cadeia” deste exista e se desenvolva a expressividade pela visualidade dos “sinais”, assim como a sua linguagem cotidiana e sua vivência para com o mundo. Nele se encontram a relação e seu papel, assim como alunos Surdos, no papel do “outro” ou “sinalizante” (o conceito “falante” é mais voltado para a oralização, já que os Surdos sinalizam através das mãos) e o papel do professor não surdo ou Surdo como “falante ou não surdo ou sinalizante” e o seu diálogo transmitido, contendo as informações e seus conteúdos, por meio da visualização, já que os alunos não podem ouvir a própria voz e nem a voz do professor não surdo. As enunciações contêm, sempre, algo “já falado por alguém” e tudo o que existe na fronteira do diálogo deve ser transmitido de modo flexível, com nuances próprias, com a expressividade das emoções, expressão facial e corporal (assim como da entoação para os não surdos). Existe também a “variabilidade do sentido da palavra” (BAKHTIN, apud JOBIM; SOUZA, 1994, p.102) que não pode dar conta nele; assim como a palavra ou “sinais” no caso dos Surdos, é muito mais expressivo com a sua Semântica, Morfologia, Fonologia (ou quirema) e sintática que no diálogo, a relação é inexpressiva e oculta para os “olhares” dos não surdos e dos Surdos também.

Esta “variabilidade do sentido da palavra” se faz presente no caso de sinais novos, de acordo com o contexto apreendido ou do encontro dos Surdos. As variações dos sinais, no caso do surgimento de um sinal como o correspondente ao sinal de “tolerância”, se aparecer fora do ponto de articulação (uma das regras do parâmetro da Língua de Sinais), que usualmente é fixado na cabeça e agora pode ser fixado em qualquer ponto de articulação, assim como nas costas da mão, ou no rosto, ou na mesa para definir a “tolerância” para apontar os “outros” com desdém, com ironia, com desprezo, ou de zombaria. Assim, um sinal adquire outros

significados, como um código estabelecido por uma comunidade, uma espécie de signos flexíveis que mudam seu valor de acordo com a situação de uso. Esses sinais são de difícil percepção aos “olhares” dos falantes. Qualquer captação ou aquisição dos sinais (ou palavras) novos e criativos que aparecem sempre cotidianamente, assim como a visualização do mundo interno e externo.

A relação professor e aluno, por meio do diálogo, não é difícil, mas quanto mais se conhecem e se “compreendem” os sinais, mais fácil se torna a relação entre ambos. Há “sinais” cujo valor semântico diferem dependendo do contexto, assim como em todas as línguas. Como exemplo, cita-se o ocorrido com um aluno surdo de uma Instituição, durante as eleições para sua direção. Interessante que, para os sinais: [...] EU DESCOBRIR... DESCOBRIR... PAPEL DOCUMENTO...STIL (nome da Diretora) ESTAR-PESCOÇO/CABEÇA-CORTAR), o intérprete de Língua de Sinais traduziu como “[...] ele vai matar a Diretora”.

Como diz Bakhtin (apud JOBIM E SOUZA, 1994, p.105), que

o que importa observar nesse pequeno fragmento é o movimento das tendências afetivo-volitivas, quer dizer, dos desejos, das necessidades, dos interesses e das emoções presentes nessa conversa. Portanto, a compreensão mútua de suas falas depende não apenas da relação afetivo-emocional que há entre os participantes do diálogo, mas de como essa relação acontece na entoação.

Nesses casos, muitos professores, mesmo com pouca fluência na Língua de Sinais, não conseguem captar a velocidade e expressividade e, igualmente, as expressões faciais e corporais, dos “sinais” dos “sinalizantes”. Somente com a convivência diária e aceitação (o mais importante de todos) da sua língua, poderá entender e compreender mais, sem empecilho nenhum na profissão dos docentes.

A posição entre a relação e seu diálogo do professor e aluno envolvem o “contexto extra-verbal do enunciado que compreende três fatores, segundo Bakhtin” (apud JOBIM; SOUZA, 1994, p.106):

- 1) O horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do que é visível por eles no momento da interação verbal),
- 2) O conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores e
- 3) A avaliação comum da situação sobre a qual os interlocutores se expressam.

Para isso, é necessário entender e seguir os três fatores para “compreender” o diálogo travado e sua enunciação, procurando sempre corrigir, passar informações, melhorar, criar situações engraçadas, com humor, “musicalizar os sinais”,

trabalhar com a visualidade, observar as expressões faciais e corporais, os sinais da cultura, ter consciência da variabilidade dos sinais, uso adequado dos sinais nos níveis semântico, fonético e sintático e tudo o que no diálogo é possível de ser compreendido e, assim, possibilitar uma comunicação mais segura e inequívoca na relação dialógica entre professor e aluno Surdo.

Laborit (1994), Surda, nos conta sua experiência:

(...)Tive uma boa nota em francês e o professor me convidou para explicar o assunto aos alunos que não haviam compreendido. Fui ao quadro e comecei a exprimir na Língua de Sinais. No início de minha demonstração, o professor me deteve. Acusou-me de excesso de “facilidade” e exigiu que me exprimissem oralmente. Senti-me ridícula. Jamais tinha me sentido tão ridícula. Os alunos me olhavam rindo, não entendiam absolutamente nada do que eu tentava formular. No fim do que me pareceu uma eternidade, parei de uma vez. Não somente estava infeliz, mas fiz todo mundo perder tempo. Pedi ao professor para ter “a grande delicadeza” de me conceder 5 minutos para fazer o mesmo raciocínio, mas dessa vez na Língua de Sinais. Convencido de que não tinha nível suficiente para conseguir o que queria, persuadido de que minha língua era “inferior”, limitada, deixou-me fazer, provavelmente pensando que iria demonstrar a minha incapacidade. Os alunos, até eles, olhavam-me com olhos arredondados, brilhando de malícia, rindo. Habitualmente, entre nós, não nos exprimíamos com sinais a não ser para trapacear ou no recreio, ou na rua. A pequena revolução que eu acabava de conseguir era importante. Iriam eles compreender o que não haviam compreendido oralmente quando explicado pelo professor?

“Escutaram-me” com bastante atenção. Meu raciocínio foi claro, a explicação convincente e os alunos ficaram satisfeitos. O professor ainda assim recusou-se a acreditar que eu havia explicado tão rapidamente e tão bem.

- Vocês compreenderam tudo?

O “sim” foi unânime. Ele duvidou ainda e pediu ironicamente a um aluno que viesse repetir aquilo que supostamente havia entendido. O aluno executou a tarefa e o professor, surpreso, fez uma careta, e se refugiou em sua má-fé habitual. Continuou a aula oralmente, esquecendo-se do que acabava de acontecer.”

Bakhtin (2006) destaca que, “as condições de comunicação e as estruturas sociais estão indissolavelmente ligadas”, que a estrutura da linguagem e a organização da atividade mental estão ligadas na interação verbal, assim como as expressões faciais e corporais que, no momento dos “sinais” (a fala), já expressam a sua sintaxe, semântica e ideologia em saber que o mundo interior é expresso e fundamentado nas possibilidades de expressão, das características sociais e das subjetividades. A fala, assim como os sinais e sua condição de comunicação, no caso da modalidade viso-gestual (já que sua aquisição ou o significado exterior vêm através dos “olhos” e do ato de “ver”), e sua estruturação social variam de um caso para outro, devido à sua identidade diversificada, de acordo com o ambiente exterior onde adquiriu a língua materna ou de um ambiente em que foi ou se é criado. As condições de comunicação e sua estrutura social estão ligadas, porque na aquisição dos primeiros sinais, os significados começam a se constituir a partir de um conceito visual. A sua construção subjetiva parte por meio do contato com os outros sinais visuais e começa a formar a expressão, os sentidos, os conceitos visuais relacionados à atividade mental, como diz Bakhtin (apud JOBIM; SOUZA, 1994, p.112):

é a expressão que organiza a atividade mental, que modela e determina sua orientação; não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo exterior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e às suas orientações possíveis.

A consciência de que o significado visual difere, em seu processamento, do significado oral abre a possibilidade de se descobrirem as diferenças e contradições no diálogo, submetido às pressões sociais com os ouvintes. A diferença começa a ser experimentada e transformada em uma ideologia, devido à diferença cultural e à imposição da homogeneidade e uso artificial da fala (no caso da oralização para se igualar ao mesmo modelo dos não Surdos, apesar de a voz continuar destoante). A ideologia surge da experimentação e das experiências vivenciais de um indivíduo ou de um grupo.

Nem todos os Surdos, dependendo do seu ambiente exterior ou de contato com os mesmos grupos, têm o seu grau de consciência de que são Surdos, devido à homogeneidade e às pressões sociais dos não surdos, mas começam a ter consciência quase tardiamente da importância do seu papel. É no encontro com o “outro” (BAKHTIN, 2006) e na interação com o seu semelhante que ele desenvolverá um “grau de orientação social” que despertará sua consciência linguística e de identidade. O mesmo acontece com a escola onde os professores usuários de LS ou professores Surdos, com a formação homogênea das universidades, têm seus vários níveis de grau de consciência para com a língua e seus contextos visuais, onde encontram suas dificuldades de ensinar a língua materna aos Surdos, devido

ao desconhecimento total do valor semiótico dos sinais, como no caso do exercício visual, material pedagógico e na relação cotidiana na experiência dos sinais.

Os sinais, as interações sociais, assim como a relação do sujeito com o outro sujeito e seu “olhar” sobre a diferença que se deu à luz do positivismo europeu atrapalharam muito a construção da subjetividade dos Surdos, por utilizarem a sua comunicação com base na ideologia da oralização e na escrita, impedindo os Surdos de expressarem suas convicções e lutas pela emancipação das diferenças sociais. Todo processo de enunciação relacionado a esta situação está e sempre foi desprezado, anulado, para ser homogeneizado pela ideologia dos não Surdos. Os Surdos defendem e sempre defenderam a LS e sua cultura como uma “ideologia do cotidiano”, para expressar a luta contra a homogeneidade e defesa dos sinais e da cultura – os sinais, os signos visuais, as “expressões semióticas” e “ideologia do cotidiano”, numa interação dialética constante de acordo com o mundo exterior que nos “molda” a identidade e o conhecimento do “diálogo já tido”, “já falado por alguém”, “elucidado”, “articulado” e significativo à formação de consciência carregada de identidade cultural, da diferença social, marcadas pelos signos visuais.

O fluxo da interação verbal, nos casos dos sinais e signos visuais, cujos casos vamos citar: o encontro de não surdos com outros não surdos, ambos usuários de Língua de Sinais; eles passam a oralizar em vez de sinalizar. O Surdo quando está inserido no meio não encontrará seus significados de acordo com o contexto e passará a ter dificuldade de entender o significado e contexto exterior, tendo em vista a interiorização que já estava carregada de significados vazios e únicos pela homogeneidade da palavra, da oralização, do som imperceptível e das omissões dos sinais provocados pelos usuários de LS.

“O diálogo se revela como forma de ligação entre a linguagem e a vida” (BAKHTIN, 2006) e isto situa culturalmente a expressividade do simbólico-ideológico de uma comunidade, no caso dos “diálogos” visuais dos Surdos.

Ideologicamente, todo “saber” e a sua relação têm muito a ver com o “poder-saber” (FOUCAULT, 2004, p.27), pois aquele que “detém” conhecimento, geralmente usa isso para estar numa posição superior. No entanto, essas relações de “poder-saber” não devem ser analisadas a partir do conhecimento de um sujeito, pois cada um é livre ou não em relação ao sistema do poder. É preciso considerar, ao contrário, que o sujeito que conhece os signos e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas “transformações históricas”. É por isso que, de acordo com Bakhtin, o sujeito Surdo se adquire ou se assimila através da “interação verbal”, realizada através da “enunciação ou das enunciações” e sua construção na subjetividade, como produto de um conhecimento e de poder, as suas modalidades do conhecimento e dos signos do conhecimento. A própria enunciação já vem carregada de uma ideologia,

do poder “camuflado”, dos signos visuais, com suas estruturas expressivas, sutis, impregnada das tendências afetivo-volitivas que na relação entre dois interlocutores se formam em um único signo da relação.

As questões acima citadas esclarecem pontos importantes dos aspectos da visualidade na educação de Surdos e das relações implicadas no processo de ensinar e aprender e que mostram que esse processo é mais amplo do que o do ensino da Libras, ainda que este se faça imprescindível. O fato é que as Línguas de Sinais deixaram de ser tratadas como um conjunto de símbolos visual-manuais desarticulados e passaram a ser concebidas como “uma estrutura multiarticulada e multinivelada, com base nos mesmos princípios gerais de organização que podem ser encontrados em qualquer língua” (BEHARES, apud LODI, 1993, p. 43).

5.8 Expressões idiomáticas em Língua de Sinais brasileira¹³

Sandra Patrícia de Faria-Nascimento

Os vocábulos das línguas, ao serem concatenados, produzem uma infinidade de trocadilhos cujos significados flutuam dos mais transparentes aos mais opacos; dos mais simples aos mais inusitados; dos mais grotescos aos mais poéticos. Essa recursividade encontra-se carregada da cultura vivenciada pelos indivíduos, na comunidade à qual pertencem. (FARIA-NASCIMENTO, 2006)

5.8.1 Expressões idiomáticas ou idiomatismos em Língua de Sinais brasileira

Não é possível afirmar com precisão quantas palavras existem numa língua. Por isso, é praticamente impossível saber quantos sinais possui a Língua de Sinais brasileira. Línguas vivas são dinâmicas e passam por constantes mudanças. Todos os dias, novos sinais são criados nas Línguas de Sinais, seja por meio do contato entre os sinalizantes, seja por meio do acesso a novos conhecimentos, seja pelo acesso a novas tecnologias.

Os sinais das LS, assim como as palavras das línguas orais, modificam-se

13 Agradecimentos especiais aos queridos amigos surdos que, com carinho, paciência e presteza, trocaram comigo exemplos e conceitos de sinais extraídos de suas experiências linguísticas e, sempre que consultados, validaram e auxiliaram no registro de glosas de sinais que lhes apresentei. A todos, meu Muito Obrigada! Ana Regina Campello, André Reichert, Débora Wanderley, Fabrícia de Souza, Flaviane Reis, Marianne Stumpf, Marisa Lima, Patrícia Rezende, Messias Costa, Rogério Feitosa, Saulo Machado, Suzana Alves e Vinicius Rodrigues. Também, um agradecimento a Ana Carolyn Sales, que participa do Grupo de Estudo e Pesquisa de Metáforas da Língua de Sinais Brasileira, da Universidade de Brasília, e auxiliou na seleção de expressões do corpus de referência.

nos diferentes contextos em que são empregados, de forma que são significados e ressignificados. Os significados emergentes da interação linguística sinalizada, nos diferentes contextos, refletem a cultura e a identidade dos sinalizantes da Língua de Sinais brasileira, com as influências que exercem sobre outras línguas ou advindas de outras línguas.

Essa característica aliada à alta produtividade linguística da Língua de Sinais brasileira manifesta o pensamento dos seus sinalizantes. Muitas expressões têm origem em hábitos muito antigos; outras, em fatos históricos; algumas conseguimos resgatar as origens, outras, não.

Um evidente efeito da modalidade das Línguas de Sinais reside no fato de que, diferentemente das línguas orais, em que se diz que a produtividade linguística está “na ponta da língua”, nas LS a produtividade começa “nas pontas dos dedos”.

Em face da modalidade corporal visual das Línguas de Sinais, além da alta produtividade da criação de unidades lexicais novas, em outras palavras, além da possibilidade de se criarem sinais novos e de combinar esses sinais criados, entre si, produzindo novos significados, as Línguas de Sinais têm a possibilidade de criar sinais que representam significados oracionais, quando traduzidos para línguas orais. Assim, um forte efeito da modalidade das Línguas de Sinais está em traduzir sentidos complexos em unidades sinalizadas representadas por unidades lexicais manuais sinalizadas simples ou por unidades lexicais sinalizadas constituídas por expressões faciais, como aquelas constituídas apenas de morfemas-boca.

Dessa forma, as expressões idiomáticas em Língua de Sinais brasileira não são necessariamente constituídas por unidades sinalizadas complexas, ou seja, constituídas por mais de um sinal, o que não significa dizer que combinações de sinais não sejam possíveis, nem comuns, mas são menos produtivas, dado o potencial linguístico que a Língua de Sinais tem para produzir sinais simples com incorporação de conceitos complexos.

Pode-se dizer que a modalidade corporal visual produz efeitos típicos nas Línguas de Sinais. Assim, em vez de combinações que poderiam levar a expressões idiomáticas constituídas por sinais combinados, é bastante produtivo na Língua de Sinais brasileira a criação de sinais que representam ideias complexas, blocos de sentido, que, em Língua Portuguesa, por exemplo, equivalem a estruturas oracionais.

Em outras palavras, muitas expressões representam blocos de sentido que podem ser constituídos de unidades lexicais sinalizadas simples, estruturadas em um único sinal, ou de unidades lexicais sinalizadas complexas, estruturadas por mais de um sinal. Nesse último caso, essas expressões são genericamente conhecidas como fraseologismos[i]. Quando expressões sinalizadas se cristalizam, passam a pertencer ao rol de expressões idiomáticas ou idiomatismos.

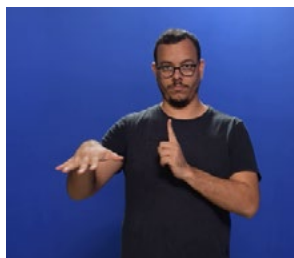
Na literatura, os idiomatismos estão presentes, normalmente em locuções, expressões formulaicas[ii], em expressões idiomáticas[iii], frases feitas[iv], pro-

vérbios[v], gírias[vi], modismos[vii], clichês[viii], refrões[ix] etc.

Em Língua de Sinais brasileira, aparentemente, ainda não há registros consolidados de provérbios, entre outras lexias idiomáticas complexas. É preciso mais pesquisas em torno desses objetos de estudo. A cada dia torna-se mais próxima a possibilidade de constituição de *corpora* de referência, em Libras; esses *corpora* são cada vez mais variados e robustos. Deles emergem dados reais de uso, em distintos contextos, com regularidade de estruturas e significados semelhantes.

A recorrência de combinações idiomáticas semelhantes, em distintos contextos interacionais, viabiliza a identificação de estruturas idiomáticas complexas gramaticalizadas em Língua de Sinais brasileira. Espera-se reconhecer nesses tipos de estrutura o que podem vir a ser reconhecidos como provérbios e outros idiomatismos em Língua de Sinais brasileira. Nesse sentido, a ampliação de *corpora* de referência da Língua de Sinais brasileira permitirá o acesso a vídeos sinalizados com registros cada vez mais consistentes de idiomatismos sinalizados.

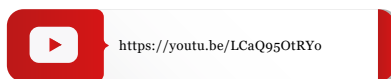
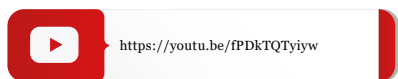
Quanto às expressões idiomáticas, podemos sintetizar dizendo que são unidades lexicais simples ou complexas caracterizadas por não permitirem a identificação do seu significado pelo sentido literal de cada constituinte. Quanto à (1) GÍRIA, normalmente entendida pelo uso de palavra não convencional para designar outra palavra formal da língua, costuma ter vida curta, pois tende a desaparecer muito rapidamente, enquanto uma (2) EXPRESSÃO IDIOMÁTICA permanece por longos anos, compondo o arsenal linguístico de gerações. Assim, uma expressão idiomática distingue-se de uma gíria por ser perene, uma vez que gírias são, em princípio, efêmeras.



(1) GÍRIA



(2) EXPRESSÃO IDIOMÁTICA



Considerando que os registros da Língua de Sinais brasileira são relativamente recentes, não é fácil distinguir gírias de expressões idiomáticas. Há expressões que parecem gírias por não estarem difundidas em todo o território nacional, entretanto, são bem produtivas em algumas regiões. Avalia-se que algumas expressões idiomáticas estão em fase de difusão, enquanto outras, ocorrem em variação. Para

efeitos didáticos, essa seção da gramática considera a gíria estritamente como o jargão de um grupo específico e não será tratada nesta seção. Sob esse entendimento, uma mesma expressão idiomática sinalizada pode estar sendo produzida, ao longo dos anos, por diferentes sinalizantes, em diferentes épocas.

Uma vez constatado que boa parte dos idiomatismos da Língua de Sinais brasileira são expressões constituídas de uma unidade lexical simples, ou seja, constituídas por um único sinal, o que difere sinais idiomáticos dos demais sinais? A estrutura morfológica de uma expressão idiomática pode ser a mesma de um sinal ou de um sinal-termo. O que determina, então, se um sinal é, ou não, uma expressão idiomática é o seu significado, extraído normalmente do seu contexto de uso.

Se dizemos, portanto, que “uma pessoa está de cabelos em pé”, porque está despenteada ou porque o vento bateu nos seus cabelos e os deixou em pé ou porque simplesmente levou um susto e, literalmente, arrepiou os cabelos, não estamos falando de um idiomatismo. Todavia, se dizemos que “uma pessoa está de cabelos em pé”, porque ficou espantada ou chocada com algo, é um idiomatismo, como ilustrado em (3):

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA SINALIZADA	GLOSA E SIGNIFICADO EM LÍNGUA PORTUGUESA
	<p>(3) CABELOS-EM-PÉ Ficar de cabelos em pé.</p>

O que caracteriza uma expressão idiomática em Língua de Sinais brasileira é a regularidade com que ela aparece nos discursos dos sinalizantes, sendo a mesma estrutura repetida em diferentes contextos, em diferentes regiões.

Expressões idiomáticas sinalizadas podem ser definidas, enfim, como estruturas sintáticas constituídas de sinais únicos ou combinações de sinais apresentados em forma de fórmulas repetidas diariamente, por diversos sinalizantes. Em outras palavras, são sinais ou combinações de sinais que são identificados no registro sincrônico em Língua de Sinais brasileira, no discurso de qualquer sinalizante, de qualquer grupo etário, profissional, de qualquer gênero ou grupo que possa apresentar registros linguísticos específicos e recorrentes nas interações linguísticas dos sinalizantes.

As expressões idiomáticas, de uma maneira geral, são estruturas resultantes

de experiências partilhadas entre os falantes de uma língua. Os idiomatismos não podem ser decodificados literalmente; “são culturais por transmitirem um dado cultural”. As expressões idiomáticas são empregadas no dia a dia para dar ênfase, mostrar sutileza, suavizar, intensificar, adicionar humor, ironizar, insinuar, assim como, também, aproximar o interlocutor do que está sendo dito.

Assim, as expressões idiomáticas carregam um sentido diferente daquele que está explícito, ou seja, o significado da expressão toda não corresponde ao somatório do significado de cada uma das suas unidades lexicais. Isso ocorre porque carregam um sentido conotativo, diferente do literal. O sentido conotativo é resultado de experiências socioculturais dos sinalizantes, incorporadas, nesse estudo em especial, à Língua de Sinais e facilmente percebidas pelos falantes nativos da língua. Entretanto, aprendizes de uma segunda língua correm o risco de embarçar-se ao tentar interpretá-las em seu primeiro contato com essas expressões.

As expressões idiomáticas sinalizadas, em foco neste estudo, podem ser analisadas de pontos de vista diferentes: por exemplo, do ponto de vista **lexical** (constituídas por um item lexical sinalizado ou por mais de um item lexical sinalizado); do ponto de vista **morfológico** (constituídas por morfemas manuais livres ou presos, incluindo-se expressões faciais com valor morfêmico, como é o caso de morfemas boca); do ponto de vista **idiomático** (constituídas pela presença de experiências particulares ou coletivas que, partilhadas, absorvem traços culturais de um grupo); do ponto de vista **semântico** (constituídas por temas: animais, partes do corpo, alimentos etc; pela combinação de ideias ou sinais que levam a significados diferentes dos significados das unidades isoladas), do ponto de vista **metafórico** (constituídas por expressões que dizem uma coisa, querendo dizer outra, partindo de mapeamentos cognitivos que levam a um domínio alvo, a partir de um domínio fonte) e do ponto de vista **sintático** (constituídas pela produtividade sintática, a partir de expressões idiomáticas que se recontextualizam e ampliam seus significados em novas e diversas construções sintáticas).

Assim, qualquer expressão idiomática sinalizada pode ser analisada sob cada um desses pontos de vista; pode ser analisada apenas dentro da Língua de Sinais brasileira, assim como pode também ser em relação a outras Línguas de Sinais ou outras línguas orais.

5.8.2 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista lexical

Como mencionado, uma expressão idiomática em Língua de Sinais brasileira pode ser constituída de um ou mais sinais.

Existem Expressões Idiomáticas constituídas de apenas uma unidade lexical sinalizada, como nos exemplos a seguir:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(4) VELA-MOSTRAR</p> <p>Segurar a vela perto de um casal romântico).</p> <p>Estar entendido/a perto de um casal.</p> <p>Vigiando um casal.</p>
 	<p>(5) CARA-QUEBRAR</p> <p>Quebrar a cara.</p> <p>Ficar sem palavras.</p> <p>Ficar sem graça.</p>
 	<p>(6) LINHA-PUXAR</p> <p>Esticar conversa.</p> <p>Falar mais que o necessário.</p> <p>Falar mais que o homem da cobra.</p>

Existem expressões idiomáticas constituídas por mais de uma unidade lexical sinalizada, ou seja, por mais de um sinal, como nos exemplos a seguir:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



<https://youtu.be/8N3dRxBZX5s>

(7) CABEÇA DURA

Um sem noção.

Pessoa turrona.



<https://youtu.be/E6S55OYHsxk>

(8) VERGONHA NÃO TER

Não ter vergonha na cara.

Um cara de pau.



<https://youtu.be/pjPflLNwoXE>

(9) CARA QUEBRAR¹⁴

Quebrar a cara.

Sem noção.

Foi pego em flagrante.

Perder o chão.



https://youtu.be/7ts_W_eFuUA

(10) ORELHA CARA

Olho vivo.

Ter audição boa/aguçada.

Ter “ouvido espião”.

Pessoa muito esperta.

¹⁴ Veja que (9) se refere a uma expressão idiomática constituída de dois sinais, mas que possui o mesmo significado da expressão idiomática (5) que se refere a um único sinal.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(11) ORELHA BARATA</p> <p>Ter audição ruim/desatenta.</p> <p>Não prestar atenção.</p> <p>Não dar bola para as coisas.</p> <p>Pouca percepção auditiva.</p>
 	<p>(12) OLHO CARO</p> <p>Ter olhos de águia.</p> <p>Ter olhar atento.</p> <p>Ter olhos alerta.</p> <p>Bom observador.</p>
 	<p>(13) OLHO BARATO</p> <p>Ter olhar desatento.</p> <p>Não prestar atenção.</p> <p>Como é voado!</p>

5.8.3 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista morfológico

Do ponto de vista morfológico, os sinais que levam à constituição das expressões idiomáticas são constituídos fonomorfologicamente por CM, Locação, Movimento, Expressão Não Manual, Direção, Orientação da Palma etc., Morfe-mas-base, enfim, de Morfemas ou Estruturas Morfofonológicas constituintes dos sinais, Sinais-termo e Sinais Idiomáticos.

As expressões idiomáticas, do ponto de vista morfológico, podem ser constituídas basicamente por unidades morfológicas produzidas pelo corpo, sejam elas unidades morfológicas manuais ou faciais. Assim, tanto é possível identificar expressões idiomáticas equivalentes a unidades lexicais constituídas de unidades morfológicas simples, quanto constituídas por unidades morfológicas complexas. Em (14), o morfema é constituído por uma única mão; em (15), o morfema é constituído por duas mãos duplicadas.

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA SINALIZADA

GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



(14) PEITO-BATER-MÃO-FECHADA

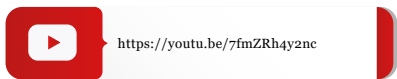
Não se amole com isso

Deixar pra lá

Ignore isso!

Dou meu apoio moral!

E aí, meu brother!



(15) SORRISO-DUPLO

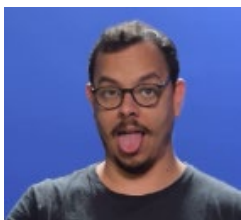
Dar o maior sorriso do mundo

Radiante da vida!

Quanto às expressões idiomáticas constituídas apenas de morfemas-boca, exemplificam-se as que seguem:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



(16) LÍNGUA-FORA

Isso mesmo!

É, é, é!

Exatamente isso!

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(17) LÁBIOS-FECHADOS</p> <p>Como consegue? Impressionante! Que coisa! Viu aí o que eu consigo? Viu que eu sei?</p>
 	<p>(18) LÁBIOS-TREME</p> <p>Que desânimo!</p>

5.8.4 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista idiomático

Uma vez que a representação por uma unidade lexical sinalizada simples (constituída por um único sinal) ou por uma unidade lexical sinalizada complexa (constituída por mais de um sinal) não é um critério determinante para se afirmar se há uma expressão idiomática ou não, elegemos três critérios para identificar se um sinal é uma expressão idiomática ou não: o critério da **regularidade**, da **durabilidade** e da **significação metafórica ou conotativa**.

- a. O **critério da regularidade** identifica se uma expressão se repete em diversos contextos, nos diferentes discursos de sinalizantes.
- b. O **critério da durabilidade** nos mostra se a expressão é eventual, se é de uso recente ou se já incorporou ao léxico da Língua de Sinais brasileira.
- c. O critério da **significação metafórica ou conotativa** nos mostra se a expressão tem sentido literal (denotativo) ou não literal (conotativo). Se o sentido de uma expressão é interpretado literalmente, provavelmente não se trata de uma expressão idiomática. Contudo, se o significado é metafórico, as chances de estarmos diante de uma expressão idiomática é maior.

Do ponto de vista idiomático, há expressões idiomáticas tipicamente da Língua de Sinais brasileira, há aquelas emprestadas da Língua Portuguesa e incorporadas à Língua de Sinais brasileira e ainda há as expressões idiomáticas oriundas de outras Línguas de Sinais. Neste estudo trazemos expressões idiomáticas típicas da Língua de Sinais brasileira e expressões idiomáticas emprestadas da Língua Portuguesa.

Expressões idiomáticas típicas da Língua de Sinais levam em consideração a experiência linguística pessoal e partilhada culturalmente entre os sinalizantes. Os idiomatismos são fruto dessa experiência cultural partilhada.

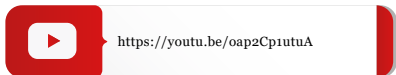
Podemos citar como exemplo a modalidade linguística das Línguas de Sinais que enfatiza a visualidade (olhos) e a “manualidade” (mãos). Assim, “olhos”, “mãos” e “corpo” propiciam a manifestação de características linguísticas que evidenciam traços culturais das Comunidades Surdas Sinalizantes. Assim, os olhos para se referir à visão/visualidade dos surdos e as mãos para se referir à corporalidade/“manualidade” da Língua de Sinais têm grande destaque e produtividade na constituição idiomática em Língua de Sinais brasileira. Exemplos de expressões idiomáticas com “olhos” e com as “mãos” refletem uma tipicidade cultural própria das línguas de sinais, própria das Comunidades Surdas. Exemplificam essa característica, as expressões idiomáticas em (19) e em (20), que se referem à fluência, à leveza ou à falta de fluência ou “rigidez” que as mãos dos sinalizantes podem ter na produção linguística em Língua de Sinais brasileira. Além delas, exemplificamos com (21), que costuma se referir a chamar tanto que a mão está quase caindo:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(19) MÃOS LEVES</p> <p>Tem mãos leves.</p> <p>Tem fluência em Libras.</p> <p>Ter mãos fáceis de entender.</p> <p>Tem boa lábia.</p> <p>Bom de papo.</p>
 	<p>(20) MÃOS DURAS</p> <p>Tem mãos pesadas.</p> <p>Tem pouca fluência em Libras.</p> <p>Mãos difíceis de entender.</p> <p>Papo estranho.</p>
 	<p>(21) MÃO-BALANÇAR-BAIXO</p> <p>Minha mão quase caiu de tanto chamar!</p> <p>Quase perdi a mão de tanto chamar!</p> <p>Vou parar de chamar a atenção!</p> <p>Desanimei!</p>

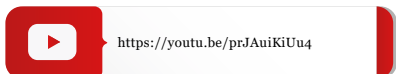
Há expressões com adaptação idiomática que em Língua Portuguesa se referem à cultura linguística oral e em Língua de Sinais brasileira há um ajuste cultural à Língua de Sinais. São expressões que sofrem um ajuste cultural. Como exemplo, podemos citar: “Cale as mãos!” em oposição a “Cale a boca”; “Vejam o que estamos dizendo!” em oposição a “Ouçam o que estamos dizendo!”; “Entrar por um olho e sair pelo outro” em oposição a “Entrar por um ouvido e sair pelo outro”, como mostram de (22) a (25):

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

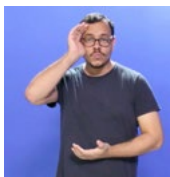
GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



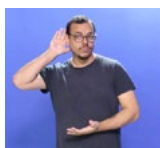
(22) OLHOS-SAIR
Entrar por “olho” e sair por outro.
Desconsidere isso!
Melhor ignorar!
Isso é bobagem!



(23) OUVIDOS-SAIR
Entrar num ouvido e sair no outro
Desconsidere isso!
Melhor ignorar!
Isso é bobagem!
Isso não me atinge!



(24) VEJA
Vejam o que está sendo dito!
Preste atenção!



(25) OUÇA
Ouçam o que está sendo dito!
Preste atenção!

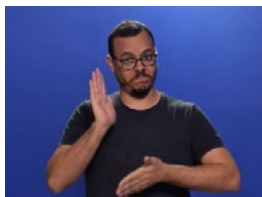
**5.8.5 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira:
ponto de vista semântico**

As expressões idiomáticas sinalizadas podem atender a campos semânticos e esses campos podem emergir de uma unidade lexical ou semântica motivadora. Culturalmente, olhos, mãos e corpo são a essência da Língua de Sinais brasileira.

Dessa forma, a produtividade linguístico-cultural com essas marcas é bastante significativa em Libras. Citamos como exemplos algumas das expressões idiomáticas que atuam sobre o significado de “mão/mãos”. É o caso de (26), empregada para se referir a pessoas que têm mãos perigosas, porque, com suas mãos, falam demais e dizem muitas mentiras, assim como as demais que também se referem a “mãos”, como é o caso das expressões idiomáticas de (26) a (32). Identifica-se contexto semelhante ao da Língua Portuguesa ao relacionar a expressão em (27) com “se mentir’ (em Libras) os dedos crescem”, fazendo intertextualidade com a expressão idiomática relacionada à história do Pinóquio cujo nariz cresce quando mente. Em (31), há uma relação com a Língua Portuguesa no que se refere à necessidade de silenciamento das mãos, porque se “fala mais do que se devia ter falado”:

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(26) MÃOS/DEDOS-BALANÇAR</p> <p>Papo furado. Contar lorota. Ótima lábia. Malicioso. Manipulador. El@ é persuasivo.</p>
 	<p>(27) MÃOS/DEDOS-LONGOS</p> <p>Falar muita mentira. Os dedos crescem de tanto mentir¹⁵.</p>
 	<p>(28) MÃOS-TIRAR</p> <p>Estou fora. Não se envolver. Manter-se neutro. Lavar as mãos.</p>

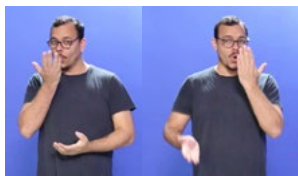
¹⁵ Essa expressão equipara-se ao Pinóquio, que cresce o nariz quando mente.



https://youtu.be/tNQM1h_hgRU

(29) MÃOS-LIMPAR

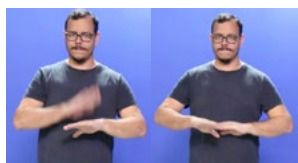
Lavar as mãos.
Não dar mais palpite!
Estou fora!
Já fiz a minha parte!



<https://youtu.be/jiGTxc3h9ak>

(30) MÃOS-SOPRAR-CADA

Não sei de nada!
Não estou sabendo de nada!



<https://youtu.be/yTo49GbWwEQ>

(31) MÃO de BATE-MÃO e MÃO de BATE-MÃO

Calar as mãos¹⁶ Pare de falar! “Cala-te, mão!” Fique de fora! Fique quieto! Fique na sua!




<https://youtu.be/29R1TvfKpJ4>

(32) MÃOS-HABILIDOSAS
Extremamente fluente em Libras.

Ainda do ponto de vista semântico, também é possível ilustrar a concepção

¹⁶ Em Língua Portuguesa equivale a “preciso calar a boca”.

metafórica do sinal (33), que se refere à discriminação e ao preconceito, como aquilo que é esmagado nas mãos. Trata-se de uma unidade lexical, em princípio, e não uma expressão idiomática, mas que carrega em sua concepção uma experiência humana e cultural e que, diante do efeito da modalidade, pode ser interpretado como “aquilo que se esmaga”, “é preconceito total”:

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA SINALIZADA	GLOSA E SIGNIFICADO EM LÍNGUA PORTUGUESA
  <p>https://youtu.be/Pf5fL8JoLh8</p>	<p>(33) ESMAGAR</p> <p>Refere-se ao preconceito, à opressão, à discriminação ou à vingança.</p> <p>Destruir.</p> <p>Estigmatizar.</p>

Muitas dessas expressões podem ter início nos discursos próprios e naturais dos sinalizantes. Em princípio, podem não ser consideradas idiomáticas, uma vez que são expressões com baixa regularidade de ocorrência linguística entre os sinalizantes. São expressões, contudo, que, empregadas de forma mais frequente, especialmente quando produzidas por sinalizantes de referência, tendem a se repetir, dada a carga informativa à perfeição com que a estrutura se compatibiliza com o tema, criando mapeamentos cognitivos que tendem a ser repetidos. Pode-se citar, como exemplo, (34), empregado em um contexto específico para mencionar que “a tecnologia devorou o ser humano”:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
  <p>https://youtu.be/8mzKwKPyh8w</p>	<p>(34) 3-DEVORAR-1</p> <p>Engolir, absorver, impregnar...</p> <p>Tomar conta de alguém.</p> <p>Tome cuidado!</p> <p>Agrupar a essência.</p>

Inspirados nos estudos de Wilcox (2000), Faria-Nascimento (2003), Taub (2012, entre outros, muitos estudiosos, surdos e ouvintes, se dedicaram ao estudo da metáfora na Língua de Sinais brasileira. Entre eles destacam-se Oliveira (2011), Corrêa (2012), Mendes (2013), Murta (2015), Costa (2015 e 2020), Silva Junior (2016) e Gonçalves (2020)

Para grande parte dos surdos sinalizantes, essas expressões idiomáticas são típicas da Língua de Sinais brasileira. Isso ocorre porque existem experiências compartilhadas entre sinalizantes de Libras e falantes de Língua Portuguesa. Possivelmente pelo contato territorial e diário, partilhado entre surdos sinalizantes e falantes do Português oral, estruturas linguísticas acabam sendo partilhadas e, portanto, podem ser encontradas tanto em uma língua quanto em outra e podem, portanto, parecer típicas a cada um de seus falantes/sinalizantes.

Faria-Nascimento (2003; 2006), em seu estudo inicial acerca das metáforas em Língua de Sinais brasileira, deteve-se ao estudo das metáforas do ponto de vista semântico e categorizou as expressões idiomáticas da Libras, contrastando-as com expressões idiomáticas da Língua Portuguesa. No *corpus* selecionado, inicialmente, foram identificadas expressões idiomáticas emprestadas da Língua Portuguesa e que tiveram uma adaptação linguística para acomodar-se à estrutura da Libras; em síntese, a autora identificou expressões idiomáticas **equivalentes** à Língua Portuguesa, **semelhantes** a ela e **diferentes** dela.

5.8.5.1 Expressões Idiomáticas equivalentes

As **expressões idiomáticas equivalentes** referem-se a expressões idiomáticas da Libras **equivalentes, no sentido e na forma**, a expressões idiomáticas da Língua Portuguesa (FARIA-NASCIMENTO, 2003; 2006). Seguem alguns exemplos, de (35) a (56):

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

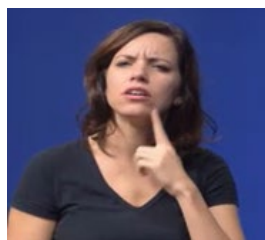
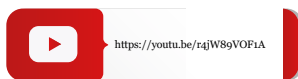
GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



(35')



(35'')



(35') e (35'') CARA-BATER
Cara de pau.
Que safadeza.
Ter vergonha na cara.

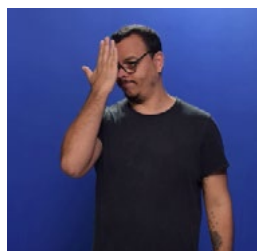
(36) OLHO-PISCAR
Num piscar de olhos.
Nossa!
Que rapidez.

(37) OLHOS-ABRIR
Preste atenção!
Abra o olho!
Cuidado, hein?
Estupefato com algo.

(38) BABAR
Babando!
Que delícia!
Morrendo de inveja.

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

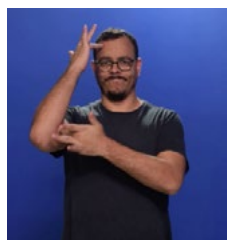
GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



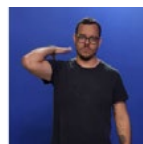
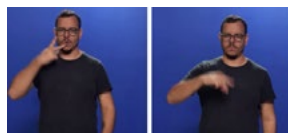
(39) PORTA–NA-CARA
Dar com a cara na porta.
Que absurdo!
Que fiasco.
Quebrar a cara.



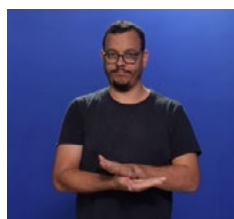
(40) CARA-CARA
Ficar cara a cara.
Encarar alguém.
Falar a verdade na cara.
Enfrentar olho no olho.
Tirar satisfação.




(41) CABEÇA-E-MÃO
Fulano é cabeção.
Alto nível.
Fulano é “CDF”.
Fulano é “fodão”.



(42) FALAR PELAS-COSTAS
Falar mal pelas costas.



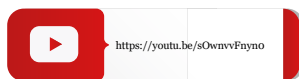
(43) POR-BAIXO
Por baixo dos panos.
Fazer algo às escondidas.

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(44) MANGA-ENROLAR Arregaçar as man gas. Disponer-se a trabalhar muito.</p>
 	<p>(45) QUINTO-NÍVEL¹⁷ Que pessoa insipiente/ ignorante, desinformada, de baixo nível. De quinta categoria.</p>
 	<p>(46) QUEIXO-CAIR Cair o queixo. Estou passada! Ficar chocada. Estou boba. Estou bege.</p>
 	<p>(47) LÍNGUA-GRANDE Que linguarudo! El@ é fofoqueiro! Falar demais. Fazer fofoca.</p>
 	<p>(48) ESTAR-ENTALADO Se segura, se cala; não pode explodir. Com um nó na garganta. Engolir sapo. Não conseguir se expressar.</p>

¹⁷ Em Língua Portuguesa, a expressão semelhante “de quinta categoria” costuma qualificar objetos, coisas de quinta categoria. Em Libras, refere-se, principalmente, a pessoas e parece ser uma expressão adjetiva, pois qualifica pessoas como tendo um “quinto nível”, sem conhecimento.

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

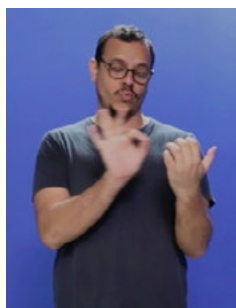
GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



(49) GELO-FICAR
Pessoa insensível.
Ficar congelado.
Ficar sem palavras.
Ser pego em flagrante.
Ficar em estado de choque.



(50) ROSTO-CAIR
A máscara caiu.
Ser desmascarado.
Estar envergonhado.



(51) UNHAS-LIXAR
Sem se envolver.
Não é comigo!
O problema é seu!
Se vira!
Estou só olhando!
Nem ligo!
Isso não é problema meu!



(52) MAQUIAR
Serviço meia boca.
Tapear uma arrumação.
Disfarçar.
Manipular.



(53')



(53') E (53'') ATRAVESSAR-
-NA-FRENTE

Passar na frente.
Atropelar as coisas.
Interromper alguém.



(53'')



Mudar de assunto intempesti-
vamente.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
	<p>(54) CARA-QUADRADA Pessoa antiquada, conservadora. Parou no tempo. Tem visão muito estreita.</p>
	<p>(55) HORROR Que nojo! Fiquei horrorizado! Estou chocada com tanta asneira!</p>
	<p>(56) PESCAR-EL@ Pegar alguém no laço. Capturar alguma informação.</p>

5.8.5.2 Expressões Idiomáticas semelhantes

As **expressões idiomáticas semelhantes** referem-se a expressões idiomáticas da Libras, **equivalentes no sentido e diferentes na forma** em relação a expressões idiomáticas da Língua Portuguesa (FARIA-NASCIMENTO, 2003; 2006). Seguem alguns exemplos, de (57) a (59):

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
	<p>(57) COTOVELO-CAIR Ficar com ciúme. Ter dor de cotovelo. Ter inveja.</p>

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(58) BARRIGA-TORCER</p> <p>Morrer de rir. Gargalhar muito. Rolar de rir.</p>
 	<p>(59) CUSPIR</p> <p>Matar aula. Desprezar algo. Não dar importância, desdenhar.</p>

5.8.5.3 Expressões Idiomáticas diferentes

As **Expressões idiomáticas diferentes** referem-se a expressões idiomáticas da Libras **diferentes, no sentido e na forma**, em relação a expressões idiomáticas da Língua Portuguesa (FARIA-NASCIMENTO, 2003; 2006). Essas expressões idiomáticas são, na verdade, expressões tipicamente da Libras, como ocorre de (60) a (72) :

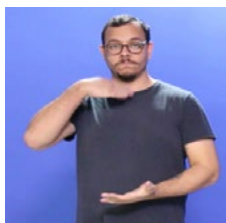
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(60) ABRE-FECHA</p> <p>Passou da hora. O tempo passa. Perdendo tempo. O tempo acabou!</p>

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

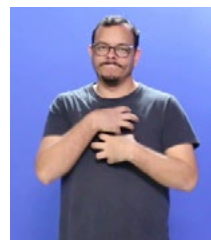
GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



(61) BOCA-BATER-PASSAR
Faltou eu!
Me deixaram de fora!
Não se lembraram de mim!



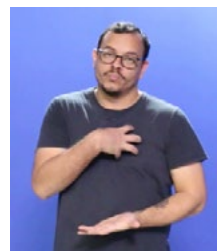
(62) QUEIXO-MÃO-BATER-
-PASSAR (PASA)
Nossa!
Estou pasma!
Estou passado/a!
Estou chocada!



(63'')



(63' E (63''))
MÃOS-PEITO-APERTAR
Não tem mais jeito!
Infelizmente!
Não há mais o que fazer.



(63''')



(64) U-GIRA
Assim não dá!
Impossível acreditar que
aconteceu assim.

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

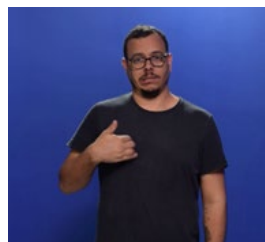
GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



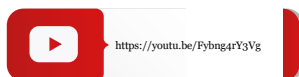
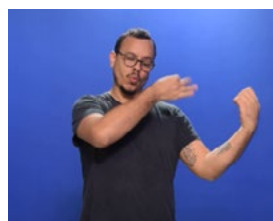
(65) ORELHA-QUADRADA
Só enxerga a orelha
(do surdo).
Tem visão restrita
(da) deficiência.



(66) BRAÇO-COÇAR
Falar disso me dá alergia.
Não quero falar sobre isso!
Não dá para falar sobre isso.



(67) IRRITAR
Isso vai irritar alguém.
El@ vai ficar irritado, hein?
Pegou mal!
Sujou!



(68) VIOLINO-TOCAR
Convencer alguém
sobre algo.
Precisa ter uma ótima lábia.
Precisa ter calma
para dialogar.



(69) MÃO-BOCA-LIMPAR
“Paia”!
Brega.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(70) NARIZ-PINÇAR+++ Disfarça! Vou ignorar.</p>
 	<p>(71) ABANDONAR-EF18 Deixa pra lá!</p>
 	<p>(72) BOCA-ABANDONAR Que exagero! Credo! Isso é piada!</p>

5.8.6 Expressões Idiomáticas e Falsos Cognatos

Entre as expressões idiomáticas da Língua de Sinais brasileira, é possível encontrar, também, falsos cognatos. É o caso de “mãos leves”. Em Língua Portuguesa, a expressão idiomática “mãos leves” refere-se, grosso modo, a uma pessoa que furta algo sem que seja percebido; em outras palavras, um ladrão. Em Língua de Sinais brasileira, entretanto, (73) refere-se a intérprete(s) de mãos leves, que sinalizam com grande leveza e suavidade:

¹⁸ EF: expressão facial.



(73) MÃOS LEVES
Bem fluente em Libras.

Um mesmo sinal pode, em um contexto, ter um significado e, em outro contexto, outro; em um contexto, pode-se tratar de uma expressão idiomática e, em outro, de uma expressão literal. Isso pode levar a ambiguidades linguísticas, e não a um falso cognato. É preciso estar atento ao que é literal e ao que é metafórico.

5.8.7 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista metafórico

É grande o número de expressões idiomáticas imbricadas de mapeamentos metafóricos e, portanto, não podem ser interpretadas ao pé da letra. Essas expressões são extremamente reveladoras da forma de pensar de um povo. A partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora deixa de ser uma mera figura de linguagem pertencente estritamente ao campo da literatura para ser um traço constituidor de uma língua, de representação da forma como os falantes/sinalizantes entendem o mundo e o representam por meio de suas línguas.

O sistema conceptual linguístico da Língua de Sinais brasileira é intrinsecamente metafórico, demonstrando que a forma como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos dia a dia são essencialmente metafóricos. É dessa forma que Lakoff e Johnson (1980) concebem a ocorrência de metáforas sempre que experienciamos uma coisa em termos de outra.

Do ponto de vista metafórico, as expressões idiomáticas da Língua de Sinais brasileira também tangem a taxonomia proposta por Lakoff e Johnson (1980). Segundo os autores, a metáfora ocorre quando se diz “uma coisa em termos de outra” e o modelo que propõem estabelece três tipos de metáfora: as metáforas estruturais, espaciais ou orientacionais e ontológicas, definidas e ilustradas a seguir.

5.8.7.1 Metáforas estruturais

As *metáforas estruturais* são estruturadoras do conhecimento e da experiência; são definidas como um conceito estruturado em termos de outro (Lakoff; Johnson, 1980). Assim, em termos estruturais: (i) **peessoas são animais**; (ii) **dança é guerra**; (iii) **discussão é guerra** – constituídos em termos de domínio




alvo e domínio fonte, respectivamente. Exemplo: “Ele atacou os pontos fracos da argumentação do chefe.” – ; sucessivamente, (iv) **amor é viagem** – o discurso emprega verbos como ir, seguir, partir, evoluir, rolar, engatar – ; (iv) **amor é negócio**; (vi) **vida é viagem** – pois apresenta origem, percurso e meta, tendo a morte como o fim da viagem – ; (vii) **vida é jornada** – Exemplo: “Ele está sem rumo.” – ; (viii) **viagem é curtidão** – Exemplo: “Vamos desfrutar a companhia um do outro.” – ; (ix) **tempo é dinheiro** – Exemplo: “Você está desperdiçando tempo.” – ; (ix) **ideias são plantas** – Exemplo: “Sua mente é muito fértil”; (xi) **relação amorosa é veículo** – Exemplo: “Esse relacionamento chegou a um beco sem saída.” – ; (xii) **mulheres são mercadoria** – Exemplo: “Essa é a minha mulher.”

Em Língua de Sinais brasileira, podemos elencar alguns desses mapeamentos metafóricos presentes em expressões idiomáticas. Seguem exemplos que retratam que **pessoas são tempero**, como em (74) e (75), há pessoas sem sal (sem sabor, sem graça), doces, azedas etc; **pessoas são máquinas**, como em (76), que demonstra que as pessoas enferrujam e precisam de lubrificantes como as máquinas; e em (77), que demonstra que pessoas travam como máquinas, e **pessoas são animais**, como em (78) e (79), que mostram que uma pessoa pode ser uma lesma ou uma tartaruga, por agir lentamente. Também pode ter comportamento de animais, como é o caso de uma pessoa humilde ou que se humilha, “colocando o rabo entre as pernas”, como em (80) e abaixando as orelhas, como em (81).

Pessoas são tempero:

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA SINALIZADA	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(74) SAL-FALTA 1Sem sal! Não tem carisma.</p>
 	<p>(75) DOCE-MUITO Que doce! Que fofo!</p>

Pessoas são máquinas:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
  <p>https://youtu.be/y145z1kqx4</p>	<p>(76) MÃO-LUBRIFICAR Precisa desenferrujar as mãos. Amolecer as mãos. Precisa lubrificar o braço.</p>
  <p>https://youtu.be/aegqO7rqOeE</p>	<p>(77) BRAÇO-JUNTA-ENCOLHER Braço enferrujado. Ligamento rompido.</p>

Pessoas são animais:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
  <p>https://youtu.be/EXNayMLTgQk</p>	<p>(78) LESMA É uma lesma. Está muito lento!</p>
  <p>https://youtu.be/VanVQz6giUE</p>	<p>(79) TARTARUGA É uma tartaruga Está muito devagar!</p>

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(80) RABO-ESCONDER</p> <p>Ficar com o rabo entre as pernas.</p> <p>Envergonhado.</p> <p>Com medo.</p> <p>Ter o “rabo preso”.</p>
 	<p>(81) ORELHAS-BAIXAR</p> <p>Baixar as orelhas.</p> <p>Estar submissa.</p>

5.8.7.2 Metáforas espaciais ou orientacionais

As **metáforas espaciais ou orientacionais** dão a um conceito uma orientação espacial; organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro, a partir de várias bases físicas, sociais e culturais possíveis que estão enraizadas na experiência física e cultural e, portanto, não são construídas arbitrariamente; possuem base cognitiva. A Língua de Sinais brasileira partilha da mesma relação orientacional das línguas orais ocidentais.

Por exemplo, locações ou movimentos “para cima” refletem a ideia de estar bem, imagens positivas, felicidade, racionalidade, virtudes e valores; enquanto os mesmos movimentos para baixo refletem a ideia de estar mal, de coisas negativas, do que é ruim: tristeza, emoção, depravação; referem-se a estar bem/coisas positivas/bom *vs* estar mal/coisas negativas/ruim; para dentro ou para fora; frente (futuro) *vs* trás (passado); em cima de *vs* fora de; fundo *vs* raso; central *vs* periférico.

Em termos de metáforas orientacionais sinalizadas, pode-se entender que sinais que se aproximam do corpo e elevam as mãos remetem a sentidos que são positivos. O afastamento do corpo e o abaixamento das mãos remete a sentidos negativos e a sentimento de rejeição, afastar do corpo tem o sentido negativo. Colar ao corpo tem sentido de aperto. Assim, em (82) o significado é de “não estou afim”, “sai pra lá”, “me deixa em paz!”. Em (83) é evidente o ato de rejeitar / repugnar (algo ou alguém), o “querer algo bem longe de si”, ou “não querer saber de algo”. Em (84) presente está a mesma ideia de rejeição e desprezo, representado pelo afastamento do que não se quer. Em (85) a rejeição também é visível e demonstra a incompatibilidade de algo. Seguem ilustrados os exemplos apresentados:

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(82) AFASTAR-EU</p> <p>Não perca tempo com isso! Deixa para lá! Deixa no vácuo!</p>
 	<p>(83) VOMITAR</p> <p>Rejeitar alguém / alguma coisa. Que nojo!</p>
 	<p>(84) EMPURRAR-X</p> <p>Deixe longe! Afaste-se de mim! Mantenha-se afastado.</p>
 	<p>(85) CHOQUE</p> <p>Não combina. Nada a ver!</p>

Por fim, (86) demonstra o aperto, refletindo a ideia de “colocar contra a parede”, “encurrular”.

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(86) APERTAR-PESCOÇO-TRÁS</p> <p>Encurrular alguém. Estar encurrulado. Num beco sem saída. Acuado ou enforcado (sem dinheiro).</p>

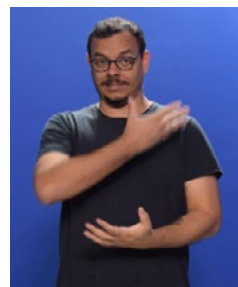
5.8.7.3 Metáforas ontológicas

As metáforas ontológicas são formas de conceber conceitos abstratos, tais como eventos, atividades e emoções como se fossem entidades e substâncias. Na metáfora ontológica, a mente é uma entidade que funciona como um recipiente. Podemos, literalmente, colocar objetos concretos dentro de um recipiente e, metaforicamente, a informação é colocada dentro dele e manejada por meio de vários classificadores e estruturas linguísticas baseadas nos parâmetros (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 52-53).

Claro que a mente não é um recipiente de verdade, mas pensamos nos processos intelectuais como se fossem objetos concretos que podemos manipular e colocar na mente. No sinal (87) APRENDER temos a ideia de que é possível segurar uma informação com a mão e colocá-la dentro da cabeça (onde se localiza a mente) e no sinal (88) ESQUECER imaginamos que podemos tirar uma informação da cabeça com a mão.



(87) APRENDER



(88) ESQUECER

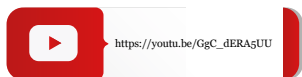


O medo é uma entidade; a mente é um recipiente; ideias ou sentidos são objetos; palavras são recipientes; comunicar é enviar ou transferir a posse; compreender é pegar ou ver. Em termos de expressões idiomáticas sinalizadas, seguem alguns exemplos, de (89) a (92):

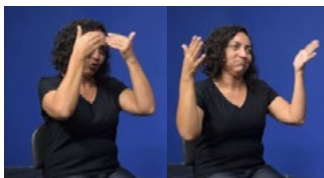
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(89) CABEÇA-EXPLODIR</p> <p>Estar com a cabeça cheia.</p> <p>Estar de cabeça quente.</p> <p>Tenho muitas coisas a fazer.</p> <p>Estou estressado/a.</p> <p>Cansei disso!</p>

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS

GLOSAS E SIGNIFICADOS
EM LÍNGUA PORTUGUESA



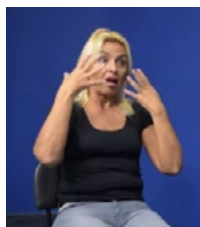
(90) CABEÇA-ABRIR
Abrir a mente!
Pessoa com cabeça à frente
do seu tempo.



(91) CABEÇA-ABRIR
Mente aberta.
Abrir a mente.
Estar aberto/a ao diálogo!



(92) CABEÇA-FECHAR
Estar de cabeça fechada.







(93) BOCHECHA-
MURCHAR
Levar um susto!
Perder a cor!

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(94) ESTAR-NO-ESCURO</p> <p>Mente sem acesso ao conhecimento. Explicação obscura. Estar alienado. Incompreensível. Vivendo na escuridão.</p>

5.8.8 Expressões Idiomáticas e Variação Linguística

As expressões idiomáticas em Língua de Sinais brasileira também sofrem variação de diversas naturezas. Apontamos a seguir uma variação geográfica. Assim, é possível encontrar uma expressão idiomática de mesma base semântica com representação semelhante, como no caso de (93') e (93''), ilustrados a seguir:

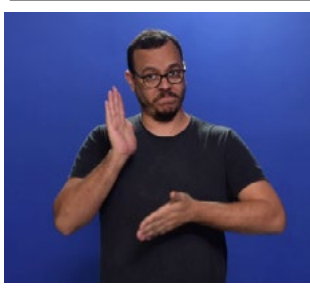

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
  <p>(95')</p>	<p>(95') e (95'') GARGANTA-DESCER-DIFÍCIL</p> <p>Engolir seco! Não consigo aceitar essa situação!</p>
  <p>(95'')</p>	

Outro exemplo de variação são as expressões (96) e (97). Ambas empregadas em contexto de conflito e referem-se a “soltar uma bomba” ou “provocar incêndio” e podem levar a “ver o circo pegar fogo”, como se diz em Língua Portuguesa:

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(96) GRANADA-PINO-BOCA SOLTAR</p> <p>Quero ver o circo pegar fogo! Vou colocar lenha na fogueira.</p>
 	<p>(97) FÓSFORO-RISCAR JOGAR</p> <p>Quero ver o circo pegar fogo! Vou colocar lenha na fogueira! Espalhar situação polêmica!</p>

Há também expressões que não representam uma variação linguística de uma mesma base referencial, mas que têm representações diferentes para contextos semânticos semelhantes, como é o caso de (98), (99) e (100). Em todos os casos há uma retirada das mãos de algum contexto. Grosso modo, essas expressões podem equivaler, em Língua Portuguesa, à expressão idiomática “lavar as mãos”. Seguem ilustrados os exemplos citados:

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(98) MÃOS-RECUAR</p> <p>Tirar o corpo fora! Retirar-se! Pôr-se fora! Não querer se envolver!</p>
 	<p>(99) MÃOS-TIRAR</p> <p>Me deixe fora disso! Estar fora! Não vou me envolver! Não pôr nem as mãos! Deixe-me fora disso!</p>

		<p>(100) MÃOS-LIMPAR Lavar as mãos. Fiz minha parte.</p>
---	---	--

Entendendo-se que semelhanças não significam sinônimos e que sinônimos podem não ser substituídos entre si em qualquer contexto, seguem outras expressões que têm proximidade de significados em Língua de Sinais brasileira. É o caso de (101), que está associado a “calar a boca de alguém” ou mandar que alguém “cale a boca”; ocorre um silenciamento de uma pessoa pela superioridade argumental ou por X ser melhor que y, ou por x sobrepor-se a y. Por fim, em (102), que pode estar associado ao fato de calar a boca de alguém no sentido de convencê-la ou deixá-la sem argumentos:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(101) BOCA-FECHAR Fique quieto! Fique na sua! Cale a boca! “Lacrar alguém”!</p>
 	<p>(102) CALAR-ALGUÉM Deixar alguém sem palavras. Deixar alguém sem argumentos. Ficar sem moral.</p>

5.8.9 Expressões Idiomáticas em Língua de Sinais brasileira: ponto de vista sintático

Do ponto de vista sintático, as expressões idiomáticas também podem concordar com o sujeito da oração. Existem, assim, expressões idiomáticas sinalizadas

que apresentam concordância verbal.

Como exemplo, podemos citar (103) em que a expressão vai do objeto para o sujeito, indicando a ação executada pela primeira pessoa, enquanto em (104) a ação é executada por uma segunda pessoa e afeta a primeira pessoa, o que equivale em (103) a “eu pego no pé de alguém” e em (104) “alguém pega no meu pé”:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS		GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
		(103) 1-3PEGAR-NO-PÉ Eu pego no pé del@. Prender alguém (de forma possessiva).
		(104) 2-1PEGAR-NO-PÉ Pegou no meu pé!

No exemplo (105), a ação da expressão parte do sujeito para o objeto, indicando a ação executada pela primeira pessoa, enquanto que em (106) a ação é executada por uma segunda pessoa e afeta a primeira pessoa:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS		GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
		(105) 2-DIZER-ALGO-PARA-1 ...Me ofendeu! ...Me disse uma vez só!
		(106) 1-DIZER-ALGO-PARA-2 Vou dizer uma palavra só! Já avisei! Estou sendo franca. Eu digo na lata.

Da mesma forma, em (107) a expressão vai do sujeito para o objeto, indicando a ação executada pela primeira pessoa, enquanto em (108) a ação é executada por uma segunda pessoa e afeta a primeira pessoa:

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS		GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
		(107) 1-EXPULSAR-2 Expulsei el@.
		(108) 2-EXPULSAR-1 Fui expulso.

As expressões idiomáticas, ainda que como unidades morfológicas, são produtivas sintaticamente uma vez que podem ampliar seu significado sintático com pequenas variações que levam a estruturas mais complexas de significado, a partir de uma variação mórfica sutil que amplia e ressignifica a expressão idiomática base, originalmente constituída.

Essa possibilidade linguística é recorrente e mostra o quanto as expressões idiomáticas sinalizadas são produtivas, uma vez que, sob os processos de criatividade linguística, a partir de uma base morfológica, surge uma série de contextos idiomáticos criativos, afins, mas diferenciados.

Exemplificam esse fenômeno, os sinais registrados em (109) a (113), cuja forma básica “encher os olhos” se gramaticaliza e torna possíveis sutis variações que levam a algumas marcações que ampliam, ou ajustam, o significado das expressões para vários contextos próximos, trazendo significados afins que valorizam a forte característica da visualidade dos surdos sinalizantes, traduzida culturalmente pelo “olhar”, uma vez que a visualidade é um traço cultural característico dos seus principais sinalizantes, os surdos; visualidade essa, marcada pelos olhos e, conseqüentemente, pelo olhar.

Assim, são os olhos que saltam, que caem, que são lubrificadas, que quicam, que são limpos para garantir a maravilha que se vê, o que se está imaginando. O que, em Língua Portuguesa, poderíamos dizer “me belisca para ver se é verdade”,

em Língua de Sinais brasileira pode ser dito como “deixe-me limpar os olhos para confirmar se o que estou imaginando ver é realmente o que estou vendo”, caso de (113). Enfim, são formas de ver, de sentir, de se relacionar visualmente com o mundo.

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
 	<p>(109) OLHOS-SALTAR Arregalar os olhos. Ficar com os olhos esbugalhados. Interesseiro!</p>
 	<p>(110) OLHOS-INCHAR Encher os olhos. É de admirar!</p>
 	<p>(111) OLHOS-QUICAR Abismado! Impressionante! Chocante! Impressionante! Estou surpreso!</p>
 	<p>(112) OLHOS-CAIR Olhos arregalados!</p>

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS SINALIZADAS	GLOSAS E SIGNIFICADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
	<p>(113) OLHOS-CAIR ROUPA-LIMPAR</p> <p>Inacreditável!</p> <p>Por essa eu não esperava!</p> <p>Me belisca!</p> <p>Espera aí, é verdade isso?</p>

5.8.10 Em síntese

Conhecer a gramática imbricada nas expressões idiomáticas da Língua de Sinais brasileira permite-nos reafirmar o quanto são produtivas essas estruturas “fonomorfossintáticas”, com suas distintas formas de significação e representação, as quais carregam a forma como as Comunidades Sinalizantes experimentam o mundo e interagem com ele.

- i. **FRASEOLOGISMO:** “Expressão ou construção de frase, própria de uma língua, de um autor, de uma época, e que tem sentido figurado; frase feita.” Fonte: Dicionário Michaelis online. Nesta gramática, refere-se a unidades lexicais sinalizadas constituídas por mais de um sinal.
- ii. **EXPRESSÃO FORMULAICA:** Wray (2002, p.11) iguala o conceito de sequência formulaica ao de expressão formulaica e a caracteriza como “uma sequência, contínua ou descontínua, de palavras ou outros elementos, que é, ou parece ser, pré-fabricada: isto é, armazenada e acessada por inteiro da memória na hora do uso, ao invés de ser sujeita à geração ou à análise pela gramática da língua.
- iii. **EXPRESSÃO IDIOMÁTICA:** Uma expressão idiomática é uma expressão que se caracteriza por não permitir a identificação do seu significado por meio de seu sentido literal. “Expressões idiomáticas são recursos da fala e da escrita, que ganham novos sentidos conotativos e ultrapassam seus significados literais quando aplicados em contextos específicos. Como, por exemplo, ‘dar uma mãozinha’ com o sentido de ajudar.”
- iv. **FRASE FEITA:** “Expressão utilizada para dizer que algo é clichê, que é dito sempre por muitas pessoas. Ex.: ”O amor é lindo” Fonte: Dicionário Informal online.
- v. **PROVÉRBIO:** “Frase curta de caráter prático e popular, geralmente com ritmo e rima, rica em imagens e sentidos, que contém uma síntese a respeito de uma regra social ou moral. No Velho Testamento, pequena frase com o intuito de aconselhar ou educar; pensamento.” Fonte: Dicionário

Michaelis online.

- vi. **GÍRIA:** “Linguagem, em geral efêmera, marcada por vocabulário novo, ou já existente, porém com outra significação, e construções metafóricas, muitas vezes cômicas: A gíria se popularizou e é usada hoje por diferentes grupos sociais. Linguagem usada por marginais, que costuma funcionar como elemento de agregação e aceitação social, não compreendida por outras pessoas. Linguagem própria de indivíduos que desempenham a mesma profissão ou arte, com vocabulário especial, às vezes difícil de entender; jargão.” Fonte: Dicionário Michaelis online.
- vii. **MODISMO:** “O que, por estar na moda, dura pouco; aquilo que aparece e passa rapidamente; não vai durar muito.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/modismo> .
- viii. **CLICHÊ:** “É uma ideia muito batida, uma fórmula muito repetida de falar ou escrever; um chavão. O clichê é baseado na repetição, na imitação e na falta de originalidade, que se torna um chavão, um lugar-comum que é reproduzido diversas vezes. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cliche>.
- ix. **REFRÃO:** “Frase, geralmente curta, que encerra uma moral ou um ensinamento; adágio.” Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/refr%C3%A3o> . [Consultado em 15 jan. 2022].
- x. As gírias são estudadas de forma mais aprofundada em outra seção desta gramática.

Variação Fonológica e Lexical na Libras

André Nogueira Xavier - UFPR

Amanda Regina Silva - UFPR

Deonísio Schmitt- UFSC

Juliana Tasca Lohn - UFSC

Ronice Müller de Quadros - UFSC

6.1. Variação fonológica e estabilidade na Libras

André Nogueira Xavier e Amanda Regina Silva

Stokoe (1960) observou que a realização de uma dada configuração de mão ou de uma dada localização ou ainda de um dado movimento podem variar. O primeiro tipo de variação pode ser observado nas duas produções do sinal que significa ‘obrigado’ (Figura 1). Na Figura 1a, vemos o polegar abduzido em relação ao indicador. Já na Figura 1b, vemos o polegar em contato com esse mesmo dedo.

Figura 1. Diferentes realizações do sinal da Libras que significa ‘obrigado’



(a)



(b)

Fonte: (a) Produzida pelos autores; (b) <https://www.youtube.com/watch?v=vub7frPhIQQ>

Variações como a retratada na Figura 1 são analisadas por Stokoe (1960) como *alofonia*. Para esse autor, nesses casos, as variantes representam subcategorias, *alofones*¹⁹, de uma categoria mais abstrata, *fonema*²⁰, e são consideradas, portanto, variações fonológicas. Segundo Stokoe, essas variantes são previsíveis pelo contexto fonológico ou estão em variação livre.

Os sinais da Libras podem apresentar variação exatamente nos mesmos padrões de contraste descritos e ilustrados na seção 4.2.1. Precisamente em relação à configuração de mão, sinais podem variar em função (1) da extensão ou não do polegar (Figura 2); (2) da quantidade de dedos (Figura 3); (3) da flexão ou não de articulações (Figura 4); (4) da adução (aproximação) ou abdução (afastamento) dos dedos (Figura 5); (5) da mudança ou não da configuração (Figura 6) e (6) da ordem das configurações (Figura 7).

Figura 2. Variação relacionada à extensão ou não do polegar



'farmácia'

Sem o polegar estendido



'farmácia'

Com o polegar estendido



¹⁹ Alóquiros, nos termos do autor.

²⁰ Quiremas, nos termos do autor.

Figura 3. Variação relacionada à quantidade de dedos



‘também’

Apenas com o indicador estendido



‘também’

Com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos

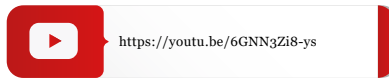


Figura 4. Variação relacionada à flexão ou não do polegar



‘alto(a)’

Indicador estendido



‘alto(a)’

Indicador flexionado



Figura 5. Variação relacionada à adução ou abdução dos dedos



‘ajudar’

Dedos aduzidos



‘ajudar’

Dedos abduzidos

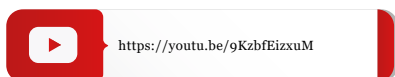


Figura 6. Variação relacionada à mudança ou não da configuração



‘natal’

Uma configuração



‘natal’

Mudança de configuração de mão

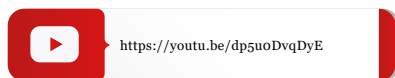
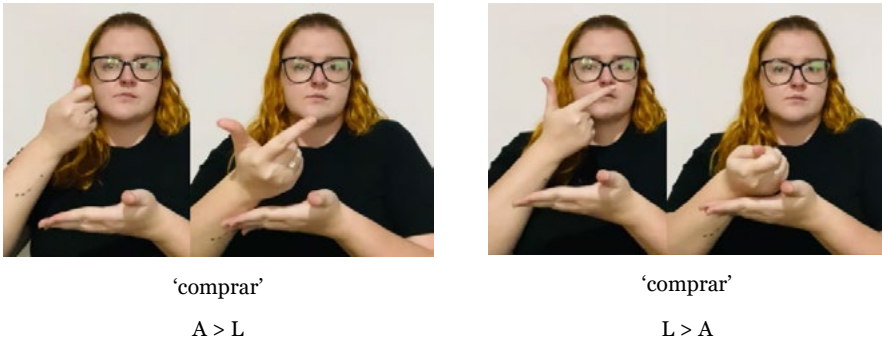


Figura 7. Variação relacionada às diferentes ordens das configurações



Somem-se a esses, outros padrões identificados por Xavier e P. Barbosa (2014), segundo os quais as configurações de mão na Libras podem variar em relação (7) ao tipo de configuração: nativa ou inicializada, ou seja, relacionada ao alfabeto manual (Figura 8); (8) à extensão ou não do dedo mínimo (Figura 9); em sinais bimanuais não equilibrados: (9) à assimilação ou não da configuração da mão ativa pela mão passiva (Figura 10) ou (10) por apresentarem diferentes configurações na mão passiva (Figura 11).

Figura 8. Variação entre configuração nativa e inicializada



Figura 9. Variação relacionada à extensão ou não do dedo mínimo



‘sacrificio’

Sem extensão do dedo mínimo



‘sacrificio’

Com extensão do dedo mínimo

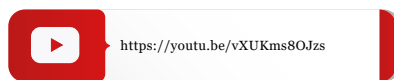


Figura 10. Variação relacionada à assimilação ou não da configuração da mão ativa pela mão passiva



‘aguentar’

Mão passiva configurada em S

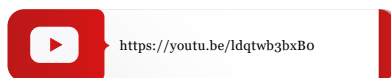


‘aguentar’

Mão passiva configurada em F



Figura 11. Variação na configuração da mão passiva



Xavier e P. Barbosa (2014) também reportam casos de variação nos demais parâmetros dos sinais. No que diz respeito à localização, os autores citam dois padrões: articulação do sinal em localizações mais baixas em relação à canônica (Figura 12) ou realização em regiões mais centrais em relação à típica (Figura 13). Em relação à orientação, eles observam tanto casos em que a variação se refere à palma como um todo (Figura 14), quanto casos em que ela decorre das diferentes direções dos dedos (Figura 15). A variação no movimento foi observada na sua ausência ou presença em um dado sinal (Figura 16), nos diferentes tipos que pode exibir (Figura 17) e no número de repetições (Figura 18). Por fim, em relação às expressões não manuais e ao número de mãos, os autores observaram casos em que as primeiras podem ou não ocorrer (Figura 19) e em que um dado sinal pode ser produzido com uma ou duas mãos. Nesse último caso, Xavier e Barbosa citam tanto sinais equilibrados quanto não equilibrados (Figura 20).

Figura 12. Variação relacionada ao abaixamento da localização



‘entender’

Lateral da testa



‘entender’

Lateral da bochecha



Figura 13. Variação relacionada à centralização da localização



‘lembrar’

Lateral da testa



‘lembrar’

Centro da testa

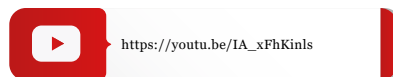


Figura 14. Variação relacionada à orientação da palma como um todo



'letra A'

Palma para frente



'letra A'

Palma para o lado

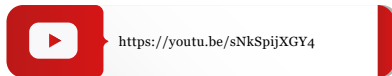


Figura 15. Variação relacionada à direção dos dedos



'próprio(a)'

Dedos apontando para frente



'próprio(a)'

Dedos apontando para cima

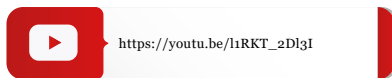


Figura 16. Variação relacionada à ausência *versus* presença de movimento



‘número oito’
Sem movimento

‘número oito’
Com movimento



Figura 17. Variação relacionada aos diferentes tipos de movimento



‘gordo(a)’
Movimento reto com oscilação da orientação



‘gordo(a)’
Movimento em zigue-zague



Figura 18. Variação relacionada ao número de execuções do movimento



‘Estados Unidos’
Uma vez



‘Estados Unidos’
Duas vezes



Figura 19. Variação relacionada à presença *versus* ausência de expressão não manual

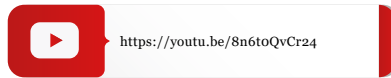


Figura 20. Variação relacionada ao número de mãos

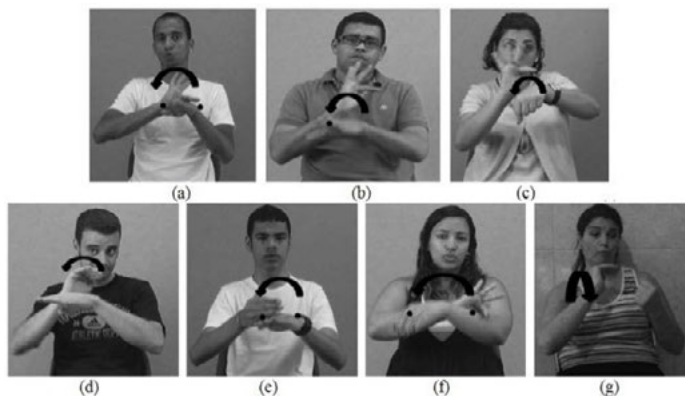


Embora Xavier e P. Barbosa (2014) tenham focado na variação isolada de cada parâmetro fonológico, eles reportam a ocorrência de casos em que as realizações de um sinal podem envolver a variação em parâmetros diversos. Um dos exemplos que citam é um sinal que pode ser traduzido para a Língua Portuguesa como 'fusca'²¹ (Figura 21) que, como indicam as imagens a seguir, foi produzido

²¹ A sinalizante produziu o sinal FUSCA como parte de um composto. Ela primeiramente realizou o sinal CARRO, articulado com as mãos em S, e, na sequência, o sinal FUSCA. A

de sete formas diferentes pelos participantes de seu estudo.

Figura 21. Diferentes realizações do sinal traduzível como ‘fusca’
(os pontos representam a ocorrência de contato)



Fonte: Reproduzido de Xavier e Barbosa (2014, p. 406).

As sete realizações retratadas na Figura 21 resultam da variação em, pelo menos, quatro parâmetros, a saber, a configuração de mão, a localização, o número de mãos e o contato, parâmetro originalmente não considerado por Xavier e P. Barbosa (2014). Precisamente, vê-se que o sinal que significa ‘fusca’ pode apresentar configurações diferentes na mão ativa, em F (21a, b, c, f) ou em “concha” (21d, e, g), e na mão passiva, em B (1b, d, e, f) ou em S (6) (21a, c). Somando-se a isso, vê-se que esse mesmo sinal pode ser articulado no dorso da mão passiva (21a, b, c, d, e), em todo o antebraço (21f) ou no espaço em frente ao corpo, chamado de espaço neutro (21g). Nota-se também que o sinal em questão pode ser realizado com duas mãos (21a, b, c, d, e, f,) ou com apenas uma (21g)⁵ e que, em relação ao contato, ele pode apresentá-lo no início e no final (21a, e, f), só no final (21b) ou não o apresentar (21c, d, g).

Apesar da grande variabilidade articulatória observada na realização do sinal que significa ‘fusca’, Xavier e P. Barbosa (2014) ressaltam que há aspectos que se mantêm constantes em todas as suas manifestações e que, como tal, devem garantir a percepção de todas elas como diferentes manifestações do mesmo sinal e não como sinais distintos. Os autores não aprofundam essa análise, mas sugerem que, no caso do sinal que significa ‘fusca’, o parâmetro movimento parece ser o que apresenta uma possível estabilidade, dado que é o único que apresenta a mesma

mão não dominante aparece em S na imagem, porque ela perseverou as características articulatórias da mão não dominante do sinal anterior.

especificação²², “movimento arqueado”, em todas as realizações do sinal, como indica o Quadro 1.

Quadro 1. Descrição das diferentes pronúncias do sinal traduzível como ‘fusca’

Figura	Número de sujeitos	CM da MD	CM da MND	Contato inicial	Contato final	Localização	Número de mãos	Movimento
21a	5	F	B	sim	sim	P - D	2	Arqueado
21b	1	F B relaxado		não	sim	P - D	2	Arqueado
21c	1	F	S	não	não	P - D	2	Arqueado
21d	1	“con-cha”	B	não	não	P - D	2	Arqueado
21e	2	“con-cha”	B	sim	sim	P - D	2	Arqueado
21f	1	“con-cha”	B relaxado	sim	sim	A - D	2	Arqueado
21g	1	“con-cha”	não	não	não	E. N.	1	Arqueado

Fonte: Adaptado de Xavier e Barbosa (2014, p. 407)

Nota: CM: Configuração de Mão, MD: Mão Dominante, MND: Mão Não Dominante, P: Pulso, A: Antebraço, D: Dedos, E. N.: Espaço Neutro

Em um trabalho posterior, Xavier e F. Barbosa (2017) discutem a variabilidade e a estabilidade do sinal que pode ser traduzido para a Língua Portuguesa como ‘alto’, além de seis outros. De acordo com os autores, as pronúncias desse sinal também podem apresentar variação em diferentes parâmetros. Precisamente em cinco, como indicam as imagens na Figura 22. O sinal em questão, que significa ‘alto’, pode variar em suas configurações de mão: sua mão ativa pode apresentar o indicador em forma de gancho (Figura 22a) ou estendido, ou seja, em 1 (demais casos) e sua mão passiva pode ser configurada em 1, como na Figura 22b e com a mão em B (Figura 22c). Pode apresentar variação em seu movimento, dado que pode ser realizado com movimento circular e para cima (Figuras 22a-d) ou só circular (Figura 22e). Em virtude disso, pode variar também em sua localização,

²² Isso não significa que o movimento foi produzido igualmente por todos os sujeitos. Apesar de em todos os casos termos observado sua forma arqueada, o movimento variou entre os participantes de nosso estudo, no que diz respeito à sua iteração, amplitude, velocidade etc.

já que, diferentemente dos casos em que a mão dominante só gira sem mudar de lugar, quando as mãos se movem para cima (Figura 22e), o sinal passa a ter uma localização inicial e outra final (Figura 22a-d). Por fim, o sinal em discussão varia em função de suas marcações não manuais e em seu número de mãos, por poder ser realizado, respectivamente, com o olhar para cima (Figuras 22a,c) ou não (demais casos) e com duas mãos (Figuras 22b,c) ou com apenas uma (demais casos).

Figura 22. Diferentes realizações do sinal traduzível para a Língua Portuguesa como ‘alto’



Fonte: Xavier e Barbosa (2017, p. 999)

O Quadro 2 a seguir sistematiza essas diferentes pronúncias do sinal da Libras que pode ser traduzido como ‘alto(a)’, destacando em azul os aspectos invariantes ou estáveis em todas as produções analisadas. Precisamente, embora o dedo indicador da mão dominante (MD) possa variar quanto à flexão nas articulações medial e distal (“em gancho”), sua presença é constante em todos os casos. Em relação à mão não dominante (MND), apesar de sua configuração de mão (CM) poder variar, observa-se que sua orientação (OR) é sempre para baixo. No que diz respeito ao movimento (MOV) e ao número de mãos, Xavier e F. Barbosa (2017) dizem que um de seus componentes parece ser obrigatório: o movimento circular e a presença da mão dominante, respectivamente. Aparentemente, no sinal em discussão, o emprego de expressões não manuais (ENM) não é obrigatório, permitindo assim mais variação em sua ocorrência.

Quadro 2. Variabilidade e estabilidade nas diferentes pronúncias de ALT@

Figura	CM		OR	LOC		MOV		ENM		Número de mãos		
	MD	MND		MD/	MND							
22a	1	em gancho	-	-	ombro	peito	reto para cima	circular	para cima	boca aberta	MD	
22b	1	-	1	para baixo	ombro	peito	reto para cima	circular	-	boca aberta	MD	MND
22c	1	-	B	para baixo	ombro	peito	reto para cima	circular	para cima	boca aberta	MD	MND
22d	1	-	-	-	ombro	peito	reto para cima	circular	-	-	MD	
22e	1	-	-	-	ombro	-	-	circular	-	-	MD	

Fonte: Adaptado de Xavier e Barbosa (2014, p. 403).

Objetivando demonstrar a capacidade do sistema de transcrição da configuração de mão de Johnson e Liddell (2011, 2012) em revelar e registrar variantes fonéticas desse parâmetro, Alecrim e Xavier (2021) analisaram as produções de diferentes sujeitos e de um mesmo sujeito dos sinais que podem ser traduzidos para a Língua Portuguesa como ‘farmácia’ e ‘entender’. Aqui só trataremos dos resultados obtidos a partir da análise do primeiro sinal. Para os resultados referentes ao segundo, bem como para entender os símbolos empregados na transcrição fonética, referimos o leitor ao artigo de Alecrim e Xavier (2021).

A comparação da configuração da mão passiva do sinal traduzível como ‘farmácia’ nas produções de 11 sujeitos indicou, como se pode observar na Figura 23, variação não apenas na configuração do polegar, mas também na configuração dos outros dedos.

Figura 23. Variantes fonéticas intersujeitos da mão passiva do sinal traduzível como ‘farmácia’



Fonte: Reproduzido de Alecrim e Xavier (2021, p. 311).

Essas variações ficam mais evidentes quando transcritas através do sistema em questão. Dada a complexidade do sistema de transcrição fonética da configuração de Johnson e Liddell (2011, 2012), não é possível pormenorizá-lo, explicando o significado de cada símbolo incluído na transcrição de cada articulação de cada dedo. Mesmo assim, o Quadro 3 é relevante para a discussão sobre a variação e a estabilidade, pois mostra que, mesmo de um ponto de vista fonético, ambas, e não apenas a primeira, podem ser observadas. No referido quadro foram marcados com a mesma cor os aspectos articulatórios considerados iguais nas produções dos diferentes sujeitos.

Quadro 3. Transcrição das variantes fonéticas intersujeitos da configuração da mão passiva do sinal traduzível como ‘farmácia’ de acordo com o sistema de Johnson e Liddell (2011, 2012)

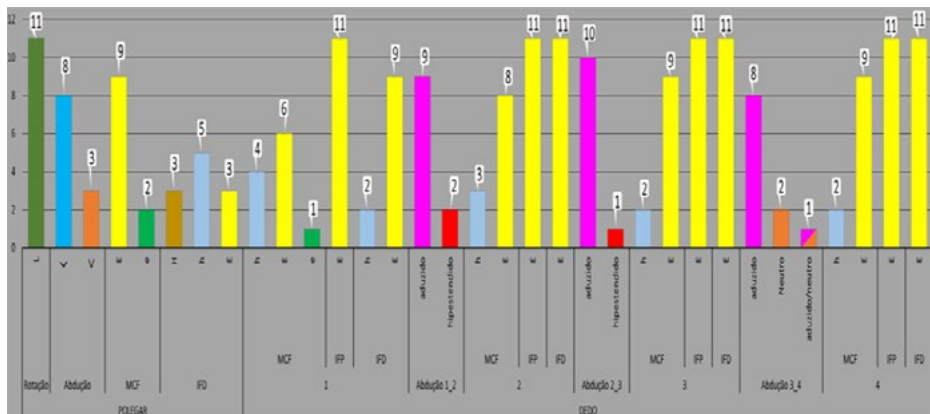
	CONFIGURAÇÃO DO POLEGAR				CONFIGURAÇÃO DO DEDO																				
	NOTAÇÃO	ABDUÇÃO	MCF	IFD	1	MCF	FF	IFD	ABDUÇÃO	2	MCF	FF	IFD	ABDUÇÃO	3	MCF	FF	IFD	ABDUÇÃO	4	MCF	FF	IFD		
SUJEITO 1	L	<	E	E	1	E	E	E	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	<	4	E	E	E	E	
SUJEITO 2	L	<	E	h	1	E	E	h	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	h	h	4	E	E	E	E
SUJEITO 3	L	<	E	h	1	E	E	E	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	h	<	4	E	E	E	E
SUJEITO 5	L	<	E	H	1	h	E	E	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	h	h	4	E	E	E	E
SUJEITO 6	L	<	E	H	1	E	E	E	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	h	h	4	E	E	E	E
SUJEITO 7	L	<	E	h	1	h	E	F	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	h	h	4	E	E	E	E
SUJEITO 8	L	<	h	E	1	h	E	E	h	2	h	E	E	h	3	h	E	E	h	h	4	h	E	E	E
SUJEITO 9	L	<	E	H	1	E	E	h	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	<	h	4	E	F	E	E
SUJEITO 10	L	<	E	h	1	h	E	E	h	2	h	E	E	h	3	E	E	E	h	h	4	E	E	E	E
SUJEITO 11	L	<	E	E	1	E	E	E	h	2	E	E	E	h	3	E	E	E	h	h	4	E	E	E	E
SUJEITO 12	L	<	h	h	1	h	E	E	h	2	h	E	E	h	3	h	E	E	h	h	4	h	E	E	E

Fonte: Reproduzido de Alecrim e Xavier (2021, p. 311)

Precisamente, pode-se observar pelo Quadro 3, que a configuração do polegar variou entre os sujeitos em relação ao seu grau de abdução e à flexão das articulações metacarpofalangeana (MCF) e interfalangeana distal (IFD). Em relação aos demais dedos, Alecrim e Xavier (2021) observaram variação na articulação metacarpofalangeana (MCF) de todos os dedos e na articulação interfalangeana distal (IFD) do dedo 1. Observaram também variação no grau de abdução entre os dedos indicador (1) e o médio (2), entre o médio (2) e o anelar (3) e entre o anelar (3) e o mínimo (4). Tanto o Quadro 3 quanto o gráfico na Figura 24 mostram que

a variação fonética ocorreu mais no polegar do que nos demais dedos. No gráfico, os aspectos articulatórios da configuração da mão passiva que não variaram entre os sujeitos podem ser observados através da maior frequência das variantes.

Figura 24. Frequência das variantes fonéticas intersujeitos da mão passiva do sinal traduzível como ‘farmácia’



Fonte: Reproduzido de Alecrim e Xavier (2021, p. 312).

Como visto nesta seção, a variação fonológica se refere às diferentes realizações das unidades sublexicais dos sinais, ou seja, de sua configuração de mão, localização, orientação da palma, movimento, expressões não manuais e número de mãos. Nesse sentido, podemos equacionar variantes fonológicas de um dado sinal como diferentes pronúncias de um mesmo item lexical. Na seção seguinte, será apresentada uma descrição da variação lexical dos sinais a partir da lista de vocabulário Swadesh, no escopo do Inventário Nacional de Libras, com exemplos dos Surdos de Referência. Diferentemente dos casos aqui tratados, a seguir, serão discutidos casos em que um mesmo conceito pode ser expresso por itens lexicais diferentes.

6.2 Variação lexical na Libras no Inventário Nacional da Libras - Surdos de Referência

Deonísio Schmitt, Juliana Tasca Lohn e Ronice Müller de Quadros

A variação lexical na Libras pode ser identificada de diferentes formas, entre elas, destacamos a variação regional. Os dados do Inventário de Libras dos Surdos de Referência evidenciam este tipo de variação, pois os surdos de diferentes regiões do país apresentam sinais de variadas formas, apesar da reconhecida unidade da Libras.

Nós apresentaremos uma descrição da variação regional, a partir do levantamento do vocabulário realizado por meio da Lista Swadesh com Surdos de Referência. A lista foi complementada com o levantamento da produção em sinais dos números, dos meses do ano e dos dias da semana. Com base no levantamento, identificamos, neste capítulo, variações no nível lexical, decorrentes dos tipos de variação apresentados na seção anterior por Xavier e Silva. Estas variações representam formas lexicais usadas no país por diferentes sinalizantes em diversos estados brasileiros. Apesar de estarem relacionadas com sinalizantes de regiões específicas do país, podem representar apenas variações de um mesmo sinal. Com base nos dados, podemos afirmar que há variações, mas não podemos ter certeza ainda se podem representar sinônimos de termos usados na Libras, pois várias das diferentes ocorrências são produzidas por sinalizantes da mesma região. Os alofones, no sentido apresentado por Xavier e Silva na seção anterior, também foram incluídos, quando identificados, para ilustrar a sua existência, embora não representem variação lexical real. A apresentação das variações está feita por categoria: (1) representação de números e calendário; (2) cores; (3) sentimentos; (4) profissões; e (5) verbos.

6.2.1 Variação de sinais de números e de calendário

Quadros, Lohn e Schmitt (submetido) apresentam a variação dos sinais que representam números e informações de calendário a partir dos dados de Surdos de Referência de 17 estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Ceará, Piauí, Pará, Amazonas, Amapá, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul. Com base neste estudo, vamos apresentar algumas variações regionais da Libras.

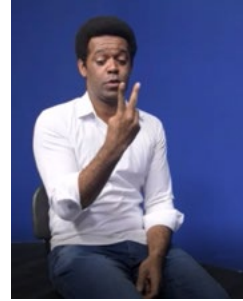
Os números apresentam duas variações principais representadas pelos numerais 1 e 2:

UM	DOIS
----	------

1 INDICADOR-UM



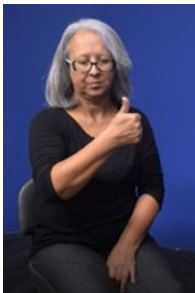
2 INDICADOR-DOIS



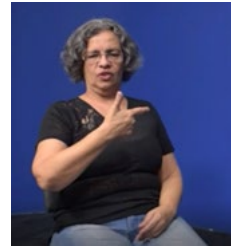
Estados:

Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Distrito Federal.

1 POLEGAR-UM



2 POLEGAR-DOIS



Estados:

Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Piauí, Amazonas, Pará, Distrito Federal, Amapá, Mato Grosso do Sul.

Na sequência ordinal, a variação desses dois números é recorrente em todos os decimais, como ilustrado no exemplo, a seguir, no decimal 20:

Sinal com indicador - 2o_INDICADOR - VINTE Rimar



Estados:

Rio Grande do Sul, São Paulo.



Sinal com polegar
2o_POLEGAR
VINTE Fernanda



Estados:

Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe,
Ceará, Piauí, Amazonas, Pará, Brasília, Amapá, Mato Grosso do Sul.

O número 10 apresenta consistência seguindo o padrão identificado com polegar e indicador, embora os surdos de diferentes estados e nos mesmos estados tendem a usar seguindo o padrão de UM com polegar.



Sinal com indicador
10_INDICADOR
DEZ Sandro



Estados:

Rio Grande do Sul, São Paulo .



Sinal com polegar
10_POLEGAR
DEZ Ana



Estados:

Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Ceará, Piauí, Amazonas, Pará, Brasília, Amapá, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, São Paulo.

Nos dois padrões produzidos, a iconicidade está presente na apresentação do numeral indicando a quantidade UM ou DOIS, apenas variando o dedo usado para esta representação.

No caso dos termos de representação do calendário, identificamos uma variação bastante recorrente entre os participantes. A variação pode estar relacionada com aspectos fonológicos na representação dos termos, mas também por aspectos semanticamente motivados regionalmente. Por exemplo, os meses do ano podem representar aspectos regionais ou culturais eleitos como representativos que não coincidem em todos os estados brasileiros. A iconicidade também apresenta um papel importante na forma dos sinais que representam estes termos.

Os sinais para os dias da semana de segunda a sexta-feira apresentam apenas duas variantes:

SEGUNDA-FEIRA

Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

SEGUNDA-FEIRA_testa

Testa (lado)+2

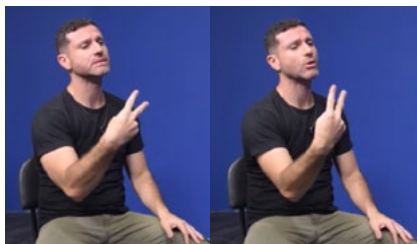


Estados:

São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

SEGUNDA-FEIRA_neutro

Espaço neutro +dois(2)



TERÇA-FEIRA

TERÇA-FEIRA_testa Testa (lado)+3



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

TERÇA-FEIRA_neutro

Espaço neutro +três(3)



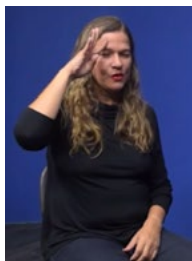
Estados:

São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

QUARTA-FEIRA

QUARTA-FEIRA_testa

Testa (lado)+4

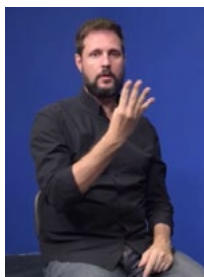


Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

QUARTA-FEIRA_neutro

Espaço neutro +4



Estados:

São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

QUINTA-FEIRA

QUINTA-FEIRA_testa

Testa (lado)+5



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Amazonas e Mato Grosso do Sul.



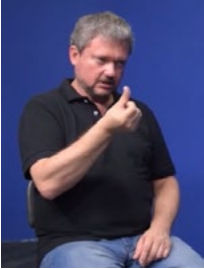
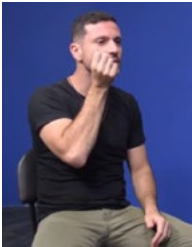

QUINTA-FEIRA_neutro

Espaço neutro +5



Estados:

Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Estados	SEXTA-FEIRA	
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p>SEXTA-FEIRA_peixe Bochecha (lado queixo)+PEIXE</p> 	
<p>São Paulo</p>	<p>SEXTA-FEIRA_neutro Espaço neutro +6</p> 	
<p>São Paulo</p>	<p>SEXTA-FEIRA3 Bochecha (lado queixo)+6</p> 	

Os sinais produzidos de SEGUNDA a QUINTA-FEIRA apresentam o mesmo padrão de variação, ou seja, são produzidos na cabeça, na locação testa-fonte ou no espaço neutro, com a mesma configuração de mão na sequência SEGUNDA-FEIRA 2, TERÇA-FEIRA 3, QUARTA-FEIRA 4, QUINTA-FEIRA 5, incorporando o respectivo numeral, indicando estabilidade dos sinais, mesmo com a alteração da locação. O sinal SEXTA-FEIRA apresenta uma versão que segue a sequência

anterior SEXTA-FEIRA 6, com a incorporação do numeral e a outra variante que apresenta uma motivação metafórica, com o sinal de FISGAR-PEIXE para representar SEXTA-FEIRA, pois na sexta seria o dia de comer peixe, uma alusão que, provavelmente, é motivada a partir da sexta-feira santa.

Assim como apontado por Xavier e Barbosa (2017), apesar da variação lexical observada, há uma estabilidade que está associada à incorporação do numeral ao item realizado na cabeça ou no espaço neutro, apesar da mudança na locação. Esta variação é reconhecida entre os diferentes sinalizantes, pois a percepção dos sinais é mantida como dias da semana.





Não há variação nos sinais SÁBADO e DOMINGO:

SÁBADO	DOMINGO
<p>SÁBADO</p> <p>Boca=C+S - movimento</p>  <p> https://youtu.be/SVDM4fhhHA</p>	<p>DOMINGO</p> <p>Boca+rosto (frente)+D - círculo</p>  <p> https://youtu.be/jlu8rBzGDM</p>

Os sinais para SÁBADO e DOMINGO perderam a motivação, se é que um dia tiveram alguma motivação específica. São sinais que não seguem o padrão dos sinais dos dias da semana observados de segunda a sexta-feira, por meio da incorporação dos numerais. SÁBADO seria o sétimo dia e DOMINGO seria o primeiro dia da semana, mas eles não incorporam esta proposição, assim como acontece em Língua Portuguesa.

O sinal para representar SEMANA apresenta bastante variação.



Estados	Semana
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Santa Catarina, Pará, Sergipe, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará e Amazonas	<p style="text-align: center;">SEMANA1 Espaço neutro 5+2</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  <p>https://youtu.be/Eg2tHgDnY0c</p> </div> </div>
Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Ceará e Mato Grosso do Sul	<p style="text-align: center;">SEMANA2 Espaço neutro 5+L (retilíneo)</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  <p>https://youtu.be/wg-XpzyVvs</p> </div> </div>
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Santa Catarina, Amapá e Distrito Federal	<p style="text-align: center;">SEMANA3 Espaço neutro dedo(1)+horizontal</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  <p>https://youtu.be/s1QwH-IE-RE</p> </div> </div>
Santa Catarina	<p style="text-align: center;">SEMANA4 Quantos 1,2,3,4...+L+horizontal</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  <p>https://youtu.be/054pB5ZVln8</p> </div> </div>

Estados	Semana
Rio Grande do Sul	<p style="text-align: center;">SEMANA₅ Espaço neutro número-quantidade 1,2,3,4... +horizontal</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>
Rio Grande do Norte, Santa Catarina e Pernambuco	<p style="text-align: center;">SEMANA₆ Testa-quantos 1,2,3,4...+horizontal</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>

As variantes do sinal SEMANA apresentam diferentes configurações de mão que contam também com motivações icônicas. A estabilidade destas variantes é mantida por meio da locação que é preservada nas cinco primeiras variantes SEMANA₁₋₅, ou seja, o sinal é sempre produzido no espaço neutro, com exceção da última variante que é produzido na cabeça, na testa-fonte, mesmo local em que foram produzidos os dias da semana, SEMANA₆. Interessantemente que esta variante que muda a locação mantém a forma da variante do Rio Grande do Sul, SEMANA₅, progressivamente indicando os dias 1, 2, 3, 5 e assim por diante. Então, parece que a estabilidade foi mantida, neste caso, relativa às configurações de mãos usadas mantidas em SEMANA₅ e SEMANA₆. A variante SEMANA₃ parece representar um empréstimo do sinal para WEEK da ASL (para mais detalhes sobre empréstimos de outras línguas de sinais, ver a seção sobre empréstimos lexicais de Machado, neste volume).

Os meses do ano também apresentam variações regionais. A variação pode ser fonológica, morfológica e/ou semântica, além de ter motivação icônica em alguns





casos. Vários meses do ano são produzidos com a inicial da letra da palavra em Língua Portuguesa em vários estados brasileiros, ou seja, são sinais inicializados. Vejamos os sinais que representam os meses do ano em Libras:



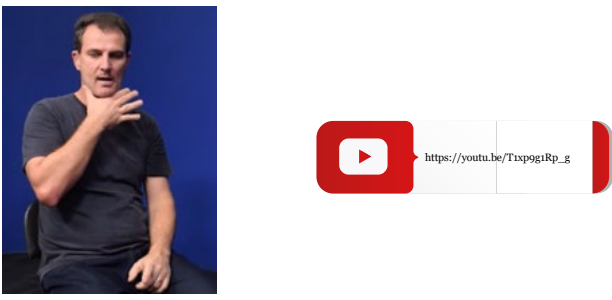
Estados	MÊS
Todos os estados	<p data-bbox="426 407 619 438">MÊS Dedo(1)+A</p> <div data-bbox="280 456 744 724">  </div> <div data-bbox="770 542 1070 620">  </div>

Estados	FEVEREIRO
<p data-bbox="146 869 331 1312">Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande de Norte, São Paulo, Minas Gerais, Sergipe, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal e Pará</p>	<p data-bbox="513 869 680 937">FEVEREIRO1 Soletra "F"</p> <div data-bbox="499 955 692 1241">  </div> <div data-bbox="770 1057 1070 1135">  </div>
<p data-bbox="146 1366 331 1616">Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Amazonas</p>	<p data-bbox="477 1334 716 1397">FEVEREIRO2 Mexendo 5+ROSTO</p> <div data-bbox="503 1421 692 1688">  </div> <div data-bbox="770 1476 1070 1554">  </div>

Estados	FEVEREIRO
São Paulo, Santa Catarina	<p data-bbox="577 191 750 260">FEVEREIRO₃ 5+dedo(1)</p>   <p data-bbox="856 414 1005 429">https://youtu.be/6giKPKgyCdg</p>
Pernambuco	<p data-bbox="568 595 759 664">FEVEREIRO₄ Duas mãos V+V</p>   <p data-bbox="856 802 1012 817">https://youtu.be/lk7xBHPoQRg</p>
Amapá	<p data-bbox="577 970 750 1039">FEVEREIRO₅ Dedo(1)+F</p>   <p data-bbox="856 1161 1005 1175">https://youtu.be/bhhL9Ye7sJc</p>
Minas Gerais	<p data-bbox="577 1344 750 1414">FEVEREIRO₆ Letra F+5</p>   <p data-bbox="924 1570 1080 1585">https://youtu.be/a4pDhYwkL4g</p>







As variantes de FEVEREIRO se dividem em dois tipos: sinais inicializados, letra inicial da palavra em Língua Portuguesa e sinais motivados culturalmente influenciados de alguma forma pela representação do carnaval que tipicamente acontece neste mês.

Estados	MARÇO
<p>Santa Catarina, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Ceará, Distrito Federal, São Paulo e Amazonas</p>	<p>MARÇO₁ Soletração M-A-R-Ç-O (M-R-Ç-O)</p>  
<p>Sergipe, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Amapá e Pará</p>	<p>MARÇO₂ Soletração M-Ç</p>  

Estados	MARÇO
São Paulo	<p data-bbox="538 196 748 260">MARÇO3 Queixo+M(horizontal)</p> 
Rio Grande do Sul	<p data-bbox="596 569 690 633">MARÇO4 Letra “M”</p> 
Santa Catarina	<p data-bbox="538 924 748 988">MARÇO5 5+pESCOÇO(horizontal)</p> 

Basicamente usam-se letras da palavra ‘março’ para diferenciar o mês da inicial M do mês de maio. Uma opção é soletrar março, como em MARÇO1, a mais usada no país, e a outra opção é usar as letras MÇ em MARÇO2, mas também somente com M como em MARÇO3 e MARÇO4, mas de diferentes formas. Em São Paulo, MARÇO3, a variante parece estar associada também à terapia de fala que usava esta referência visual tocando o queixo para a produção da palavra março em Língua Portuguesa, em função do som vibrante de /m/. A variante em Santa Catarina em MARÇO5 é metafórica, pois neste mês as pessoas estão sem dinheiro (com a corda no pescoço).

O mês de abril apresenta três variantes:

Estados	ABRIL
<p>Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará e Amazonas</p>	<p style="text-align: center;">ABRIL₁ Enforcar+pescoço</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>
<p>Rio Grande do Sul e Santa Catarina</p>	<p style="text-align: center;">ABRIL₂ U+COELHO(lado testa)</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>
<p>Rio de Janeiro</p>	<p style="text-align: center;">ABRIL₃ Soletração A-B-R-I-L (A-B-R-L)</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>

As duas primeiras variantes de ABRIL estão relacionadas com datas comemorativas de abril. A primeira delas ABRIL1 evoca Tiradentes que foi enforcado e a segunda, ABRIL2, evoca a Páscoa(o coelho da páscoa). A terceira variante, ABRIL3, representa a soletração da palavra abril, um sinal inicializado.

O sinal de MAIO apresenta diferentes variantes:







Estados	MAIO
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, São Paulo, Pará e Amazonas</p>	<p>MAIO1 Soletração M-A-I-O</p>  <p>https://youtu.be/z19QCq_zePA</p>
<p>São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina</p>	<p>MAIO2 Dedo(1)+pescoço</p>  <p>https://youtu.be/rp5Q1O_xxZA</p>

Estados	MAIO	
Rio Grande do Sul	<p data-bbox="529 192 628 256">MAIO3 Letra "M"</p> 	
Pernambuco	<p data-bbox="529 620 628 684">MAIO4 Letra M-Y</p> 	
Mato Grosso do Sul	<p data-bbox="426 1051 731 1152">MAIO5 Duas mãos M+M (semicircular - Nossa Senhora - Maria)</p> 	


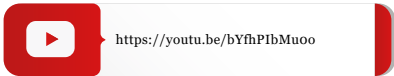


A maioria dos estados utiliza a variante de MAIO1 que é derivada da soletração da palavra maio, um sinal inicializado. MAIO3 e MAIO4 também envolvem a soletração de letras da palavra, somente a inicial em MAIO3 e as letras ‘m’ e ‘y’ em MAIO4 (que parecem ser da palavra em inglês ‘may’). As duas outras variantes

apresentam motivações culturais, pois MAIO2 é alusivo às degolas ocorridas neste mês e MAIO5 à MARIA pelo Dia das Mães.

O mês de junho apresenta três variações:

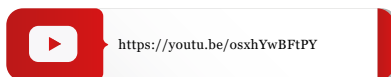
Estados	JUNHO
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p style="text-align: center;">JUNHO1 2+2 ou U+U (Junina-Fogueira)</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">  <div style="text-align: right;">  <a data-bbox="924 629 1074 644" href="https://youtu.be/sq782m8ax3c">https://youtu.be/sq782m8ax3c </div> </div>
<p>Santa Catarina e Rio Grande do Sul</p>	<p style="text-align: center;">JUNHO2 Soletração J-N</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">  <div style="text-align: right;">  <a data-bbox="924 1061 1074 1075" href="https://youtu.be/v3-dT77yxEg">https://youtu.be/v3-dT77yxEg </div> </div>
<p>São Paulo</p>	<p style="text-align: center;">JUNHO3 Soletração J-U-N-H-O</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">  <div style="text-align: right;">  <a data-bbox="924 1448 1074 1463" href="https://youtu.be/xyqVNEySW4Q">https://youtu.be/xyqVNEySW4Q </div> </div>

A primeira apresenta motivação cultural, pois o mês de junho tem as Festas Juninas em que se acendem fogueiras e o sinal é uma alusão à fogueira representando estas festas; pode ser feito com a configuração de mão em U ou em 2, alofones desta ocorrência do sinal JUNHO1. O segundo sinal, JUNHO2, é a soletração JN diferenciando de JL, uma das variantes do sinal de JUNHO, sinal inicializado incorporando duas letras da palavra ‘junho’. O sinal JUNHO3 é a soletração da palavra ‘junho’, um sinal que também entra no grupo de sinais inicializados, não nativos. Na mesma linha, temos os sinais para o mês julho:

Estados	JULHO
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Ceará, Amapá, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p style="text-align: center;">JULHO₁ Soletração J-L</p> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  </div>
<p>Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo</p>	<p style="text-align: center;">JULHO₂ Soletração J-U-L-H-O (J-LH-O)</p> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="text-align: center;">  </div>

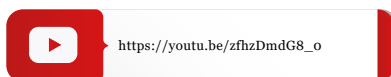
Distrito Federal

JULHO3
Soletração J+FRIO(queixo)



Pará

JULHO4
Soletração J-U-L



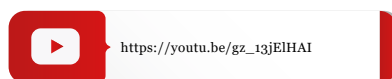
Estados

JULHO

JULHO5

Soletração J-Y+ILY

Pernambuco



Além de JL, em JULHO1, também há a variante que segue a soletração de toda a palavra em JULHO2. A terceira variante está relacionada ao inverno e contrasta com o mês de janeiro, que é no verão; o sinal é produzido com a inicial J associado ao sinal de FRIO, representando uma composição. Ainda há uma ocorrência com Y, J-Y-ILY que parece ter influência do inglês. Este sinalizante de Pernambuco apresenta várias ocorrências que parecem envolver sinais inicializados da Língua Inglesa, não da Portuguesa.

Agosto é produzido de diferentes formas no Brasil:

Estados AGOSTO

Rio de Janeiro,
Rio Grande do
Norte, Minas
Gerais, Santa
Catarina, Rio
Grande do
Sul e Distrito
Federal

AGOSTO1
Espaço neutro lateral +A(soletra-horizontal)




 https://youtu.be/Fq_2bBC3yXw

Minas Gerais,
Santa Catarina,
Distrito
Federal e São
Paulo

AGOSTO2
5+GOSTAR(vertical)



 <https://youtu.be/JQnDOCKBAmo>

Rio de Janeiro,
São Paulo,
Sergipe e Bahia

AGOSTO3
A+peito(saudade-circular)



 <https://youtu.be/JTNxpE88vow>

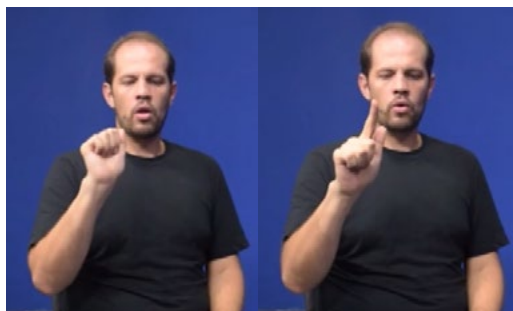
Estados

AGOSTO

Piauí,
Pernambuco e
Ceará

AGOSTO₄

Espaço neutro (lateral) - LETRA A+G

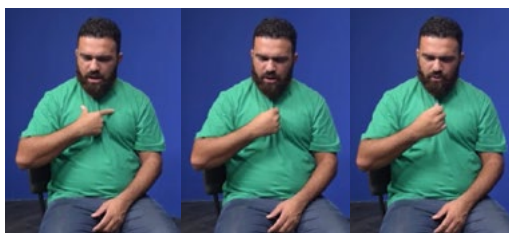


<https://youtu.be/5Elf3YHAddY>

Pará, Amapá e
Amazonas

AGOSTO₅

L(peito)+PIU

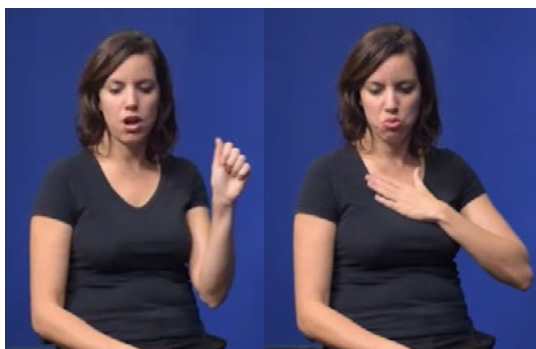


<https://youtu.be/vmnB64rnLRw>

São Paulo,
Santa Catarina
e Mato Grosso
do Sul

AGOSTO₆

A+5(gostar-circula)






<https://youtu.be/ZzxrUsEBpXo>

Estados	AGOSTO
Rio de Janeiro	<p data-bbox="709 196 812 220">AGOSTO7</p> <p data-bbox="645 232 877 256">Soletração A-G-O-S-T-O</p>  <p data-bbox="564 788 954 860">  https://youtu.be/IcIAEY4UByU </p>

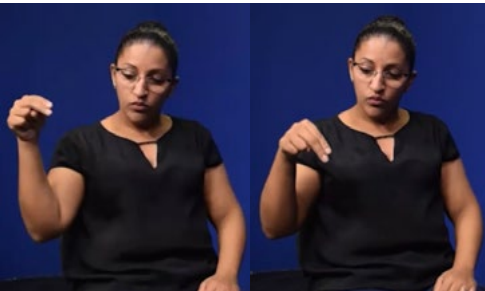
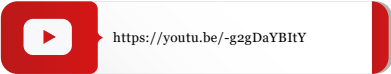

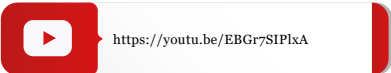
O sinal de agosto também utiliza letras da palavra em Língua Portuguesa em AGOSTO1, a configuração de mão A produzida no espaço neutro e AGOSTO3 no peito. O sinal AGOSTO6 associa a configuração da letra A no espaço neutro com a mão aberta circular no peito, versão de AGOSTO2, portanto um sinal composto de AGOSTO1 e AGOSTO3. Desta forma, tais sinais apresentam estabilidade. O sinal AGOSTO7 envolve soletração completa, como observado em variantes de vários meses do ano.

A estabilidade dos sinais é mantida entre estas duas ocorrências pela locação e movimento. As demais mantêm a estabilidade por meio do uso das configurações de mão das letras da palavra em Língua Portuguesa.

As duas formas do sinal de SETEMBRO identificadas estão diretamente relacionadas a datas comemorativas do mês de setembro que envolvem a independência do Brasil, celebrada no dia 7 de setembro, e o fato de haver marchas com soldados nesta data. Um dos sinais representa a marcha em si e o outro sinal a presilha do capacete dos soldados.

Estados	SETEMBRO
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p>SETEMBRO1 5X5(MARCHA-soldado)</p>  <p> https://youtu.be/QfREzfz7Y</p>
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Santa Catarina</p>	<p>SETEMBRO2 Queixo+(dois contatos queixo-semicircular)</p>  <p> https://youtu.be/5FqFjnsk5_Y</p>

O sinal de Novembro apresentou uma variação no padrão do movimento do sinal, NOVEMBRO1 movimento de cima para baixo e NOVEMBRO2 movimento semicircular, assim como identificado por Xavier e Silva na seção anterior.


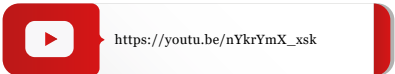
Estados	NOVEMBRO
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amazonas e Mato Grosso do Sul	<p data-bbox="692 196 830 220">NOVEMBRO1</p> <p data-bbox="651 232 871 256">Letra “N” (cima+baixo)</p>  
Santa Catarina, Amapá, Distrito Federal e Pará	<p data-bbox="692 724 830 748">NOVEMBRO2</p> <p data-bbox="651 760 871 784">Letra “N” (semicircular)</p>  

Entre os dados, não identificamos variação nenhuma entre os sinais dos meses de JANEIRO, OUTUBRO e DEZEMBRO. Os primeiros três meses são identificados pelo uso da configuração de mão das letras iniciais dos respectivos meses. DEZEMBRO é alusivo ao Papai Noel, relacionado à data comemorativa deste mês.

JANEIRO

Estados	JANEIRO
Todos os estados	<p data-bbox="654 262 761 283">JANEIRO₁</p> <p data-bbox="664 296 750 318">Letra "J"</p> <div data-bbox="439 343 982 680"></div> <div data-bbox="499 711 893 784"><p data-bbox="610 735 808 757">https://youtu.be/BtJgtXXiA58</p></div>



OUTUBRO

Estados que apresentavam esta variação	OUTUBRO
Todos os estados	<p data-bbox="654 1062 761 1084">OUTUBRO₁</p> <p data-bbox="664 1097 750 1119">Letra "O"</p> <div data-bbox="455 1137 964 1519"></div> <div data-bbox="499 1550 893 1623"><p data-bbox="610 1574 821 1596">https://youtu.be/nYkrYmX_xsk</p></div>

DEZEMBRO

Estados	DEZEMBRO
Todos os estados	<p data-bbox="687 298 821 323">DEZEMBRO₁</p> <p data-bbox="602 334 906 360">Letra "C"+queixo+natal-vertical</p>  <p data-bbox="555 748 947 820"> https://youtu.be/n4qUqVCzhU</p>

Os sinais para CALENDÁRIO também apresentam variação:

Estados	CALENDÁRIO
Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Piauí, Ceará e Pará	<p data-bbox="683 1044 830 1070">CALENDÁRIO₁</p> <p data-bbox="705 1081 808 1106">Dedo(1)+C</p>  <p data-bbox="555 1516 947 1588"> https://youtu.be/nzRqalvaKEo</p>

Estados

CALENDÁRIO

Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e Amazonas

CALENDÁRIO2

Mão aberta(5)+como



<https://youtu.be/zosgaHbGXP4>

Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal

CALENDÁRIO3

Duas mãos abertas (5x5)

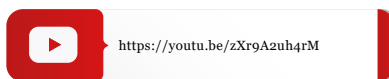


https://youtu.be/YVH_igMu6U4

Estados CALENDÁRIO

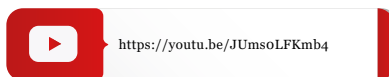
Minas Gerais e São Paulo

CALENDÁRIO4
Sinal 5+mês



Pará e Santa Catarina

CALENDÁRIO5
Mão aberta(5)+cola



Estados **CALENDÁRIO**

Rio de Janeiro, Santa Catarina, Distrito Federal e São Paulo

CALENDÁRIO6
Tabela (4X4) uma mão mesmo a tabela.



 <https://youtu.be/govrtpIuPnM> 

Mato Grosso do Sul

CALENDÁRIO7
Dedo(1)+Mão aberta virando



 <https://youtu.be/zAY6zYJ8w9s> 

Minas Gerais

CALENDÁRIO8
Duas mãos abertas(5)-lista



 <https://youtu.be/fDRnIrGfmTw> 

Estados	CALENDÁRIO
Pernambuco	<p data-bbox="680 196 838 220">CALENDÁRIO₉</p> <p data-bbox="649 232 870 256">Mão aberta(5)+dedo(1)</p> <div data-bbox="507 274 1013 511"> </div> <div data-bbox="564 529 954 602"> </div>
Amapá	<p data-bbox="674 646 843 669">CALENDÁRIO₁₀</p> <p data-bbox="640 682 878 706">SINAL 4+4 (matemática)</p> <div data-bbox="507 724 1013 979"> </div> <div data-bbox="564 1006 954 1079"> </div>
Santa Catarina	<p data-bbox="677 1113 841 1137">CALENDÁRIO₁₁</p> <p data-bbox="655 1150 862 1173">SINAL dedo(1)+como</p> <div data-bbox="490 1210 1029 1479"> </div> <div data-bbox="564 1503 954 1576"> </div>

As variantes de CALENDÁRIO apresentam muitas formas, com alteração nas configurações de mão e padrão do movimento. CALENDÁRIO₁, CALENDÁRIO₇ e CALENDÁRIO₁₁ são sinais relacionados ao sinal MÊS, mantido por meio do dedo indicador e significam ‘meses’ identificando a relação semântica existente entre ‘calendário’ e ‘meses do ano’. A variante CALENDÁRIO₉ também parece ter uma relação com o sinal de MÊS, mas na forma do plural MESES. CALENDÁRIO₁ também está associado à configuração de mão C, sinal inicializado, que pode resultar do contato com a palavra em Língua Portuguesa que inicia com a letra ‘c’. As variantes CALENDÁRIO₂, CALENDÁRIO₃ e CALENDÁRIO₅ parecem ter uma motivação icônica do formato físico do calendário e a ação de tirar as folhas para passar pelos meses do ano. Esta ação aparece também nos sinais associados ao sinal de MÊS, em CALENDÁRIO₇ e CALENDÁRIO₁₁. Os sinais CALENDÁRIO₆ e CALENDÁRIO₁₀ fazem alusão ao formato que se apresentam os calendários com linhas e colunas formando uma grade, portanto, apresentando uma motivação icônica.

Quadros, Lohn e Schmitt (submetido) analisaram as variações identificadas e classificaram as ocorrências conforme apresentadas no quadro a seguir:

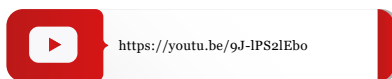
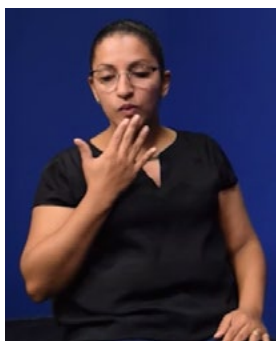
Categoria dos sinais: Números e calendário	
Contato das línguas (sinais inicializados com letra da palavra em Língua Portuguesa, soletração parcial ou total da palavra)	Quase todos os meses do ano.
Variação fonológica	Números (1 e 2 e dezenas, centenas, milhares etc.), dias da semana (o sinal para a semana toda, dias da semana).
Iconicidade	Sinais para SEMANA (movimento incluindo todos os sete dias, expresso no uso dos sete dedos), MESES (o movimento incluindo todos os dias do calendário), CALENDÁRIO (formato do calendário ou movimento de troca de página do calendário).
Aspectos culturais	Celebrações que acontecem ao longo do ano podem determinar a forma do sinal dos meses do ano.

A seguir apresentamos as variações encontradas na categoria de cores, que também apresentam aspectos observados até então, embora sejam sinais nativos, em sua grande maioria.

6.2.2 Variação de sinais para cores

Os sinais para cores apresentam também variação que podem ser regionais. Os sinais desta categoria parecem se enquadrar em dois grupos: aqueles que são produzidos em diferentes locações da face e os que são produzidos no dorso da mão passiva, com algumas exceções em função das combinações de configurações de mão em sinais soletrados ou semissoletrados, sendo produzidos no espaço neutro ou sinais que apresentam motivação icônica, relacionados a outras coisas do mundo real que tenham relação com a cor em si.

CORES1 - Mão aberta com boca - movimento dedos



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal, Amazonas e Mato Grosso do Sul

CORES2 - Letras "U" ou "LH" com boca - movimento



Estados:

Pará e São Paulo

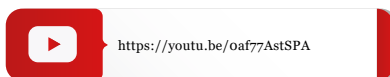
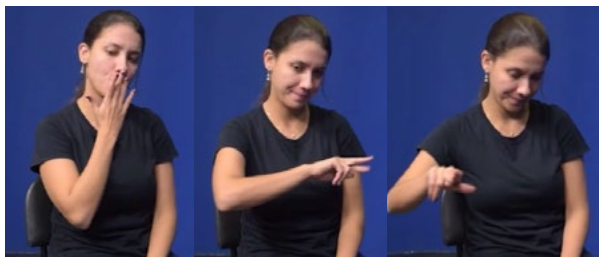
CORES3 - Mão aberta meio com boca - movimento dedos



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina

CORES4- Mão aberta + diferentes



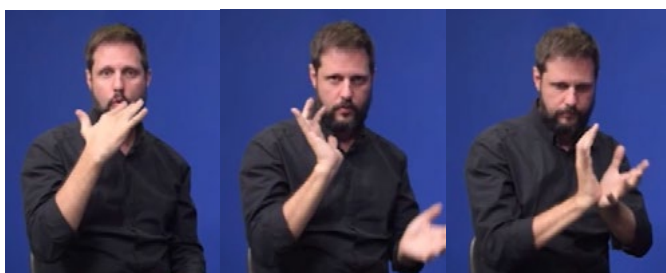
Estado:
Santa Catarina

CORES5 - Mão aberta + coisas



Estado:
Santa Catarina





CORES6 - Mão aberta + grupo



Estado:
Santa Catarina



O sinal CORES apresenta variação fonológica considerando a configuração de mão de CORES₁, CORES₂ e CORES₃. CORES₁ e CORES₂ utilizam diferentes configurações de mão. CORES₁ e CORES₃ contrastam quanto à orientação da mão. As demais variantes são compostos com o sinal DIFERENTE, COISAS e GRUPO. Esta composição é bastante comum na Libras em sinais que referem categoria de vários elementos. Esta variação é morfológica, pois altera o sinal que remete a um conjunto de elementos na composição do sinal.

Há variação do sinal CINZA com a alteração da mão passiva neste sinal bimanual não equilibrado. A alteração envolve a possibilidade de produzir a mão passiva fechada ou aberta (relaxada). As duas alternativas envolvem um sinal inicializado com a letra C.

Estados que apresentavam esta variação	CINZA
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p>CINZA₁</p> <p>Mão passiva fechada e mão ativa inicializada com a letra “C” - movimento de retilíneo curto</p>   <p>https://youtu.be/iCjlaGyHVrw</p>
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Amapá, Pará e Distrito Federal</p>	<p>CINZA₂</p> <p>Mão passiva aberta e mão ativa inicializada com a letra “C” - movimento de retilíneo curto</p>   <p>https://youtu.be/kBQImwv1LPA</p>

O sinal ROSA₁ e ROSA₂ são duas variantes observadas entre os Surdos de Referência. O sinal ROSA₁ é um sinal inicializado com a letra R. Já a ocorrência de

ROSA2 é um sinal nativo realizado com a configuração da mão 5 na mesma locação de ROSA1, mantendo a sua estabilidade. Esta variação do sinal ROSA se estende nos sinais ROSA-CLARO e ROSA-ESCURO. Este sinal apresenta uma motivação icônica relacionada com a face rosada.

Estados	ROSA
<p>Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p style="text-align: center;">ROSA1</p> <p>Letra “R” na face com movimento circular</p> <div style="display: flex; align-items: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>
<p>Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Distrito Federal e Rio Grande do Sul</p>	<p style="text-align: center;">ROSA2</p> <p>Uma mão aberta com face “CM 57” na face com movimento do pulso</p> <div style="display: flex; align-items: center;">  <div style="margin-left: 20px;">  </div> </div>

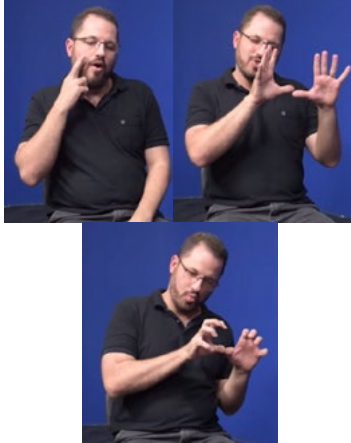
O sinal ROSA-ESCURO é composto de dois sinais ROSA e ESCURO. O sinal ROSA é feito no rosto nas duas variantes. A diferença está na forma do sinal ESCURO que apresenta alteração na configuração de mão e no movimento.

Estados

ROSA1-ESCURO

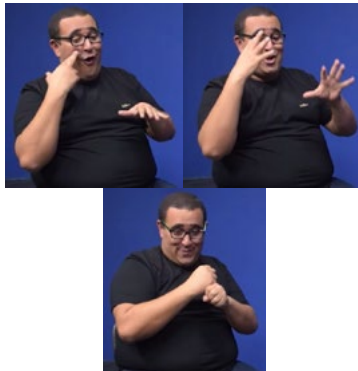
Pernambuco,
Amazonas e
Rio Grande
do Sul

ROSA1-ESCURO1
Letra “R” na face com movimento
circular + duas mãos abertas
e semifechadas 5+garra



Rio Grande do
Norte

ROSA1-ESCURO2
Letra “R” na face com movimento
circular + duas mãos abertas
e fechadas “S+S”



Estados	ROSA ₁ -ESCURO
Minas Gerais	<p data-bbox="484 192 645 220">ROSA ESCURO₃</p> <p data-bbox="409 229 718 256">VARIAÇÃO - 3 - ROSA CLARO -</p> <p data-bbox="385 265 743 369">SINAL uma mão “CM 30” com face + mãos fechadas + duas mãos abert- tas(5+5) escuro</p> <div data-bbox="396 402 732 626"> </div> <div data-bbox="475 647 651 851"> </div> <div data-bbox="808 493 1106 566"> <p data-bbox="915 520 1070 538">https://youtu.be/zTYXMiSF5tU</p> </div>

Da mesma forma o sinal ROSA CLARO apresenta as duas variantes de ROSA associadas ao sinal CLARO. As duas variantes contam com o sinal CLARO que se apresenta com a mesma forma.

ROSA CLARO	
<p data-bbox="600 1121 748 1148">ROSA CLARO₁</p> <p data-bbox="235 1157 1112 1221">VARIAÇÃO - 1 - ROSA CLARO - SINAL uma mão “CM 34” com face + mãos fechadas + duas mãos abertas(5+5) claro</p> <div data-bbox="361 1239 986 1466"> </div> <div data-bbox="484 1494 877 1567"> <p data-bbox="593 1521 799 1539">https://youtu.be/evP7kmrNdXI</p> </div>	

Estados:

Pará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Ceará, Amapá, Piauí, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, São Paulo e Amazonas

ROSA CLARO

ROSA CLARO₂

VARIAÇÃO - 2 - ROSA CLARO - SINAL uma mão aberta “CM 30 ” com face + mãos fechadas + duas mãos abertas(5+5) claro


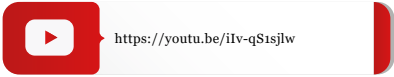
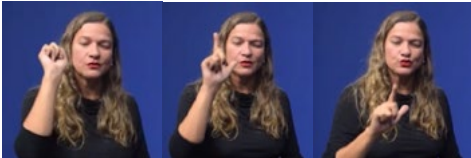
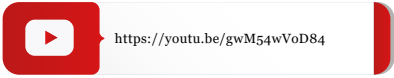
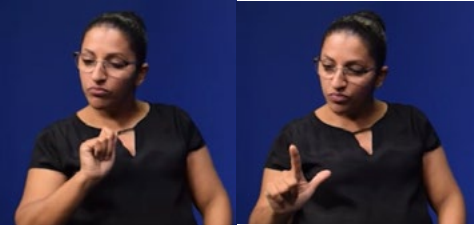

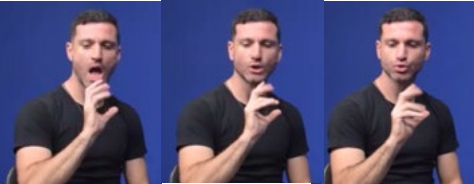



<https://youtu.be/L1FFRO5it4>

Estados:

Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Distrito Federal

O sinal AZUL não é realizado em locações na face, nem na mão passiva como a maioria dos demais sinais para cores, mas normalmente é produzido próximo da face, embora tenham ocorrências no espaço neutro. Este sinal apresenta cinco variantes. As três primeiras estão relacionadas às letras da palavra ‘azul’, portanto sinais inicializados. AZUL₁ é uma versão que parece ter sofrido um processo fonológico comum em sinais que originalmente são soletrados ou inicializados. Neste caso, parece já haver uma modificação em função da junção da inicial A com L sendo produzido de forma mais nativa. Os sinais AZUL₂ e AZUL₃ continuam com a forma inicializada (semisoletrada). AZUL₂, no entanto, além da soletração de A e L, na transição de A para L é produzido o movimento em Z no espaço neutro de cima para baixo. AZUL₃ mantém os iniciais A e L com retilíneo-horizontal-lateral de abertura de A para L. AZUL₄ é diferente, pois está associado ao sinal de SOLETRAR e a articulação da boca ‘a-u’. AZUL₅ não é inicializado, com a CM₂₄ que inicia aberta e é fechada na sequência. Estes dois últimos casos parecem ser variantes diferentes mesmo, enquanto as três primeiras apresentam estabilidade relacional na forma.

Estados	AZUL
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Amapá, Pará, Amazonas, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal</p>	<p>AZUL1 - CM S flexionando o dedo indicador no espaço neutro</p>  
<p>São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina e Distrito Federal</p>	<p>AZUL2 CM A-L movimento para embaixo em forma de Z (angular-vertical) no espaço neutro</p>  
<p>Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco e Piauí</p>	<p>AZUL3 CM A-L movimento retilíneo-horizontal-lateral no espaço neutro</p>  
<p>São Paulo</p>	<p>AZUL4 CM 59 com mão aberta (5) no espaço neutro</p>  

Estados	AZUL
Distrito Federal	<p data-bbox="696 196 767 220">AZUL₅</p> <p data-bbox="404 232 1062 256">CM 24 com movimento interno aberto para fechado no espaço neutro</p> <div data-bbox="499 274 967 584"> </div> <div data-bbox="526 607 919 684"> </div>

O sinal de AZUL-ESCURO foi produzido apenas com a variante do sinal de AZUL com as iniciais A-L associadas ao sinal ESCURO que foi produzido de duas formas.

Estados	AZUL ESCURO
Santa Catarina	<p data-bbox="606 1008 767 1031">AZUL ESCURO₁</p> <p data-bbox="430 1044 941 1068">CM “A-L” com peito + duas mãos abertas(5+5) escuro</p> <div data-bbox="300 1084 671 1561"> </div> <div data-bbox="732 1294 1031 1370"> </div>

Estados	AZUL ESCURO
Amazonas	<p data-bbox="667 196 838 220">AZUL ESCURO 2</p> <p data-bbox="490 232 1014 256">Parece sinal estranho e duas mãos abertas (5+5) escuro</p> <div data-bbox="368 283 738 742"> </div> <div data-bbox="803 480 1102 556"> </div>


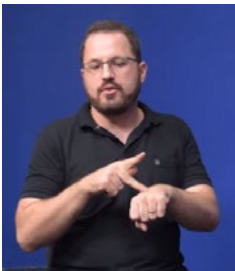
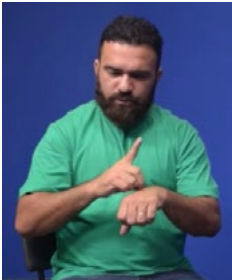

O sinal BRANCO apresenta duas formas mais estáveis BRANCO1 e BRANCO2 que podem ter alofones nos quais a mão passiva assimila a configuração da mão ativa. BRANCO3 é uma variante que tem relação com o sinal LEITE, associando a cor do leite à cor branca. O sinal BRANCO4 é, da mesma forma que BRANCO3, uma variante que tem relação com o sinal de DENTE, associando a cor do dente à cor branca. Estes últimos são sinais nativos motivados iconicamente pelas cores de outras coisas do mundo real.

Estados	BRANCO
Rio de Janeiro, Sergipe, Bahia, Piauí, Santa Catarina, Ceará, Amapá, Amazonas e Mato Grosso do Sul	<p data-bbox="396 1193 857 1294">BRANCO1 - CM 5 fechada passando no braço em direção da mão passiva fechada com movimento retilíneo</p> <div data-bbox="419 1321 834 1621"> </div> <div data-bbox="842 1423 1141 1499"> </div>

Estados	BRANCO
<p>Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pará e Distrito Federal</p>	<p>BRANCO1 - Assimilação da mão ativa CM 5 fechada passando no braço em direção da mão passiva aberta com movimento retilíneo</p> <div data-bbox="315 329 735 578"> </div> <div data-bbox="766 396 1066 475"> </div>
<p>Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco e Rio Grande do Norte</p>	<p>BRANCO2 - Uma mão CM 5 passando no dorso da mão passiva fechada com movimento retilíneo</p> <div data-bbox="315 687 735 937"> </div> <div data-bbox="766 791 1066 869"> </div>
<p>Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Minas Gerais e Pará</p>	<p>BRANCO2 - Assimilação da mão ativa CM 5 passando no dorso da mão passiva aberta com movimento retilíneo</p> <div data-bbox="315 1082 744 1350"> </div> <div data-bbox="766 1197 1066 1275"> </div>



Estados	BRANCO
<p>São Paulo e Rio Grande do Sul</p>	<p>BRANCO3- CM S com movimento interno de abrir e fechar (sinal de LEITE)</p>  
<p>Rio Grande do Sul e Santa Catarina</p>	<p>BRANCO4 - CM41 na locação queixo com movimento de torção do punho para frente</p>  

O sinal PRETO apresenta variantes que podem ser reunidas em dois grupos. A primeira, PRETO1 é um sinal realizado na fonte na face com a CM11 com movimento do punho; é um sinal nativo, que aparentemente não apresenta motivação icônica. O segundo grupo inclui os sinais PRETO2, PRETO3, PRETO4 e PRETO5, que são realizados na mão passiva fechada CM S, mas com diferentes configurações da mão ativa, todas associadas ao mesmo movimento retilíneo. O fato de o sinal manter a locação e o padrão do movimento parece dar certa estabilidade a ele.

Estados	PRETO
<p>Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Piauí, Ceará e Mato Grosso do Sul</p>	<p>PRETO1-CM11 na testa lateral movimento do punho</p>  
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Sergipe, Bahia, Santa Catarina, Amapá e São Paulo</p>	<p>PRETO2- CM42 com movimento retilíneo curto</p>  
<p>Rio Grande do Norte, Pernambuco e Pará</p>	<p>PRETO3-CM P com movimento retilíneo curto</p>  
<p>Santa Catarina, Ceará e Amazonas</p>	<p>PRETO4-CM D com movimento retilíneo curto</p>  

Estados	PRETO
Distrito Federal	<p>PRETO5-CM44 com movimento retilíneo curto</p>  

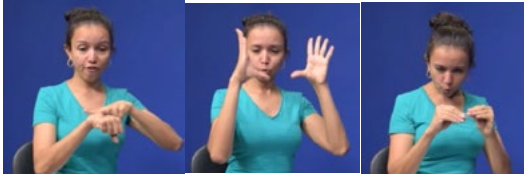

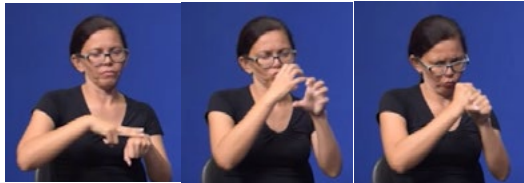

O sinal VERDE apresenta a variante mais nativa que é realizada na face, VERDE1, e a variante VERDE2 que pode também ser produzida com a mão aberta (variação da mão passiva gerando a alofonia).

Estados	VERDE
Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul	<p>VERDE1- CM 1 curvada no queixo associada ao movimento retilíneo</p>  
Rio de Janeiro, Sergipe, Santa Catarina, Ceará, Pernambuco, Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Amapá, São Paulo, Bahia e Distrito Federal	<p>VERDE2- CM V na mão ativa associada ao movimento retilíneo no dorso da mão passiva fechada</p>  

Estados	VERDE
Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	<p data-bbox="319 196 1066 296">VERDE 2 com mão passiva aberta relaxada CM V na mão ativa associada ao movimento retilíneo no dorso da mão passiva aberta relaxada</p> <div data-bbox="418 305 615 487">  </div> <div data-bbox="671 351 969 424">  </div>

O sinal VERDE-ESCURO é composto dos sinais VERDE e ESCURO. O sinal ESCURO apresenta variação, assim como observado anteriormente com os sinais ROSA-ESCURO e AZUL-ESCURO. A configuração final de ESCURO varia entre os sinais VERDE-ESCURO1 E VERDE-ESCURO2. A terceira variante apresenta uma diferença na forma da combinação das duas mãos em relação às duas primeiras, sendo produzido com a mesma CM final de VERDE-ESCURO1, mas posicionada de forma diferente.

Estados	VERDE-ESCURO
Rio de Janeiro, Santa Catarina, Bahia e Amazonas	<p data-bbox="310 971 1061 1033">VERDE-ESCURO1- CM V na mão ativa associada ao movimento retilíneo no dorso da mão passiva fechada + o sinal com duas mãos abertas/fechadas(5+S)</p> <div data-bbox="428 1048 941 1252">  </div> <div data-bbox="477 1275 873 1348">  </div>

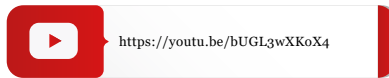
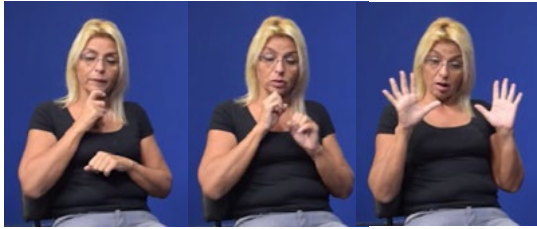
VERDE-ESCURO	
Estados	
Pará	<p>VERDE-ESCURO2 - CM V na mão ativa associada ao movimento retilíneo no dorso da mão passiva fechada e duas mãos abertas/fechadas no formato de pinça</p>  <p> https://youtu.be/2uZRTOZ6GpE</p>
Rio Grande do Norte, Piauí e Minas Gerais	<p>VERDE-ESCURO3 - CM V na mão ativa associada ao movimento retilíneo no dorso da mão passiva fechada + duas mãos abertas fechando formando CM S</p>  <p> https://youtu.be/RoqteLozbFo</p>

Os sinais VERDE-CLARO1 e VERDE-CLARO2 apresentam as variantes do sinal VERDE1 e VERDE2, mas com a mesma forma no sinal CLARO.

VERDE CLARO	
Estados:	
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Santa Catarina, Ceará, Pernambuco, Pará, Amazonas, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Amapá, São Paulo e Distrito Federal	
VERDE CLARO1 - VARIAÇÃO -1- VERDE CLARO SINAL LETRA “V” mão fechada-dorso (movimento-retilíneo) e duas mãos fechadas/abertas(5+5)-claro	
 <p> https://youtu.be/WQEJg_cv5JM</p>	

VERDE CLARO

VERDE CLARO2 - VARIAÇÃO -2- VERDE CLARO SINAL dedo “1+fechado” frio com queixo - retilíneo e duas mãos fechadas/abertas(5+5)-claro



Estados:

São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina

O sinal MARROM se enquadra apenas em um grupo de organização das cores que é produzido no dorso da mão passiva, apresentando variações no movimento da mão ativa associada à configuração de mão M: (a) MARROM1 com movimento retilíneo curto repetido, MARROM2 movimento semicircular podendo ter a mão passiva fechada ou aberta (relaxada), caracterizando a alofonia; e (b) associada à configuração de mão U MARROM3, com a mesma forma do sinal de CHOCOLATE que, portanto, apresenta uma motivação icônica por estar associada à cor do chocolate. O sinal MARROM3 apresenta também a ocorrência da mão passiva com a assimilação da configuração de mão da mão ativa U, configurando a alofonia do sinal MARROM3.

Estados	MARROM
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Santa Catarina, Pará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Amapá, São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal	MARROM1- CM “M” com movimento retilíneo curto repetido  

Estados	MARROM
<p>Rio Grande do Norte e Santa Catarina</p>	<p>MARROM1 mão passiva aberta relaxada CM “M” com movimento retilíneo curto repetido</p>   <p>https://youtu.be/RC9thVvzaM</p>
<p>Santa Catarina, Piauí, Ceará, Amazonas e Minas Gerais</p>	<p>MARROM2- CM “M” com movimento semicircular</p>   <p>https://youtu.be/7v9HzONoo9U</p>
<p>Rio de Janeiro e Santa Catarina</p>	<p>MARROM3 - CM “U” com movimento retilíneo curto repetido</p>   <p>https://youtu.be/XI1bbXVehQ</p>

Estados	MARROM
São Paulo	<p>MARROM₃ mão passiva com assimilação da mão U CM “U” com movimento retilíneo curto repetido</p>  



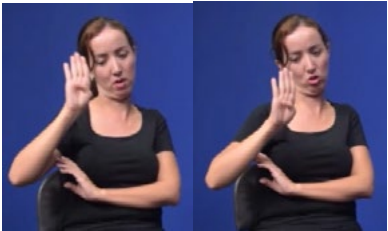


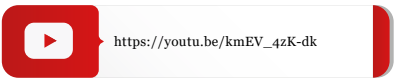
Os sinais de ROXO podem ser feitos no dorso da mão passiva, como outros sinais para cores – que é o caso de ROXO₁, um sinal inicializado com a letra R –, e também apresentam outras duas variações: ROXO₂ com a configuração da mão V na face, sinal que apresenta motivação icônica por estar associado ao sinal VI-NHO que exibe a cor roxa do vinho tinto. A variante ROXO₃ é um sinal soletrado da palavra ‘roxo’.

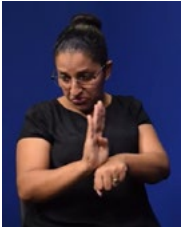


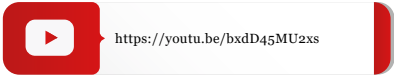

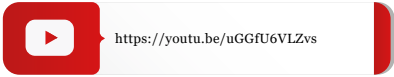
Estados	ROXO
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Santa Catarina, Piauí, Pernambuco, Pará, Amazonas, Minas Gerais, Amapá, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e Distrito Federal	<p>ROXO₁ - CM “R” com movimento retilíneo curto repetido</p>  

Estados	ROXO
São Paulo	<p>ROXO1 - Mão passiva aberta relaxada CM “R” com movimento retilíneo curto repetido</p>   <p>https://youtu.be/w4v3hBfjXG8</p>
Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Pará e Mato Grosso do Sul	<p>ROXO2 - CM V com movimento movimento-círculo na face</p>   <p>https://youtu.be/By4jTozyAQ</p>
Rio de Janeiro e São Paulo	<p>ROXO3 - Soletração de R-O-X-O</p>   <p>https://youtu.be/hmfj_Lq4oU</p>



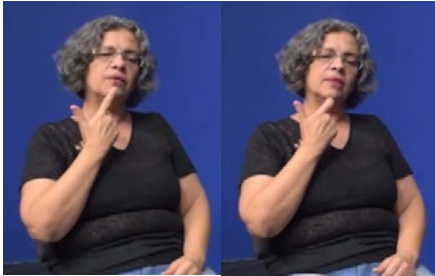

Todas as ocorrências do sinal BEGE são inicializadas com a configuração de mão B, com exceção da variação BEGE6 que envolve a soletração completa da palavra. A variação de BEGE1, BEGE2, BEGE3, BEGE4 e BEGE5 está na locação e/ou na orientação e/no movimento do sinal. BEGE1 é produzido no rosto, à frente da boca, com movimento de rotação do pulso. O sinal de BEGE2 é produzido no espaço neutro à esquerda, associado ao movimento retilíneo curto e repetido

de cima para baixo. A ocorrência de BEGE3 utiliza o mesmo espaço de BEGE2 variando quanto ao movimento que é horizontal: retilíneo curto repetido para a direita e para a esquerda. BEGE4 configura a variante que se repete entre outros sinais para cores realizadas na mão passiva.

Estados	BEGE
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Pará, Piauí, Amazonas e Mato Grosso do Sul</p>	<p>BEGE1 - VARIAÇÃO -1- BEGE SINAL uma mão LETRA “B” movimento rotação de pulso (parece sinal biologia)</p>   <p>https://youtu.be/Xz765MKX_WQ</p>
<p>Rio de Janeiro, Minas Gerais, Piauí e Amazonas</p>	<p>BEGE2 - VARIAÇÃO -2- BEGE SINAL uma mão LETRA “B” movimento vertical de retilíneo</p>   <p>https://youtu.be/dEKIDWGvyTw</p>
<p>Rio Grande do Norte, São Paulo e Pará</p>	<p>BEGE3 - VARIAÇÃO -3- BEGE SINAL uma mão LETRA “B” Movimento horizontal retilíneo</p>   <p>https://youtu.be/kmEV_4zK-dk</p>

Estados	BEGE
<p>Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, São Paulo e Ceará</p>	<p>BEGE4 - VARIAÇÃO -5- BEGE SINAL uma mão fechada-dorso e uma mão letra “B” movimento - retilíneo-pequeno</p>  
<p>Distrito Federal</p>	<p>BEGE5 - VARIAÇÃO -6- BEGE SINAL Uma mão fechada-dorso e uma mão letra “B” (B em baixo) movimento - semicírculo-pequeno</p>  
<p>Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Norte e Santa Catarina</p>	<p>BEGE6 - VARIAÇÃO -4- BEGE SINAL soletrar B-E-G-E</p>  

O sinal VERMELHO não apresenta variação, mas identificou-se a extensão do dedo polegar caracterizando a alofonia.

Estados	VERMELHO
<p>Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Pará, Amazonas, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul</p>	<p>VERMELHO1- CM 1 Iniciando na forma estendida e fechando com movimento interno da configuração de mão, locação boca.</p>  <p> https://youtu.be/uFPn3dJwnoM</p>
<p>Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Amapá</p>	<p>VERMELHO1 - Com polegar estendido CM L Iniciando na forma estendida e fechando com movimento interno da configuração de mão, locação boca.</p>  <p> https://youtu.be/rBFWSOQ-WaE</p>

Os sinais AMARELO e ALARANJADO não apresentam variação entre os Surdos de Referência.

AMARELO é um sinal nativo, que, em princípio, não apresenta motivação icônica.

Estados	AMARELO
Todos os estados	<p data-bbox="726 196 842 220">AMARELO1</p> <p data-bbox="615 232 951 256">Dedo(1) com nariz (seta horizontal)</p> <div data-bbox="596 271 971 438">  </div> <div data-bbox="586 465 977 542">  </div>

O sinal ALARANJADO remete ao sinal da fruta LARANJA, um sinal que, portanto, apresenta motivação icônica.

Estados	ALARANJADO
Todos os estados	<p data-bbox="696 784 851 808">ALARANJADO1</p> <p data-bbox="570 820 977 844">CM C abrindo e fechando na frente da boca</p> <div data-bbox="547 860 1000 1122">  </div> <div data-bbox="578 1152 971 1228">  </div>

A seguir, apresentamos a síntese dos aspectos identificados na variação dos sinais da categoria CORES.

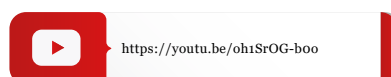
Categoria dos sinais: Cores	
Contato das línguas (sinais inicializados com letra da palavra em Língua Portuguesa, soletração parcial ou total da palavra)	Grupo de sinais para a categoria de cores que realiza o sinal no dorso da mão passiva.
Variação fonológica	Grupo de ocorrências que variam quanto à configuração de mão, locação, orientação da mão e no padrão do movimento.
Iconicidade	Variantes que apresentam motivação icônica semântica, ou seja, remetem a outros sinais que apresentam motivação na forma ou na ação que origina o sinal.
Composição	Combinação de sinais para formar o sinal composto nos casos de cores que incluem tons claros e escuros.

6.2.3 Variação de sinais para profissões

A categoria de sinais para profissões apresenta variantes produzidas pelos Surdos de Referência por razões fonológicas e motivações icônicas. As duas variantes do sinal PROFISSÃO partem de PROFISSÃO₁ e PROFISSÃO₂ que se desdobram nas demais variantes, a partir da composição destes com outros sinais. PROFISSÃO₁ é realizada com duas mãos (5+5) produzidas com movimento simétrico no espaço neutro e PROFISSÃO₂ é realizado com duas mãos, uma ativa sobre a mão passiva. As variantes da composição incluem o sinal DIFERENTES, VÁRIOS e GRUPO (GRUPO₁ e GRUPO₂). Temos observado que as variações que incluem a composição de dois sinais acontecem na ordem do sinal base que apresenta o conteúdo semântico associado à entrada juntamente com os sinais DIFERENTES, VÁRIOS e GRUPO para caracterizar a categoria. No entanto, nesta análise, observamos a ordem inversa na ocorrência PROFISSÃO₇.

PROFISSÕES

PROFISSÃO₁ - Duas mãos produzidas com movimento simétrico, no espaço neutro

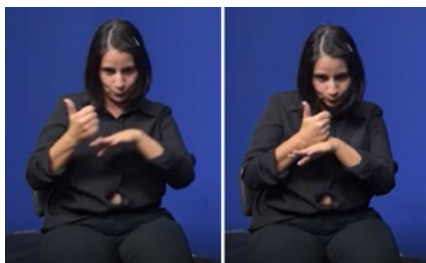


PROFISSÕES

Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul

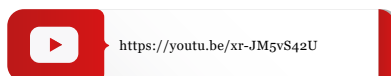
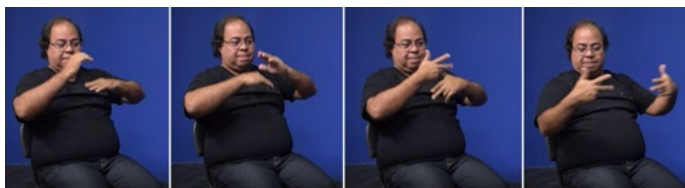
PROFISSÃO2 - Uma mão ativa realizada sobre a mão passiva, com movimento circular



Estados:

Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo e Bahia

PROFISSÃO3 - Composição do sinal PROFISSÃO1 e sinal VÁRIOS



Estado:

Pará

PROFISSÃO4 - Composição do sinal PROFISSÃO1 e o sinal TRABALHAR



PROFISSÕES

Estados:

São Paulo, Ceará e Mato Grosso do Sul

PROFISSÃO5 - Composição do sinal PROFISSÃO1 e sinal DIFERENTES



<https://youtu.be/M1q7nNkf7HA>

Estado:

São Paulo

PROFISSÃO6 - Composição do sinal PROFISSÃO2 e sinal VÁRIOS



<https://youtu.be/r831adKEulk>

Estado:

Santa Catarina

PROFISSÃO7 - Composição do sinal GRUPO1 e sinal PROFISSÃO2



<https://youtu.be/CWzHXaT5aI8>

Estado:

Santa Catarina

PROFISSÕES

PROFISSÃO8 - Composição do sinal PROFESSÃO2 e sinal GRUPO2



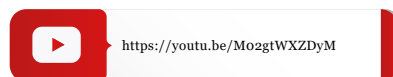
Estado:

Rio Grande do Sul

A profissão PROFESSOR envolve um sinal inicializado que acontece com uma ou duas mãos. Neste caso, o sinal padrão é realizado com uma mão e pode sofrer um processo fonológico de inclusão da segunda mão.

PROFESSOR

PROFESSOR₁

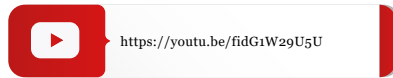
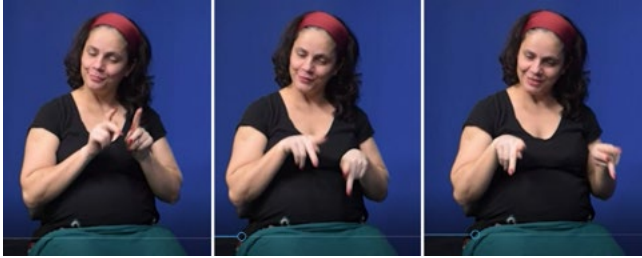


Estados:

Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

PROFESSOR

PROFESSOR2



Estado:

Rio de Janeiro

O sinal para a profissão DENTISTA alude a uma ação realizada nos dentes, um sinal que apresenta motivação icônica. DENTISTA1, a ocorrência mais comum, envolve um sinal manual instrumental indicando a broca e o movimento circular associado a ela manipulado pelo dentista. A ocorrência DENTISTA2 apresenta também um sinal que envolve a manipulação de um instrumento, mas no formato de pinça.

DENTISTA

DENTISTA1

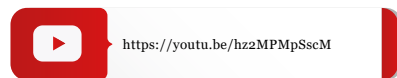
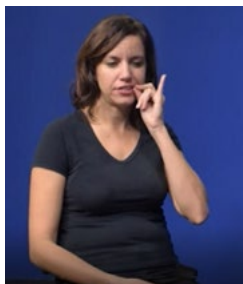


Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

DENTISTA

DENTISTA2



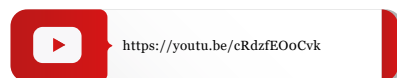
Estados:

Rio de Janeiro, Santa Catarina e Amapá.

O sinal de JUIZ apresenta diversas variantes. Os sinais JUIZ1, JUIZ2, JUIZ3 e JUIZ4 reaparecem nas variantes compostas seguintes. JUIZ1 apresenta motivação icônica aludindo ao martelo usado pelo juiz para estabelecer a ordem. Os sinais JUIZ2 e JUIZ3 também são usados para a profissão ADVOGADO. O sinal JUIZ4 é o mesmo que o sinal de JUSTIÇA. O sinal JUIZ5 é uma composição de JUIZ2+JUIZ1 (remete ao advogado que bate o martelo). O sinal JUIZ6 é uma composição de JUIZ1+JUIZ4 (o que bate o martelo e faz justiça). O sinal JUIZ7 é a composição JUIZ3+JUIZ1 (também remete ao advogado que bate o martelo). A ocorrência JUIZ8 é a composição de JUIZ3+JUIZ4 (advogado que faz justiça). O sinal JUIZ9 é a composição de JUIZ2+JUIZ4 (também remete a advogado que faz justiça). A última ocorrência, JUIZ9, é a composição de três sinais: JUIZ2+JUIZ4+-JUIZ1 (advogado que faz justiça e bate o martelo). É como se fosse uma descrição da função de juiz. Todos os sinais produzidos têm relação semântica remetendo à justiça e ao profissional da área da justiça. A motivação para a composição dessas variantes, portanto, é semântica.

JUIZ

JUIZ1



Estados:

Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Amapá e Distrito Federal.

JUIZ

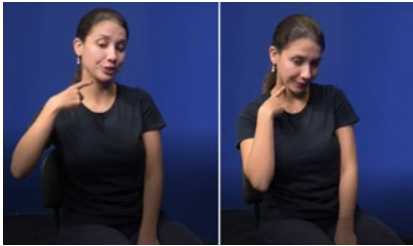
JUIZ2



Estado:

Santa Catarina e Pará

JUIZ3



Estados:

Santa Catarina e Bahia.

JUIZ4



Estados:

Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Santa Catarina, Amapá, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

JUIZ5

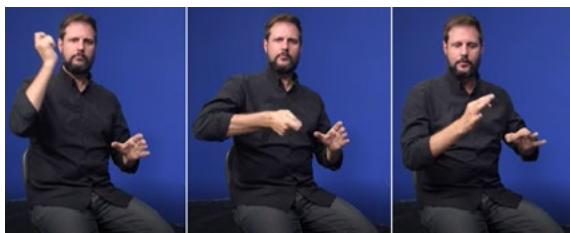


JUIZ

Estados:

Rio de Janeiro, Ceará, Pará e Rio Grande do Sul.

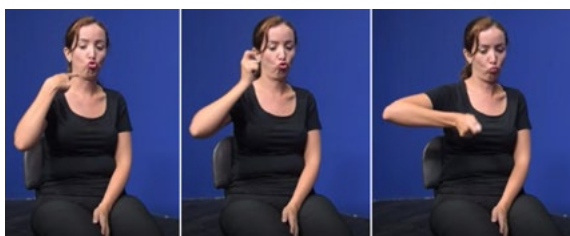
JUIZ6



Estados:

Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

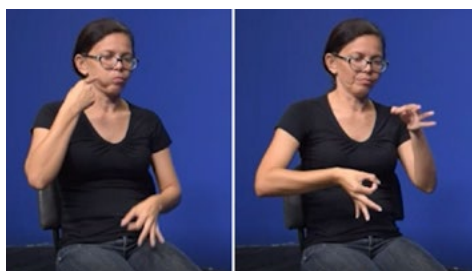
JUIZ7



Estados:

Minas Gerais e Santa Catarina.

JUIZ8

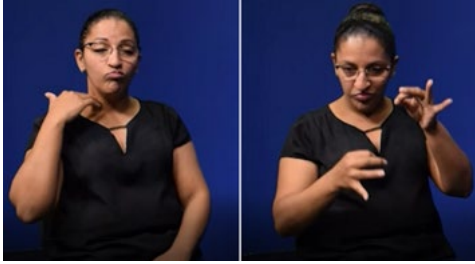


Estados:

Rio Grande do Norte e Piauí.

JUIZ

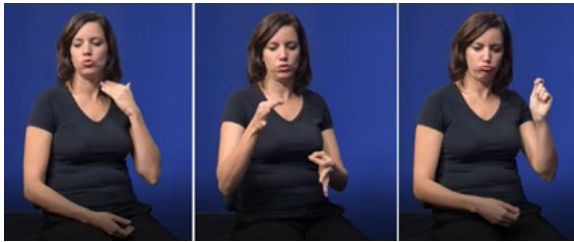
JUIZ9



Estado:

Santa Catarina.

JUIZ10



Estados:

Minas Gerais e Santa Catarina.

O sinal de MOTORISTA₁ apresenta motivação icônica, aludindo ao uniforme do motorista. Este sinal pode ser composto como em MOTORISTA₂ associado a DIRIGIR. A variante MOTORISTA₃ apresenta motivação semântica relacionada ao ato de dirigir.

MOTORISTA

MOTORISTA₁



MOTORISTA

Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Ceará e Distrito Federal.

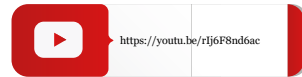
MOTORISTA2



Estados:

Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e Amazonas.

MOTORISTA3



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

O sinal MÉDICO₁ é o que apresenta mais usos em diferentes estados brasileiros. É um sinal que apresenta motivação icônica relacionada ao ato de bater o martelo no joelho que está sendo reproduzido na articulação do dedo indicador. Os sinais MÉDICO₂ e MÉDICO₃ estão relacionados, pois ambos foram motivados pelo uso de espectro para ouvir o peito do paciente. A variante MÉDICO₂ inclui a segunda mão no peito, enquanto MÉDICO₃ é produzido diretamente no peito.

MÉDICO

MÉDICO₁



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

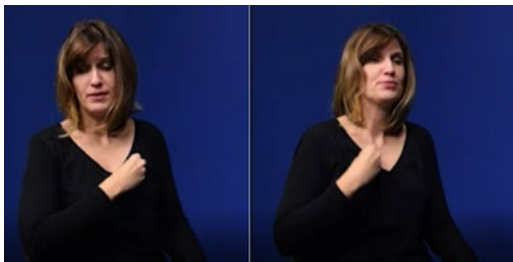
MÉDICO₂



Estado:

Minas Gerais.

MÉDICO₃



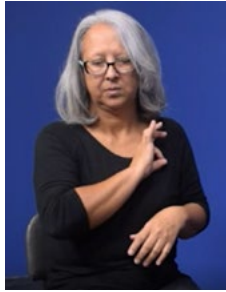
Estados:

Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As profissões de POLICIAL e INTÉRPRETE possuem apenas uma forma em todos os estados.

POLICIAL

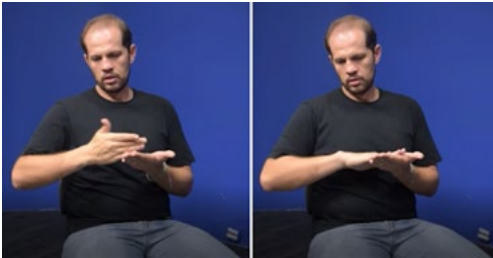
POLICIAL



Todos os estados

INTÉRPRETE

INTÉRPRETE



Todos os estados

A seguir, apresentamos a síntese dos aspectos identificados na variação dos sinais da categoria **PROFISSÕES**.

Categoria dos sinais: profissões

Contato das línguas (sinais inicializados)	Foi observada apenas uma profissão com o uso de sinal inicializado (PROFESSOR).
Processo fonológico	Adição de mão em sinal produzido com uma mão (PROFESSOR).

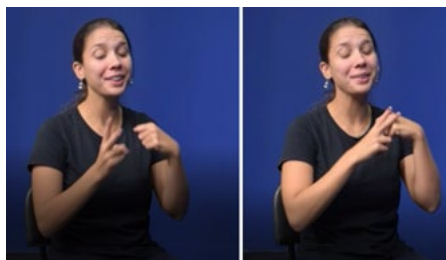
Iconicidade	Variantes que apresentam motivação icônica semântica, ou seja, remetem a outros sinais que apresentam motivação na forma ou na ação que origina o sinal.
Composição	Composição de sinais de uma mesma rede semântica ou a utilização dos sinais VÁRIOS, DIFERENTES, GRUPO para indicar uma categoria.

6.2.4 Variação de sinais para verbos

Os verbos na Libras apresentam variações entre os Surdos de Referência, embora também observemos a estabilidade dos sinais usados. A seguir iniciamos com o sinal da categoria VERBOS que é um sinal inicializado em todas as suas variações. A mão ativa utiliza a configuração de mão em V com uma mão passiva, apresentando variações nesta e na posição em que a mão ativa tem contato com a passiva. A variante VERBO4 é uma combinação da variante VERBO1 associada ao sinal GRUPO para indicar a categoria de verbos.

VERBOS

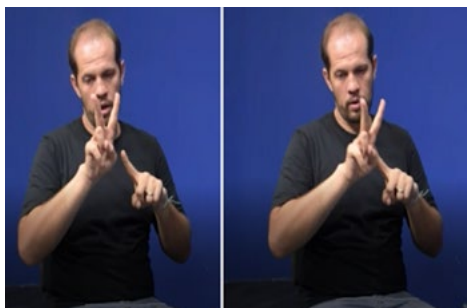
VERBO1



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Amapá, Distrito Federal, Pará e Mato Grosso do Sul.

VERBO2



VERBOS

Estados:

Ceará e Pará.

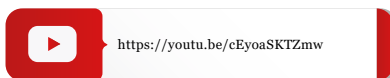
VERBO3



Estados:

Rio de Janeiro, Minas Gerais e Amazonas.

VERBO4



Estado:

Santa Catarina.

O verbo ANDAR é produzido na maioria dos estados como ANDAR₁ que envolve um classificador de entidade para se referir à pessoa que está em pé caminhando. Este sinal parece ter sido lexicalizado para aludir ao sinal ANDAR de forma geral, embora possa ainda ser usado como classificador. O sinal ANDAR₁ pode ser produzido com ou sem o polegar extensionado. A alofonia é constatada em função dessa extensão ou não do polegar neste sinal, assim como observado por Xavier e Silva, neste capítulo, em outros sinais. As ocorrências ANDAR₂, ANDAR₃, ANDAR₄ e ANDAR₅ são também possíveis classificadores de entidade que refere o andar.

ANDAR

ANDAR1



Estados:

Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Pará e Mato Grosso do Sul.

ANDAR2



Estado:

Santa Catarina.

ANDAR3

O dedo indicador de duas mãos



Estado:

Santa Catarina.

ANDAR

ANDAR4

Letra V andar de duas pessoas.



Estado:

Rio Grande do Sul.

ANDAR5



Estado:

Mato Grosso do Sul.

O verbo que refere ASSISTIR ou VER é comumente produzido pela maioria dos Surdos de Referência como ASSISTIR₁, mas também foram observadas variantes como em ASSISTIR₂, ASSISTIR₃, ASSISTIR₄ e ASSISTIR₅. Todas essas parecem ter uma variação semântica, sendo usadas de acordo com cada contexto, até pelos mesmos sinalizantes.

ASSISTIR ou VER

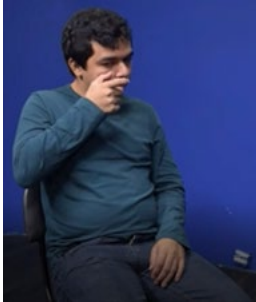
ASSISTIR₁



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

ASSISTIR₂



Estados:

Rio de Janeiro, São Paulo e Amazonas.

ASSISTIR₃

Televisão de assistir



Estados:

Rio Grande do Norte, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Pernambuco e Ceará.

ASSISTIR ou VER

ASSISTIR₄



Estados:

Minas Gerais e Santa Catarina.

ASSISTIR₅



Estado:

Rio de Janeiro.

O verbo CHORAR normalmente é produzido como em CHORAR₁, podendo haver o apagamento de uma das mãos, observando-se uma possível alofonia deste sinal por meio deste processo fonológico. Além disso, há também as variantes CHORAR₂, CHORAR₃ e CHORAR₄ que envolvem alteração na configuração da mão. CHORAR₅ é uma combinação do sinal CHORAR₁ com o classificador 5 que indica intensidade ou variedade, neste caso é intensidade. Todos os sinais para CHORAR apresentam a motivação que alude às lágrimas saindo dos olhos.

CHORAR

CHORAR₁

O dedo indicador

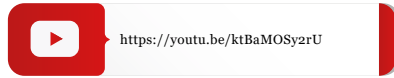


CHORAR

Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia,
Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal, Pará e Amazonas.

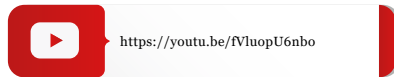
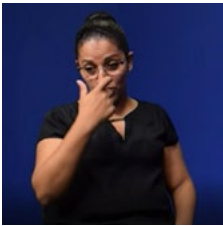
CHORAR2



Estados:

Rio de Janeiro e Minas Gerais.

CHORAR3



Estado:

Santa Catarina.

CHORAR4

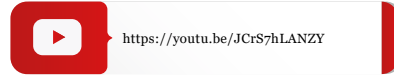
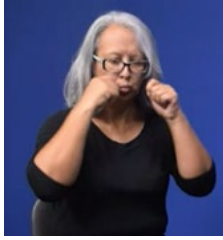


Estado:

Amapá.

CHORAR

CHORAR5



Estados:

Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Pará, e Mato Grosso do Sul.

CHORAR6



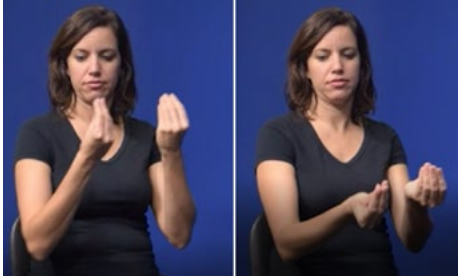
Estados:

Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Ceará e Pará.

O verbo DAR é produzido com duas variantes que alteram a configuração de mão. Este sinal parece ser uma lexicalização do gesto incorporando objeto, indicando transferência de um lugar/pessoa para outro lugar/pessoa. Normalmente é produzido com a configuração de mão com os dedos flexionados, mas é possível também ser produzido com os dedos estendidos, caracterizando uma alofonia.

DAR

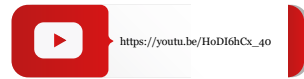
DAR1



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Amapá, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

DAR1



Estados:

São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Pará.

O verbo DORMIR apresenta variantes na configuração da mão e no uso de uma ou duas mãos. Todas as ocorrências são realizadas na mesma locação, ou seja, na região lateral da cabeça próxima ao olho. Este sinal é sempre associado ao fechar dos olhos indicando uma forte motivação com o ato de dormir.

DORMIR

DORMIR₁



Estados

Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

DORMIR₂



Estados:

Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Pernambuco, Distrito Federal e Pará.

DORMIR₃



Estados:

Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Piauí, Rio Grande do Sul, Ceará e Amapá.

DORMIR₄



DORMIR

Estado:
Santa Catarina.

DORMIR₅



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e Pernambuco.

O verbo FALAR apresenta uma forma mais padronizada, normalmente produzida com uma mão, mas podendo também contar com o processo fonológico de adição de mão. Este sinal é produzido na região em frente à boca, indicando sua motivação no ato de falar associado especificamente à fala oral, em FALAR₁, versões com uma e duas mãos. Há também ocorrências como em FALAR₂, FALAR₃ e FALAR₄ que apresentam variações semânticas, podendo configurar diferentes instâncias de falar (expressar-se pela boca, conversar usando a fala e fococar, respectivamente).

FALAR ou GRITAR

FALAR₀₁



Estados:

Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, São Paulo, Piauí, Santa Catarina, Bahia e Pará.

FALAR ou GRITAR

FALAR 02

Duas mãos



Estados:

São Paulo, Sergipe, Santa Catarina, Distrito Federal e Pará.

FALAR 3

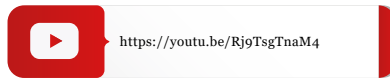
Falar de fofoca



Estado:

Rio Grande do Sul.

FALAR 4



Estados:

Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte.

FALAR ou GRITAR

FALAR 5

Falar de fofoca



Estados:

São Paulo e Amazonas.

O sinal GRITAR é mais estável, podendo ser intensificado com o uso das duas mãos. É um sinal que também está associado à locação da boca, aludindo ao ato de gritar por meio da voz usando este articulador.

GRITAR

GRITAR 1

Uma mão

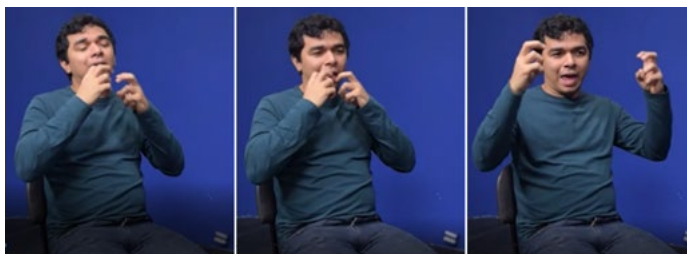


Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Piauí, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará e Mato Grosso do Sul.

GRITAR 2

Duas mãos



Estados:

Minas Gerais, Santa Catarina, Pará, Bahia e Amapá.

As variantes de MORDER estão associadas ao uso de classificadores indicando diferentes interpretações visuais do ato de morder. É um sinal que parece não ser lexicalizado, mas sim usa classificadores para representá-lo. O classificador mais comum é o que representa a boca por meio da configuração da mão no formato de garra indicando boca e dentes que se fecham ao realizar o ato da mordida (indicando o agente). As ocorrências variam no uso do classificador de entidade para representar quem é mordido (o paciente) ou a localização específica da mordida (no braço, na perna, no pescoço). A realização registrada em MORDER6 utiliza a própria boca para indicar a mordida. Este sinal é altamente motivado pelo ato de morder.

MORDER

MORDER₁



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

MORDER

MORDER2

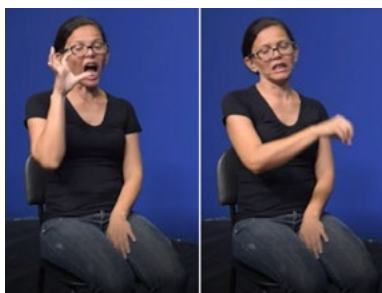
Pegar o pé de morder na boca



Estado:

Santa Catarina.

MORDER3



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Piauí e Ceará.

MORDER4



Estado:

Rio Grande do Norte.

MORDER

MORDER5

Braço



Estados:

Rio Grande do Norte e Ceará.

MORDER6

Cana ou objeto



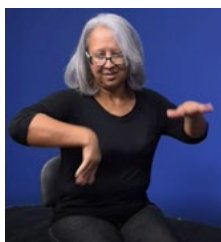
Estado:

Santa Catarina.

O sinal NADAR apresenta três variantes entre os Surdos de Referência. A primeira delas, NADAR1, evoca o ato de nadar imitando o movimento das duas mãos como se a pessoa estivesse nadando. O segundo já apresenta um padrão diferente, apesar de manter a motivação de NADAR1, o sinal NADAR2 é produzido com a mão passiva parada e o movimento realizado apenas pela mão ativa. A terceira ocorrência, NADAR3, apresenta o ato de nadar com a representação do corpo inteiro deslizando na água. Todos os sinais relativos a NADAR apresentam motivação icônica.

NADAR

NADAR₁



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

NADAR₂



Estados:

São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Piauí, Amapá e Distrito Federal.

NADAR₃



Estados:

São Paulo e Santa Catarina.

O verbo OUVIR é representado na locação da orelha indicando o ato de ouvir. As três variantes aludem ao ato em si com diferentes configurações de mão, embora pareçam indicar variação semântica.

OUVIR

OUVIR1



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Piauí, Rio Grande do Sul, Ceará, Amapá, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

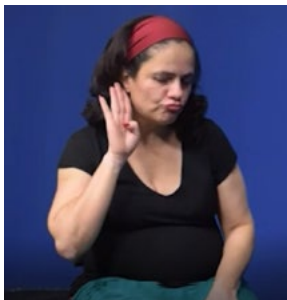
OUVIR2



Estados:

Minas Gerais e Pernambuco.

OUVIR3



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará e Amazonas.

O sinal VOAR é produzido por meio de classificadores, VOAR1 e VOAR2, e encenação, VOAR3 e VOAR4. São sinais que não parecem ser lexicalizados, mas variarão de acordo com o ato em si, sendo sempre produzidos por classificadores ou encenação.

VOAR ou PULAR

VOAR 1



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais, Santa Catarina e Piauí.

VOAR 2



Estados:

Rio Grande do Norte, São Paulo, Santa Catarina, Amapá, Pará, Pernambuco e Mato Grosso do Sul.

VOAR ou PULAR

VOAR 3



<https://youtu.be/6hbj55pgDqE>

Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

VOAR 4



<https://youtu.be/Ag35aerN5zE>

Estado:

Rio de Janeiro.

A seguir, apresentamos a síntese dos aspectos identificados na variação dos sinais da categoria VERBOS.

Categoria dos sinais: VERBOS

Varição fonológica	Adição de mão em sinal produzido com uma mão, extensão ou flexão dos dedos, alteração da configuração da mão.
Classificadores	Produções que usam classificadores de entidade para representar a ação realizada pela entidade.
Iconicidade	Variantes que apresentam motivação icônica semântica, ou seja, remetem a outros sinais que apresentam motivação na forma ou na ação que origina o sinal.
Encenação	Imitação do ato em si representado pelo próprio sinalizante.

6.2.5 Variação de sinais sentimentos

A última categoria analisada nesta gramática é a que refere sentimentos. As variantes da categoria SENTIMENTOS estão relacionadas com a localização do peito no tronco do sinalizante e pele, apresentando, portanto, motivação icônica que evoca o sentir no peito e/ou na pele. O sinal SENTIMENTOS1 é usado também nas variantes SENTIMENTOS2, SENTIMENTOS3, SENTIMENTOS4, SENTIMENTOS5 e SENTIMENTOS6. SENTIMENTOS2 compõe o sinal com SENTIMENTOS1 e EMOÇÃO. SENTIMENTOS3 compõe com VÁRIOS indicando a categoria. SENTIMENTOS4 compõe com DIVERSOS também indicando a categoria. SENTIMENTOS5 compõe com uma encenação de aperto no peito. SENTIMENTOS6 compõe com o sinal ESSÊNCIA e PELE. SENTIMENTOS7 é uma variante que é usada para o verbo SENTIR. O sinal SENTIMENTOS8 se apresenta com uma configuração de mão diferente.

SENTIMENTOS

SENTIMENTOS₁ - VARIAÇÃO -1- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal senti “CM 59” - tem movimento-retilíneo

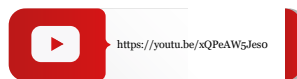
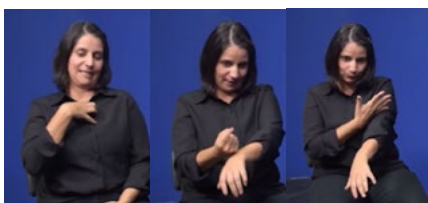


Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Piauí, Sergipe e Amapá.

SENTIMENTOS₂

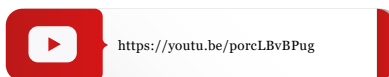
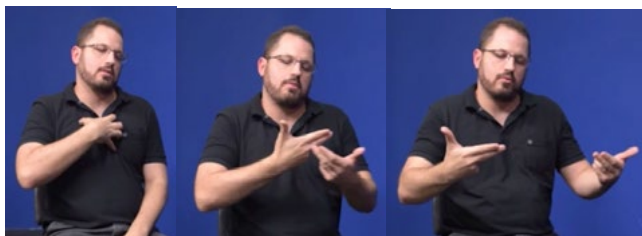
VARIAÇÃO -2- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal senti “CM 59” e outra mão fechada/aberta com braço - tem movimento-retilíneo - sinal sentir+emoção (Sentir com emoção)



Estados:

Santa Catarina e Minas Gerais.

SENTIMENTOS₃ - VARIAÇÃO -3- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal senti “CM 59” e outra duas mãos coisas - tem movimento-retilíneo - sinal sentir+coisas (Sentir com coisa)



Estados:

Santa Catarina, São Paulo, Pará, Pernambuco e Distrito Federal.

SENTIMENTOS

SENTIMENTOS4 - VARIAÇÃO -4- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal senti “CM 59” e outra uma mão diferente - tem movimento-retilíneo - sinal sentir+diferentes (Sentir com diferentes)



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Minas Gerais.

SENTIMENTOS5

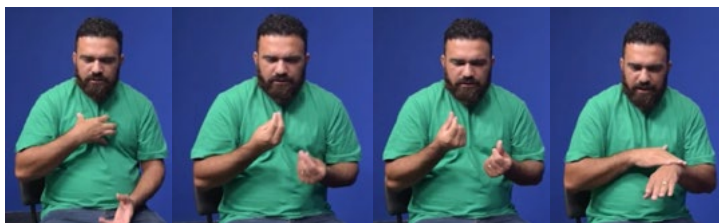
VARIAÇÃO -6- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal senti “CM 59” e outra uma mão gostar - tem movimento-círculo - sinal sentir+gostar (Sentir com gostar)



SENTIMENTOS

Estados: Santa Catarina e Rio de Janeiro.

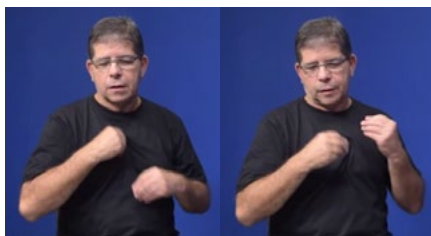
SENTIMENTOS6 -VARIÇÃO -8- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal senti “CM 59” e outra duas mãos fechadas e abertas sensível - sinal sentir+sensível/pele (Sentir com sensível/pele)



Estado:
Amazonas.

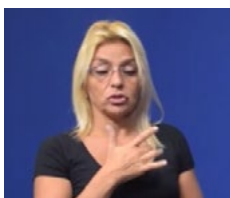
SENTIMENTOS7

VARIÇÃO -7- SENTIMENTOS SINAL duas mãos sinal como “CM 26”



Estado:
Rio Grande do Sul.

SENTIMENTOS8 - VARIÇÃO -5- SENTIMENTOS SINAL uma mão com peito, sinal sentir “CM 41” - tem movimento-retilíneo



Estado:
São Paulo.

O sinal ÓDIO é produzido por quase todos os Surdos de Referência como em ÓDIO1. A variante ÓDIO2 é o sinal de INIMIGO. A terceira variante utiliza a soletração.

ÓDIO

ÓDIO1 - VARIAÇÃO -1- ÓDIO SINAL mão fechada com peito



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas, Sergipe, Piauí, Amapá, Pernambuco e Mato Grosso do Sul.

ÓDIO2 - VARIAÇÃO -2- ÓDIO SINAL uma mão aberta e outra mão (inimigo)

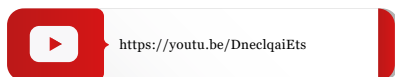
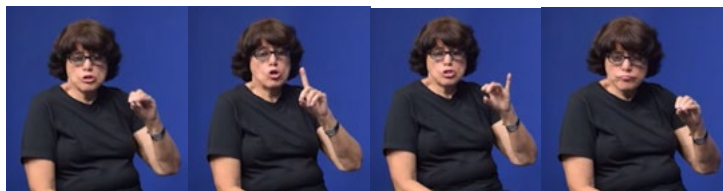


Estados:

Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, São Paulo, Pernambuco e Bahia.

ÓDIO3

VARIAÇÃO -3- ÓDIO SINAL soletrar



Estados:

Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo.

O sinal de ALEGRIA apresenta duas variantes que se diferenciam semanticamente. A primeira é ALEGRIA1, envolvendo o estado de alegrar-se, e a segunda, ALEGRIA2, envolve o sinal CONTENTE que apresenta a motivação relacionada ao classificador de entidade que indica pular de alegria.

ALEGRIA

ALEGRIA1 -VARIACÃO -1- ALEGRIA SINAL duas mãos abertas



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas, Sergipe, Piauí, Amapá, Pernambuco e Mato Grosso do Sul.

ALEGRIA2- VARIACÃO -2- ALEGRIA SINAL CONTENTE nº 5 e uma mão aberta



Estado:

Santa Catarina.

O sinal de FELICIDADE na variante FELICIDADE1 é um sinal inicializado. A segunda variante parece estar relacionada ao sinal de GOSTAR. Estes sinais apresentam diferenças semânticas.

FELICIDADE

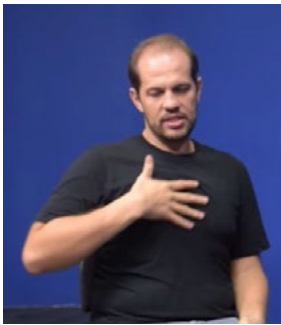
FELICIDADE1 - Letra F duas mãos



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Pará, Amazonas, Sergipe, Piauí, Amapá, Pernambuco e Mato Grosso do Sul.

FELICIDADE2 - Sinal GOSTAR com peito



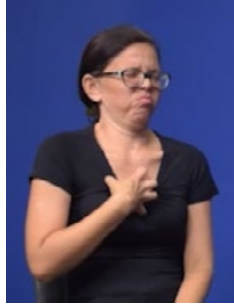
Estado:

Ceará.

A variante do sentimento de raiva se confunde com o sinal de SENTIMENTOS1 associado à marcação não manual de raiva em RAIVA1 e movimento retilíneo, sinal usado também para BRAVO. RAIVA2 apresenta a forma do sinal ÓDIO1, pois são dois sentimentos muito próximos. O sinal RAIVA3 tem relação com o sinal de SÉRIO (cara amarrada) com a configuração de mão em forma de garra produzida na frente do rosto de cima para baixo, indicando uma motivação icônica associada à face com a expressão não manual indicando raiva, braveza, seriedade. O sinal RAIVA4 é similar ao sinal ENCHER-SACO, mas produzido na face, em contraste com o sinal ENCHER-SACO que é produzido no espaço neutro.

RAIVA

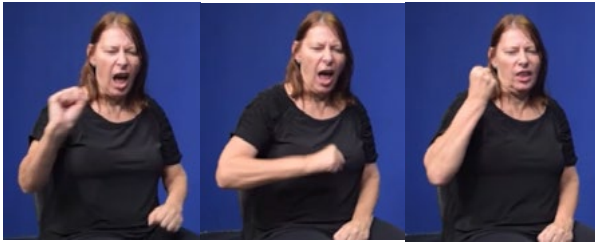
RAIVA1 - Brava no peito



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Sergipe, Piauí, Pernambuco, Amazonas, Pará e Mato Grosso do Sul.

RAIVA2 - ódio



Estados:

Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul.

RAIVA3 - Bravo, sério

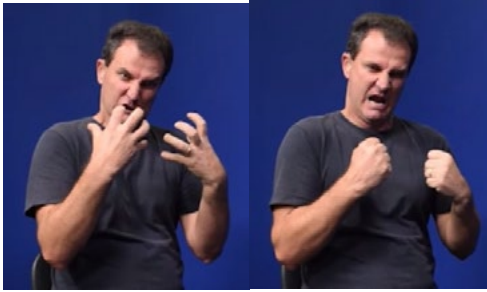


Estados:

Santa Catarina, Pará, Amapá, Ceará e Pernambuco.

RAIVA

RAIVA4 - Saco de rosto



Estado:

Santa Catarina.

O sinal de PAIXÃO apresenta diferentes formas. Pode ser produzido com o sinal AMOR de forma mais intensa, como em PAIXÃO01, podendo ser combinado com o sinal ADORAR, como em PAIXÃO02. Também foi produzido por meio do sinal de CORAÇÃO, em PAIXÃO03 e PAIXÃO04, sendo que neste há também uma variação na configuração de mão. Em PAIXÃO05 e PAIXÃO06, os sinais foram produzidos com a configuração da mão duas e com uma mão com dedos estendidos e o contato no peito, talvez um alofone um do outro. O sinal PAIXÃO07 apresenta uma variação semântica indicando estar vidrado na pessoa. O sinal PAIXÃO08 utiliza o emblema de coração indicando motivação neste uso. PAIXÃO09 usa o sinal GOSTAR com duas mãos indicando intensidade no ato de gostar. O sinal PAIXÃO10 é inicializado com a configuração de mão em P, produzida na frente do coração.

PAIXÃO

PAIXÃO01 - Sinal AMOR



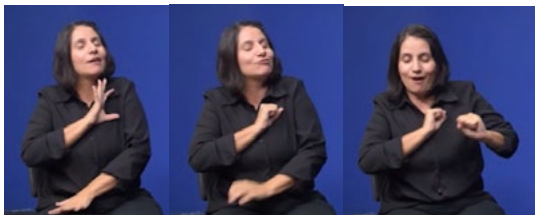
Estados:

Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará.

PAIXÃO

PAIXÃO₂

VARIAÇÃO -6- PAIXÃO SINAL Amor com adora

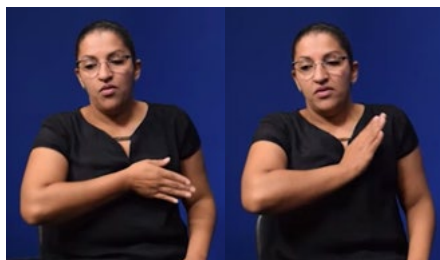


Estados:

Minas Gerais, Rio de Janeiro e Ceará.

PAIXÃO₃

VARIAÇÃO -10- PAIXÃO SINAL uma mão aberta com coração

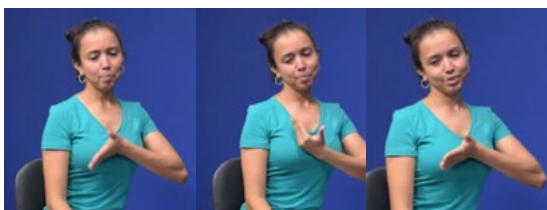


Estado:

Santa Catarina.

PAIXÃO₄

Sinal de CORAÇÃO



Estado:

Pará e Piauí.

PAIXÃO

PAIXÃO5 - Duas mãos “contato” com coração



Estados:

Santa Catarina e Pernambuco.

PAIXÃO6 - Uma mão “contato” com coração



Estado:

São Paulo.

PAIXÃO7 - Indica estar vidrado no outro



Estados:

São Paulo.

PAIXÃO8 - Duas mãos com o formato de coração



PAIXÃO

Estado:

Sergipe.



Estado:

Distrito Federal.



Estados:

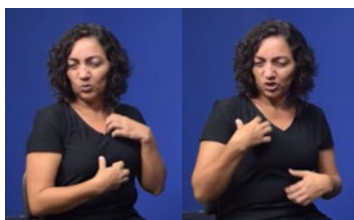
Rio Grande do Norte e Bahia.

O sinal de ANGÚSTIA apresenta várias versões que podem estar associadas a outros sinais. As variantes ANGÚSTIA1 e ANGÚSTIA2 estão associadas ao sinal SENTIR, mas com um movimento no peito. ANGÚSTIA2 também foi combinado com o sinal de TRISTEZA. ANGÚSTIA3 foi produzido com a configuração de mão em S associado ao mesmo tipo de movimento das variantes anteriores. ANGÚSTIA4 foi produzido com o sinal de DEPRESSÃO que apresenta também uma versão inicializada como em ANGÚSTIA5. ANGÚSTIA6 representa o sinal de solidão.

ANGÚSTIA⁷ representa o sinal de SER-ATORMENTADO. ANGÚSTIA⁸ foi combinado com o sinal de AGUENTAR e o sinal na sequência, indicando estar com algo sendo apertado no peito, por meio da configuração da mão em forma de garra sendo fechada na configuração de mão em S. ANGÚSTIA⁹ utiliza o classificador de forma para indicar encurtamento. A última variante é o sinal de PREOCUPAR. Os sentimentos parecem estar sendo descritos pelos Surdos de Referência indicando diferentes emoções e sentimentos associados à angústia. Não parece que cada uma destas instâncias representa sinais específicos de ANGÚSTIA. Isso evidencia que tais sentimentos podem ser descritos recorrendo-se a outros sinais associados à experiência e à interpretação de cada sinalizante do sentimento em questão.

ANGÚSTIA

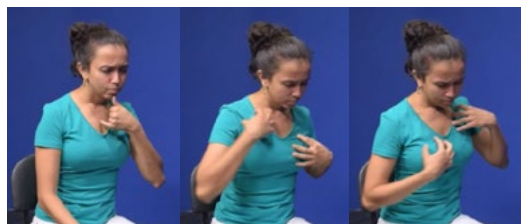
ANGÚSTIA¹ - Duas mãos com sentir (peito)



Estados:

Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Piauí, Pará, Pernambuco, São Paulo, Sergipe, Minas Gerais e Santa Catarina.

ANGÚSTIA² - Sinal TRISTEZA associado com duas mãos sentir(peito)

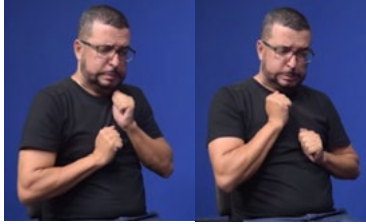


Estados:

Santa Catarina, Pará e Minas Gerais.

ANGÚSTIA

ANGÚSTIA3 - Duas mãos fechadas no peito (parece ansiedade ou ansioso)



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Minas Gerais e Distrito Federal.

ANGÚSTIA4

Sinal de DEPRESSÃO



Estados:

Rio Grande do Sul e São Paulo.

ANGÚSTIA5

Letra D - Sinal inicializado de DEPRESSÃO



Estado:

São Paulo.

ANGÚSTIA

ANGÚSTIA6 - Sinal SOLIDÃO



Estados:

São Paulo e Amazonas.

ANGÚSTIA7

Sinal SER-ATORMENTADO

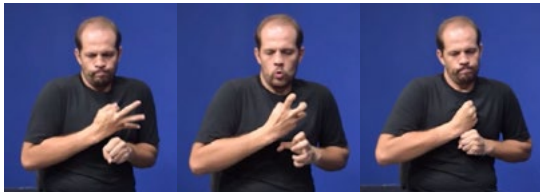


Estado:

Bahia.

ANGÚSTIA8

Sinal de aguentar e duas mãos fechando no peito



Estado:

Ceará.

ANGÚSTIA

ANGÚSTIA9

Dois dedos indica-curto



Estado:

Amapá.

ANGÚSTIA10

Sinal PREOCUPAR



Estado:

Santa Catarina.

Da mesma forma que o sentimento de angústia foi descrito, os Surdos de Referência descreveram o sinal para aflição, ou seja, associado a sentimentos de angústia, ansiedade, aflição, preocupação, nervosismo. O sinal mais recorrente para AFLIÇÃO foi AFLIÇÃO1 que envolve a configuração de mão aberta indicando um corte na face. O sinal AFLIÇÃO2 também foi usado para indicar ansiedade, representando que as coisas estão atrapalhando a cabeça. AFLIÇÃO3 está associado ao sinal que foi usado para NERVOSISMO, mas com um único movimento de baixo para cima acompanhando a extensão do braço. AFLIÇÃO4, AFLIÇÃO5 e AFLIÇÃO6 são produzidos na frente do peito com sinais indicando sentimentos, ansiedade, prostração, respectivamente. O sinal AFLIÇÃO7 foi produzido com o sinal para DOR também na frente do peito. AFLIÇÃO8 foi produzido com o sinal PREOCUPAR, assim como observado em ANGÚSTIA10, ou seja, tais sentimentos parecem estar associados aos mesmos sentimentos negativos causados por preocupação ou outros sentimentos conexos. A última ocorrência utiliza o emblema de esfregar uma mão na outra associado à expressão facial de aflição ou angústia.

AFLIÇÃO

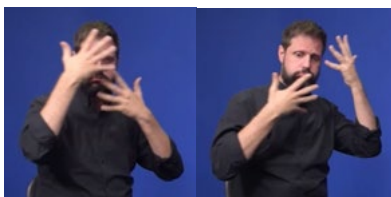
AFLIÇÃO₁ - Uma mão aberta cortar com rosto



Estados:

Rio Grande do Norte, Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Distrito Federal.

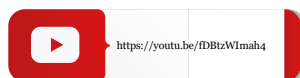
AFLIÇÃO₂ - Duas mãos abertas com movimento circular na frente do rosto



Estados:

Ceará e Santa Catarina.

AFLIÇÃO₃ - Cortar no braço (sinal relacionado com nervosismo, mas com um movimento único)

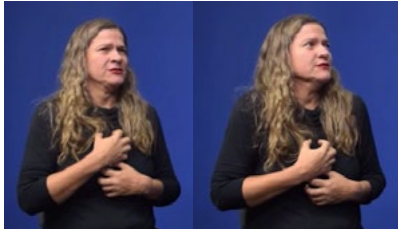


Estados:

Minas Gerais, Pernambuco e Amapá.

AFLIÇÃO

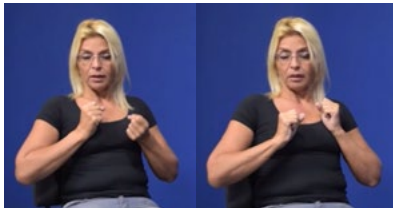
AFLIÇÃO4 - Sinal usado para expressar angústia



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Santa Catarina.

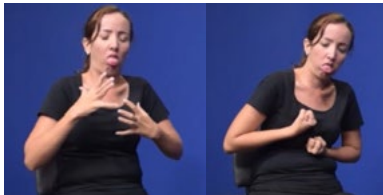
AFLIÇÃO5 - Sinal usado para ansiedade ou ansioso



Estados:

São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

AFLIÇÃO6 - Mágoa



Estados:

Pará e Minas Gerais.

AFLIÇÃO7 - Dor

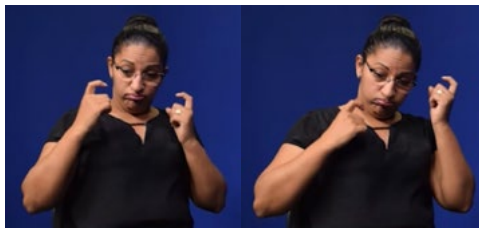


AFLIÇÃO

Estados:

Pará e São Paulo.

AFLIÇÃO8 - Preocupar



Estados:

Santa Catarina.

AFLIÇÃO9

Duas mãos abertas de ansiedade (emblema para oba, mas associado à expressão facial de aflição)



Estado:

Santa Catarina.

O sinal de CARINHO apresenta a alofonia com a mão passiva aberta ou fechada, como observado na seção inicial deste capítulo por Xavier e Silva.

CARINHO

CARINHO1 - CARINHO SINAL duas mãos abertas



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Pará, Amazonas e Mato Grosso do Sul.

CARINHO1 - CARINHO SINAL uma mão aberta e mão fechada



Estados:

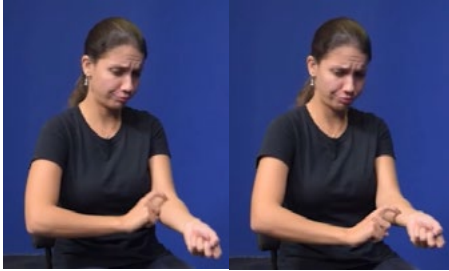
Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Sergipe, Piauí, Amapá e Pernambuco.

O sinal NERVOSISMO apresenta variação na configuração de mão. É um sinal com motivação icônica, indicando que a veias se movimentam revelando o estado de nervoso.

NERVOSISMO

NERVOSISMO1

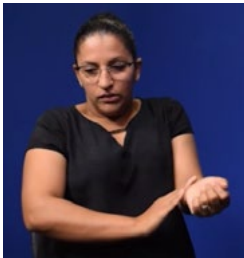
Dedo indicador no braço



Estados:

Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Rio Grande do Sul, Ceará, Distrito Federal, Sergipe, Piauí, Amapá, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Pará e Amazonas.

NERVOSISMO1- Mão com dedos estendidos no braço



Estado:

Santa Catarina.

Os sinais de AMOR e TRISTEZA não apresentam variantes.

AMOR

AMOR1 - VARIAÇÃO -1- AMOR SINAL Uma mão aberta e fechada com peito

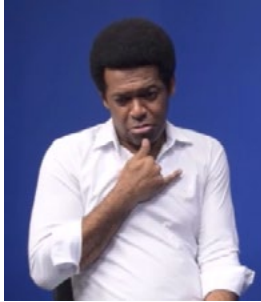


Todos os estados.

TRISTEZA

TRISTEZA₁

VARIAÇÃO -1- TRISTEZA SINAL “Y” com queixo



Todos os estados.

A seguir apresentamos a síntese dos aspectos identificados nas variantes dos sinais da categoria sentimentos:

Categoria dos sinais: SENTIMENTOS

Contato das línguas (sinais inicializados)	Sinais inicializados (FELICIDADE com configuração de mão F, DEPRESSÃO com configuração de mão D, e PAIXÃO com configuração de mão P).
Variação fonológica	Alteração da configuração de mão e do padrão de movimento.
Descrição dos sinais	Uso de outros sinais para descrever o sentimento, associando com marcações não manuais que caracterizam cada um dos sentimentos descritos.
Iconicidade	Variantes que apresentam motivação icônica semântica, ou seja, remetem a outros sinais que apresentam motivação na forma ou na ação que origina o sinal.
Composição	Composição de sinais de uma mesma rede semântica ou a utilização dos sinais VÁRIOS, DIFERENTES, GRUPO para indicar uma categoria.

6.2.6 Conclusões gerais sobre a variação dos sinais do Inventário Nacional de Libras: Surdos de Referência

As variações descritas decorrem da estrutura linguística das palavras podendo ser determinadas por várias razões de ordem linguística. Por exemplo, a sociolinguística explica as variações entre diferentes formas das palavras como consequência do contato entre as línguas, no nosso caso, muitas vezes fruto do contato entre a Libras e a Língua Portuguesa, mas também entre a Libras e outras línguas, especialmente as Línguas de Sinais.

As variações lexicais identificadas precisam ainda ser analisadas considerando os aspectos observados nas diferentes instâncias de sinais produzidos pelos Surdos de Referência. Identificamos variações decorrentes da alteração fonológica, associadas normalmente à configuração de mão, mas também possivelmente ao padrão de movimento e da locação. Além disso, identificamos o uso de sinais nativos ou inicializados com os mesmos parâmetros aplicados ao sinal, ou seja, um sinal nativo que pode também ter uma realização inicializada, provavelmente por influência da forma escrita da Língua Portuguesa.

Além destas variações de ordem fonológica, observamos também variação semântica, que pode configurar instâncias de sinais diferentes, portanto não como variação lexical de um mesmo sinal, mas com análises semânticas que remetem à sinonímia. Isso requererá mais estudos para confirmar essas análises iniciais.

As diferenças fonológicas provavelmente estejam relacionadas a princípios linguísticos de economia e regras aplicadas à Libras. As razões semânticas podem estar associadas aos significados estampados por meio da forma (iconicidade) ou por questões culturais traduzidas por meio de uma palavra. Estas questões culturais decorrem de práticas culturais da comunidade que se traduzem por meio da língua.

Para além da variação lexical pautada em princípios de ordem linguística mais clássicos, encontramos variações influenciadas por aspectos culturais que podem também ser motivados iconicamente. Algumas instâncias de sinais, por exemplo como observado na categoria sentimentos, os sinais apresentam uma base icônica associada à localização no corpo que está relacionada com o sentimento em si (no peito, na cabeça, na testa). Também observamos o uso mais descritivo de alguns sinais, talvez por ainda não contarem com sinais lexicalizados consolidados.

Apesar de todas as variações encontradas, nós identificamos muita estabilidade entre os sinais, conforme já apontado por Xavier e Barbosa (2017). Esta estabilidade é o que permite que os sinais sejam percebidos com os respectivos significados e possam ser compreendidos entre os diferentes sinalizantes da Libras, mantendo a unidade desta língua, uma língua nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARONS, D. **Aspects of the syntax of American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA, 1994.

ABNER, N. **What You See Is What You Get. Get: Surface Transparency and Ambiguity of Nominalizing Reduplication in American Sign Language**. *Syntax*, n. 20, 2017, p. 317–352. DOI:10.1111/synt.12147.

ABNER, N. Determiner Phrases: theoretical perspectives. In: QUER, J.; PFAU, R.; HERRMANN, Annika (Orgs.). **The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research**. Londres: Routledge, 2020.

ABNER, N. Syntactic Categorization in Sign Languages. In: COHEN, H.; LEFEBVRE, C. (Orgs.). **Handbook of Categorization in Cognitive Science**. 2 ed. Amsterdã: Elsevier, 2017, p. 549–566.

AGUIAR, M. C. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 109–121.

ALBRES, N. A. Tradução de literatura infantojuvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada online** version Rev. bras. linguist. apl. v.14 n.4 Oct. / Dec. 2014. Available in: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820145540>.

ALBRES, N. A.; COSTA, M. P. P.; ADAMS, H. G. Contar um conto com encantamento: a construção de sentidos e efeitos da tradução para Libras. **Revista Diálogos**, Dossiê temático Educação, Inclusão e Libras, v. 6, n. 1, 2018.

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Comparação entre três sistemas de notação da configuração de mão com base em dados da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 4, SP, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56832>.

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Contrastividade e variação fonológica em configurações de mão da Libras. In: REIS, L. da S.; FIGUEIREDO, A. A. de A. (Org.). **Línguas de Sinais de um continente a outro: atualidades linguísticas, culturais e de ensino**, v. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 197–228. 2021a.

ALECRIM, E.; XAVIER, A. N. A variação fonética em configurações de mão da Libras à luz do sistema de transcrição de Johnson e Liddell (2011, 2012). **Letras & Letras (UFU)**, v. 37, p. 292–323, 2021b. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57715>.

ALEIXO, F. **Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**: uma análise funcionalista. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Unesp, Araraquara, 2021.

ALMEIDA–SILVA, A. A **(in) definitude no sintagma nominal em Libras**: uma investigação na interface sintaxe–semântica. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2019.

ALMEIDA–SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a Língua de Sinais emergentes da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). In: **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029–1053, out.- dez. 2020.

ANDERSON, S. R. Where's morphology? **Linguistic Inquiry**. Vol.13, 571–612, 1982.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. **The paradox of sign language morphology**. *Language*, v. 81, p. 301–344, 2005.

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1976.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028/2003: Informação e documentação: Resumo**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

AVELAR, J. O. **Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser e estar em português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas. 2004.

AVELAR, J. O. **Ter, Ser e Estar**: Dinâmicas morfossintáticas no português brasileiro. Campinas: RG. 2009.

BÁEZ–MONTERO, I. C.; FERNÁNDEZ–SONEIRA, A.; FREIJEIRO OCAMPO, E. CORALSE. Diseño de un corpus de lengua de signos española. In A. Moreno Ortiz e C. Pérez–Hernández (eds.), CILC2016. EPiC **Series in Language and Linguistics**, v. 1, p. 111–120. 2016.

BÁEZ–MONTERO, I.; BAO FENTE, M. C.; GONZÁLEZ MONTESINO, R.; LONGA ALONSO, B. Los informantes de un corpus de lengua de signos española: tecnológico, representativo y con portabilidad: CORALSE. **Estudios Interlingüísticos** n. 8, p. 13–32. 2020.

BAHAN, B. **Comment on Turner**. *Sign Language Studies*, n. 83, p. 241–249, 1994.

BAHAN, B. **Non–manual realization of agreement in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA. 1996.

BAHAN, B. Face–to–Face Tradition in the American Deaf Community: Dynamics of the Teller, the Tale and the Audience. In **Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature**, ed. H–D. L. Bauman, J.L. Nelson, and H.M. Rose, p21–50. Berkeley: University of California Press. 2006.

BAKER, C.; PADDEN, C. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). **Understanding language through Sign Language Research**. New York: Academic Press, 1978. p. 27–57.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. [1979; introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6^a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BALVET, A.; SALLANDRE, M. A. Mouth features as nonmanual cues for the categorization of lexical and productive signs in French Sign Language (LSF). In: CRASBORN, O. *et al.* (Eds.). **Beyond the Manual Channel** [Proceedings of the 6th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages. Language Resources and Evaluation Conference (LREC).] Reykjavik, Iceland: 31 May 2014. p. 16. Disponível em: <http://www.lrec conf.org/proceedings/lrec2014/workshops/LREC2014WorkshopSignLanguage%20Proceedings.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2014.

BANK, R. **The ubiquity of mouthings in NGT: a corpus study**. Utrecht: LOT, 2014.

BANK, R.; CRASBORN, O.; VAN HOUT, R. Variation in mouth actions with manual signs in Sign Language of the Netherlands. **Sign Language and Linguistics**, Nijmegen, v. 14, n. 2, p. 248-270, jan. 2011.

BANK, R.; CRASBORN, O.; VAN HOUT, R. Prominence of spoken language elements in a sign language. **Linguistics**. Vol. 54, n. 6. p. 1281-305, 2016.

EBBINGHAUS, H.; HESSMANN, J. Sign language as multidimensional communication: why manual signs, mouthings, and mouth gestures are three different things. In: BOYES BRAEM, P.; SUTTONSPENCE, R. (eds.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum, 2001. p. 133-151.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: A Motivação dos Sinais – Nomes. **Revista RE–UNIR**, v. 5, n. 2, 2018, p. 40–62. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE–UNIR/article/view/3092>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BARROS, R. O. **Tradução de poesia escrita em Libras para a Língua Portuguesa**. (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

BARROS, T. P. **Experiência de Tradução Poética de Português/Libras: Três Poemas de Drummond**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: **Análise Estrutural da Narrativa**. Roland Barthes *et al.*/ tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto, 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARTOLOMEI, N. P. R. **Produções performáticas em Libras: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós–Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

BASTOS, P. **Região Metropolitana de Palmas reúne 15 municípios e 430 mil moradores**. SECOM, TO, 14 jan. 2014. Disponível em: [https://secom.to.gov.br/noticias/regiao-metropolitana-de-palmas-reune-15-mu-](https://secom.to.gov.br/noticias/regiao-metropolitana-de-palmas-reune-15-mu)

nicipios–e–430–mil–moradores–174518. Acesso em: 20 mai. 2022.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BAUER, A. How words meet signs: a corpus based study on variation of mouthing in Russian Sign Language. Bauer, In: BAUER, A.; BUNČIĆ, D. (eds.). **Linguistische Beiträge zur Slavistik**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2018.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to Textlinguistics**. London: Longman, 1981.

BERENZ, N. **Person and Deixis in Brazilian Sign Language**. Ph.D. Dissertation. University of California, 1996.

BERENZ, N.; FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. In: **Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lapperanta, Finlândia. 1987, p. 26–36.

BERGSON, H. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução publicada em 1983, [Original, publicado em francês, 1900].

BERNARDINO, E. **A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito**: a lógica no absurdo. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Belo Horizonte, 1999.

BERTONE, C. **The syntax of noun modification in Italian Sign language (LIS)**. Working Papers in Linguistics, v. 19, p. 7–29, 2009.

BICKFORD, J. A.; FRAYCHINEAUD, K. **Mouth morphemes in ASL**: a closer look. In: Sign language the past, present and future. **TISLR9**, forty-five papers and three posters from the 9th Theoretical Issues in Sign Language Research Conference Florianópolis, Brazil, December 2006, Ronice Müller de Quadros (Ed.). Pages 32–47. Theoretical Issues in Sign Language Research 9. Petrópolis, RJ: Arasa Azul.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: USP, n. 2, 1998, p. 81–118.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. In: **Revista Palavra**. Petrópolis: Vozes, p.81–97, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia I**, eds. ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P., 13–22. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BIENVENU, M. (MJ). Reflections of Deaf Culture in Deaf Humor. In **The Deaf Way: Perspectives from the International Conference on Deaf Culture**. ERTING C. J.; JOHNSON, R. C.; SMITH, D. L.; SNIDER, B. D. (eds.). Washington, DC: Gallaudet University Press, 1994. p. 16–23.

BOLDO, J.; SUTTON–SPENCE, R. Libras Humor: Playing with the Internal Structure of Signs. **Sign Language Studies**. Volume 20, Number 3, Special Issue on Sign Language Poetry. 2020. pp. 411–433.

BOUCHARD, D. Sign Languages & Language Universals: The status of Order & Position in Grammar. In **Sign Language Studies**. 91. Listok Press, Summer, 1996, pp.101–160.

BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 16 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, Língua Brasileira de Sinais – Libras [art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em 23 nov. 2021.

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Língua brasileira de sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 23 nov. 2021.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

BROOM, D. M.; FRASER, A. F. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos**. Vol. 4, Ed. Manole, 2010.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR, J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica,

1973.

CAMPELLO, A. R. S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/ interpretação cultural e seu desafio. **Caderno de Tradução da UFSC**, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p143>.

CAMPOS, K. A. **Literatura de cordel em Libras**: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, v. 1, 2001.

CARDOZO, E. Os animais como sujeitos de Direito. **Revista Brasileira de Direito Animal**. Salvador, v. 1, p. 119–121, 2006.

CARMEL, S. J. Deaf Folklore. In: BRUNVAND, J. H. **American Folklore: An Encyclopedia**. Garland Publishing, Inc. New York & London, 1996.

CARNEIRO, B. G. **O corpo na concepção de eventos na Língua de Sinais Brasileira**. Caxias do Sul: Antares, v. 7, n. 14, jul./dez., 2015.

CARNEIRO, B.G.; EL KHOURI, J.I.B.; LUDWIG, C.R. Articulação de orações em Libras: um breve panorama. **Revista Humanidade & Inovação**, v. 7, n. 26, 2020.

CARNEIRO, B. G.; OLIVEIRA, C. C. O evento e o estado dos participantes na Língua Brasileira de Sinais. *Via Litterae* – **Revista de Linguística e Teoria Literária**. Goiânia, v. 9, n. 1, p. 41–58, 2017.

CARVALHO, C. S. **Processos sintáticos de articulação de orações**: algumas abordagens funcionalistas. v. 8, n.1, Juiz de Fora: Veredas, jan./dez., 2004. p. 9–27.

CARVALHO, M. A. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Mato Grosso – Mesorregião Sudoeste Matogrossense**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASSIDY, S.; CRASBORN, O.; NIEMINEN, H.; STOOP W.; HULSBOSCH, M.; EVEN, S.; KOMEN, E.; JOHNSTON, T. **Signbank: Software to Support Web Based Dictionaries of Sign Language**. Proceedings of the Eleventh

International Conference on Language Resources and Evaluation (*LREC 2018*), 2018. (pp.2359–2364).

CASTRO, N. P. **Prosódia em ASL e Libras**: análise comparativa de aspectos visuais. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CAVALCANTE, P. F. **Glossário Jurídico em Libras**: Direito Constitucional. Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Universidade Federal Fluminense, 2017.

CEARÁ EM MAPAS. **Região metropolitana de Fortaleza**. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/125x.htm>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CESAR, A.L.; CAVALCANTI, M.C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, M.C.; BORTONI–RICARDO, S.M. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 45–66.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view In: LI, C. (Ed.). **Subject and topic**. Nova Iorque: Academic Press, 1984.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time**: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University of Chicago Press, 1994 [2003].

CHAIBUE, K. **Universais linguísticos aplicáveis às Línguas de Sinais**: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

CHEN PICHLER, D. *et al.* **Conventions for sign and speech transcription of child bimodal bilingual corpora in ELAN**. Language, Interaction and Acquisition. Vol.1, 2010, p. 11–40, 2010.

CHOMSKY, N. **Aspects of Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CORREIOS SC. **Mapa da Região Metropolitana de Florianópolis**. 2022. Disponível em: <https://www.correiosc.com.br/wp-content/uploads/2020/12/mapa-dos-municipios-da-Grande-Florianopolis.png>. Acesso em: 31 maio 2022.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: Enciclolibras. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COSTA, D. A. F. **A apropriação da escrita por crianças e adolescentes surdos**: interação entre fatores contextuais, l1 e l2 na busca de um bilinguismo funcional. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CRASBORN, O. Phonetics. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Org.). **Sign Language: An International Handbook**, Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 4–20.

CRASBORN, O. **Phonetic implementation of phonological categories in Sign Language of the Netherlands**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Leiden, Leiden, 2001.

CRASBORN, O. *et al.* **Annotation conventions for the Corpus NGT**. Volume 23, February, 2015.

CRASBORN, O. *et al.* **Linking lexical and corpus data for sign languages**: Ngt signbank and the corpus ngt. In Workshop Proceedings: 7th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Corpus Mining/Proceedings of the Tenth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2016), ISBN 978–2–9517408–9–1. European Language Resources Association (ELRA).

CRASBORN, O.; HULSBOSCH, M.; SLOETJES, H. Linking Corpus NGT annotations to a lexical database using open-source tools ELAN and LEXUS. In: Crasborn, Efthimiou, Fontinea, Hanke, Kristoffersen & Mesch, eds. Proceedings of the 5th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Interactions between Corpus and Lexicon, 2012. (pp. 19–22).

CRASBORN, O.; HULST, H.; KOOLIJ, E. **Sign Phon: a phonological database for sign languages**. Sign Language and Linguistics, 4(1/2), 2001. (pp.215–228).

CRASBORN, O.; VAN DER KOOJI, E.; MESCH, J. European cultural heritage online (ECHO): Publishing sign language data on the internet. In: CONFERENCE ON THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH, 8., Barcelona, 2004. Proceedings, Barcelona: ECHO, 2004. p. 535–562.

CRASBORN, O.; VAN DER KOOIJ, E.; WATERS, D.; WOLL, B.; MESCH, J. Frequency distribution and spreading behavior of different types of mouth actions in three sign languages. **Sign Language & Linguistics**, v. 11, n. 1, p. 4567, 2008.

CRISTOFARO, S. **Subordination**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2003.

CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio**. Tese (Doutorado em Letras) □ Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CUXAC, C. Esquisse d'une typologie des langues des signes. In C. Cuxac (ed.), *autour de la Langue des Signes*, 35–60. **Journées d'Études** n. 10, UFR de Linguistique Générale et Appliquée, Université René Descartes. 1985.

CUXAC, C. **Fonctions et structures de l'iconicité des langues des signes**. Thèse de Doctorat d'État, Université Paris, 1996.

CUXAC, C. **La langue des signes française (LSF)**. Les voies de l'iconicité, *Faits de Langues* 15/16, Ophrys, Paris, 2000.

CUXAC, C. **Esquisse d'une typologie des Langues des Signes**. Journée d'études, n. 10, 4 juin, 1983. Université René Descartes, Paris, p. 35–60, 1985.

CUXAC, C. La langue des signes française. Les voies de l'iconicité. In: *Faits de Langues* 15/16, Paris: Éditions Ophrys, 2000. CUXAC, C. **Iconicité des Langues des Signes**. In: *Faits de langues, Motivation et iconicité*, n. 1, Mars 1993. p. 47–56.

CUXAC, C. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage, In: **Acquisition et interaction en langue étrangère**, n. 15, 2001, dez. 2005. Disponível em: <http://aile.revues.org/536>. Acesso em: 11 fev. 2019.

DACHKOVSKY, S. Facial expression as intonation in Israeli Sign Language. The case of neutral and counterfactual conditionals. In: QUER, J. (Ed.). **Signs of the Time**. Selected Papers from TISLR 2004. Hamburg: Signum, 2008. p. 61–82.

DAL CORNO, G. O. M. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. [S.l.]: [s.n.], v. VIII, 2016. 13p.

DAVIDSON, C. N. **Humanities 2.0: Promise, Perils, Predictions**. PMLA. (2008),

123(3):707–17.

DAVIDSON, K. Scalar implicatures in a signed language. **Sign Language & Linguistics**, 17(1), 2014, p. 1–19.

DAVIDSON, K. ‘And’ or ‘or’: General use coordination in ASL. **Semantics & Pragmatics**, v. 6, Article 4, 2013, p. 1–44.

DEAL, A. R. Countability distinctions and semantic variation. **Natural Language Semantics**, v. 25, n. 2, p. 125–171, 2017.

DEBEVC, M.; STJEPANOVIC, Z.; HOLZINGER, A. Development and evaluation of an e-learning course for deaf and hard of hearing based on the advanced Adapted Pedagogical Index method. **Interactive Learning Environments**. Vol. 22 (1), 2014, p. 35–50.

DECAT, M. B. N. **Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu**: aposição rumo ao ‘desgarramento’. *Scripta*, v. 5, n. 9, p. 204–118, 2001.

DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. [organização e apresentação de Ingedore V. Koch]. 7ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

DONNELLY, C. **Linguistics for writers**. Buffalo: SUNY Press, 1994.

DOUETTES, B. **A tradução na criação de sinais–termo religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

DUDIS, P. G. **Body partitioning and real–space blends**. *Cognitive Linguistics*, 15(2), 2004, p. 223–238.

DUDIS, P. G. **Annotation of Types of Depiction in ASL**. Manuscript, Gallaudet University, 2007. Disponível em: https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/lrec2008/pdf/lrec2008_dudis.pdf. Acesso em setembro de 2021.

DURR, P. Deaf Cinema. **Deaf Studies Encyclopedia**. Sage Publications. v.2. 2016. p.157–158.

EFTHIMIOU, E.; FOTINEA, S–E. **Creation and annotation of a Greek Sign Language corpus for HCI**. Universal access in human computer interaction:

coping with Diversity. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON UNIVERSAL ACCESS IN HUMAN–COMPUTER INTERACTIONS, 4., Beijing, 2007. Proceedings. Beijing: ILSP, 2007. p. 01–10.

EMMOREY, K. Repetition Priming with Aspect and Agreement Morphology in American Sign Language. **Journal of Psycholinguistic Sign Language**. v.20. n.5. 1991. p. 365–388.

EMMORY, K. **Language cognition, and the brain: Insights form sign language research**. Nahwash, NJK: Psychology Press, 2001.

EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H. B.; THOMPSON, R. **Bimodal bilingualism: code [1] blending between spoken English and American Sign Language**. ISB4: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON BILINGUALISM, 4., 2005, Somerville. **Anais [...]**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005. p. 663673.

ENGBERG–PEDERSEN. E. **Space in Danish Sign Language**. Signum. Hamburg, 1993.

FAJARDO, I.; PARRA, E.; CAÑAS, J. J. Do sign language videos improve web navigation for deaf signer users? *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 15(3), 2010, p. 242–2.

FARIA, C. V. S. **Aspectos da morfologia da Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FARIA–NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARIA–NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Série Estudos de Língua de Sinais. Volume I. Florianópolis: Insular, 2013. ISBN: 978–85–7474–709–5. (pp.79–116).

FAULSTICH, E. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. Perspectiva, Florianópolis, vol. 24, n. especial, p. 197–201, jul. / dez., 2006.

FAULSTICH, E. **Nota lexical Sinal–Termo**. Brasília, DF. 2014.

FAULSTICH, E. Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. In: ISQUERDO, A. N.; GIUSTOLISI, B.; MEREGHETTI, E.; CECCHETTO, C. Phonological blending or code mixing? why mouthing is not a core component of sign language grammar. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 35, p. 347365, nov. 2016.

FAVORITO, W. **O difícil são as palavras**: representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FELIPE, T. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Anais do Congresso Nacional do INES de 2002**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em: nov. 2021.

FELIPE, T. **A relação sintático–semântica dos verbos e seus argumentos na Libras**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavras na Libras**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200–217, jun. 2006. Disponível em: http://www.Librasemcontexto.org/producao/Revista_ETD-2006-122.pdf. Acesso em: 20 jun. 2014.

FENEIS. **Quantitativo de surdos no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://www.feneis.com.br/page/quantitativo.asp>. Acesso em: 28 mar. 2012.

FERNANDES, E. **Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1990.

FENLON, J.; CORMIER, K.; SCHEMBRI, A. **Building BSL SignBank**: The lemma dilemma revisited. *International Journal of Lexicography*, 28 (2). 169–206.

FERREIRA–BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. **Sign Language Studies**. 42: 45–46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA. 1984.

FERREIRA–BRITO, L. Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language. In: S.D. Fisher and P. Siple (eds.) **Theoretical Issues in Sign**

Language Research. Vol. 1. University of Chicago Press. 1990.

FERREIRA–BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA–BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA, D. B. S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana–BA:** línguas orais e Libras. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FERREIRA, F. A. R. **A morfologia em Libras.** XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia e Política Linguística e de Ensino. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras.** Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós–Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

FISCHER, S. The Head Parameter in ASL. *SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research.* Lappeenranta, Finland July 15 – 19, 1987. W.H. Edmondson & F. Karlsson (eds). Volume 10. SIGNUM – Verlag. Hamburg. 1990. p.75–85.

FISCHER, S. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at **the Winter Meeting of the Linguistic Society of America.** [s.l., s.n.], 1973.

FLOR, C. S. **Recomendações para a criação de pistas proximais de navegação em websites voltadas para surdos pré–linguísticos.** Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FORMIGOSA, E. **Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras,** Paris 8. 2015.

FRANCISQUINI, I. A. **O nome e o lugar:** um a proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR: UEL, 1998.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. **An Introduction to Language**. Forth Worth: 5^a ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.

FUSELLIER–SOUZA, I. **Sémiogenèse des langues des signes. Etude de Langues de Signes Emergentes (LSE)** pratiquées par des sourds brésiliens. Linguistique. Université Paris 8 – École Doctorale Cognition, Langage, Interaction” (ED 224), 2004.

FUSELLIER–SOUZA, I. **Emergence and Development of Signed Languages: From a Semiogenetic Point of View**. Sign Language Studies, v. 7, n. 1, p. 30–56, 2006. Gallaudet University Press.

GABARDO, L.; XAVIER, A. N. **Estudo preliminar da troca de dominância em Libras**. Rev. Dia, v. 7, n. 2, 2019. p. 70–87. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7744>. Acesso em 19 nov. 2020.

GARCIA, R.; SOUSA, A. M.; SANTOS, T. C. Contexto de aprendizagem da Libras e do Português como L2: indicadores educacionais de alunos surdos de Rio Branco, AC. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 4: educação de surdos, Libras e inclusão**. Rio Branco: EDUFAC, 2020, p. 13–28.

GESSER, A. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2006.

GESUELI, Z. M. **A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em Língua de Sinais**. Tese (Doutorado), Unicamp. 1998.

GODOY, G. **Os Ka’apor: seus gestos e sinais**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GÖKGÖZ, K. (2013). **The Nature of Object Marking in American Sign Language**. Dissertation (Doctoral), Purdue University, West Lafayette.

GOLDIN–MEADOV, S. **Hearing Gesture: How Our Hands Us Think**. England: Harvard University Press, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Galeria de fotos**. 2022. Dis-

ponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/fotos/setoriais/mapa-regiao-metro-politana-46844>> Acesso em: 6 de jun. de 2022.

GRIPP, H. **A história da Libras**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

GRITZENKO; A. M.; XAVIER, A. N. Expressões não manuais lexicais em Libras. In: Semana de Letras Universidade Federal do Paraná, 22^a ed., 2019, Curitiba, PR. **Anais**. Curitiba: 2019. p. 19–33.

GROCE, N. E. Everyone here spoke sign language. Harvard University Press, 1985. GTDL. **Relatório do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística no Brasil/GTDL**. Câmara dos Deputados, Brasília/DF, 2007.

HAAPANEN, U.–M.; WAINIO, T. **Suomalaisen viittomakielen verbaaliteyppien alaluokittelua sekä huomioita glossauksesta**. In: JANTUNEN, T. (Ed.) Näkökulmia viittomaan ja viittomistoon [Perspectives on sign and lexicon]. Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2010. p. 79–97.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. **Language**, n. 54, p. 564–89, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **On Grammar**. Continuum. London. New York. 2002.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. Hodder Arnold. 2004.

HANKE, T. (ed.). **ViSiCAST Deliverable D5–1**: interface definitions. 2000. Disponível em: <http://www.visicast.co.uk/members/milestones/ViSiCASTD5–1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022.

HASPELMATH, M. Coordination. In Shopen, Timothy (ed.) Language typology and syntactic description, vol. II: Complex constructions. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 1–51.

HAZEL, Paul. **Narrative**: An Introduction. 2007. Disponível em: http://www.paulhazel.com/blog/Introduction_To_Narrative.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

HERRMANN, A. **The Interaction of Eye Blinks and Other Prosodic Cues in German Sign Language.** In: *Sign Language & Linguistics* 13(1), 2010, p. 3-39.

HERRMANN, A.; STEINBACH, M. (Ed. s.). **Nonmanuals in Sign Language.** Amsterdam: John Benjamins, 2013.

HESSEL, C. S. **Literatura Surda:** análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

HOCHGESANG, J. A. **SiL examples.** Disponível em: <https://juliehochgesang.wixsite.com/sillx/phonology>. Acesso em 24 mai. 2019.

HOFFMEISTER, R. *et al.* **Evaluating American Sign Language in Deaf Children:** ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location. Paper presented at the Annual Conference of Educators of the Deaf, Hartford, CT, 1997.

HOHENBERGER, A.; HAPP, D. The linguistic primacy of signs and mouth gestures over mouthing: evidence from language production in German Sign Language. In: BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (eds.). *The hands are the head of the mouth: The mouth as articulator in sign languages.* Hamburg: Signum, 2001. p. 153-190.

HORNSTEIN, N.; ROSEN, S.; URIAGEREKA, J. Integrals. In URIAGEREKA, J. *Derivations.* Routledge. London/New York, 2002.

HOSEMANN, J.; STEINBACH, M. (eds.) **The ATLAS of sign language structures.** 1st. edition. (SIGN-HUB) (Disponível em: <http://sign-hub.eu/atlas> – 2021.

HOSEMANN, J.; STEINBACH, M. (eds.) **The ATLAS of sign language structures.** 2 nd. edition. (SIGN-HUB). 2022 (no prelo). Disponível em: <http://sign-hub.eu/atlas>.

IBGE. **Rio Branco.** Cidades e Estados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/rio-branco/panorama>. Acesso em: 24 abr. 2022

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior#:~:text=Representantes%20de%202.625%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de,partir%20de%2015%20de%20feve->

reiro. Acesso em jul. 2020.

IPHAN. **Ministério da Cultura**. Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL, v. 1, Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_vol1.pdf . Acesso em: 2 abr. 2022.

JESUS, C. M. A. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana–BA: línguas orais e Libras**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. **Toward a phonetic representation of hand configuration: The thumb**. Sign Language Studies, v. 12, n. 2, p. 316–333, 2012.

JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. **Toward a phonetic representation of hand configuration: The fingers**. Sign Language Studies, v. 12, n. 1, p. 5–45, 2011.

JOHNSTON, T. **Nouns and verbs in Australian Sign Language: an open and shut case?** Journal of Deaf Studies and Deaf Education, v. 6, n. 4, p. 235–257, 2001. Disponível em: <http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/4/235.full.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2016.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: an introduction to sign language linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JOHNSTON, T. **Corpus linguistics and signed languages: no lemmata, no corpus**. In CRASBORN, O.; EHIMIOU, E.; HANKE, T.; THOUTENHOOFD, E.; D.; ZWITSERLOOD, I. (Eds.), 5th Workshop on the Representation and Processing of Signed Languages: Construction and Exploitation of Sign Language Corpora, Paris: ELRA, 2008. 82–87.

KAKUMASU, J. Urubu sign language. **International journal of American linguistics**, v. 34, n. 4, p. 75–81, 1968.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS: Estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1994.

KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo longitudinal de uma criança surda**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto

de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1999.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos– análise de literatura surda. **Cadernos de Educação**, Ano 19, n. 36, Educação de Surdos, 2010, p. 155–174. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>.

KARNOPP, L. B.; HESSEL–SILVEIRA, C. Humor na literatura surda. **Educar em Revista**. no.spe–2, 2014 p. 93–109. DOI: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37013>.

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda**. Universidade Federal de Santa Catarina: Licenciatura em Letras–Libras na Modalidade a Distância, 2008.

KAYNE, R. **Toward a modular theory of auxiliary selection**. *Studia Linguistica*, 47. 1993.

KIMMELMAN, V. Impersonal reference in Russian Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, 21(2), 2018, p. 204–231.

KIMMELMAN, V. (to appear) Acceptability judgments in sign linguistics. In **Cambridge Handbook of Experimental Syntax**.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. **Toward a Model of Text Comprehension and Production**. *Psychological Review*, v. 85, n. 5, p. 363–394, set. 1978.

KLAMT, M. M. **Sonoridade visual na sinalização artística em Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/190161?show=full>.

KLAMT, M. M.; MACHADO, F. A.; QUADROS, R. M. Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais. In Ronice Müller de Quadros & Markus Weininger (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**, vol. III, p. 211–226. 2014.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. Poetry and song in a language without sound. **Cognition, Lausanne**, v. 4, p. 45–97, 1976.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge, M.A.: Harvard University Press, 1979.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

KÖNIG, S.; KONRAD, R.; LANGER, G. **What's in a sign? Theoretical lessons from practical sign language typography**. Paper presented at the TISLR9, Florianópolis – Brazil, 2008.

KONRAD, R.; LANGER, G. **Synergies between transcription and lexical database building**: The case of German Sign Language (DGS). In MAHLBERG, M.; GONZÁLEZ-DÍAZ, V.; SMITH, C. (Eds.), *Proceedings of the Corpus Linguistics Conference (CL2009)*. Liverpool: University of Liverpool, July 2009. [on-line proceedings].

KOPF, M., SCHULDER, M., & HANKE, T. **The Sign Language Dataset Compendium: Creating an Overview of Digital Linguistic Resources**. *Proceedings of the LREC2022 10th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Multilingual Sign Language Resources, 2022*, pp. 102–109.

KOULIDOBROVA, E. *Counting nouns in ASL*. Counting nouns in ASL. Manuscript, Central Connecticut State University, 2018. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingbuzz/003871>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KRENTZ, C. 'The camera as printing press; How film has influenced ASL literature' in H-Dirksen Bauman, Jennifer Nelson & Heidi Rose (eds.) *Signing the Body Poetic*. California: University of California Press. 2006.

KRIEGER, M. G. **Tipologias de dicionários**: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*, v. 4, n. 3, p. 141–147, set. / dez., 2006.

KRUSSER, R. **Design Editorial na tradução de Português para Libras**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

KRUSSER, R.; SAITO, D. S.; QUADROS, R. M. (2021). **Portal de Libras**. In: *Fórum Linguístico*. UFSC. 17:5561–74.

KUBUŞ, O. **An analysis of Turkish Sign Language (TİD) phonology and morphology**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Departamento de Ciências Cognitivas, Middle East Technical University, Turquia, 2008.

KUMADA, K.M.O. **“No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala,**

ele não tem LIBRAS, né?”: representações sobre Línguas de Sinais caseiras. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

KUSTERS, A. Being a deaf white anthropologist in Adamorobe: Some ethical and methodological issues. **Sign languages in village communities: Anthropological and linguistic insights**, v. 27, p. 52, 2012.

KUSTERS, A.; MEULDER, M.; FRIEDNER, M.; EMERY, S. On “diversity” and “inclusion”: Exploring paradigms for achieving Sign Language Peoples’ rights. *MMG Working Paper* 15–02. Max Planck Institute for the Study of Religious and Ethnic Diversity. Göttingen. 2015.

LABORIT, E. **O voo da gaivota**. Ed. Best Seller. 1994.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience, in: **Journal of Narrative and Life History**, 7 (1–4), (New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates), 1967, p.3–38.

LACKNER, A. **Linguistic functions of head and body movements in Austrian Sign Language (ÖGS)**: a corpus-based analysis. Tese de doutorado. Universidade de Graz, 2013.

LAGE, A. L. S.; KELMAN, C. A. **“Surdos–mudos do mundo inteiro, unívos!”**: uma carta de Berthier sobre os banquetes em homenagem ao Abade de l’Épée. Ferdinand Berthier (1803–1886): erudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para o nosso presente/ Regina Maria de Souza, José Raimundo Rodrigues (Orgs.). Curitiba: CRV, 2021.

LAVRAS, E. **A questão da categorização morfológica para nome e verbo na Libras**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

LEECH, G. **A Linguistic Guide to English Poetry**. London: Longman, 1969.

LEESON, L.; SAEED, J.; BYRNE–DUNNE, D. Moving heads and moving hands: Developing a digital corpus of Irish Sign Language. The ‘Signs of Ireland’ corpus development project. 2006. Disponível em: <http://webird.tcd.ie/bitstream/2262/1597/1/ITT+paper+vfinal.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: **Clause combining in grammar and discourse**. Editors: Haiman, John and Thompson, Sandra A.

John Benjamins. 1988. pp.181–225.

LEITE, M. Q. Purismo no discurso oral culto. In: PRETI, Dino (Org.) *et al.* **O discurso oral culto**. 2^a ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

LEITE, T. **A segmentação da língua de sinais brasileira (L íbras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: **Estudos da Língua de Sinais II**. Vol. 2. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 15 – 27.

LIBRAS. **Portal de Libras**. Disponível em: <https://Libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

LIDDELL, S. **American Sign Language Syntax**. Mouton Publisher. The Hague. 1980.

LIDDELL, S. THINK and BELIEVE: Sequentiality in ASL. **Language**. 60:372–99. 1984.

LIDDELL, S. K. **Head Thrust in ASL Conditional Marking**. In: Sign Language Studies, v. 52, p. 244–262, 1986.

LIDDELL, S. K. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space in ASL. In **Sign Language Research – Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. 1990. p. 176–200.

LIDDELL, S. K. Indicating verbs and pronouns: Pointing away from agreement. In The signs of language revisited: An anthology to honor Ursulla Bellugi and Edward Klima, ed. K. 86 Emmorey and H. Lane, 303–320. Mahway, N. J.: Erlbaum, 2000.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C.; C. LUCAS (Org.). **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press. 1989–2000. p. 267–306.

LIDDELL, S. K. **THINK and BELIEVE: sequentiality in American Sign Language.** Language, v. 60, n. 2, p. 372–399, 1984.

LILLO–MARTIN, D. C. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language.** Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LILLO–MARTIN, D. C. Studies of American Sign Language Syntax and the Principles and Parameters of Universal Grammar. In **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research.** Lappeenranta, Finland July 15 – 19, 1987. v.10. SIGNUM – Verlag. Hamburg. 1990. p.86–93

LILLO–MARTIN, D. One syntax or two? Sign Language and Syntactic Theory. In *Glott International*. 2001. 297–310

LILLO–MARTIN, D. C. **Universal Grammar and American Sign Language.** Kluwer Academic Publishers. Dordrecht. Boston. London. 1991.

LILLO–MARTIN, D. C. Where are all the modality effects? In **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language.** Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

LILLO MARTIN, D. C.; QUADROS, R. M. de. **Two in One: Evidence for Imperatives as the Analogue to RIs from ASL and LSB.** In: Boston University Conference on Language Development, 2009, Boston. Proceedings of the 33rd Annual Boston University Conference on Language Development. Somerville : Cascadilla Press, 2009. v. 1. p. 302–312.

LILLO MARTIN, D. C.; QUADROS, R. M. de. Acquisition of syntax–discourse interface: The expression of point of view. *Lingua (Haarlem. Print)*, v. 121, 2011, p. 567–688.

LILLO MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de.; KOULIDOBROVA, H.; PICHLER, D. C. Bimodal Bilingual Cross–Language Influence in Unexpected Domains. In: GALA – Generative Approaches in Language Acquisition, 2010, Lisboa. Language Acquisition and Development: Proceedings of GALA 2009. London: Cambridge Scholars Publishing, 2009, v. 1. p. 264–275.

LIMA, A. **Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal.** Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

LIMA, A. P. O processo de elaboração e domínio de gêneros de discurso via atividade reguladora. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caixas do Sul, RS. **Anais [...]**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caixas do Sul, 2009. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tpISiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_processo_de_elaboracao_e_dominio_de_generos_do_discurso.pdf.> Acesso em: 20 jan. 2019.

LIMA, A. P. Procedimentos teórico–metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. *In*: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson. Salvaterra (Orgs.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

LIMA, H. J. **Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

LIMA, L. R. **Relações de causalidade em orações complexas na Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

LOURENÇO, G. **A assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais** – The asymmetry between agreement verbs and plain verbs in Brazilian Sign Language Introdução Brasileira de Sinais (Libras), realizados nas décadas de 1980 e 1990, 2014.

LOURENÇO, G. **Assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais**. *Entre palavras*, v. 7, n. 2, p. 15–35, 2017.

LOURENÇO, G. Redefinindo o conceito de concordância verbal em Língua Brasileira de Sinais. *In*: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais** – Vol. V. Florianópolis: Insular, 2020. p. 115–136.

LOURENÇO, G. **Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. 3. ed. Washington, DC: Clerc Books/Gallaudet University Press, 2002.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LUDWIG, C. *et al.* Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins: metodologia de coleta e transcrição de Dados. **Revista Porto das Letras**, v. 5, n. 1, 2019, pp. 59–74. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/6489/14835/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MACCLEARY, L.; VIOTTI, E. Sign–Gesture Symbiosis in Brazilian Sign Language Narrative. p. 181–201 Ins: Meaning, Form, and Body., edited by Fey Parrill, Vera Tobin, and Mark Turner. Chicago, IL: CSLI Publications, University of Chicago Press. 2010.

MACCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas** 15 (1) 2011, p. 289–304. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>.

MACCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados**. ALFA Revista de Linguística. v. 54.n.1. 2010.

MACHADO, F. A. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MACHADO, F. A. **Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACLAUGHLIN, D. **The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language**. Dissertation (Doctoral) – Boston University, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: que é e como se faz? Recife: UFPE, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

MARQUEZI, L. **Literatura Surda**: o processo da tradução e transcrição em SignWriting. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARSCHARK, M.; SPENCER, P. Evidence of best practice models and outcomes in the education of deaf and hard-of-hearing children: an international review. A report commissioned by the NCSE. 2009.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

MARTINEAU, W. H. A model of the social functions of humor. In: GOLDSTEIN, J.; McGHEE, P. (Org.). **The psychology of humor**: Theoretical perspectives and empirical issues. New York, NY: Academic Press, 1972. P. 101–125.

MARTINOD, E. **Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó**. Dissertação (Mestrado) – Université Vincennes Saint Denis– Paris 8, 2013.

MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras**: coleta e registro de sinais termo da área de psicologia. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARTINS, M.; FERREIRA, J. P.; MINEIRO, A. **Os dicionários e os avatares gestuais**: o que são, como se fazem e para que servem. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa Editora, 2012.

MARTINS, V. **Tradutor e intérprete de língua de sinais educacional**: desafios da formação. *Belas Infieis*, v. 5, n. 1, p. 147–163. 2016.

MARTINS, V. **Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais**: Relações de poder e (re)criações do sujeito. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

MARTINS, V. **Posição–mestre:** desdobramentos foucaultianos sobre a relação de ensino do intérprete de língua de sinais educacional. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2013.

MARTINS, V.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. *In*: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Orgs). **Cadernos de Tradução**. Vol. 35, n. 2. DLLE, UFSC: Florianópolis, 2015.

MATSUOKA, K. Verb Raising in American Sign Language. *In* **Lingua**. 103:127–149. 1997.

MAYBERRY, R. I.; DEL GIUDICE, A. A.; LIEBERMAN, A. M. **Reading achievement in relation to phonological coding and awareness in deaf readers: a meta-analysis.** *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 16 (2), 2011, p. 164–88. Disponível em: <http://doi.org/10.1093/deafed/enq049>.

MAYBERRY, R. I. (2010). Early language acquisition and adult language ability: What sign language reveals about the critical period for language. *In* M. Marschark & P. Spencer (Eds.), *Oxford handbook of Deaf Studies, language, and education*. Vol. 2. New York, NY: Oxford University Press.

MCCLEARY, L.; VOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas** [online], *Atemática*, 1, p. 289–304, Juiz de Fora, 2011.

MECKLER, D. C. **On difficulty in the arts.** 2007. Disponível em: <http://accounts.smccd.edu/mecklerd/mus202/4difficulties.htm>.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. *In* **Modality and structure**. eds. R. P. Meier, *et al.*, 1–25. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MEIER, R. **A cross–linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language.** University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.

MEIER, R. P. Language and modality. *In* **Sign language. An international handbook**. eds. R. Pfau, M. Steinbach, and B. Woll, 574–601. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

MEIR, I.; ARONOFF, M.; SANDLER, W.; PADDEN, C. Sign language and com-

pounding. In: SCALISE, S. & VOGEL, I. (Eds.). **Compounding**. John Benjamins, 2010. pp. 301–322.

MENEZES, K. C. S. O. **Antroponímia em Libras**: análise dos sinais–nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre. Rio Branco: UFAC, 2021.

MIRANDA, R. G. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Tocantins. Porto Nacional: UFT, 2020.

MOHR, S. The visualgestural modality and beyond: mouthings as a language contact phenomenon in Irish Sign Language. **Sign Language & Linguistics**. Vol. 2, p. 185-211, 2012.

MOHR, S. Mouth actions in Irish Sign Language – their system and functions. Berlin: De Gruyter. Nadolske, Marie & Rosenstock, Rachel. 2007. Occurrence of mouthings in American Sign Language: A preliminary study. In: PFAU, R.; PERNISS, P.; STEINBACH, M. (eds.). **Visible variation**: comparative studies on sign language structure. Berlin: De Gruyter, 2014. p. 3561.

MOODY, W. J. F. B. In J.V. VAN, C. (Ed.) **Gallaudet encyclopedia of deaf people and deafness**. New York: McGraw–Hill, 1987.

MORAES, L. et al. Interface Design and Accessibility. In: **International Technology, Education and Development Conference**, 2017. Valencia, 2017, p. 7439–7444.

MORAES, L. **Um modelo para avaliação do design de Recursos Educacionais Digitais Bilíngues (Libras/Português)**. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI–LAZZARIN, M. (Org.). **Cultura Surda na contemporaneidade**. Canoas, RS: Editora ULBRA, 2011, p. 151–172.

MORGAN, G. **The encoding of simultaneity in children’s BSL narratives**. Journal of Sign Language and Linguistics, London, 2002.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em língua

de sinais. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MOURÃO, C. H. N.; KARNOPP, L. B. The Experiences of Literary Hands. *Sign Language Studies*. Volume 20, Number 3, Special Issue on Sign Language Poetry. 2020. pp. 375–391. DOI: 10.1353/sls.2020.0007.

MÜLLER, J. I.; KARNOPP, L. B. **Tradução cultural em educação: experiências da diferença em escritas de surdos.** *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1041–1054. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015031750>. 2015.

NASCIMENTO, G. R. P. **Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2008.

NASCIMENTO, S.; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos.** Lisboa: UCP – PRO_LGP, 2011.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, V. **Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais.** *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461–492, mai./ago. 2017.

NEIDLE, C.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; BAHAN, B.; LEE R. G. **The syntax of American Sign Language: Functional categories and hierarchical structure.** Cambridge MA: MIT Press, 2000.

NEVES, B. C. **Narrativas de crianças bilíngues bimodais.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. O tratamento da articulação de orações. *In: PEZATTI, E. G. Descrição do português: definindo rumos de pesquisa.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001, p. 55–66.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NISHIO, R. et al. Elicitation Methods in the DGS (German Sign Language) Corpus Project. In: DREUW, P.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; JOHNSTON, T.; MARTÍNEZ RUIZ, G.; SCHEMBRI, A. (ed.) *Corpora and Sign Language Technologies*. 4th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages. Paris: ELRA, 2010. p. 178–185.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

NONAKA, A. M. The forgotten endangered languages: lessons on the importance of remembering from Thailand's Ban Khor Sign Language. In: **Language in Society**, p. 737–768, 2004.

NONAKA, A. M. **Emergence of an Indigenous Sign Language and a Speech/Sign Community in Ban Khor, Thailand**. (Unpublished Ph.D. dissertation) – Department of Anthropology, University of California, Los Angeles, 2007.

NONAKA, A. M. Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: the Ban Khor case study. **Lang. Commun.** n. 29, 2009, p. 210–229.

NONAKA, A. M. Interrogatives in Ban Khor Sign Language: a preliminary description. In: MATHUR, G., Napoli, D.J. (Orgs.). **Deaf Around the World: The Impact of Language**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010. p. 194–219.

NONAKA, A. M. Language socialization and language endangerment. In: Duranti, A., Ochs, E., Schieffelin, B.B. (Orgs.). **The Handbook of Language Socialization**. Oxford: Wiley–Blackwell, 2011. p. 610–630.

NONAKA, A. M. Language ecological change in Ban Khor, Thailand: an ethnographic case study of village sign language endangerment. In: ZESHAN, U.; DE VOS, C. (Orgs.). **Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights**. Amsterdã: De Gruyter Mouton: Ishara Press, 2012a. p. 277–312.

NONAKA, A. M. **Sociolinguistic sketch of Ban Khor and Ban Khor Sign Language**. In: Zeshan, U., de Vos, C. (Eds.), *Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights*. Amsterdã: De Gruyter Mouton and

Ishara Press, 2012b. p. 373–376.

NUNES, J. M.; QUADROS, R. M. de. Phonetic realization of multiple copies in Brazilian Sign Language. In: Theoretical Issues of Sign Language Research 8, 2008, Barcelona. Signs of the time. Selected papers from TISLR 2004. Hamburg/Germany: Signum Press, 2008. v. 1. p. 179–192.

NYST, V. **A Descriptive Analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana)**. LOT, Utrecht, The Netherlands, 2007.

NYST, V. A. S. Shared sign languages. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: An International Handbook**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 552–574.

OLIVEIRA, C.; BOLDO, J. **A cigarra surda e as formigas**. Porto Alegre: Corag, s.d.

OLIVEIRA, G. M. (Org.). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Campinas. Mercado das Letras/ALB, 2003.

OLIVEIRA, J. S.; MIRANDA, R. D.; STUMPF, M. R. Glossário Letras Libras A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: Ronice Müller de Quadros. (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. 1 ed. Florianópolis: UFSC, 2014, v. 1, p. 169–190.

OLIVEIRA, J. S. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras–Libras**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, J. L. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA–VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. **Revista Delta**, São Paulo, n. 33, p. 219–313, 2017.

ORFANIDOU, E., WOLL, B., & MORGAN, G. (Eds.). **Research methods in sign language studies: a practical guide**. Hoboken: Wiley–Blackwell. 2015.

PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in ASL**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. 1983.

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York & London: Garland Publishing, 1988.

PADDEN, C. Grammatical theory and signed languages. In **Linguistics: The Cambridge Survey** (Frederick J. Newmeyer, editor). New York: Cambridge University Press, 1988. p.250–265.

PADDEN, C. The relation between space and grammar in ASL morphology. In: LUCAS, C. (Ed). **Proceedings of the Second International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research**. Washington: Gallaudet University, 1990. p. 118–132.

PADDEN, C. The Relation Between Space and Grammar in ASL Verb Morphology. In **Sign Language Research: Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. 1990. p.118–132.

PAULUS, L. **Der Konditionalsatz in Deutscher Gebärdensprache (DGS) und Brasilianischer Gebärdensprache (Libras):** Eine empirische soziolinguistische Studie. Tese de Doutorado – Philosophischen Fakultät der Georg–August–Universität Göttingen, Göttingen, 2021.

PATERNNO, U. **A política linguística da rede estadual de ensino de Santa Catarina em relação à educação de surdos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PÊGO, C. F. **Sinais não manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais:** um estudo do morfema–boca. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PÊGO, C. F. **Articulação–Boca na Libras:** Um estudo tipológico semântico funcional. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PEIXOTO, J. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em Língua de Sinais no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós–Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, 2016.

PEREIRA, E. L. **Fazendo cena na cidade dos mudos**: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, M. C. C. P. (Org.) **Leitura, Escrita e Surdez**. Volume Didático publicado pela Secretaria de Estado da Educação. Governo de São Paulo, 2005.

PEREIRA, M. C. C. P.; NAKASATO, R. Q. Aquisição do discurso narrativo em Língua Brasileira de Sinais. In: LAMPRECHT, R. **Aquisição da Linguagem**: estudos recentes no Brasil. Porto Alegre – EDIPUCRS, 2011.

PEREIRA, M. C. C. P.; ROCCO, G. C. Aquisição da escrita por crianças surdas: início do processo. **Letrônica**. v. 2, n. 1, p. 138 – 149, julho 2009.

PERNISS, P. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**. Thesis PhD. Radboud Nijmegen University, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937>.

PERNISS, P.; THOMPSON, R. L.; VIGLIOCCO, G. Iconicity as a general property of language: evidence from spoken and signed languages. In: **Frontiers Psychology**, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3153832/>

PETTITO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In **Cognition**. Elsevier Science Publisher B.V. Vol. 27. 1987. p.1–52.

PETRONIO, K. A focus position in ASL. **MIT Working Papers in Linguistics**. 14:211–225. Department of Linguistics and Philosophy of MIT. 1991.

PETRONIO, K. **Clause Structure in ASL**. Ph.D. Dissertation. University of Washington. 1993.

PETRONIO, K.; LILLO–MARTIN, D. WH Movement and the Spec of CP: Evidence from American Sign Language. In **Language**. Volume 73. Number 1. 1997. p.18–57

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their prosodic and grammatical roles. In: BREN-TARI, D. (ed.). **Sign languages** (Cambridge Language Surveys). Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 381402.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language**: an International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

PICHLER, D. C.; HOCHGESANG, J. A.; LILLO MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de. Conventions for sign and speech transcription of child bimodal bilingual corpora in ELAN. In: Marie–Anne Sallandre; Marion Blondel. (Org.). *Language, Interaction and Acquisition*. 1 ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010, v. 1:1, p. 11–40.

PICHLER, D. C.; QUADROS, R. M.; LILLOMARTIN, D. Effects of Bimodal Production on Multi–Cyclicity in Early ASL and Libras. In: *Boston University Child Language Development* 34, 2009, Boston. A Supplement to the Proceedings of the 34th Boston University Conference on Language Development Edited by Jane Chandlee, Katie Franich, Kate Iserman, and Lauren Keil. April 2010. Boston: Boston University, 2009. v. 1. p. 1–14.

PIMENTA, N. **Literatura em LSB**. LSB vídeo (DVD). Dawn Sign Press and Rio de Janeiro: Editora Abril. 1999.

PINHEIRO, K. L. **Políticas Linguísticas e suas implementações nas Instituições do Brasil**: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de Línguas de Sinais de Conferência. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

PIZZIO, A. L. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da Língua de Sinais Brasileira**: construções com tópico e foco. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a Língua de Sinais Brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIZZIO, A. L.; SILVA, I. V. R. O funcionamento de nomes e verbos na Libras: dados de pesquisas recentes. In: REIS, L. S.; FIGUEIREDO, A. A. A. (Org.) **Línguas de Sinais de um continente a outro**: atualidades linguísticas, culturais e de ensino. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2021. p.145–186.

PIZZUTO, E; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e italiana (LIS). In: QUADROS, R. M; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.) *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*,

Florianópolis.

PIZZUTO, E. CORAZZA, S. **Noun morphology in Italian Sign Language (LIS)**. *Língua*, n. 98, p. 169–196, 1996. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0024384195000372>. Acesso em: 7 jun. 2016.

POL, C. **Deaf humor**. A theater performance in Italian Sign Language. Dissertação. Università Ca' Foscari Venezia, Venice, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10579/5425>.

PORTAL DE LIBRAS. (2020). Disponível em: <https://portal-libras.org.br>. (Demo: Levante).

PORTO, M. **Transferências Visuais**: um recurso indispensável na comunicação da Libras. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171454/343058.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em nov. de 2021.

PRETI, D. **Sociolinguística**: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo da Literatura Brasileira. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PRETI, D. Tipos de frames e falantes cultos. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 1998.

PROMETI, D. **Terminologia da Língua de Sinais Brasileira**: léxico visual bilíngue dos sinais–termo musicais: um estudo contrastivo. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais**: uma análise alternativa com base na LSB e reflexos no processo de aquisição. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1995.

QUADROS, R. M. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1999.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

QUADROS, R. M. A gramática da língua de sinais brasileira. Trabalho apresentado por ocasião da Conferência da ANPOLL. Gramado. 2002.

QUADROS, R. M. **Gramática da Língua de Sinais Brasileira**: os diferentes tipos de verbo e suas repercussões na sintaxe. **Revista Anpoll**. Vol. 1, n. 16, p. 289–320, 2004.

QUADROS, R. M. **Avaliação da Língua de Sinais em crianças surdas na escola**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 297–309, 2004.

QUADROS, R. M. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M. **Efeitos de modalidade de Línguas**: as Línguas de Sinais. ETD: Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 167–177, 2006.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Cadernos do CEDES** (UNICAMP), Campinas, v. 26, n. 69, p. 141–162, 2006.

QUADROS, R. M. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. (Org.). Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. Forty-five papers and three posters from the 9^o Theoretical Issues. In: **Sign Language Research Conference**, Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. Sign Language Acquisition. In: Joan Martí i Castell and Josep M. Mestres i Serra. (Orgs.). **Les llengües de signes com a llengües minoritàries**: perspectives lingüístiques, socials i polítiques. 1^a Ed. Barcelona: Limpergraf, 2010, v. 1, p. 121–142.

QUADROS, R. M. Documentação da Libras. In: **Seminário Ibero–Americano de Diversidade Linguística**, 2014, Foz do Iguaçu. Brasília: IPHAN – Ministério da Cultura. v. 1. 2016, p. 157–174.

QUADROS, R. M. A transcrição de textos do Corpus de Libras. In. **Revista Leitura**. Volume temático: Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas a transcrição de textos do Corpus de Libras. V.1 n. 57. jan./jun. 2016. 2016. 8–34.

QUADROS, R. M. Documentação da língua brasileira de sinais. In: GARCIA, M. V. C. *et al.* (Orgs.) **Anais do Seminário Iberoamericano de Diversidade Linguística** 2014. Brasília, DF: Iphan, 2016b. 344 pp.

QUADROS, R. M. A transcrição de textos do Corpus de Libras. In: **Revista Leitura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió**, v.1, n. 57, jan./jun. 2016.
QUADROS, R. M. de *et al.* Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. **Libras: Linguística para o ensino superior**. 1º imprimir. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; CAMPELLO, A. R. C. Constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais. In: Lucyenne Matos da Costa Vieira–Machado, Maura Corcini Lopes. (Org.). **Educação de Surdos: Políticas, Língua de Sinais, Comunidade e Cultura Surda**. 1 ed. Santa Cruz/RS: EDUNISC, 2010, v. 1, p. 15–47.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; DAVIDSON, K.; LILLOMARTIN, D.; EMMOREY, K. Code [1] blending with depicting signs. *Linguistic Approaches to Bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; LEITE, T. **Projeto Inventário Nacional de Libras**. Manuscrito n/p. 2013.

QUADROS, R. M.; LILLO–MARTIN, D. Focus Constructions in American Sign Language and Língua de Sinais Brasileira. In: *Theoretical Issues of Sign Language Research* 8, 2008, Barcelona. *Signs of the Time: Selected papers of Theoretical Issues of Sign Language Research* 8. Hamburg: Signum Verlang, 2008. v. 1. p. 171–176.

QUADROS, R. M.; LILLO MARTIN, D. Sign Language Acquisition Verbal Morphology in Brazilian and American Sign Language. In: Leonor Seliar–Cabral. (Org.). **Psycholinguistics: Scientific and technological challenges**. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, v. 1, p. 252–262

QUADROS, R. M.; LILLO MARTIN, D. Clause Structure. In: Diane Brentari. (Org.). *Sign Languages: A Cambridge Language Survey*. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, v. 1, p. 1–45.

QUADROS, R. M. de; LILLO–MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Desenvolvimento Bilíngue Intermodal: Implicações para Educação e Interpretação de Línguas de Sinais. In: Maria Cecília de Moura, Sandra Regina Leite de Campos, Sabine Antonialli Arena Vergamini. (Org.). **Educação para Surdos Práticas e Perspectivas II**. 1ª ed. São Paulo: Santos, 2011, v. 1, p. 1–14.

QUADROS, R. M.; LILLO–MARTIN, D.; CHEN–PICHLER, D. Methodological considerations for the development and use of sign language acquisition corpora. In Tommaso Raso & Heliana Mello (Eds.), **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam: John Benjamins. 2014. 84–102.

QUADROS, R. M.; NEVES, B.C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. A coleta de dados: instrumentos utilizados no Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. In: VIII **Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**, vol. III, 2017b, Florianópolis: UFSC, 2017b. Programa de Políticas Linguísticas. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M.; NEVES, B.C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. O Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. In: VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas, VIII, 2017a, Florianópolis: UFSC, 2017a, Programa de Políticas Linguística. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**. Florianópolis: Garapuvu. 2018. Disponível em: <https://corpusLibras.ufsc.br/publicacoes/categoria?categoria=Livro>. Acesso em 26 set. 2021.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora In: **Bilinguismo dos surdos**. 1 ed. Goiânia: Cànone Editorial, v.1, 2007. p. 49–72.

QUADROS, R. M.; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMA–SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. (Org.). **Estudos Gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por**

surdos. Goiânia: Cãnone, 2010. p. 33–58.

QUADROS, R. M.; QUER, J. Back to back (wards) and moving on: On agreement, auxiliaries and verb classes. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Sign Languages: Spinning and unraveling the past, present, and future. Forty–five papers and three posters from the 9th Theoretical Issues.* In: **Sign Language Research Conference**, Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 530–551.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. **Ideias para ensinar português para surdos.** Ministério da Educação. Governo Federal. 2006.

QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRA-NO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. **Comunidades Surdas na América Latina.** Florianópolis: Editora Bookess, 2017, p. 135–152.

QUADROS, R. M.; SOUSA, A. M. Brazilian Sign Language Corpus: Acre Libras Inventory. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, n. 2, 2021, p. 805–828. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17344>. Acesso em: 27 mai. 2022.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X.; SEGALA, R. Brazilian Sign Language Deaf Translation Performance: Descriptive Concepts and Approaches to Procedures Led by Deaf Translator Actors. *Signed Language Interpreting in Brazil*. 1ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, v. 1, 2012. p. 3143.

QUADROS, R. M.; STROBEL, K.; MASUTTI, M. L. Deaf Gains in Brazil: Linguistic Policies and Network Establishment. In H–Dirksen L. Bauman and Joseph J. Murray (editors) *Deaf Gain: Raising the Stakes for Human Diversity*. University of Minnesota Press. Minneapolis. London, 2014.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Estudos Surdos IV.** Petrópolis: Arara Azul, 2009.

QUADROS; R. M.; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã.** 1ª ed. Florianópolis: UFSC, 2014, v. 1, p. 9–35.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Recognizing Brazilian Sign Language: Legislation and Outcomes.** Em Maartje De Meulder; Joseph J. Murray and Rachel McKee. *The Legal Recognition of Sign Languages: Advocacies and Outcomes Around the World.* Multilingual Matters. Bristol. Blue Ridge Summit. 2019,

p. 238–267.

QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. (Org.). *Questões Teóricas das Línguas de Sinais*. Artigos selecionados da IX Congresso Internacional de Pesquisas de Línguas de Sinais, TISLR 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. *et al.* **Corpus de Libras**. 2014. <http://corpusLibras.ufsc.br/>. Acesso em: 17 maio 2022.

QUADROS, R. M. *et al.* Inventário Nacional de Libras. **Fórum linguístico**, v. 17, n. 4, 2020, p. 5457–5474. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334/45483>. Acesso em: 5 mai. 2022.

QUER, J. Context shift and indexical variables in sign languages. In **SALT XV**. Ithaka, NY: CLC Publications, 2005.

QUER, J.; STEINBACH, M. Handling Sign Language Data: The Impact of Modality. **Front. Psychol.** 10:483, 2019. DOI: 10.3389/fpsyg.2019.00483

QUER, J. *et al.* **Signgram Blueprint: A Guide to Sign Language Grammar Writing**. De Gruyter Mouton, 2019. –ISBN (PDF) 978–1–5015–1180–6.

RAMOS, B. **O uso de Transferências em Narrativas produzidas em Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180415/348339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: nov. 2021.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: Kluwer Academic, 1985.

RATHMANN, C.; MANN W.; MORGAN, G. Narrative Structure and Narrative Development in Deaf Children. In: **Deafness and Education International Deafness Educ. Int.** 9(4): 187–196 Published on-line 1 November 2007 in Wiley Inter Science: Disponível em: www.interscience.wiley.com. DOI: 10.1002/dei.228.

RATHMANN, C.; MATHUR, G. Is verb agreement the same cross-modally? In **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

RECH, G. C; SELL, F. S. F. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. **Onomástica Desde América Latina**, n.2, v.1, 2020, p. 67–81. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25446> Acesso em: 10 mai. 2022.

RIBAS, A. C. **Diretrizes para desenvolvimento de ícones digitais acessíveis ao público surdo**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Florianópolis, 2018.

RIBEIRO A. **Literatura de cordel contemporânea**: Uma tradução prazerosa do par linguístico Português – Libras. (Mestrado em Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

RIGO, N. **Tradução de canções de LP para LSB**: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ROCHA, A. **Uma investigação sobre o uso de recursividade na Libras**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2021.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais**: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2022.

RODRIGUES, A. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional. **Senso-se revista multimídia de investigação em educação**. São Paulo, vol. VI, p. 90–103, 2019.

RODRIGUES, A; SOUZA, Y. C. Gramaticalização do sinal “motivo” na Língua Brasileira de Sinais: uma análise baseada no uso. **Revista do GEL**. Vol. 16, n.1, p.53–82, 2019.

RODRIGUES, C. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, C. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Revista Translatio.** N.15, 2018, p. 197–222.

RODRIGUES, C. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual–visual e suas implicações para uma possível competência trajetória intermodal. **Múltiplos horizontes da tradução na América Latina.** Vol. 57. n.1, 2018, p. 287–318.

RODRIGUES, C. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil. **Belas Infiéis.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília. Vol. 8. n.1. 2019. p. 145–162.

ROSE, H. **A Critical methodology for analyzing American Sign Language literature.** Doctoral dissertation. Arizona State University, 1992

ROSE, H. M. The Poet in the Poem in the Performance: The Relation of Body, Self, and Text in ASL Literature. In: BAUMAN, D. L.; NELSON, J. L.; ROSE, H. M. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature.* 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 7, p. 130–146.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P.; ARANGO, J. **Information architecture: for the web and beyond.** O’Reilly Media, 4th edition. 2015.

ROYER, M. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

RUTHERFORD, S. Funny in Deaf: Not in hearing. In S. Wilcox (Ed.), *American Deaf culture: An anthology* (pp. 65–82). Silver Spring, MD: Linstok Press. 1989.

RYAN, S. ‘Let’s Tell an ASL Story’ in Gallaudet University College for Continuing Education. Conference Proceedings, April 22–25. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1993. p145–150.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANDLER, W. & LILLO–MARTIN, D. **Sign Language & Linguistic Universals**. Cambridge University Press, 2006.

SANDLER, W. *et al.* The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, vol. 102, n. 7, p. 2661–2665, 2005.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus. 2010.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 565–582, mai./ago., 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 ago. 2017.

SANTOS, S. A. **A tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil**: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SANTOS, E. C. P. No princípio era a palavra, mas a palavra foi traduzida para os sinais. **Cadernos de Tradução**. Vol. 38 n. 3, 93–124. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p93>.

SCANDOLARA, D. **Ícones em Língua de Sinais como referência na linguagem visual em ambientes virtuais de ensino aprendizagem (AVEA)**. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós–Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SCHALLENBERGER, A. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS/FACED/PPGEDU. Porto Alegre, 2010.

SCHEMBRI, A. C. The British Sign Language corpus project: open access archives and the observer’s paradox. In: CRASBORN, O.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; THOUTENHOOFD, E. D.; ZWITSERLOOD, I. Proceedings of the Construction and exploitation of sign language corpora workshop, Marrackech, 2008. p. 165–169.

SCHEMBRI, A. Rethinking ‘Classifiers’ in Signed Languages. In: EMMOREY, K. (Ed.) **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**, Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003. p. 3–34.

SCHLENKER, P. **Super monsters 1: Attitude and Action Role Shift in sign languages**. Semantics and Pragmatics. Vol.10, n. 9, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/sp.10.9>.

SCHREURS, L. **The distinction between formally and semantically related noun–verb pairs in Sign Language of the Netherlands (NGT)**. Tese (Doutorado). University of Amsterdam, 2006.

SCHWAGER, W.; ZESHAN, U. Word classes in sign languages: Criteria and classifications. Studies. In: **Language**. International Journal sponsored by the Foundation Foundations of Language, v. 32, n. 3, 2008, p. 509–545.

SCOLARI, S., BRAVIANO, G. **Usabilidade no design de sistemas de busca em Língua de Sinais: Revisão Sistemática da Literatura**. In: Martins, N., Brandão, D. (Eds.) DIGICOM, 4th International Conference on Design and Digital Communication. IPCA – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. 2020. p. 179–190. ISBN n. 978–989–54939–2–0 Disponível em: https://digicom.ipca.pt/docs/DIGICOM2020–Atas_PT–ES.pdf.

SCOLARI, S., BRAVIANO, G., CRASBORN, O. Search Engines Interfaces for Sign Languages: Designing Multilanguage Questionnaire to Collect Signers Perception Similarities. In: Martins, N., Brandão, D. (Eds.) Advances in Design and Digital Communication II. 19, 2022, p. 31–43.

SCOLARI, S., CRASBORN, O. BRAVIANO, G. Searching for Signs: Developing a handshape taxonomy based on visual similarity. **International Journal of Lexicography**. April, 2022. p. 1–24.

SEGALA, R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: Português escrito para a Língua de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SHEPARD–KEGL, J. **Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax, and Discourse**. Ph.D. Dissertation. MIT. 1985.

SILVA, A. M. **Análise da participação dos alunos surdos no discurso de**

sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na Libras. **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 7, 2020, p. 58–84. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil/Sign languages of isolated communities found in Brazil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 22111–22127, 2019.

SILVA, G. M. **Perfis linguísticos de surdos bilíngues do par Libras–Português.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, I. V. R. **Aspectos de nomes e verbos na Libras:** identificação morfosintática. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, J. B.; QUADROS, R. M. Articulação das orações em Libras: parataxe. Em: QUADROS, R. M. de. (Org.) **Gramática da Libras.** Florianópolis: Arara Azul, 2021. Disponível em: <https://portal.Libras.ufsc.br>.

SILVA JUNIOR, D. R. C. **Metáfora em Libras: um estudo léxico.** Dissertação (Mestrado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVA, L. **Investigando a categoria aspectual na aquisição da Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, N. M. **Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais:** constituição e formulação. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica:** a *prova* como foco de análise. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-

Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, R. C. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SMITH, W. Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language. In: **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lappeenranta, Finland July 15 – 19, 1987. Vol.10. Signum – Verlag. Hamburg. 1990. p. 211–228.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório de Pós-Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022b, pp. 5–20.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. In: **Revista Guavira**. Três Lagoas/MS. Vol. 15. n. 30, p. 126–140, 2019. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/854/618>. Acesso em: 30 mai. 2022.

SOUSA, A. M.; OLIVEIRA, G. C. S.; GONÇALVES-FILHO, J. S. T.; QUADROS, R. M. Antroponímia em língua de sinais: os sinais-nome em Florianópolis-SC, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, vol. 7, n. 26, p. 112–124. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598>. Acesso em: 6 abr. 2022.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. **Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language)**: formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre. *Sign Language Studies*, v. 22, n. 1, 2021, p. 75–105.

SOUSA, A. N. **Surdos brasileiros escrevendo em inglês**: Uma experiência com o ensino comunicativo de línguas. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUSA, A. N. **Educação plurilingue para surdos**: uma investigação do desenvolvimento da escrita do português (segunda língua) e inglês (terceira língua). Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, I. L.; GEDIEL, A. L. **Os sinais dos Surdos**: Uma análise a partir de uma perspectiva cultural. *Trabalhos Linguística Aplicada*, Campinas, 2017.

SOUZA, J. C. **Intérpretes Cotas**: Construção de identidades. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOUZA–JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOUZA, S. X. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras Libras** [Translation performances into Brazilian Sign Language observed in the Libras Language Studies Course]. (Unpublished master's dissertation). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. 2010.

SOUZA, W. L. **Os sinais–nome dos jogadores de futebol da Seleção Brasileira**: análise formal e semântico–motivacional. Rio Branco: UFAC/LETRAS LIBRAS, 2022.

SPENCE, R. S. QUADROS, R. M. Sign language poetry and Deaf identity. **Sign Language Linguistics**, John Benjamins – London, v. 8:1/2, p. 177–212, 2005.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf". **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

STOKOE, W. **Sign and Culture**: A Reader for Students of American Sign Language. Listok Press, Silver Spring, MD. 1960.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC. 2008.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. A. (Org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos**: da Educação Infantil ao Ensino Superior, vol. 2 [livro eletrônico] / texto final coletivo: vários autores *et. al.* 1ª ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2022.

STUMPF, M. R.; PIZZIO, A. L.; LUCINDA, J. O.; QUADROS, R. M.; CRASBORN, O. SIGNBANK DA LIBRAS. In: **Fórum Linguístico**. Vol. 17 n. 4. Florianópolis: UFSC, 2020.

STUMPF, M. R. QUADROS, R. M. **A presença de surdos nas pesquisas das línguas de sinais. Estudos de Línguas de Sinais**. 6 v. Florianópolis: Garapuvu, 2020.

STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. Para além das políticas linguísticas: língua brasileira de sinais. REIS, L. S.; FIGUEIREDO, A. A. A. (Org.) **Línguas de Sinais de um continente a outro: atualidades linguísticas, culturais e de ensino**. Campinas–SP: Pontes, 2021.

SUPALLA, S. J. **The book of name signs**: naming in American Sign Language. San Diego: Dawn Sign Press, 1992.

SUPALLA, T. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. Dissertation (Ph.D) Unpublished doctoral dissertation. University of California. San Diego, 1982.

SUPALLA, T. The classifier system in American Sign Language. In C. Craig (ed.) **Noun classification and categorization**. Philadelphia: Benjamin, 1986. pp. 181–214.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American sign language. In: SIPLE, P. (Ed.). **Understanding language through sign language research**. New York, Academic Press, 1978.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. L. **How Many Seats in a Chair?**: The Derivation

of Nouns and Verbs in American Sign Language. Center for Human Information Processing, San Diego: University of Calif., 1977.

SUTTON–SPENCE, R. **Analysing Sign Language Poetry**. Basingstoke: Palgrave Macmillan. 2005.

SUTTON–SPENCE, R. **Literatura em Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul. 2021. Disponível em: <http://literaturaemLibras.com>.

SUTTON–SPENCE, R. Mouthings and simultaneity in British Sign Language. In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (eds.). **Simultaneity in Signed Languages: form and function**. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 147–162.

SUTTON–SPENCE, R.; DAY, L. Mouthings and mouth gestures in British Sign Language (BSL). In: BOYES BRAEM, P.; SUTTONSPENCE, R. (eds.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum, 2001. p. 6985.

SUTTON–SPENCE, R.; KANEKO, M. **Introducing Sign Language Literature: Creativity and Folklore**. Basingstoke: Palgrave Press. 2016.

SUTTON–SPENCE, R. *et. al.* Artistas surdos contam suas histórias: quais foram suas influências? **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**. 2017. Disponível em: <http://revistabrasileiravrLibras.pagin?as.ufsc.br/publicacoes/edicao-no-0032017/>. Edição Atual, edição n. 003/2017).

SUTTON–SPENCE, R.; NAPOLI, D. J. **Deaf jokes and sign language humour'** **International Journal of Humor Research**, 25(3). 2012. 311–338.

SUTTON–SPENCE, R.; QUADROS, R. M. 2014. I am The Book – Deaf Poets' Views on Signed Poetry. **The Journal of Deaf Studies and Deaf Education** 19, vol. 4, 546–558. DOI: 10.1093.

SVARTHOLM, K. Educação bilíngue para os surdos na Suécia: Teoria e Prática. In MOURA, M. C.; VERGAMINI, S. A. A.; CAMPOS, S. R. L. (Orgs.), **Educação para surdos: práticas e perspectivas** (pp. 119–140). São Paulo: Livraria Santos, 2008. SWADESH, M. **The Origin and Diversification of Language**. Ed. post mortem by Joel Sherzer. Chicago: Aldine. ISBN 0–202–01001–5. 1971.

TAUB, S. 2001. **Language from the Body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TAKAHIRA, A. G. R. Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (1): p. 262–276, jan. – abr. 2012.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and Subordination. In: PFAU, R; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sign Language: an International Handbook**. Germany: De Gruyter Mouton, 2012.

TAUB, S. F. **Language from the body: iconicity and metaphor in american sign language**. New York: Cambridge University Press, 2001.

TAUB, S. F. Iconicity and metaphor. In **Sign language: An international handbook**. eds. R. Pfau, M. Steinbach, and B. Woll (Berlin: Mouton de Gruyter), 2012, p. 388–412.

TAVARES, R. O princípio da igualdade na relação do homem com os animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 8, p. 221–248, 2011.

TEIXEIRA, M. A. **Zoonímia em Libras: análise estrutural e semântico-motivacionais dos sinais que nomeiam os animais de estimação de surdos**. Rio Branco: UFAC/Letras-Libras, 2022.

TKACHMAN, O.; SANDLER, W. **The noun–verb distinction in two young sign languages**. *Gesture*, v. 13, n. 3, p. 253–286, 2013.

UFSC. **Glossário de Libras**. Disponível em: www.glossario.Libras.ufsc.br. Acesso em: 20 nov. 2019.

UFSC. **Libras**. SignBank da Libras, 2022. Disponível em: <http://signbank.Libras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 maio 2022.

UOL. **Mapa do Acre**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/rio-branco.htm>. Acesso em: 27 mai. 2022.

URBANSKI, I. R. W.; XAVIER, A. N.; FERREIRA, D. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. In: **Trabalhos completos da XXI Semana de Letras. Universidade Federal do Paraná**, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr_uKAQAYX9u/view. Acesso em: 10 de mai. de 2020.

VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VALLI, C. **Poetics of American Sign Language Poetry**. Tese – Union Institute Graduate School, 1993.

VAN DER HELM, P. A. Human Visual Perceptual Organization Beats Thinking on Speed. *Attention, Perception, & Pshychophysics*. 79 ed. 2017, p. 1227–1238.

VIEIRA, C. R.; MOLINA, K. S. M. Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, vol. 44, e179339, 2018.

VIEIRA–MACHADO, L. M. C. Narrar e pensar as narrativas surdas Capixabas: o outro surdo no processo de pensar uma pedagogia. In: QUADROS, Ronice Muller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2008. P. 208–257

VILHALVA, S. Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais de Mato Grosso do Sul. **Coleção Cultura e Diversidade**. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2012.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes [dissertação]:** um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VOGT–SVENDSEN, M. Mouth **position & mouth movement in Norwegian Sign Language**. *Sign Language Studies*. 1981;33(1):363–376.

YIGOTSKY, L. S. **Mind in Society**. Cambridge: MA. Harvard University Press, 1978.

YIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1987.

YIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

YIGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas**. Tomo II. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

YIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

YIGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas**. Tomo III. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.

WANDERLEY, D. C. **A classificação dos verbos com concordância da Lín-**

gua Brasileira de Sinais: uma análise a partir do SignWriting. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

WATERS, D. S.; SUTTON-SPENCE, R. L. **Connectives in British Sign Language.** Deaf Worlds, Bristol, vol. 21, p. 1–29, 2005.

WELKER, H. A. **Dicionários:** uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WENGER, E., MCDERMONT, R., SNYDER, W. M. **Cultivating Communities of Practice:** a guide to managing knowledge. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 2002.

WIKIPEDIA. **Imagem de Maceio**, 2022. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Macei%C3%B3_\(AL\).svg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Macei%C3%B3_(AL).svg). Acesso em: 20 abr. 2022.

WILBUR R. B. **The use of ASL to support the development of English and literacy.** Journal of Deaf Studies and Deaf Education, 5, 81. 2000.

WILCOX, S. WILCOX, P. P. **Aprender a ver.** Petrópolis: Arara Azul. 2005.

WILD, M. R. **Name signs in American Sign Language.** Swarthmore: Swarthmore College, 2017. <http://hdl.handle.net/10066/19113>.

WINSTON, E. A. **Spatial referencing and cohesion in an american sign language text.** Sign Language Studies, Linstok Press, p. 397–409, 1991.

WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language:** an International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

WOLL, B.; LADD, P. Deaf communities. In Mark Marschark & Patricia E. Spencer (eds.), Oxford handbook of deaf studies, language, and education, Oxford: Oxford University Press. 2003. p. 151–163.

WOODWARD, J. C. Sign languages and sign language families in Thailand and Vietnam. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited.** Lawrence Erlbaum, Associates, Mahwah, NJ, 2000, p. 23–47.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasi-**

leira de sinais (Libras). Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N. **Análise preliminar de expressões não manuais lexicais na Libras**. *Intercâmbio*, v. XL, p: 41–66, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/44974/29782>.

XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, vol. 11, n. 3, jul./set. 2017. p. 983–1006. DOI: 10.14393/DL30–v11n3a2017–25, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37297>. Acesso em: 15 maio. 2022.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A**, vol. 30, n. 2, p. 371–413, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/17784>.

XAVIER, A.; NEVES, S. Descrição de aspectos morfológicos da LIBRAS. **Revista Sinalizar**, vol. 1, n. 2, p. 130–151, jul./dez. 2016.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

ZESHAN, U. Towards a notion of ‘word’ in sign languages. In: DIXON, R. F.; AIKHENVALD, A. Y. **Word: A cross-linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a. Cap. 6. p. 153–179.

ZESHAN, U. **Roots, leaves and branches: The typology of sign languages**. Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty-five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Petrópolis, Editora Arara Azul, 2006. p. 671–695.

ZESHAN, U. **Interrogative Constructions in Sign Languages: Cross-linguistic Perspectives**. *Language*, 80 (1): 7–39. New York: Linguistic Society of America. 2004.

ZILLES, A. M. S; KERN, J. R. Concepções de professores sobre contar histórias na escola. **Revista Ecos**, vol.13 Ano IX, n. 2, 2012. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_13/11_Pag_Revista_Ecos_V-13_N-02_A-2012.pdf. Acesso em: 8 mar. 2022.

ZIMMER, J. **Toward a Description of Register Variation in American Sign Language**, Editor(s): Ceil Lucas, *The Sociolinguistics of the Deaf Community*, Academic Press. 1989, p. 253–272.

ZINKIN, V. The syntax of place–names. **Names**. 17(3), 1969, p. 181–198.

ZORZI, G. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. Tese (Doutorado em Linguística e Línguas) – Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018.



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ISBN: 978-85-63240-15-6

CL



9 788563 240156